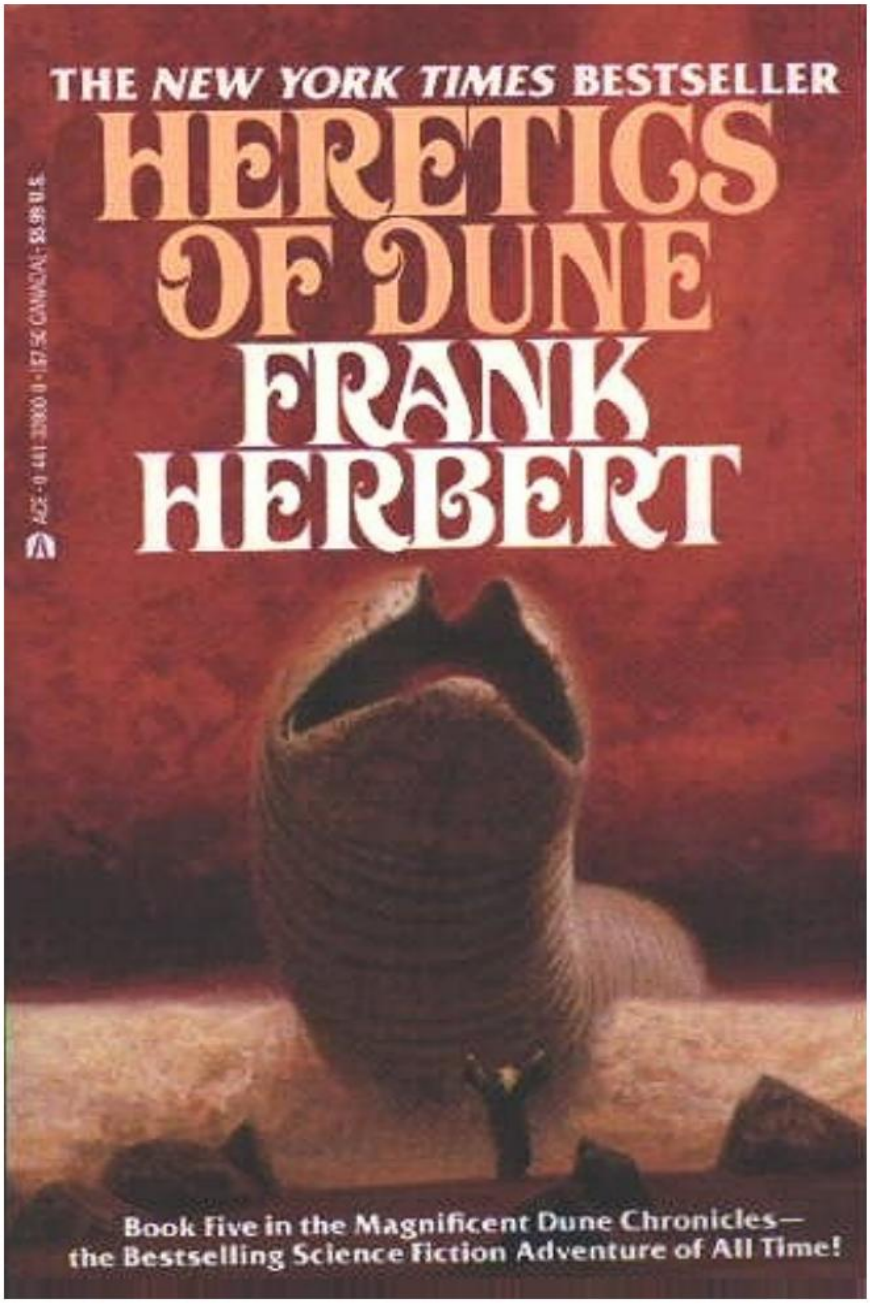
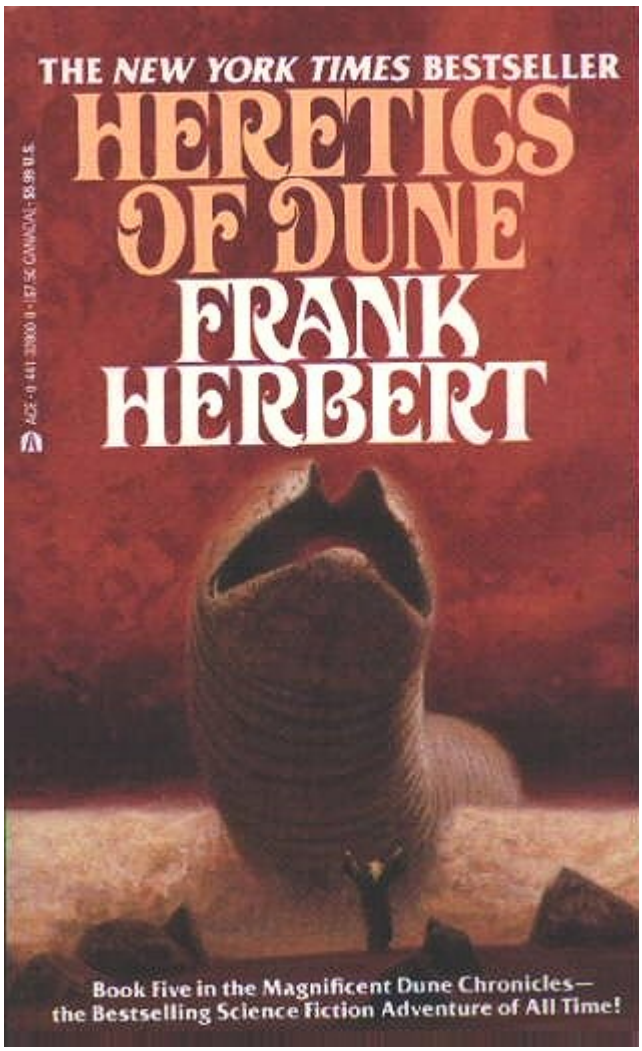


DIGITAL Source
http://groups-beta.google.com/group/digitalsource



DIGITAL Source

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

Os Hereges de Duna

Frank Herbert

Os hereges de Duna

Avançando, mais uma vez, alguns séculos à frente, Frank Herbert, autor da saga que já conquistou os leitores brasileiros com Duna, O messias de Duna, Os filhos de Duna e O Imperador-Deus de Duna, todos publicados pela Editora Nova Fronteira, introduz vida nova neste épico iniciado em 1965. Como em outro livro da série, a trama deste quinto volume desenvolve-se em tomo de dois jovens que detêm poderes incomuns. A ambientação insólita do árido planeta de Duna, com seus vermes gigantes, serve de cenário a acirradas lutas pelo poder.

Também neste livro, o leitor encontrará a ampla variedade de aspectos presente em toda a obra de Frank Herbert, com suas descrições pormenorizadas da ecologia, cultura, religião e tecnologia do planeta de Duna. Esta erudição ímpar do autor e a amplitude de seus interesses talvez expliquem o grande sucesso da série Duna, que já foi traduzida para 14 línguas e vendeu mais de 12 milhões de exemplares.

Sua literatura, que já foi considerada ficção científica psicológica, excede na caracterização da totalidade dos ambientes. Nela, cada parte da vida de uma sociedade é tratada com especial atenção. O social e o político, que freqüentemente são o reflexo de conflitos atuais, o puramente físico e o psicológico são cuidadosamente elaborados em seus romances, que têm uma especial atração por experiências místicas e psicodélicas e pela mitologia. Em síntese, sua obra pode ser vista como uma inventiva e complexa investigação acerca da interação entre o homem e o meio.

Frank Herbert, nascido em 1920 em Tacoma, Washington, foi jornalista, cameraman, professor de “escrever com criatividade”, instrutor de cursos de sobrevivência na selva e psicanalista leigo

(adepto da psicologia junguiana), entre várias outras atividades. Além disto, suas leituras abrangiam as mais diversas disciplinas, desde as mais técnicas como eletrônica, geologia e navegação até as mais abstratas como esoterismo, filosofia oriental e religião. Homem tanto teórico quanto prático, integrou a marinha e participou intensamente de campanhas em defesa da ecologia. Morreu em fevereiro de 1986, em plena atividade, quando estava trabalhando no sétimo volume da série Duna.

A maioria das disciplinas não se destina a liberar e sim a limitar: Não pergunte por quê.

Seja cauteloso com o como. O por quê conduz inexoravelmente ao paradoxo. O como o aprisiona num universo de causa e efeito. Ambos negam o infinito.

— *Os Apócrifos de Arrakis*

— Taraza lhe contou que já tivemos 11 desses *gholas* Duncan Idaho, não? Este é o 12º.

A velha Reverenda Madre Schwangyu falou com premeditada amargura enquanto olhava do parapeito, no terceiro andar, para a criança solitária brincando no jardim fechado. A forte luz do sol do meio-dia no planeta Gammu refletia-se nos muros brancos do pátio, enchendo a área abaixo com um brilho como se um refletor tivesse sido lançado sobre o jovem *ghola*.

“Acabou-se”, pensou a Reverenda Madre Lucilla. Ela se permitiu um curto aceno de cabeça, pensando em quão friamente impessoais eram as maneiras e a escolha de palavras de Schwangyu. “Nós usamos nosso suprimento; envie-nos mais.”

A criança no pátio aparentava ter uns 12 anos, mas a aparência podia ser enganadora em se tratando de um *ghola* cujas memórias originais ainda não haviam despertado. A criança aproveitou aquele instante para olhar para as mulheres que a vigiavam do alto. Era uma criatura robusta, com um olhar direto que brilhava

intensamente debaixo do capuz negro do cabelo *karakul*. A luz amarela do sol do início da primavera lançava uma sombra curta a seus pés. A pele parecia muito bronzeada, mas um ligeiro movimento mudou o caimento do traje de uma só peça, revelando a pele pálida no ombro esquerdo.

— Esses *gholas* não são apenas dispendiosos, são altamente perigosos para nós

— disse Schwangyu.

Sua voz saía calma e sem emoção, parecendo ainda mais poderosa por isso.

Era a voz de uma Reverenda Madre instrutora falando com sua acólita, e enfatizava para Lucilla que Schwangyu era uma das que protestavam abertamente contra o projeto *ghola*.

Taraza advertira:

— Ela vai tentar convencê-la.

— Onze fracassos já são o bastante — dissera Schwangyu.

Lucilla olhou para as feições enrugadas de Schwangyu e pensou subitamente:

“Algum dia eu também posso me tornar velha como ela. E talvez, como ela, me encontre no poder dentro da *Bene Gesserit*!”

Schwangyu era uma mulher pequena, com muitas marcas de idade recebidas a serviço da *Bene Gesserit*. Lucilla sabia, a partir dos estudos que lhe haviam ordenado, que o manto negro convencional de Schwangyu ocultava um corpo magro e ossudo que poucas pessoas tinham visto, e não ser suas criadas e os homens que haviam recebido ordem para procriar com ela. A boca de Schwangyu era larga, o lábio inferior

comprimido pelas linhas da idade que se expandiam para o queixo proeminente. Seus modos costumavam ser um tanto bruscos, o que fazia as não-iniciadas julgarem que ela estava com raiva. A Comandante do Castelo Gammu era uma das Reverendas Madres mais reservadas.

Uma vez mais Lucilla desejou ter conhecimento de todo o projeto ghola, mas Taraza estabelecera muito claramente os limites: “Não se deve confiar em Schwangyu no que concerne à segurança do *ghola*.”

— Nós acreditamos que os próprios *Tleilaxu* mataram a maioria dos

anteriores — disse Schwangyu. — Isso devia revelar-nos alguma coisa.

Imitando os modos de Schwangyu, Lucilla adotou uma calma atitude de espera, totalmente desprovida de emoções. Seus modos pareciam dizer: “Eu posso ser muito mais jovem do que você, mas também sou uma Reverenda Madre plena.” Podia sentir o olhar de Schwangyu.

Schwangyu tinha visto os holos dessa Lucila, mas a mulher em carne e osso era mais desconcertante. Uma Impressora muito bem treinada, sem dúvida alguma Os olhos de azul dentro de azul, sem qualquer lente corretora, conferiam a Lucilla uma expressão penetrante que lhe acompanhava o rosto oval. Com o capuz do manto aba lançado para trás, como estava agora, o cabelo castanho se revelava, puxado para trás e preso a um anel para cascatear ao longo de suas costas, e nem mesmo o manto largo podia ocultar os grandes seios de Lucilla. Ela pertencia a uma linha genética famosa por sua natureza maternal e já tivera três filhos, dois do mesmo pai. Sim — era uma sedutora de cabelos castanhos —, seios grandes e disposição maternal.

— Você fala muito pouco — disse Schwangyu. — Isso revela que Taraza a advertiu contra mim.

— Tem motivos para acreditar que assassinos pretendam matar este 12º *ghola*?

— perguntou Lucila.

— Já tentaram.

Era estranho como a expressão “heresia” lhe vinha à mente quando pensava em Schwangyu, pensou Lucilla. Poderia existir heresia entre as Reverendas Madres?

Os significados religiosos da palavra pareciam deslocados no contexto da *Bene Gesserit*.

Como poderia haver movimentos heréticos entre pessoas dotadas de uma atitude profundamente manipuladora com relação aos aspectos religiosos?

Lucila voltou sua atenção para o *ghola*, o qual escolheu o momento para dar uma série de cambalhotas que o levaram numa volta completa até se encontrar novamente olhando para as duas observadoras no parapeito.

— Como ele representa bem! — resmungou Schwangyu.

A voz dela não parecia inteiramente livre da ameaça de violência.

Lucilla fitou Schwangyu. “Heresia.” Dissidência não era o termo adequado.

Oposição também não era uma palavra que abrangesse inteiramente o que ela sentia na velha. Essa era uma coisa que poderia destroçar a *Bene Gesserit*. Revolta contra Taraza, contra a Reverenda Madre Superiora? Impensável! Madres Superioras eram

moldadas como monarcas. Uma vez que Taraza houvesse aceito o conselho e tomado sua decisão, as Irmãs eram obrigadas a obedecer.

— Isto não é hora para criar novos problemas! — disse Schwangyu.

O significado era claro. O pessoal da Dispersão estava retornando e as intenções de alguns desses Perdidos ameaçavam a Irmandade. “Honradas Matres”!

Como essas palavras soavam semelhantes a “Reverendas Madres”.

Lucilla arriscou uma conversa exploratória:

— Acha que devíamos concentrar-nos no problema daquelas Honradas Matres da Dispersão?

— Concentrar? Ah, elas não possuem os nossos poderes. Não demonstram bom senso. E não têm o domínio da melange! É isso que elas querem de nós, nosso conhecimento da especiaria.

— Talvez — concordou Lucilla.

Não desejava concordar com isso ante uma evidência tão escassa.

— A Madre Superiora Taraza não anda bem do juízo para brincar com essa questão do ghola num momento como este — disse Schwangyu.

Lucilla permaneceu em silêncio. O projeto do *ghola* definitivamente atingira um nervo sensível entre as Irmãs. A possibilidade, ainda que remota, de que pudesse fazer surgir um outro *Kwisatz Haderach* transmitia arrepios de medo misturado ao ódio entre suas fileiras. Mexer com os remanescentes do tirano contidos nos Vermes! Isso era perigoso ao extremo.

— Nunca deveríamos levar aquele ghola para Rakis — murmurou Schwangyu.

— Deixe os vermes continuarem dormindo.

Lucila desviou sua atenção uma vez mais para o menino *ghola*. Ele tinha voltado as costas para o parapeito elevado onde estavam as

duas Reverendas Madres, mas alguma coisa em sua postura revelava que sabia estarem falando a seu respeito e esperava uma resposta delas.

— Sem dúvida percebe que foi chamado num momento em que ele ainda é muito jovem — comentou Schwangyu.

— Nunca ouvi falar de impressão profunda numa pessoa tão jovem —

concordou Lucila.

Ela deixou transparecer uma leve ironia em seu tom de voz, algo que sabia que Schwangyu iria ouvir e interpretar mal. O controle da procriação e de todas as necessidades relacionadas com isso era a especialidade final das *Bene Gesserit*. Use o amor mas o evite, Schwangyu devia estar pensando agora. As analistas da Irmandade conheciam as origens do amor. Elas as haviam examinado muito cedo em seu desenvolvimento, mas nunca se tinham atrevido a produzi-las naqueles a quem influenciavam. Tolerem o amor, mas estejam prevenidas contra ele — essa era a regra.

Saibam que o amor encontra-se profundamente entranhado na estrutura genética humana, como um sistema de segurança para garantir a preservação da espécie. Você faz uso dele quando é necessário, imprimindo indivíduos selecionados (algumas vezes

um sobre o outro) para os propósitos da Irmandade e sabendo que tais indivíduos estarão ligados por laços poderosos, imperceptíveis à consciência comum. Outros podem observar tais laços e traçar suas conseqüências, mas aqueles afetados dançam de acordo com uma música inconsciente.

— Não estou sugerindo que seja um erro imprimi-lo — disse Schwangyu, confundindo o silêncio de Lucilla.

— Faremos o que foi ordenado — provocou Lucilla.

Deixe que Schwangyu interprete como quiser.

— Então não faz objeção quanto a levar esse *ghola* para Rakis — disse Schwangyu. — Eu me pergunto se você manteria essa obediência sem questionamento se conhecesse a história toda.

Lucilla respirou fundo. Iriam compartilhar com ela, agora, todos os desígnios dos *ghola* s Duncan Idaho?

— Existe em Rakis uma criança do sexo feminino chamada Sheeana Brugh —

disse Schwangyu. — E ela é capaz de controlar os vermes gigantes.

Lucilla ocultou seu interesse “Vermes gigantes. Não *Shai-hulud* ou *Shaitan*.

Vermes gigantes.” O cavaleiro da areia previsto pelo Tirano tinha aparecido afinal!

— Eu não falo sem motivo — disse Schwangyu quando Lucilla continuou em silêncio.

“De fato não fala”, pensou Lucilla. “E você chama uma coisa pelo rótulo descritivo, não pelo nome de importância mística. Vermes gigantes. E você está realmente pensando no Tirano, Leto II, cujo sonho interminável é mantido como uma pérola de consciência em cada um daqueles vermes. Ou assim somos levadas a crer.”

Schwangyu fez sinal com a cabeça na direção da criança brincando no pátio abaixo delas.

— Acha que o *ghola* será capaz de influenciar a garota que controla os vermes?

“Estamos retirando a casca, afinal”, pensou Lucila e disse:

— Eu não preciso responder tal pergunta.

— Você é muito cautelosa.

Lucilla arqueou o corpo para trás, esticando-se. “Cautelosa? Sim, de fato!”

Taraza a advertira quanto a isso. “No que concerne a Schwangyu, você deve agir com extrema cautela, mas rapidamente. Temos uma janela de tempo muito estreita dentro da qual podemos obter sucesso.”

Sucesso no quê?, perguntava-se Lucilla. Ela olhou de lado para Schwangyu.

— Não vejo como os *Tleilaxu* podem ter conseguido matar li desses *ghola* s.

Como eles puderam penetrar em nossas defesas?

— Nós temos o *Bashar* agora — disse Schwangy. — Talvez ele possa evitar o desastre.

Seu tom de voz revelava que ela não acreditava nessa possibilidade A Madre Superiora Taraza dissera: “Você é a Impressora, Lucilla. Quando

chegar a Gammu reconhecerá parte do padrão. Mas para sua tarefa você não precisa do projeto completo”

— Pense no custo! — exclamou Schwangyu, olhando furiosa para o *ghola*. que agora se agachara, puxando tufos de capim.

O custo nada tinha a ver, sabia Lucilla. A admissão tácita de fracasso era mais importante. A Irmandade não poderia revelar sua falibilidade. Mas o fato de uma Impressora ter sido convocada tão cedo — isso era vital. Taraza sabia que a Impressora perceberia isso, reconhecendo o padrão.

Schwangyu gesticulou com uma mão ossuda para a criança, que tinha voltado a sua brincadeira solitária de correr e pular no capim.

— Política — exclamou.

Sem dúvida, a política da Irmandade encontrava-se no centro da "heresia" de Schwangyu, pensou Lucilla. O caráter delicado dessa discussão interna podia ser avaliado pelo fato de Schwangyu ter sido encarregada desse castelo em Gammu.

Aquelas que se opunham a Taraza recusavam-se a ser colocadas em segundo plano.

Schwangyu virou-se e olhou diretamente para Lucilla. Já fora dito o suficiente O suficiente fora ouvido e filtrado através de mentes treinadas na percepção *Bene Gesserit*. A Irmandade tinha escolhido essa Lucila com grande cuidado.

Ela sentia a cuidadosa avaliação por parte da velha, mas não permitia que isso afetasse seu mais íntimo sentimento de devei; sobre o qual toda Reverenda Madre podia apoiar-se em tempos de tensão. "Vamos, deixe que ela olhe inteiramente para mim." Lucilla voltou-se e fez sua boca formar um suave sorriso, deixando que o olhar percorresse o topo do telhado diante delas.

Um homem uniformizado com uma pesada arma laser apareceu, olhou uma vez para as duas Reverendas Madres e depois voltou a atenção para a criança abaixo delas.

— Quem é ele? — perguntou Lucilla.

— Patrin, o auxiliar de maior confiança do *Bashar*. Diz que é apenas o ordenança do *Bashar*, mas você teria que ser cega e tola para acreditar nisso.

Lucilla examinou o homem com cuidado. Então esse era Patrin. Um nativo de Gammu, como dissera Taraza, escolhido para sua tarefa pelo próprio *Bashar*. Magro e louro, muito velho para estar na ativa como soldado, mas convocado de seu retiro. O

Bashar insistira em que Patrin partilhasse seus deveres.

Schwangyu notou o modo como Lucilla mudava sua atenção de Patrin para o *ghola* com verdadeira preocupação. Sim, se o *Bashar* tinha sido convocado para guardar esse castelo, então o *ghola* corria extremo perigo.

Lucilla começou a falar, subitamente surpreendida.

— Por que... ele...

— Ordem de Miles Teg — respondeu Schwangyu, citando o nome do *Bashar*.

— Todas as brincadeiras do *ghola* são treinamentos. Seus músculos devem ser preparados para o dia em que for restaurada a sua personalidade original.

— Mas não é nenhum exercício simples o que ele está fazendo lá — disse Lucilla. Ela sentia seus próprios músculos reagirem por afinidade com o treinamento relembrado.

— Nós ocultamos apenas a gênese da Irmandade a esse *ghola* — disse Schwangyu. — Quase tudo mais em nossa bagagem de conhecimento pode ser dele.

Seu tom de voz revelava que ela tinha fortes objeções a isso.

— Certamente ninguém acredita que esse *ghola* possa se tornar outro *Kwisatz Haderach* — discordou Lucilla.

Schwangyu meramente encolheu os ombros.

Lucilla manteve-se quieta, pensando. Seria possível que o *ghola* pudesse transformar-se numa versão masculina de uma Reverenda Madre? Poderia esse Duncan Idaho aprender a olhar para dentro, onde nenhuma Reverenda Madre se atrevia a olhar?

Schwangyu começou a falai; a voz quase um murmúrio resmungante.

— A concepção deste projeto... trata-se de um plano perigoso. Elas podem cometer o mesmo erro.

Ela se interrompeu.

“Elas”, pensou Lucilla. “O *ghola* delas.”

— O que eu não daria para conhecer com certeza a posição de Ix e das Oradoras Peixes com relação a isso — disse Lucilla.

— Oradoras Peixes! — Schwangyu sacudiu a cabeça ante a lembrança das remanescentes do exército feminino que um dia servira apenas ao Tirano. — Elas acreditam na verdade e na justiça.

Lucilla dominou uma súbita compressão na garganta. Schwangyu fizera tudo, menos declarar oposição aberta. E no entanto era ela quem estava no comando. A regra política era simples: aquelas que se opõem ao projeto devem monitorá-lo de modo a poder abortá-lo ao primeiro indício de problemas. Mas aquele lá embaixo era um genuíno *ghola* Duncan Idaho. Comparações celulares e Reveladoras da Verdade tinham confirmado isso.

Taraza dissera: “Você deve ensinar-lhe o amor em todas as suas formas.”

— Ele é tão jovem — comentou Lucilla, mantendo a atenção no *ghola*.

— Jovem, sim — respondeu Schwangyu. — Por ora, creio que você vá despertar nele suas respostas infantis à afeição materna. Depois.

Ela encolheu os ombros.

Lucilla não revelava qualquer reação emocional. As *Bene Gesserit* obedeciam.

“Eu sou uma Impressora. Assim...” As ordens de Taraza e o treinamento especializado de uma Impressora definiam o curso particular dos acontecimentos.

Lucilla disse a Schwangyu:

— Existe uma pessoa que se parece comigo e fala com a minha voz. Eu o estou imprimindo para ela. Posso perguntar de quem se trata?

— Não.

Lucilla manteve o silêncio. Ela não esperava uma revelação, mas lhe haviam observado mais de uma vez o fato de ela assemelhar-se extraordinariamente à Chefe da Segurança, Madre Darwi Odrade. "Uma jovem Odrade." Lucilla ouvira em diversas ocasiões. Ambas, Lucilla e Odrade, eram, é claro, da linhagem Atreides, com um forte nível de procriação entre descendentes de Siona. As Oradoras Peixes não possuíam o monopólio desses genes! Mas as Outras Memórias de uma Reverenda Madre, mesmo com a seletividade linear e o confinamento do lado feminino, forneciam indícios importantes nos aspectos mais amplos do projeto *ghola*. Lucilla, que viera a depender das experiências da persona de Jessica, sepultadas uns 5 mil anos antes das manipulações genéticas da Irmandade, sentia agora um profundo senso de pavor ante essa fonte. Havia nisso um padrão familiar, e ele transmitia um sentimento de tragédia tão intenso que Lucilla se viu relembrando automaticamente a Litania contra o Medo, a qual lhe fora ensinada em sua primeira introdução aos ritos da Irmandade.

"Não devo temer. O medo é o assassino da mente. O medo é a pequena morte que traz a obliteração total. Eu enfrentarei o meu medo. Permitirei que ele passe sobre mim e através de mim. E, quando ele houver passado, voltarei meu olhar interior para ver o seu caminho. Onde o medo se foi, nada haverá. Somente eu permanecerei."

A calma retornou a Lucilla.

Schwangyu, sentindo parte disso, permitiu-se baixar ligeiramente a gourela.

Lucilla não era tola, não era uma Reverenda Madre especial com um título vazio e o mínimo conhecimento para agir sem embaraçar a Irmandade. Era muito experiente, e algumas reações não lhe poderiam ser ocultas, nem mesmo as reações de outras Reverendas Madres. Muito bem, deixe que ela conheça a extensão da oposição a este projeto tolo e perigoso.

— Não creio que o *ghola* delas sobreviva para ver Rakis — disse Schwangyu.

Lucilla deixou passar.

— Fale-me a respeito dos amigos dele — pediu.

— Ele não tem amigos, somente professores.

— Quando vou conhecê-los?

Manteve o olhar voltado para o parapeito oposto, onde Patrin se recostava ociosamente contra uma pilastra baixa, a pesada arma laser pronta a abrir fogo se necessário. Lucilla percebeu, com um súbito choque, que Patrin estava a observá-la.

Patrin era uma mensagem do *Bashar* que Schwangyu obviamente via e entendia. “Nós o protegemos!”

— Eu presumo que esteja ansiosa por conhecer Miles Teg — comentou Schwangyu.

— Entre outros.

— Não deseja fazer contato com o *ghola*, primeiro?

— Já diz contato com ele. — Com a cabeça, Lucila indicou o pátio fechado onde a criança uma vez mais se encontrava imóvel, olhando para ela. — Ele é bem

atento e pensativo.

— Eu disponho apenas dos relatórios a respeito dos outros — respondeu Schwangyu. — Mas suspeito de que ele seja o mais pensativo da série.

Lucilla controlou um tremor involuntário ante a disposição para a oposição violenta demonstrada nas atitudes e nas palavras de Schwangyu. Não havia sugestão de que a criança abaixo delas compartilhasse de uma humanidade comum.

Enquanto Lucilla assim pensava, nuvens cobriram o sol, como freqüentemente acontecia a essa hora. Um vento frio soprou sobre os muros do Castelo, rodopiando no jardim. A criança voltou-se e acelerou os exercícios, recebendo calor com o aumento de atividade.

— Aonde ele vai para ficar sozinho? — perguntou Lucilla.

— Geralmente para o quarto. Ele tentou algumas escapadas perigosas, mas nós as desencorajamos.

— Ele deve nos odiar muito.

— Tenho certeza disso.

— Terei que enfrentar isso diretamente.

— Certamente uma Impressora não tem dúvidas quanto à sua habilidade de superar o ódio.

— Eu estava pensando em Geasa. — Lucila olhou para Schwangyu de modo avaliador. — Acho extraordinário que permitissem a Geasa cometer tal erro.

— Eu não interfiro no progresso normal das instruções do *ghola*. Se uma de suas professoras desenvolve uma verdadeira afeição por ele, isso não é problema meu.

— E uma criança atraente — reconheceu Lucilla.

Ambas ficaram um pouco mais, observando o *ghola* Duncan Idaho em sua brincadeira-treino. As duas Reverendas Madres pensaram por algum tempo em Geasa, uma das primeiras professoras trazidas até ali para o projeto *ghola*. A atitude de Schwangyu era evidente: “Geasa foi um fracasso providencial.” Lucilla pensava apenas: “Schwangyu e Geasa complicaram minha tarefa.” Nenhuma das duas mulheres pensou sequer por um momento no modo como tais pensamentos reafirmavam suas lealdades.

Enquanto observava a criança no jardim, Lucilla começou a ver sob novo ângulo o que o Tirano Imperador-Deus tinha realmente conquistado. Leto II fizera uso desse tipo de *ghola* durante incontáveis gerações — durante uns 3.500 anos, um depois do outro. E o Imperador-Deus não fora nenhuma força comum da natureza, fora o maior jaganatha da história humana, rolando por cima de tudo: sistemas sociais, ódios naturais e não-naturais, formas de governo, rituais (tanto os que eram tabu quanto os que eram obrigatórios), religiões passageiras e duradouras. O peso esmagador da passagem do Tirano não deixara coisa alguma sem marcas, nem mesmo a *Bene Gesserit*.

Leto II chamara aquilo de “Caminho Dourado”, e esse tipo de *ghola* Duncan Idaho tinha figurado com proeminência naquela paisagem. Lucilla estudara os relatos

da *Bene Gesserit*, provavelmente os melhores do universo. Mesmo hoje, na maioria dos planetas Imperiais, após o matrimônio os casais espargiam gotas de água, lançando-as para o leste e o oeste, e murmurando a versão local de: “Que tuas bênçãos refluam para nós desta oferenda, ó Deus de Infinito Poder e Infinita Misericórdia”

Em outro tempo, fora trabalho das Oradoras Peixes e de seu submisso sacerdócio reforçar tal obediência. Mas a coisa desenvolvera seu próprio momentum, tornando-se uma compulsão penetrante. Mesmo entre os mais incrédulos, havia quem dissesse: “Bom, não pode fazer mal algum.” Era uma realização que as melhores engenheiras religiosas da Missionaria Protectiva *Bene*

Gesserit admiravam com frustrado espanto. O Tirano superara o melhor que a *Bene Gesserit* pudera produzir. E nos 1.500

anos desde a morte do Tirano a Irmande permanecera impotente para desfazer o nó central daquela terrível realização.

— Quem está encarregada do treinamento religioso desta criança? —

perguntou Lucilla.

— Ninguém. Por que se incomodar? Se ele despertar suas memórias originais, terá suas próprias idéias. Cuidaremos disso se surgir a ocasião.

Lá embaixo a criança completara seu tempo de treinamento permitido. Com outra olhada às observadoras no parapeito, deixou o jardim e penetrou num amplo portal à esquerda. Patrin também abandonou sua posição de guarda sem olhar para as duas Reverendas Madres.

— Não se deixe enganar pelos homens de Teg — disse Schwangyu.

— Eles têm olhos atrás das cabeças. A mãe de Teg, você sabe, foi uma de nós.

Ele está ensinando àquele *ghola* coisas que não deviam ser partilhadas!

Explosões são também compressões de tempo. As mudanças observáveis no universo natural são todas explosivas em algum grau e sob algum ponto de vista; de outro modo, não se poderia nota-las. A uniforme continuidade da mudança, se retardada suficientemente, passa despercebida aos observadores cujo tempo de percepção é muito curto. Assim, eu lhes digo, vi mudanças que vocês nunca teriam percebido.

— *Leto II*

A mulher, iluminada pela luz da aurora no Planeta da Irmandade, mantinha-se ereta diante da mesa da Reverenda Madre Superiora Alma Mavis Taraza. Era alta e bem-proporcionada, com o longo manto aba a envolvê-la em negro brilhante, dos ombros até o chão, incapaz de ocultar a graça com que seu corpo expressava cada movimento.

Taraza inclinou-se na cadeira e observou o Transmissor de Registros projetar seus caracteres *Bene Gesserit* sobre o topo da mesa, de modo a serem vistos apenas

pelos olhos dela.

“Darwi Odrade”, era como os registros identificavam a mulher de pé; depois vinha a biografia básica, que Taraza já conhecia com detalhes. A exposição servia a vários propósitos — fornecer uma lembrança segura à Madre Superiora e proporcionar-lhe um tempo extra para pensar, enquanto fingia ler os registros, constituindo um argumento final caso algo de negativo emergisse dessa entrevista.

Odrade dera à luz 19 crianças para a *Bene Gesserit*. A informação passou diante dos olhos de Taraza. Cada criança de um pai diferente. Nada havia de extraordinário com relação a isso, mas mesmo o olhar mais penetrante podia perceber que esse dever essencial à Irmandade não a havia engordado. Suas feições transmitiam altivez no nariz longo e no complemento do rosto anguloso, cada traço apontando em direção ao queixo estreito. A boca, entretanto, era plenamente formada, transmitindo uma promessa de paixões que ela cuidadosamente continha.

“Sempre podemos confiar nos genes Atreides”, pensou Taraza.

A cortina de uma janela tremulou às costas de Odrade e ela olhou para trás.

Ambas encontravam-se na sala matinal de Taraza, um espaço pequeno, elegantemente mobiliado, decorado em tons de verde. Somente a cadeira branca de Taraza a separava do fundo formado

pelo ambiente. As janelas exibiam um panorama de jardim e gramados, com as distantes montanhas nevadas do planeta da Irmandade servindo de fundo.

Sem erguer os olhos, Taraza disse:

— Fiquei satisfeita quando você e Lucilla aceitaram a missão. Isso torna o meu trabalho muito mais fácil.

— Gostaria de ter conhecido essa Lucilla — disse Odrade, olhando para o alto da cabeça de Taraza.

A voz de Odrade saia como um suave contralto.

Taraza pigarreou.

— Não é preciso. Lucilla é uma de nossas melhores Impressoras. Cada uma de vocês, é claro, recebeu um idêntico condicionamento liberal que as preparou para isso.

Havia algo quase insultante no tom de voz informal usado por Taraza, e somente o hábito provindo de um longo conhecimento controlou o ressentimento imediato sentido por Odrade. Isso se devia, em parte, à palavra “liberal”, ela percebia.

Seus ancestrais Atreides erguiam-se em rebelião ante essa palavra. Era como se suas memórias femininas acumuladas saltassem diante dos julgamentos inconscientes e dos preconceitos não-examinados subjacentes a tal noção.

“Somente os liberais são inteligentes. Somente os liberais são intelectuais.

Somente os liberais compreendem as necessidades de seus semelhantes.”

Quanta maldade estava escondida nessas palavras, pensou Odrade! Quanto da necessidade de um ego de se sentir superior.

Odrade lembrou-se de que, apesar do tom informalmente insultante usado por Taraza, ela usara o termo apenas num sentido genérico: a educação geral de Lucilla

fora cuidadosamente semelhante à de Odrade.

Taraza inclinou-se para trás numa posição mais confortável, mas ainda mantendo sua atenção na exposição holográfica diante de si. A luz das janelas de leste caía diretamente sobre seu rosto, deixando sombras sob o nariz e o queixo. Mulher pequena, só um pouquinho mais velha que Odrade, Taraza mantinha muito da beleza que a tornara uma procriadora muito confiável com homens difíceis. Seu rosto era um longo oval com as maçãs formando curvas suaves. Usava o cabelo negro preso para trás, a partir da testa alta, num pico pronunciado. A boca de Taraza abria-se o mínimo necessário quando ela falava, demonstrando um soberbo controle de movimentos. A atenção de um observador tendia a se focalizar nos olhos dela: aquele constrangedor azul dentro de azul. O efeito final era de uma suave máscara facial, da qual pouco escapava para revelar suas verdadeiras emoções.

Odrade reconheceu a pose da Madre Superiora. Daí a pouco Taraza iria murmurar algo para si mesma. De fato, bem na hora, Taraza murmurou alguma coisa para si mesma.

A Madre Superiora estava pensando enquanto seguia a exposição biográfica com grande atenção. Muitos assuntos ocupavam essa atenção.

Esse era um pensamento tranqüilizador para Odrade. Taraza não acreditava que existisse algo como um poder benévolo guardando a humanidade A Missionaria Protectiva e as intenções da Irmandade eram tudo que contava no universo de Taraza.

E tudo que servisse a esses fins, mesmo as maquinações do Tirano há muito tempo morto, poderia ser julgado bom. Tudo mais era o mal. As Intrusões alienígenas dos Dispersados — especialmente a volta daquelas descendentes que se chamavam Honradas Madres

— não mereciam confiança. A gente de Taraza, mesmo as Reverendas Madres que se opunham a ela no Conselho, eram o derradeiro recurso da *Bene Gesserit*, a única coisa em que se poderia confiar.

Ainda sem olhar para cima, Taraza disse:

— Você sabe que, quando comparamos os milênios anteriores ao Tirano com aqueles depois de sua morte, o decréscimo do número de conflitos é fenomenal.

Desde a época do Tirano que o número de grandes guerras se reduziu a dois por cento do que era antes.

— Até onde sabemos — comentou Odrade.

Os olhos de Taraza voltaram-se para cima e depois para baixo.

— O quê?

— Não temos meios de avaliar quantas guerras se travaram fora de nossa percepção. Tem estatísticas referentes ao povo da dispersão?

— E claro que não!

— Leto nos domesticou. É isso que está dizendo? — perguntou Odrade.

— Se prefere colocar desse modo.

Taraza inseriu um marco em alguma coisa que viu na exposição de dados.

— Não acha que parte do crédito deve ir para nosso amado *Bashar* Miles Teg?

— perguntou Odrade. — Ou seus talentosos predecessores?

Nós escolhemos aquela gente.

— Não percebo a pertinência desta discussão marcial — observou Odrade. —

Que tem isso a ver com nosso problema atual?

— Existem aqueles que acreditam poder reverter às condições anteriores ao Tirano com um perverso golpe armado.

— Oh?

Odrade comprimiu os lábios.

— Vários grupos entre os Perdidos que retornam estão vendendo armas a qualquer um que queira ou possa comprar.

— Especificamente?

— Armas sofisticadas estão sendo derramadas em Gammu, e há poucas dúvidas de que os *Tleilaxu* estão armazenando as mais perigosas.

Taraza inclinou-se para trás, massageando as têmporas. Ela falou em voz baixa, quase meditativa.

— Nós julgamos tomar decisões importantes partindo dos princípios mais elevados.

Odrade também já vira isso antes, e disse:

— Será que a Madre Superiora tem dúvidas quanto à integridade e ao caráter justo da *Bene Gesserit*?

— Dúvidas? Oh, não. Mas tenho sentido frustrações. Nós trabalhamos durante toda a vida por esses objetivos altamente sofisticados e, no fim, que é que descobrimos? Descobrimos que muitas das coisas às quais dedicamos nossas vidas surgiram de decisões mesquinhas. Suas origens podem ser traçadas até uma necessidade de conforto e conveniência pessoal, e nada têm a ver com nossos ideais mais elevados. O que realmente estava em jogo

era algum acordo funcional para satisfazer as necessidades daquelas capazes de tomar decisões.

— Já a ouvi chamar isso de necessidade política — disse Odrade. Taraza falou com um rígido controle, enquanto voltava sua atenção para a exposição de dados diante dela.

— Se nos tornarmos institucionalizadas em nossos julgamentos, com certeza vamos extinguir a *Bene Gesserit*.

— Não vai encontrar decisões mesquinhas em minha biografia — disse Odrade.

— Busco fontes de fraquezas, falhas.

— Também não vai encontrá-las.

Taraza ocultou o sorriso. Reconhecia a observação egocêntrica como um meio pelo qual Odrade provocava a Madre Superiora. Odrade era muito eficiente em simular impaciência quando na verdade se encontrava suspensa no fluxo da paciência, imune ao tempo.

Como Taraza não engoliu a isca, Odrade reassumiu sua calma expectativa —

respiração tranqüilamente firme. A paciência vinha quando não se pensava muito nela.

Há muito tempo a Irmandade lhe ensinara a dividir passado e presente em fluxos simultâneos. Enquanto observava as cercanias imediatas, podia captar fragmentos, trechos de seu passado e viver através deles como se estivessem se movendo numa tela sobreposta ao presente.

“Trabalho de memória”, pensou Odrade. Coisas necessárias para se revigorar a mente e repousar, removendo as barreiras. E quando

tudo mais parecesse desanimador, ainda lhe restaria sua infância complexa.

Houvera um tempo em que Odrade tinha vivido como vivia a maioria das crianças. Em uma casa, na companhia de um homem e de uma mulher que, se não eram seus pais, pelo menos agiam como tal. Todas as outras crianças que conhecia viviam em situações similares. Elas tinham mães e pais. As vezes apenas o pai trabalhava longe de casa. Outras vezes era apenas a mãe que ia trabalhar. No caso de Odrade, somente a mulher permanecia em casa, e nenhuma babá de creche cuidava da criança nas horas de trabalho. Muito tempo depois Odrade descobriu que sua verdadeira mãe tinha pago uma grande soma em dinheiro para que a menina fosse oculta desse modo.

— Ela a escondeu conosco porque a amava muito — explicou a mulher quando Odrade ficou suficientemente crescida para entender. — É por isso que nunca deve revelar que não somos seus verdadeiros pais.

O amor nada tinha ver com isso, Odrade descobriu depois. As Reverendas Madres não agiam por motivos tão mundanos. E a mãe de Odrade fora uma *Bene Gesserit*.

Tudo isso foi revelado a Odrade de acordo com o plano original: seu nome era Odrade. Darwi era o nome pelo qual ela sempre fora chamada quando a pessoa que chamava não estava sendo afetuosa ou zangada. Os jovens amigos sempre encurtavam para Dar.

Nem tudo, entretanto, correra de acordo com o plano original. Odrade lembrava-se de um leito estreito, num quarto colorido por pinturas de animais e de paisagens imaginárias nas paredes de um azul suave. Cortinas brancas tremulavam nas janelas ante a brisa suave da primavera ou do verão. Odrade lembrava-se de pular na cama estreita — uma brincadeira maravilhosamente feliz: para cima e para baixo, para cima e para baixo. Muito riso. Braços agarrando-a no meio de um pulo e a abraçando.

Havia os braços de um homem: rosto redondo com um pequeno bigode que lhe fazia cócegas e ela ria. A cama batia na parede quando ela saltava e a parede já mostrava marcas desse movimento.

Odrade pensava nessas memórias agora, relutante em abandoná-las no poço da racionalidade. Marcas em uma parede. Marcas de alegria e de risos. Como podiam ser tão pequenas e representar tanto...

Estranho como se via pensando cada vez mais em seu pai nesses dias. Nem todas as memórias eram felizes. Havia ocasiões em que ele estivera triste e furioso,

advertindo a mãe para “não se envolver demais”. Tinha um rosto que refletia muitas frustrações. Sua voz era alta quando ele estava furioso, e a mãe se movia suavemente, os olhos cheios de preocupação. Odrade sentia o medo e a preocupação e ficava com raiva do homem. A mulher sabia muito bem como lidar com ele. Beijava-lhe a nuca, acariciava-lhe a face e sussurrava em seu ouvido.

Essas emoções “naturais” tinham exigido os cuidados de uma analista-inspetora *Bene Gesserit* trabalhando muito com Odrade até que tais lembranças fossem exorcizadas. Ainda assim, restavam detritos para serem apanhados e jogados fora.

Mesmo agora Odrade sabia que nem tudo se fora.

Percebendo o modo como Taraza estudava o registro biográfico com muito cuidado, Odrade perguntou-se se essa era a falha que a Madre Superiora estaria vendo.

“Certamente elas já sabem que posso enfrentar as emoções daqueles tempos.”

Tudo acontecera muito tempo atrás. E ainda assim ela admitia que as lembranças do homem e da mulher se encontravam dentro dela,

unidas por uma força que nunca poderia ser apagada inteiramente. Especialmente a mãe.

A Reverenda Madre em apuros, que dera à luz Odrade, colocara-a em tal refúgio por motivos que ela agora compreendia demasiado bem. Odrade não tinha ressentimentos, sabia que isso fora necessário para a sobrevivência de ambas. Os problemas tinham surgido pelo fato de a mãe adotiva ter-lhe dado algo que a maioria das mães dá a seus filhos, algo de que a Irmandade tanto desconfiava — amor.

Quando chegaram as Reverendas Madres, a mãe adotiva não se opusera à retirada de sua filha. Duas Reverendas Madres apareceram com um contingente de inspetores masculinos e femininos. Depois Odrade levou um longo tempo tentando entender o significado daquele momento de separação. A mulher sabia que o dia da partida iria chegar, era apenas questão de tempo. Ainda assim, enquanto os dias se tornavam anos — quase seis anos padrão —, a mulher se atreveu a ter esperanças.

E então as Reverendas Madres chegaram com seus corpulentos ajudantes. Elas só haviam esperado até que fosse seguro, até estarem certas de que nenhum caçador soubesse que essa era uma *Bene Gesserit* preparada para ser herdeira dos Atreides.

Odrade viu um bocado de dinheiro ser entregue à mãe adotiva. A mulher jogou o dinheiro no chão, mas não verbalizou nenhum protesto. Os adultos em cena sabiam onde se encontrava o poder.

Relembrando essas emoções comprimidas, Odrade ainda podia ver a mulher caminhar para uma cadeira de balanço que ficava junto a uma janela voltada para a rua e ficar se balançando para a frente e para trás, para a frente e para trás. Nenhum som partiu dela.

As Reverendas Madres usaram a Voz e seus muitos truques, mais a fumaça de ervas atordoantes e sua presença dominadora, a fim de atrair Odrade para o carro de solo que esperava.

— Vai ser só por pouco tempo. Sua verdadeira mãe nos enviou.

Odrade percebia as mentiras, mas a curiosidade a compelia. “Minha verdadeira

mãe!”

Sua última visão da mulher que para ela representara a mãe foi aquela figura na janela, oscilando para a frente e para trás, um olhar de tristeza no rosto e os braços envolvendo o corpo.

Mais tarde, sempre que Odrade falava em retornar para aquela mulher, essa visão-memória incorporava-se a uma lição essencial das *Bene Gesserit*.

“O amor leva ao sofrimento. O amor é uma força muito antiga, que já serviu ao seu propósito em sua época, mas hoje não é mais essencial à sobrevivência da espécie. Lembre-se do erro daquela mulher, da dor que ela sofreu.”

Até bem depois de sua adolescência, Odrade se ajustava sonhando acordada.

Ela voltaria “realmente” depois que fosse uma Reverenda Madre plena. Voltaria e reencontraria aquela mulher adorável, descobriria seu paradeiro, muito embora não lhe conhecesse outro nome que não “mamãe” ou “Sibia”. Odrade lembrava-se do riso de amigos adultos quando chamavam a mulher de “Sibia”.

“Mamãe Sibia.”

As Irmãs, contudo, detectaram os devaneios e encontraram sua fonte. E isto também foi incorporado a uma lição.

“O devaneio é a primeira manifestação daquilo que chamamos de simulfluxo.

Trata-se de uma ferramenta essencial ao pensamento racional. Com ele você pode clarear a mente para pensar melhor.”

“Simulfluxo”

Odrade focalizou sua atenção em Taraza, diante da mesa na sala matinal. Os traumas de infância devem ser colocados cuidadosamente dentro de um lugar-memória reconstruído. Tudo isso estava bem distante de Gammu, o planeta que o povo de Dan tinha reconstruído após os Tempos da Fome e da Dispersão. O povo de Dan — Caladan em outras épocas. Odrade apegou-se firmemente ao pensamento racional, usando a visão das Outras Memórias que haviam fluído em sua consciência durante a agonia da especiaria. Quando ela se tornara uma Reverenda Madre plena.

“Simulfluxo... o filtro da consciência... Outras memórias”

Que ferramentas poderosas a Irmandade lhe dera. E que ferramentas perigosas. Todas aquelas outras vidas encontravam-se logo além da cortina da consciência. Ferramentas de sobrevivência; não meios de satisfazer uma curiosidade casual.

Taraza falou, traduzindo o material escrito que fluía de baixo para cima diante de seus olhos:

— Você pesquisou muito suas Outras Memórias. Isso consome energias que deviam ser conservadas. — Os olhos de azul total da Madre Superiora fitaram Odrade de baixo para cima de modo penetrante. — Você algumas vezes atinge os limites da tolerância carnal. Isso pode levar à morte prematura.

— Sou cuidadosa com a especiaria, Madre.

— E deve ser mesmo! O corpo só pode suportar certa quantidade de melange.

Somente um certo limite de sondagem sobre o seu passado!

— Encontrou minha falha? — perguntou Odrade.

— Gammu! Uma única palavra contendo todo um discurso.

Odrade sabia. O inevitável trauma de todos aqueles anos perdidos em Gammu. Eles eram uma distração que devia ser arrancada e tornada racionalmente aceitável.

— Mas estou sendo enviada para Rakis — disse Odrade

— Percebo que lembra os aforismos da moderação. Lembre-se de quem você é!

Uma vez mais Taraza curvou-se sobre sua exposição de dados.

“Eu sou Odrade”, pensou Odrade.

Nas escolas *Bene Gesserit*, onde os primeiros nomes tendiam a ser esquecidos, as listas de chamadas eram feitas sempre com o último nome. Amigas e conhecidas adquiriam o hábito de usar o nome da lista de chamada. E aprendiam cedo que compartilhar segredos ou nomes pessoais era um antigo instrumento para se conquistar a afeição de uma pessoa.

Taraza, três classes à frente de Odrade, recebera a incumbência de “conduzir a menina”, uma associação deliberada da parte das mestras vigilantes.

“Conduzir” significava ter certo domínio sobre a mais jovem, mas também incorporava princípios essenciais que seriam mais bem ensinados por uma pessoa de relacionamento mais íntimo. Taraza, tendo acesso aos relatórios pessoais sobre sua recruta, começou a chamar a jovem de “Dar”. Odrade respondia chamando Taraza de

“Tar”. Os dois nomes adquiriram certa permanência — Dar e Tar. Mesmo depois que as Reverendas Madres os tinham ouvido e censurado, elas ocasionalmente recaíam no erro, às vezes apenas pelo divertimento.

Odrade, agora olhando para Taraza, disse:

— Dar e Tar.

Um sorriso tocou as extremidades da boca de Taraza.

— Que é que existe em meus registros que você já não conhece de sobra? —

perguntou Odrade.

Taraza apoiou-se no recosto do assento e esperou que a cadeira se ajustasse na nova posição. Repousou as mãos unidas sobre o topo da mesa e olhou para a mulher mais jovem.

“Não muito mais jovem, realmente”, pensou Taraza.

Desde a escola que Taraza achava Odrade completamente afastada num grupo etário mais jovem, criando uma brecha que a passagem dos anos não poderia fechar.

— Cuidado com o começo, Dar — disse Taraza.

— Este projeto já passou do inicio há muito tempo — respondeu Odrade.

— Mas sua participação nele começa agora. E nós estamos nos lançando num princípio que nunca antes foi tentado.

— Devo conhecer agora todos os planos para o *ghola*?

— Não.

Era assim. Toda evidência de uma disputa nos altos escalões e do princípio da

“necessidade de conhecer” resumidos numa única palavra. Mas Odrade entendia.

Havia uma rubrica organizacional, estabelecida pela Irmandade original da *Bene Gesserit*, que tinha permanecido, com apenas algumas pequenas mudanças, durante milênios. As divisões dentro da *Bene Gesserit* eram marcadas por barreiras verticais e

horizontais muito bem definidas, dividindo grupos isolados que convergiam para um único comando somente, no topo. Deveres (também chamados “tarefas consignadas”) eram realizados dentro de células distintas. As participantes ativas dentro de uma célula não conheciam suas equivalentes dentro de células paralelas.

“Mas eu sei que a Reverenda Madre Lucilla se encontra numa célula paralela”, pensou Odrade. “Essa é uma resposta lógica.”

Ela conhecia a necessidade disso. Era um modelo muito antigo, copiado de sociedades secretas revolucionárias. E a *Bene Gesserit* sempre vira a si mesma como revolucionária permanente, envolvida numa revolução que fora sufocada apenas na época do Tirano, Leto II.

“Sufocada, mas não extinta ou desviada”, Odrade lembrou a si mesma.

Diga-me se, naquilo que está a ponto de fazer — disse Taraza —, você sente algum perigo imediato para a Irmandade.

Essa era uma das demandas peculiares de Taraza, algo que Odrade aprendera a responder a partir de um instinto não-verbalizável que comandava a formação das palavras. Rapidamente ela disse:

— Pior será se deixarmos de agir.

— Nós deduzimos que haveria perigo — disse Taraza, falando numa voz seca e distante.

Taraza não gostava de invocar esse talento de Odrade A mulher mais jovem possuía um instinto presciente para detectar ameaças à Irmandade. Algo que vinha de uma influência descontrolada em sua linha genética, é claro — dos Atreides com seus perigosos talentos. Havia uma observação especial no arquivo de procriação de Odrade: “Exame cuidadoso de toda a prole.” E dois elementos dessa prole já tinham sido secretamente condenados à morte,

“Eu não devia ter despertado o talento de Odrade agora, nem mesmo por um momento”, pensou Taraza. Mas às vezes a tentação era demasiado grande.

Taraza fechou o projetor no tampo da mesa e olhou para a superfície vazia enquanto falava:

— Mesmo que você encontre um companheiro perfeito, não deve procriar sem nossa permissão quando estiver afastada da Irmandade.

— O erro de minha mãe natural — disse Odrade.

— O erro de sua mãe natural foi ser reconhecida enquanto estava procriando!

Odrade já ouvira isso antes. Havia aquele detalhe quanto à linhagem Atreides que exigia a mais cuidadosa atenção pelas mulheres no ato de procriação. O talento

selvagem, é claro. Ela sabia tudo a respeito desse talento, a força genética que tinha produzido o *Kwisatz Haderach* e o Tirano. Que é que as encarregadas da procriação estariam vendo agora? Seria a abordagem delas, na maior parte, negativa? Nada de nascimentos perigosos! Ela nunca vira seus bebês depois de nascidos, algo que não era necessariamente extraordinário no caso da Irmandade. E nunca pudera examinar os registros genéticos em seu próprio arquivo. Nisso também a Irmandade operava com uma separação cuidadosa dos elementos e dos poderes.

“E aquelas proibições anteriores em minhas Outras Memórias!”

Encontrara os espaços em suas memórias e os abrira à observação. Era provável que apenas Taraza e talvez duas outras conselheiras (Bellonda era a mais provável, além de outra Reverenda Madre, ainda mais velha) compartilhassem do acesso mais sensível a tal informação sobre nascimentos.

Teriam Taraza e as outras feito o juramento de que morreriam antes de revelar informações privilegiadas a um estranho? Havia, afinal de contas, um preciso ritual de sucessão caso uma Reverenda Madre num posto-chave morresse longe de suas Irmãs e sem qualquer chance de passar as vidas guardadas dentro de si. O ritual fora usado muitas vezes durante o reinado do Tirano. Um período terrível! Saber que as células revolucionárias da Irmandade lhe eram transparentes a ele! Ao monstro! Ela sabia que suas irmãs nunca se haviam iludido em relação ao fato de que a única coisa que impedira Leto II de destruir a *Bene Gesserit* fora algum tipo de profunda lealdade à sua avó, Lady Jessica.

“Você está ai, Jessica?”

Odrade sentiu uma comoção bem longe dentro de si. O fracasso de uma Reverenda Madre: “Ela se deixou apaixonar!” Uma coisa tão pequena, mas que conseqüências imensas! Três mil e quinhentos anos de tirania!

O Caminho Dourado Infinito? E quanto aos megatrilhões perdidos na Dispersão? Que ameaça representaria agora o retorno desses perdidos?

Como se lesse a mente de Odrade, algo que às vezes parecia fazer, Taraza disse:

— Os Perdidos estão lá fora, só esperando para atacar. Odrade já tinha ouvido a argumentação: perigo de um lado e do outro, algo magneticamente atraente. Tantos desconhecidos magníficos. A Irmandade, com seus talentos aperfeiçoados por milênios de uso da melange — que não poderia fazer com tamanho potencial humano ainda intocado? Pense nos incontáveis genes flutuando lá fora! Pense nos talentos em potencial, derivando livres em universos onde poderiam perder-se para sempre.

— E o desconhecido que conjura os maiores terrores — disse Odrade.

— E as maiores ambições — replicou Taraza.

— Então deverei seguir para Rakis?

— Na devida ocasião. Eu a considero adequada para a tarefa.

— Do contrário não me teria escolhido.

Era uma antiga discussão entre elas, que recuava no passado até o tempo da

escola. Taraza percebia, entretanto, que não fora levada a essa troca de palavras conscientemente. Muitas memórias as uniam: Dar e Tar. Teria de ter cuidado com isso! — Lembre-se de onde estão as suas lealdades — disse Taraza.

A existência das não-naves traz consigo a possibilidade de destruir planetas inteiros sem medo de retaliação. Um grande objeto, um asteróide ou equivalente, pode ser lançado de encontro ao planeta. Ou as pessoas podem ser atiradas umas contra as outras por meio de subversão sexual, e então armadas de modo a que se destruam. Essas Honradas Madres parecem inclinadas a empregar essa última técnica.

— *Análise da Bene Gesserit*

De sua posição no pátio, e mesmo quando não aparentava fazê-lo, Duncan Idaho mantinha a atenção voltada para os observadores acima dele. Lá estava Patrin, é claro, mas Patrin não contava. Eram as Reverendas Madres que mereciam sua atenção. Vendo Lucilla, pensou: “Essa aí é nova.” O pensamento fez uma onda de excitação percorrer-lhe o corpo, algo que ele aproveitou em novos exercícios.

Completou os três primeiros padrões do jogo de treinamento que Miles Teg tinha ordenado, vagamente consciente de que Patrin relataria quão bem ele se saíra.

Duncan gostava de Teg e do velho Patrin, percebendo que o sentimento era recíproco. Essa nova Reverenda Madre, entretanto... sua presença sugeria mudanças interessantes. De um lado, ela era mais jovem que as outras. E a recém-chegada não tentava ocultar os olhos, que constituíam o primeiro indício de sua adesão à *Bene Gesserit*. Seu primeiro vislumbre de Schwangyu confrontara-o com olhos ocultos atrás de lentes de contato que simulavam as pupilas e as vistas levemente avermelhadas de uma não-adepta da especiaria. Também ouvira uma das acólitas do Castelo dizer que as lentes de Schwangyu corrigiam igualmente uma “fraqueza astigmática” que fora aceita em sua linhagem como um preço razoável em troca de outras qualidades que ela transmitia à sua prole.

Na ocasião, a maior parte dessa observação fora ininteligível para o Duncan, mas ele procurara as referências na biblioteca do Castelo, referências escassas e altamente limitadas em conteúdo. Schwangyu em pessoa esquivara-se de todas as suas perguntas a respeito, e o comportamento subsequente de suas professoras lhe dissera que ela ficara furiosa. Tipicamente, descarregara a raiva nas outras.

O que realmente a perturbara fora sua indagação quanto a se ela era sua mãe.

Há muito tempo que Duncan sabia ser uma pessoa especial. Havia lugares, nas rebuscadas dependências desse Castelo *Bene Gesserit*, onde sua entrada não era permitida. Ele encontrara meios particulares de superar tais proibições. Muitas vezes

olhara através de janelas abertas para os guardas e as extensões de campo desflorestado que podiam ser cobertas pelo fogo de torretas estrategicamente posicionadas. O próprio Miles Teg lhe ensinara a importância do fogo de cobertura.

Gammu, era como agora chamavam o planeta. Já fora conhecido como Giedi Prime, mas alguém chamado Gurney Halleck havia mudado isso. Era tudo história antiga. Coisa chata. Ainda

permanecia um leve cheiro de óleo, da sujeira que cobrira o planeta em seus dias pré-danianos. Milênios de plantações especiais estavam mudando isso, tinham-lhe explicado seus professores. Do Castelo podia ver parte disso.

Florestas de coníferas e outras árvores os envolviam ali.

Ainda vigiando secretamente as duas Reverendas Madres, Duncan deu uma série de cambalhotas, flexionando os músculos enquanto se movia exatamente do modo como Teg lhe havia ensinado.

Teg também o instruíra quanto às defesas planetárias. Gammu era cercado por monitores orbitais, cujos tripulantes não podiam levar suas famílias a bordo. As famílias permaneciam em Gammu, reféns para garantir a vigilância dos guardiães orbitais. Em algum ponto entre as naves no espaço, haveria “não-naves” indetectáveis cujas tripulações eram compostas inteiramente por gente dos *Bashar* e Irmãs *Bene Gesserit*.

Eu não assumiria esta incumbência sem completo controle de todas as posições defensivas — explicara Teg.

Duncan percebia que ele era a “incumbência”. O Castelo existia para protegê-lo. Os monitores orbitais de Teg, inclusive as não-naves, protegiam o Castelo.

Era tudo parte de uma educação militar cujos elementos Duncan agora achava familiares. Aprendendo a defender um planeta, aparentemente vulnerável, de ataques vindos do espaço, ele sabia quando essas defesas estavam corretamente posicionadas.

O todo era extremamente complexo, mas os elementos podiam ser identificados e entendidos. Havia por exemplo a monitoração constante da atmosfera e do soro sangüíneo dos habitantes de Gammu. Médicos Suk, pagos pela *Bene Gesserit*, estavam em toda parta.

— Doenças são armas — dissera Teg. — Nossas defesas contra doenças devem ser bem preparadas.

Freqüentemente Teg chamava a atenção contra defesas passivas. Ele as chamava de “produtos de uma mentalidade de cerco capaz de criar fraquezas mortais”.

Quando chegava a hora das instruções militares de Teg, Duncan ouvia com atenção. Patrin e os registros da biblioteca confirmavam que o *Bashar* Mentat Miles Teg fora um famoso líder militar da *Bene Gesserit*. Patrin freqüentemente fazia referências ao tempo em que serviam juntos, e Teg sempre aparecia como herói nos relatos.

— A mobilidade é a chave do êxito militar — dissera Teg. — Se você está preso num forte, mesmo que seja um forte do tamanho de um planeta, você está

sempre vulnerável, em última análise.

Teg não se importava muito com Gammu.

— Percebo que você já sabe que este lugar foi um dia chamado de Giedi Prime. Os Harkonnen, que governavam o planeta, ensinaram-nos algumas coisas. Nós temos uma idéia melhor, graças a eles, de como os homens podem ser terrivelmente brutais.

Lembrando-se disso, Duncan percebeu que as duas Reverendas Madres a observá-lo do parapeito obviamente estavam falando a seu respeito.

“Serei a incumbência dessa que chegou?”

Duncan não gostava de ser observado e esperava que a recém-chegada lhe desse algum tempo. Ela não parecia ser rígida. Não era como Schwangyu.

Enquanto continuava a fazer seus exercícios, Duncan os ritmava de acordo com sua litania particular. “Maldita Schwangyu! Maldita

Schwangyu!”

Ele odiava Schwangyu desde os nove anos de idade — fazia quatro anos agora. Ela não conhecia o seu ódio, pensou. Provavelmente já tinha esquecido tudo sobre o incidente que incendiara aquele ódio dentro dele.

Ele mal completara nove anos no dia em que conseguira esgueirar-se pela guarda interna e atingir um túnel que conduzia a uma das casamatas de defesa. O

túnel cheirava a mofo, tinha luzes baças e muita umidade. Ele olhou através das fendas para pontaria de armas antes de ser descoberto e mandado de volta ao Castelo.

A escapada provocou um severo sermão da parte de Schwangyu, uma figura distante e ameaçadora cujas ordens deviam ser obedecidas. Era assim que ele ainda pensava nela, embora tivesse aprendido desde então a respeito da Voz de Comando da *Bene Gesserit*, aquela sutileza vocal que podia dobrar a vontade de um ouvinte destreinado.

“Ela deve ser obedecida”

— Você fez com que toda a guarda seja punida — disse Schwangyu.

— E eles o serão severamente.

Essa fora a parte mais terrível do sermão. Duncan gostava de determinados guardas e ocasionalmente atraía alguns deles para uma brincadeira de verdade, com muitos risos e quedas. Dessa vez sua brincadeira de escapar até a casamata tinha magoado seus amigos.

Duncan sabia quem devia ser punido.

“Maldita Schwangyu! Maldita Schwangyu!”

Depois do sermão de Schwangyu, Duncan correu para junto de sua instrutora-chefe, naquela ocasião a Reverenda Madre Tamalane, outra das velhas sábias com modos frios e distantes, cabelo cor de neve sobre uma face estreita, de pele coriácea.

Ele exigiu que Tamalane lhe dissesse como os guardas iam ser punidos. Tamalane ficou surpreendentemente pensativa, a voz como areia raspando em madeira.

— Punições? Bem, bem...

Os dois encontravam-se na pequena sala de aulas junto à grande área de

exercícios de solo aonde Tamalane ia todas as noites a fim de preparar as lições do dia seguinte. Era um lugar cheio de leitores de bolha e de carretel, além de outros meios igualmente sofisticados de armazenagem e recuperação de informações. Duncan gostava mais dali do que da biblioteca, mas não tinha permissão de entrar na sala de aulas sem estar acompanhado. Era um lugar brilhante, inundado pela luz de muitos globos luminosos flutuando em suspensores. Ante sua intrusão, Tamalane voltou-se de onde colocara sua lições.

— Existe sempre algo análogo a um banquete de sacrifício em nossas grandes punições — ela disse. — Os guardas, é claro, receberão uma grande punição.

— Banquete?

Duncan estava intrigado.

Tamalane virou-se completamente em sua cadeira giratória, olhando diretamente nos olhos dele. Seus dentes de aço brilharam como luzes brilhantes.

— A história raramente tem sido misericordiosa com aqueles que devem ser punidos — disse ela.

Duncan estremeceu ante a palavra “história”. Esse era um dos sinais de Tamalane. Ela ia ensinar-lhe uma lição, outra lição aborrecida.

— As punições da *Bene Gesserit* não podem ser esquecidas.

Duncan prestou atenção na boca murcha de Tamalane, sentindo imediatamente que ela falava a partir de uma dolorosa experiência pessoal. Ia aprender alguma coisa interessante.

— Nossas punições carregam consigo uma lição inescapável — disse Tamalane — É algo pior do que a dor.

Duncan sentou-se no piso diante dos pés dela. Do seu ângulo de visão, Tamalane era uma figura sinistra, envolta em panos negros.

— Nós não punimos com a agonia final. Esta fica reservada para a Reverenda Madre em sua passagem no ritual da especiaria.

Duncan assentiu com a cabeça. Os registros da biblioteca referiam-se à

“agonia da especiaria”, misteriosa provação que criava uma Reverenda Madre.

— As grandes punições são dolorosas, não obstante — ela disse — São também emocionalmente dolorosas. A emoção despertada pela punição é sempre aquela que julgamos ser a maior fraqueza do punido. Desse modo, nós tornamos mais forte o penitente.

As palavras enchiam Duncan de um temor não compreendido. Que estariam fazendo com seus guardas? Ele não conseguia perguntar nada mas isso não era necessário. Tamalane ainda não terminara.

— A punição sempre termina com uma sobremesa — disse ela. e bateu com as mãos sobre os joelhos.

Duncan franziu a testa. Uma sobremesa? Isso era parte de um banquete.

Como é que um banquete podia ser uma punição?

— Não é realmente um banquete e sim a idéia de banquete explicou

Tamalane, enquanto uma mão semelhante a uma garra descrevia um círculo no ar. —

Então vem a sobremesa, alguma coisa inteiramente inesperada. E o punido pensa: Ah, fui perdoado afinal! Está compreendendo?

Duncan sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Não, ele não compreendia.

— E a suavidade do momento — ela disse. — Você passou por cada um dos pratos desse doloroso banquete e afinal chegou a uma coisa que é possível de ser saboreada. Mas quando você a saboreia... aí é que vem o momento mais doloroso de todos, o reconhecimento, a compreensão de que não existe prazer no final. Não, realmente não. E essa é a dor maior da grande punição. Ela grava a lição da *Bene Gesserit*.

— Mas que é que ela vai fazer com aqueles guardas?

As palavras foram arrancadas do Duncan.

— Não posso dizer quais serão os elementos específicos de cada punição. Não preciso conhecê-los. Só posso dizer-lhe que serão diferentes para cada um deles.

Tamalane não diria mais nada. Voltou à elaboração das lições do dia seguinte.

— Nós nos veremos amanhã — ela disse. — Estarei lhe ensinando a identificar as fontes dos vários sotaques do *Galach* falado.

Ninguém mais, nem mesmo Teg ou Patrin, responderia suas perguntas a respeito das punições. Mesmo os guardas, quando os viu posteriormente, recusavam-se a falar de suas provações. Alguns reagiam bruscamente a suas indagações e nenhum voltaria a

brincar com ele. Não havia esquecimento entre os punidos. Isso era bem claro.

“Maldita Schwangyu! Maldita Schwangyu”

Então começara seu profundo ódio por ela. E todas as bruxas velhas eram objeto desse ódio. Será que aquela jovem recém chegada seria igual às outras?

“Maldita Schwangyu!”

Quando ele exigiu que Schwangyu lhe dissesse o que fizera para puni-los, ela levou algum tempo para responder e então disse:

— É perigoso para você aqui em Gammu. Existem pessoas que desejam feri-lo.

Duncan não perguntou por quê. Essa era outra área do conhecimento em que suas perguntas nunca recebiam respostas. Nem mesmo Teg responderia, embora a presença de Teg enfatizasse a realidade desse perigo.

E Miles Teg era um Mentat que devia conhecer muitas respostas. Duncan freqüentemente notava como os olhos do homem brilhavam enquanto seus pensamentos se perdiam em lugares distantes. Mas não havia uma resposta Mentat a perguntas como.

— Por que estamos aqui em Gammu?

— Contra quem você me guarda? Quem deseja me ferir?

— Quem são meus pais?

O silêncio era a resposta a essas perguntas, ou algumas vezes Teg resmungaria:

— Eu não lhe posso responder.

A biblioteca era inútil. Ele descobrira isso quando tinha apenas oito anos e seu instrutor era uma Reverenda Madre que fracassara, chamada Luran Geasa — não tão velha quanto Schwangyu, mas bem adiantada nos anos, com mais de 100 de idade, de qualquer modo.

A seu pedido, a biblioteca lhe forneceria informações sobre Gammu, Giedi Prime, os Harkonnen e sua queda, e vários conflitos em que Teg atuara como comandante. Nenhuma dessas batalhas se revelara muito sangrenta; vários comentaristas referiam-se à "soberba diplomacia" de Teg. Apesar disso, uma informação levando a outra, Duncan aprendeu sobre a era do Imperador Deus e de como sua gente fora pacificada. Esse período atraiu a atenção de Duncan durante semanas. Ele encontrou um velho mapa em meio aos registros e o projetou na parede focalizadora. As superimposições do comentarista disseram-lhe que o Castelo fora um Posto de Comando das Oradoras Peixes abandonado durante a Dispersão.

"Oradoras Peixes!"

Duncan desejava ter vivido na época delas, servindo como um dos raros assessores masculinos no exército de mulheres que adoravam o grande Imperador-Deus.

"Ah, ter vivido em Rakis naqueles dias!"

Teg era surpreendentemente solícito no que se referia ao Imperador-Deus, chamando-o sempre de "o Tirano". Um cofre da biblioteca foi aberto e informações sobre Rakis derramaram-se em cima de Duncan.

— Será que verei Rakis algum dia? — perguntou ele a Geasa.

— Você está sendo preparado para viver lá.

A resposta o surpreendeu. Tudo que lhe haviam ensinado a respeito daquele planeta distante assumiu novo significado em sua mente.

— Por que devo viver lá?

— Não posso responder.

Com renovado interesse, ele voltou aos seus estudos sobre aquele misterioso planeta e sua miserável Igreja do *Shai-hulud*, o Deus Dividido. “Vermes.” O

Imperador-Deus transformara-se em um daqueles vermes! A idéia enchia Duncan de espanto. Talvez ali estivesse alguma coisa que valesse a pena adorar. O pensamento o sensibilizava. Que teria levado um homem a aceitar tão terrível metamorfose?

Duncan sabia o que seus guardas e os outros no Castelo pensavam a respeito de Rakis e do núcleo do clero que lá vivia. O riso e as zombarias diziam tudo. Teg disse:

— Provavelmente, nunca saberemos toda a verdade a esse respeito, mas eu lhe digo uma coisa, garoto, aquilo não é religião para um soldado.

Schwangyu acrescentou:

— Você vai aprender a respeito do Tirano, mas não deve acreditar em sua religião. Ela é inferior a você, é desprezível.

Em cada momento de folga dos estudos, Duncan curvava-se sobre o que a biblioteca lhe fornecia: o Livro Sagrado do Deus Dividido, a Bíblia da Guarda, a Bíblia Universal Laranja e mesmo os Apócrifos. Aprendeu a respeito do Bureau da Fé, há muito extinto, e sobre a “Pérola Que é o Sol da Compreensão”.

A própria idéia dos vermes o fascinava. Seu tamanho! Um dos maiores se estenderia de uma extremidade a outra do Castelo. Os homens haviam cavalgado os vermes pré-Tirano, mas agora o clero rakiano proibia isso.

Encontrou-se absorvido pelos relatos da equipe de arqueólogos que encontrara a primitiva não-câmara do Tirano. O lugar chamava-se Dar-es-Balat. O

relatório do arqueólogo Hadi Benotto estava marcado: “Suprimido por ordem do clero rakiano”. O número de arquivos da *Bene Gesserit* a respeito era bem grande e o que Benotto revelava era fascinante.

— Uma partícula da consciência do Imperador-Deus em cada verme? —

perguntara ele a Geasa.

— Assim se costuma dizer. E, se for verdade, não se trata de uma consciência.

O próprio Tirano disse que entraria num sonho interminável.

Cada sessão de estudo gerava uma palestra especial e explicações da *Bene Gesserit* a respeito de religião até que finalmente ele encontrou os relatos batizados “As Nove Filhas de Siona” e “Os Mil Filhos de Idaho”.

Confrontando Geasa, ele quis saber:

— Meu nome é Duncan Idaho. Que significa isso?

Geasa sempre se movia como se estivesse se abrigando à sombra do seu fracasso, a cabeça comprida inclinada para a frente, os olhos lacrimejantes apontados para o chão. A confrontação ocorreu perto do anoitecer, no longo salão ao lado da área de exercícios. Ela empalideceu ante a pergunta.

E, quando não respondeu, ele acrescentou:

— Sou descendente de Duncan Idaho?

— Você deve perguntar a Schwangyu.

Geasa falava como se as palavras lhe fossem dolorosas.

Era uma resposta familiar; e o enfureceu. Ela queria dizer que lhe contariam alguma coisa que o fizesse calar a boca, mas que em verdade nada lhe seria revelado.

Schwangyu, entretanto, revelou-se mais aberta do que ele teria julgado possível.

— Você carrega o autêntico sangue de Duncan Idaho.

— Quem são meus pais?

— Já morreram há muito tempo.

— Como foi que morreram?

— Não sei. Nós o recebemos como órfão.

— Então por que existem pessoas que me querem fazer mal?

— Elas temem o que você pode fazer.

— E que é que eu posso fazer?

— Estude suas lições. Vai lhe parecer claro com o tempo.

“Cale a boca e estude!” Outra resposta familiar.

Obedeceu porque tinha aprendido a reconhecer quando as portas se fechavam para ele. Mas agora sua inteligência indagadora encontrava outros registros do Tempo da Fome e da Dispersão, as não-câmaras e não-naves que não poderiam ser rastreadas, nem mesmo pelas mais poderosas mentes prescientes deste universo. E ali encontrou o fato de que os descendentes de Duncan Idaho e de Siona, aqueles antigos que tinham servido ao Tirano Imperador Deus, também eram invisíveis aos profetas e prescientes. Nem mesmo um Navegador da Corporação em profundo transe de

melange podia detectar essa gente. Siona, os registros revelaram-lhe, fora uma Atreides de puro sangue e Duncan Idaho, um *ghola*.

“*Ghola*?”

Buscou na biblioteca significados para essa palavra peculiar. E a biblioteca não lhe deu mais do que definições simples: “*Gholas*: seres humanos produzidos a partir das células de um cadáver em tanques *axlotl* dos *Tleilaxu*.”

“Tanques *axlotl*?”

“Engenho *Tleilaxu* destinado a reproduzir seres humanos vivos a partir das células de um cadáver”

— Descreva um *ghola* — pediu ele.

“Carne inocente, desprovida das memórias do original. Ver tanques *axlotl*.”

Duncan aprendera a entender os silêncios, os espaços em branco naquilo que as pessoas do Castelo lhe revelavam. A compreensão propagou-se em sua mente. Ele sabia! Tinha só 10 anos e já sabia!

“Eu sou um *ghola*.”

Num fim de tarde na biblioteca, toda aquela maquinaria esotérica em torno dele se apagou num fundo sensorial, e um menino de 10 anos se sentou, silencioso, agarrado ao conhecimento de si mesmo.

“Eu sou um *ghola*!”

Não podia lembrar-se dos tanques *axlotl* onde suas células se haviam transformado em uma criança. Suas primeiras memórias eram de Geasa a erguê-lo do berço, um interesse alerta naqueles olhos de adulto que logo se transformou em cautela.

Era como se a informação a seu respeito, fornecida de modo tão relutante pela gente do Castelo e pelos registros, tivesse afinal

definido uma forma central para si mesmo.

— Fale-me a respeito dos *Bene Tleilax* — pediu ele à biblioteca.

— Eles são um povo dividido entre Dançarinos Faciais e Mestres. Os Dançarinos Faciais são híbridos, estéreis e submissos aos Mestres.

“Por que eles fizeram isso comigo?”

A informação fornecida pelas máquinas da biblioteca era subitamente estranha e perigosa. Ele estava com medo, não de que suas perguntas pudessem encontrar mais espaços vazios, mas das respostas que poderia obter.

“Por que sou tão importante para Schwangyu e para os outros?” Sentia ter sido enganado, trapaceado até mesmo por Patrin e Miles Teg. Por que seria considerado justo tirar células de um ser humano e produzir um *ghola*?

Ele fez a pergunta seguinte com grande hesitação. Um *ghola* pode lembrar-se de quem foi? Isso pode ser conseguido.

— Como?

— A identidade psicológica de um *ghola* em relação ao original preestabelece certas respostas que podem ser ativadas mediante um trauma.

Isso não era resposta!

— Mas como?

Schwangyu interferiu nesse ponto, entrando na biblioteca sem se fazer anunciar. Então, alguma coisa em suas perguntas tinha disparado um alerta para preveni-la!

— Tudo vai ficar claro para você no devido tempo — ela disse.

Tentou acalmá-lo, mas ele sentia a injustiça, a ausência de sinceridade. Alguma coisa em seu interior dizia-lhe que possuía mais sabedoria em sua identidade adormecida do que aqueles que se presumiam tão superiores. Seu ódio por Schwangyu atingiu novo cume de intensidade. Ela era a personificação de tudo aquilo que o incitava e depois lhe frustrava a curiosidade.

Agora, entretanto, sua imaginação estava em fogo. Iria recapturar suas memórias originais! Sentia a verdade dessa afirmativa. Lembrar-se-ia de seus pais, de sua família, de seus amigos... e de seus inimigos.

Provocou Schwangyu com isso:

— Vocês me criaram por causa de meus inimigos?

— Você já aprendeu a ficar em silêncio, criança. Use esse aprendizado.

“Muito bem. E assim que vou combater você, maldita Schwangyu. Vou ficar calado, mas vou continuar aprendendo. E vou mostrar como me sinto realmente.”

— Você sabe — acrescentou ela —, acho que estamos criando um estóico.

Ela ficava a dominá-lo com superioridade, e ele não aceitaria esse tipo de paternalismo. Combateria tudo isso com o silêncio e a vigilância. Saiu correndo da biblioteca e se refugiou em seu quarto.

Nos meses que se seguiram, muitas coisas confirmaram que ele era um *ghola*.

Mesmo uma criança sabia quando as coisas ao seu redor eram extraordinárias.

Ocasionalmente, podia observar outras crianças além dos muros, caminhando pela estrada do perímetro, rindo e gritando. Em sua

biblioteca. encontrara descrições a respeito de crianças. Os adultos não se aproximavam das outras crianças para obrigá-las a se engajar num treinamento rigoroso do tipo que lhe era imposto. Outras crianças não tinham uma Reverenda Madre Schwangyu para ordenar cada pequeno aspecto de suas vidas.

Sua descoberta precipitou outra mudança na vida de Duncan. Luran Geasa foi afastada e não retornou.

“Ela não devia ter permitido que eu soubesse a respeito dos *gholas*.” A verdade era, de algum modo, mais complexa, como Schwangyu explicou a Lucilla no parapeito de observação, no mesmo dia de sua chegada.

— Nós sabíamos que chegaria o momento inevitável. Ele aprendera a respeito dos *gholas* e faria perguntas incisivas.

— Estava mais do que na hora de uma Reverenda Madre cuidar de sua educação no dia-a-dia. Geasa pode ter sido uma má escolha.

— Está questionando meu julgamento? — retrucou Schwangyu.

— Será que o seu julgamento é tão perfeito que nunca pode ser questionado?

Na voz de contralto de Lucilla, a pergunta tinha o impacto de uma bofetada.

Schwangyu ficou em silêncio por quase um minuto. Depois disse:

— Geasa achava que o *ghola* era uma criança cativante. Ela chorou e disse que ia ter saudade dele.

— Será que não foi prevenida quanto a isso?

— Geasa não possui nosso treinamento.

— Por isso você a substituiu por Tamalane. Não conheço Tamalane, mas presumo que seja muito velha.

— Bastante.

— Qual foi a reação dele ante a retirada de Geasa?

— Perguntou para onde ela iria. Não respondemos.

— Como Tamalane se saiu?

— Em seu terceiro dia com ela, ele lhe disse muito calmamente: “Eu a odeio.

E isso que esperam de mim?”

— Tão depressa!

— Agora mesmo ele está observando você e pensando: “Eu odeio Schwangyu.

Será que vou ter que odiar essa aí?” Mas ele também deve estar pensando que você não é como as velhas bruxas. Você é jovem. E ele vai calcular que isso deve ser importante.

Os seres humanos vivem melhor quando cada um tem seu lugar para ficar, quando cada um conhece a sua posição num esquema de coisas e percebe os limites daquilo que pode conquistar.

Destrua esse lugar e você destruirá a pessoa.

— *Ensinamentos da Bene Gesserit*

Miles Teg não queria essa missão em Gammu. Ser mestre de armas de uma criança *ghola*? Mesmo uma criança *ghola* como essa, com toda a história tecida em torno dela. Tratava-se de uma intrusão indesejável na bem-ordenada aposentadoria de Teg.

Mas ele tinha vivido toda a vida como um Mentat Militar sob as ordens da *Bene Gesserit* e não conseguiria computar um ato de desobediência.

Quis custodiet ipsos custodiet?

Quem deve guardar os guardiães? Quem cuida para que os guardiães não falhem?

Essa era uma pergunta que Teg tinha considerado cuidadosamente em muitas ocasiões. Ela formava um dos princípios básicos de sua lealdade à *Bene Gesserit*. Não importava o que se pudesse dizer a respeito da Irmandade, elas exibiam uma admirável constância de propósitos.

“Propósitos morais”, como Teg os rotulava.

O propósito moral da *Bene Gesserit* coincidia totalmente com os princípios de Teg. E o fato de tais princípios terem sido condicionados em sua mente pela própria *Bene Gesserit* não entrava em sua consideração. O pensamento racional, principalmente a racionalidade Mentat, não seria capaz de fazer outro julgamento.

Teg reduzia tudo à sua essência: se apenas uma pessoa seguisse tais princípios de orientação, esse seria um universo melhor. Não era jamais uma questão de justiça.

A justiça exigia o recurso da lei, e esta podia ser uma amante volúvel, sempre sujeita aos caprichos e preconceitos de quem a administrasse. Não, era uma questão que envolvia o conceito de merecimento, algo que atingia um nível muito mais profundo.

As pessoas que eram objeto de um julgamento deviam considerá-lo merecido.

Para Teg, declarações como “a letra da lei deve ser obedecida” eram perigosas para seus princípios de orientação. Ser justo exigia um tipo de acordo, uma constância previsível e, acima de tudo, uma lealdade sendo exercida para cima e para baixo ao longo da hierarquia. Uma liderança guiada por tais princípios não exigia controles externos. A pessoa cumpria seu dever porque essa era a

coisa certa. E não obedecia por ser esse o comportamento “previsivelmente” correto, mas porque a certeza de estar fazendo uma coisa certa pertencia ao momento em que agia. Previsão e presciência nada tinham a ver com isso.

Teg conhecia a reputação dos Atreides no que se referia à presciência confiáveis, mas declarações proféticas não tinham lugar em seu universo. A pessoa aceitava o universo como o havia encontrado e aplicava os seus princípios onde podia.

Ordens absolutas dentro da hierarquia eram sempre obedecidas. Não que Taraza tivesse feito da coisa uma ordem absoluta, mas as implicações estavam lá.

— Você é a pessoa perfeita para esta tarefa.

Ele tinha vivido uma vida muito longa, com muitos pontos altos, e se aposentara com honra. Teg sabia que estava velho, velho e lento, com todos os defeitos da idade esperando para traí-lo ali, bem nas fronteiras de sua consciência.

Não obstante, o chamado do dever o animou mesmo enquanto ele dominava o desejo de dizer não.

O pedido viera da própria Taraza. A poderosa líder de todas (inclusive a Missionaria Protectiva) o tinha escolhido. Não apenas uma Reverenda Madre, mas a

Reverenda Madre Superiora.

Taraza viera até seu retiro em Lernaeus. Era para ele uma honra que ela fizesse isso, e ela sabia. Apareceu em seu portão sem ser anunciada, acompanhada apenas por duas servas acólitas e uma pequena força de guardas, dos quais alguns rostos ele reconhecia. Teg em pessoa os tinha treinado. E a hora da chegada também fora interessante. De manhã cedo, logo depois do café. Ela conhecia o seus hábitos e certamente devia saber que ele estaria ainda mais

alerta a essa hora. Queria que ele estivesse acordado e na plenitude de seu potencial.

Patrin, antigo ajudante-de-ordens de Teg, trouxe Taraza para o aposento da ala leste, lugar pequeno e elegante, somente com mobílias sólidas. Teg não gostava de cadeiras-cão nem de qualquer outro tipo de mobília viva. Patrin tinha uma aparência de aborrecimento estampada no rosto enquanto fazia a Madre Superiora, vestida de preto, entrar na sala. Teg reconheceu aquela expressão imediatamente. Para outras pessoas, a face longa e pálida de Patrin poderia, com as muitas rugas da idade, parecer uma máscara imutável. Mas ao olhar alerta de Teg, o aprofundamento das rugas em torno da boca do homem e a expressão de seus velhos olhos só poderiam significar uma coisa: no caminho até aquela sala, Taraza lhe dissera algo que o tinha perturbado.

Portas de correr, bem altas e feitas de plaz pesado, emolduravam o cenário no lado ocidental da sala, um longo gramado em declive que descia até as árvores junto do rio. Taraza parou, dentro do aposento, para admirar a vista.

Sem que lhe pedissem, Teg apertou um botão. Cortinas deslizaram, tapando a paisagem, e globos luminosos se acenderam. A ação de Teg revelou a Taraza que ele tinha computado a necessidade de privacidade. Ele ainda enfatizou isso ao ordenar a Patrin:

— Por favor, cuide para que não sejamos perturbados.

— As ordens para a Fazenda do Sul, senhor — arriscou Patrin.

— Por favor, cuide delas você mesmo. Você e Firus sabem o que eu desejo.

Patrin fechou a porta um tanto bruscamente ao sair, pequeno sinal que revelava muito para Teg.

Taraza deu um passo para dentro do aposento e o examinou.

— Verde-limão — ela disse. — Uma de minhas cores favoritas. Sua mãe tinha um gosto excelente.

Teg animou-se com a observação. Tinha profunda afeição por esse prédio e por essa terra. Sua família vivera ali durante apenas três gerações, mas tinha deixado sua marca no lugar. E o toque de sua mãe não fora realmente alterado em muitos dos aposentos.

— E seguro amar a terra e os lugares — disse ele.

— Gostei particularmente dos tapetes laranja-escuros no salão e do vitral colorido acima da porta de entrada — disse Taraza. — Aquele vitral é uma verdadeira antigüidade, tenho certeza.

A senhora não veio até aqui para conversar sobre a decoração de interiores —

disse Teg.

Taraza riu.

Ela tinha uma voz aguda que seu treinamento na Irmandade lhe ensinara a usar com eficácia devastadora. Não era uma voz fácil de ser ignorada, mesmo quando parecia cuidadosamente informal, como agora. Teg já tivera oportunidade de ver Taraza no Conselho da *Bene Gesserit*. Suas maneiras eram poderosas e persuasivas, cada palavra uma indicação da mente aguda que lhe guiava as decisões. Agora ele podia sentir uma decisão importante por baixo de suas maneiras.

Teg indicou uma cadeira verde, estofada, à sua esquerda. Ela olhou para o móvel, percorreu uma vez mais o aposento com o olhar e suprimiu um sorriso.

Nem uma cadeira-cão na casa, podia apostar. Teg era uma antigüidade cercada de antigüidades. Sentou-se e alisou o manto enquanto esperava que ele sentasse em outra cadeira igual diante dela.

— Lamento a necessidade de lhe pedir para abandonar sua aposentadoria, *Bashar* — disse ela. — Infelizmente as circunstâncias me deixam pouca escolha.

Teg deixou os longos braços repousarem informalmente nos braços da cadeira, um Mentat em repouso, à espera. Sua postura dizia: encha minha mente de dados.

Taraza sentiu-se momentaneamente desconcertada. Isso era uma imposição.

Teg ainda era uma figura imponente, alto e com uma cabeça volumosa, coroada por cabelos grisalhos. Ela bem sabia que lhe faltavam quatro AP para completar 300 anos.

Levando-se em conta que o Ano-Padrão tinha 20 horas a menos que o chamado ano primitivo, essa ainda era uma idade impressionante, revelando experiências a serviço da *Bene Gesserit* que exigiam que ele fosse respeitado. Notou que Teg usava um uniforme cinza-claro sem qualquer insígnia: calças e jaqueta feitas sob medida, camisa branca aberta na gola para revelar um pescoço profundamente enrugado. Havia um brilho dourado em sua cintura e ela reconheceu o asterisco de *Bashar* que ele recebera na aposentadoria. Como Teg era utilitarista! Transformara aquela bugiganga dourada num fecho de cinto. Isso a tranqüilizava. Teg entenderia seu problema.

— Posso beber um copo de água? — pediu Taraza. — Foi uma viagem longa e cansativa. Nós percorremos o último trecho em um de nossos próprios transportes, que já devia ter sido aposentado há 500 anos.

Teg levantou-se da cadeira, foi até um painel na parede e retirou uma garrafa de água gelada e um copo de dentro de um compartimento atrás do painel. Colocou os dois na mesa baixa, ao alcance da mão direita de Taraza.

— Eu tenho melange — disse ele.

— Não, obrigada, Miles. Tenho meu próprio suprimento.

Teg voltou para a cadeira e notou os sinais de rigidez. Mas ela ainda estava em boa forma, considerando-se a idade que tinha.

Taraza encheu meio copo de água e bebeu em um gole. Recolocou o copo na mesinha com muito cuidado. Como abordar o assunto? Os modos de Teg não a

enganavam. Ele não queria deixar sua aposentadoria. Suas analistas lhe haviam advertido a respeito disso. Desde que se aposentara, ele desenvolvera um grande interesse por sua fazenda. Suas extensas terras em Lernaeus eram essencialmente um jardim de pesquisa.

Ela ergueu os olhos e o estudou abertamente. Os ombros quadrados acentuavam a cintura estreita de Teg. Então ele ainda se mantinha ativo. Aquele rosto longo com feições bem definidas pelos ossos fortes: isso era tipicamente Atreides. Teg devolveu-lhe o olhar, como sempre fazia, exigindo atenção, mas aberto ao que a Madre Superiora pudesse dizer. O boca fina exibia um sorriso irônico, expondo dentes brilhantes e muito perfeitos.

“Ele sabe que me sinto pouco à vontade”, pensou ela. “Maldição! Ele é apenas um servo da Irmandade, tanto quanto eu!”

Teg não a enchia de perguntas. Seus modos permaneciam impecáveis, a curiosidade contida. Ela lembrou a si mesma que essa era apenas uma característica dos *Mentats*.

De repente, Teg levantou-se e caminhou para um aparador à esquerda de Taraza. Voltou-se, cruzou os braços sobre o peito e ficou recostado, olhando para ela.

Taraza viu-se forçada a girar a cadeira a fim de olhar para ele. Maldito! Teg não ia tornar a coisa mais fácil para ela. Todas as Reverendas Madres Examinadoras tinham mencionado a dificuldade em se conseguir que Teg se sentasse para uma

conversa. Ele preferia ficar de pé, os ombros mantidos numa rigidez militar, o olhar voltado para baixo. Poucas Reverendas Madres igualavam sua altura — mais de dois metros. Essa tendência, concordavam as analistas, era a maneira com que Teg (provavelmente de modo inconsciente) protestava contra a autoridade da Irmandade sobre ele. Nada disso, entretanto, transpirava em outras facetas de seu comportamento. Teg sempre fora o mais confiável de todos os comandantes militares que a Irmandade já empregara.

Num universo multi-societário cujas maiores forças unificadoras interagiam de modo complexo, a despeito da simplicidade dos rótulos, comandantes militares confiáveis valiam muitas vezes o seu peso em melange. As religiões e a memória comum das tiranias imperiais sempre figuravam nas negociações, mas eram as forças econômicas que prevaleciam, e a moeda militar sempre podia ser somada na contabilidade de todos. Ela estava em todas as negociações e assim continuaria por muito tempo, enquanto a necessidade impulsionasse o sistema de comércio — a necessidade de algo em especial (como a especiaria ou os tecnoprodutos de Ix), a necessidade de especialistas (Mentats ou médicos Suk), e todas as outras coisas mundanas para as quais existiam mercados: força de trabalho, construtores, desenhistas, vida planiformizada, artistas, prazeres exóticos...

Nenhum sistema legal poderia unir tamanha complexidade num todo, e esse fato, muito obviamente, acarretava outra necessidade — a necessidade de árbitros influentes. As Reverendas Madres, naturalmente, haviam assumido esse papel dentro

da teia econômica, e Miles Teg sabia disso. E também sabia que uma vez mais estava sendo colocado em seu papel de elemento de negociação. O fato de ele gostar ou não desse papel não figurava nas negociações.

— Não é como se você tivesse uma família para mantê-lo aqui — disse Taraza.

Teg aceitou isso em silêncio. Sim, sua esposa estava morta há 38 anos. Os filhos estavam todos crescidos e, com exceção de uma filha, haviam partido. Tinha muitos interesses pessoais, mas nenhuma obrigação familiar. Era verdade.

Taraza recordou-lhe seu longo e fiel serviço à Irmandade, citando várias de suas conquistas mais memoráveis. Sabia que os elogios não teriam muito efeito sobre ele, mas isso lhe dava a abertura necessária para o que devia seguir-se.

— Você tem sido elogiado por sua semelhança familiar — ela disse.

Teg inclinou a cabeça não mais que um milímetro.

— Sua semelhança com o primeiro Leto Atreides, avô do Tirano, é realmente extraordinária — observou ela.

Teg não deu qualquer sinal de que tivesse ouvido ou concordado. Isso era meramente um dado, alguma coisa a mais armazenada em sua copiosa memória. Ele sabia ter o gene dos Atreides. Tinha visto a imagem de Leto I na sede da Irmandade.

Fora algo estranho, como se olhar num espelho.

— Você é um pouco mais alto — disse Taraza.

Teg continuava a olhar para ela de cima para baixo.

— Maldição, *Bashar* — explodiu Taraza. — Quer pelo menos me ajudar?

— Isso é uma ordem, Madre Superiora?

— Não, não é uma ordem!

Teg sorriu lentamente. O fato de Taraza permitir-se tal demonstração emocional diante dele revelava muitas coisas. Ela não faria isso com gente que não julgasse digna de confiança. E certamente não se

permitiria tal explosão emocional diante de alguém que considerasse apenas um subordinado.

Taraza recostou-se na cadeira e sorriu para ele.

— Tudo bem — ela disse. — Você já se divertiu. Patrin disse que ficaria muito aborrecido comigo se eu o chamasse de volta ao dever. E lhe asseguro que é fundamental para os nossos planos.

— Que planos, Madre Superiora?

— Estamos criando um *ghola* Duncan Idaho em Gammu. Ele já tem quase seis anos de idade e está pronto para a educação militar.

Teg permitiu que seus olhos se abrisssem ligeiramente.

— Vai ser uma tarefa aborrecida para você — disse Taraza. — Mas quero que se encarregue de seu treinamento e de sua proteção assim que for possível.

— Minha semelhança com o Duque Atreides — disse Teg. — Vai usar-me para lhe restaurar as memórias originais.

— Dentro de oito ou dez anos, sim.

— Esse tempo todo! — Teg sacudiu a cabeça. — Por que Gammu?

— Sua herança prana-bindu foi alterada pelos *Bene Tleilax*. sob nossas ordens.

Seus reflexos igualarão, em velocidade, os de qualquer pessoa nascida em nossa época.

Gammu... O Duncan Idaho original nasceu e foi criado lá. Devido às mudanças em sua herança celular, devemos manter tudo o mais próximo possível das condições originais.

— Por que está fazendo isso?

A pergunta foi feita no tom de um Mentat reunindo dados.

— Uma criança de sexo feminino com a habilidade de controlar os vermes foi descoberta em Rakis. Teremos um uso para o nosso *ghola*.

— Vai fazê-lo procriar?

— Não estou convocando-o como Mentat. É de sua habilidade militar e de sua semelhança ao Leto original que nós precisamos. Você saberá como lhe restaurar as memórias originais quando chegar a ocasião.

— Assim, está me convocando a voltar à minha função como Mestre de Armas.

— Acha que isso é um retrocesso para o homem que foi o Supremo Comandante *Bashar* de todas as nossas forças?

— Madre Superiora, a senhora ordena e eu obedeço. Mas não aceitarei esse posto sem o comando geral de todas as defesas de Gammu.

— Isso já foi arranjado, Miles.

— A senhora sempre adivinha como funciona a minha mente.

— E estamos sempre confiantes em sua lealdade.

Teg afastou-se do aparador e parou por um momento, pensando. Depois disse:

— Quem irá me instruir?

— Bellonda, dos Registros, a mesma de antes. Ela vai fornecer-lhe um código seguro para a troca de mensagens entre nos.

— Eu darei à senhora uma lista de pessoas — disse Teg. — Velhos camaradas e os filhos de alguns deles. Quero todos me esperando

em Gammu quando eu chegar.

— Não acha que algum deles pode recusar?

O olhar dele dizia: “Não seja tola!”

Taraza riu, pensando: “Existe algo que aprendemos muito bem com os Atreides originais — como produzir pessoas que obtêm a maior devoção e lealdade”

— Patrin cuidará do recrutamento — disse Teg. — Ele não aceitará nenhum posto, eu sei, mas deve receber um pagamento à altura e as cortesias de um auxiliar de coronel.

— Você, é claro, receberá de volta o seu posto de Supremo *Bashar* —

acrescentou ela. — Nós vamos.

— Não, vocês têm Burzmali. Não vamos enfraquecê-lo colocando seu velho comandante acima dele uma vez mais.

Ela o observou por um momento:

— Ainda não demos a Burzmali o posto de...

— Sei disso. Meus antigos camaradas me mantém inteiramente a par da política da Irmandade. Mas a senhora e eu, Madre Superiora, sabemos que é apenas questão de tempo. Burzmali é o melhor.

Ela só pôde aceitar. Era mais que uma avaliação Mentat. Era uma avaliação de Teg. Outro pensamento lhe ocorreu.

— Então você já sabia a respeito de nossa disputa no Conselho! — acusou ela.

— E me deixou.

— Madre Superiora, se achasse que iriam produzir outro monstro em Rakis, eu lhe teria dito. A senhora confia nas minhas decisões, eu confio nas suas.

— Maldito seja, Miles, você esteve afastado por muito tempo. — Taraza levantou-se. — Eu me sinto mais calma só de saber que você está de volta ao seu trabalho.

— O trabalho — repetiu ele — Sim. Reinstale-me como *Bashar* em missão especial. Desse modo, quando a notícia chegar a Burzmali, não haverá perguntas tolas.

Taraza entregou-lhe um maço de papéis ridulianos tirados de debaixo de seu manto.

— Eu já assinei estes. Preencha seu termo de volta ao serviço. As outras autorizações estão todas aí, transporte e tudo mais. Eu lhe dou essas ordens pessoalmente. Deve obedecer a mim. Você é o meu *Bashar*; compreende?

— Não foi sempre assim?

— Agora é mais importante do que nunca. Mantenha o *ghola* em segurança e o treine bem. E sua responsabilidade. Eu o apoiarei nisso contra tudo e contra todos.

— Ouvi dizer que Schwangyu está no comando em Gammu.

— Eu disse contra todos, Miles. Não confie em Schwangyu.

— Percebo. Vai almoçar conosco? Minha filha tem. .

— Perdoe-me, Miles, mas devo voltar o mais cedo possível. Vou enviar Bellonda imediatamente.

Teg levou-a até a porta, trocou alguns cumprimentos e trivialidades com seus velhos alunos que faziam parte da escolta e observou enquanto partiam. Havia um carro de solo blindado esperando na

estrada, um dos novos modelos que obviamente tinham trazido. A visão causou em Teg um sentimento de desagrado.

“Urgência!”

Taraza viera em pessoa, a própria Madre Superiora fazendo serviço de mensageira, sabendo o que isso lhe revelaria. Conhecendo tão intimamente o modo como a Irmandade agia, ele percebeu as implicações do que estava acontecendo. A disputa no Conselho da *Bene Gesserit* era mais profunda do que seus informantes tinham sugerido.

“Você é o meu *Bashar*.”

Olhou para o maço de autorizações e ordens de pagamento de passagens que

Taraza lhe deixara. Todas já tinham seu selo e sua assinatura. A confiança que isso implicava aumentava seu desconforto.

“Não confie em Schwangyu.”

Colocou os papéis no bolso e saiu em busca de Patrin. Este teria que ser adulado e colocado a par do que estava acontecendo. Teriam que discutir sobre quem chamar para essa missão. Começou a enumerar alguns nomes em sua mente. Trabalho perigoso pela frente. Somente os melhores serviriam. Maldição! Tudo na propriedade teria que ser passado para Firus e Dimela. Tantos detalhes! Sentiu o pulso acelerar-se enquanto caminhava pela casa.

Ao passar por um segurança da casa, um de seus antigos soldados, Teg fez uma pausa:

— Martin, cancele todos os meus compromissos para hoje. Encontre minha filha e lhe diga para se reunir a mim no estúdio.

A notícia se espalharia pela casa e, de lá, para toda a propriedade. Os servos e a família, sabendo que a Reverenda Madre Superiora

tinha conversado com ele em particular, iriam automaticamente estabelecer uma cortina protetora para afastá-lo de qualquer problema sem importância. Sua filha mais velha, Dimela, interrompeu-o quando começou a enumerar o que era necessário para manter em andamento seus projetos na fazenda experimental.

— Pai, não sou uma criança!

Ambos estavam na pequena estufa ligada ao estúdio. Restos do almoço de Teg tinham ficado sobre um banco, a um canto, e o bloco de notas de Patrin estava encostado à parede ao lado da bandeja de lanche.

Teg olhou sério para a filha. Dimela parecia-se com ele nas feições, mas não na altura. Muito angulosa para ser bela, conseguira, não obstante, um ótimo casamento.

Dimela e Firus tinham três crianças adoráveis.

— Onde está Firus? — perguntou Teg.

— Cuidando da replantagem na Fazenda do Sul.

— Oh, sim. Patrin mencionou isso.

Teg sorriu. Sempre lhe agradara que Dimela tivesse recusado a oferta da Irmandade, preferindo casar-se com Firus, nativo de Lernaeus, e permanecer na companhia do pai.

— Tudo que sei é que o estão chamando de volta ao trabalho — comentou Dimela. — É uma missão perigosa?

— Você fala exatamente como sua mãe, sabia?

— Então é perigoso! Malditas, você já não fez o suficiente por elas?

— Aparentemente não.

Ela afastou-se enquanto Patrin entrava pelo outro lado da estufa. Ouviu a filha falar com Patrin enquanto um passava pelo outro.

— Quanto mais velho ele fica, mais se parece com uma Reverenda Madre!

Que mais podia ela esperar? Teg ficou imaginando. Filho de uma Reverenda

Madre, tendo por pai um funcionário subalterno da CHOAM, ele crescera em uma casa que funcionava ao ritmo da Irmandade. Sempre lhe fora evidente, desde a mais tenra idade, que a lealdade de seu pai para com a rede de comércio interplanetário da CHOAM desaparecera quando sua mãe lhe fizera objeção.

Essa fora a casa de sua mãe até a morte dela, menos de um ano depois que seu pai morrera. A marca dos gostos dela estava à volta dele, em toda parte.

Patrin parou diante dele.

— Vim buscar meu bloco de anotações. Acrescentou algum nome novo?

— Alguns. É melhor você cuidar disso logo.

— Sim, senhor!

Patrin fez uma careta e voltou por onde tinha vindo, batendo na perna com o bloco de notas.

“Ele sente também”, pensou Teg.

Uma vez mais, Teg olhou à sua volta. Essa ainda era a casa de sua mãe. Depois de todos os anos em que ele tinha vivido lá, criado uma família! Ainda era o lugar dela.

Oh, ele tinha construído essa estufa, mas o estúdio ao lado fora o aposento particular da mãe. Janet Roxbrough dos Lernaeus

Roxbrough. A mobília, a decoração, tudo repetia que o lugar ainda pertencia a ela. Taraza percebera isso. Ele e a esposa tinham mudado alguns objetos superficiais, mas o núcleo ainda era um reflexo da personalidade de Janet Roxbrough. E não havia dúvida quanto ao sangue das Oradoras Peixes naquela linhagem. Que prêmio fora ela para a Irmandade! Que ela tivesse se casado com Loschy Teg e passado a vida ali, isso era o mais estranho. Um fato indigerível até que se soubesse como o programa de procriação da *Bene Gesserit* funcionava através das gerações.

“Elas o fizeram de novo”, pensou Teg. “Mantiveram-me esperando todo esse tempo, na reserva, só para este momento.”

A religião não afirmou deter a patente da criação durante todos estes milênios?

— *Indagação Tleilaxu,*

de O Muad'Dib Fala

O ar de *Tleilax* estava cristalino, tomado por uma quietude causada, em parte, pelo frio da manhã e, em parte, por um sentimento de temerosa antecipação, como se a vida estivesse em compasso de espera na cidade de Bandalong. Vida voraz e frustrada, que não se mexeria até receber seu sinal pessoal. O Mahai, Tylwyth Waff, Mestre dos Mestres, gostava mais dessa hora do que de qualquer outra do dia. A cidade agora era sua, enquanto ele olhava através da janela aberta. Bandalong só

viveria ao seu comando. Isso era o que ele dizia a si mesmo. O medo que podia sentir lá fora era o seu controle sobre qualquer realidade que pudesse brotar daquele reservatório de vida incubada: a civilização *Tleilaxu*, que se havia originado ali e depois espalhara seus poderes para longe.

Seu povo tinha aguardado milênios por essa época, e agora Waff saboreava esse momento. Durante todos os tempos terríveis do Profeta Leto II (não o Imperador Deus, mas o Mensageiro de Deus),

durante toda a era da Fome e da Dispersão, através de cada derrota dolorosa nas mãos de criaturas inferiores, durante todas essas agonias os *Tleilaxu* tinham acumulado sua paciência para esse momento.

“Chegamos ao nosso momento, ó Profeta!”

A cidade que jazia debaixo da janela elevada parecia aos seus olhos como um símbolo, um marco forte na história dos projetos dos *Tleilaxu*. Outros planetas dos *Tleilaxu*, outras grandes cidades, interligadas e interdependentes, todas fiéis ao seu Deus e a essa cidade, aguardavam o sinal que, todos sabiam, logo viria. As forças gêmeas dos Dançarinos Faciais e dos *Masheikh* tinham unido seus poderes em preparação para uma salto cósmico. Os milênios de espera estavam a ponto de terminar.

Waff pensava naquilo como “o longo começo”.

Sim. Assentiu para si mesmo enquanto olhava para a cidade à espera. Desde a sua concepção, desde a mais infinitesimal partícula de idéia, os líderes da Bene Tleilax tinham compreendido os perigos de um plano tão amplo, tão prolongado, tão sutil e tão complexo. Sabiam desde o início que precisavam superar um período de quase desastre e novamente aceitar perdas, submissão e humilhações terríveis. Tudo isso e muito mais fora empregado na construção dessa imagem particular da *Bene Tleilax*.

Através de milênios de fingimento, eles tinham criado um mito.

“Os vis, destestáveis e sujos *Tleilaxu*! Os estúpidos *Tleilaxu*! Os previsíveis *Tleilaxu*! Os impetuosos *Tleilaxu*!”

Mesmo os seguidores do Profeta tinham caído presa desse mito. Uma Oradora Peixe aprisionada colocara-se nessa sala mesmo e gritado para um Mestre *Tleilaxu*:

— O fingimento muito prolongado cria uma realidade! Vocês são verdadeiramente vis!

Por isso eles a mataram e o Profeta não fez coisa alguma.

Quão pouco todos aqueles povos e mundos alienígenas entendiam o domínio dos *Tleilaxu* sobre si mesmos. Impetuosidade? Deixe que eles reconsiderem isso depois que a *Bene Tleilax* tiver demonstrado quantos milênios foi capaz de aguardar por sua ascendência.

— *Spannungsbogen*!

Waff enrolou o antigo termo em sua língua:

“A amplitude do arco!” Até onde você pode curvar o arco antes de liberar a flecha. Essa flecha iria ferir fundo!

— O *Masheikh* esperou mais tempo do que qualquer outro — sussurrou Waff.

Ele se atrevia a pronunciar a palavra para si mesmo no espaço de sua torre: —

Masheikh.

Os telhados abaixo dele cintilavam enquanto o sol se erguia. Podia ouvir o movimento da vida da cidade. O suave amargor dos aromas *Tleilaxu* flutuava no ar até sua janela. Waff inalou profundamente e fechou a janela.

Sentia-se recuperado nesse momento de solitária observação. Afastando-se da janela, envergou o manto branco Khilat de honra, diante do qual todos os Domei estavam condicionados a se curvar. O manto cobria-lhe totalmente o corpo curto, dando-lhe a distinta sensação de ser realmente uma armadura.

“A armadura de Deus!”

— Nós somos o povo do Yaghist — relembrara ele aos seus conselheiros na noite passada. — Tudo mais é fronteira. Nós estimulamos o mito de nossa fraqueza e de nossas práticas

perversas durante todos esses milênios com apenas um único propósito. Até mesmo a *Bene Gesserit* acredita!

Sentados na profunda sagra sem janelas, com o campo de não-câmara ligado, os nove conselheiros tinham sorrido em apoio a suas palavras. No julgamento do ghufran, eles sabiam. O palco em cima do qual os *Tleilaxu* determinavam seu destino sempre fora o *kehl* com seu direito ao ghufran.

Era adequado que até mesmo Waff, o mais poderoso dos *Tleilaxu*, não pudesse deixar o seu mundo e nele ser readmitido sem se submeter ao ghufran, pedindo perdão pelo contato com os inimagináveis pecados dos estrangeiros. Sair para o meio dos *powindah* podia corromper até mesmo o mais poderoso. Os khasadars, que policiavam todas as fronteiras dos *Tleilaxu* e guardavam os selamliks das mulheres, tinham o direito de suspeitar até mesmo de Waff. Ele pertencia ao povo e ao *kehl*, era verdade, mas precisava provar isso a cada vez que deixava a terra pátria e retornava. E, certamente, também a cada vez que entrava no *selamlik* para distribuir seu esperma.

Waff andou até o espelho e inspecionou a si mesmo com seu manto. Sabia que, aos *powindahs*, ele pareceria uma figura de gnomo, com pouco mais de um metro e meio de altura. Olhos, cabelo e pele tinham tonalidades de cinza, acessórios para um rosto oval com uma boca pequena e uma linha de dentes agudos. Um dançarino facial poderia imitar suas feições e sua pose, simulando-o ante uma ordem de um *Masheikh*.

Mas nenhum *Masheikh* ou *khasadar* se confundiria. Somente os *powindahs* seriam tapeados.

“Exceto pela *Bene Gesserit*”.

Esse pensamento trouxe ao seu rosto uma expressão mal-humorada. Bem, as bruxas ainda não tinham encontrado um dos novos Dançarinos Faciais.

“Nenhum outro povo dominou a linguagem dos genes tão bem quanto os *Bene Tleilax*”, tranqüilizou a si mesmo. “Nós temos o direito de chamá-la de 'linguagem de Deus', pois o Próprio Deus nos deu esse grande poder”

Waff caminhou até a porta e esperou pelo sino da manhã. Não havia maneira de descrever a riqueza de emoções que sentia agora. O tempo desdobrava-se diante

dele. Não indagava por que a verdadeira mensagem do Profeta tinha sido ouvida apenas pelos *Bene Tleilax*. Tinha visto a obra de Deus e, nesse aspecto, o Profeta fora o Braço de Deus, devendo ser respeitado como Mensageiro Divino.

“Você os preparou para nós, ó Profeta.”

E o *ghola* em Gammu, esse *ghola* nessa ocasião especifica, valia toda a espera.

O sino da manhã tocou e Waff dirigiu-se ao salão, misturando-se com outras figuras de mantos brancos a caminho da sacada ocidental para saudar o sol da manhã.

Como o *Mahai* e *Abdl* de seu povo, podia agora identificar-se com os *Tleilaxu*.

“Nós somos os legalistas do *Shariat*, os últimos de nosso tipo no universo.”

Em parte alguma fora das câmaras fechadas de seus irmãos-malik poderia ele revelar um pensamento tão secreto, mas sabia que esse pensamento seria compartilhado por todas as mentes agora à sua volta, e o trabalho desse pensamento era visível em *Masheikhs*, Domeis e Dançarinos Faciais. O paradoxo dos laços de parentesco e o senso de identidade social que permeavam o *kehl*, desde os *Masheikh* até o Domel mais inferior, não era um paradoxo para Waff.

“Nós trabalhamos para o mesmo Deus.”

Um Dançarino Facial disfarçado de *Domei* se curvara, abrindo as portas para a sacada. Waff, emergindo para a luz do sol com seus muitos companheiros bem próximos, sorriu ao reconhecer o Dançarino Facial. “Um Domei de fato!” Era uma piada entre parentes, embora os Dançarmos Faciais não fossem de sua espécie. Eles eram criações, ferramentas, do mesmo modo como o *ghola* em Gammu era uma ferramenta, uma ferramenta projetada com a linguagem de Deus falada apenas pelos *Masheikhs*.

Junto com os outros, que se pressionavam à sua volta, Waff fez sua reverência ao sol. Pronunciou o grito do *Abdl* e o ouviu ecoar nas incontáveis vozes estendendo-se até os pontos mais distantes da cidade.

— O sol não é Deus! — gritou ele.

Não, o sol era apenas um símbolo dos infinitos poderes e da misericórdia divina — uma criação, outra ferramenta. Sentindo-se purificado pela passagem através do ghufran na noite anterior, e renovado por esse ritual matinal, Waff podia pensar agora a respeito da viagem que fizera até as terras dos *powindah* e de seu retorno recente, que tornara necessário o ghufran. Outros adoradores abriram caminho para ele, enquanto retornava através dos corredores internos, entrando na passagem deslizante que o levou até o jardim central. Lá pediu aos seus conselheiros que se reunissem a ele.

“Foi uma investida bem-sucedida entre os *powindah*”, pensou.

A cada vez que deixava os mundos internos dos *Bene Tleilax*, Waff sentia-se como se estivesse num *lashkar*, um grupo guerreiro buscando a vingança final que o povo secretamente chamava de Bodal (sempre com maiúscula e sempre a primeira coisa a ser reafirmada no ghufran ou no *kehl*). Esse lashkar mais recente fora curiosamente bem-sucedido.

Waff saiu do deslizador para um jardim totalmente iluminado pela luz do sol, irradiada por refletores prismáticos nos telhados em volta.

Uma pequena fonte tocava sua fuga visual no coração de um circulo de pedras.

Uma cerca baixa feita com paus brancos envolvia um gramado muito bem-aparado.

Tratava-se de um lugar suficientemente próximo da fonte para que o ar fosse úmido, mas não tão próximo que a água caindo perturbasse a conversa em voz baixa. Em torno da área gramada havia 10 bancos estreitos feitos de plástico antigo — nove deles dispostos num semicírculo voltado para o 10? banco, ligeiramente afastado.

Parando na beira do gramado, Waff olhou à sua volta, imaginando por que nunca antes sentira um prazer tão intenso com a visão desse lugar. O azul-escuro dos bancos era intrínseco ao material. Os séculos de uso tinham gasto os bancos, produzindo curvas suaves ao longo dos apoios para os braços e onde incontáveis traseiros se haviam sentado. Ainda assim a cor era tão forte nos lugares gastos quanto nas outras partes.

Waff sentou-se voltado para os nove conselheiros, reunindo as palavras que sabia que devia usar. O documento que tinha trazido de volta em seu último lashkar, que de fato fora a própria razão para essa excursão, não podia ter chegado em ocasião mais adequada. O rótulo e as palavras tinham uma mensagem poderosa para os *Tleilaxu*.

De um bolso interno, Waff removeu uma fina folha de cristal riduliano. Notou o acelerado interesse dos conselheiros: nove rostos muito semelhantes ao dele.

Masheikhs do *kehl* mais interior. Todos refletiam expectativa. Tinham lido este documento em *kehl*: “O Manifesto Atreides”. Tinham passado uma noite inteira refletindo sobre a mensagem do manifesto. Agora as palavras tinham que ser confrontadas. Waff colocou o documento no colo.

— Eu me proponho divulgar amplamente este documento — disse ele.

— Sem mudança?

Era Mirlat, o conselheiro mais próximo da transformação- *ghola* entre todos eles. Mirlat sem dúvida aspirava a atingir o *Abdl* e o *Mahai*. Waff focalizou sua atenção no queixo largo do conselheiro, no ponto onde uma cartilagem crescera ao longo dos séculos como marca visível da grande idade de seu corpo.

— Exatamente como chegou às nossas mãos — disse Waff.

— Isso é perigoso — comentou Mirlat.

Waff virou a cabeça para a direita, seu perfil infantil delineado contra a fonte para que seus conselheiros o observassem. “A mão de Deus esta à minha direita!” O

céu acima dele era de uma cornalina polida, como se Bandalong, a mais antiga entre as metrópoles *Tleilaxu*, tivesse sido construída sob uma daquelas gigantescas coberturas erguidas para proteger os pioneiros nos planetas mais inóspitos. Quando voltou sua atenção para seus conselheiros, as feições de Waff continuavam tranqüilas.

— Não é perigoso para nós — disse ele.

— Uma questão de opinião — retrucou Mirlat.

— Então vamos considerar as opiniões — disse Waff. — Temos necessidade de temer Ix ou as Oradoras Peixes? De fato, não. Eles nos pertencem, embora não saibam disso.

Waff deixou que a afirmação fosse absorvida. Todos sabiam que elementos dos novos Dançarmos Faciais encontravam-se agora infiltrados nos altos conselhos de Ix e das Oradoras Peixes. A troca não fora detectada.

— A Corporação não se colocará contra nós nem se vai opor a nós porque somos sua única fonte segura de melange — acrescentou Waff.

— E quanto a essas Honradas Madres que voltam da Dispersão? — indagou Mirlat.

— Cuidaremos delas quando for preciso — respondeu Waff. — E nisso seremos ajudados pelos descendentes dos de nosso povo que voluntariamente tomaram parte na Dispersão.

— A ocasião de fato parece oportuna — murmurou um dos conselheiros.

Fora Torg, o Jovem, quem falara, observou Waff. Ótimo, ali estava um voto seguro.

— A *Bene Gesserit*! — retrucou Mirlat.

— Creio que as Honradas Madres vão tirar as bruxas do nosso caminho —

disse Waff. — Elas já rosnam umas para as outras como animais num fosso.

— E se o autor do manifesto for identificado? — perguntou Mirlat.

— Que faremos então?

Várias cabeças balançaram afirmativamente entre os conselheiros. Waff marcou as pessoas que deviam ser conquistadas.

— É perigoso ser chamado de Atreides nesta era — disse ele.

— Exceto talvez em Gammu — disse Mirlat. — E o nome Atreides foi assinado naquele documento!

“Que estranho”, pensou Waff. O representante da CHOAM na conferência dos *powindah* que afastara Waff dos planetas interiores

de Tleilax tinha enfatizado esse ponto. Mas a maioria do pessoal da CHOAM era constituída por ateístas secretos que viam como suspeitas todas as religiões. Certamente que os Atreides tinham sido uma potente força religiosa. As preocupações da CHOAM eram quase palpáveis.

Waff relembrou agora essa reação da CHOAM.

— Esse empregado da CHOAM, maldita seja sua alma sem Deus — disse Mirlat. — Mas ele está certo, este documento é insidioso.

“Vamos ter que cuidar de Mirlat”, pensou Waff. Erguendo do colo o manifesto, leu em voz alta a primeira linha:

— “No início havia a palavra, e a palavra era Deus.”

— Diretamente da Bíblia Universal Laranja — lembrou Mirlat.

Uma vez mais as cabeças se moveram em preocupada concordância.

Waff mostrou as pontas dos caninos num breve sorriso.

— Vocês estão sugerindo que há entre os *powindah* quem suspeite da existência

do *Shariat* ou dos *Masheikhs*?

Fazia bem pronunciar essas palavras abertamente, lembrando aos seus ouvintes que somente entre os membros dos círculos mais secretos dos *Tleilaxu* é que as velhas palavras e as antigas linguagens ainda eram preservadas sem alteração. Será que Mirlat ou algum outro temia que as palavras dos Atreides pudessem subverter o *Shariat*?

Waff colocou também essa pergunta e viu as expressões preocupadas.

— Existe entre vocês — perguntou — quem acredite que um único *powindah* sabe como usamos a linguagem de Deus?

“Isso, deixe que eles pensem nisso!” Cada um deles já fora despertado muitas vezes na carne de *ghola*. Havia nesse Conselho uma continuidade carnal que nenhum outro povo tinha conquistado antes. O próprio Mirlat tinha visto de perto o profeta.

Scytale tinha falado com o Muad'Dib! Aprendendo como as memórias podiam ser restauradas e a carne renovada, eles haviam condensado esse poder num único governo cuja potência era confinada de modo a não ser exigida em toda parte.

Somente as bruxas possuíam semelhante reserva de experiências, e ainda assim agiam com temerosa cautela por medo de produzirem outro *Kwisatz Haderach*!

Waff disse essas coisas a seus conselheiros, acrescentando:

— A hora de agirmos chegou.

Como ninguém discordou, ele disse:

— Este manifesto tem um único autor. Todos os analistas concordam. Mirlat?

— Escrito por uma única pessoa, e essa pessoa, sem dúvida alguma, é um Atreides — concordou Mirlat.

— Todos na conferência dos *powindah* afirmaram isso. Mesmo um navegador de terceiro estágio concordou — disse Waff.

Mas essa pessoa produziu algo que excita reações muito violentas entre povos diversos — argumentou Mirlat.

Algum dia já questionamos o talento dos Atreides para a discórdia? —

perguntou Waff. — Quando os *powindah* me mostraram esse documento, eu soube que Deus nos tinha enviado um sinal.

As bruxas ainda negam sua autoria? — perguntou Torg, o Jovem. “Como ele é atento”, pensou Waff.

— Cada religião dos *powindah* é questionada por este manifesto — lembrou Waff. — Cada fé, exceto a nossa, é deixada suspensa no limbo.

— E exatamente esse o problema! — retrucou Mirlat.

— Mas somente nós sabemos disso. Quem mais sabe da existência do *Shariat*?

— perguntou Waff.

— A Corporação — disse Mirlat.

— Eles nunca falaram dele, nem o farão. Sabem qual seria a nossa resposta.

Waff ergueu do colo o maço de papéis e novamente leu em voz alta:

— “Forças que não podemos ver permeiam nosso universo. Vemos apenas as

sombras dessas forças quando projetadas sobre uma tela acessível aos nossos sentidos, mas não as compreendemos.”

— O Atreides que escreveu isso sabe a respeito do *Shariat* — murmurou Mirlat.

Waff continuou lendo como se não tivesse havido interrupção.

— “O entendimento exige palavras, e algumas coisas não podem ser reduzidas a palavras. Há coisas que só podem ser experimentadas num nível não-verbal.”

Como se estivesse lidando com uma relíquia sagrada, Waff repôs o documento no colo. Baixinho, de modo que para ouvi-lo os outros tiveram que se curvar em sua direção, um deles levando a mão ao ouvido, Waff disse:

— Isso diz que nosso universo é mágico. Diz que todas as formas arbitrárias são transitórias e sujeitas a alterações mágicas. A ciência conduziu-nos a essa interpretação como se nos colocasse num caminho do qual não nos podemos desviar.

Por um momento ele aguardou que essas palavras fizessem efeito e então acrescentou:

Nenhum sacerdote rakiano do Deus Dividido nem outro charlatão qualquer entre os *powindah* pode aceitar isso. Somente nós sabemos por que nosso Deus é um Deus mágico cuja linguagem falamos.

Seremos acusados da autoria — disse Mirlat. Sacudindo a cabeça de um lado para o outro, acrescentou: — Não! Agora percebo. Percebo o que quer dizer.

Waff manteve o silêncio. Podia ver que todos eles estavam refletindo sobre suas origens Sufi, relembrando a Grande Crença e o ecumenismo Zensunni que gerara a *Bene Tleilax*. As pessoas de seu *kehl* conheciam os fatos divinamente revelados em suas origens, mas gerações de sigilo asseguravam que nenhum *powindah* compartilhasse desse segredo.

As palavras fluíram silenciosamente na mente de Waff: “Pressuposições baseadas na compreensão contêm a crença num absoluto do qual todas as coisas brotam como plantas crescendo de suas sementes.”

Sabendo que seus conselheiros também teriam lembrado esse ensinamento da Grande Crença, Waff lembrou-lhes a advertência Zensunni.

— Debaixo de tais raciocínios está a fé nas palavras que os *powindah* não questionam. Somente o *Shariat* questiona e nós ficamos calados.

Seus conselheiros assentiram com as cabeças em uníssono.

Waff inclinou ligeiramente a cabeça e continuou:

— O ato de dizer que existem coisas que não podem ser descritas por palavras abala um universo onde as palavras são a crença suprema.

— Veneno *powindah*! — gritaram seus conselheiros.

Ele os tinha a todos agora, e assegurou sua vitória perguntando:

— Qual é o credo Sufi-Zensunni?

Eles não podiam falar, mas todos refletiam: “Para conquistar o s'tori, nenhum conhecimento é necessário. O s'tori existe sem palavras, sem sequer um nome”

Num momento, todos se voltaram para cima e trocaram olhares significativos.

Mirlat resolveu recitar o voto *Tleilaxu*:

— “Eu posso dizer Deus, mas este não é o meu Deus. É apenas um som, não mais potente que qualquer outro som”

— Percebo agora — disse Waff — que todos vocês sentem o poder que caiu em nossas mãos através deste documento. Milhões de milhões de cópias já estão circulando entre os *powindah*.

— E quem se importa com isso? — indagou Mirlat.

— Quem se importa? — retrucou Waff. — Deixem os *powindah* correr atrás deles, procurar sua origem, tentar suprimi-los, falar

contra eles. Com cada uma dessas ações, os *powindah* injetarão mais poder nessas palavras.

— Não nos devemos pronunciar também contra esse documento? —

perguntou Mirlat.

— Somente se a ocasião exigir — respondeu Waff. — Prestem atenção! —

Ele bateu com os papéis sobre os joelhos. — Os *powindah* restringiram sua consciência ao propósito mais mesquinho, e essa é sua fraqueza. Devemos garantir que esse manifesto tenha a maior circulação possível.

— A magia de nosso Deus é apenas uma ponte — entoaram os conselheiros.

Todos eles, observou Waff, refugiavam-se na segurança central de sua fé. Fora fácil de controlá-los. Nenhum *Masheikh* compartilhava da estupidez do *powindah* que gemia: “Em tua infinita graça, Oh Deus, por que eu?” Em uma única frase o *powindah* invocava o infinito e o negava, nunca percebendo sua própria tolice.

— Scytale — chamou Waff.

O mais jovem dos conselheiros, com cara de bebê, sentado mais à esquerda, como era adequado, inclinou-se para a frente avidamente.

— Arme os fiéis disse Waff.

— Admira-me que um Atreides nos tenha fornecido essa arma — comentou Mirlat. — Como é possível que os Atreides sempre se agarrem a um ideal que capta a admiração dos bilhões que irão segui-los?

— Não são os Atreides, é Deus — disse Waff. Ele ergueu os braços e citou as palavras que encerravam o ritual: — Os *Masheikh* encontraram-se no *kehl* e sentiram a presença do seu Deus.

Waff fechou os olhos e esperou que os outros saíssem. "*Masheikh*!" Como era bom reunir-se num *kehl*, falando a linguagem do Islamiyat, que nenhum *Tleilaxu* falaria fora de seus conselhos secretos, nem mesmo quando se dirigiam aos Dançarmos Faciais. Em parte alguma do Wekht de Jandola, nem mesmo nas extensões mais distantes do Yaghist *Tleilaxu*, haveria um *powindah* vivo que conhecesse esse segredo.

"*Yaghist*", pensou Waff, levantando-se do banco. "*Yaghist*, a terra dos que não se deixam governar."

Achou que podia sentir o documento vibrando em sua mão. Esse Manifesto Atreides era o tipo de coisa que as massas de powindah seguiriam até sua ruína.

Em alguns dias é a melange; em outros é sujeira.

— Aforismo de Rakis

Em seu terceiro ano com os sacerdotes de Rakis, a garota Sheeana deitou-se no topo de uma duna alta e curva. Sob a luz do sol da manhã, fitou o horizonte, onde se podia ouvir o rumor de algo se arrastando. A luz era de uma cor prateada, fantasmagórica, que gelava a névoa do horizonte. Ainda se podia sentir na areia o frio da noite.

Ela sabia que os sacerdotes a observavam da segurança de sua torre cercada de água, uns dois quilômetros além, mas isso quase não a preocupava. O tremor da areia debaixo de seu corpo exigia toda a sua atenção.

"Este é grande", pensou. "Setenta metros no mínimo. Um lindo grandão."

O traje-destilador cinzento parecia-lhe lustroso e escorregadio em sua pele.

Não tinha nenhum dos remendos irritantes do velho traje que usara antes que os sacerdotes passassem a cuidar dela. Sentia-se grata a eles pelo excelente traje-destilador e pelo espesso manto roxo e branco que o cobria. Mas, acima de tudo, sentia a excitação de estar ali. Uma coisa rica e perigosa tomava conta dela em momentos como este.

Os sacerdotes não sabiam o que estava acontecendo ali. Ela tinha certeza disso. Eles eram covardes. Olhou por sobre o ombro para a torre distante e viu a luz do sol refletir-se nas lentes.

Uma criança precoce de 11 anos, esguia, pele escura, cabelo castanho riscado de dourado, ela podia visualizar claramente o que os sacerdotes estariam vendo através de suas lentes de observação.

“Eles me vêem fazer aquilo que não se atrevem a fazer. Eles me vêem na trilha de *Shaitan*. Eu pareço muito pequena na areia e *Shaitan* parece muito grande. Eles já podem vê-lo.”

Pelo som da fricção na areia, ela sabia que logo veria também o gigantesco verme. Sheeana não pensava no monstro se aproximando como o *Shai-hulud*, o Deus das areias, algo que os sacerdotes cantavam todas as manhãs em homenagem as pérolas de consciência de Leto II que jaziam aprisionadas em cada um dos senhores do deserto. Pensava nos vermes, geralmente, como “aqueles que me pouparam” ou como *Shaitan*.

Eles agora lhe pertenciam.

Era um relacionamento que começara há pouco mais de três anos, durante o mês de seu oitavo aniversário, o Mês de Igat pelo velho calendário. O vilarejo era bem

pobre, uma aventura de pioneiros, construída bem além das barreiras mais seguras, como os qanats e os canais anelares de Keen. Somente um fosso de areia molhada defendia esses empreendimentos pioneiros. *Shaitan* evitava a água, mas seus vetores formados pelas trutas da areia logo retiravam toda a umidade. Uma umidade preciosa, capturada nas armadilhas de vento, tinha que ser gasta a cada dia para renovar essa barreira. Sua vila era um miserável aglomerado de tendas e barracas com duas pequenas armadilhas de vento, adequadas para fornecer água para o consumo humano, mas com apenas um acréscimo esporádico que poderia ser usado na barreira contra os vermes.

Naquela manhã — muito parecida com esta manhã, o frio da noite cortando-lhe o nariz e os pulmões, o horizonte coberto por uma névoa fantasmagórica —, a maioria das crianças da vila tinha se afastado para o deserto, buscando os restos de melange que *Shaitan* às vezes deixava em sua passagem. Dois dos grandes tinham sido ouvidos por perto na noite passada, e a melange, mesmo aos preços atuais, desinflacionados, podia comprar os tijolos vitrificados que ergueriam uma terceira armadilha de vento.

As crianças não procuravam apenas a melange, mas também os sinais que revelariam uma das velhas fortalezas dos Fremen, os *sietch*. Havia apenas vestígios de tais lugares agora, mas as barreiras de rocha forneciam maior segurança contra o *Shaitan*. E alguns restos de *sietch* podiam conter depósitos esquecidos de melange.

Cada vilarejo sonhava com tal descoberta.

Sheeana, usando seu traje-destilador remendado e um manto fino, saíra sozinha na direção nordeste, rumo ao distante monte de ar fumacento que revelava a direção da grande cidade de Keen, com sua riqueza de umidade sendo erguida pelas brisas aquecidas pelo sol.

Caçar restos de melange nas areias era principalmente uma questão de focalizar a atenção nas narinas. Era uma forma de

concentração que deixava apenas um vestígio de consciência, atenta à fricção na areia que denunciaria a aproximação de *Shaitan*. Os músculos da perna moviam-se automaticamente no modo de caminhar não-rítmico que se fundia aos sons naturais do deserto.

A princípio Sheeana não ouviu os gritos. Aquilo misturava-se com o som da areia soprada pelo vento, friccionando-se nas dunas barracan que ocultavam de seus olhos o vilarejo. lentamente o som penetrou em sua consciência até lhe exigir a atenção.

“Muitas vozes gritando!”

Sheeana esqueceu a precaução dos passos ao acaso. Andando tão depressa quanto lhe permitia sua musculatura infantil, ela subiu pela face escorregadia da barracan e olhou em direção ao som aterrorizante. Teve tempo de ver aquilo que terminou com os últimos gritos.

O vento e as trutas da areia tinham ressecado um amplo arco da barreira no outro lado da vila. Ela podia ver a abertura pela diferença de cor. Um verme selvagem

tinha penetrado pela abertura. Ele circulava agora dentro do espaço fechado pela umidade restante, sua boca gigantesca iluminada pelas chamas interiores, engolindo gente e cabanas num circulo que rapidamente se fechava.

Sheeana viu os últimos sobreviventes aglomerados no centro dessa destruição, um espaço já livre das rudes cabanas e cheio dos restos das armadilhas de vento.

Enquanto ela observava, algumas pessoas tentavam fugir para o deserto. Sheeana reconheceu seu pai entre os corredores frenéticos. Nenhum escapou. A grande boca tragou a todos antes de se voltar para nivelar o resto do vilarejo.

Areia fumegante foi tudo que restou da frágil vila que se atrevera a reclamar uma fagulha dos domínios de *Shaitan*. O lugar onde se

erguera o vilarejo não tinha mais qualquer marca da passagem de seres humanos.

Sheeana respirou fundo, inalando através do nariz para preservar a umidade de seu corpo, como faria qualquer boa filha do deserto. Esquadrinhou o horizonte em busca de um indicio das outra crianças, mas o rastro de *Shaitan* revolvera o terreno, deixando grandes curvas por todo o outro lado do vilarejo. Nem um único humano permanecia em seu campo de visão. Ela deu um grito agudo que seria ouvido muito longe através do ar seco. Não houve resposta.

“Sozinha”

Caminhou, como se estivesse em transe, ao longo da crista da duna, em direção ao lugar onde estivera o vilarejo. Enquanto se aproximava do lugar, uma grande onda de cheiro de canela penetrou em suas narinas, transportada pelo vento que ainda soprava o topo das dunas. Sheeana percebeu então o que tinha acontecido.

Desastrosamente, o vilarejo se erguera no topo de uma erupção de pré-especiaria.

Enquanto o grande tesouro, bem debaixo da areia, amadurecia, expandindo-se numa explosão de melange, *Shaitan* viera. Toda criança sabia que *Shaitan* não resistiria a um estouro de especiaria.

O ódio e o desespero começaram a tomar conta de Sheeana. Agindo loucamente, ela correu duna abaixo, em direção a *Shaitan*, aproximando-se do verme por trás, enquanto ele se virava para voltar pelo trecho de areia seca por onde penetrara no vilarejo. Sem pensar, ela correu ao lado da cauda, pulou nela e subiu ao longo do grande dorso formado por anéis sucessivos. No calombo, atrás da boca, agachou-se e bateu com os punhos contra a superfície dura.

O verme parou.

O ódio subitamente convertido em terror, Sheeana parou de golpear a criatura.

Só então percebeu que estivera gritando. Um terrível sentimento de estar exposta e solitária tomou conta dela. Não sabia como fora parar ali em cima. Sabia apenas onde estava, e isso a dominou com a agonia de um pavor imenso.

O verme continuava imóvel na areia.

Sheeana não sabia o que fazer. A qualquer momento a criatura poderia rolar e esmagá-la. Ou poderia mergulhar, deixando-a na superfície para ser engolida facilmente.

De repente, um tremor propagou-se ao longo do verme, da cauda até o ponto onde Sheeana se encontrava, logo atrás da boca. A criatura começou a avançar em linha reta, depois fez uma curva ampla e ganhou velocidade rumando para nordeste.

Sheeana inclinou-se para a frente e agarrou a beirada dianteira de um dos anéis do verme. Temia que a qualquer momento ele pudesse mergulhar na areia. Que faria então? Mas *Shaitan* não se enterrou. E enquanto os minutos passavam sem que houvesse qualquer mudança no curso retilíneo ou na rápida passagem da criatura através das dunas, Sheeana encontrou sua mente funcionando uma vez mais. Sabia o que estava fazendo. Os sacerdotes do Deus Dividido proibiam que os vermes fossem cavalgados, mas as histórias, tanto a escrita quanto a oral, afirmavam que os Fremen tinham feito coisa semelhante nos tempos antigos. Os Fremen colocavam-se então no alto das costas de *Shaitan*, seguros por varas delgadas com ganchos nas extremidades.

Os sacerdotes diziam que isso fora feito antes que Leto II compartilhasse de sua consciência com o Deus do deserto. Agora, não se permitiria coisa alguma que pudesse aviltar os fragmentos dispersos de Leto II.

Com uma velocidade que a deixou atônita, o verme a transportou em direção à forma enevoada de Keen. A grande cidade aparecia como miragem no horizonte distorcido. O fino manto de Sheeana chicoteava na fina espessura de seu traje-destilador remendado. Seus dedos doíam no ponto onde ela se agarrava a borda dianteira do grande anel. O cheiro de canela, pedra queimada e ozônio produzido pela troca de calor do verme a atingia a cada mudança de vento A cidade de Keen começou a se tornar mais definida à frente dela. “Os sacerdotes vão me ver e ficarão furiosos”, pensou.

Já podia identificar as estruturas baixas, feitas de tijolos, que marcavam a primeira linha de qanats e, além delas, a superfície curva dos aquedutos. Acima dessas estruturas erguiam-se os patamares sucessivos de jardins suspensos e os perfis elevados das enormes armadilhas de vento. Depois, o complexo do templo com suas próprias barreiras.

Um dia de marcha através da areia reduzido a pouco mais de uma hora!

Seus pais e os vizinhos do vilarejo tinham feito essa jornada muitas vezes para comerciar e comparecer às danças, mas Sheeana os acompanhara somente duas vezes.

Lembrava-se das danças e da violência que geralmente se seguia. O tamanho de Keen a enchia de espanto. Tantos prédios! Tanta gente! *Shaitan* não poderia causar danos a um lugar assim.

Mas o verme continuava avançando como se fosse passar por cima do qanat e do aqueduto. Sheeana olhava para a cidade, erguendo-se cada vez mais diante dela. O

fascínio que sentia dominou-lhe o terror. *Shaitan* não ia parar!

Mas o verme parou.

As aberturas tubulares de ventilação do qanat encontravam-se a não mais que 50 metros diante da imensa boca aberta. Ela sentiu o

cheiro do hálito quente de canela e ouviu o rumor surdo no interior da fornalha de *Shaitan*.

Tornou-se evidente, afinal, que sua jornada tinha terminado. Lentamente, Sheeana soltou a borda do anel. Ficou de pé esperando que a qualquer momento o verme recomeçasse o seu movimento. *Shaitan* permaneceu quieto. Movendo-se com cautela, ela saiu de seu posto e pulou na areia. Parou ali por momento. Será que ele ia se mover? Um vago desejo de correr para o qanat passou por sua cabeça, mas o verme a fascinava. Tropeçando e escorregando na areia revolta, Sheeana caminhou até a parte dianteira do verme. Dentro da moldura circular de dentes de cristal, chamas avançavam e recuavam. Um sopro quente de odores de especiaria passou sobre ela.

A loucura da primeira corrida, descendo a duna até o verme, voltou à sua memória.

— Maldito seja *Shaitan*! — gritou ela, sacudindo um punho em direção àquela boca assombrosa. — Que foi que algum dia lhe fizemos de mal?

Eram palavras que ela tinha ouvido sua mãe dizer ante a destruição de uma horta de trufa. Nenhuma parte de sua consciência jamais questionou aquele nome, *Shaitan*, nem a fúria de sua mãe. Ela viera da gente mais pobre, da classe inferior de Rakis, e sabia muito bem disso. Sua gente acreditava primeiro em *Shaitan* e depois no *Shai-hulud*. Vermes eram vermes e freqüentemente coisa ainda pior. Não havia justiça no deserto. Somente o perigo rondava por lá. A pobreza e o temor aos sacerdotes podiam empurrar sua gente para perigosas dunas, mas eles se moviam com a mesma persistência irada que impulsionara os Fremen.

Dessa vez, entretanto, *Shaitan* tinha vencido.

Finalmente chegou à consciência de Sheeana afato de que se encontrava bem no meio da trilha mortal. Seus pensamentos, ainda não inteiramente formados, reconheceram que tinha feito uma coisa

maluca. Muito tempo depois, quando os ensinamentos da Irmandade já lhe moldavam a consciência, ela percebia ter sido dominada pelo horror à solidão. Quisera que *Shaitan* a levasse para a companhia de seus mortos.

Um som rapante partiu de debaixo do verme.

Sheeana sufocou um grito.

Lentamente a princípio, depois cada vez mais rápido, o verme recuou vários metros, virou-se e ganhou velocidade ao lado da trilha que escavara ao sair do deserto.

O ruído de sua passagem diminuiu na distância e Sheeana se tornou consciente de outro som. Ergueu os olhos para o céu. O tuoc-tuoc de um ornitóptero dos sacerdotes passou sobre ela, roçando-a com sua sombra. A aeronave brilhava ao sol da manhã enquanto seguia o verme para o deserto.

Sheeana sentiu então um medo mais familiar.

“Os sacerdotes!”

Manteve os olhos no tóptero, que pairou ao longe e depois retornou para pousar suavemente sobre um trecho de areia aplainado pelo ver-me. Sheeana podia sentir o odor de lubrificantes e a doentia acridez de combustível do tóptero. A coisa era como um gigantesco inseto aninhado na areia, esperando para saltar sobre ela.

Uma comporta se abriu.

Sheeana encolheu os ombros e se manteve no mesmo lugar. Muito bem, eles a tinham apanhado e ela sabia o que esperar agora. Não ganharia nada fugindo.

Somente os sacerdotes usavam tópteros, eles podiam ir a qualquer lugar e ver tudo.

Dois sacerdotes envoltos em ricos mantos, vestes de cor branca e dourada com bainhas roxas, saíram correndo pela areia em sua direção. Ambos ajoelharam-se diante de Sheeana, tão perto que ela podia sentir o odor da transpiração de ambos e o incenso de melange que permeava suas roupas. Eles eram jovens, mas muito semelhantes a todos os sacerdotes de que podia lembrar-se: feições suaves, mãos desprovidas de calos, descuidados quanto à perda de umidade. Nenhum deles usava um traje-destilador por baixo daqueles mantos.

O que estava à esquerda, os olhos no mesmo nível dos de Sheeana, falou.

— Filha do *Shai-hulud*, nós vimos seu Pai trazê-la de suas terras. As palavras não faziam sentido para Sheeana. Sacerdotes eram homens que deviam ser temidos.

Seus pais e todos os adultos a quem conhecera lhe haviam transmitido essa idéia com palavras e ações. Os sacerdotes possuíam ornitópteros. Os sacerdotes jogavam você para *Shaitan* pela menor infração, ou as vezes sem qualquer motivo, apenas por capricho. Sua gente conhecia muitos casos.

Sheeana recuou ante os homens que se ajoelhavam e olhou à sua volta. Para onde poderia correr?

Aquele que tinha falado ergueu uma mão suplicante.

— Fique conosco.

— Vocês são maus.

A voz de Sheeana estava cheia de emoção.

Ambos os sacerdotes prostraram-se na areia.

Bem longe, nas torres da cidade, a luz do sol brilhou em lentes. Sheeana viu o reflexo. Conhecia bem esse tipo de brilho. Nas

cidades, os sacerdotes sempre observavam as pessoas. Quando se via o reflexo das lentes, era hora de ser inconspícuo, de ser “bonzinho”.

Sheeana bateu com as mãos diante de si para que parassem de tremer. Olhou para a esquerda e para a direita, depois para os dois sacerdotes prostrados. Alguma coisa estava errada.

Com as cabeças na areia, os dois sacerdotes tremiam de medo e esperavam.

Nenhum dos dois falava.

Sheeana não sabia como responder. O impacto de suas experiências recentes não podia ser absorvido pela mente de uma criança de oito anos. Ela só sabia que seus pais e todos os seus vizinhos tinham sido engolidos pôr *Shaitan*. Seus próprios olhos tinham testemunhado isso. E *Shaitan* a trouxera para cá, recusando-se a lançá-la em seus terríveis fogos. Fora poupada.

Essa era uma palavra que podia entender. “Poupada”. Fora-lhe explicado quando ela aprendera a dançar ao som daquela canção.

“Poupe-nos *Shai-hulud*!

Lave *Shaitan* para longe...”

Lentamente, não querendo perturbar os dois sacerdotes prostrados, Sheeana começou os movimentos não-rítimicos da dança. À medida que a música era lembrada com mais força, abriu os braços e começou a erguer os pés em movimentos imponentes. Seu corpo girou, lentamente a princípio, depois cada vez mais rápido, na medida em que o êxtase da música aumentava. Seu longo cabelo castanho chicoteava em torno de seu rosto.

Os dois sacerdotes atreveram-se a erguer as cabeças. A estranha criança estava dançando. A Dança! Ambos reconheceram os movimentos:

A Dança da Conciliação. Ela pedia ao *Shai-hulud* que perdoasse o seu povo.

Pedia a Deus para perdoá-los!

Eles voltaram as cabeças a fim de olhar um para o outro e juntos começaram a oscilar sobre os joelhos. Depois bateram palmas no antigo ritmo para distrair a dançarina. As mãos batiam ritmicamente e eles cantavam os antigos versos:

“Nossos pais bebiam o maná do deserto, Nos lugares flamejantes de onde vinham os redemoinhos.”

Os sacerdotes excluíram tudo de sua percepção, exceto a criança. Era uma criatura esguia, percebiam eles, com pernas e braços finos e musculatura elástica. O

manto e o traje-destilador estavam gastos e remendados, como os usados pela gente mais pobre. As maçãs do rosto eram proeminentes, lançando sombras sobre a pele cor de oliva. Olhos castanhos, notaram. Fios de sol avermelhado escorrendo pelos cabelos. Havia em sua compleição a magreza daqueles que poupavam a água — nariz e queixo finos, testa larga, boca ampla e fina, pescoço longo. Ela se parecia com os retratos feitos pelos Fremen dos mais sagrado entre os sagrados em Dar-es-Balat. É

claro! A filha do *Shai-hulud* devia ter esse aspecto.

Ela dançava bem. Não havia um ritmo facilmente copiável em seus movimentos. Havia ritmo, sim, mas uma cadência admiravelmente longa, pelo menos com 100 passos de separação. Ela a manteve enquanto o sol se erguia cada vez mais alto. Era quase meio-dia quando a menina caiu exausta na areia.

Os sacerdotes levantaram-se, olhando para o deserto de onde viera o *Shai-hulud*. Os pés batendo no chão ao som da dança não o tinham invocado a voltar. Eles estavam perdoados.

E assim a nova vida de Sheeana começou.

Falando alto em seus alojamentos, durante muitos dias, os sacerdotes mais graduados discutiram a respeito dela. Por fim levaram seus relatórios e pontos de vista para o Alto Sacerdote Hedley Tuek. O encontro aconteceu no meio da tarde, dentro do Salão de Pequenas Assembléias, Tuek e seis sacerdotes conselheiros estavam lá.

Murais representavam Leto II, um rosto humano numa grande forma de verme a olhar para eles com benevolência.

Tuek sentou-se num banco de pedra que fora encontrado no *Sietch* do Passo

dos Ventos. Uma das pernas ainda trazia esculpida a marca de um falcão Atreides.

Seus conselheiros ocupavam bancos mais modernos, voltados para ele.

O Alto Sacerdote era uma figura imponente, com cabelos grisalhos muito bem penteados que chegavam até os ombros, moldura adequada para o rosto quadrado com boca larga e espessa, e queixo grosso. Os olhos de Tuek retinham o branco original, cercando pupilas azuis-escuras. Sobrancelhas espessas e emaranhadas, de cor castanho acizentado, sombreavam-lhe os olhos.

Os conselheiros formavam um grupo variado. Descendentes de antigas famílias de sacerdotes, cada qual tinha no coração a crença de que tudo sairia melhor se ele estivesse sentado no banco de Tuek.

O magro Stiros, de rosto enrugado, colocou-se como porta-voz da oposição:

— Ela não passa de uma órfã do deserto. Cavalgou o *Shai-hulud*. Isso é proibido e a punição, obrigatória!

Outros falaram imediatamente.

— Não! Não, Stiros. Você não entendeu! Ela não montou nas costas do *Shai-hulud* como faziam os Fremen. Ela não tinha ganchos produtor nem...

Stiros tentou calá-los.

Era um empate, percebeu Tuek: três a três, com Umphrud, um gordo hedonista, como advogado da “cautelosa aceitação”.

— Ela não tinha meios de guiar o curso do *Shai-hulud* — argumentou Umphrud. — E todos nós vimos como ela desceu para a areia sem medo e falou com ele.

Sim, todos tinham visto isso, ou na ocasião em que ocorrera ou na holofoto que um observador atento tivera o cuidado de tirar. Órfã do deserto ou não, ela havia confrontado o *Shai-hulud* e conversado com Ele. E o *Shai-hulud* não a engolfara. Não, realmente. O Verme-de-Deus tinha recuado ao comando da criança e retornado para o deserto.

— Nós vamos testá-la — disse Tuek.

No início da manhã seguinte, um ornitóptero pilotado pelos dois sacerdotes que a tinham trazido do deserto levou Sheeana para bem longe, fora do alcance das vistas da população de Keen. Os sacerdotes deixaram-na no topo de uma duna e plantaram sobre a areia a cópia meticulosa de um batedor Fremen. Quando o pino de segurança do batedor foi retirado, uma batida forte reverberou através do deserto —

o ancestral chamado do *Shai-hulud*. Os sacerdotes fugiram para o ornitóptero e esperaram bem no alto, enquanto uma aterrorizada

Sheeana, seus piores temores concretizando-se, esperou sozinha a uns 20 metros de distância do engenho percussor.

Dois vermes vieram. Não eram os maiores que os sacerdotes já tinham visto, cada qual com não mais que 30 metros de comprimento. Um deles engoliu o batedor e o silenciou. Juntos eles circularam em trilhas paralelas e pararam lado a lado, a não mais de seis metros de Sheeana.

Ela esperava submissa, os punhos fechados na extremidade dos braços unidos ao lado do corpo. Era isso que os sacerdotes faziam: jogavam as pessoas como comida para *Shaitan*.

Em seu tóptero, pairando no ar, os dois sacerdotes observavam fascinados.

Suas lentes transmitiam a cena até os observadores, igualmente fascinados, nos alojamentos do Alto Sacerdote, em Keen. Todos eles já tinham visto algo similar anteriormente. Era uma punição-padrão, um modo conveniente de eliminar oposicionistas em meio à população ou entre os sacerdotes, ou de abrir caminho para a aquisição de uma nova concubina. Mas nunca antes eles tinham visto uma criança solitária como vitima. E uma criança como aquela!

Os Vermes de Deus arrastaram-se lentamente para a frente depois de sua primeira parada. E mais uma vez ficaram imóveis a apenas três metros de Sheeana.

Resignada ante seu destino, ela não correu. Logo, pensou, estaria junto com seus pais e amigos. E, enquanto os vermes permaneciam imóveis, a raiva substituiu seu terror. Os sacerdotes perversos a tinham deixado ali! Podia ouvir o tóptero deles lá em cima. O quente perfume da especiaria vindo dos vermes preenchia o ar à sua volta. De súbito, ela ergueu a mão direita e apontou para o tóptero.

— Andem! Me devorem! E isso que eles querem!

Os sacerdotes lá em cima não podiam ouvir suas palavras, mas seu gesto era visível e eles podiam perceber que a menina falava com os dois Vermes de Deus, o dedo apontado para eles não devia significar boa coisa.

Os vermes não se mexiam.

Sheeana abaixou a mão.

— Vocês mataram minha mãe, meu pai e todos os meus amigos! — acusou ela, dando um passo à frente e sacudindo o punho para eles.

Os vermes recuaram, mantendo a distância.

— Se não me querem, voltem para o lugar de onde vieram!

Ela gesticulou para o deserto.

Obedientemente, as duas criaturas recuaram, virando-se num movimento único.

Os dois sacerdotes no tóptero rastrearam os dois vermes até que eles mergulharam na areia, a mais de um quilômetro de distância. Só então voltaram, cheios de medo e ansiedade. Apanharam das areias a filha do *Shai-hulud* e a levaram de volta para Keen.

A embaixada da *Bene Gesserit* em Keen já recebera um relatório completo ao cair da noite. E a noticia já estava a caminho do planeta da Irmandade na manhã seguinte.

Tinha acontecido, afinal!

O problema com determinadas espécies de guerra (e podem estar certos de que o Tirano sabia disso devido à sua lição implícita) é que elas destrõem toda a decência moral em certos tipos suscetíveis.

Uma guerra dessa modalidade lançará os sobreviventes destroçados no meio de uma população inocente que será incapaz sequer de imaginar o que esses soldados, voltando da guerra, poderão fazer.

— Ensinamentos do Caminho Dourado, Arquivos da Bene Gesserit

Uma das memórias mais recuadas no tempo que Miles Teg possuía era a de estar sentado para jantar com seus pais e um irmão mais jovem, Sabine. Teg tinha apenas sete anos na ocasião, mas os acontecimentos ficaram marcados indelevelmente em sua memória: a sala de jantar em Lernaeus, colorida com flores recentemente cortadas, a luz baixa de um sol amarelo no horizonte sendo difundida por antigas venezianas. Louça azul brilhante e pratarias adornavam a mesa. Servas acólitas, atentas, esperavam por perto, pois sua mãe podia ser permanentemente afastada, em missão especial para a Irmandade, mas sua função como professora *Bene Gesserit* não devia ser desperdiçada.

Janet Roxbrough-Teg, mulher que parecia ideal para o papel de grande dama, olhou de uma extremidade a outra da mesa, observando os preparativos para o jantar e verificando a disposição dos talheres. Loschy Teg, pai de Miles, sempre observava tudo com um ligeiro ar de divertimento. Era um homem alto e magro, com testa ampla e rosto tão estreito que seus olhos escuros pareciam projetar-se lateralmente. O

cabelo preto era um contraponto perfeito para o louro da esposa.

Acima dos sons abafados do jantar e do rico perfume da sopa de especiaria, a mãe instruía o pai quanto à maneira de enfrentar um inoportuno Comerciante Livre.

Ao mencionar a palavra "*Tleilaxu*", ela captou toda a atenção de Miles. Sua educação havia recentemente abordado os *Bene Tleilax*.

Mesmo Sabine, que sucumbiria muitos anos depois a um envenenador em Romo, ouvia com toda a atenção que sua idade de quatro anos podia permitir. Sabine adorava o irmão como a um

herói. Qualquer coisa que captasse a atenção de Miles seria de interesse para Sabine. Os dois meninos ouviam em silêncio.

— O homem é testa-de-ferro dos *Tleilaxu* — dizia Lady Janet. — Posso notar isso em sua voz.

— Eu não duvido de sua capacidade de perceber essas coisas, querida — disse Loschy Teg. — Mas que devo fazer? Ele tem os créditos adequados e deseja comprar o...

— O pedido de arroz não tem muita importância por enquanto. Mas nunca presuma que aquilo que um Dançarino Facial parece buscar é o que ele realmente quer.

— Tenho certeza de que ele não é um Dançarino Facial. Ele...

— Loschy! Sei que você aprendeu muito bem o que lhe ensinei e pode detectar um Dançarino Facial. Concordo em que o Comerciante Livre não é um deles.

Os Dançarmos Faciais ficaram em sua nave. Sabem que estou aqui.

— E sabem que não poderiam enganá-la. Sim, mas...

— A estratégia dos *Tleilaxu* é sempre uma teia de estratégias, qualquer uma das quais pode ser a verdadeira. Eles aprenderam isso conosco.

— Minha querida, se estamos lidando com os *Tleilaxu*, e neste ponto eu não questiono o seu julgamento, então passamos a tratar de uma questão de melange.

Lady Janet assentiu levemente com a cabeça De tato, até mesmo Miles já sabia da ligação dos *Tleilaxu* com a especiaria. Era uma das coisas que o fascinavam a respeito deles. Para cada miligrama de melange produzido em Rakis, os tanques dos Bene Tlailax produziam toneladas. O uso da melange ampliara-se de acordo com

o novo suprimento, e mesmo a Corporação Espacial se ajoelhava ante os novos poderosos.

— Mas o arroz... — arriscou Loschy Teg.

— Meu querido marido, os *Bene Tleilax* não têm utilidade para tanto arroz pongi em nosso setor. Eles o querem para comerciar. E nós precisamos descobrir quem realmente precisa do arroz.

— Você quer que eu atrase a venda?

— Precisamente. Você é soberbo no tipo de sagacidade de que necessitamos agora. Não dê àquele Comerciante Livre a chance de dizer sim ou não. Uma pessoa treinada pelos Dançarmos Faciais apreciará tal sutileza.

— Nós atrairemos os Dançarmos Faciais para fora da nave enquanto você inicia as investigações em outro lugar.

Lady Janet sorriu.

— Você é adorável quando salta na minha frente desse modo.

Um olhar de compreensão passou entre os dois.

— Ele não conseguirá outro fornecedor neste setor — comentou Loschy Teg.

— E evitará uma confrontação, uma escolha do tipo insista ou desista — disse Lady Janet batendo na mesa. — Atrasos, atrasos e mais atrasos. Você deve atrair os Dançarmos Faciais para fora da nave.

— Eles vão perceber, é claro.

— Sim, meu querido, e isso é perigoso. Você deve sempre confrontá-los em nosso próprio campo e com nossos guardas em volta.

Miles Teg lembrava que seu pai de fato conseguira atrair os Dançarinos Faciais para fora da nave. A mãe levara Miles para junto da tela de observação, pela qual puderam observar a sala de paredes revestidas de cobre onde seu pai fez o negócio que lhe granjeou os mais altos elogios da CHOAM, além de um rico bônus.

Os primeiros Dançarmos Faciais que Miles já vira: dois homenzinhos que pareciam gêmeos. Rostos redondos, quase sem queixo, narizes chatos, bocas pequeninas, olhos negros e redondos como botões, cabelos brancos, cortados curtos, que se erguiam em pé na cabeça como as cerdas de uma escova. Os dois estavam vestidos da mesma maneira que o Comerciante Livre: calças e túnicas negras.

— Ilusão, Miles — disse-lhe a mãe. — A ilusão é o modo de vida deles. Criar ilusões para conquistar objetivos reais, é assim que trabalham os *Tleilaxu*.

— Como o mágico no Festival de Inverno? — indagou Miles, o olhar atento à tela de visão e sua imagem em miniatura.

— Bem parecido — concordou a mãe.

Ela também observava a tela de visão, mas um de seus braços se colocou protetoramente em torno do filho.

— Você está olhando para o mal, Miles. Estude-o cuidadosamente. Os rostos que você vê podem modificar-se instantaneamente. Eles podem ficar mais altos ou mais gordos. Podem imitar a aparência do seu pai de tal modo que só eu reconheceria a substituição.

A boca de Miles Teg formou um “Oh” mudo. Ele olhou para a tela, ouvindo seu pai explicar que o preço do arroz pongi na CHOAM tinha subido novamente, e de forma alarmante.

— E a coisa mais terrível de todas — disse a mãe — é que alguns dos novos Dançarinos Faciais podem absorver algumas memórias da vítima simplesmente tocando-lhe a pele.

— Eles lêem as mentes?

Miles olhou para a mãe.

— Não exatamente. Achamos que eles tiram uma impressão das memórias, quase como num processo de holofotografia. Ainda não sabem que temos conhecimento disso.

Miles entendia. Não deveria falar sobre isso com ninguém, nem mesmo com seu pai ou sua mãe. Ela lhe ensinara o costume *Bene Gesserit* de guardar segredo, e ele observou as figuras na tela com cuidado.

Ante as palavras de seu pai, os Dançarmos Faciais não demonstravam qualquer emoção, mas seus olhos pareciam cintilar com maior brilho.

— Como eles se tornam tão maus? — perguntou Miles.

— Eles são seres comunais, criados para não se identificarem com nenhum rosto nem forma. A aparência que apresentam agora é para que eu os veja. Sabem que os estou observando. Por isso relaxaram, adotando sua forma comunal natural.

Guarde-a com atenção.

Miles inclinou a cabeça para um lado e examinou os Dançarmos Faciais. Eles pareciam meigos e tolos.

— Eles não possuem senso de identidade própria — explicou a mãe.

— Possuem apenas o instinto de preservar suas próprias vidas, a menos que recebam a ordem de morrer por seus senhores.

— E eles fazem isso?

— Já fizeram muitas vezes.

— E quem são os seus senhores?

— Homens que raramente deixam os planetas dos *Bene Tleilax*.

— Eles têm filhos?

— Não os Dançarmos Faciais. Estes são híbridos, estéreis. Mas seus senhores procriam. Nós já nos unimos a alguns deles, mas a prole é sempre muito estranha.

Nascem poucas meninas, e mesmo com essas somos incapazes de sondar as Memórias Anteriores.

Miles franziu a testa. Sabia que sua mãe era uma *Bene Gesserit*. E tinha o conhecimento de que as Reverendas Madres guardavam consigo um maravilhoso reservatório de Memórias Anteriores que recuavam através de todos os milênios de existência da Irmandade. Conhecia até mesmo alguns detalhes do projeto de procriação da *Bene Gesserit*. As Reverendas Madres escolhiam certos homens em especial e tinham filhos com esses homens.

— Como são as mulheres *Tleilaxu*?

Era uma pergunta inteligente que produziu uma onda de orgulho em Lady Janet. Sim, era quase certo que ela tivesse ali um Mentat em potencial. As encarregadas da procriação estavam certas quanto ao potencial genético de Loschy Teg.

— Ninguém, fora de seus planetas, jamais relatou ter visto uma fêmea *Tleilaxu*

— explicou Lady Janet.

— E elas existem ou são apenas os tanques?

— Elas existem.

— Serão mulheres alguns dos Dançarmos Faciais?

— Mediante sua própria vontade, eles podem converter-se em machos ou fêmeas. Observe-os cuidadosamente. Eles sabem o que seu pai está fazendo e isso os deixa furiosos.

— Tentarão ferir meu pai?

— Não se atreveriam. Nós tomamos precauções e eles sabem disso. Observe como o da esquerda fica mexendo com o queixo. É um de seus sinais de raiva.

— Disse que eles eram... seres comunais.

— Como os insetos de uma colmeia, Miles. Não possuem identidade individual. E, não possuindo noção do “eu”, podem colocar-se além da moralidade.

Não se pode confiar em nada do que dizem ou fazem.

Miles estremeceu.

— Nunca fomos capazes de detectar um código de ética neles — explicou Lady Janet. — Eles são carne transformada em autômatos. Sem a noção do “eu”, não possuem nada para duvidar ou estimar. São criados apenas para obedecer a seus senhores.

— E receberam ordens de vir aqui e comprar o arroz?

— Exato. Disseram-lhes que o obtivessem e não há outro lugar neste setor onde possam fazê-lo.

— Devem comprá-lo de meu pai?

— É a única fonte de que dispõem. Neste exato momento, filho, eles estão

pagando com melange. Está vendo?

Miles viu as marcas marrom-alaranjadas de especiaria trocarem de mãos, uma pilha alta que um dos Dançarmos Faciais removeu de

uma caixa no chão.

— O preço é muito mais elevado do que eles tinham previsto — disse Lady Janet. — Vai ser uma trilha fácil de ser seguida.

— Por quê?

— Alguém irá á falência adquirindo esse carregamento. Nós achamos que sabemos quem é o comprador. Mas, seja quem for, vamos descobrir logo. E então saberemos o que realmente está sendo comercializado aqui.

Lady Janet começou então a apontar as incongruências identificáveis que revelavam um Dançarino Facial ante olhos e ouvidos treinados. Eram sinais muito sutis, mas Miles os percebia imediatamente. Sua mãe então lhe disse que julgava que ele poderia tornar-se um Mentat... talvez até mais do que isso.

Pouco antes de seu 13º aniversário, Miles Teg foi enviado para a escola avançada na fortaleza da *Bene Gesserit* em Lampadas, onde o julgamento de sua mãe se confirmou. Ela recebeu a notícia de que sua avaliação tinha sido correta:

“Você nos deu o Mentat Guerreiro de que precisávamos.”

Teg não viu a nota até encontrá-la no dia em que remexia as coisas da mãe, escolhendo o que devia ser guardado depois da morte dela. As palavras, escritas numa pequena folha de cristal roduliano, com a marca da Irmandade embaixo, deram-lhe um estranho senso de deslocamento no tempo. Sua memória o colocou subitamente de volta em lampadas, onde o amor-admiração que sentia pela mãe fora habilmente transferido para a Irmandade, tal como originalmente planejado. Só viera a entender isso mais tarde, durante seu treinamento final como Mentat, mas a compreensão mudou muito pouco. Se muito, acabou por ligá-lo ainda mais à *Bene Gesserit*, confirmando que a Irmandade devia ser uma de suas forças. Ele já sabia que a *Bene Gesserit* era uma das forças mais poderosas de seu universo — no mínimo igual à Corporação

Espacial, superior ao Conselho das Oradoras Peixes, que herdara o núcleo do antigo Império Atreides, muito superior, de longe, à CHOAM, e em igualdade de condições com a *Bene Tleilax* e os fabricantes de máquinas de Ix. Uma pequena amostra do poder da *Bene Gesserit* era o fato de elas manterem sua autoridade a despeito de a melange cultivada em tanques dos *Tleilaxu* ter destruído o monopólio rakiano da especiaria, exatamente como as máquinas de navegação ixianas tinham destruído o monopólio da Corporação em relação as viagens espaciais.

Então Miles já conhecia sua história muito bem. Os Navegadores da Corporação não eram mais os únicos que podiam passar uma nave através das dobras do espaço — nesta galáxia num instante, numa galáxia longínqua no espaço de uma batida de coração.

Suas professoras da Escola de Irmãs ocultaram-lhe muito pouco, revelando inclusive sua descendência dos Atreides. Essa revelação fora necessária devido aos testes a que o tinham submetido. Obviamente o estavam testando para verificar se

tinha poderes de presciência. Será que poderia, como um Navegador, detectar obstruções fatais? Ele fracassou. Depois o testaram em não-câmaras e não-naves.

Revelou-se tão cego a tais engenhos como o restante da humanidade. Para esse teste, entretanto, elas o alimentaram com doses crescentes de especiaria, e Miles sentiu o despertar de seu Verdadeiro Eu.

“A Mente no seu Princípio”, foi como o chamou uma Irmã professora quando ele lhe perguntou sobre as curiosas sensações que sentia.

Durante algum tempo o universo parecia mágico e ele o olhava através de sua nova capacidade de percepção. Sua consciência tornou-se um círculo, depois um globo. Formas arbitrárias tornaram-se transitórias. Ele caía sem aviso num estado de transe até que as Irmãs lhe ensinaram o modo de controlar esse poder. Forneceram-

lhe relatos de santos e de místicos, e o forçaram a traçar um círculo com ambas as mãos, seguindo a linha com a sua consciência.

No final desse período, sua consciência reassumiu o contato com os rótulos convencionais, mas a memória desse tempo mágico nunca mais o abandonou. Ele passou a usar essa lembrança como uma fonte de força e resistência nas ocasiões mais difíceis. Depois de aceitar o trabalho como Mestre de Armas para o *ghola*, Teg sentiu que essa mágica lembrança se tornava mais forte dentro de si. Ela foi especialmente útil durante sua primeira entrevista com Schwangyu no Castelo de Gammu. Os dois encontraram-se no estúdio da Reverenda Madre, um lugar de paredes de metal brilhante e numerosos instrumentos, a maioria com o rótulo de Ix. Até mesmo a cadeira onde ela se sentava, com o sol da manhã brilhando por trás, pela janela, e tornando seu rosto difícil de ser visto, essa cadeira era um modelo ixiano automoldável. Ele foi forçado a se sentar em uma cadeira-cão, muito embora tivesse certeza de que ela conhecia sua aversão ao uso de uma forma de vida para função tão humilhante.

— Você foi escolhido porque tem uma imagem de avô — disse Schwangyu. A luz brilhante do sol formando um halo em torno de sua cabeça envolta no capuz.

“Deliberado!” — Sua sabedoria conquistará o amor e o respeito da criança.

— Não há modo de eu me tornar um figura paterna?

— De acordo com Taraza, você tem as características exatas de que ela precisa. E sei de suas honoráveis cicatrizes e do valor que possui para nós.

Isso só confirmava sua conclusão Mentat anterior. “Elas estavam planejando isso há muito tempo. Procriaram-me com esse objetivo. Nasci para isso. Sou parte do grande plano delas.”

Tudo que ele disse foi:

— Taraza espera que essa criança se torne um guerreiro formidável quando recuperar sua verdadeira identidade.

Schwangyu apenas olhou para ele por um momento, depois disse:

— Você não deve responder nenhuma das perguntas dele a respeito de *gholas*,

caso ele toque no assunto. Nem mesmo use essa palavra na presença dele até que eu lhe dê permissão para isso. Vamos fornecer-lhe todos os dados a respeito de *gholas* que seu trabalho exigirá.

Calculando friamente suas palavras no sentido de obter o efeito máximo, Teg disse:

— Talvez a Reverenda Madre desconheça que sou bem versado em todos os fatos a respeito de *gholas Tleilaxu*. Já enfrentei os *Tleilaxu* em batalha.

— E acha que conhece o suficiente a respeito da série Idaho?

— Os Idaho têm a fama de ser brilhantes estrategistas militares.

— Então talvez o grande *Bashar* não esteja informado quanto as demais características do nosso *ghola*.

Não havia dúvida quanto ao tom zombeteiro na voz. E havia mais alguma coisa: ciúme e muita raiva mal dissimulados. A mãe de Teg lhe havia ensinado os modos de ver as emoções além dos disfarces, ensinamento proibido que ele sempre escondera. Fingiu desapontamento e encolheu os ombros.

Era óbvio, entretanto, que Schwangyu sabia que ele era o *Bashar* de Taraza.

Uma linha de separação fora traçada.

— Por ordem da *Bene Gesserit* — disse Schwangyu os *Tleilaxu* fizeram uma pequena alteração, embora significativa, na atual série Idaho. Seu sistema neuromuscular foi modernizado.

— Sem mudar a persona original?

Teg dirigiu-lhe a pergunta imaginando como ela se revelaria.

— Ele é um *ghola*, não um clone!

— Percebo.

— Percebe realmente? Ele precisa do mais cuidadoso treinamento prana-bindu em todos os estágios.

— Foram as ordens de Taraza — disse Teg. — E nós todos obedeceremos.

Schwangyu inclinou-se para a frente, não escondendo seu ódio.

— Pedem-lhe que treine um *ghola* cujo papel, em certos planos, será extremamente perigoso para todos nós. Não creio que compreenda mesmo remotamente o que vai treinar!

O que vai treinar. Não quem vai treinar. Essa criança- *ghola* nunca seria alguém para Schwangyu ou para qualquer uma das outras que se opunham a Taraza. Talvez o *ghola* não fosse realmente alguém até ter restaurada sua identidade original. Até assumir firmemente a identidade do Duncan Idaho original.

Teg percebia agora que Schwangyu tinha mais do que reservas ocultas ao projeto *ghola*. Ela exercia uma oposição ativa, exatamente como Taraza tinha avisado.

Schwangyu era o inimigo e as ordens de Taraza tinham sido explícitas.

— Você deve proteger essa criança de qualquer ameaça.

Dez mil anos já se passaram desde que Leto II iniciou sua metamorfose de ser humano para verme de areia de Rakis, e os historiadores ainda debatem quais teriam sido seus motivos. Teria sido ele motivado pelo desejo de uma longa vida? Ele viveu mais de 10 vezes o tempo de vida padrão de 300 AP, mas consideremos o preço que pagou. Teria sido atraído pelo poder? Ele foi chamado de Tirano por bons motivos, mas que foi que o poder lhe trouxe que um ser humano pudesse desejar?

Teria sido impulsionado pelo desejo de salvar a humanidade de si própria? Nós temos apenas seus próprios registros a respeito de seu Caminho Dourado para responder essa pergunta, e não posso aceitar as palavras de Dar-es-Balat, que só serviram como justificativa para ele mesmo. Haveria outras gratificações que somente a experiência que ele tinha poderia ter esclarecido? Sem uma evidência maior, essa pergunta é discutível. Ficamos reduzidos apenas à constatação de que ele o

"fez". Só o fato físico é inegável.

— A Metamorfose de Leto II, Conclusão do Discurso do 10.000º. Aniversário, por Gaus Andaud

Uma vez mais Waff se via em *Lashkar*, e dessa vez havia muito em jogo. Uma Honrada Madre da Dispersão exigira sua presença. Uma *powindah* dos *powindah*!

Descendentes dos *Tleilaxu* da Dispersão lhe haviam contado tudo que sabiam sobre essas mulheres terríveis.

— São muito mais terríveis do que as Reverendas Madres da *Bene Gesserit* —

disseram-lhe.

"E muito mais numerosas", lembrou-se Waff.

Ele não confiava inteiramente nos descendentes de *Tleilaxu* que agora retornavam. Seus sotaques eram estranhos, suas maneiras, ainda mais estranhas, e o modo como realizavam os rituais, deveras questionável. Como poderiam ser readmitidos no Grande *Kehl*? Que possível ritual de ghufran seria capaz de purificá-los após todos esses séculos? Era inacreditável que tivessem mantido o segredo dos *Tleilaxu* ao longo das gerações.

Eles não eram mais irmãos-malik, e no entanto constituíam a única fonte de informação que os *Tleilaxu* possuíam a respeito dos Perdidos que agora retornavam. E

as revelações que tinham trazido! Revelações que tinham sido incorporadas aos *gholas* Duncan Idaho — isso valia todo o risco de contaminação pela maldade dos *powindah*.

O lugar de encontro com as Honradas Madres seria na presumida neutralidade de uma não-nave ixiana, colocada em órbita bem próxima em torno de um planeta gigante gasoso, mutuamente selecionado, num sistema solar já minerado pelo antigo Império. O próprio Profeta tinha esgotado toda a riqueza desse sistema solar. Novos Dançarinos Faciais faziam-se passar por ixianos entre a tripulação da não-nave, mas ainda assim Waff suava frio ante esse encontro. Se as Honradas Madres eram realmente mais terríveis do que as bruxas *Bene Gesserit*, será que a troca dos tripulantes ixianos por Dançarinos Faciais não seria detectada?

A escolha desse lugar de encontro e os preparativos necessários tinham colocado os *Tleilaxu* sob tensão. Seria seguro? Ele procurou tranqüilizar-se carregando consigo duas armas seladas que nunca tinham sido vistas fora dos planetas do núcleo *Tleilaxu*. As armas eram o resultado de um longo e doloroso esforço da parte dos artífices: dois minúsculos lançadores de dardos escondidos em suas mangas. Ele treinara com eles durante anos, até o ato de sacudir as mangas e disparar os dardos envenenados constituir um reflexo quase instintivo.

As paredes da sala de reunião tinham a cor de cobre adequada, indicando que estavam defendidas contra engenhos de espionagem ixianos. Mas que instrumentos o povo da Dispersão não poderia ter desenvolvido além do conhecimento ixiano?

Waff entrou na sala com um passo hesitante. A Honrada Madre já estava lá, sentada em uma cadeira de couro amarrado.

— Você vai me chamar como todo o mundo me chama — disse ela quando ele entrou. — Honrada Madre.

Ele se curvou como tinham lhe dito que fizesse.

— Honrada Madre.

Não havia indício de poderes ocultos na voz dela, um contralto baixo com subtonalidades que revelavam desdém em relação a ele. Ela parecia uma atleta ou acrobata envelhecida, aposentada mas ainda mantendo o tônus muscular e algumas de suas habilidades. A face tinha a pele esticada sobre um crânio com ossos proeminentes nas maçãs do rosto. A boca, de lábios finos, produzia uma aparência de arrogância quando ela falava, como se cada palavra fosse projetada para baixo, em direção a pessoas inferiores.

— Bem, venha e sente-se! — ordenou ela, acenando para a outra cadeira diante de si.

Waff ouviu o assovio da porta pressurizada fechando-se atrás deles. Estava sozinho com ela! Ela estava usando um detetor. Podia ver o fio do aparelho dirigindo-se para o seu ouvido esquerdo. Os lança-dardos de Waff tinham sido bem selados e

“lavados” contra detetores. Tinham sido mantidos a uma temperatura de menos 340°

Kelvin em banho de radiação durante cinco AP para se tornarem à prova de detetores. Será que isso tinha sido suficiente?

Devagar, ele se sentou na cadeira indicada.

Lentes de contato de cor laranja cobriam os olhos da Honrada Madre, dando-lhes a aparência de olhos de fera. Sem as lentes ela já era impressionante. Sem falar nas roupas que usava! Malha colante vermelha embaixo de um manto azul-escuro. A superfície do manto fora enfeitada com um estranho material nacarado que produzia arabescos curiosos e desenhos de dragão. Ela se sentava na cadeira como se esta fosse um trono, as mãos em garra repousando sobre os braços do móvel.

Waff olhou para a sala em torno. Sua gente tinha inspecionado esse aposento em companhia dos trabalhadores de manutenção ixianos e das representantes da Honrada Madre,

“Fizemos o melhor que podíamos”, pensou, e tentou relaxar. A Honrada Madre riu.

Waff olhou para ela aparentando tanta calma quanto conseguia simular.

— A senhora está me avaliando agora — acusou ele. — Está dizendo a si mesma que possui enormes recursos para empregar contra mim, instrumentos brutos e instrumentos sutis para realizar suas vontades.

— Não use esse tom de voz comigo.

As palavras saíram baixas e sem emoção, mas carregavam um peso de tamanho veneno que Waff quase recuou.

Ele olhou para a musculatura da perna da mulher, aquele tecido de malha vermelha fluindo sobre ela como se fosse parte orgânica de seu próprio corpo.

A hora do encontro fora ajustada para colocá-los juntos no que seria o meio-dia mútuo, o tempo em que haviam estado despertos tendo sido equilibrado durante a viagem. Ainda assim Waff se sentia

deslocado e em desvantagem. Seriam verdadeiras as histórias de seus informantes? Ela devia ter algum tipo de arma consigo.

Sorriu para ele sem qualquer humor.

— Está tentando intimidar-me — disse Waff.

— E estou conseguindo.

A raiva percorreu o corpo do Waff. Ele a manteve fora de sua voz.

— Eu vim aqui a seu convite.

— Espero que não tenha vindo para se colocar num confronto que certamente iria perder — ela disse.

— Vim para estabelecer uma união entre nós — disse ele, enquanto se perguntava: “Que elas podem precisar de nós? Certamente devem precisar de alguma coisa.”

— Que união pode haver entre nós? — perguntou ela. — Você poderia erguer um prédio em cima de uma jangada em desintegração? Ah, acordos podem ser rompidos, e freqüentemente o são.

— Que estamos barganhando? — perguntou ele.

— Barganhando? Eu não estou barganhando. Estou interessada nesse *ghola* que você fez para as bruxas.

O tom de voz dela não revelava coisa alguma, mas as batidas do coração de Waff se aceleraram ante a pergunta.

Em uma de suas vidas como *ghola*, Waff havia treinado sob a orientação de um *Mentat* renegado. As capacidades de um *Mentat* encontravam-se além do seu alcance e além disso o raciocínio exigia palavras. Eles acabaram forçados a matar o *Mentat powindah*, mas aprenderam algumas coisas de valor com a experiência.

“Ataque e absorva os dados que o ataque produz!”

— A senhora não me oferece nada em troca — disse ele em voz alta.

— A recompensa está a meu critério.

Waff a olhou com zombaria.

— Está brincando comigo?

Ela mostrou os dentes brancos num sorriso feroz.

— Você não sobreviveria à brincadeira, nem eu desejaria brincar.

— Assim, dependo inteiramente de sua boa vontade!

— Dependência! — A palavra escapou-lhe da boca como se produzisse uma sensação desagradável. — Por que enviam esses *gholas* para as bruxas e então os matam?

Waff comprimiu os lábios e permaneceu em silêncio.

— Vocês mudaram esse *ghola* de algum modo, deixando-o ainda capaz de recuperar as memórias originais — disse ela.

— Vocês sabem um bocado! — admitiu Waff.

Não era zombaria e ele esperava não ter deixado transparecer coisa alguma.

“Espiões!” Ela tinha espiãs entre as bruxas! Haveria também um traidor no coração dos *Tleilaxu*?

— Existe uma menina em Rakis que figura nos planos das bruxas — disse a Honrada Madre.

— Como sabe disso?

— As bruxas não fazem um movimento sem que fiquemos sabendo! Você pensa em espiãs, mas não imagina até onde vai o nosso braço!

Waff estava impressionado. Como ela poderia ler sua mente? Teria sido alguma coisa que surgira da Dispersão? Um talento desenvolvido lá fora, onde a semente humana original não pudera observar?

— De que modo modificou esse *ghola*? — indagou ela.

“A voz!”

Waff, prevenido contra tais habilidades por seu professor *Mentat*, quase balbuciou uma resposta. Essas Honradas Madres possuíam alguns poderes das bruxas!

Era algo inesperado vindo da parte dela. Esperava-se tais coisas de uma Reverenda Madre, e se ficava preparado. Waff levou um momento para recuperar o equilíbrio, depois levou as mãos ao queixo.

— A senhora possui recursos interessantes — disse ele.

Uma expressão de moleque surgiu no rosto de Waff. Sabia como podia parecer desarmante.

“Ataque!”

— Sabemos o quanto já aprenderam da *Bene Gesserit* — ele disse.

Uma expressão de raiva passou pelo rosto dela e se foi.

— Elas não nos ensinaram nada!

Waff modulou a voz para um tom bem-humorado, lisonjeador.

— Certamente isto não é negociar.

— Não?

Ela parecia genuinamente surpresa.

Waff abaixou as mãos.

— Vamos, Honrada Madre, admita que está interessada nesse *ghola*. Fala em coisas de Rakis. Por que nos toma?

— Por muito pouco. Vocês se tornam menos úteis a cada instante.

Waff sentiu uma fria e mecânica lógica na resposta dela. Nada havia de *Mentat* ali, mas alguma coisa mais terrível. “Ela é capaz de me matar aqui mesmo!”

Onde estariam as armas dela? Será que ela precisaria de armas? Ele não gostava da aparência daqueles músculos, dos calos nas mãos dela, do brilho predador em seus olhos alaranjados. Será que ela poderia prever (ou mesmo saber) dos lança-dardos que ele trazia?

— Somos confrontadas por um problema que não pode ser resolvido com a lógica — disse ela.

Waff olhou para ela chocado. Um Mestre Zensunni teria dito isso! Ele próprio o dissera em mais de uma ocasião.

— Você provavelmente nunca considerou tal possibilidade — ela disse.

Foi como se as palavras tivessem arrancado uma máscara do rosto dela. Waff subitamente pôde enxergar além, até a pessoa fria e calculista por trás daquelas posturas. Será que ela o tomava por algum ser inferior, adequado apenas para colher lixo nas ruas?

Tentando transparecer tanta admiração hesitante quanto podia, ele perguntou: Como tal problema poderia ser resolvido?

— O curso natural dos acontecimentos vai fazê-lo desaparecer.

Waff continuou a olhar para ela em fingida incompreensão. As palavras dela não tinham qualquer tom de revelação. Ainda assim havia tanta coisa implícita! Ele disse:

— Suas palavras me deixam flutuando.

— A humanidade tornou-se infinita. Essa foi a verdadeira dádiva da Dispersão.

Waff lutou para esconder o torvelinho que tais palavras criavam.

— Infinitos universos, tempo infinito. Qualquer coisa pode acontecer — disse ele.

— Ah, você é um manikin muito brilhante — ela disse. — Como alguém pode levar em consideração possibilidades infinitas? Isso não é lógico.

Ela parecia, pensou ele, um daqueles antigos líderes do Jihad Butleriano que tinham tentado livrar a humanidade das mentes mecânicas. Essa Honrada Madre estava curiosamente obsoleta.

— Nossos ancestrais buscaram uma resposta nos computadores — provocou ele.

“Vamos ver como ela reage a isso!”

— Você já sabe que os computadores carecem de uma capacidade infinita de armazenagem.

Novamente as palavras dela o desconcertaram. Será que ela podia realmente

ler a mente? Seria uma forma de impressão cerebral? O que os *Tleilaxu* faziam com seus *gholas* e Dançarinos Faciais, outros poderiam fazer igualmente. Ele focalizou sua percepção e se concentrou nos ixianos e suas máquinas malignas. Máquinas *powindah*!

A Honrada Madre percorreu o aposento com o olhar.

— Estaremos enganadas em confiar nos ixianos? — perguntou ela. Waff prendeu a respiração.

— Não creio que confie neles verdadeiramente — ela comentou. — Vamos, homenzinho. Eu lhe ofereço minha boa vontade.

Tardiamente, Waff começou a suspeitar de que ela estava tentando ser sincera e amistosa com ele. Decerto já tinha colocado de lado toda aquela pose anterior de superioridade furiosa. Os informantes de Waff entre os Perdidos diziam que as Honradas Madres tomavam suas decisões de ordem sexual à maneira das *Bene Gesserit*.

Será que ela estava tentando ser sedutora? Não obstante ela tinha "compreendido"

claramente e apresentado as fraquezas da lógica.

Era tudo muito confuso!

— Nossa conversa está seguindo em círculos — ele disse.

— Muito pelo contrário. Círculos se fecham, abrangem, limitam. A humanidade não tem mais o seu crescimento limitado por questões de espaço.

Lá ia ela de novo! Ele falou com a língua seca:

— Costuma-se dizer que aquilo que não se pode controlar deve-se aceitar.

Ela inclinou-se para a frente, os olhos alaranjados atentos ao rosto dele.

— Você aceita a possibilidade de um desastre final para a *Bene Tleilax*?

— Se fosse esse o caso, não estaria aqui.

— Quando a lógica falha, outro instrumento deve ser usado.

Waff sorriu.

— Isso parece lógico.

— Não zombe de mim! Como se atreve!

Waff ergueu as mãos de modo defensivo e assumiu um tom de voz tranqüilizador.

— Que ferramenta sugere a Honrada Madre?

— Energia!

A resposta dela o surpreendeu.

— Energia? De que forma e quanta?

— Você pede respostas lógicas.

Com um sentimento de desapontamento e tristeza, Waff compreendeu que ela não era, afinal de contas, uma Zensunni. A Honrada Madre só fazia jogos com palavras nas fronteiras da ilogicidade, circundando-a. Sua ferramenta ainda era a lógica.

— A podridão do centro espalha-se para fora — disse ele.

Era como se ela não tivesse ouvido sua declaração de teste.

— Existe energia não-utilizada nas profundezas de qualquer ser humano que

nos dignanos a tocar — ela disse, estendendo um dedo magro até a distância de alguns milímetros do nariz dele.

Waff recuou em sua cadeira até ela abaixar o braço e comentou:

— Não foi o que as *Bene Gesserit* disseram antes de criar seu *Kwisatz Haderach*?

— Elas perderam o controle sobre si mesmas e, desse modo, sobre ele —

zombou a Honrada Madre.

Novamente Waff achou que ela usava lógica ao analisar o não-lógico. O

quanto lhe tinha revelado nesses pequenos lapsos... Ele já podia vislumbrar a provável história dessas Honradas Madres. Uma das Reverendas Madres verdadeiras, dos Fremen do Rakis, participara da Dispersão. Diversas pessoas tinham fugido nas não-naves durante e imediatamente após os Tempos da Fome. Uma não-nave havia semeado algum lugar, deixando lá a bruxa selvagem e seus conceitos. Essa semente agora retornava na forma dessa caçadora de olhos cor de laranja.

Uma vez mais ela o golpeou com a Voz, exigindo:

— Que foi que fizeram naquele *ghola*?

Dessa vez Waff estava preparado e repeliu o golpe sem dificuldades. Essa Honrada Madre teria que ser desviada ou, se possível, exterminada. Ele tinha aprendido muito com ela, mas não haveria maneira de se avaliar o quanto ela aprendera com ele a partir de suas habilidades insondáveis.

“Elas são monstros sexuais”, seus informantes lhe tinham dito. “Escravizam os homens pelos poderes do sexo.”

— Quão pouco você sabe a respeito dos prazeres que eu lhe poderia proporcionar — disse ela, a voz golpeando como um chicote em torno de si.

Quão tentadora! Quão sedutora!

Waff respondeu na defensiva:

— Diga-me por que.

— Eu não preciso lhe dizer nada!

— Então não veio aqui para fazer um acordo — disse ele, tristonho.

As não-naves tinham de fato semeado outros universos com a podridão. Waff sentia o peso da necessidade sobre seus ombros. E se não pudesse matá-la?

— Como se atreve a sugerir um acordo com uma Honrada Madre? Saiba que nós fazemos o preço!”

— Não conheço seus costumes, Honrada Madre. Mas sinto em suas palavras que a ofendi.

— Desculpa aceita.

“Eu não pensei em me desculpar!” Olhou para ela sem emoção. Muitas coisas podiam ser deduzidas a partir do seu comportamento. À luz de suas experiências milenares, Waff examinou o que tinha aprendido ali. Essa mulher da Dispersão viera em busca de uma informação essencial. Portanto, não tinha outra fonte de informação. Sentia o desespero da parte dela, bem disfarçado mas inconfundível. Ela precisava confirmar ou desmentir alguma coisa que temia.

Como se parecia com uma ave de rapina, pousada ali com as garras assentadas levemente sobre os braços da cadeira! “A podridão do centro se espalha para fora.”

Tinha dito isso e ela não ouvira. Era evidente que a humanidade atomizada continuava a se expandir em sua Dispersão das Dispersões. As pessoas representadas por essa Honrada Madre não tinham encontrado nenhum modo de rastrear as não-naves. Era

isso sem dúvida. Ela caçava as não-naves do mesmo modo como as bruxas da *Bene Gesserit* o faziam.

— A senhora busca um modo de anular a invisibilidade das não-naves — ele disse.

A declaração obviamente a deixou abalada. Não tinha esperado isso desse

"*manikin*" com jeito de duende, sentado ali diante dela. Waff viu o medo, depois a raiva e então uma decisão passar pelas feições dela antes de a máscara predadora assentar-se de novo. Ela sabia, entretanto, que ele tinha percebido.

— Então é isso que faz com o seu *ghola*?

— É o que as bruxas da *Bene Gesserit* buscam com ele — mentiu Waff.

— Eu o subestimei — ela disse. — Está cometendo o mesmo erro comigo?

— Eu não penso assim, Honrada Madre. O programa de procriação que a produziu é obviamente formidável. Acho que poderia me matar com um chute antes que eu piscasse um olho. As bruxas não se igualam à senhora.

Um sorriso de prazer suavizou-lhe as feições.

— Os *Tleilaxu* desejam ser nossos servos ou preferem ser forçados a isso?

Ele não tentou ocultar a indignação:

— Está nos oferecendo a escravidão?

— Essa é uma de suas opções.

Ele a tinha nas mãos agora! A arrogância era a fraqueza dela. De modo submisso, perguntou:

— Que me ordenaria fazer?

— Você vai levar como suas convidadas duas jovens Honradas Madres. Elas devem procriar com você e... lhe ensinar nossos métodos de êxtase.

Waff inspirou fundo e soltou lentamente a respiração.

— Você é estéril? — perguntou ela.

— Somente nossos Dançarinos Faciais o são.

Ela já devia saber disso, era conhecimento corrente.

— Você chama a si mesmo de Mestre e no entanto ainda não dominou a si próprio — disse ela.

“Mais do que você, cadela! E eu me chamo *Masheikh*, fato que ainda pode destruí-la.”

— As duas Honradas Madres que enviarei com você vão fazer uma inspeção de tudo o que for *Tleilaxu* e voltar para mim com um relatório.

Ele suspirou como se estivesse resignado.

— E são atraentes essas duas mulheres?

— Honradas Madres! — corrigiu ela.

— É esse o único nome que usam?

— Se elas lhe quiserem dar seus nomes, esse é um privilégio delas, não seu.

Ela se inclinou de lado e raspou no piso um nó de seus dedos ossudos. Um metal brilhou na mão dela. A mulher tinha um meio de penetrar no escudo do aposento!

A comporta de entrada se abriu e surgiram duas mulheres vestidas exatamente como essa Honrada Madre. Suas capas negras tinham menos enfeites e ambas eram bem jovens. Waff olhou para elas. Seriam ambas... Ele tentou não demonstrar satisfação, mas sabia que tinha fracassado. Não importava. A velha pensaria que ele admirava a beleza dessas duas, mas, por sinais evidentes somente a um Mestre Waff percebeu que uma das recém-chegadas era um Dançarino Facial do novo tipo. Fizera-se uma troca bem-sucedida e essa gente da Dispersão não pudera detectá-la! Os *Tleilaxu* tinham superado com sucesso um obstáculo! Seria a *Bene Gesserit* igualmente cega ante esses novos *gholas*?

— Você está sendo sensivelmente cooperativo neste aspecto, pelo que será bem recompensado — disse a velha Honrada Madre.

— Eu reconheço seus poderes, Honrada Madre — ele disse.

Era verdade, e Waff curvou a cabeça para ocultar a decisão que tinha tomado e que sabia iria transparecer em seus olhos.

Ela gesticulou para as recém-chegadas.

— Estas duas irão acompanhá-lo. O menor capricho da parte delas será uma ordem para você. Elas devem ser tratadas com todo o respeito e toda a honra.

— É claro, Honrada Madre.

Mantendo a cabeça baixa, ele ergueu ambos os braços como se fizesse uma saudação submissa. Os dardos sibilaram, partindo de cada uma das mangas. Enquanto soltava os dardos, Waff jogou-se de lado. O movimento quase não foi suficientemente rápido. O pé direito da velha Honrada Madre projetou-se para a frente, atingindo-o na coxa esquerda e o jogando para trás com a cadeira.

Foi o último ato da vida da Honrada Madre. O dardo da manga esquerda de Waff entrou pela boca aberta da mulher e se cravou no fundo de sua garganta. Ela morreu de boca aberta num paralisado espanto, o veneno narcótico cortando-lhe qualquer exclamação. O outro dardo atingiu a recém-chegada que não era Dançarino Facial, entrando em seu olho direito. Com um golpe na garganta, o Dançarino Facial evitou que ela emitisse qualquer grito de aviso.

Dois corpos tombaram sem vida.

Dolorosamente, Waff desembaraçou-se da cadeira e a colocou em pé enquanto se levantava. Sua coxa pulsava de dor. Uma fração de metro a mais e ela lhe teria partido o fêmur! Waff percebia que a reação dela não tinha sido controlada pelo sistema nervoso central. Como no caso de certos insetos, o ataque podia ser iniciado pelo sistema muscular necessário sem que a mente precisasse tomar uma decisão. Esse

desenvolvimento teria que ser investigado.

O Dançarino Facial estava escutando o silêncio além da comporta aberta. Saiu de lado, permitindo que entrasse outro Dançarino Facial, este disfarçado de guarda ixiano.

Waff massageou a coxa ferida enquanto os Dançarmos Faciais despiam as duas mulheres mortas. O que tinha copiado o ixiano colocou a cabeça junto à da velha Honrada Madre. Tudo aconteceu muito rapidamente, e daí a pouco não havia mais guarda ixiano, apenas cópias fiéis da velha Honrada Madre e de sua jovem auxiliar. Mais um Dançarino Facial entrou e tomou a forma da segunda moça, morta no chão, e logo restavam apenas cinzas no lugar dos corpos. Uma nova Honrada Madre apanhou as cinzas com uma sacola e as escondeu embaixo do manto.

Waff fez um exame cuidadoso do aposento. As conseqüências de sua descoberta o deixavam trêmulo. Uma arrogância como a que fora vista ali só podia ser o resultado de poderes espantosos. Tais

poderes deviam ser sondados. Ele deteve o Dançarino que copiara a velha.

— Você tomou a impressão dela?

— Sim, Mestre. Suas memórias despertas ainda estavam vivas quando eu a copiei.

— Transfira para ela.

Ele fez um gesto em direção à que tinha sido guarda ixiano. Ambas tocaram as testas por alguns segundos e se separaram.

— Está feito — disse a velha.

— Quantas cópias dessas Honradas Madres nós já fizemos?

— Quatro, Mestre.

— Nenhuma foi detectada?

— Nenhuma, Mestre.

— Estas quatro devem então retornar à pátria das Honradas Madres e aprender tudo que puderem a respeito delas. Uma das quatro deve retornar para nós com o conhecimento.

— Isso é impossível, Mestre.

— Impossível?

— Elas cortaram todas as ligações com suas origens. Esse é seu modo de ação, Mestre. Formaram uma nova célula, tendo se estabelecido em Gammu.

— Mas certamente poderíamos..

— Perdoe-me, Mestre, mas as coordenados da origem delas na Dispersão estavam contidas apenas nos instrumentos de uma não-

nave, e foram apagadas.

— Seus rastros estão completamente apagados?

Havia desapontamento na voz dele.

— Completamente, Mestre.

“Desastre!” Ele foi forçado a dominar um pânico súbito.

— Elas não devem tomar conhecimento do que fizemos aqui — murmurou.

— Não saberão de nós, Mestre.

— Que talentos elas desenvolveram? Quais os seus poderes? Rápido!

— São os que se poderia esperar de uma Reverenda Madre da *Bene Gesserit*, mas sem as memórias da melange.

— Tem certeza?

— Não há sinal disso. Como sabe, Mestre, nós...

— Sim, sim, eu sei. — Fez sinal para que ela se calasse. — Mas a velha era tão arrogante, tão...

— Com seu perdão, Mestre, mas o tempo passa. Essas Honradas Madres aperfeiçoaram os prazeres do sexo muito além do que foi desenvolvido em qualquer outro grupo.

— Então é verdade o que disseram nossos informantes.

— Elas retornaram ao tântrico primitivo e desenvolveram seus próprios tipos de estimulação sexual, Mestre. Através disso elas obtêm a adoração de seus seguidores.

— Adoração. — Ele suspirou ante a palavra. — E elas são superiores às Reprodutoras da *Bene Gesserit*?

— As Honradas Madres acham que são, Mestre. Devemos demonstrar-lhe as...

— Não!

Waff abandonou sua máscara de duende ante essa descoberta e assumiu a expressão de um Mestre dominador. Os Dançarinos Faciais em forma feminina curvaram as cabeças em submissão. Uma expressão de júbilo tomou conta do rosto de Waff. Os *Tleilaxu* retornados da Dispersão lhe tinham feito um retrato fiel! Com uma simples impressão mental, ele tinha confirmado qual era a nova arma de sua gente!

— Quais são suas ordens, Mestre? — perguntou a velha.

Waff reassumiu a aparência de elfo.

— Nós vamos examinar essas questões somente depois de retornarmos ao núcleo *Tleilaxu* em Bandalong. Enquanto isso, até mesmo um Mestre não dá ordens a uma Honrada Madre. Vocês serão meus mestres até que estejamos longe de observadores.

— É claro, Mestre. Devemos agora transmitir suas ordens aos outros lá fora?

— Sim, e minhas ordens são as seguintes: esta não-nave jamais deverá retornar a Gammu. Deve desaparecer sem deixar traço, sem sobreviventes.

— Será feito, Mestre.

Como muitas outras atividades, a tecnologia faz com que os investidores procurem evitar os riscos. A incerteza é eliminada sempre que possível. O investimento de capital segue essa regra, já que as pessoas geralmente preferem aquilo que é previsível. Mas

poucos reconhecem o quanto isso pode ser destrutivo, como impõe limites severos à variabilidade, tornando assim populações inteiras fatalmente

vulneráveis aos modos chocantes com que o universo é capaz de atirar os dados.

— *Julgamento de Ix, Arquivos da Bene Gesserit*

Na manhã após o teste inicial no deserto, Sheeana acordou no complexo de instalações dos sacerdotes e encontrou sua cama cercada de gente vestida em mantos brancos.

“Sacerdotes e sacerdotisas!”

— Ela está acordada — disse uma sacerdotisa.

O medo atingiu Sheeana. Ela agarrou as roupas de cama, puxando-as para junto do queixo, enquanto olhava para aqueles rostos atentos. Será que iam abandoná-la novamente no deserto? Ela tinha dormido o sono da exaustão na cama mais macia, com os lençóis mais limpos que já experimentara em seus oito anos de vida, mas sabia também que tudo que os sacerdotes faziam podia ter duplo sentido. Não se podia confiar neles!

— Você dormiu bem?

Foi a sacerdotisa quem falou primeiro. Era uma mulher velha, de cabelos grisalhos, com o rosto emoldurado por um capuz branco com bordas roxas. Os velhos olhos eram úmidos mas alertas, de uma cor azul pálida. O nariz era um toco arrebitado, acima de uma boca estreita e um queixo pontudo.

— Você vai falar conosco? — insistiu a mulher. — Eu sou Cania, que a serviu durante a noite. Lembra-se? Eu a ajudei a se deitar.

Pelo menos o tom de voz era tranqüilizador. Sheeana sentou-se na cama e olhou melhor para essas pessoas. Elas estavam com medo!

Uma criança do deserto tinha o olfato capaz de detectar os feromônios indicadores. Para Sheeana era uma observação simples e direta: aquele cheiro equivalia ao medo.

— Vocês pensaram em me ferir — ela disse. — Por que fizeram isso?

As pessoas em torno dela trocaram olhares de consternação.

O medo de Sheeana dissipou-se. Tinha sentido uma nova ordem das coisas e a prova por que passara no deserto, no dia anterior significava outras mudanças.

lembrou-se de como fora subserviente a velha... Cania? Fora quase bajuladora na noite anterior. Com o tempo Sheeana aprenderia que qualquer pessoa que sobrevivesse à um teste de morte desenvolvia um novo equilíbrio emocional. O medo era transitório.

A nova condição era interessante.

A voz de Cania tremeu quando ela respondeu:

— Na verdade, Filha de Deus, nós não pretendemos magoá-la.

Sheeana colocou as cobertas em seu colo.

— Meu nome é Sheeana. — Essas eram as boas maneiras do deserto. Cania já tinha dado o seu nome. — Quem são os outros?

— Eles serão mandados embora se não os quiser... Sheeana. — Cania indicou

uma mulher de rosto alegre à sua esquerda, vestida num manto similar ao seu. —

Todas exceto Alhosa, é claro. Ela é a sua serva do dia.

Alhosa fez uma mesura ante a apresentação.

Sheeana olhou para um rosto gordo com a abundância de água, feições envoltas numa nuvem de cabelo louro e fofo. Mudando sua atenção abruptamente, ela olhou para os homens do grupo. Eles a observavam atentos, alguns com expressões de trêmula suspeita. O cheiro do medo era muito forte.

“Sacerdotes!”

— Mande-os embora — indicou Sheeana, apontando para os sacerdotes. —

Eles são *haram*!

Esse era um palavrão, o pior termo para tudo que fosse ruim.

Os sacerdotes recuaram, chocados.

— Vão embora! — ordenou Cania.

A expressão cruel no rosto dela não deixava dúvidas. Cania não fora incluída entre os vis, enquanto esses sacerdotes se destacavam claramente entre os abrangidos pelo rótulo de *haram*! Certamente eles haviam feito alguma coisa terrível para que Deus enviasse essa sacerdotisa-menina a fim de castigá-los. Cania acreditava nisso com facilidade, já que os sacerdotes raramente a tinham tratado do modo que ela julgava merecer.

Como cães enxotados, os sacerdotes curvaram-se e saíram da câmara de Sheeana. Entre os que saíram para o corredor estava um locutor-historiador chamado Dromind, homem moreno com uma mente ativa que tinha a tendência a agarrar idéias do medo como o bico de um pássaro carniceiro apanha um pedaço de carne. Quando a porta do quarto se fechou atrás deles, Dromind revelou aos trêmulos companheiros que Sheeana era a forma moderna de um nome ancestral: Siona.

— Vocês conhecem o lugar de Siona nas histórias — ele disse. — Ela serviu o *Shai-hulud* em Sua transformação da forma humana

para a de Deus dividido.

Stiros, o velho sacerdote enrugado, com lábios escuros e olhos pálidos e brilhantes, olhou admirado para Dromind:

— Isso é extremamente curioso — disse Stiros. — As Histórias Orais afirmam que Siona foi fundamental em Sua translação do Um para o Muitos. Sheeana. Você não acha que..

— Não nos esqueçamos da tradução de Hadi Benotto das sagradas palavras de Deus — interrompeu outro sacerdote — O *Shai-hulud* referiu-se muitas vezes a Siona.

— Nem sempre favoravelmente — lembrou Stiros. — lembre-se do nome completo dela: Siona Ibn Fuad al-Seyefa Atreides.

— Atreides — sussurrou outro sacerdote.

— Devemos estudá-la cuidadosamente — recomendou Dromind.

Um jovem mensageiro-acólito entrou correndo pelo corredor até encontrar o grupo e localizar Stiros.

— Stiros — disse o mensageiro —, deve desimpedir esta passagem

imediatamente.

— Por quê? — foi a indagação indignada do grupo de sacerdotes rejeitados.

— Ela vai ser transferida para os alojamentos do Alto Sacerdote — revelou o mensageiro.

— Por ordem de quem? — quis saber Stiros.

— Do Alto Sacerdote Tuek em pessoa. Eles estiveram ouvindo.

O mensageiro indicou vagamente com a mão a direção de onde viera.

O grupo inteiro entendeu. Aposentos podiam ser construídos de modo a que as vozes soando em seu interior fossem transmitidas para outros lugares. E sempre havia alguém escutando.

— Que foi que eles ouviram? — quis saber Stiros.

Sua voz de ancião tremia.

— Ela perguntou se seus alojamentos eram os melhores. Eles estão a ponto de transferi-la e ela não deve encontrar nenhum de vocês aqui.

— Mas que devemos fazer? — perguntou Stiros?

— Estudá-la — disse Dromind.

O corredor foi esvaziado imediatamente e todos iniciaram o processo de estudar Sheeana. O padrão de trabalho nascido ali seria impresso em todas as suas vidas durante os anos subseqüentes. A rotina que tomou forma em torno de Sheeana produziu mudanças observadas nos lugares mais distantes da área sob a influência do credo do Deus Dividido. E apenas um verbo iniciara a mudança: estudem-na!

Como ela era ingênua, pensaram os sacerdotes. Como era curiosamente ingênua. Entretanto era capaz de ler e demonstrou um interesse intenso pelos Livros Sagrados que encontrou nos alojamentos de Tuek. Seus alojamentos agora.

Tudo uma questão de sacrifício sendo transmitido dos mais altos escalões para os mais baixos. Tuek mudou-se para o quarto de seu assistente-chefe e o processo de acomodação continuou para baixo. Os alfaiates esperaram a chegada de Sheeana e tomaram suas medidas cuidadosamente. O melhor traje-destilador foi produzido para ela pelos fabricantes. Ela recebeu roupas novas, nas cores sacerdotais branca e dourada, com bainhas roxas.

E as pessoas passaram a evitar o locutor-historiador Dromind. Ele assumira o hábito de expor aos seus companheiros a história da Siona original, como se isso revelasse alguma coisa importante a respeito da atual dona do antigo nome.

— Siona foi a mulher do Sagrado Duncan Idaho — lembrava Dromind a qualquer um que se mostrasse disposto a ouvir. — Os descendentes dela estão por toda parte.

— De fato? Perdoe-me, mas estou realmente com pressa.

A princípio Tuek era mais paciente com Dromind. A história era interessante e, suas lições, muito óbvias.

— Deus nos enviou uma nova Siona — disse Tuek. — Tudo isso deve estar claro.

Dromind foi embora e logo voltou com mais detalhes sobre o passado.

— Os registros de Dar-es-Balat assumem agora novo significado — disse Dromind para o Alto Sacerdote. — Não devemos fazer mais testes ou comparações com essa criança?

Dromind agarrara o Alto Sacerdote logo depois do café da manhã, os restos da refeição de Tuek ainda ocupavam a mesa junto da sacada. Através de uma janela aberta, podiam ouvir os preparativos no quarto de Sheeana.

Tuek colocou um dedo diante dos lábios num gesto de cautela e falou em voz baixa:

— A Sagrada Criança vai partir para o deserto por sua própria escolha. — Foi até o mapa na parede e indicou uma área a sudoeste de Keen. — Aparentemente, esta é a região que lhe interessa... ou, talvez eu deva dizer, que a chama.

— Disseram-me que ela usa os dicionários com freqüência — disse Dromind.

— Certamente isso não pode ser uma...

— Ela está nos testando — respondeu Tuek. — Não se deixe enganar.

— Mas Lorde Tuek, ela faz as perguntas mais infantis a Cania e Alhosa.

— Está questionando meu julgamento, Dromind?

Um tanto tardiamente, Dromind percebeu que havia ultrapassado os limites.

Resolveu ficar calado, mas sua expressão revelava que ainda havia muito por dizer.

— Deus enviou essa menina para ceifar o mal que penetrou nas fileiras dos consagrados — disse Tuek. — Vá embora! Reze e pergunte a si mesmo se o mal não se alojou dentro de você.

Quando Dromind saiu, Tuek chamou um auxiliar de confiança e perguntou:

— Onde está a Sagrada Criança?

— Ela foi para o deserto, Senhor, a fim de comungar com o seu Pai.

— Para sudoeste?

— Sim, Senhor.

— Dromind deve ser levado para o leste, para bem longe, e abandonado na areia. Plante vários batedores para ter certeza de que ele nunca mais volte.

— Dromind, Senhor?

— Dromind.

Muito depois de Dromind ter sido entregue à Boca de Deus, os sacerdotes continuaram a seguir sua sugestão original. Eles estudavam Sheeana.

E Sheeana também estudava.

Gradualmente, tão gradualmente que ela não seria capaz de identificar o ponto de transição, ela veio a reconhecer o poder que possuía sobre as pessoas à sua volta.

No início parecia um jogo, um continuo Dia da Criança, com os adultos pulando para satisfazer cada desejo infantil. Agora parecia que nenhum desejo era impossível de contentar.

Ela pedia uma fruta rara para o lanche?

A fruta lhe era servida numa bandeja de ouro.

Ela via uma criança lá embaixo, nas ruas fervilhantes de gente, e queria brincar com ela?

A criança era trazida aos alojamentos de Sheeana no templo. Depois que passavam o choque e o medo, a criança podia até juntar-se a ela em alguma brincadeira, que sacerdotes e sacerdotisas observavam com toda a atenção. Brincar de correr no jardim do terraço, risinhos e cochichos, tudo era motivo de análise intensa.

E Sheeana sentia como uma carga a admiração de tais crianças. Ela raramente chamava de volta a mesma criança, preferindo aprender coisas novas com novos amigos.

Os sacerdotes não chegaram a consenso quanto à inocência de tais encontros.

As crianças que brincavam com Sheeana eram submetidas a um interrogatório assustador, até que Sheeana descobriu e ameaçou

seus guardiães.

Inevitavelmente, os comentários a respeito dela transpiraram pelo planeta e para fora dele. Os relatórios acumularam-se na Irmandade. Os anos se passavam numa espécie de rotina autocrática subliminar — e a curiosidade de Sheeana era alimentada. Era uma curiosidade que parecia não ter limites. Nenhum de seus servidores mais próximos chegou a pensar nisso como uma educação: Sheeana ensinando o clero de Rakis e este a ensinando. A *Bene Gesserit* percebeu de imediato esse aspecto da vida de Sheeana e o observou com atenção.

— Ela está em boas mãos. Deixem que fique lá até estar pronta para nós —

ordenou Taraza. — Mantenham uma força de defesa em alerta constante e cuidem para que eu receba relatórios regulares.

Nem uma só vez Sheeana revelou suas verdadeiras origens e o que *Shaitan* tinha feito a sua família e aos seus vizinhos. Essa era uma coisa particular entre ela e *Shaitan*. Ela pensava em seu silêncio como uma forma de pagamento por ter sido poupada.

Algumas coisas perderam o interesse para Sheeana. Ela passou a fazer poucas viagens ao deserto. A curiosidade continuava, mas se tornava óbvio que uma explicação para o comportamento de *Shaitan* com relação a ela não seria encontrada nas areias. E, embora ela tivesse conhecimento da existência de embaixadas representando outros poderes em Rakis, as espiãs *Bene Gesserit* entre suas criadas cuidavam para que Sheeana não expressasse muito interesse pela Irmandade.

Respostas tranqüilizadoras, destinadas a abafar qualquer curiosidade, lhe eram fornecidas sempre que necessário.

A mensagem de Taraza a suas observadoras em Rakis foi simples e direta:

— As gerações de preparativos tornaram-se os anos de refinamento. Nós agiremos apenas no momento que for mais adequado. Não há mais qualquer dúvida de que essa criança é a que desejamos.

Em minha estimativa, mais miséria humana foi provocada pelos reformadores do que por qualquer outra força na história da humanidade. Mostrem-me alguém que diga "Alguma coisa tem que ser feita!" e eu lhes mostrarei uma cabeça cheia de intenções malignas que não possuem outra válvula de escape. O que devemos buscar sempre é encontrar o fluxo natural e seguir com ele.

— *Reverenda Madre Taraza*

Registro de conversação,

Arquivo BG GSXXMAT9

O céu encoberto foi clareando na medida em que o sol de Gammu subia no céu. Com a névoa se ergueram os perfumes do capim e da floresta ao redor, extraídos e condensados na umidade matutina.

Duncan Idaho encontrava-se na Janela Proibida, inalando esses perfumes.

Nessa manhã, Patrin lhe dissera:

— Você tem 15 anos de idade agora. Pode considerar-se um homem jovem e não mais uma criança.

— É meu aniversário?

Os dois estavam no quarto de Duncan, onde Patrin o despertara com um copo de suco cítrico.

— Não sei quando é seu aniversário.

— Será que os *gholas* fazem aniversário?

Patrin ficou em silêncio. Era proibido falar de *gholas* com o *ghola*.

— Schwangyu diz que você não pode responder essa pergunta — comentou Duncan.

Patrin falou com embaraço evidente.

— O *Bashar* deseja que eu lhe diga que o seu treinamento será atrasado esta manhã. Ele espera que você faça os exercícios para as pernas e os joelhos até ser chamado.

— Eu fiz esses exercícios ontem!

— Apenas transmito as ordens do *Bashar*.

Patrin pegou o copo vazio e saiu, deixando Duncan sozinho.

Ele se vestiu rapidamente. Estariam esperando por ele para o café da manhã no refeitório. “Malditos!” Não precisava do café da manhã deles. Que estaria fazendo esse *Bashar*? Por que não podia começar as aulas em tempo? “Exercícios para as pernas e os joelhos!” Isso era só para preencher o tempo porque Teg tinha algum outro trabalho inesperado para fazer. Com raiva, Duncan percorreu o Caminho Proibido até a Janela Proibida. “Deixe que os malditos guardas sejam punidos!”

Achou que os odores vindos da janela aberta eram evocativos, mas não conseguia identificar as memórias que vagavam nas fronteiras da sua consciência.

Sabia que haveria memórias. Achava isso assustador e ao mesmo tempo atraente —

como caminhar ao longo da borda de um penhasco ou confrontar Schwangyu em

desafio. Ele nunca tinha caminhado na beira de um abismo nem confrontado Schwangyu abertamente, mas podia imaginar tais coisas. Ver uma holofoto num livro-filme mostrando um caminho na

beira de um abismo era suficiente para fazer o seu estômago contrair-se. E quanto a Schwangyu, ele freqüentemente imaginava uma desobediência malcriada e sofria da mesma reação física.

“Alguém mais está em minha mente”, pensou.

Não era só em sua mente — em seu corpo. Podia sentir outras experiências como aquelas de que acabara de despertar, sabendo que tinha sonhado com elas, mas incapaz de relembrar os sonhos. Esse material de sonhos evocava conhecimentos que sabia não poder possuir.

E no entanto possuía.

Podia pensar nos nomes de algumas árvores cujo perfume sentia lá fora, mas esses nomes não se encontravam nos registros da biblioteca.

Essa Janela Proibida era proibida porque perfurava a muralha externa do Castelo e podia ser aberta. Era aberta com freqüência, tal como acontecia agora, para ventilação. Podia alcançar a janela desde o seu quarto subindo o gradil da sacada e escorregando através de um duto de ar num depósito. Tinha aprendido a fazer isso sem causar a menor perturbação no gradil, no depósito ou no duto. Aprendera muito cedo que aqueles que tinham sido treinados pela *Bene Gesserit* podiam detectar sinais e indícios muito pequenos. Podia interpretar alguns desses sinais graças aos ensinamentos de Teg e de Lucila.

Oculto nas sombras da passagem superior, Duncan podia voltar seus olhos para o tapete verde da floresta ondulando sobre as colinas e subindo em direção aos picos rochosos. Achava a floresta muito atraente, e os picos mais distantes possuíam uma qualidade mágica. Era fácil imaginar que nenhum ser humano ainda pisara naquelas terras. Como seria bom perder-se ali, ser apenas ele mesmo, sem ter que se preocupar com aquela outra pessoa habitando dentro dele. Ser um estranho lá longe.

Com um suspiro, Duncan virou as costas para o panorama e voltou para o quarto percorrendo sua rota secreta. Somente quando se encontrava de volta, na segurança de seu quarto, pôde dizer a si mesmo que tinha conseguido uma vez mais.

Ninguém seria punido por sua aventura.

As punições e a dor permaneciam como uma aura desagradável em torno dos lugares que lhe eram proibidos. Isso só fazia com que Duncan usasse de extrema cautela quando quebrava as regras.

Não gostava de pensar na dor que Schwangyu poderia causar-lhe se o descobrisse na Janela Proibida. Mesmo a pior dor não faria com que ele gritasse, pensava consigo mesmo. Nunca gritara, nem durante os piores castigos a que ela o submetera. Apenas olhava para ela, odiando-a mas absorvendo sua lição. Para ele a lição de Schwangyu era muito direta: refine sua habilidade de se mover sem ser visto nem ouvido, sem deixar a menor marca que traia a sua passagem.

Em seu quarto, Duncan sentou-se na beira do catre e contemplou a parede

vazia diante dele. Uma vez, quando olhava para aquela parede, uma imagem se formara — a imagem de uma mulher jovem com cabelos cor de âmbar claro e suaves feições arredondadas. Ela olhou para ele da parede e sorriu. Seus lábios moveram-se sem produzir um som. Duncan já tinha aprendido a leitura labial, de modo que pôde entender as palavras claramente.

— Duncan, meu doce Duncan.

Seria aquela a sua mãe?, perguntou a si mesmo. Sua verdadeira mãe?

Até mesmo os *gholas* tinham mães verdadeiras em algum ponto do passado remoto. Perdida no tempo, além dos tanques *axlotl*, existira uma mulher viva que o dera à luz. . e que o amara. Sim, amara, pois

ele fora o seu filho. Se o rosto na parede era o de sua mãe, como é que a imagem tinha chegado até ali? Não conseguia identificar o rosto, mas queria que fosse o de sua mãe.

A experiência o assustou, mas o medo não o impediu de querer repeti-la.

Quem quer que fosse a jovem, sua presença passageira o tinha fascinado. O estranho dentro dele conhecia aquela jovem. Tinha certeza disso. Algumas vezes queria ser aquele estranho, ainda que por um instante — um instante suficientemente longo para aprisionar todas aquelas memórias ocultas — e no entanto temia esse desejo. Iria perder sua verdadeira identidade se o estranho penetrasse em sua consciência, pensava.

Isso seria como a morte?, perguntava a si mesmo.

Duncan tivera contato com a morte antes dos seis anos. Sua guarda tinha repelido intrusos e um dos guardas fora morto. Quatro intrusos tinham morrido também, e Duncan observara os cinco corpos serem trazidos para dentro do Castelo

— músculos flácidos, braços pendendo. Alguma coisa essencial escapara deles. Nada permanecia para convocar memórias — próprias ou de um estranho.

Os cinco tinham sido levados para algum lugar bem dentro do Castelo. Ele ouviu um guarda dizer que os intrusos estavam cheios de “shere”. E esse foi seu primeiro contato com a idéia de uma Sonda Ixiana.

— Uma Sonda Ixiana pode vasculhar a mente até mesmo de uma pessoa morta — explicara Geasa. — Shere é uma droga que o protege da sonda. Suas células estarão totalmente mortas antes que passe o efeito da droga.

Ouvindo conversas, Duncan descobriu que os quatro intrusos estavam sendo sondados também de outros modos. Tais métodos

não lhe foram explicados, mas Duncan suspeitava de que isso devia ser algum segredo da *Bene Gesserit*. Pensou nisso como algum truque diabólico das Reverendas Madres. Elas deviam ser capazes de animar os mortos e extrair informações da carne relutante. Duncan visualizou músculos despersonalizados agindo sob o comando de um observador diabólico.

E esse observador era sempre Schwangyu.

Tais imagens preenchiam a mente de Duncan, a despeito de todos os esforços de suas mestras para afastar “as tolices inventadas pelos ignorantes”. As professoras diziam que tais histórias extravagantes eram úteis apenas para espalhar o medo da *Bene*

Gesserit entre os não iniciados. Duncan recusava-se a acreditar que fazia parte dos iniciados. Olhando para a Reverenda Madre, sempre pensava: “Eu não pertenço a elas!” Lucilla foi muito persistente mais tarde:

— A religião é uma fonte de energia — ela disse. — Você deve reconhecer essa energia. Ela pode ser dirigida para nossos próprios objetivos.

“Os objetivos delas, não os meus”, pensou ele.

Imaginava seus próprios objetivos e projetava imagens de si mesmo triunfando sobre a Irmandade, especialmente sobre Schwangyu. Duncan sentia que suas projeções imaginativas eram uma realidade subterrânea que agia sobre ele a partir daquele lugar habitado pelo estranho. Mas aprendeu a assentir e dar a aparência de que também achava divertida tal credulidade religiosa.

Lucila reconheceu essa dicotomia nele. Ela contou a Schwangyu!

— Ele crê que as forças místicas devem ser temidas e, se possível, evitadas. E

enquanto persistir com essa crença não será capaz aprender a usar nosso conhecimento mais essencial.

As duas se haviam encontrado para aquilo que Schwangyu chamava de “sessão regular de avaliação”. A hora era pouco depois de seu leve jantar. Os sons do Castelo ao redor delas eram sons de transição — as patrulhas noturnas começando, o pessoal que não estava de serviço gozando um de seus breves períodos de tempo livre. O

estúdio de Schwangyu não fora completamente isolado de tais coisas, uma disposição deliberada da parte das restauradoras da Irmandade. Os sentidos treinados de uma Reverenda Madre podiam detectar muitas coisas nos sons que a rodeavam.

Schwangyu sentia-se cada vez mais derrotada nessas “sessões de avaliação”.

Era sempre mais óbvio que Lucilla não poderia ser conquistada por aquelas que se opunham a Taraza. Lucila também era imune aos subterfúgios manipulatórios de uma Reverenda Madre. E, o que era pior que tudo, Lucilla e Teg estavam ensinando habilidades voláteis ao *ghola*. Habilidades perigosas ao extremo. E, somando-se a todos os seus outros problemas, Schwangyu estava adquirindo um respeito crescente por Lucilla.

— Ele acredita que usamos poderes ocultos na prática de nossas artes — disse Lucilla. — Como foi que ele chegou a essa idéia peculiar?

Schwangyu sentiu a desvantagem imposta por tal pergunta. Lucilla já sabia que isso fora feito para enfraquecer o *ghola*. Ela estava dizendo implicitamente: “A desobediência é um crime contra a nossa Irmandade!”

— Se ele deseja o nosso conhecimento, certamente vai obtê-lo de você —

respondeu Schwangyu.

Não importava o quão perigoso isso fosse na visão de Schwangyu, certamente era verdade.

— Seu desejo de conhecimento é a minha alavanca — explicou Lucilla. —

Ambas sabemos que isso não é o bastante.

Não havia censura no tom de voz de Lucilla, mas Schwangyu sentiu isso.

“Maldita! Está tentando conquistar-me!”, pensou Schwangyu.

Várias respostas entraram na mente de Schwangyu: “Não desobedeci minhas ordens. Droga!” Uma resposta desprezível! “O *ghola* tem sido tratado de acordo com as práticas de treinamento-padrão da *Bene Gesserit*.” Inadequado e falso. Esse *ghola* não era um objeto-padrão de treinamento. Havia profundidades nele que só poderiam ser igualadas por uma Reverenda Madre em potencial. E esse era o problema!

— Cometi erros — admitiu Schwangyu.

“Aí está!” Uma resposta de duplo sentido que outra Reverenda Madre poderia apreciar.

— Não cometeu erro algum quando o danificou — disse Lucilla.

— Mas errei ao não prever que outra Reverenda Madre pudesse expor as falhas nele existentes — disse Schwangyu.

— Ele deseja os nossos poderes apenas para escapar de nós — comentou Lucilla. — Ele está pensando: “Algum dia vou saber tanto quanto elas e nesse dia fugirei.”

Como Schwangyu não respondesse, Lucilla acrescentou:

— Isso foi muito hábil. Se ele fugir, teremos que caçá-lo e destruí-lo nós mesmas.

Schwangyu sorriu.

— Não cometerei o seu erro — continuou Lucilla. — Digo-lhe abertamente aquilo que sei que vai perceber de qualquer modo. Agora entendo por que Taraza enviou uma Impressora para alguém tão jovem.

O sorriso de Schwangyu desapareceu.

— Que está fazendo?

— Eu o estou prendendo a mim do modo como prendemos todas as nossas acólitas às suas mestras. Eu o estou tratando com candura e lealdade, como se fosse uma de nós.

— Mas ele é homem!

— Assim a agonia da especiaria lhe será negada, mas nada além disso. Acho que ele está respondendo.

— E quando chegar a ocasião para o estágio final da impressão? — perguntou Schwangyu.

— Sim, isso também será delicado. Você pensa que vai destruí-lo. Este, é claro, era o seu plano.

— Lucilla, a Irmandade não é unânime em apoiar o projeto de Taraza para esse *ghola*. Certamente sabe disso.

Era o argumento mais poderoso de Schwangyu, e o fato de ter ficado reservado para esse momento revelava muito. Os temores de que pudessem produzir outro *Kwisatz Haderach* eram profundos e a dissensão na *Bene Gesserit*, comparavelmente poderosa.

— Ele é de um estoque genético primitivo e não foi criado para ser um *Kwisatz Haderach* — argumentou Lucilla.

— Mas os *Tleilaxu* interferiram em sua herança genética!

— Sim, por ordem nossa. Eles aceleraram suas respostas musculares e nervosas.

— Será que foi só isso? — perguntou Schwangyu.

— Você viu os estudos celulares — disse Lucilla.

— Se pudéssemos fazer o que fazem os *Tleilaxu*, não precisaríamos deles.

Teríamos nossos tanques *axlotl*.

— Acha que eles esconderam alguma coisa de nós?

— Eles o tiveram fora de nossa observação durante nove meses!

— Já ouvi todos esses argumentos — concluiu Lucilla.

Schwangyu ergueu as mãos num gesto de capitulação.

— Ele é todo seu, então, Reverenda Madre. E as conseqüências são do seu conhecimento. Mas não me vai retirar este posto, não importa o que relate à Irmandade.

— Retirar? Certamente que não. Não quero a sua facção enviando alguém que desconhecemos.

— Existe um limite aos insultos que aceitarei de você — advertiu Schwangyu.

— E existe um limite ao volume de traição que Taraza pode aceitar —

respondeu Lucilla.

— Se criarmos outro Paul Atreides, ou, que os Deuses nos livrem, outro Tirano, será culpa de Taraza. Diga-lhe que eu disse isso.

Lucilla levantou-se.

— Deve saber que Taraza deixou inteiramente por minha conta a quantidade de melange que entregamos a esse *ghola*. Já começei a aumentar sua ração de especiaria.

Schwangyu golpeou o tampo da mesa com ambos os punhos.

— Malditas sejam todas vocês! Ainda vão nos destruir!

O segredo dos Tleilaxu deve encontrar-se no esperma. Nossos testes provam que o esperma dos Tleilaxu não transporta informação de modo puramente genético. Ocorrem brechas. Cada Tleilaxu que examinamos escondeu de nós o seu eu interior. Eles são naturalmente imunes a uma Sonda Ixiana! O segredo nos níveis mais profundos — essa é sua derradeira armadura e sua arma final.

— *Análise Bene Gesserit*

Código de Arquivo:

BTXX44I WOR

Em uma manhã durante o quarto ano de permanência de Sheeana no santuário dos sacerdotes, os relatórios da espionagem *Bene Gesserit* despertaram um interesse especial na embaixada da Irmandade em Rakis.

— Ela estava no teto, você diz? — indagou a Madre Comandante do Castelo Rakiano.

Tamalane, a comandante, servira previamente em Gammu e sabia, mais do que ninguém, o que a Irmandade esperava produzir ali. O relatório de espionagem tinha interrompido seu lanche matinal, um composto de cifruta e melange. A mensageira ficou à vontade, ao lado da mesa, enquanto Tamalane voltava a se alimentar, relendo o relatório.

— Ela estava no teto, é verdade, Reverenda Madre — disse a mensageira.

Tamalane olhou para a mensageira, Kipuna, uma acólita nativa rakiana que estava sendo preparada para tarefas locais. Engolindo um bocado do composto, Tamalane disse:

“Traga-os de volta.” Foram exatamente essas as palavras dela?

Kipuna confirmou com um gesto de cabeça. Ela entendera a pergunta: Sheeana tinha dado uma ordem direta?

Tamalane voltou a esquadrinhar o relatório, buscando indícios reveladores.

Estava feliz por ter enviado Kipuna para essa missão. Respeitava as habilidades dessa mulher rakiana. Kipuna tinha feições suaves e arredondadas e o cabelo crespo comum à classe de sacerdotes rakianos. O cérebro sob aquele cabelo era extremamente alerta.

— Sheeana ficou aborrecida — explicou Kipuna. — O tóptero passou perto do teto e ela viu os dois prisioneiros algemados lá dentro de modo muito claro. Sabia que estavam sendo levados para a morte no deserto.

Tamalane colocou o relatório sobre a mesa e sorriu.

— Então ordenou que os prisioneiros lhe fossem trazidos de volta? Acho fascinante a escolha das palavras que ela fez.

— Traga-os de volta? — perguntou Kipuna. — Isso me parece uma ordem bem simples. Por que é fascinante?

Tamalane admirou o modo direto do interesse da acólita. Kipuna não queria deixar passar uma chance de aprender como funcionava a mente de uma verdadeira Reverenda Madre.

— Não foi essa parte do desempenho dela que me interessou — explicou Tamalane. Ela se curvou sobre o relatório, lendo em voz

alta: — “Vocês são servos de *Shaitan*, não servos dos servos.” — Tamalane olhou para Kipuna. — Você mesma viu e ouviu tudo isso?

— Sim, Reverenda Madre. E foi julgado importante que eu lhe relatasse isso pessoalmente para o caso de ter outras perguntas.

— Ela ainda o chama de *Shaitan* — comentou Tamalane. — Como isso deve irritá-los! É claro que o próprio Tirano disse: “Eles me chamarão de *Shaitan*.”

— Vi os relatórios sobe o tesouro encontrado em Dar-es-Balat — disse

Kipuna.

— Não demoraram em trazer de volta os prisioneiros? — perguntou Tamalane.

— Demoraram o tempo necessário para a mensagem ser transmitida ao tóptero, Reverenda Madre. Eles foram trazidos de volta em coisa de minutos.

— Isso quer dizer que eles a estão observando e ouvindo o tempo todo.

Ótimo. E Sheeana demonstrou algum sinal de conhecer os dois prisioneiros? Houve alguma mensagem entre eles?

— Tenho certeza de que eram perfeitos estranhos, Reverenda Madre. Duas pessoas comuns, das classes inferiores, um tanto sujas e mal vestidas. Tinham o cheiro da gente suja das choupanas do perímetro.

— E Sheeana ordenou que as algemas fossem removidas e falou com essa gente suja? Diga-me agora suas palavras exatas: que foi que ela falou?

— Vocês são do meu povo.

— Adorável, adorável — comentou Tamalane. — E Sheeana então mandou que banhassem os dois e lhes dessem roupas novas antes de serem soltos. Diga-me em suas próprias palavras o que aconteceu em seguida.

— Ela chamou Tuek, que veio com três de seus conselheiros. Foi... quase uma discussão.

— Transe de memória, por favor — pediu Tamalane — Repita a discussão inteira para mim.

Kipuna fechou os olhos, respirou fundo e entrou no transe de memória:

— Sheeana diz: “Não gosto quando alimentam *Shaitan* com o meu povo.” O

Conselheiro Stiros diz: “Eles são sacrificados ao *Shai-hulud*!” Sheeana diz: “A *Shaitan*!”

E bate com o pê no chão, furiosa. Tuek diz: “Basta, Stiros. Não vou continuar ouvindo esta discórdia.” Sheeana diz: “Quando vão aprender?” Stiros faz menção de dizer alguma coisa, mas Tuek o silencia com um olhar de fúria e diz: “Nós aprendemos, Sagrada Criança.” Então Sheeana diz: “Eu quero...”

— É o bastante — interrompeu Tamalane.

A acólita abriu os olhos e esperou em silêncio.

Daí a pouco Tamalane disse:

— Volte para o seu posto, Kipuna. Você agiu realmente muito bem.

— Obrigada, Reverenda Madre.

— Vai haver preocupação entre os sacerdotes — explicou Tamalane.

— O desejo de Sheeana é uma ordem porque Tuek acredita nela. Eles vão parar de usar os vermes como instrumentos de punição.

— E os dois prisioneiros... — observou Kipuna.

— Sim, você é muito observadora. Os dois prisioneiros vão contar o que lhes aconteceu. A história será distorcida. As pessoas vão dizer que Sheeana as protege dos sacerdotes.

— E não é exatamente isso que ela está fazendo, Reverenda Madre?

— Sim, mas considere as opções que ficam abertas aos sacerdotes. Eles irão aumentar suas formas alternativas de punição — açoites e certas privações. E

enquanto o medo de *Shaitan* diminui por causa de Sheeana, o medo dos sacerdotes vai aumentar.

Em questão de dois meses os relatórios de Tamalane à Irmandade continham a confirmação de suas palavras.

— O racionamento de rações, principalmente o racionamento de água, tornou-se a principal forma de punição — relatou Tamalane. — Rumores extravagantes penetraram nos lugares mais remotos de Rakis e logo encontrarão abrigo em muitos outros planetas também.

Tamalane considerou com cuidado as implicações de seu relatório. Muitos olhos iriam vê-lo, inclusive aqueles que não simpatizavam com Taraza. E qualquer Reverenda Madre seria capaz de visualizar o que deveria estar acontecendo em Rakis.

Muitos naquele planeta tinham visto a chegada de Sheeana montada num verme selvagem do deserto. E a tentativa dos sacerdotes de guardar segredo fora errada desde o começo. A curiosidade insatisfeita tende a criar suas próprias respostas. As suposições são freqüentemente mais perigosas que os fatos.

Relatórios anteriores tinham falado a respeito das crianças que eram trazidas para brincar com Sheeana. Histórias confusas sobre tais crianças eram repetidas com distorções crescentes, e tais versões tinham sido enviadas diligentemente para a Irmandade. Os dois prisioneiros, voltando às ruas com suas roupas finas, somente reforçaram a mitologia nascente. A Irmandade, artista em mitologia, possuía em Rakis uma energia pronta para ser sutilmente ampliada e dirigida.

— Nós alimentamos o povo com a crença na satisfação de um desejo —

relatou Tamalane.

Pensou nas frases criadas pela *Bene Gesserit* enquanto relia seus últimos relatórios.

“Sheeana é aquela que esperávamos há tanto tempo.”

Era uma declaração suficientemente simples, de modo que seu significado pudesse ser espalhado sem distorções inaceitáveis.

“A Filha de *Shai-hulud* veio para castigar os sacerdotes!”

Essa fora um pouco mais complicada. Alguns sacerdotes morreram em vielas escuras como resultado da efervescência popular. Isso deixou alerta a guarda dos sacerdotes, fazendo com que injustiças previsíveis atingissem a população.

Tamalane pensou na delegação de sacerdotes que tinha esperado por Sheeana como resultado da agitação entre os conselheiros de Tuek. Sete deles, liderados por Stiros, tinham interrompido o almoço de Sheeana com uma criança da rua. Sabendo que isso ia acontecer, Tamalane estivera preparada e uma gravação secreta do incidente lhe fora trazida, as palavras audíveis, cada expressão visível, os pensamentos bem evidentes para o olho treinado de uma Reverenda Madre.

— Nós estávamos fazendo um sacrifício ao *Shai-hulud*! — protestou Stiros.

— Tuek já lhe disse para não discutir comigo a esse respeito — disse se Sheeana.

Como as sacerdotisas sorriram ante o embaraço de Stiros e dos outros sacerdotes!

— Mas o *Shai-hulud*... — começou Stiros.

— *Shaitan*! — corrigiu Sheeana, e sua expressão era facilmente interpretável:

“Será que esses sacerdotes estúpidos não sabem nada?”

— Mas nós sempre pensamos...

— Vocês estavam errados.

Sheeana bateu com o pé.

Stiros fingiu que precisava de explicação.

— Devemos acreditar que o *Shai-hulud*, o Deus Dividido, também é *Shaitan* ?

Que tolo completo ele era, pensou Tamalane. Até uma adolescente podia confundi-lo, como Sheeana fez em seguida.

— Qualquer criança das ruas sabe disso assim que começa a andar! — disse Sheeana.

Stiros falou de modo matreiro:

— Como sabe o que se passa na cabeça das crianças da rua?

— Você faz mal duvidando de mim! — acusou Sheeana.

Era uma resposta que ela havia aprendido a usar com freqüência, sabendo que isso traria Tuek e causaria problemas.

Stiros sabia disso muito bem. Esperou com os olhos voltados para o chão, enquanto Sheeana, falando com grande paciência, como alguém que contasse uma velha fábula a uma criança, explicava que deus, o diabo ou ambos habitavam o verme do deserto. Os seres humanos tinham que aceitar isso. Não cabia aos mortais decidir tais coisas.

Stiros tinha mandado abandonar pessoas no deserto por semelhante heresia.

Sua expressão (tão cuidadosamente registrada para análise pela *Bene Gesserit*) dizia que tais idéias loucas estavam sempre brotando do lixo no fundo das regiões inferiores de Rakis. Mas agora ele tinha que agüentar a insistência de Tuek de que esta Sheeana falava a verdade divina!

Enquanto observava a gravação, Tamalane pensou que o caldo estava fervendo lindamente. Relatou isso à Irmandade. Dúvidas fustigavam Stiros; dúvidas por toda parte, exceto na devoção crescente do povo por Sheeana. Os espiões mais próximos de Tuek revelavam que ele estava começando a duvidar de sua sabedoria ao executar o locutor-historiador Dromind.

— Dromind estaria certo em duvidar dela? — Tuek perguntava àqueles que o cercavam.

— Impossível! — respondiam os bajuladores. Que mais poderiam dizer? O

Alto Sacerdote era incapaz de cometer erros. Deus não permitiria tal coisa. E no entanto Sheeana claramente o confundia. Ela colocava as decisões de muitos Altos

Sacerdotes anteriores a ele num limbo terrível. Reinterpretações eram exigidas de todos os lados.

Stiros continuava perguntando a Tuek:

— Que é que sabemos realmente a respeito dela? — Tamalane tinha uma transcrição completa do mais recente desses confrontos. Stiros e Tuek sozinhos, debatendo noite adentro, julgando-se a sós nos alojamentos de Tuek, confortavelmente instalados nas raras cadeiras-cães azuis, alimentos com melange ao alcance da mão. A holofoto que Tamalane recebera de tal encontro mostrava um único globo luminoso flutuando em seus suspensores logo acima da dupla, a luz reduzida para não cansar os olhos fatigados.

— Talvez aquela primeira vez que a deixamos no deserto com um batedor não tenha sido um bom teste — dizia Stiros.

Era uma declaração astuta. Tuek era notado por não possuir uma mente complexa.

— Não foi um bom teste? Que está querendo dizer?

— Que Deus pode desejar que façamos outros testes.

— Você a viu, com os próprios olhos, muitas vezes no deserto, falando com Deus!

— Sim! — Stiros quase saltou. Evidentemente, essa era a resposta que estava esperando. Se ela pode permanecer ilesa na presença de Deus, talvez possa ensinar outros a fazerem o mesmo.

— Sabe que ela fica zangada sempre que sugerimos tal coisa.

— Talvez não tenhamos abordado o problema do modo certo.

— Stiros! E se a criança estiver certa? Nós servimos o Deus Dividido. Tenho pensado muito a respeito. Por que Deus se dividiria? Não é esse o seu teste final?

A expressão na face de Stiros revelava que esse era o tipo de ginástica mental que sua facção temia. Tentou desviar Tuek desse

pensamento, mas Tuek não podia ser arrastado para fora de um mergulho unidirecional no oceano da metafísica.

— O teste derradeiro — insistiu Tuek. — Ver o bem no mal e o mal no bem.

A expressão de Stiros só podia ser descrita como consternada. Tuek era o Supremo Consagrado por Deus. Nenhum sacerdote podia duvidar do que ele dizia. E

o resultado de Tuek, tornando público tal pensamento, causaria um abalo profundo nas fundações da autoridade sacerdotal! Obviamente, Stiros estava perguntando a si mesmo se não chegara a hora de mandar para o deserto esse Alto Sacerdote.

— Eu nunca pensaria poder debater idéias tão profundas com meu Alto Sacerdote — disse Stiros. — Mas talvez eu possa sugerir algo que resolveria muitas dúvidas.

— Sugira então — disse Tuek.

— Instrumentos sutis poderiam ser introduzidos nas roupas dela. Com eles poderíamos ouvir enquanto ela fala com.

— Acha que Deus não teria conhecimento do que fizéssemos?

— Tal pensamento nunca atravessou minha mente!

— Não vou ordenar que ela seja levada para o deserto.

— Mas e se for idéia dela ir? — Stiros assumiu sua expressão mais cativante.

— Ela fez isso muitas vezes.

— Mas não recentemente. Parece ter perdido sua necessidade de consultar Deus.

— Não poderíamos sugerir isso a ela? — indagou Stiros.

— De que modo?

— Sheeana, quando vai falar novamente com seu Pai? Você não se coloca mais em Sua presença.

— Isso parece mais uma provocação do que uma sugestão.

— Estou apenas propondo que..

— Essa Sagrada Criança não é tola! Ela fala com Deus, Stiros. Deus poderia punir-nos apenas por tal presunção.

— Deus não a colocou aqui para que a estudássemos? — indagou Stiros.

Para o gosto de Tuek, isso estava muito próximo da heresia de Dromind.

Olhou furioso para Stiros.

— O que eu quero dizer — continuou Stiros — é que certamente Deus deseja que aprendamos com ela.

O próprio Tuek dissera isso muitas vezes, nunca ouvindo em suas próprias palavras um curioso eco das palavras de Dromind.

— Ela não deve ser provocada nem testada — insistiu Tuek.

— Os céus o proíbem! — disse Stiros. — Eu serei a fonte da sagrada cautela.

E tudo que eu aprender a respeito da Sagrada Criança lhe será relatado imediatamente.

Tuek meramente acenou com a cabeça. Ele tinha seus próprios modos de se certificar de que Stiros falava a verdade.

Os testes subseqüentes foram imediatamente relatados à Irmandade por Tamalane e suas subordinadas.

— Sheeana tem um olhar pensativo — relatou Tamalane. Entre as Reverendas Madres em Rakis e entre aquelas a quem elas informavam, esse olhar pensativo tinha uma interpretação muito óbvia. Os antecedentes de Sheeana tinham sido deduzidos muito tempo atrás e as intromissões de Stiros faziam a menina ficar com saudades de casa. Sheeana mantinha o silêncio com muita sabedoria, mas era evidente que estimava muito a vida que levara numa vila de pioneiros. A despeito do perigo e de todos os temores, aqueles tinham sido tempos felizes para ela. Lembrava-se do riso, de colocar bastões na areia para prever o tempo, caçar escorpiões nas fendas das cabanas ou farejar especiaria nas dunas. Pelas viagens seguidas que Sheeana fazia naquela área, a Irmandade fizera uma suposição razoavelmente precisa quanto à localização do vilarejo perdido e ao que lhe acontecera. Sheeana olhava com freqüência para um velho mapa de Tuek na parede de seu quarto.

E, como Tamalane esperava, certa manhã Sheeana apontou o dedo para uma

posição no mapa da parede, o mesmo lugar aonde fora muitas vezes.

— Leve-me até este lugar — ordenou a suas criadas.

Um tóptero foi solicitado.

Enquanto os sacerdotes escutavam avidamente, num tóptero pairando muito alto, Sheeana confrontou uma vez mais seu inimigo na areia. Tamalane e suas assessoras, sintonizadas nos circuitos dos sacerdotes, observavam com igual interesse.

Nada que sugerisse mesmo remotamente um vilarejo permanecia na vastidão varrida pelas dunas onde Sheeana pediu para ser deixada. Dessa vez, entretanto, ela usou um batedor para chamar o verme. Outra das matreiras sugestões de Stiros, acompanhada de instruções cuidadosas sobre o modo antigo de convocar o Deus Dividido.

O verme veio.

Tamalane, que observava em seu próprio projetor, considerou o verme um monstro mediano. Seu comprimento foi estimado em aproximadamente 50 metros e Sheeana ficou a apenas três metros da boca aberta. O bafejar dos fogos interiores do verme era claramente audível aos observadores.

— Vai me contar por que fez aquilo? — perguntou Sheeana.

Ela nem estremecia diante do bafo quente do verme. A areia estalava embaixo do monstro, mas ela não dava qualquer sinal de estar ouvindo.

— Responda-me! — ordenou.

Nenhuma voz partiu do verme, mas Sheeana parecia estar ouvindo alguma coisa, a cabeça inclinada para um lado.

— Então volte para o lugar de onde veio — ela disse.

E acenou para que o verme fosse embora.

Obedientemente, o verme recuou e mergulhou na areia.

Durante dias, enquanto a Irmandade observava com satisfação, os sacerdotes debateram esse breve encontro. Sheeana não podia ser questionada a respeito, ou saberia ter sido espionada. E, como de hábito, ela se recusava a comentar suas visitas ao deserto.

Stiros continuou com suas astutas sondagens. O resultado foi exatamente aquele que a Irmandade esperava. Sem qualquer aviso, Sheeana acordava num determinado dia e dizia:

— Hoje eu irei ao deserto.

Algumas vezes ela usava um batedor, outras vezes dançava para chamar a criatura. De bem longe na areia, além do alcance da visão a partir de Keen ou qualquer outro lugar habitado, os vermes

atendiam ao seu chamado. E Sheeana, sozinha diante de um verme, falava com ele enquanto outros ouviam. Tamalane achou fascinantes os registros acumulados, na medida em que passavam por suas mãos a caminho da sede da Irmandade.

— Eu devia odiá-lo!

Que rebuliço isso não causou entre os sacerdotes! Tuek queria um debate

aberto: devemos odiar o Deus Dividido ao mesmo tempo em que O amamos?

Stiros mal conseguiu calar essa sugestão com o argumento de que os desejos de Deus ainda não estavam claros.

E Sheeana indagou a um de seus gigantescos visitantes:

— Vai me deixar cavalgá-lo novamente?

Quando ela se aproximou, o verme recuou e não permitiu que o montasse.

Em outra ocasião ela perguntou:

— Devo permanecer entre os sacerdotes?

Esse verme em particular mostrou-se o alvo de muitas perguntas, entre elas:

— Para onde vão as pessoas que você come?

— Por que as pessoas são falsas comigo?

— Devo punir os maus sacerdotes?

Tamalane riu diante dessa última pergunta, sabendo a agitação que ela causaria no meio do pessoal de Tuek. Suas espiãs relataram obedientemente o temor entre os sacerdotes.

— Como Ele responde a ela? — perguntou Tuek. — Alguém já ouviu Deus responder?

— Talvez ele fale diretamente à alma dela — arriscou um conselheiro.

Tuek aceitou de imediato a sugestão:

— É isso! Devemos perguntar a ela o que Deus lhe diz.

Sheeana recusou-se a participar de tais debates.

— Ela tem razoável consciência de seus poderes — relatou Tamalane. — Não está incursionando no deserto com muita freqüência agora, a despeito das sugestões de Stiros. Como era de se esperar, a atração diminuiu. O medo e o entusiasmo não podem levá-la muito além. Ela aprendeu, entretanto, a dar uma ordem efetiva:

— Vá embora!

A Irmandade marcou isso como um progresso importante. E quando até mesmo o Deus Dividido passou a obedecer, nenhum sacerdote ou sacerdotisa era mais capaz de questionar a autoridade de Sheeana nesse aspecto.

— Os sacerdotes estão construindo torres no deserto — relatou Tamalane. —

Eles querem ter um número maior de locais de onde possam observar Sheeana em suas saídas para o deserto.

A Irmandade tinha antecipado isso e até fizera algumas sugestões veladas para acelerar o projeto. Cada torre tinha a própria armadilha de vento, a própria equipe de manutenção, jardins, barreira de água e outros elementos da civilização. Cada uma representava uma pequena comunidade expandindo-se além das áreas povoadas de Rakis, bem dentro do domínio dos vermes.

As vilas de pioneiros não eram mais necessárias e Sheeana recebeu o crédito por esse desenvolvimento.

— Ela é nossa sacerdotisa — dizia a população.

Tuek e seus conselheiros continuavam presos ao paradoxo: *Shaitan* e *Shai-hulud*

em um só corpo? Stiros vivia sob o constante temor de que Tuek anunciasse esse fato.

Os assessores de Stiros rejeitaram categoricamente a sugestão de que Tuek fosse entregue aos vermes. Outra sugestão, de que Sacerdotisa Sheeana devia sofrer um acidente fatal, foi recebida por todos com horror, e até mesmo Stiros achou muito grande a ousadia.

— Mesmo que removêssemos esse espinho, Deus poderia enviar-nos algo mais terrível — ele disse. E advertiu: — Os livros mais antigos dizem que uma criança vai nos guiar.

Stiros era o mais recente acréscimo ao grupo que olhava para Sheeana como alguém não inteiramente mortal. Era visível que aqueles que a cercavam, inclusive Cania, tinham aprendido a amar Sheeana. Ela era brilhante, sagaz, compreensiva.

E muitos repararam que esse afeto crescente com relação a Sheeana dominava até mesmo Tuek.

Para as pessoas tocadas por esse poder, a Irmandade tinha uma classificação imediata. A *Bene Gesserit* tinha um rótulo para este efeito ancestral: adoração crescente.

Tamalane relatou mudanças profundas acontecendo em Rakis na medida em que as pessoas, por todo o planeta, começavam a orar a Sheeana em vez de ao *Shai-hulud* ou a *Shaitan*.

— Eles percebem que Sheeana intercede pelas pessoas mais humildes —

relatou Tamalane. — É um padrão familiar. Tudo acontece como foi ordenado.

Quando vai enviar o *ghola*?

A superfície externa de um balão é sempre maior que o centro da maldita coisa! Esse é todo o motivo por trás da Dispersão!

— Resposta da Bene Gesserit ante uma sugestão ixiana de que novas sondas investigadoras fossem enviadas para o meio dos Perdidos

Uma naveta rápida da Irmandade levou Miles Teg até o transporte da Corporação circulando acima de Gammu. Miles não gostava da idéia de ter que deixar o Castelo num momento como esse, mas as prioridades eram óbvias. Ele também tinha uma reação instintiva a essa aventura. Em seus três séculos de experiência, aprendera a confiar em suas reações instintivas. As coisas não andavam bem em Gammu. Cada patrulha, cada informação dos sensores remotos, os relatórios dos espiões de Patrin nas cidades — tudo alimentava a inquietação de Teg.

À maneira *Mentat*, ele sentia o movimento das forças em torno do Castelo e dentro de si. O *ghola* pelo qual era responsável estava ameaçado. A ordem para que fosse a bordo do Transporte da Corporação sugeria que se preparasse para violência.

E no entanto vinha da parte da própria Taraza, com um inconfundível cripto-identificador.

Enquanto a naveta o levava para o alto, Teg se condicionava para a batalha. Os preparativos que poderia fazer tinham sido feitos. Lucilla fora avisada. Tinha confiança em relação a ela. Já Schwangyu era diferente. Pretendia discutir com Taraza algumas mudanças que se faziam necessárias no Castelo Gammu. Antes tinha que vencer

outra batalha. Não tinha a menor dúvida de que fosse entrar em combate.

Enquanto a naveta se posicionava para o acoplamento, Teg olhou por uma vigia e viu o gigantesco símbolo ixiano dentro do emblema da Corporação sobre o lado escurecido do Transporte. Essa era uma nave da Corporação convertida para navegar com um mecanismo ixiano substituindo o navegador tradicional. Haveria técnicos ixianos a bordo para a manutenção do equipamento. E um navegador genuíno estaria lá também. A Corporação nunca aprendera a confiar numa máquina, mesmo quando exibia esses transportes convertidos como um aviso aos *Tleilaxu* e aos Rakianos.

“Estão vendo? Não dependemos inteiramente da sua melange!”

Este era o aviso implícito no gigantesco símbolo de Ix no costado da nave.

Teg sentiu uma leve sacudidela quando as garras de atracação seguraram a naveta, e se acalmou respirando fundo. Sentia-se sempre do mesmo modo antes do combate: vazio de todos os falsos sonhos. Isso era uma falha. As conversações tinham fracassado e agora vinha a disputa de sangue... a menos que pudesse prevalecer de algum outro modo. Naquela época, o combate era raramente de grande porte, mas isso não impedia que a morte se fizesse presente. Isso representava um modo mais permanente de fracasso. “Se não somos capazes de acertar nossas diferenças pacificamente, somos menos humanos.”

Um comissário, com o sotaque inconfundível de Ix em sua voz, guiou Teg até o compartimento onde Taraza esperava por ele. E ao longo de todos os corredores e pneumotubos que o conduziam ao encontro de Taraza, Teg buscou os indícios que confirmassem a advertência secreta contida na mensagem da Madre Superiora. Tudo parecia calmo e costumeiro — inclusive a cortesia do comissário para com o *Bashar*.

— Fui um comandante Tireg em Andioyu — ele disse, citando o nome de uma das quase-batalhas que Teg vencera.

Chegaram diante de uma comporta oval na parede de um corredor comum. A comporta se abriu e Teg entrou numa sala confortável de paredes brancas, com cadeiras-fundas, mesas baixas e globos luminosos ajustados na faixa do amarelo. A comporta deslizou para dentro de seu selo de ar com uma pancada abafada atrás dele, deixando seu guia lá fora, no corredor.

Uma acólita *Bene Gesserit* abriu as rendas que ocultavam uma passagem à direita de Teg. Acenou com a cabeça para ele. Tinha sido visto e Taraza seria notificada.

Teg controlou um tremor nos músculos da barriga da perna.

“Violência?”

Não interpretara erroneamente o aviso secreto de Taraza. Teriam sido adequados seus preparativos? Havia uma cadeira à sua esquerda, uma mesa baixa diante dela e outra cadeira no lado oposto da mesa. Teg caminhou até esse lado do aposento e esperou com as costas voltadas para a parede. A poeira marrom de Gammu ainda aderia às suas botas, notou.

Havia um cheiro peculiar nessa sala. Ele avaliou e percebeu: *shere*!

Taraza e sua gente se teriam prevenido contra uma Sonda Ixiana? Teg tomara sua cápsula habitual de *shere* antes de embarcar na naveta. Havia em sua cabeça muito conhecimento que poderia ser útil a um inimigo. E o fato de Taraza ter deixado o cheiro de *shere* em seus alojamentos tinha outras implicações: era uma declaração para algum observador cuja presença ela não pudesse evitar.

Taraza entrou passando pelo rendado de cortinas. Teg achou que ela parecia cansada. Considerou isso extraordinário, pois as irmãs eram capazes de ocultar a fadiga até estarem quase no ponto de

caírem. Estaria ela realmente esgotada ou seria esse outro gesto em beneficio de observadores ocultos?

Parando na entrada, Taraza observou Teg. O *Bashar* parecia muito mais velho do que na última vez em que o vira, pensou ela. Seu trabalho em Gammu estava tendo um efeito sobre ele, mas Taraza achou essa observação tranqüilizadora. Era sinal de que Teg estava fazendo bem o seu trabalho.

— Sua resposta rápida é muito apreciada, Miles — ela disse.

“Apreciada!” Essa era a palavra-código para: “Estamos sendo observados secretamente por um adversário perigoso.”

Teg fez sinal com a cabeça enquanto seu olhar se voltava para o cortinado por onde Taraza tinha entrado.

Ela sorriu e caminhou mais para dentro da sala. Não havia sinal do ciclo da melange em Teg, observou ela. A idade avançada de Teg sempre levantava a suspeita de que ele pudesse recorrer ao efeito da especiaria. Mas nada nele indicava o menor sinal do vício em que caíam até os mais fortes quando sentiam o fim se aproximando.

Teg usava sua velha jaqueta do uniforme de Supremo *Bashar*, mas sem os asteriscos dourados nos ombros e no colarinho. Esse era um sinal que ela reconhecia. Dizia:

“lembre-se de como conquistei isto a seu serviço. E desta vez também não falharei.”

Os olhos que a observavam estavam nivelados com os seus e nenhum indício de julgamento aparecia neles. Toda a aparência de Teg transmitia uma calma interior, tudo de acordo com o que ela sabia dever estar lhe ocorrendo nesse momento.

Esperava seu sinal.

— Nosso *ghola* deve ser despertado na primeira oportunidade — ela disse.

Ergueu a mão para silenciá-lo quando tentou responder. — Vi os relatórios de Lucilla e sei que ele ainda é muito jovem. Mas é preciso que entremos em ação.

Taraza falava para aqueles que estavam observando, ele percebeu. Devia acreditar em suas palavras?

— Agora lhe dou a ordem para despertá-lo — disse ela, enquanto flexionava o

punho esquerdo num sinal confirmador de sua linguagem secreta.

Era verdade! Teg olhou para as cortinas que ocultavam as passagens por onde Taraza tinha entrado. Quem estaria ouvindo lá?

Colocou seus talentos de *Mentat* voltados para o problema. Faltavam alguns elementos, mas isso não o detinha. Um *Mentat* era capaz de trabalhar sem determinados dados, desde que possuísse o suficiente para criar um padrão. Era raro os *Mentats* possuírem todos os dados de que necessitavam, e algumas vezes bastava o mais leve esboço. Isso fornecia o padrão oculto a partir do qual eles poderiam encaixar as peças que faltavam para completar o todo. Teg fora treinado para sentir padrões, reconhecer unidades e sistemas. Lembrava-se agora de que fora treinado no derradeiro sentido militar: treina-se um recruta para treinar uma arma, para apontar a arma corretamente.

Taraza o estava apontando. E seu julgamento da situação foi confirmado.

— Serão feitas tentativas desesperadas de matar ou capturar o *ghola* antes que você possa despertá-lo — ela disse.

Teg reconheceu-lhe o tom de voz: a fria e analítica oferta de dados a um *Mentat*. Ela percebia que ele estava pensando como *Mentat*.

O padrão de busca *Mentat* desenrolou-se em sua mente. Em primeiro lugar havia o projeto da Irmandade para o *ghola*, o que lhe era na maior parte desconhecido, mas que girava de algum modo em torno da presença em Rakis de uma jovem que (assim diziam) podia controlar os vermes. Os *gholas* Idaho possuíam uma personalidade envolvente e algo mais que fizera com que o Tirano e os *Tleilaxu* os tivessem produzido incontáveis vezes. Duncans aos montes! Que serviços esse *ghola* podia realizar para que o Tirano não o deixasse ficar esquecido entre os mortos? E

quanto aos *Tleilaxu*? Eles tinham decantado *gholas* Duncan Idaho a partir de seus tanques *axlotl* durante milênios, mesmo depois da morte do Tirano. Tinham vendido esse *ghola* para a Irmandade 12 vezes, e a Irmandade pagara na moeda mais valiosa: melange de suas preciosas reservas. Por que os *Tleilaxu* aceitariam como pagamento coisa que eles produziam com fartura? Era óbvio: para esgotar as reservas da Irmandade. Havia nisso uma forma especial de cobiça. Os *Tleilaxu* estavam comprando a supremacia — um jogo de poder!

Teg voltou sua atenção para a Madre Superiora, que aguardava calmamente.

— Os *Tleilaxu* têm matado nossos *gholas* para controlar nosso cronograma —

disse ele.

Taraza fez sinal com a cabeça, mas não falou. Então ainda havia mais. Tornou a mergulhar no modo de pensamento *Mentat*.

A *Bene Gesserit* era um mercado valioso para a melange dos *Tleilaxu*. Não a única fonte, pois havia sempre um fio escorrendo de Rakis, mas era um mercado valioso, sim, muito valioso. Não era lógico que os *Tleilaxu* alienassem um mercado valioso, a menos que possuíssem outro ainda mais lucrativo em vista.

Quem mais se interessava pelas atividades da *Bene Gesserit*? Os ixianos, sem

dúvida. Mas os ixianos não eram um bom mercado para melange. A própria presença ixiana nessa nave revelava sua independência. Desde que os ixianos e as Oradoras Peixes se tinham unido, aderindo a uma causa comum, as Oradoras podiam ser deixadas de fora desse padrão de busca.

Que maior poder ou união de poderes nesse universo possuía...

Teg gelou ante esse pensamento como se tivesse aplicado os freios de mergulho num tóptero. Deixou que sua mente flutuasse livre enquanto examinava as outras considerações.

“Não neste universo”

O padrão tomou forma. “Riqueza.” Gammu assumiu novo papel em suas computações *Mentat*. Gammu fora esgotado pelos Harkonnen, abandonado como um carcaça apodrecendo, até que os Danianos o haviam restaurado. Mas tinha havido um tempo em que até as esperanças em Gammu se tinham esgotado. E sem esperanças não havia nem mesmo sonhos. Erguendo-se desse abismo, a população aderira ao pragmatismo mais elementar. “Se funcionar, é bom.”

“Riqueza”

Em sua primeira avaliação de Gammu, ele tinha notado o número de bancos.

Alguns eram mesmo marcados como cofres *Bene Gesserit*. Gammu servia de eixo para a manipulação de uma enorme riqueza. O banco que tinha visitado para estudar seu uso como contato de emergência entrou em sua consciência *Mentat*. Soubera de imediato que aquele estabelecimento não se restringia puramente aos negócios planetários. Era um banco para banqueiros.

“Não se tratava meramente de riqueza, mas de RIQUEZA.”

Um padrão primário de desenvolvimento não se formou na mente de Teg, mas ele já possuía o suficiente para uma projeção de teste. Riqueza de fora desse universo. Gente da Dispersão.

Todo esse exame *Mentat* levara apenas alguns segundos. Tendo alcançado uma proposição de teste, Teg relaxou os músculos e os nervos, uma só vez para Taraza e caminhou até a entrada oculta. Notou que Taraza não dera o menor sinal de ficar alarmada com seus movimentos. Abrindo bruscamente as cortinas, Teg confrontou um homem tão alto quanto ele mesmo: um homem vestido em estilo militar, com lanças cruzadas no emblema do colarinho. O rosto era pesado, os maxilares largos, os olhos verdes. Havia uma expressão de vigília surpreendida, uma das mãos acima de um bolso obviamente estufado com uma arma.

Teg sorriu para o homem e deixou as cortinas caírem em sua posição normal, voltando para junto de Taraza.

— Estamos sendo observados por gente da Dispersão — ele disse.

Taraza relaxou. O desempenho de Teg fora memorável.

As cortinas fizeram ruído, abrindo-se. O estranho alto entrou e parou a dois passos de Teg. Havia uma expressão de ódio frio fixa em suas feições.

— Eu lhe avisei para não dizer nada a ele!

A voz era um barítono áspero com um sotaque novo para Teg.

— E eu lhe avisei a respeito dos poderes deste *Bashar Mentat* — respondeu Taraza. Uma expressão de desprezo passou rapidamente em suas feições.

O homem acalmou-se e uma sutil expressão de temor surgiu em seu rosto.

— Honrada Madre, eu...

— Não se atreva a me chamar disso!

O corpo de Taraza ficou tenso numa postura de combate que Teg nunca a tinha visto exibir.

O homem inclinou a cabeça levemente.

— Cara senhora, não está no controle da situação aqui. Devo lembrá-la de que minhas ordens.

Teg já tinha ouvido o bastante.

— Através de mim ela está no controle aqui — disse ele. — Antes de vir para cá, coloquei em ação certos procedimentos de proteção. Esta... — olhou em torno e voltou a atenção para o intruso, cujo rosto agora tinha uma expressão circunspecta —

não é uma não-nave. E duas de nossas não-naves monitoras têm vocês na mira neste exato momento.

— Vocês não sobreviveriam — retrucou o homem.

Teg sorriu amigavelmente.

— Ninguém nesta nave sobreviveria. — Ele comprimiu o maxilar para disparar a minúscula chave de sinal nervoso, que ativou o cronômetro de pulsos dentro de seu crânio. Os sinais gráficos foram projetados em seus centros de visão. —

E vocês não têm muito tempo para tomar uma decisão.

— Diga-lhe como tomou conhecimento disso — pediu Taraza.

— A Madre Superiora e eu temos nossos próprios meios particulares de comunicação — explicou Teg. — Além disso, não havia necessidade de ela me avisar.

Seu chamado era o bastante. A Madre Superiora num Transporte da Corporação numa época como esta? Impossível!

— Impasse — rosnou o homem.

— Talvez — disse Teg. — Acho que nem Ix nem a Corporação se arriscariam a um ataque total por forças da *Bene Gesserit* sob o comando de um líder treinado por mim. Refiro-me ao *Bashar* Burzmali. Seu apoio acaba de se dissolver e desaparecer.

— Eu não lhe contei nada disso — explicou Taraza. — Acaba de testemunhar o desempenho de um *Bashar Mentat* que eu duvido possa ser igualado em seu universo. Pense nisso antes de considerar a possibilidade de enfrentar Burzmali, homem treinado por este Mentat.

O intruso olhou de Taraza para Teg e então de volta para Taraza.

— Esta é a saída do seu aparente impasse — disse Teg. — A Madre Superiora Taraza e seu séquito partem comigo. Você deve decidir rapidamente. O tempo está correndo.

— Está blefando — disse o homem, mas não havia força em suas palavras.

Teg voltou-se para Taraza e curvou a cabeça.

— Foi uma grande honra servi-la, Reverenda Madre Superiora. Eu lhe dou o meu adeus.

— Talvez a morte não nos separe — disse Taraza.

Era o tradicional adeus de uma Reverenda Madre a uma Irmã.

— Vão embora! — disse o homem de feições carregadas, enquanto corria para a comporta do corredor e a escancarava. O movimento revelou dois guardas ixianos com olhares de surpresa em seus rostos. Numa voz rouca, o homem ordenou: —

levem-nos para a naveta.

Ainda calmo e relaxado, Teg disse:

— Chame sua gente, Reverenda Madre. — Para o homem de pé junto a porta ele disse: — Você dá muito valor à própria pele para ser um bom soldado. Ninguém entre minha gente teria cometido tal erro.

— Existem autênticas Honradas Madres a bordo desta nave — respondeu o homem. — Eu jurei protegê-las.

Teg sorriu e se voltou para o ponto onde Taraza reunira seu pessoal da sala adjacente: havia duas Reverendas Madres e quatro acólitas. Teg reconheceu uma das Reverendas Madres: Darwi Odrade. Ele a vira antes, mas apenas de longe. Mas o rosto oval e aqueles olhos adoráveis prendiam a atenção: tão parecida com Lucila.

— Temos tempo para apresentações? — perguntou Taraza.

— É claro, Madre Superiora.

Teg fez uma mesura e segurou a mão de cada uma das mulheres, enquanto Taraza fazia as apresentações.

Depois, enquanto saíam, Teg se voltou mais uma vez para o estranho uniformizado e disse:

— Devemos sempre manter a educação e as regras de polidez. Do contrário nos tornamos subumanos.

Somente quando já se encontravam dentro da naveta, com Taraza sentada ao lado dele e as acompanhantes por perto, foi que Teg fez a pergunta principal:

— Como foi que eles a capturaram?

A naveta mergulhava em direção ao planeta. A tela de visão diante de Teg mostrava a nave da Corporação, com a marca ixiana, obedecendo sua ordem de permanecer em órbita até que o grupo se encontrasse seguramente atrás das defesas planetárias.

Antes que Taraza respondesse, Odrade inclinou-se sobre o corredor que os separava e disse:

— Eu anulei as ordens do *Bashar* para que a nave da Corporação fosse destruída, Madre.

Teg virou a cabeça bruscamente e olhou furioso para Odrade.

— Mas eles mantiveram vocês cativas e... — Seu rosto ficou carregado. —

Como sabia que eu..

— Miles!

A voz de Taraza carregava uma total reprovação. Ele sorriu magoado. Sim, ela o conhecia quase tanto quanto ele próprio... até melhor em certos aspectos.

— Eles não nos capturaram, Miles — explicou Taraza. — Nós nos deixamos capturar. Ostensivamente, eu estava escoltando Dar até Rakis. Nós deixamos nossa não-nave em uma Junção e pedimos pelo transporte mais rápido da Corporação.

Todo o meu Conselho, inclusive Burzmali, concordou em que esses intrusos da Dispersão iriam tomar o Transporte e nos levar até você, tentando reunir todos os elementos do projeto *ghola*.

Teg estava abismado. O risco que tinham corrido!

— Nós sabíamos que você nos resgataria — disse Taraza. — Burzmali estava de prontidão para o caso de você falhar.

— Aquela nave da Corporação que a senhora poupou — disse Teg — vai pedir reforços e atacar nosso...

— Eles não vão atacar Gammu — respondeu Taraza. — Há muitas forças diferentes da Dispersão reunidas em Gammu. Eles não se atreveriam a eliminar tantos.

— Gostaria que estivesse tão certa disso quanto tenta aparentar.

— Pode ter certeza, Miles. Além disso, havia outras razões para não destruir a nave da Corporação. Ix e a Corporação foram apanhados tomando partido. Isso é mal para os negócios, e eles vão precisar de todos os negócios que puderem conseguir.

— A menos que possuam clientes mais importantes oferecendo lucros ainda maiores!

— Ah, Miles — disse ela numa voz pensativa. — O que nós, as *Bene Gesserit* de hoje em dia, fazemos é tentar conseguir um equilíbrio em todas essas questões, uma condição mais calma. Você sabe disso.

Teg achou a afirmação verdadeira, mas sua atenção ficou presa a um termo...

de hoje em dia. As palavras tinham um sentido de resumo final. Antes que ele pudesse questionar, Taraza continuou:

— Gostaríamos de resolver as situações mais acaloradas longe do campo de batalha. Tenho que admitir que devemos agradecer ao Tirano por essa mudança de atitude. Não creio que algum dia tenha pensado em si próprio como um produto do condicionamento do Tirano, Miles, mas vocês é.

Teg aceitou isso sem comentários. Era um fator comum em todo o vasto panorama da sociedade humana. Nenhum *Mentat* podia escapar a esse dado.

— Foi essa qualidade sua que nos atraiu em primeiro lugar — continuou Taraza — Você pode ser terrivelmente frustrante às vezes, mas não o desejaríamos de outro modo.

Através de uma revelação sutil, contida nas maneiras e no tom de voz, Teg percebia que Taraza não estava falando unicamente para ele, mas também dirigia as

palavras às suas acompanhantes.

— Tem idéia de o quanto é frustrante, Miles, ouvir você apresentar os dois lados de uma questão discutindo com igual força de argumentos? No entanto sua personalidade é uma arma poderosa. Como alguns de nossos inimigos ficaram aterrorizados ao descobrir você a enfrentá-los onde não tinham a menor suspeita de que fosse aparecer!

Teg permitiu-se um sorriso. Olhou para a mulher sentada no outro lado do corredor, separando as filas de poltronas. Por que Taraza estaria falando assim com o seu grupo? Darwi Odrade parecia estar repousando, a cabeça para trás, os olhos fechados. Algumas das outras conversavam entre si. Nada disso era conclusivo para Teg. Mesmo acólitas *Bene Gesserit* podiam acompanhar várias linhas de raciocínio ao mesmo tempo. Voltou a atenção para Taraza.

— Você realmente tem um tipo de empatia, sente as coisas do modo como o inimigo sente — disse Taraza. — É isso que eu quero dizer. E é claro que, quando assume essa postura mental, não existe inimigo para você.

— Sim, aí está!

— Não confunda minhas palavras, Miles. Nunca duvidamos da sua lealdade.

Mas é estranha a maneira como nos faz ver coisas que não temos outra maneira de enxergar. Há ocasiões em que você é os nossos olhos.

Darwi Odrade, Teg percebia, tinha aberto os olhos e estava olhando para ele.

Era uma mulher encantadora. Havia algo perturbador em sua aparência adorável.

Como Lucilla, ela lhe recordava alguém de seu passado. Mas antes que Teg pudesse seguir esse pensamento Taraza disse:

— O *ghola* possui essa habilidade de equilíbrio entre forças opostas?

— Ele poderia ser um *Mentat* — disse Teg.

— Ele foi um *Mentat* em uma de suas encarnações, Miles.

— Realmente deseja que ele seja despertado ainda tão jovem?

— É necessário, Miles. Mortalmente necessário.

O fracasso da CHOAM? Muito simples: Eles ignoram o fato de que forças comerciais muito maiores aguardam na fronteira de suas atividades. Forças que poderiam engoli-los como uma caçamba engole o lixo. Essa é a verdadeira ameaça da Dispersão — para eles e para todos nós.

— *Notas do Conselho da Bene Gesserit, Arquivos SXX9OCH*

Odrade voltara apenas uma parte de sua consciência para a conversa entre Teg e Taraza. Essa naveta era das pequenas, a cabine de passageiros apertada. Ela usaria a resistência atmosférica para frear sua descida e Odrade se preparou para a turbulência.

O piloto economizaria os Suspensores numa nave assim, poupando a energia.

Ela usava esse momentos, como usava todo o tempo que tinha agora, preparando-se para as necessidades prementes. O tempo se esgotava e um calendário especial lhe dirigia a vida. Tinha olhado para esse calendário antes de deixar a sede da Irmandade, impressionada, como sempre lhe acontecia, pela persistência do tempo e da linguagem a ele relacionada: segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos...

Anos-Padrão, para ser mais precisa. Persistência era um termo inadequado para o fenômeno. Inviolabilidade seria melhor. Tradição. Nunca perturbe a tradição.

Mantinha as comparações firmes em sua mente, o fluxo de tempo ancestral imposto a planetas que não se ajustavam ao primitivo relógio humano. Uma semana tem sete dias. Sete! Como esse número permanecia poderoso, místico. Estava lá, na Bíblia Universal Laranja: “O Senhor fez o mundo em seis dias e no sétimo dia descansou.”

“Ótimo para ele!”, pensou Odrade. “Todos nós devíamos descansar depois de grandes tarefas.”

Odrade virou a cabeça levemente e olhou para Teg do outro lado do corredor.

Ele não tinha idéia de quantas memórias provocava em Odrade, o quanto ela se lembrava dele. Podia notar facilmente a maneira como os anos tinham marcado aquele rosto forte. Ensinar o *ghola* lhe esgotava as energias, ela podia notar. Aquela criança no Castelo Gammu devia ser como uma esponja, absorvendo tudo à sua volta.

“Miles Teg, será que você tem consciência de como nós o usamos?”, ela se perguntou.

Era um pensamento que a enfraquecia mas que ela permitiu permanecesse em sua consciência quase num sentimento de desafio. Como seria fácil amar aquele velho!

Não como um parceiro de procriação, é claro... mas amá-lo, apesar disso. Podia sentir os laços que a puxavam para ele, reconhecendo-os com a agudeza de suas capacidades de *Bene Gesserit*. Amor, maldito amor, amor que enfraquece.

Odrade sentira a mesma coisa com relação ao primeiro homem que fora mandada seduzir. Uma sensação curiosa. Seus anos de condicionamento como *Bene Gesserit* a tinham tornado cautelosa a

esse respeito. Nenhuma das inspetoras *Bene Gesserit* lhe havia permitido o luxo de uma paixão sem questionamentos, e com o tempo Odrade aprendera as razões desse cuidado. Não obstante, ali estava ela, enviada pelas Madres Procriadoras, com ordens para se aproximar de um indivíduo e deixar que ele a penetrasse. Todos os dados clínicos estavam lá, em sua consciência, e ela poderia medir a excitação sexual em seu parceiro ao mesmo tempo em que a permitia em si mesma. Afinal, tinha sido cuidadosamente preparada para esse papel pelos homens a serviço das Madres Procriadoras. Homens que elas selecionavam e condicionavam com primoroso cuidado para isso.

Odrade suspirou e olhou na direção oposta a Teg, fechando os olhos em recordações. Os Homens do Treinamento nunca deixavam que suas emoções refletissem uma união arrebatada com as alunas. Era uma lacuna necessária da educação sexual.

Pensou na primeira sedução que fora mandada realizar: estava totalmente despreparada para o êxtase mútuo de um orgasmo simultâneo, aquela fusão, aquele compartilhar tão velho quanto a própria humanidade... mais antigo ainda! E com poderes que poderiam facilmente sobrepujar a razão. O olhar no rosto do companheiro, o beijo suave, seu total abandono de toda a reserva autoprotetora, desguardado e supremamente vulnerável. Nenhum Homem do Treinamento jamais tinha feito isso! Desesperada, ela se agarrou às suas lições de *Bene Gesserit*. Através dessas lições pôde ver a essência daquele homem em seu rosto, sentindo aquela essência em suas fibras mais profundas. E por apenas um único instante se permitiu uma resposta equivalente, experimentando um novo ápice de êxtase que nenhum treinamento jamais sugerira que pudesse ser atingido. Naquele instante compreendeu o que tinha acontecido com Lady Jessica e com todas as outras *Bene Gesserit* que tinham fracassado.

Esse sentimento era o amor!

Sua força a assustou (como as Madres Procriadoras sabiam que assustaria) e ela se refugiou no cuidadoso condicionamento da

Bene Gesserit, permitindo que uma máscara de prazer cobrisse a breve expressão natural que surgira em seu rosto, empregando carícias calculadas onde carícias espontâneas teriam sido mais fáceis (porém menos eficientes).

O homem respondeu como esperado, de modo estúpido. Isso a ajudou a pensar nele como uma pessoa estúpida.

Sua segunda sedução fora mais fácil. Mas ela ainda podia relembrar as feições do primeiro, fazendo isso às vezes com um calejado senso de admiração. Algumas vezes aquele rosto surgia em sua mente sem ser invocado, sem qualquer razão imediatamente identificável.

Com os outros homens com quem ela fora mandada procriar as marcas da memória eram diferentes. Ela tinha que sondar o passado para lembrar a aparência deles. O registro sensorial de tais experiências não tinha sido tão profundo. Não como no primeiro!

Era assim o poder perigoso do amor.

Vejam-se os problemas que essa força oculta tinha causado à *Bene Gesserit* através dos milênios. O amor de Lady Jessica pelo seu Duque fora apenas um exemplo entre incontáveis outros. O amor turvava a razão. Afastava as irmãs de seus deveres. Só poderia ser tolerado quando não causasse qualquer transtorno imediato ou evidente, ou onde pudesse servir aos propósitos maiores da *Bene Gesserit*. De outro modo, devia ser evitado.

E no entanto permanecia sempre como objeto de inquieta vigilância. Odrade abriu os olhos e tornou a olhar para Teg e Taraza. A Madre Superiora abordava um novo assunto. Como a voz de Taraza podia ser irritante às vezes! Odrade fechou novamente os olhos e ficou ouvindo a conversa, presa àquelas duas vozes por algum elo em sua consciência que não podia ser evitado.

— Muito poucas pessoas percebem o quanto a infra-estrutura de uma civilização consiste numa infra-estrutura de dependência —

dizia Taraza. — Fizemos um bom estudo disso.

“O amor é uma infra-estrutura de dependência”, pensou Odrade. Por que Taraza tinha resolvido abordar esse assunto numa ocasião dessas? A Madre Superiora raramente fazia alguma coisa sem motivos muito profundos.

— Infra-estrutura de dependência é um termo que inclui todas as coisas necessárias para que uma população humana sobreviva em número fixo ou crescente

— explicou Taraza.

— Melange? — perguntou Teg.

— É claro, mas a maioria das pessoas olha a especiaria e diz: “Como é formidável que possamos ter isto aqui para nos dar vidas mais longas do que as vividas por nossos ancestrais”

— Desde que possam pagar o preço.

A voz de Teg tinha uma ponta de sarcasmo, notou Odrade.

— Desde que não se permita que um único poder controle todo o mercado, existirá o bastante para a maioria das pessoas.

— Eu aprendi economia sentado no joelho de minha mãe — disse Teg. —

Comida, água, ar respirável, espaço para se morar que não esteja contaminado por venenos... Existem muitos tipos de moedas, e o valor varia de acordo com a dependência.

Enquanto ouvia, Odrade quase acenou com a cabeça em concordância. A resposta dele seria a sua. “Não insista no óbvio, Taraza! Vá direto ao ponto”

— Quero que lembre muito claramente os ensinamentos de sua mãe — disse Taraza.

E como a sua voz se tornou gentil! A voz de Taraza mudou de tom abruptamente e de repente ela disse:

— Despotismo hidráulico!

“Ela faz a mudança de ênfase muito bem”, pensou Odrade. A memória derramou informações como uma torneira subitamente aberta a plena força.

“Despotismo hidráulico: controle central de uma energia essencial, como por exemplo água, eletricidade, combustível, remédios, melange... Obedeça a esse poder controlador central ou a energia será desligada e você morrerá!”

Taraza estava falando novamente:

— Existe outro conceito útil que tenho certeza que a sua mãe lhe ensinou... o tronco-chave.

Odrade estava muito curiosa agora. Taraza estava se dirigindo a alguma revelação importante com essa conversa. “Tronco-chave”. Era um conceito verdadeiramente antigo, dos dias anteriores aos suspensores, quando os madeireiros lançavam a madeira cortada rio baixo até as serrarias centrais. Algumas vezes os troncos se prendiam uns sobre os outros num ponto estreito do rio e um especialista

era chamado para descobrir qual tronco, o tronco-chave, soltaria o encalhe quando liberado. Teg, sabia ela, teria uma compreensão intelectual do termo, mas Odrade e Taraza podiam invocar memórias ancestrais de testemunhas e ver a explosão de lascas de madeira e água quando o encalhe era liberado.

— O Tirano era um tronco-chave — explicou Taraza. — Ele criou o encalhe, o engarrafamento, e ele o desfez.

A nave começou a estremecer em seu mergulho inicial na atmosfera de Gammu. Odrade sentiu o aperto de seu arnês de segurança por

alguns segundos e então o vôo retornou à calma. A conversa se havia interrompido nesse momento.

Taraza continuou:

— Além das chamadas dependências naturais, existem as psicológicas, criadas por algumas religiões. Até mesmo as necessidades físicas podem possuir um componente psicológico subjacente.

— Um fato que a Missionaria Protectiva entende muito bem — disse Teg.

Novamente Odrade notou um toque de profundo ressentimento na voz dele.

Taraza certamente devia perceber também. Que estaria ela fazendo? Podia enfraquecer Teg!

— Aahh, sim — concordou Taraza. — Nossa Missionaria Protectiva. Os seres humanos possuem uma necessidade muito grande de que a sua estrutura de crenças seja a “verdadeira crença”. Se uma coisa lhes dá satisfação ou um sentimento de segurança e se pode ser incorporada à sua estrutura de crenças, que dependência poderosa isso não cria!

Novamente Taraza ficou em silêncio, enquanto a naveta passava através de outra turbulência atmosférica.

— Gostaria de que ele usasse os suspensores! — queixou-se Taraza.

— Está economizando combustível — lembrou Teg. — Menos dependência.

Taraza riu baixinho.

— Oh sim, Miles. Você sabe muito bem a lição. Percebo nisso a mão de sua mãe. Se a criança faz algo errado, a culpa é da mãe.

— A senhora me vê como criança?

— Vejo você como alguém que acaba de ter seu primeiro encontro com as maquinações das chamadas Honradas Madres.

“Então é isso”, pensou Odrade. Com um sentimento de choque, ela percebeu que Taraza dirigia suas palavras a um alvo muito mais amplo do que simplesmente Teg. “Ela está falando para mim!”

— Essas Honradas Madres, como chamam a si mesmas, combinaram o êxtase sexual com a adoração. Duvido de que tenham calculado os perigos que isso implica.

Odrade abriu os olhos e fitou Taraza no outro lado do corredor, entre as poltronas. A atenção de Taraza estava fixa em Teg, uma expressão inescrutável em seu rosto, exceto pelos olhos que flamejavam a necessidade de que ele entendesse.

— Perigos — repetiu Taraza. — Uma grande massa da humanidade possui uma inconfundível identidade unitária. Ela pode ser uma coisa única. Pode agir como um único organismo.

— Assim falou o Tirano — retrucou Teg.

— Assim demonstrou o Tirano! A Alma Grupal foi sua para que a manipulasse. Existem ocasiões, Miles, em que as necessidades da sobrevivência exigem que comunguemos com essa alma. Almas, você sabe, estão sempre buscando uma válvula de escape.

— Será que a comunhão com as almas não saiu de moda em nossa época? —

perguntou Teg.

Odrade não gostou do tom provocador em sua voz e notou que despertava uma irritação equivalente em Taraza.

— Você pensa que estou falando de modismos religiosos? — perguntou Taraza, sua voz aguda insistentemente ríspida. — Ambos

sabemos que as religiões podem ser criadas! Estou falando dessas Honradas Madres, que imitam alguns de nossos costumes, mas não possuem a nossa percepção profunda. Elas se atrevem a se colocar no centro de uma adoração!

— Algo que a *Bene Gesserit* sempre evitou — reconheceu Teg. — Minha mãe dizia que adorados e adoradores estão unidos pela fé.

— E pela fé podem ser divididos!

Odrade notou que Teg mergulhara no modo *Mentat* de pensamento. Havia uma aparência desfocada nos olhos dele, mas as feições estavam tranqüilas. Agora percebia parte do que Taraza estava tentando fazer. “O *Mentat* cavalga à maneira romana, um pé em cada cavalo, cada pé apoiado em uma realidade diferente, enquanto o padrão de busca o lança para a frente. Ele deve cavalgar diferentes realidades com um único objetivo.”

Teg falou na voz meditativa de um *Mentat*, a voz sem qualquer sotaque:

— Forças divididas vão lutar pela supremacia.

Taraza soltou um suspiro de prazer quase sensual, no seu modo natural de expirar.

— Infra-estrutura de dependência — disse ela. — Essas mulheres da Dispersão são capazes de controlar forças divididas, todas as forças engajadas na busca da supremacia. Aquele oficial na nave da Corporação, quando falou em suas Honradas Madres, havia admiração e ódio em sua voz. Tenho certeza de que percebeu isso na voz dele, Miles. Sei como sua mãe o ensinou bem.

— Eu percebi.

Teg voltara sua atenção uma vez mais para Taraza, ouvindo cada palavra que ela dizia, exatamente como Odrade.

— Dependências — continuou Taraza. — Como elas podem ser simples e, ao mesmo tempo, complexas. Tome por exemplo a perda dos dentes.

— Perda dos dentes?

Teg foi sacudido para fora de sua trilha *Mentat* e Odrade, observando isso, percebeu que Taraza conseguira exatamente a reação que desejava. Ela estava conduzindo o seu *Bashar Mentat* com mão extremamente hábil.

“E eu devo ver isso e aprender”, pensou Odrade.

— Perda dos dentes — repetiu Taraza. — Um simples implante ao nascer evita esse problema para a maioria da humanidade. E ainda assim precisamos escovar os dentes e cuidar deles. E tão natural para nós que raramente pensamos a respeito.

Os acessórios que usamos para isso são considerados elementos totalmente naturais de nosso ambiente. E no entanto esses utensílios, os materiais existentes neles, os instrutores na área de cuidados com os dentes, os monitores Suk, todos possuem relacionamentos interligados.

— Um *Mentat* não necessita que lhe expliquem sobre interdependências —

disse Teg. Ainda havia curiosidade em sua voz, mas com um tom subjacente de ressentimento.

— Certo. Esse é o ambiente natural dos processos de pensamento *Mentat*.

— Então por que insiste nisso?

— *Mentat*, examine o que sabe a respeito dessas Honradas Madres e me diga: qual a fraqueza delas?

Teg falou sem hesitação:

— Elas só poderão sobreviver se continuarem a aumentar a dependência daqueles que as apoiam. É o beco sem saída do viciado.

— Precisamente. E qual é o perigo?

— Podem levar consigo boa parte da humanidade quando caírem.

— Esse foi o problema do Tirano, Miles. E tenho certeza de que ele tinha consciência disso. Agora preste atenção com muito cuidado. E você também, Dar. —

Taraza olhou para o outro lado do corredor e encontrou o olhar de Odrade atento a ela. — Vocês dois me escutem. Nós da *Bene Gesserit* estamos liberando... elementos muito poderosos na corrente humana. Eles podem encalhar. Certamente vão causar danos. E nós...

Uma vez mais a naveta enfrentou uma área de forte turbulência. A conversa tornou-se impossível enquanto eles se agarravam aos assentos e ouviam o rugir e estalar à sua volta. Quando cessou essa interrupção, Taraza ergueu a voz:

— Se sobrevivermos a esta maldita máquina e descermos em Gammu, Miles, você deve reunir-se com Dar. Você viu o Manifesto Atreides. Ela vai lhe falar a respeito e prepará-lo. Isso é tudo.

Teg voltou-se e olhou para Odrade. Uma vez mais as feições dela estimulavam-lhe as memórias: uma semelhança extraordinária com Lucilla, mas havia algo mais. Ele colocou isso de lado. “O Manifesto Atreides?” Tinha lido, pois viera de Taraza com instruções para que o fizesse. “Preparar-me? Para quê?”

Odrade notou o olhar questionador no rosto de Teg. Agora entendia os motivos de Taraza. E as ordens da Madre Superiora assumiam novo significado, assim

como as palavras do próprio Manifesto.

“Assim como o universo é criado pela participação da consciência, o ser humano presciente carrega essa faculdade criativa até seu extremo absoluto. Esse foi o poder profundamente mal-entendido do bastardo Atreides. O poder que ele transmitiu a seu filho, o Tirano.”

Odrade conhecia tais palavras com a intimidade do autor, mas agora elas voltavam em sua memória como se nunca as tivesse encontrado antes.

“Maldita seja, Tar!'; pensou Odrade. “E se você estiver errada?”

No nível do quantum nosso universo pode ser visualizado como um lugar indeterminado, estatisticamente previsível somente quando se empregam números suficientemente elevados. Entre este universo e um outro, relativamente previsível, onde a passagem de um único planeta pode ser cronometrada em picossegundos, outras forças entram em ação. E no universo intermediário, onde se passam nossas vidas diárias, aquilo em que você acredita torna-se a força dominante. Suas crenças dirigem o desdobramento dos eventos diários. Se um número suficiente de pessoas acredita em alguma coisa, essa coisa passa a existir. A estrutura da crença cria um filtro através do qual o caos se transforma em ordem.

— *Análise do Tirano. O Arquivo de Taraza: Arquivos BG*

Os pensamentos de Teg encontravam-se em agitação quando ele retornou a Gammu, vindo da nave da Corporação. Saltou da naveta na extremidade carbonizada do campo de pouso particular do Castelo e olhou à sua volta como se estivesse chegando àquele lugar pela primeira vez. Era quase meio-dia. Tão pouco tempo se passara e quanta coisa tinha mudado.

Até que ponto a *Bene Gesserit* iria ao transmitir sua lição essencial?, ele se perguntou. Taraza o arrancara de seus processos *Mentat* familiares. Sentia que todo o incidente a bordo da nave da Corporação fora encenado para seu beneficio. Ele tinha sido sacudido para fora de um curso previsível. Como Gammu lhe

pareceu estranho enquanto ele atravessava a pista guardada em direção aos fossos de entrada.

Teg tinha estado em muitos planetas, aprendido seus costumes e a maneira como eles influenciavam seus habitantes. Alguns planetas possuíam um grande sol amarelo, que se mantinha próximo e conservava quentes todas as coisas vivas, evoluindo e crescendo. Já outros planetas tinha sóis pequenos, mortiços, que pareciam muito distantes num céu escurecido e cuja luz realizava muito pouco. É claro que existiam variações dentro e fora dessa faixa. Gammu era uma variante com sol

amarelo-esverdeado, dia de 31:27 horas-padrão e Ano-Padrão de 2,6. Teg pensara já conhecer Gammu.

Quando os Harkonnen foram forçados a abandoná-lo, colonizadores deixados pela Dispersão vieram do grupo Daniano e deram ao planeta o nome de Halleck, o qual fora conservado no grande remapeamento. Os colonizadores eram conhecidos naqueles dias como Caladanianos, mas os milênios tendem a encurtar certos rótulos.

Teg parou na entrada dos revestimentos que conduziam dos subterrâneos do campo até embaixo do Castelo. Taraza e seu grupo ficaram atrás dele. Ele viu que Taraza estava falando com Odrade.

“O Manifesto Atreides”, pensou.

Mesmo em Gammu, poucos admitiam ter ancestrais Atreides ou Harkonnen, embora os genótipos fossem visíveis — especialmente o Atreides dominante: narizes longos e pontudos, testas elevadas, bocas sensuais. Freqüentemente os elementos se encontravam dispersos — a boca em um rosto, os olhos penetrantes em outro, além das incontáveis misturas. Algumas vezes, entretanto, uma pessoa trazia todos os elementos, e então se podia perceber o orgulho, a certeza interior:

“Eu sou um deles!”

Os nativos de Gammu reconheciam isso e abriam caminho para a pessoa, mas poucos chegavam a rotular essa característica.

Por baixo estava aquilo que os Harkonnen tinham deixado para trás linhas de parentesco que recuavam até os tempos ancestrais dos gregos, patames e mamelucos, sombras de uma história antiga da qual poucos, fora do círculo dos historiadores profissionais e daqueles treinados pela *Bene Gesserit*, poderiam até mesmo citar os nomes.

Taraza e seu grupo alcançaram Teg. Ele a ouviu dizer para Odrade:

— Você deve contar tudo a Miles.

Muito bem, ela lhe iria contar, pensou. Virou-se e liderou a caminhada, passando pela guarda interna e o longo corredor sob as casamatas que levava ao Castelo propriamente dito.

“Maldita *Bene Gesserit*!”, pensou. “Que estiveram realmente fazendo aqui em Gammu?”

Podia ver um bocado de sinais da *Bene Gesserit* nesse planeta, resultados do estímulo a uma reprodução humana controlada para fixar certas características desejáveis, evidentes, aqui e ali, nos olhos sedutores das mulheres.

Teg respondeu à saudação da capitã da guarda sem mudar de foco sua atenção.

“Olhos sedutores, sim, isso mesmo.” Tinha notado isso desde sua chegada ao Castelo do *ghola* e especialmente durante sua primeira viagem de inspeção pelo planeta. Tinha visto a si mesmo em muitos rostos também, e se lembrara de uma coisa que Patrin havia mencionado muitas vezes.

— Você tem o olhar de Gammu, *Bashar*.

Olhos sedutores! Aquela capitã da guarda, lá atrás, os tinha também. Ela e

Odrade e Lucilla eram semelhantes nesse pormenor. Poucas pessoas prestavam atenção à importância dos olhos em matéria de sedução, pensou. Fora preciso o controle genético da *Bene Gesserit* para chamar a atenção para esse aspecto. Seios grandes em uma mulher e quadris fortes em um homem (aquela aparência musculosa nas nádegas) eram elementos naturalmente importantes em relações sexuais. Mas sem os olhos o resto nada poderia fazer. Os olhos eram essenciais. A pessoa podia perder-se no tipo certo de olhar, tinha aprendido, sendo atraído por ele e ficando totalmente inconsciente do que lhe estava sendo feito até que o pênis estivesse firmemente encaixado na vagina.

Ele notara os olhos de Lucilla imediatamente após sua chegada a Gammu, e passara a ter cuidado. Não havia dúvidas quanto ao modo pelo qual a Irmandade usava os talentos dela!

E lá estava Lucilla, esperando por eles na câmara central de inspeção e descontaminação. Ela lhe deu o sinal com a mão de que tudo estava bem com o *ghola*.

Teg relaxou e observou enquanto Lucilla e Odrade se confrontavam. As duas mulheres tinham feições extraordinariamente similares, a despeito da diferença de idade. Seus corpos eram diferentes, no entanto, Lucilla mais robusta em relação à forma delgada de Odrade.

A capitã da guarda de olhar sedutor chegou por trás de Teg e se curvou junto dele.

— Schwangyu acaba de saber quem o senhor trouxe — ela disse, indicando Taraza com a cabeça. — Ah, aí vem ela.

Schwangyu saiu do tubo-elevador e caminhou ao encontro de Taraza, concedendo apenas um olhar furioso a Teg.

“Taraza queria surpreendê-la”, pensou ele. “Todos sabemos porquê”

— Você não parece feliz em me ver — disse Taraza, falando com Schwangyu.

— Estou surpresa, Madre Superiora — respondeu Schwangyu. — Não tinha idéia de sua vinda.

Olhou uma vez mais para Teg, uma aparência de ódio em seus olhos.

Odrade e Lucilla interromperam o exame mútuo.

— Eu tinha ouvido a respeito, é claro — disse Odrade. — Mas é uma experiência ver a si própria no rosto de outra pessoa.

— Eu a avisei — disse Taraza.

— Quais são suas ordens, Madre Superiora? — perguntou Schwangyu.

Era o mais perto que ela podia chegar de indagar o motivo da vinda de Taraza.

— Gostaria de falar com Lucilla em particular — disse Taraza.

— Eu tenho alojamentos preparados para todas — disse Schwangyu.

— Não se incomode — disse Taraza. — Não vou ficar aqui. Miles já providenciou o meu transporte. O dever exige a minha presença no planeta da Irmandade. Lucilla e eu vamos conversar lá fora, no pátio. — Taraza tocou o rosto com um dedo. — Oh, e eu gostaria de observar o *ghola* sem ser vista durante alguns

minutos. Tenho certeza de que Lucilla pode conseguir isso.

— Ele está recebendo muito bem o treinamento mais intenso — disse Lucilla, enquanto as duas caminhavam em direção ao tubo-

elevador.

Teg voltou sua atenção para Odrade, notando, enquanto seu olhar passava pelo rosto de Schwangyu, a intensidade do ódio desta. Schwangyu não estava tentando esconder suas emoções.

Seria Lucilla uma irmã ou filha de Odrade?, perguntou-se Teg. Ocorreu-lhe subitamente que deveria haver um propósito da *Bene Gesserit* por trás da semelhança.

Sim, é claro — Lucilla era uma Impressora!

Schwangyu dominou a raiva que sentia e olhou com curiosidade para Odrade.

— Eu estava a ponto de ir almoçar, Irmã — disse Schwangyu. — Gostaria de ir comigo?

— Preciso falar em particular com o *Bashar* — respondeu Odrade. — Se não há objeção, talvez pudéssemos permanecer aqui para a nossa conversa. Não devo ser vista pelo *ghola*.

Schwangyu olhou furiosa, sem tentar ocultar sua irritação com Odrade. Elas sabiam, lá no planeta da Irmandade, onde estavam as lealdades! Mas ninguém...

ninguém iria removê-la desse posto de comando e observação. A oposição tinha seus direitos!

Seus pensamentos foram transparentes até para Teg. Ele notou a rigidez das costas de Schwangyu quando ela os deixou.

— É muito ruim quando Irmã se volta contra outra Irmã — comentou Odrade.

Teg fez um sinal com a mão para sua capitã da guarda, ordenando que ela evacuasse a área. “Sozinhos”, dissera Odrade. “É como vai ser.”

Para Odrade ele disse;

— Esta é uma de minhas áreas. Não há espiões ou outros meios de nos observarem aqui.

— Eu achei que não — disse Odrade.

— Nós possuímos um escritório ali. — Teg fez um sinal para a sua esquerda.

— Há móveis e até cadeiras-cães, se preferir.

— Detesto quando elas tentam me acariciar — disse ela. — Podemos conversar aqui? — Colocou uma das mãos sob o braço de Teg. — Talvez pudéssemos caminhar um pouco. Fiquei tanto tempo sentada naquela naveta que sinto o corpo rígido;

— Que é que você deve me contar? — perguntou ele enquanto os dois caminhavam.

— Minhas memórias não são mais filtradas seletivamente — ela disse. — Eu as tenho todas... somente por meu lado feminino, é claro..

— Assim? — perguntou Teg, comprimindo os lábios.

Essa não era a abordagem que ele tinha esperado. Odrade parecia mais uma

pessoa que escolheria uma abordagem direta.

— Taraza diz que você leu o Manifesto Atreides. Ótimo. Você sabe que ele vai provocar inquietação em muitos lugares.

— Schwangyu já fez dele o objeto de uma critica a vocês Atreides.

Odrade olhou para ele solenemente. Como diziam todos os relatórios, Teg permanecia uma figura imponente, mas ela sabia disso sem precisar de relatórios.

— Somos ambos Atreides, você e eu — disse Odrade.

Teg ficou inteiramente alerta.

— Sua mãe lhe explicou isso em detalhes — disse Odrade. — Quando você voltou a Lernaeus em suas primeiras férias escolares.

Teg parou e olhou para ela. Como poderia saber disso? Pelo que sabia, nunca tinha encontrado ou conversado com essa Darwi Odrade. Seria ele motivo de debates na sede da Irmandade? Manteve o silêncio, forçando-a a continuar a conversa.

— Vou contar-lhe uma conversa entre um homem e minha mãe verdadeira —

disse Odrade. — Eles estão na cama e o homem diz: “Fui pai de algumas crianças na primeira vez que escapei do controle da *Bene Gesserit*, na época em que me julguei um agente independente, livre para me alistar e lutar onde quisesse.”

Teg não tentou ocultar sua surpresa. Essas eram suas palavras! A memória *Mentat* revelou-lhe que Odrade as tinhas repetido com precisão.

— Quer ouvir mais? — perguntou ela quando ele continuou a fitá-la — Muito bem. O homem diz: “Isso foi antes que elas me enviassem para ser treinado como *Mentat*, é claro. Como aquilo foi revelador! Eu nunca estivera fora da vigilância da Irmandade, nem por um instante! Eu nunca fui um agente livre.”

— Nem mesmo quando eu pronunciava essas palavras — disse Teg.

— Verdade. — Ela o impeliu pela pressão em seu braço, enquanto os dois continuavam a caminhada dentro da câmara. — As crianças de que foi pai pertenciam todas à *Bene Gesserit*. A Irmandade não corre risco de que nossos genótipos possam cair num reservatório genético selvagem.

— Que meu corpo vá para *Shaitan*... seus preciosos genótipos permanecem sob os cuidados da Irmandade — disse ele.

— Meus cuidados — disse Odrade. — Sou uma de suas filhas.

Novamente ele a forçou a parar.

— Eu creio que sabe quem foi minha mãe — ela disse, e ergueu a mão para silenciá-lo quando ele tentou pronunciar um nome. — Nomes não são necessários.

Teg observou as feições de Odrade, notando sinais identificáveis. Mãe e filha eram equivalentes. Mas, e quanto a Lucilla?

Como se tivesse ouvido a pergunta, Odrade respondeu:

— Lucilla é de uma linha paralela de procriação. Bem extraordinário, não? O

que a cuidadosa procriação paralela pode conseguir.

Teg pigarreou. Não sentia nenhum elo emocional em relação a essa filha recém-revelada. As palavras dela e outros sinais importantes de seu desempenho

exigiam sua atenção primária.

— Esta não é uma conversa casual — ele disse. — Isso é tudo que me devia contar? Pensei que a Madre Superiora tinha dito.

— Há mais — concordou Odrade. — Quanto ao Manifesto, eu sou sua autora. Eu o escrevi, mediante ordem de Taraza e seguindo suas instruções detalhadas:

Teg olhou à volta na ampla câmara, como se quisesse certificar-se de que ninguém tinha ouvido. Disse em voz baixa:

— Os *Tleilaxu* o estão divulgando amplamente!

— Exatamente como esperávamos.

— Por que está me dizendo isso? Taraza disse que estava aqui para me preparar para...

— Vai chegar a ocasião em que deverá conhecer o nosso propósito. É desejo de Taraza que tome suas próprias decisões então, que se torne realmente um agente livre.

Enquanto falava, Odrade viu os olhos dele vidrarem ao modo *Mentat*.

Teg respirou fundo. “Dependências e troncos-chave!” Teve a sensação *Mentat* de vislumbrar um imenso padrão, bem além do alcance de seus dados acumulados.

Nem por um instante considerou que algum tipo de devoção de filha para pai tivesse provocado essas revelações. Havia uma essência fundamentalista, dogmática e mesmo ritualística evidente em todo o treinamento da *Bene Gesserit*, a despeito de todo o esforço para evitá-lo. Odrade, essa sua filha saída do passado, era uma Reverenda Madre dotada de poderes extraordinários de controle muscular e nervoso — e com memórias integrais pelo lado feminino! Era uma das especiais! Conhecia truques de violência de que poucos humanos suspeitavam. Ainda assim, a semelhança daquela essência permanecia, sempre notada por um *Mentat*.

“Que será que ela deseja?”

“A confirmação da minha paternidade?” Ela já tinha toda a confirmação de que pudesse necessitar.

Observando-a agora, o modo como ela esperava tão pacientemente que seus pensamentos se concatenassem, Teg refletiu sobre com que freqüência se comentava, e com boas razões, o fato de as Reverendas Madres não mais pertencerem totalmente à raça humana. De algum modo, elas se moviam fora do fluxo principal, talvez paralelamente a ele, talvez nele mergulhando ocasionalmente

por algum motivo próprio, mas sempre afastadas da humanidade. Destacavam-se por si mesmas. Era um sinal identificador das Reverendas Madres, um senso de identidade extra que as tornava mais próximas do Tirano há tanto tempo morto do que da raça humana da qual tinham brotado.

Manipulação. Essa era a sua especialidade. Elas manipulavam a tudo e a todos.

— Eu deverei ser os olhos da *Bene Gesserit* — disse Teg. — Taraza quer que eu tome uma decisão humana por todas vocês.

Obviamente satisfeita, Odrade apertou-lhe o braço.

— Que pai eu tenho!

— Será que você tem realmente um pai? — perguntou ele, e lhe contou aquilo que estivera pensando a respeito da *Bene Gesserit* se afastando da humanidade.

— Fora da humanidade — repetiu ela. — Que idéia interessante. Os navegadores da Corporação também estariam separados de sua humanidade original?

Ele pensou a respeito. Os navegadores da Corporação divergiam amplamente da forma humana mais comum. Nascidos no espaço e vivendo suas vidas em tanques de gás de melange, eles distorciam a forma original, alongando e reposicionando membros e órgãos. Mas um jovem navegador em estrus e antes de entrar no tanque era capaz de procriar com um ser humano normal. Isso já fora demonstrado. Eles se tornavam não-humanos, mas não ao modo da *Bene Gesserit*.

— Mentalmente os navegadores não são como vocês — disse ele; — Eles pensam do modo humano. Guiar uma nave através do espaço, mesmo usando a presciência para encontrar o caminho mais seguro, possui um padrão que um ser humano pode aceitar.

— Você não aceita o nosso padrão?

— Até onde posso, mas em algum lugar de seu desenvolvimento vocês se afastaram do padrão original. Acho que podem realizar um ato consciente para parecerem humanas. O modo como segura o meu braço neste momento, como se fosse realmente minha filha.

— Eu sou sua filha, mas me surpreende o modo como nos despreza.

— Muito pelo contrário, eu fico admirado com vocês.

— Admirado com sua própria filha?

— Com qualquer Reverenda Madre.

— Você acha que eu existo apenas para manipular criaturas inferiores?

— Creio que vocês não sentem mais como humanas. Existe uma falha em você. Alguma coisa está faltando, algo que removeu. Você não é mais uma de nós.

— Obrigada — disse Odrade; — Taraza disse-me que você não hesitaria em responder com fraqueza, mas eu já sabia disso.

— Para o que me preparou?

— Vai saber quando acontecer, e isto é tudo que posso dizer... tudo que me permitem dizer.

“Manipulando de novo!”, pensou ele. “Malditas!”

Odrade pigarreou. Parecia a ponto de dizer alguma coisa, mas permaneceu em silêncio enquanto guiava Teg na caminhada através da câmara.

Mesmo sabendo o que Teg iria dizer, suas palavras a magoavam. Queria dizer-lhe que era uma daquelas que ainda se sentiam

humanas, mas o julgamento que ele fizera da Irmandade não podia ser contestado

“Somos ensinadas a rejeitar o amor. Podemos simulá-lo, mas cada uma de nós é capaz de anulá-lo num momento.”

Houve sons atrás deles. Ambos pararam e se voltaram. Lucilla e Taraza saíam do tubo-elevador falando sobre suas observações do *ghola*.

— Você estava absolutamente certa em tratá-lo como a uma de nós — dizia Taraza.

Teg ouviu, mas não fez comentários, enquanto esperava a aproximação das duas mulheres.

“Ele sabe”, pensou Odrade; “Não vai me perguntar a respeito de minha mãe; Não havia nenhuma ligação, nenhuma impressão real. E no entanto ele sabe.”

Odrade fechou os olhos e a memória a surpreendeu por produzir a imagem de uma pintura. A coisa ocupava um espaço na parede da sala matinal de Taraza. Um artificio Ixiano tinha preservado a pintura na melhor moldura hermeticamente selada, por trás de uma cobertura de plaz invisível. Freqüentemente Odrade parava diante daquela pintura, sentindo a cada ocasião que sua mão poderia estender-se e de fato tocar a tela ancestral, tão habilmente preservada pelos Ixianos.

“Cottages de Cordeville;”

O nome que o artista dera ao trabalho e seu próprio nome tinham sido preservados numa placa forjada, colocada embaixo da pintura: Vincent Van Gogh.

A coisa era de uma época tão longínqua que apenas raras relíquias, como essa pintura, permaneciam para enviar uma impressão física através das eras. Ela tentara imaginar as jornadas que aquela

pintura tinha realizado, o acaso sucessivo que a conduzira até a sala de Taraza.

Os Ixianos tinham sido excelentes na arte da preservação e restauração. Um observador podia tocar um ponto escuro na extremidade inferior esquerda da moldura. Imediatamente seria engolfado no gênio verdadeiro, não apenas do artista, mas do Ixiano que tinha restaurado e preservado seu trabalho. Seu nome estava na moldura: Martin Buro. Quando tocado pelo dedo humano, o ponto se tornava um projetor de sensação, benigno subproduto da tecnologia que tinha produzido a sonda Ixiana. Buro havia restaurado não apenas a pintura, mas o pintor — os sentimentos de Van Gogh que tinham acompanhado cada pincelada. Tudo fora capturado nas pinceladas e gravado ali por movimentos humanos.

Odrade se havia colocado ali, tão e tantas vezes envolvida pela performance que se sentia capaz de recriar a pintura independentemente.

Relembrando essa experiência, logo após a acusação de Teg, ela percebeu imediatamente por que sua memória tinha reproduzido a imagem para ela e por que a pintura a fascinava tanto. Pelo breve período daquela reprodução, sempre se sentia totalmente humana, consciente dos *cottages* como lugares onde viviam pessoas reais, completamente consciente da corrente humana que fizera uma pausa naquele lugar na pessoa do louco Vincent Van Gogh, parando para registrar a si mesmo.

Taraza e Lucilla detiveram-se a dois passos de Teg e Odrade. Havia um cheiro de alho na respiração de Taraza.

— Nós paramos para uma pequena refeição — explicou Taraza. — Vocês

gostariam de comer alguma coisa?

Era exatamente a pergunta errada. Odrade soltou a mão do braço de Teg, virou-se rapidamente e enxugou os olhos com a manga.

Olhando novamente para Teg, viu a surpresa no rosto dele. “Sim”, pensou ela, “estas são lágrimas verdadeiras!”

— Creio que fizemos aqui tudo que poderíamos fazer — disse Taraza. — E

hora de você seguir para Rakis, Dar.

— Já passou a hora — disse Odrade.

A vida não encontrará razões para se manter, não será uma fonte de respeito mútuo, a não ser que cada um de nós resolva emprestar-lhe tais qualidades.

— *Chenoeh: “Conversas com Leto II”*

Hedley Tuek, Alto Sacerdote do Deus Dividido, estava ficando cada vez mais irritado com Stiros. Embora muito velho para ambicionar o trono de Alto Sacerdote, Stiros tinha filhos, netos e numerosos sobrinhos. Ele transferira para a família as suas ambições pessoais. Stiros era um homem cínico, representante de uma facção poderosa do clero, a auto-denominada “comunidade científica”, cuja influência era insidiosa e penetrante. Eles se aproximavam perigosamente da heresia.

Tuek lembrou-se de como mais de um Alto Sacerdote se havia perdido no deserto. Acidentes lamentáveis... Stiros e sua facção eram capazes de arranjar tais acidentes.

Era uma tarde em Keen e Stiros acabara de sair, obviamente frustrado. Queria que Tuek fosse até o deserto para observar pessoalmente a nova incursão de Sheeana por lá. Suspeitando do convite, Tuek declinara.

Seguira-se uma estranha discussão, cheia de indiretas e vagas referências ao comportamento de Sheeana, mais ataques verbais à *Bene Gesserit*. Stiros, sempre desconfiado da Irmandade, antipatizara imediatamente com a nova comandante do Castelo de

Bene Gesserit em Rakis, aquela... como era mesmo o nome? Oh, sim, Odrade. Nome engraçado, mas as Irmãs freqüentemente tinham nomes estranhos.

Era um privilégio delas. O próprio Deus nunca se pronunciara contra a bondade básica da *Bene Gesserit*. Contra esta ou aquela Irmã, sim, mas a Irmandade como um todo tinha compartilhado da Sagrada Visão de Deus.

Tuek não gostava do modo como Stiros falava de Sheeana. Com cinismo.

Finalmente havia conseguido silenciar Stiros com pronunciamentos feitos ali, no local sagrado, com seu altar e suas imagens do Deus Dividido. Retransmissores de feixes prismáticos lançavam finas cunhas de iluminação através do incenso que partia da melange que era queimada entre as duplas fileiras de altas pilastras conduzindo ao altar. Tuek tinha certeza de que nesse cenário suas palavras chegariam diretamente a

Deus.

— Deus age através de nossa Siona — Tuek dissera a Stiros, notando a confusão em seu rosto. — Sheeana é a lembrança viva de Siona, aquele instrumento humano que o transformou em Suas atuais Divisões.

Stiros ficou furioso, dizendo coisas que não se atreveria a repetir diante de um Conselho. Confiava demais em sua longa ligação com Tuek.

— Eu lhe digo que ela permanece aqui, cercada por adultos que buscam justificar-se diante dela, e ela...

— Justificar-se diante dela e de Deus!

— Tuek não poderia permitir tais palavras.

Inclinando-se para mais perto do Alto Sacerdote, Stiros resmungou:

— Ela encontra-se no centro de um sistema educacional preparado para lhe dar qualquer coisa que sua imaginação desejar. Nós não lhe negamos nada!

— Nem deveríamos.

Como se Tuek não tivesse falado, Stiros disse:

— Cania tem lhe fornecido os registros de Dar-es-Balat.

— Eu sou o Livro do Destino — entoou Tuek, repetindo as próprias palavras de Deus tiradas do tesouro em Dar-es-Balat.

— Exatamente! E ela ouve com atenção cada palavra!

— Por que isso o perturba? — perguntou Tuek em seu tom de voz mais calmo. — Nós não testamos o conhecimento dela. Ela testa o nosso!

— Deus deve querer assim.

Não deixando de perceber o amargo ressentimento no rosto de Stiros, Tuek observou seu conselheiro enquanto ele reunia novos argumentos. Os recursos para tais argumentos eram, é claro, enormes. Tuek não negava isso. Eram as interpretações que importavam. Era por isso que o Alto Sacerdote tinha a função de derradeiro intérprete. A despeito do seu modo de visualizar a história (ou talvez devido a ele), o clero sabia muita coisa sobre as circunstâncias que haviam conduzido Deus a residir em Rakis. Ele tinha Dar-es-Balat e todo o seu conteúdo — a mais antiga não-câmara conhecida no universo. Durante milênios, enquanto o *Shai-hulud* transformava o verdejante planeta Arrakis no deserto Rakis, Dar-es-Balat aguardara debaixo das areias. Do Sagrado Tesouro, o clero obtivera a própria voz de Deus. Suas palavras impressas e até mesmo holofotos. Tudo estava explicado e eles sabiam que a superfície deserta de Rakis reproduzia a forma original do planeta, o

modo como ele era no princípio, quando constituía a única fonte conhecida da Sagrada Especiaria.

— Ela faz perguntas a respeito da Família de Deus — disse Stiros.

— Por que precisaria perguntar-nos tal coisa?

— Ela está nos testando. Será que os colocamos em seus devidos lugares? A Reverenda Madre Jessica e seu filho, o *Muad'Dib*, e seu filho, Leto II, o Sagrado Triunvirato Celeste;

— Leto III — murmurou Stiros. — E quanto ao outro Leto que morreu nas mãos dos Sardaukar? E quanto a ele?

— Cuidado, Stiros — advertiu Tuek. — Você sabe que meu bisavô se pronunciou a respeito dessa questão sentado nesse mesmo assento. Nosso Deus Dividido foi reencarnado, uma parte dele permanecendo no céu para mediar sobre sua Ascendência. Essa parte dele tornou-se então desprovida de nome, como a Verdadeira Essência de Deus sempre deve ser!

— É?

Tuek notou o terrível cinismo na voz do velho. As palavras de Stiros pareciam tremer no ar carregado de incenso, num convite a uma terrível resposta.

— Então por que ela pergunta como nosso Leto se transformou no Deus Dividido? — quis saber Stiros.

Estaria Stiros questionando a Sagrada Metamorfose? Tuek estava horrorizado.

Disse simplesmente:

— No devido tempo, ela nos iluminará.

— Nossas frágeis explicações devem deixá-la desapontada — retrucou Stiros.

— Você está indo longe demais, Stiros!

— É mesmo? Não acha esclarecedor que ela pergunte como a truta da areia captura a maior parte de água de Rakis, recriando o deserto?

Tuek tentou esconder sua raiva crescente, Stiros realmente representava uma poderosa facção do clero, mas seu tom de voz e suas palavras levantavam questões que tinham sido respondidas pelos Altos Sacerdotes muito tempo atrás. A Metamorfose de Leto II dera origem a um número incontável de trutas da areia, cada qual carregando um fragmento Dele, Da Truta da Areia ao Deus Dividido: essa relação era conhecida e venerada. Questioná-la era negar a Deus.

— Você se senta ai e não faz nada — acusou Stiros. — Nós somos peões de...

— Basta! — Tuek tinha ouvido tudo que queria ouvir desse velho cínico.

Reunindo sua dignidade, pronunciou as palavras de Deus: — Seu Senhor conhece muito bem o que vai no seu coração. Sua alma é o suficiente para acusá-lo. Eu não preciso de testemunhas. Você não escuta a sua alma, mas ouve o seu ódio e a sua ira.

Stiros retirou-se, frustrado.

Depois de pensar muito, Tuek vestiu seu melhor manto, em branco, púrpura e dourado, e foi visitar Sheeana.

Ela encontrava-se nos jardins do terraço no topo do complexo, junto com Cania e mais duas pessoas: um jovem sacerdote chamado Baldik, que estava a serviço particular de Tuek, e uma sacerdotisa-acólita chamada Kipuna, que se comportava demais à semelhança de uma Reverenda Madre para o gosto de Tuek. A Irmandade possuía suas espiãs por lá, é claro, mas Tuek não gostava de tomar conhecimento disso. Kipuna encarregara-se da maior parte do

treinamento físico de Sheeana, e surgira uma espécie de identificação entre pupila e sacerdotisa-acólita que motivava os ciúmes de Cania. Mesmo Cania, entretanto, não poderia colocar-se no caminho das

ordens de Sheeana.

Os quatro encontravam-se ao lado de um banco de pedra, quase à sombra de uma torre de ventilação. Kipuna segurava a mão direita de Sheeana, manipulando os dedos da criança. Sheeana estava ficando alta, notou Tuek. Há seis anos que estava sob proteção. Podia notar as primeiras insinuações de seios começando a se projetar no tecido do manto. Não havia o menor sopro de vento no terraço e o ar parecia pesar nos pulmões de Tuek.

Tuek olhou no jardim à sua volta para se certificar de que suas precauções de segurança não estavam sendo ignoradas. Nunca se sabia de que lado o perigo poderia aparecer. Quatro dos guardas pessoais de Tuek, bem-armados mas ocultando esse fato, compartilhavam do terraço mantendo-se a distância — um em cada canto. O

parapeito que envolvia o terraço era alto, e apenas as cabeças dos guardas apareciam acima da borda. O único prédio mais alto do que essa torre dos sacerdotes era a principal armadilha de vento de Keen, uns mil metros a oeste.

A despeito da evidência visível de que suas ordens estavam sendo cumpridas, Tuek sentia o perigo. Seria um aviso de Deus? Ele ainda se sentia perturbado pelo cinismo de Stiros. Estaria errado em permitir que Stiros tomasse esse tipo de atitude?

Sheeana viu Tuek se aproximando e interrompeu os curiosos exercícios de flexionamento dos dedos que fazia, mediante as instruções de Kipuna. Aparentando sábia paciência, a criança ficou em silêncio, o olhar lixo no Alto Sacerdote, forçando seus companheiros a se virarem e olhar junto com ela.

Sheeana não achava assustadora a figura de Tuek. Gostava um pouco do velho, embora algumas perguntas dele fossem muito presunçosas. E suas respostas!

Muito por acaso ela descobrira a pergunta que mais perturbava Tuek.

Por quê?

Alguns sacerdotes que serviam de criados interpretaram a pergunta como sendo: Por que você acredita nisso? Sheeana imediatamente adotou a sugestão e daí por diante suas sondagens com Tuek e os outros tomaram invariavelmente a forma de:

— Por que você acredita nisso?

Tuek parou a dois passos de Sheeana e se curvou.

— Boa tarde, Sheeana.

Ele mexeu o pescoço com nervosismo dentro do colarinho de seu manto. O

sol estava quente em seus ombros e ele se perguntava por que a criança gostava tanto de sair para o terraço.

Sheeana manteve o olhar indagador para Tuek. Sabia que esse olhar o perturbava.

Tuek pigarreou. Quando Sheeana olhava para ele daquele modo, ele sempre se perguntava: “Será que Deus está olhando para mim através dos olhos dela?”

Cania disse:

— Sheeana perguntou hoje a respeito das Oradoras Peixes.

Em seu tom mais persuasivo, Tuek disse:

— O Exército Sagrado de Deus?

— Composto só por mulheres? — perguntou Sheeana.

Ela falou como se não pudesse acreditar em tal coisa. Para aqueles situados na base da sociedade Rakiana, as Oradoras Peixes eram um nome da história antiga, pessoas perdidas nos Tempos da Fome.

Ela está me testando, pensou Tuek. Oradoras Peixes. As atuais portadoras dessa denominação possuíam apenas uma pequena delegação de comércio-espionagem em Rakis, composta de homens e mulheres. Suas antigas origens não significam mais nada em suas atuais atividades, onde funcionavam principalmente como um braço de Ix.

— Os homens sempre serviram às Oradoras Peixes como assessores —

respondeu Tuek.

Ele observou cuidadosamente, esperando para ver como Sheeana responderia.

— E sempre houve os Duncan Idahos — comentou Cania.

— Sim, sim, é claro, os Duncans.

Tuek tentou não demonstrar aborrecimento. Aquela mulher está sempre interrompendo! Tuek não gostava de ser lembrado desse aspecto da presença histórica de Deus em Rakis. O *ghola* sempre recriado e sua posição no Exército Sagrado tinham um toque de indulgência para com a *Bene Tleilax*. Mas não havia como fugir ao fato de que as Oradoras Peixes tinham protegido os Duncans de todo o mal, agindo, é claro, sob as ordens de Deus. Os Duncans eram sagrados, não havia dúvida a esse respeito, mas sagrados de uma categoria especial. Das próprias palavras de Deus, sabia-se

que Ele em pessoa tinha matado alguns Duncans, obviamente transportando-os imediatamente para o céu.

— Kipuna esteve me contando sobre a *Bene Gesserit* — comentou Sheeana.

“Como a mente dessa criança salta de um assunto para outro!” Tuek pigarreou, reconhecendo sua própria atitude ambivalente com relação às Reverendas Madres. Exigia-se reverência àquelas que tinham sido “Queridas por Deus”, como a Santa Chenoeh. E o primeiro Alto Sacerdote criara um relato lógico de como a Sagrada Hwi Noree, Noiva de Deus, tinha sido secretamente uma Reverenda Madre.

Honrando essas circunstâncias especiais, o clero sentia uma irritante responsabilidade para com a *Bene Gesserit*, obrigação que era cumprida principalmente pela venda de melange à Irmandade a um preço ridiculamente inferior ao que se cobrava dos *Tleilaxu*. Em seu tom mais ingênuo, Sheeana disse:

— Conte-me tudo sobre a *Bene Gesserit*, Hedley.

Tuek olhou rapidamente para os adultos à volta de Sheeana, tentando surpreender um sorriso em seus rostos. Não sabia como reagir ao fato de Sheeana chamá-lo pelo primeiro nome. De certo modo, era humilhante. Mas, por outro lado, ela o honrava com tal intimidade.

“Deus está me testando duramente”, pensou ele.

— As Reverendas Madres são boas pessoas? — perguntou Sheeana. Tuek suspirou. Todos os registros confirmavam que Deus tinha certas reservas com relação à Irmandade. As palavras de Deus tinham sido examinadas cuidadosamente e por fim submetidas à interpretação de um Alto Sacerdote. Deus não permitiria que a Irmandade ameaçasse o seu Caminho Dourado. Isso era claro.

— Muitas delas são boas — respondeu Tuek.

— Onde se encontra a Reverenda Madre mais próxima?

— Na Embaixada da Irmandade, no seu Castelo em Keen — disse Tuek.

— Você a conhece?

— Existem muitas Reverendas Madres no Castelo da *Bene Gesserit*.

— Que é um castelo?

— É como elas chamam seu lar aqui.

— Uma Reverenda Madre deve ser a responsável. Você a conhece?

— Eu conhecia sua antecessora, Tamalane, mas esta agora é nova. Acabou, de chegar. Seu nome é Odrade.

— E um nome engraçado.

Era o que Tuek pensava, mas ele disse:

— Um dos nossos historiadores me disse que é uma forma do nome Atreides.

Sheeana refletiu a respeito disso. “Atreides.” Era a família que tinha criado *Shaitan*. Antes dos Atreides, tinham existido apenas os Fremen e o *Shai-hulud*. A História Oral, que seu povo preservava contra todas as proibições dos sacerdotes, cantava as origens da gente mais. importante de Rakis. Sheeana ouvira seus nomes muitas noites no vilarejo.

— *Muad'Dib* gerou o Tirano.

— E o Tirano gerou *Shaitan*.

Sheeana não sentia vontade de discutir a verdade com Tuek. De qualquer modo, ele parecia cansado hoje. Ela disse apenas:

— Tragam-me essa Reverenda Madre Odrade.

Kipuna escondeu por trás da mão seu sorriso de satisfação maldosa. Tuek recuou, consternado. Como poderia satisfazer semelhante exigência? Mesmo o clero Rakiano não comandava a *Bene Gesserit*! E se a Irmandade recusasse? Será que ele poderia oferecer uma dádiva de melange em troca? Isso poderia ser tomado como sinal de fraqueza. As Reverendas Madres poderiam barganhar! E não havia comerciantes mais duros do que aquelas Reverendas Madres de olhar frio. Essa nova, Odrade, parecia ser uma das piores.

Todos esses pensamentos fluíram pela mente de Tuek num instante.

Cania opinou, dando a Tuek a opção tão necessitada.

— Talvez Kipuna possa transmitir o convite de Sheeana — ela disse.

Tuek olhou rapidamente para a jovem sacerdotisa-acólita. Sim! Muitas suspeitavam (Cania inclusive, obviamente) de Kipuna como espiã da *Bene Gesserit*. É

claro que todo o mundo em Rakis espionava para alguém. Tuek usou seu sorriso mais encantador enquanto olhava para Kipuna.

— Você conhece alguma das Reverendas Madres, Kipuna?

— Algumas delas eu conheço, Meu Senhor Alto Sacerdote — respondeu Kipuna.

“Pelo menos ela ainda demonstra o devido respeito.”

— Excelente — disse Tuek. — Teria a bondade de transmitir O gracioso convite de Sheeana à embaixada da Irmandade?

— Farei o melhor que puder, Meu Senhor Alto Sacerdote.

— Eu tenho certeza de que fará!

Kipuna começou a se voltar para Sheeana, cheia de orgulho, a certeza do êxito crescendo dentro de si. O pedido de Sheeana fora muito fácil de ser provocado a partir das técnicas fornecidas pela Irmandade. Kipuna sorriu e abriu a boca para falar.

Um movimento no parapeito, uns 40 metros atrás de Sheeana, captou a atenção de Kipuna. Alguma coisa brilhava à luz do sol por lá. Algo pequeno e...

Com um grito estrangulado, Kipuna agarrou Sheeana e a lançou para o espantado Tuek, gritando:

— Corra!

Depois Kipuna avançou ao encontro do brilho que se aproximava — um pequeno dardo caçador puxando um longo *shigafio*.

Em sua época de jovem, Tuek tinha jogado bola. Ele agarrou Sheeana instintivamente, hesitou por um instante e então reconheceu o perigo. Girando com a garota que se debatia protestando em seus braços, Tuek correu através da porta aberta para a torre das escadarias. Ouviu a porta fechar-se às suas costas, os passos de Cania que o seguia.

— Que foi? Que foi?

Sheeana golpeava o peito de Tuek com seus punhos enquanto gritava.

— Quieta, Sheeana! Quieta!

Tuek parou na primeira plataforma, entre dois lances de escada. Havia uma calha deslizadora e uma queda amparada por suspensores, conduzindo desse lance de escada para dentro do

núcleo do prédio. Cania parou ao lado de Tuek, sua respiração ofegante ressoando alto nesse espaço estreito.

— Aquilo matou Kipuna e dois guardas — disse Cania sem fôlego.

— Cortou-os em pedaços! Eu vi. Deus nos proteja!

A mente de Tuek era um redemoinho. Tanto a calha deslizadora quanto a queda em suspensores eram pequenos orifícios feitos na torre. Ambos podiam ser sabotados. O ataque pelo teto podia ser apenas um elemento de uma trama mais complexa.

— Coloque-me no chão! — insistia Sheeana. — Que está acontecendo?

Tuek depositou-a no chão, mas a manteve segura por uma das mãos. Curvou-se sobre ela.

— Sheeana, minha querida, alguém está tentando ferir-nos.

A boca de Sheeana formou um silencioso “oh” e então a pergunta:

— Eles feriram Kipuna?

Tuek olhou para a porta que dava para o terraço. Estaria ouvindo o ruído de um ornitóptero lá em cima? Stiros! Conspiradores podiam levar três pessoas vulneráveis para o deserto com muita facilidade!

Cania recuperara o fôlego.

— Estou ouvindo um tóptero — disse ela. — Não devíamos sair daqui?

— Vamos descer pelas escadas — disse Tuek.

— Mas...

— Faça como eu digo!

Segurando firmemente a mão de Sheeana, Tuek liderou a corrida até o próximo patamar. Além da calha e do acesso ao poço suspensor, esse lance tinha uma porta na parede curva. Somente alguns passos além daquela porta ficava a entrada para os aposentos de Sheeana, outrora o quarto de Tuek. Novamente ele hesitou.

— Alguma coisa está acontecendo no teto — sussurrou Cania.

Tuek olhou para a criança temerosa e quieta ao seu lado. A mão dela estava escorregadia de suor.

Sim, havia algum tipo de tumulto no terraço — gritos, o assovio de queimadores, muita correria. A porta para o terraço, agora fora do alcance de visão, foi arrebentada. Isso fez Tuek decidir-se. Ele abriu a porta para o corredor e caiu nos braços de um grupo de mulheres de mantos negros agrupadas numa formação de cunha. Com um sentimento vazio de derrota, Tuek reconheceu a mulher na ponta da cunha: “Odrade!”

Alguém arrancou Sheeana de suas mãos e ela sumiu no meio do aglomerado de mantos. Antes que Tuek ou Cania pudesse protestar, mãos foram colocadas sobre suas bocas. Outras mãos imobilizaram-nos de encontro à parede do corredor.

Algumas das figuras cobertas por mantos saíram pela porta, subindo as escadarias.

— A criança está segura, e isso é o que importa no momento — sussurrou Odrade. Ela olhou nos olhos de Tuek. — Não grite. — A mão foi removida de sua boca. Usando a Voz, ela disse: — Conte-me tudo que aconteceu no terraço!

Tuek obedeceu sem reservas:

— Um dardo caçador puxando um longo *shigafio*. Veio por cima do parapeito.

Kipuna viu e...

— Onde está Kipuna?

— Morta. Cania viu. — Tuek descreveu a intrépida corrida de Kipuna ao encontro da ameaça.

“Kipuna morta!”, pensou Odrade; Ela escondeu uma raiva furiosa, um sentimento de perda. Que desperdício. Devia haver admiração ante uma morte tão corajosa, mas a perda... A Irmandade necessitava muito de tamanha coragem e devoção, mas também precisava da riqueza genética que Kipuna representara. “Tudo

perdido por causa daqueles idiotas!"

Ante um gesto de Odrade, a mão foi removida da boca da Cania.

— Diga-me o que você viu — ordenou Odrade;

— O dardo enrolou o shigafio em volta do pescoço de Kipuna e...

Cania estremeceu.

A pancada seca de uma explosão reverberou acima deles, depois o silêncio.

Odrade fez outro sinal com uma das mãos. Mulheres cobertas por mantos espalharam-se ao longo do corredor, movendo-se silenciosamente para fora do alcance da vista, além da curva na passagem. Somente Odrade e outras duas, ambas jovens de olhos frios, com expressões enérgicas, permaneceram ao lado de Tuek e de Cania. Sheeana tinha sumido.

— Os Ixianos têm algo a ver com isso — disse Odrade;

Tuek concordou.

— Aquela quantidade de *shigafio*... Para onde levaram a criança? — perguntou ele.

— Nós a estamos protegendo — disse Odrade. — Fique quieto.

Ela inclinou a cabeça, ouvindo.

Uma mulher vestida num manto negro veio correndo pela curva do corredor e sussurrou alguma coisa no ouvido de Odrade. Ela sorriu.

— Está acabado — disse ela. — Vamos ao encontro de Sheeana.

Sheeana ocupava uma cadeira estofada azul no aposento principal de seus alojamentos. Mulheres de mantos negros formavam um arco protetor por trás dela. A Tuek, a criança pareceu bem recuperada do choque do ataque e da fuga, mas seus olhos cintilavam com excitação e perguntas não-respondidas. A atenção de Sheeana estava dirigida para alguma coisa à direita de Tuek. Ele parou, olhou e ficou boquiaberto com o que viu.

O corpo nu de um homem estava tombado de encontro a uma parede em posição curiosamente dobrada, a cabeça torcida até o queixo ficar sobre o ombro esquerdo. Olhos abertos fitavam o vazio da morte.

"Stiros!"

Os trapos rasgados a que tinha sido reduzido o manto de Stiros, obviamente arrancado dele com violência, formavam agora uma pilha desarrumada ao pé do corpo.

Tuek olhou para Odrade.

— Ele estava envolvido no ataque — ela disse. — Havia Dançarinos Faciais com os Ixianos.

Tuek tentou engolir com a garganta seca.

Cania passou por ele em direção ao corpo. Tuek não podia ver o rosto dela, mas a presença de Cania o fez lembrar-se de que tinha havido algum tipo de relacionamento entre ela e Stiros na juventude.

Tuek moveu-se instintivamente para se colocar entre Cania e a criança sentada.

Cania parou junto do corpo e o cutucou com o pé. Voltou-se para Tuek com uma expressão satisfeita.

— Tinha que me certificar de que ele estava realmente morto.

Odrade olhou para uma colega.

— Livre-se do corpo — ordenou.

Depois olhou para Sheeana. Era a primeira oportunidade que Odrade tinha para estudar a criança desde que liderara a força de assalto até esse lugar a fim de enfrentar o ataque ao complexo do templo.

Tuek falou por trás de Odrade.

— Reverenda Madre, por favor pode explicar o que...

Odrade o interrompeu sem se voltar.

— Depois.

A expressão de Sheeana animou-se ao ouvir as palavras de Tuek.

— Eu sabia que era uma Reverenda Madre!

Odrade meramente assentiu com a cabeça. Que criança fascinante. Odrade tinha agora a mesma sensação que sentira diante da pintura nos aposentos de Taraza.

Algo do fogo, do calor presente naquele trabalho de arte a inspirava agora. Uma inspiração louca! Essa era a mensagem deixada por um Van Gogh demente. O caos transformando-se em magnífica ordem. Isso não era uma parte do código da Irmandade?

“Esta criança é minha tela”, pensou Odrade. Sentia a mão tremer sentindo aquele antigo pincel, as narinas dilatando-se para sorver o perfume de óleos e tintas.

— Deixem-me sozinha com Sheeana — ordenou ela. — Saiam todos.

Tuek começou a protestar, mas se calou quando uma das companheiras de Odrade o segurou pelo braço. Odrade olhou furiosa para ele.

— A *Bene Gesserit* já o serviu anteriormente — lembrou ela. — Desta vez nós salvamos sua vida.

A mulher que segurava o braço de Tuek puxou-o.

— Respondam as perguntas dele — ordenou Odrade. — Mas façam isso em outro lugar.

Cania deu um passo em direção a Sheeana.

— Esta criança é minha.

— Saia! — gritou Odrade, reunindo nessa ordem todos os poderes da Voz.

Cania gelou.

— Você quase a perdeu para um bando de conspiradores presunçosos! —

acrescentou Odrade, olhando furiosa para Cania. — Vamos estudar se você merece outra oportunidade de se ligar a Sheeana.

Lágrimas surgiram nos olhos de Cania, mas a condenação de Odrade não podia ser negada. Virando-se, Cania saiu com os outros.

Odrade voltou sua atenção para a criança vigilante.

— Estivemos esperando por você por longo tempo — disse ela. — Não

vamos dar outra oportunidade àqueles tolos.

A lei sempre busca manter o poder constituído.

Questões de moral e legalidade pouco têm a ver quando a verdadeira pergunta é: quem detém o poder?

— *Atas do Conselho da Bene Gesserit: Arquivos X0X232*

Imediatamente depois de Taraza e seu grupo deixarem Gammu, Teg lançou-se de volta ao trabalho. Novos procedimentos de guarda tinham que ser estabelecidos de modo a manter Schwangyu a distância do *ghola*. Ordens de Taraza.

— Ela pode observar tudo que quiser. Mas não deve tocá-lo.

A despeito das pressões do trabalho, Teg se encontrou a fitar o vazio em momentos ocasionais, presa de uma estranha ansiedade. A experiência de resgatar o grupo de Taraza de dentro da nave da Corporação e as curiosas revelações de Odrade não se encaixavam em qualquer padrão de classificação de dados que pudesse criar.

“Dependências... troncos-chaves...”

Teg estava sentado em seu gabinete de trabalho com um quadro de serviço para o pessoal projetado diante de si, contendo mudanças de turno para serem aprovadas, e por um instante não teve idéia do tempo ou da data. Levou um momento para se relocalizar.

Era o meio da manhã. Taraza e seu grupo tinham partido fazia dois dias. Ele estava sozinho. Patrin encarregara-se de seu programa diário de treinamento com o Duncan, deixando Teg livre para tomar decisões de comando.

A sala de trabalho à sua volta parecia estranha. E no entanto, quando olhava para cada objeto, sentia que era familiar. Ali estava o

seu próprio consolo pessoal de dados. A jaqueta de seu uniforme fora deixada sobre as costas da cadeira a seu lado.

Tentou mergulhar numa análise *Mentat* e sentiu a própria mente resistindo. Tal fenômeno não acontecia desde seus dias de treinamento.

“Dias de treinamento.”

Taraza e Odrade o tinham colocado em alguma forma de treinamento.

“Autotreinamento.”

Num modo distante, ele sentiu a memória oferecer-lhe uma conversa que tivera muito tempo atrás com Taraza. Como lhe parecia familiar agora. Sentiu-se deslocado para aquele momento, capturado pela própria capacidade de memória.

Taraza e ele estavam muito cansados depois de tomarem as decisões e agirem para evitar um confronto sangrento — o incidente Barandiko. Nada senão um mero soluço na história, assim parecia agora, mas naquela ocasião tinha exigido todas as suas energias combinadas.

Taraza convidara-o para uma saleta em seus alojamentos na não-nave depois que se assinara o acordo. Ela falava de modo informal, admirando sua sagacidade, o modo como ele tinha percebido e explorado as fraquezas que forçariam o acordo.

Os dois estavam acordados e ativos havia quase 36 horas e Teg estava feliz pela oportunidade de se sentar com Taraza, enquanto ela discava, fazendo um pedido ao aparelho produtor de drinques e refeições. A coisa produziu dois copos grandes de um líquido marrom cremoso.

Teg reconheceu o cheiro quando ela lhe passou o copo. Era uma fonte de energia rápida que a *Bene Gesserit* raramente

compartilhava com gente de fora. Mas Taraza não mais o considerava gente de fora.

Com a cabeça inclinada para trás, Teg tomou um longo gole da bebida, enquanto seu olhar se perdia no teto decorado do pequeno aposento. Essa não-nave era de um modelo antigo, construída na época em que se dedicava maior cuidado à decoração — cornijas cuidadosamente esculpidas, figuras barrocas talhadas em cada superfície.

O gosto da bebida lançou sua memória de volta à infância, a espessa infusão de melange.

— Minha mãe me preparava isso sempre que eu estava muito fatigado — disse ele, olhando para o copo na mão.

Já podia sentir o tranqüilizador fluxo de energia percorrendo o seu corpo.

Taraza levou seu drinque para uma cadeira-cão oposta a ele. A peça fofa de mobília animada, de cor branca, ajustou-se a ela com a facilidade de uma longa familiaridade. Para Teg ela providenciara uma poltrona tradicional, com estofado verde, mas percebeu o olhar dele voltar-se para a cadeira-cão e sorriu.

— Os gostos diferem, Miles. — Tomou um gole da bebida e suspirou. — Foi um trabalho árduo, mas foi um bom trabalho. Houve momentos em que me senti à beira de me tornar muito malcriada.

Teg sentiu-se tocado pela tranqüilidade dela. Não havia mais pose, nenhuma expressão para separá-los e definir seus papéis na hierarquia da *Bene Gesserit*. Ela estava sendo obviamente amistosa, sem qualquer indício de sedução. Isso era exatamente o que parecia ser — até onde se pudesse pensar tal coisa num encontro com uma Reverenda Madre.

Sentindo-se rapidamente descontraído, Teg percebeu que se tornara muito hábil em perceber as intenções de Alma Mavis Taraza,

mesmo quando ela adotava uma de suas máscaras faciais.

— Sua mãe lhe ensinou muito mais do que lhe dissemos para ensinar —

comentou Taraza. — Uma mulher sábia, mas outra herege. É tudo o que parecemos criar hoje em dia.

— Herege?

Teg sentiu certo ressentimento.

— É uma piada que corre na Irmandade — explicou Taraza. — Nós devemos

seguir as ordens da Madre Superiora com devoção absoluta. E é o que fazemos, exceto quando discordamos dela.

Teg sorriu e tomou outro gole da bebida.

— É curioso — continuou Taraza —, mas quando estávamos envolvidos naquele confronto eu me vi reagindo a você como reagiria a uma de minhas Irmãs.

Teg sentiu a bebida aquecendo-lhe o estômago. Sentiu um formigar nas narinas. Colocou o copo vazio numa mesa ao lado da cadeira e disse enquanto olhava para ela:

— Minha filha mais velha. .

— Dimela. Devia tê-la deixado vir para a Irmandade, Miles.

— A decisão não foi minha.

— Mas uma palavra sua... — Taraza encolheu os ombros. — Bem, isso é passado. Que tem Dimela?

— Ela pensa que eu freqüentemente me pareço muito com uma de vocês.

— Se parece muito?

— Ela é muito leal a mim, Madre Superiora. Realmente não entende o nosso relacionamento e...

— Qual é o nosso relacionamento?

— Vocês ordenam e eu obedeço.

Taraza olhou para ele por cima da borda do copo. Quando colocou o copo sobre a mesinha. disse:

— Sim, você nunca foi verdadeiramente herético, Miles... Talvez um dia...

Ele falou rapidamente, tentando afastar o pensamento de Taraza de tais idéias:

— Dimela acha que o uso da melange faz muitas pessoas se parecerem com vocês.

— É mesmo? Não é curioso, Miles, que a poção geriátrica tenha tantos efeitos colaterais?

— Eu não acho isso estranho.

— Não, é claro que não acha. — Ela acabou de esvaziar o copo e o colocou de lado. — Eu estava me referindo ao modo como um significativo prolongamento da vida produz em algumas pessoas, especialmente em você, um profundo conhecimento da natureza humana.

— Nós vivemos mais tempo, observamos mais.

— Não creio que seja assim tão simples. Existem pessoas que nunca observam coisa alguma. Para elas, a vida apenas acontece. Elas sobrevivem com pouco mais que uma teimosa persistência, e resistem com raiva e ressentimento a qualquer coisa que possa erguê-los acima dessa falsa serenidade.

— Nunca fui capaz de desenvolver uma folha de equilíbrio aceitável para a especiaria — comentou Teg, referindo-se a um processo de organização de dados comum aos *Mentat*.

Taraza assentiu com a cabeça. Obviamente, ela encontrava a mesma

dificuldade.

— Nós da Irmandade tendemos a ser mais direcionadas num único caminho do que os *Mentats* — admitiu. — Temos procedimentos para nos sacudir para fora dessa rotina, mas a condição persiste.

— Nossos ancestrais tiveram esse problema por longo tempo.

— Era diferente antes da especiaria — ela disse.

— Mas eles viviam vidas muito curtas.

— Cinqüenta, 100 anos, isso não parece muito para nós, mas ainda assim...

— Eles comprimiam mais experiências em seu tempo disponível?

— Ah, a época deles era frenética.

Ela estava lhe fornecendo observações de suas Outras Memórias, percebeu ele.

Não era a primeira vez que compartilhava desse conhecimento antigo. Sua mãe tinha produzido tais memórias em certas ocasiões, mas sempre para servir a alguma lição.

Estaria Taraza fazendo a mesma coisa agora? Ensinando-lhe algo?

— A melange é um monstro de muitas mãos — comentou ela.

— Algumas vezes deseja que nós nunca a tivéssemos encontrado?

— A *Bene Gesserit* não existiria sem ela.

— Nem a Corporação.

— Mas não teria havido Tirano nem *Muad'Dib*. A especiaria dá com uma das mãos e tira com todas as outras.

— Que mão contém aquilo que desejamos? — perguntou ele — Não é sempre essa a pergunta?

— Você é uma singularidade, sabia, Miles? É muito raro *Mentats* mergulharem na filosofia. Acho que isso é uma de suas forças. Você tem uma capacidade suprema para duvidar.

Ele encolheu os ombros. Esse tipo de assunto o perturbava.

— Você não achou graça — ela disse. — Mas é bom agarrar-se às suas dúvidas, de qualquer modo. A dúvida é necessária ao filósofo.

— Assim dizem os Zensunni.

— Todos os místicos concordam com isso, Miles. Nunca subestime o poder da dúvida. É muito persuasivo. O *s'tori* guarda a dúvida e a certeza em uma só mão.

Muito surpreso ele perguntou:

— As Reverendas Madres praticam rituais Zensunni?

Jamais esperara tal coisa.

— Só uma vez — respondeu ela. — Nós atingimos uma forma exaltada de *s'tori,* uma forma total que envolve cada célula do nosso corpo.

— A agonia da especiaria — ele disse.

— Tenho certeza de que sua mãe lhe contou. Obviamente, ela nunca explicou a afinidade com o Zensunni.

Teg engoliu em seco, sentindo uma constrição na garganta. Fascinante! Isso lhe fornecia uma nova compreensão da *Bene Gesserit*, mudando todo o seu conceito,

inclusive a imagem de sua mãe. Elas estavam apartadas dele, colocadas numa posição que jamais poderia alcançar. Podiam tratá-lo como camarada em determinadas ocasiões, mas ele seria incapaz de penetrar no seu círculo mais íntimo. Podia simular, não mais que isso. Nunca seria como o *Muad'Dib* ou o Tirano.

— Presciência — comentou Taraza.

A palavra desviou-lhe a atenção. Ela mudara o assunto sem realmente mudá-lo.

— Eu estava pensando no *Muad'Dib* — disse ele.

— Você pensa que ele previa o futuro?

— Esse é o ensinamento *Mentat*.

— Percebo a dúvida em sua voz, Miles. Será que ele previa ou será que ele criava? A presciência pode ser uma coisa mortal. As pessoas que exigem que o oráculo lhe faça previsões querem saber o preço da pele de baleia no próximo ano ou alguma outra coisa igualmente mundana. Nenhuma quer uma previsão, instante por instante, de sua vida.

— Não haveria surpresas — comentou Teg.

— Exatamente. Se você possuísse tal conhecimento do amanhã, sua vida se tornaria insuportavelmente tediosa.

— Acha que a vida do *Muad'Dib* era tediosa?

— E a do Tirano também. Acreditamos que as vidas deles foram inteiramente dedicadas à tentativa de quebrar as correntes nas quais eles mesmos se haviam prendido.

— Mas eles acreditavam...

— Lembre-se de suas dúvidas filosóficas, Miles. Cuidado! A mente do crente torna-se estagnada. Ela deixa de crescer para fora, em direção a um universo infinito e ilimitado.

Teg sentou-se em silêncio por um momento. Sentia a fadiga que fora impulsionada para além de sua consciência imediata pelo efeito da bebida, sentia o modo como os seus pensamentos eram agitados pela introdução de novos conceitos.

Essas eram coisas que, tinham lhe ensinado, enfraqueceriam um Mentat, e no entanto se sentia fortalecido por elas.

“Ela está me ensinando”, pensou. “Existe uma lição nisto”

Como se fosse projetado em sua mente, delineando-se em fogo, ele encontrou toda a sua atenção de *Mentat* fixada na advertência Zensunni ensinada a cada aluno principiante na escola de *Mentats*:

Por sua crença em singularidades granulares, você nega todo o movimento —

seja ele evolutivo ou involutivo. A crença fixa um universo granular e faz com que esse universo passe a existir. Não se pode permitir a mudança porque esta faria seu universo imóvel desaparecer. Não obstante ele se move por si mesmo quando você fica parado. Ele evolui à sua volta e se torna inacessível.

— A coisa mais curiosa — disse Taraza, ajustando-se ao estado de espírito que

ela mesma tinha criado — é que os cientistas de Ix não percebem o quanto suas crenças dominam seu universo.

Teg olhou para ela, silencioso e receptivo.

— As crenças dos Ixianos são totalmente submissas às escolhas que eles fizeram no seu modo de encarar o universo — explicou

Taraza. — O universo deles não age por si mesmo, mas de acordo com o tipo de experiências que eles escolhem.

Repentinamente, Teg escapou de suas memórias, assustado, e acordou no Castelo Gammu. Ainda se encontrava sentado na cadeira familiar de sua sala de trabalho. Um olhar pelo aposento mostrou que nada tinha saído do lugar. Somente alguns minutos se haviam passado naquele gabinete e seu conteúdo não lhe era mais estranho. Ele mergulhara e saíra do transe *Mentat*: “Restaurado.”

O cheiro e o gosto da bebida que Taraza lhe oferecera há tanto tempo ainda podia ser sentido em sua língua e em suas narinas. Num piscar *Mentat*, ele sabia que poderia reviver a cena uma vez mais — a luz mortiça dos globos luminosos, o sentimento da cadeira embaixo dele, os sons de suas vozes. Tudo estava lá para ser repetido, congelado numa cápsula de tempo de memória isolada.

Chamar de volta aquela memória era como criar um universo mágico onde suas habilidades eram ampliadas além de seus sonhos mais loucos. Não havia átomos naquele universo mágico, somente ondas e espantosos movimentos à sua volta. Ele era forçado a voltar lá para se libertar de todas as barreiras erguidas pela crença e pelo entendimento. Esse universo era transparente. Ele poderia ver através dele sem a interferência de telas sobre as quais tivesse que projetar aquelas formas. O universo mágico o reduzia a um núcleo de imaginação ativa em que suas próprias habilidades de criação de imagens constituíam a única tela sobre a qual se podia sentir uma projeção.

“Lá, eu sou o executor e a execução.”

O gabinete de trabalho ao redor de Teg ondulou para fora de sua realidade sensorial. Sentia sua consciência reduzindo-se a um único propósito, e esse propósito preenchia o universo. Encontrava-se aberto ao infinito.

“Taraza fez isso deliberadamente!”, pensou. “Ela me ampliou!”

O sentimento de espanto o ameaçava. Reconheceu como sua filha, Odrade, tinha recorrido a tais poderes a fim de criar para Taraza o Manifesto Atreides. Seus próprios poderes de *Mentat* encontravam-se submersos num grande padrão.

Taraza estava exigindo um terrível desempenho da parte dele. A necessidade de tal coisa desafiava-o e o aterrorizava. Podia muito bem significar o fim da Irmandade.

A regra básica é: nunca apóie a fraqueza; sempre apóie a força.

— *Código da Bene Gesserit*

— Como é que você dá ordens aos sacerdotes? — perguntou Sheeana. —

Este lugar é deles.

Odrade respondeu com aparente superficialidade, mas escolheu as palavras de modo a se ajustarem ao conhecimento que ela sabia que Sheeana já possuía:

— Os sacerdotes têm origens Fremen. Sempre tiveram Reverendas Madres por perto. Além disso, criança, você também lhes dá ordens.

— Isso é diferente.

Odrade controlou um sorriso.

Pouco mais de três horas tinham transcorrido desde que sua força de assalto interrompera o ataque ao complexo do templo. Nesse período Odrade estabelecera um centro de comando nos alojamentos de Sheeana e realizara o trabalho necessário de avaliação dos resultados e da retaliação preliminar, tudo isso enquanto estimulava e observava Sheeana.

“Simulfluxo.”

Odrade olhou para o aposento que tinha escolhido como centro de comando.

Um fragmento das roupas rasgadas de Stiros ainda restava junto à parede diante dela.

“Baixas.” O aposento tinha uma forma curiosa. Não havia duas paredes paralelas. Ela cheirou o ar. Ainda restava um perfume residual de ozônio dos farejadores com que sua gente havia assegurado a privacidade desse quarto.

Por que a forma estranha? O prédio era antigo, fora remodelado e ampliado em muitas ocasiões, mas isso não explicava esse quarto. Havia uma textura agradável no reboco áspero, cor de creme, sobre as paredes e o teto. Belas cortinas de fibra de especiaria flanqueavam as duas portas. Era o início da tarde e a luz do sol filtrada por gelosias manchava a parede oposta à janela. Globos luminosos de cor amarelo-prata flutuavam perto do teto, todos sintonizados para igualarem a luz do sol. Sons abafados da rua chegavam pelos ventiladores embaixo das janelas. No piso, um suave padrão de tapetes cor de laranja e azulejos cinzentos revelava riqueza e segurança, mas repentinamente Odrade não se sentiu segura.

Uma Reverenda Madre de elevada estatura entrou da sala adjacente, onde ficara o centro de comunicações.

— Madre Comandante — ela disse —, as mensagens foram enviadas à Corporação, a Ix e aos *Tleilaxu*.

Odrade respondeu com a mente distante.

— Entendido.

A mensageira voltou às suas tarefas.

— Que está fazendo? — perguntou Sheeana.

— Estudando uma coisa.

Odrade comprimiu os lábios, pensando. Seus guias através do complexo do templo a tinham levado até ali através de um labirinto de corredores, escadarias com vislumbres de pátios através de arcadas e um esplêndido sistema de tubo-suspensores Ixiano que os conduzira silenciosamente até outro corredor, mais escadarias, outro corredor curvo... e finalmente esse aposento.

— Por que está estudando este quarto? — perguntou Sheeana.

— Quieta, criança!

O aposento era um poliedro irregular com o lado menor para a esquerda.

Tinha cerca de 35 metros de comprimento, com metade dessa medida de largura, muitos divãs baixos e muitas cadeiras que ofereciam graus variados de conforto.

Sheeana estava sentada, com o esplendor de uma rainha, numa poltrona de amarelo brilhante com braços amplos e macios. Não havia cadeiras-cães nesse lugar. Muito tecido marrom e azul. Odrade olhou para o trançado de um gradil branco, uma entrada de ventilação acima de uma pintura de montanhas na parede maior do canto.

Uma brisa fresca vinha dos ventiladores abaixo das janelas e subia para o gradil acima da pintura...

— Este é o quarto de Hedley — disse Sheeana.

— Por que o aborrece usando o primeiro nome dele, criança?

— Isso o aborrece?

— Não faça jogos de palavras comigo, menina! Você sabe que isso o aborrece e é por isso que o faz.

— Então por que perguntou?

Odrade ignorou a resposta enquanto prosseguia seu estudo minucioso do aposento. A parede oposta à pintura mantinha um ângulo obliquo com relação á parede externa. Podia entender agora. “Muito hábil!” Esse aposento fora construído de modo a que cada sussurro lá dentro pudesse ser ouvido por alguém colocado atrás da grade de ventilação. Sem dúvida a pintura devia ocultar outro duto de ar para transportar os sons produzidos lá dentro. Nenhum farejador ou qualquer outro instrumento poderia detectar semelhante disposição. Nada daria sinal de ouvido ou olho espião. Somente os sentidos aguçados de uma pessoa treinada em camuflagens pudera descobrir isso.

Um sinal com a mão chamou uma acólita que esperava. Os dedos de Odrade sinalizaram de modo silencioso: “Descubra quem está escutando atrás daquele ventilador” Fez sinal com a cabeça para a grade acima da pintura. “Deixe-os continuar. Devemos saber para quem passam a informação.”

— Como soube que devia vir me salvar? — perguntou Sheeana.

“A criança tinha uma voz adorável, mas precisava de treinamento”, pensou Odrade. Havia nela uma firmeza que poderia ser transformada num instrumento poderoso.

— Responda-me! — ordenou Sheeana.

O tom imperioso surpreendeu Odrade, produzindo uma rápida irritação que

ela foi forçada a suprimir. Correções deviam ser feitas imediatamente!

— Acalme-se, criança — disse Odrade.

Ela moldou a ordem num tenor preciso e viu que fizera efeito.

Novamente Sheeana a surpreendeu:

— Isso é outro tipo de Voz. Você está tentando me acalmar. Kipuna me contou tudo sobre a Voz.

Odrade ficou de frente para Sheeana e olhou para a menina. Sua tristeza inicial já tinha passado, mas ainda havia ódio quando ela falava de Kipuna.

— Estou ocupada estruturando nossa resposta àquele ataque — explicou Odrade. — Por que você fica me distraindo? Pensava que você queria que eles fossem punidos.

— Que vai fazer com eles? Diga-me. Que vai fazer?

Uma criança surpreendentemente vingativa, pensou Odrade. Isso teria que ser dominado. O ódio era uma emoção tão perigosa quanto o amor. A capacidade de odiar equivalia à capacidade de amar.

Odrade explicou:

— Eu enviei para a Corporação, para Ix e para os *Tleilaxu* a mensagem que sempre despachamos quando ficamos aborrecidas. Três palavras: “Vocês vão pagar”

— E como eles vão pagar?

— Uma adequada punição *Bene Gesserit* esta sendo elaborada. Eles vão sentir as conseqüências de seu comportamento.

— Mas o que vão fazer?

— No devido tempo você poderá aprender. Pode até aprender como preparamos nossas punições. Por ora não há necessidade de que saiba.

Uma expressão aborrecida surgiu na face de Sheeana. Ela disse:

— Vocês não estão nem mesmo zangadas. Aborrecidas, foi isso que falou.

— Domine sua impaciência, criança! Existem coisas que você não entende.

A Reverenda Madre da sala de comunicações retornou, olhou para Sheeana e disse a Odrade:

— A sede da Irmandade acusa o recebimento do seu relatório. Elas aprovam sua resposta.

Como a Reverenda Madre das comunicações permanecesse de pé esperando, Odrade perguntou:

— Mais alguma coisa?

Um rápido olhar para Sheeana revelou as reservas da mulher. Odrade ergueu a palma direita, sinal para a comunicação silenciosa.

A Reverenda Madre respondeu, seus dedos dançando com a excitação liberada: “Mensagem de Taraza — Os *Tleilaxu* são o pivô da trama. A Corporação deve ser levada a pagar caro por sua melange. Feche o seu acesso ao fornecimento Rakiano. Lance juntos a Corporação e Ix. Eles irão esgotar-se diante da esmagadora competição da Dispersão. Ignore as Oradoras Peixes por enquanto. Elas estão com

Ix. O Mestre dos Mestres responde a nós de *Tleilaxu*. Ele vai para Rakis. Pegue-o.”

Odrade deu um leve sorriso para indicar que havia entendido. Observou a outra mulher deixar a sala. Não somente a Irmandade concordava com as ações executadas em Rakis como uma adequada punição *Bene Gesserit* seria preparada com uma velocidade fascinante. Obviamente, Taraza e suas assessoras tinham antecipado esse momento.

Odrade permitiu-se um suspiro de alívio. A mensagem para a Irmandade fora sucinta: um resumo do ataque, a lista das baixas entre as Irmãs, a identificação dos atacantes e uma nota confirmando a Taraza que Odrade já transmitira o aviso aos culpados: “Vocês vão pagar”

Sim, aqueles tolos atacantes agora conheceriam o ninho de vespas que tinham agitado. Isso iria criar o medo — parte importante de qualquer punição.

Sheeana remexeu-se na cadeira. Sua atitude revelava que ela iria tentar uma nova abordagem.

— Uma das suas disse que havia Dançarinos Faciais. — Ela indicou o teto com o queixo.

“Que vasto reservatório de ignorância é essa criança”, pensou Odrade. Esse vazio teria que ser preenchido. “Dançarinos Faciais!” Odrade pensou nos corpos que tinha examinado. Os *Tleilaxu* tinham finalmente colocado em ação seus novos Dançarinos Faciais. Era um teste para a *Bene Gesserit*, é claro. Esses novos eram extremamente difíceis de detectar. Mas ainda deixavam escapar o cheiro característico de seus feromônios, algo que lhes era único. Odrade enviara esse dado em sua mensagem à Irmandade.

O problema agora era manter secreto o conhecimento da *Bene Gesserit*. Odrade chamou a acólita mensageira e, indicando o ventilador com um rápido movimento dos olhos, disse na linguagem silenciosa dos dedos: “Mate aqueles que estão ouvindo!”

— Você está muito interessada na Voz, criança — disse ela, falando com Sheeana, ainda na poltrona. — O silêncio é a ferramenta mais valiosa para o aprendizado.

— Mas eu poderia aprender a usar a Voz? Eu quero aprender.

— Estou lhe dizendo para ficar calada e aprender com o silêncio.

— Eu lhe ordeno que me ensine a Voz!

Odrade refletiu a respeito dos relatórios de Kipuna. Sheeana tinha estabelecido um efetivo controle da Voz sobre a maioria das pessoas à sua volta. A criança tinha aprendido sozinha. Um nível intermediário de Voz para uma audiência limitada. Ela era uma criatura natural assustando Tuek, Cania e os outros. Fantasias religiosas contribuíam para esse temor, é claro, mas o domínio que Sheeana tinha do tom e da freqüência da Voz exibia uma admirável seletividade inconsciente.

A resposta indicada para tratar com Sheeana era óbvia. Odrade sabia que teria que usar de honestidade. Era o engodo mais poderoso e servia a mais de um

propósito.

— Eu estou aqui para lhe ensinar muitas coisas — disse Odrade. — Mas não vou fazer isso sob ordem sua.

— Todos me obedecem! — disse Sheeana.

“Mal entrou na puberdade e já é uma Aristocrata”, pensou Odrade. “Deuses que criamos! Que será que ela pode tornar-se?”

Sheeana levantou-se da poltrona e ficou olhando para Odrade com uma expressão questionadora. Os olhos da criança estavam no mesmo nível dos ombros de Odrade. Sheeana ia ser alta, uma presença dominadora. Se sobrevivesse.

— Você responde algumas de minhas perguntas, mas não responde outras —

ela disse. — Diz que estava esperando por mim, mas não me explica por quê. Por que não me obedece?

— Uma pergunta tola, criança.

— Por que fica me chamando de criança?

— Você não é uma criança?

— Já estou menstruando.

— Mas ainda é uma criança.

— Os sacerdotes me obedecem.

— Eles têm medo de você.

— E você não tem?

— Não, eu não.

— Ótimo! É chato as pessoas terem medo de você.

— Os sacerdotes pensam que você foi enviada por Deus.

— E você não pensa isso?

— Por que deveria? Nós...

Odrade interrompeu-se com a chegada da acólita mensageira. Os dedos dela dançaram em silenciosa comunicação: “Quatro sacerdotes escutavam. Eles foram mortos. Todos serviam a Tuek.”

Odrade mandou embora a mensageira.

— Ela fala a você com os dedos — comentou Sheeana. — Como é que ela faz isso?

— Você faz muitas perguntas erradas, criança. E ainda não me disse por que devo considerá-la um instrumento de Deus.

— *Shaitan* me poupa. Eu caminho pelo deserto e, quando *Shaitan* vem, eu converso com ele.

— Por que o chama de *Shaitan* e não de *Shai-hulud*?

— Todo o mundo me faz essa mesma pergunta estúpida!

— Então me dê sua resposta estúpida.

A expressão aborrecida retornou ao rosto de Sheeana.

— E devido ao modo como nos conhecemos.

— E como se conheceram?

Sheeana inclinou a cabeça para um lado, olhou para Odrade por um momento e então disse:

— Isso é segredo.

— E você sabe como conservar segredos?

Sheeana endireitou-se e fez sinal de que sim com a cabeça, mas Odrade percebeu a incerteza nos movimentos. A criança sabia quando estava sendo conduzida a uma posição impossível de manter!

— Excelente! — exclamou Odrade. — Manter segredos é um dos ensinamentos mais essenciais de uma Reverenda Madre. Fico feliz por não termos que incomodá-la quanto a esse detalhe.

— Mas eu quero aprender tudo!

Havia petulância naquela voz. Controle emocional muito pobre.

— Você deve me ensinar tudo! — insistiu Sheeana.

“Hora do chicote”, pensou Odrade. Sheeana tinha falado e gesticulado o suficiente para que até uma acólita do quinto grau se sentisse confiante em sua capacidade de controlá-la agora.

Usando todo o poder da Voz, Odrade disse:

— Não use esse tom de voz comigo, criança! Não se quiser aprender tudo!

Sheeana ficou rígida. levou mais de um minuto absorvendo o que lhe tinha acontecido e então relaxou. Daí a pouco sorriu com uma expressão meiga e aberta.

— Oh, ficou tão feliz por você ter vindo! Estava muito chato ultimamente.

Nada ultrapassa a complexidade da mente humana.

— *Leto II: Registros de Dar-es-Balat*

A noite de Gammu, que caía muito depressa nessa latitude, ainda se encontrava a duas horas no futuro. Uma formação crescente de nuvens lançava sua sombra sobre o Castelo e, ao comando de Lucilla, Duncan retornara ao pátio para uma sessão intensa de exercícios autodirigidos.

Lucilla observava do parapeito de onde o tinha visto pela primeira vez.

Duncan movia-se aos saltos e contorções do combate *Bene Gesserit*, lançando o corpo através do jardim, rolando, arremessando-se para o lado, correndo para a frente e para trás.

Era uma ótima exibição da maneira de se esquivar ao acaso, pensou Lucilla.

Ela não podia perceber qualquer padrão previsível nos movimentos dele, e a velocidade era atordoante. O rapaz já tinha quase 16 AP e atingira a plataforma de seu potencial prana-bindu.

Os movimentos cuidadosamente controlados de seus exercícios de

treinamento revelavam tanto! Ele tinha respondido rapidamente quando ela ordenara pela primeira vez essas sessões noturnas. O passo inicial nas instruções que recebera de Taraza tinha sido dado.

O *ghola* a amava. Não havia dúvidas a respeito. Ela desempenhava um papel de fixação maternal e isso fora conseguido sem enfraquecê-lo, embora as ansiedades de Teg tivessem sido despertadas.

“Minha sombra encontra-se neste *ghola*, mas ele não é um seguidor suplicante nem dependente”, procurou tranqüilizar-se. “Teg preocupa-se sem motivo.”

Naquela manhã mesma ela tinha dito a Teg:

— Aonde suas forças o levam ele continua a se expressar livremente.

“Teg devia vê-lo agora”, ela pensou. Esses novos exercícios eram, em grande parte, criação do próprio Duncan.

Lucila conteve uma exclamação de entusiasmo ante um salto particularmente ágil que levou Duncan quase ao centro do pátio. O *ghola* estava desenvolvendo um equilíbrio neuromuscular que, no devido tempo poderia ser igualado por um equilibro psicológico pelo menos igual ao de Teg. O impacto cultural de semelhante conquista seria imenso. Bastava ver todos aqueles que ofereciam sua lealdade a Teg e, através dele, à Irmandade.

“Devemos agradecer ao Tirano por grande parte disso”, pensou ela. Antes de Leto II, nenhum sistema amplo de ajuste cultural tinha durado o suficiente para se aproximar do equilíbrio que a *Bene Gesserit* sustentava ser um ideal. Era esse equilíbrio

— “fluindo ao longo da lâmina de uma espada” — que fascinava Lucila. Era por isso que ela se entregava sem reservas a um projeto cujo objetivo final não conhecia, mas que lhe exigia um desempenho que seus instintos rotulavam de repugnante.

“Duncan é tão jovem!”

O que a Irmandade queria que fizesse em seguida fora enunciado explicitamente por Taraza: “Impressão Sexual.” Naquela mesma manhã Lucilla se observara nua diante de um espelho, moldando as atitudes e os movimentos de face e de corpo que sabia ter que usar para cumprir as ordens de Taraza. Num repouso artificial, Lucilla vira o próprio rosto aparecer como o de uma deusa do amor pré-histórica — opulenta de carne e de promessa de uma suavidade na qual um macho excitado poderia mergulhar.

Em seu processo de educação, Lucilla tinha visto estátuas muito antigas dos Primeiros Tempos, pequenas figuras de pedra de fêmeas humanas com quadris largos e seios pendentes, que asseguravam abundância a uma criança que estivesse sendo amamentada. À sua vontade, Lucilla poderia produzir uma jovem simulação daquela forma ancestral.

No jardim lá embaixo Duncan parou por um momento e pareceu estar pensando em seu próximo movimento. Daí a pouco ele assentiu para si mesmo, deu um salto alto com uma pirueta no ar e caiu sobre uma perna só, o que o lançou de lado em giros mais próximos da dança que do combate.

Lucilla comprimiu a boca numa linha de decisão.

“Impressão Sexual.”

O segredo do sexo não era segredo algum, pensou. Suas raízes estavam ligadas à própria vida. Isso explicava, logicamente, por que a primeira sedução que lhe fora ordenada pela Irmandade tinha plantado um rosto masculino em sua memória. A Madre Procriadora dissera-lhe para esperar algo assim e não ficar alarmada. Mas Lucilla percebia que a Impressão Sexual era uma faca de dois gumes. A pessoa pode aprender a fluir ao longo do fio da lâmina, mas também pode ser cortada por ele.

Algumas vezes, quando o rosto masculino daquela primeira sedução ordenada lhe voltava à mente sem ser solicitado, Lucilla sentia-se confundida por ele. A memória vinha com tanta freqüência

no pico de um momento íntimo que a forçava a grandes esforços de dissimulação.

— Assim você ganha forças — dissera a Madre Procriadora, tranqüilizando-a.

E no entanto havia ocasiões em que ela sentia ter trivializado uma coisa que teria sido melhor guardar como mistério.

Um sentimento de amargura pelo que devia fazer invadiu Lucilla. Esses crepúsculos, quando ela observava as sessões de treinamento do Duncan, tinham constituído sua hora favorita do dia. O desenvolvimento muscular do rapaz mostrava um progresso muito definido, com o crescimento de músculos e ligações nervosas sensíveis — todas as maravilhas da prana-bindu pelas quais a Irmandade era tão famosa. O próximo passo estava quase chegando, contudo, e ela não poderia mais mergulhar na vigilante apreciação de seu pupilo.

Miles Teg viria dai a pouco, ela sabia, e o treinamento do Duncan passaria novamente para o salão, com suas armas mais mortais.

“Teg”

Uma vez mais Lucilla pensou a respeito dele, admirada. Teg a tinha atraído mais de uma vez, num modo particular que ela reconhecera imediatamente. Uma Impressora dispunha de alguma liberdade para selecionar seus próprios parceiros de procriação, desde que não recebesse tarefas anteriores nem ordens contrárias. Teg era velho, mas seus registros sugeriam que ainda poderia ser viril. Ela não teria permissão para ficar com a criança, é claro, mas já tinha aprendido a lidar com isso.

“Por que não?”, perguntara a si mesma.

Seu plano era extremamente simples. Complete a Impressão do *ghola* e então, registrando sua intenção ante Taraza, conceba uma criança do formidável Miles Teg.

Uma sedução introdutória, prática, era indicada, mas Teg ainda não tinha sucumbido.

Seu cinismo *Mentat* a detivera numa tarde, na câmara vestuário da Sala de Armas.

— Meus dias como reprodutor estão terminados, Lucilla. A Irmandade já devia estar satisfeita com o que lhe dei.

Teg, vestido apenas com uma malha negra de exercício, terminou de enxugar o rosto suado com uma toalha e a jogou no cesto. Sem olhar para ela, disse:

— Quer por favor me deixar sozinho agora?

“Então ele percebeu minhas insinuações!”, pensou ela.

Devia ter previsto isso, sendo Teg quem era. Lucilla tinha certeza de que ainda poderia seduzi-lo. Nenhuma Reverenda Madre com o treinamento dela deveria fracassar, nem mesmo com um *Mentat* de poderes tão óbvios quanto Teg.

Lucilla permaneceu por um momento sem se decidir, sua mente planejando automaticamente um meio de superar essa rejeição preliminar. Alguma coisa a deteve.

Não era a raiva da rejeição nem a remota possibilidade de que ele poderia ser imune à sua astúcia. O orgulho e um possível fracasso (havia sempre essa possibilidade) pouco tinham a ver com isso.

“Dignidade.”

Havia em Teg uma dignidade tranqüila, e ela já tinha o conhecimento comprovado daquilo que sua coragem e sua perícia tinham fornecido à Irmandade.

Não inteiramente consciente de seus motivos, Lucilla afastou-se dele. Possivelmente era a gratidão subjacente que à Irmandade sentia com relação a Teg. Seduzi-lo agora seria humilhante, não

apenas para ele, mas para ela própria. Não podia realizar tal ato, não sem ordem direta de uma superiora.

Enquanto permanecia no parapeito, algumas dessas memórias turvavam os sentidos de Lucilla. Havia um movimento nas sombras do portal rumo à Ala das Armas, e Teg podia ser vislumbrado por lá. Lucilla dominou suas reações e focalizou sua atenção no Duncan. O *ghola* havia interrompido seus rolamentos controlados pelo gramado. Ficou quieto, respirando profundamente, sua atenção voltada para Lucilla.

Ela notou a transpiração no rosto dele, as manchas escuras no macacão azul-claro.

Inclinando-se sobre o parapeito, Lucilla o chamou.

— Isso foi muito bom, Duncan. Amanhã vou começar a lhe ensinar mais algumas combinações de pés e punhos.

As palavras lhe escaparam espontaneamente e ela soube de imediato qual fora o motivo. Elas eram dirigidas a Teg, cuja sombra aparecia na porta, e não ao *ghola*. Ela estava dizendo a Miles: Está vendo? Você não é o único que lhe pode ensinar habilidades mortais.

Lucilla percebeu então que Teg se insinuara mais profundamente em sua psique do que deveria permitir. Aborrecida, voltou sua atenção para a figura alta, emergindo das sombras do portal. Duncan já corria em direção ao *Bashar*.

Enquanto Lucilla focalizava sua atenção em Teg, a mais elementar das reações *Bene Gesserit* relampejou pelo seu corpo. Os passos de sua reação poderiam ser definidos depois: “Algo está errado! Perigo! Teg não é Teg!” Naquele relâmpago de reação, nada disso, entretanto, tomou uma forma distinta. Ela respondeu empregando todo o volume da Voz que poderia usar:

— Duncan! Para o chão!

Duncan caiu esticado no gramado, sua atenção centrada na figura de Teg que emergia da Ala de Armas. Havia uma arma laser modelo de campo, nas mãos do homem.

“Dançarino Facial!”, pensou Lucilla. Somente os sentidos hiperalertas lhe

revelavam isso. “Um dos novos!”

— Dançarino Facial! — gritou Lucilla.

Duncan pulou de lado e depois saltou para cima, rodopiando no ar a pelo menos um metro do solo. A velocidade de sua reação deixou Lucilla chocada. Ela não sabia que um ser humano poderia mover-se tão depressa! O primeiro raio da arma laser cortou o ar embaixo de Duncan enquanto ele parecia flutuar antes da queda.

Lucilla pulou do parapeito e agarrou um apoio no peitoril da janela do nível inferior. Antes que sua queda fosse detida, sua mão direita disparou num movimento rápido, encontrando a calha que sua memória lhe dizia estar ali. Seu corpo arqueou para o lado e ela caiu no peitoril da janela mais abaixo. O desespero a impulsionava, muito embora soubesse que seria muito tarde.

Alguma coisa estalou na parede acima dela. Viu uma linha de matéria derretida correndo em sua direção enquanto se jogava para a esquerda, girando e caindo no gramado abaixo. Seu olhar captou a cena à sua volta num instante, enquanto ela recuperava o equilíbrio.

Duncan corria para o atacante, esquivando-se e se contorcendo numa terrível repetição de sua sessão de prática de solo. A velocidade de seus movimentos era incrível!

Lucilla notou indecisão no rosto do falso Teg.

Ela correu em direção ao Dançarino Facial, sentindo os pensamentos da criatura: “Dois deles atrás de mim!'

Mas o fracasso era inevitável e Lucilla já sabia disso enquanto corria. O

Dançarino Facial só tinha que ajustar sua arma para força total a curto alcance e lancetar o ar, sacudindo a arma à sua frente. Nada penetraria tal defesa. Enquanto calculava suas opções, buscando desesperadamente algum meio de derrotar o atacante, Lucilla viu uma fumaça vermelha aparecer no peito do falso Teg. Uma linha vermelha subiu num ângulo oblíquo através da musculatura do braço que segurava a arma laser. O braço caiu como uma peça partida de uma estátua, o ombro soltando-se do torso num esguicho de sangue. A figura tombou e se dissolveu em mais fumaça vermelha e névoa sangrenta, desfazendo-se em pedaços nos degraus, uma mistura de fragmentos escuros e azuis, tintos de vermelho.

Lucilla sentiu o cheiro característico dos feromônios enquanto parava. Duncan parou ao lado dela, olhando para o movimento da porta, atrás do Dançarino Facial.

Outro Teg surgiu por trás do morto. Lucilla identificou a realidade: era o verdadeiro Teg.

— Este é o *Bashar* — disse Duncan

Lucilla experimentou um breve sentimento de prazer ao ver que Duncan aprendera tão bem suas lições de identificação: como reconhecer seus amigos mesmo que veja apenas uma parte deles. Ela apontou para o Dançarino Facial morto.

— Sinta o cheiro dele.

Duncan inalou.

— Sim, percebo. Mas não era uma cópia muito boa. Percebi o que ele era assim que você notou.

Teg saiu para o jardim carregando uma arma laser pesada apoiada sobre o braço esquerdo. A mão direita estava firme sobre a empunhadura e o gatilho. Olhou à volta, examinando o pátio, depois voltou sua atenção para o Duncan e finalmente para Lucilla.

— Traga o Duncan para dentro — ele disse.

Era a ordem de um comandante em batalha, dependente apenas de um conhecimento superior sobre o que fazer durante uma emergência. Lucilla obedeceu sem questionar.

Duncan não falou quando ela o puxou pela mão, passando pelo monte de carne sangrenta que fora o Dançarino Facial e o levando para a Ala das Armas. Uma vez lá dentro, ele olhou para a pilha úmida nos degraus lá fora e perguntou:

— Quem o deixou entrar?

Não “como ele entrou?”, observou ela. Duncan já ultrapassara os detalhes menos importantes para enxergar a raiz do problema.

Teg caminhava à frente deles em direção ao seu gabinete. Parou na porta, deu uma olhada lá dentro e fez sinal para que Duncan e Lucilla o seguissem.

O quarto de Teg estava cheio de um cheiro forte de carne queimada com fios de fumaça a exalarem aquele odor de churrasco passado que Lucilla tanto detestava: carne humana assada! Uma figura usando um dos uniformes de Teg estava caída de cara no chão, no ponto onde rolara de cima da cama.

Teg rolou o corpo com a ponta de uma das botas, expondo o rosto: olhos abertos fixos, sorriso fixo num esgar. Lucilla reconheceu um dos guardas do perímetro, um dos que tinham vindo para o Castelo com Schwangyu, assim diziam os registros.

— O homem deles aqui dentro — disse Teg. — Patrin deu cabo dele e nós o vestimos com um de meus uniformes. Foi o suficiente para

confundir os Dançarinos Faciais, pois nós não os deixamos ver o rosto antes de atacarmos. Eles não tiveram tempo de fazer uma impressão de memória.

— Você sabe disso! — surpreendeu-se Lucilla.

— Bellonda instruiu-me completamente.

De repente, Lucilla percebeu o significado do que Teg tinha revelado.

Suprimiu um sentimento de raiva.

— Como deixou que um deles chegasse até o pátio?

Com a voz calma, Teg explicou:

— Havia coisas mais urgentes a serem feitas aqui. Tive que fazer uma escolha que se revelou certa.

Lucilla não ocultou a irritação:

— A decisão foi deixar o Duncan defender-se sozinho?

— Deixá-lo a seus cuidados ou deixar que outros atacantes se

entrincheirassem firmemente aqui dentro. Patrin e eu passamos maus bocados limpando esta ala. Tínhamos as mãos cheias. — Teg olhou para o Duncan. — Ele se saiu muito bem, graças ao nosso treinamento.

— Aquela... aquela coisa quase o pegou!

— Lucilla! — Teg sacudiu a cabeça. — Eu tinha tudo bem cronometrado.

Vocês dois poderiam defender-se durante pelo menos um minuto lá fora. Eu sabia que você ia jogar-se na frente daquela coisa e se sacrificar para salvar o Duncan. Mais 20 segundos.

Ante as palavras de Teg, Duncan voltou-se para Lucilla com olhos brilhantes.

— Você teria feito isso?

Como Lucilla não respondesse, Teg disse:

— Sim, ela teria feito isso.

Lucilla não negou. lembrava-se agora da incrível rapidez com que o Duncan se movera, das atordoantes mudanças de direção de seu ataque.

— Foram decisões de Batalha — Teg acrescentou, olhando para Lucilla.

Ela aceitou isso. Como de hábito, Teg tinha tomado a decisão certa. Ela sabia, entretanto, que teria que relatar isso a Taraza. As acelerações prana-bindu do *ghola* iam além de qualquer coisa que se pudesse esperar. Seu corpo enrijeceu-se quando Teg se virou, completamente alerta, seu olhar no portal atrás dela. Lucila olhou para trás.

Schwangyu estava lá, com Patrin atrás dela segurando outro laser pesado. O

cano, percebeu Lucilla, estava apontado para Schwangyu.

— Ela insistiu — disse Patrin.

Havia uma expressão furiosa no rosto do velho ajudante. As linhas profundas ao lado de sua boca apontavam para baixo.

— Há um rastro de corpos indo até a casamata do sul — disse Schwangyu. —

Sua gente não permite que eu vá até lá inspecionar. Eu lhe ordeno que retire essas ordens imediatamente.

— Não até que minhas equipes de limpeza tenham terminado — disse Teg.

— Eles estão matando gente lá fora! Eu posso ouvir!

Um tom de raiva tinha surgido na voz de Schwangyu. Ela olhou furiosa para Lucilla.

— Também estamos interrogando gente lá fora — acrescentou Teg.

Schwangyu voltou seu olhar de fúria para Teg.

— Se aqui é muito perigoso, então vamos levar a... criança para os meus alojamentos. Agora!

— Não vamos fazer isso — replicou Teg.

Seu tom de voz era baixo, mas afirmativo.

Schwangyu enrijeceu-se contrariada, e os nós dos dedos de Patrin ficaram brancos em torno do cabo da arma laser. O olhar de Schwangyu passou pela arma, encontrando o olhar avaliador de Lucilla. As duas mulheres olharam nos olhos uma da outra.

Teg aproveitou o momento e disse:

— Lucilla, leve o Duncan para a minha sala de estar.

Indicou uma porta atrás.

Lucilla obedeceu, mantendo seu corpo entre Duncan e Schwangyu o tempo todo.

Uma vez atrás da porta fechada, Duncan disse:

— Ela quase me chamou de *ghola*. Está mesmo perturbada.

— Schwangyu deixou muitas coisas escaparem à sua guarda — disse Lucilla.

Ela olhou a sala de estar de Teg, a primeira visão que tinha dessa parte dos alojamentos dele. A intimidade do *Bashar* lembrou-lhe de seus próprios alojamentos

— a mesma mistura de ordem e desordem. Rolos de leitura aglomeravam-se sobre uma mesinha ao lado de uma cadeira antiga com um estofado cinza-claro. O leitor de rolos fora colocado para o lado, como se o usuário tivesse saído por um momento pretendendo voltar num instante. Uma jaqueta negra do uniforme de *Bashar* fora deixada sobre o recosto de uma cadeira próxima, com material de costura numa caixa aberta ao lado. O punho da jaqueta mostrava um buraco cuidadosamente costurado.

“Ele cuida de suas roupas pessoalmente.”

Essa era uma faceta do famoso Miles Teg que ela não tinha esperado. Se tivesse pensado a respeito, teria julgado que Patrin cuidaria dessas tarefas.

— Schwangyu deixou os atacantes entrarem, não foi? — perguntou Duncan.

— O pessoal dela deixou — respondeu Lucilla sem esconder a irritação. —

Ela foi longe demais. Um pacto com os *Tleilaxu*!

— Patrin vai matá-la?

— Não sei nem me importo!

Do lado de fora da porta, Schwangyu falava com raiva, sua voz alta e muito clara:

— Vamos ficar esperando aqui, *Bashar*?

— Você pode sair a hora que quiser.

— Mas não posso entrar no túnel sul!

Schwangyu parecia petulante. Lucila sabia que isso era alguma coisa que a velha estava fazendo deliberadamente. Que estaria ela planejando? Teg devia ser muito cauteloso agora. Tinha sido muito hábil lá fora, revelando a Lucilla as falhas no controle de Schwangyu, mas eles ainda não tinham dominado todos os recursos desta última. Lucilla se perguntou se não devia deixar o Duncan e voltar para junto de Teg.

Ele disse:

— Você pode ir agora, mas eu a aviso para que não volte aos seus alojamentos.

— E por que não?

Schwangyu parecia surpresa, realmente surpresa, e não escondia isso muito bem.

— Só um momento — disse Teg.

Lucilla tornou-se consciente de gritos distantes. A pancada pesada de uma explosão soou em algum lugar próximo, seguida por outra mais distante. A poeira levantou-se da cornija acima da porta da sala de estar de Teg.

— Que foi isso?

Era Schwangyu novamente, sua voz excessivamente alta.

Lucilla postou-se entre Duncan e a parede que os separava do corredor.

Duncan olhou para a porta, o corpo posicionado para a defesa.

— Aquela primeira explosão é a que eu esperava que eles provocassem —

disse a voz de Teg. — A segunda, creio, é a que eles não esperavam.

Um apito soou próximo, suficientemente alto para cobrir alguma coisa que Schwangyu disse.

— Foi isso, *Bashar* — confirmou Patrin.

— Que está acontecendo? — quis saber Schwangyu.

— A primeira explosão, cara Reverenda Madre, foram os seus alojamentos sendo destruídos por nossos atacantes. A segunda explosão éramos nós destruindo os atacantes.

— Acabo de receber o sinal, *Bashar* — disse a voz de Patrin. — Pegamos todos eles. Eles desceram de flutuador de uma não-nave, exatamente como esperava que fizessem.

— E quanto à nave?

A voz de Teg transmitia uma exigência cheia de fúria.

— Destruída no instante em que saiu da dobra espacial. Sem sobreviventes.

— Seus tolos! — gritou Schwangyu. — Sabem o que fizeram?

— Eu cumpri minhas ordens de proteger o rapaz de qualquer ataque. — disse Teg. — A propósito, você não devia estar nos seus alojamentos a esta hora?

— O quê?

— Eles estavam atrás de você quando explodiram seu quarto. Os *Tleilaxu* são muito perigosos, Reverenda Madre.

— Eu não acredito em você!

— Sugiro que dê uma olhada. Patrin, deixe-a passar.

Enquanto ouvia, Lucila percebia a discussão implícita. O *Bashar Mentat* recebera um voto de confiança maior do que a Reverenda

Madre, e Schwangyu sabia disso. Ela devia estar desesperada. Fora um movimento muito hábil afirmar que os alojamentos dela tinham sido destruídos. Mas ela podia não acreditar. À frente de tudo mais na consciência de Schwangyu devia estar agora a compreensão de que Teg e Lucilla reconheciam a cumplicidade dela no ataque. E não havia modo de avaliar quantos já saberiam disso. Patrin, é claro, sabia.

Duncan olhava para a porta fechada, a cabeça inclinada para um dos lados.

Havia uma expressão curiosa em seu rosto, como se ele pudesse enxergar realmente através da porta, vigiando as pessoas lá fora.

Schwangyu disse, com o controle mais cuidadoso de sua voz.

— Não acredito que meus alojamentos tenham sido destruídos.

Ela sabia que Lucilla devia estar ouvindo.

— Só há um meio de se certificar — disse Teg.

“Muito esperto!”, pensou Lucilla Schwangyu não poderia tomar uma decisão até que tivesse certeza de que os *Tleilaxu* tinham agido traiçoeiramente.

— Vocês vão me esperar aqui, então! Isso é uma ordem!

Lucilla ouviu suas palavras, seguidas do ruído dos mantos da mulher em movimento. A Reverenda Madre saiu.

“Controle emocional muito ruim”, pensou Lucilla. O que isso revelava a respeito de Teg era igualmente perturbador. “Ele fez isso com ela!” Teg tinha feito uma Reverenda Madre perder o equilíbrio.

A porta em frente de Duncan se abriu. Teg apareceu com uma das mãos na maçaneta.

— Rápido! — ele disse. — Devemos estar longe do Castelo antes que ela volte.

— Longe do Castelo?

Lucilla não escondeu o choque.

— Rápido, faça o que eu digo! Patrin tem uma rota de fuga preparada para nós.

— Mas eu devo...

— Você não deve fazer nada! Venha como está. Siga-me ou serei obrigado a forçá-la.

— Você pensa realmente que pode forçar...

Lucilla não completou a frase. Era um novo Teg que estava diante de si, e ela percebia que ele não teria feito semelhante ameaça se não tivesse condições de cumpri-la.

— Muito bem.

Ela obedeceu. Pegou Duncan pela mão e seguiu Teg para fora de seus alojamentos.

Patrin estava no corredor, olhando para a direita.

— Ela se foi — disse o velho. Olhou para Teg. — Sabe o que fazer, *Bashar*?

— Pat!

Lucilla nunca tinha ouvido Teg chamar seu ajudante pelo diminutivo.

Patrin sorriu, revelando dentes brancos e perfeitos.

— Desculpe *Bashar*, mas toda essa excitação, sabe como é. Deixo por sua conta, então. Tenho que fazer a minha parte.

Teg fez sinal para que Lucilla e Duncan seguissem pelo corredor à direita. Ela obedeceu e ouviu Teg seguindo-a logo atrás. A mão de Duncan parecia escorregadia de suor em sua mão. Ele se soltou dela e caminhou livremente ao seu lado, sem olhar para trás.

A queda sustentada por suspensores, no final do corredor, estava guarnecida

por dois guardas de confiança de Teg. Ele fez sinal para eles:

— Ninguém deve seguir-nos.

Os dois responderam ao mesmo tempo

— Certo, *Bashar*.

Ao entrar na queda junto com Teg e Duncan, Lucilla percebeu ter tomado partido numa disputa que ela mesma não entendia totalmente. Podia sentir os movimentos ditados pela política da Irmandade como se fosse uma corrente de água fluindo em torno dela. Em geral o movimento permanecia como uma onda suave, lavando a areia da praia, mas agora ela sentia uma vaga imensa, destruidora, preparando-se para afogá-la em espuma.

Quando eles saíram para a câmara de interconexão da casamata do sul, Duncan disse:

— Nós devíamos estar todos armados.

— Logo estaremos — disse Teg. — E espero que você esteja preparado para matar qualquer um que tente nos deter.

O fato mais significativo é este: nenhuma fêmea Bene Tleilax jamais foi vista longe da proteção de seu núcleo planetário. (Os Dançarinos Faciais que assumem a identidade de mulheres não contam para esta análise. Eles são híbridos estéreis, não podendo ser contados como reprodutores.) Os Tleilaxu conservam suas mulheres segregadas para mantê-las fora do nosso alcance.

Essa é nossa dedução primária. Deve ser nos óvulos que os Mestres Tleilaxu escondem seus segredos mais preciosos.

— Análise da Bene Gesserit, Arquivos XOXTM99...041

— Então nos encontramos, afinal — disse Taraza.

Olhava através dos dois metros de espaço que separavam sua cadeira da de Tylwyth Waff. Suas analistas tinham garantido que esse homem era o Mestre de todos os Mestres *Tleilaxu*. Que uma figura tão frágil pudesse ter tanto poder era difícil de acreditar. Mas os estereótipos gerados pela aparência deviam ser abandonados, lembrou ela a si mesma.

— Há quem não acredite que isto fosse possível — disse ele.

A voz dele era fraca, meio cantada, notou Taraza. Mais uma coisa para ser avaliada por padrões diferentes.

Ambos encontravam-se na neutralidade de uma não-nave da Corporação, com naves monitoras da *Bene Gesserit* e dos *Tleilaxu* agarradas ao casco do imenso vaso espacial como pássaros predadores pousados sobre uma carcaça. (A Corporação mostrara-se superansiosa em aplacar a *Bene Gesserit*. “Vocês vão pagar”, sabia a Corporação. E eles já tinham pago outras vezes.) O pequeno aposento oval no qual o

encontro era realizado fora convencionalmente revestido de cobre e se tornara “à prova de espionagem”. Taraza não acreditava nisso nem por um instante. Também presumia que os laços de união entre a Corporação e os *Tleilaxu*, laços forjados com melange, ainda permaneciam plenamente atados.

Waff não se iludia com Taraza. Essa mulher era muito mais perigosa do que qualquer Honrada Madre. E se matasse Taraza ela seria imediatamente substituída por outra tão perigosa quanto ela. Alguém que possuiria todas as informações atualmente na posse dessa Madre Superiora.

— Achamos seus novos Dançarinos Faciais muito interessantes — disse Taraza.

Waff fez uma careta involuntária. Sim, muito mais perigosas que as Honradas Madres, que ainda nem culpavam os *Tleilaxu* pela perda de toda uma não-nave.

Taraza olhou para o pequeno relógio digital de face dupla colocado sobre a mesa baixa à sua direita, de onde o relógio podia ser visto pelos dois. O mostrador voltado para Waff fora sincronizado com o relógio interno dele. Ela notou que as duas leituras de relógio biológico encontravam-se a 10 segundos de sincronia com o meio-dia arbitrário. Era uma das sofisticações desse confronto, onde até a posição e o espaço entre as duas cadeiras tinham sido especificados no acordo.

Waff e ela estavam sozinhos na sala. O espaço oval ao redor tinha seis metros no eixo maior e metade dessa distância de largura. Ambos ocupavam cadeiras-fundas de madeira coberta por um tecido laranja, sem qualquer parte de metal ou de material estranho. O único móvel no aposento era a mesinha com o relógio, uma superfície de plaz negro sobre três pés de madeira tipo palito. Cada um dos participantes do encontro fora examinado com detectores. Cada um tinha três guardas pessoais montando guarda fora da única entrada. Taraza não acreditava que os *Tleilaxu* fossem tentar uma troca com Dançarinos Faciais, não nas atuais circunstâncias!

“Vocês vão pagar”

Os *Tleilaxu* também estavam conscientes de sua vulnerabilidade, especialmente agora que tinham o conhecimento de que as Reverendas Madres podiam expor os novos Dançarinos Faciais.

Waff pigarreou.

— Eu não espero que cheguemos a um acordo.

— Então por que veio?

— Busco uma explicação para essa mensagem curiosa que recebemos de seu Castelo em Rakis. Pelo que devemos pagar?

— Eu lhe peço, Sr. Waff, que abandone os fingimentos e dissimulações tolas nesta sala. Existem fatos que ambos conhecemos e que não podemos evitar.

— Tais como?

— Nenhuma fêmea *Bene Tleilax* jamais nos foi fornecida para procriação.

E ela pensou: “Deixe-o suar com isso!” Era terrivelmente frustrante não dispor de uma linha de Outras Memórias *Tleilaxu* para ser investigada pela *Bene*

Gesserit, e Waff devia saber disso.

Waff olhou, carrancudo.

— Certamente não pensa que pode barganhar com uma linha de... — Ele se interrompeu, sacudindo a cabeça. — Não posso crer que esse seja o pagamento que estão pedindo.

Como Taraza não respondesse, ele acrescentou:

— Aquele estúpido ataque ao templo Rakiano foi realizado independentemente, por pessoas que se encontravam no local. Elas já foram punidas.

“Movimento esperado numero três”, pensou Taraza.

Ela participara de numerosas sessões de instruções-análise antes desse encontro, se é que se poderia chamá-las de sessões de instrução. Havia análises em excesso. Muito pouco se sabia a respeito desse Mestre *Tleilaxu*, esse Tylwyth Waff.

Algumas projeções opcionais extremamente importantes tinham sido obtidas por inferência (mas ainda era preciso provar que eram

verdadeiras). O problema é que alguns dos dados mais interessantes vinham de fontes não muito confiáveis. Mas num fato se podia confiar: essa figura de duende sentada diante dela era uma criatura mortalmente perigosa.

O movimento número três de Waff chamou sua atenção. Era hora de responder. Taraza deu um sorriso:

— Esse era precisamente o tipo de mentira que esperávamos de vocês — ela disse. — Vamos começar com os insultos? — perguntou ele calmamente.

— Vocês estabeleceram o padrão. Mas me permita adverti-lo de que não vai nos tratar da maneira como tratou aquelas prostitutas da Dispersão.

A expressão de Waff gelou, convidando Taraza a um movimento ousado. As deduções da Irmandade, baseadas parcialmente no desaparecimento de uma nave de conferência Ixiana, eram precisas! Mantendo o mesmo sorriso, ela seguiu uma linha de conjectura opcional como se fosse um fato conhecido.

— Eu acho — ela disse — que as prostitutas gostariam de saber que existem Dançarmos Faciais no meio delas.

Waff dominou sua raiva. “Essas malditas bruxas! Elas sabem, de algum modo elas sabem!” Seus conselheiros tinham manifestado dúvidas quanto a esse encontro. E

uma minoria substancial fora contra ele. As bruxas eram tão.. diabólicas. E suas retaliações!

“Hora de mudar a atenção para Gammu”, pensou Taraza. “Deixá-lo desequilibrado”. Ela disse:

— Mesmo quando vocês subvertem uma de nós, como fizeram com Schwangyu em Gammu, não aprendem coisa alguma que seja de valor!”

Waff deixou transparecer a irritação:

— Ela pensou em... contratar-nos como se fôssemos um bando de assassinos!

Nós lhe ensinamos uma lição!

“Ah, seu orgulho começa a aparecer”, pensou Taraza. “Interessante. As implicações de uma estrutura moral atrás de tal orgulho devem ser exploradas.”

— Vocês nunca penetraram realmente em nossas fileiras — comentou Taraza.

— E vocês nunca penetraram entre os *Tleilaxu*!

Waff conseguiu passar essa ostentação com extraordinária calma. “Ele precisa de tempo para pensar! Para planejar!”

— Talvez queiram saber o preço do nosso silêncio — sugeriu Taraza. Ela tomou a expressão imutável de Waff por um sinal de concordância e acrescentou: —

Uma coisa: vocês vão compartilhar conosco tudo que aprenderam sobre aquelas prostitutas criadas pela Dispersão, aquelas que se chamam de Honradas Madres.

Waff estremeceu. Muita coisa fora confirmada através do assassinato das Honradas Madres. As sutilezas sexuais! Somente a psique mais forte poderia resistir ao envolvimento em tamanhos êxtases. O potencial de tal ferramenta era enorme! Devia ser compartilhado com essas bruxas?

— Tudo que aprendeu a partir delas — insistiu Taraza.

— Por que as chama de prostitutas?

— Elas tentam imitar-nos e no entanto se vendem em troca de poder, criando uma farsa a partir de tudo o que representamos.

Honradas Madres!

— Elas superam vocês em número, pelo menos na proporção de 10 mil a um!

Vimos a evidência.

— Uma de nós poderia derrotar todas elas — disse Taraza.

Waff ficou em silêncio, observando-a. Seria isso mera ostentação? Nunca se podia ter certeza no que dizia respeito às bruxas *Bene Gesserit*. Elas faziam coisas. O

lado sombrio do universo mágico pertencia-lhes. Em mais de uma ocasião, as bruxas tinham derrotado o *Shariat*. Seria a vontade de Deus que os verdadeiros crentes passassem por outra provação?

Taraza deixou o silêncio continuar construindo suas próprias tensões. Sentia o redemoinho na mente de Waff. Isso lembrava-lhe a conferência preliminar na Irmandade que a preparara para esse encontro. Bellonda tinha feito uma pergunta aparentemente simples:

— Que é que realmente sabemos a respeito dos *Tleilaxu*?

Taraza sentira a resposta inundar cada mente em torno da mesa de conferência no planeta da Irmandade: “Só podemos saber com certeza o que eles querem que saibamos.”

Nenhuma de suas analistas podia evitar a suspeita de que os *Tleilaxu* tinham criado deliberadamente uma imagem falsa de si mesmos. A inteligência *Tleilaxu* tinha que ser avaliada diante do fato de que somente eles controlavam o segredo dos tanques *axlotl*. Seria um acidente fortuito, como alguns sugeriam? Então por que os outros tinham sido incapazes de duplicar esse feito em todos esses milênios?

“*Gholas*.”

Estariam os *Tleilaxu* usando o processo de criação de *gholas* para obter seu

próprio tipo de imortalidade? Ela podia ver indícios sugestivos nas ações de Waff...

nada definido, mas altamente suspeito.

Nas conferências na Irmandade, Bellonda retornara seguidamente às suas suspeitas básicas, martelando:

— Tudo isso... tudo isso que está em nossos arquivos, eu digo, pode não passar de lixo, comida de lorcos!

Essa menção tinha feito algumas das Reverendas Madres mais descontraídas, em torno da mesa, estremecerem.

“Lorcos!”

Essas criaturas lentamente rastejantes, produto do cruzamento de lesmas com porcos, forneciam carne para alguns dos pratos mais caros de todo o universo, mas as criaturas em si representavam tudo aquilo que a Irmandade achava mais repugnante a respeito dos *Tleilaxu*. Os lorcos tinham sido uma das primeiras ofertas comerciais dos *Tleilaxu*, produto cultivado em seus tanques e formado com o núcleo helicoidal de que todos os tipos de vida tomavam suas formas. O fato de os *Bene Tleilaxu* terem criado tais criaturas aumentava a aura de obscenidade desses seres cujas bocas múltiplas comiam incessantemente qualquer tipo de lixo, transformando-o rapidamente num excremento que não apenas cheirava a chiqueiro, mas também era gosmento.

— A melhor carne deste lado do céu — citara Bellonda, repetindo um anúncio da CHOAM.

— E vem de uma obscenidade — acrescentara Taraza.

“Obscenidade”

Taraza pensava nisso enquanto olhava para Waff. Por que motivo possível essa gente poderia ter criado em torno de si uma máscara de obscenidade? A explosão de orgulho de Waff não se encaixava muito bem em tal imagem.

Waff tossiu na mão. Sentia a pressão dos invólucros onde escondera seus dois potentes lança-dardos. A minoria entre seus conselheiros tinha advertido:

— Como no caso das Honradas Madres, o vencedor desse encontro com a *Bene Gesserit* será aquele que sair carregando a informação mais secreta a respeito do outro. E a morte do oponente é a garantia desse sucesso.

“Eu poderia mata-la, mas e aí?”

Havia mais três Reverendas Madres esperando do lado de fora daquela comporta. Sem dúvida Taraza tinha algum tipo de sinal preparado para o instante em que a comporta fosse aberta. Sem o sinal, a violência e o desastre seriam instantâneos.

Waff não acreditava nem por um instante que mesmo os seus novos Dançarinos Faciais pudessem dominar aquelas Reverendas Madres lá fora. As bruxas estariam totalmente alertas. Elas deviam ter reconhecido a natureza dos guardas de Waff.

— Nós vamos compartilhar — disse Waff.

A admissão implícita nisso o magoava, mas ele sabia não ter alternativa. A afirmação de Taraza quanto a habilidades relativas podia ser imprecisa, devido ao que afirmava, mas ele sentia a verdade ali, não obstante o exagero. Não tinha ilusões

quanto ao que aconteceria se as Honradas Madres descobrissem o que realmente acontecera com suas enviadas. A perda da não-nave ainda não podia ser atribuída aos *Tleilaxu*. Naves desaparecem. Já o assassinato deliberado era outra coisa. As Honradas Madres certamente tentariam exterminar um adversário tão impetuoso,

ainda que apenas como um exemplo para os outros. *Tleilaxu* retornados da Dispersão tinham falado em coisas assim. E, tendo visto as Honradas Madres, Waff agora acreditava nas histórias que se contavam.

Taraza disse:

— O segundo item em minha agenda para este encontro é o nosso *ghola*.

Waff remexeu-se na cadeira funda.

Taraza sentia-se repelida pelos olhos pequeninos de Waff, a face redonda com o nariz arrebitado e os dentes muito aguçados.

— Vocês têm matado nossos *gholas* para controlar os movimentos de um projeto no qual não desempenham papel algum que não o de fornecer um único elemento — acusou Taraza.

Waff uma vez mais se perguntou se não devia matá-la. Será que não se podia ocultar nada dessas malditas bruxas? A hipótese de a *Bene Gesserit* contar com a ajuda de um traidor dentro do núcleo *Tleilaxu* não podia ser ignorada. De que outro modo poderiam elas saber?

Ele disse:

— Eu lhe asseguro, Reverenda Madre Superiora, que o *ghola*..

— Não me assegure nada! Nós mesmas nos asseguramos. — Uma expressão de tristeza surgiu no rosto de Taraza e ela sacudiu a cabeça.

— E pensa que não sabemos que nos tem vendido produtos danificados?

Waff respondeu rapidamente:

— Ele corresponde a cada exigência imposta por seu contrato!

Novamente Taraza sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Este pequenino mestre *Tleilaxu* não tinha idéia do que estava lhe revelando ali.

— Vocês imprimiram seus próprios esquemas em sua psique — ela disse —

Eu lhe aviso, Sr. Waff, que se suas alterações impedirem nossos objetivos nós vamos feri-los mais profundamente do que julgam possível

Waff passou a mão pelo rosto, sentindo a transpiração em sua testa. Malditas bruxas! Mas elas não conheciam tudo. Os *Tleilaxu* tornados da Dispersão e as Honradas Madres que ela odiava tão amargamente tinham fornecido aos *Tleilaxu* uma arma sexualmente carregada que não seria partilhada, não importavam as promessas feitas ali!

Taraza avaliou as reações de Waff em silêncio e decidiu partir para uma mentira ousada:

— Quando capturamos sua nave de conferências Ixiana, alguns de seus novos Dançarmos Faciais não morreram suficientemente rápido. Nós aprendemos um bocado.

Waff postou-se à beira da violência.

“Acertei no alvo”, pensou Taraza. A mentira corajosa tinha aberto um caminho de revelações a uma das sugestões mais preocupantes feitas por suas assessoras. Fora considerada uma idéia extravagante, mas não parecia mais assim.

— A ambição dos *Tleilaxu* é produzir uma completa mímica prana-bindu —

afirmara sua assessora.

— Completa?

Todas as irmãs presentes à mesa de conferências tinham ficado abismadas com a idéia. Ela implicava uma forma de cópia de memória que ia muito além da impressão mental a respeito da qual já sabiam.

A assessora, a Irmã Hesterion dos Arquivos, viera armada com uma lista muito bem-organizada de material em apoio à sua tese.

— Nós já sabemos que aquilo que uma sonda Ixiana faz mecanicamente, os *Tleilaxu* fazem com carne e nervos. O passo seguinte é muito óbvio.

Vendo a reação de Waff ante sua mentira ousada, Taraza continuou a observá-lo cuidadosamente. Ele se encontrava na sua condição mais perigosa nesse momento.

Uma expressão de ira surgiu no rosto de Waff. As coisas que as bruxas sabiam eram por demais perigosas! Não duvidava nem um pouco da afirmação de Taraza.

“Devo matá-la, não importa o que me aconteça! Devemos matar todas elas.

Abominações! É uma expressão delas e as descreve perfeitamente”

Taraza interpretou corretamente a expressão dele e falou depressa:

— O senhor não corre qualquer perigo de nossa parte, desde que não prejudique nossos projetos. Sua religião, seu modo de vida, isso é problema de vocês.

Waff hesitou. Não tanto pelo que Taraza dissera, e sim pela lembrança dos poderes dela. Que mais saberiam elas? Mas continuar numa posição subserviente!

Depois de rejeitar semelhante aliança com as Honradas Madres. E com ascendência tão próxima depois de tantos milênios. O

desânimo o dominou. A minoria entre seus conselheiros estivera certa, afinal: “Não pode existir laço de união entre nossos povos.

Qualquer acordo com as forças dos *powindah* é uma união baseada no mal.”

Taraza ainda sentia a violência potencial em seu interlocutor. Será que o teria pressionado demais? Colocou-se em prontidão defensiva. Uma contração involuntária dos braços dele a alertou. “Armas em suas mangas!” Os recursos dos *Tleilaxu* não deviam ser subestimados. Seus detectores não tinham acusado coisa alguma.

— Sabemos sobre as armas que carrega — ela disse. Era outra mentira ousada, sugerida pelo comportamento dele. — Se cometer esse erro agora, as prostitutas também vão saber como usou essas armas.

Waff respirou três vezes. Quando falou, já se colocara sob controle:

— Não vamos ser satélites da *Bene Gesserit*!

Taraza respondeu numa voz calma, tranqüilizadora:

— Por palavra ou por ação, jamais lhes sugeri tal coisa.

Ela esperou. Não houve mudança na expressão de Waff, nem o menor desvio

no olhar desfocado que ele lhe dirigia.

— Vocês nos ameaçam — murmurou ele. — Exigem que compartilhemos tudo que...

— Compartilhar! — retrucou ela. — Não se compartilha com parceiros desiguais.

— E que iriam vocês compartilhar conosco? — indagou ele.

Ela falou com o tom de voz que usaria para ralhar com uma criança:

— Sr. Waff, pergunte a si mesmo por que, como membro governante de sua oligarquia, veio a este encontro?

Com a voz ainda firmemente controlada, Waff contra-atacou:

— E por que você, Madre Superiora da *Bene Gesserit*, veio até aqui?

Ela falou calmamente:

— Para nos fortalecer.

— Ainda não disse o que vai compartilhar — acusou ele. — Ainda espera obter vantagem.

Taraza continuou a observá-lo cuidadosamente. Raramente sentira tamanho ódio reprimido num ser humano.

— Diga-me abertamente o que quer.

— E vocês, com sua grande generosidade, darão?

— Negociaremos.

— Onde é que estava a negociação quando me ordenou... ME ORDENOU

que...

— Veio até aqui firmemente decidido a quebrar qualquer acordo que fizéssemos — ela disse. — Nem uma vez tentou negociar. Senta-se diante de alguém que quer negociar e só consegue...

— Negociar?

A memória de Waff trouxe-lhe a raiva da Honrada Madre ante essa palavra.

— Foi o que eu disse — insistiu Taraza. — Negociar.

Algo como um sorriso torceu os cantos da boca de Waff.

— Pensa que tenho autoridade para barganhar com vocês?

— Tenha cuidado, Sr. Waff — disse Taraza. — O senhor tem a autoridade final. Ela reside na derradeira habilidade de destruir completamente um oponente. Eu não ameacei tal coisa, mas o senhor o fez.

Ela olhou para as mangas dele.

Waff suspirou. Que dilema. Ela era uma *powindah*! Como se poderia negociar com uma *powindah*?

— Temos um problema que não pode ser resolvido por métodos racionais —

disse Taraza.

Waff escondeu sua surpresa. Aquelas eram as mesmas palavras que a Honrada Madre tinha usado! Ele estremeceu por dentro ante o que isso poderia significar.

Estariam as *Bene Gesserit* e as Honradas Madres unidas em uma causa comum? O ódio

de Taraza revelava o contrário, mas desde quando se podia confiar nas bruxas?

Uma vez mais, Waff se perguntou se deveria sacrificar-se para eliminar essa bruxa. Mas de que adiantaria? Outras delas certamente sabiam o mesmo que essa. Só iria precipitar o desastre. Havia uma luta interna entre as bruxas, mas isso, novamente, podia ser apenas outro ardil.

— O senhor nos pede que compartilhemos alguma coisa — continuou Taraza.

— Que tal se lhe oferecermos algumas de nossas preciosas linhagens genéticas?

Não havia dúvida agora, o interesse de Waff aumentava.

Ele disse:

— Por que lhes pediríamos tal coisa? Temos nossos tanques e podemos colher amostras genéticas em quase todo lugar.

— Por exemplo?

Waff suspirou. Não se podia escapar ao caráter incisivo das *Bene Gesserit*. Era como um golpe de espada. Supôs corretamente ter lhe revelado coisas que a levaram naturalmente ao assunto. O dano já fora feito. Ela deduzira corretamente (ou espiões lhe tinham contado) que o reservatório selvagem dos genes humanos tinha pouco interesse para os *Tleilaxu*, com seu conhecimento mais sofisticado da linguagem íntima da vida. Eles não podiam subestimar, entretanto, a *Bene Gesserit* ou os produtos do seu programa de procriação controlada. Deus sabia que elas tinham produzido o *Muad'Dib* e o Profeta!

— O que vocês pediriam em troca disso? — perguntou ele.

— Ah, estamos negociando, afinal! — exclamou Taraza. — Ambos sabemos, é claro, que estou lhe oferecendo madres procriadoras da linhagem Atreides.

E ela pensou: “Deixe-o acreditar nisso! Elas vão parecer Atreides, mas não o serão!”

Waff sentiu o pulso acelerar. Seria possível tal coisa? Será que ela teria a menor idéia do que os *Tleilaxu* poderiam aprender com o exame de semelhante fonte de material genético?

— Nós exigiríamos prioridade na seleção da prole — disse Taraza.

— Não!

— Uma prioridade alternada, então?

— Talvez.

— Que quer dizer com talvez?

Ela inclinou-se para a frente. As emoções de Waff diziam-lhe estar na pista certa. — Que mais pediriam de nós?

— Nossas madres procriadoras devem ter acesso irrestrito aos seus laboratórios genéticos.

— Está louca?

Waff sacudiu a cabeça, exasperado. Será que ela acreditava realmente que os *Tleilaxu* iriam entregar sua arma mais poderosa assim, desse modo?

— Então aceitamos um tanque *axlotl* totalmente operacional.

Waff ficou apenas olhando para ela.

Taraza encolheu os ombros.

— Eu tinha que tentar.

— Suponho que tivesse.

Taraza reclinou-se e reviu o que aprendera ali. A reação de Waff àquela sonda Zensunni fora interessante. “Um problema que não pode ser resolvido por meios racionais.” As palavras tinham produzido nele um efeito sutil. Ele tinha parecido erguer-se de algum lugar interior com uma aparência questionadora no olhar. “Deus nos preserva a todos! Seria Waff um Zensunni secreto?”

Não importavam os perigos, isso tinha que ser explorado. Odrade devia ser armada com toda a vantagem possível que pudesse usar em Rakis.

— Talvez já tenhamos feito tudo o que podíamos por ora — disse Taraza. —

Há tempo para completarmos nosso acordo. Somente Deus, em Sua infinita misericórdia, nos deu este universo infinito onde tudo pode acontecer.

Waff uniu as mãos sem pestanejar:

— A dádiva das surpresas é a maior de todas! — disse ele.

“Não apenas Zensunni.” pensou Taraza. “Sufi também. Sufi!” Começou a reajustar a visão que tinha dos *Tleilaxu*. “Há quanto tempo eles estarão guardando isso no peito?”

— O tempo em si não conta — disse ela, sondando. — Só precisamos olhar para os círculos.

— Os sóis são círculos — disse Waff. — Cada universo é um círculo.

Ele prendeu a respiração, esperando pela resposta.

— Os círculos são limitações — disse Taraza, colhendo a resposta adequada em suas Outras Memórias. — Tudo que fecha e limita deve expor-se ao infinito.

Waff ergueu as mãos para lhe mostrar as palmas e então deixou os braços caírem sobre o colo. Seus ombros tinham perdido um pouco da tensão.

— Por que não disse essas coisas logo no começo? — perguntou.

“Devo ter muito cuidado”, pensou Taraza. A confirmação nos modos e nas palavras de Waff exigia uma revisão cuidadosa.

— O que se passou entre nós nada revela, a menos que possamos falar abertamente — ela disse. — E mesmo então ainda estaríamos usando apenas palavras.

Waff estudou o rosto dela, tentando ler naquela máscara *Bene Gesserit* alguma confirmação das coisas que as palavras e as atitudes dela implicavam. Ela era uma *powindah*, lembrou a si mesmo. Nunca se deveria confiar nos *powindah*... mas se ela compartilhava da Grande Crença...

— Deus não enviou a Rakis Seu Profeta para testar nossa fé e nos ensinar? —

perguntou ele.

Taraza mergulhou profundamente em suas Outras Memórias. “Um Profeta em Rakis? Devia ser o *Muad'Dib*? Não.. isso não cruzava com as crenças dos Sufi ou dos

Zensunni em...

O Tirano! Ela comprimiu a boca numa linha.

— O que não se pode controlar, deve-se aceitar — disse ela.

— Pois certamente é um ato de Deus — completou Waff.

Taraza já tinha visto e ouvido o suficiente. A Missionaria Protectiva a tinha mergulhado em todas as religiões conhecidas. Ela sentia uma grande necessidade de escapar em segurança dessa sala. Odrade devia ser alertada!

— Posso fazer uma sugestão? — perguntou Taraza.

Waff assentiu polidamente.

— Talvez exista aqui a substância para um laço de união entre nós muito maior do que imaginamos — disse ela. — Ofereço-lhe a hospitalidade de nosso Castelo em Rakis e os serviços de nossa comandante naquele local.

— Uma Atreides? — perguntou ele.

— Não — mentiu Taraza. — Mas é claro que alertarei nossas Madres Procriadoras quanto as suas necessidades.

— E eu reunirei as coisas que exige em pagamento — ele disse. — Por que o acordo será finalizado em Rakis?

— Não é o lugar adequado? — perguntou ela. — Quem poderia faltar com a verdade no lar do Profeta?

Waff recostou-se na cadeira, os braços relaxados sobre o colo. Taraza certamente conhecia as respostas adequadas. Era uma revelação que jamais esperara.

Taraza levantou-se.

— Cada um de nós ouve a Deus pessoalmente — acrescentou ela. “E juntos estamos no *kehl*.” pensou ele. Olhou para ela, lembrando-se de que era uma *powindah*.

Não se podia confiar em nenhuma delas. “Cautela!” Essa mulher era, apesar de tudo, uma bruxa *Bene Gesserit*. Sabia-se que elas eram capazes de criar religiões para o seu próprio uso. “*Powindah*!”

Taraza foi até a comporta, abriu-a e fez o sinal de que tudo estava seguro.

Voltou-se novamente para Waff, que continuava sentado em sua cadeira. “Ele ainda não penetrou em nossos verdadeiros propósitos”, pensou. “Aquelas que lhe vamos enviar devem ser escolhidas com o maior cuidado. Ele nunca deve suspeitar de que é parte de nossa isca.

As feições de duende recompostas, Waff olhou para ela.

Como parecia inofensivo, pensou Taraza. Mas poderia ser capturado! Uma aliança entre a Irmandade e os *Tleilaxu* oferecia novas atrações. “Mas em nossos termos!”

— Até Rakis — ela disse.

Que tipo de fatores sociais se expandiram junto com a Dispersão? Conhecemos aqueles tempos intimamente Conhecemos ambos os cenários, o físico e o mental. Os Perdidos levaram consigo uma mentalidade confinada principalmente às questões de forca de trabalho e tecnologia. Havia uma necessidade desesperada de fronteiras para expansão, uma necessidade impulsionada pelo mito da Liberdade. A maioria não tinha aprendido a lição mais profunda do Tirano, de que a violência estabelece seus próprios limites. A Dispersão foi um movimento selvagem e ao acaso, interpretado como um crescimento (expansão). Algo estimulado pelo medo profundo (freqüentemente inconsciente) da estagnação e da morte.

— *A Dispersão: Análise da Bene Gesserit (Arquivos)* Odrade estava deitada de lado sobre a saliência formada pela sacada de uma janela curva, uma das faces tocando levemente o plaz morno através do qual podia ver a Grande Praça de Keen. Suas costas eram suportadas por almofadas vermelhas que cheiravam a melange, como a maioria das coisas em Rakis. Atrás delas havia três aposentos, pequenos mas adequados, bem afastados do Templo e do Castelo da *Bene Gesserit*. Esse afastamento fora conseqüência do acordo da *Bene Gesserit* com os sacerdotes.

— Sheeana deve ser guardada com mais segurança — insistira Odrade.

— Ela não pode ficar sob custódia apenas da Irmandade! — discordara Tuek.

— Nem dos sacerdotes — contra-atacara Odrade.

Seis andares abaixo do ponto de observação de Odrade, na janela curva, uma enorme feira se espalhava numa confusão pouco organizada, preenchendo quase todo o espaço da Grande Praça. A luz amarelo-prateada de um sol baixo no horizonte inundava a cena de brilho, destacando as cores brilhantes dos toldos das barracas e lançando longas sombras no calçamento irregular. Havia uma iluminação poeirenta nos pontos onde aglomerados de pessoas

caminhavam em torno de guarda sóis remendados e do confuso alinhamento das mercadorias.

A Grande Praça não tinha forma quadrada. A partir da janela de Odrade, estendia-se por um quilômetro em torno da feira e tinha duas vezes essa distância para a esquerda e a direita — um gigantesco retângulo de pedras e terra compactada, empoeirado pelos fregueses que enfrentavam o calor do dia na esperança de obter uma pechincha.

À medida que a noite se aproximava, um sentimento diferente de atividade se desenvolvia lá embaixo — mais pessoas chegavam, acrescentando uma pulsação mais rápida, mais frenética, aos movimentos.

Odrade inclinou a cabeça para enxergar o solo logo abaixo, junto às paredes do prédio onde se encontrava. Alguns dos mercadores diretamente abaixo de sua janela tinham se afastado de seus pontos de venda. Iriam voltar logo, depois de uma refeição e uma breve sesta, prontos para aproveitar as horas mais lucrativas, quando

os compradores poderiam respirar um ar que não lhes queimasse as gargantas.

Sheeana estava atrasada, notou Odrade. Os sacerdotes não se atreveriam a retardá-la ainda mais. Deviam estar trabalhando freneticamente agora, disparando-lhe perguntas, advertindo-a para que se lembrasse de que era a própria emissária de Deus para a Sua Igreja, lembrando-lhe as muitas lealdades que Odrade teria que esmiuçar e tornar ridículas antes de colocar tais tolices em sua perspectiva adequada.

Odrade arqueou-se para trás e dedicou um minuto de seu tempo aos pequenos exercícios destinados a aliviar tensões. Admitia certa simpatia por Sheeana. Os pensamentos da garota deviam estar caóticos a essa altura. Sheeana sabia muito pouco ou nada do que deveria esperar quando se colocasse inteiramente sob a tutela de

uma Reverenda Madre. Havia poucas dúvidas de que sua mente jovem não estivesse cheia de mitos e desinformação.

“Como a minha se encontrava”, pensou Odrade.

Não podia evitar tal lembrança num momento como esse. Seu dever imediato era claro: exorcismo, não apenas por Sheeana, mas por si mesma.

Pensou nos pensamentos de uma Reverenda Madre que assombrava suas memórias: “Odrade, idade cinco anos, casa confortável em Gammu. A estrada fora da casa apresenta uma sucessão de construções que passariam por mansões dos médios escalões nas cidades costeiras do planeta — prédios baixos, de um único andar, com amplas entradas. As casas curvam-se para baixo ao longo de um paredão à beira-mar onde elas são muito mais largas do que ao longo das fachadas. Somente no lado voltado para o mar é que elas se tornam extensas e menos ciumentas de cada centímetro quadrado.”

A memória de Odrade, aguçada pela *Bene Gesserit*, deslizou para a casa mais distante, seus ocupantes, a entrada, os companheiros de brincadeiras. Sentiu um aperto no peito a revelar que tais memórias se encontravam ligadas a eventos posteriores.

A creche da *Bene Gesserit* no mundo artificial de Al Dhanab, um dos planetas seguros da Irmandade original. (Mais tarde ela aprendeu que a *Bene Gesserit* considerara certa vez a possibilidade de tornar o planeta inteiro uma não-câmara. As exigências de energia tinham derrotado tal projeto.)

A creche era um mundo de variedades para uma criança que viera das amizades e dos confortos de Gammu. A educação da *Bene Gesserit* incluía intensos treinamentos físicos. Havia censuras freqüentes de que ela não poderia esperar tornar-se uma Reverenda Madre sem passar por muitas dores e por diversos períodos de exercícios musculares aparentemente inúteis.

Algumas de suas companheiras falharam nesse estágio. Tornaram-se enfermeiras, servas, operárias, até mesmo reprodutoras casuais. Preenchiam lacunas onde quer que a Irmandade julgasse necessário. Havia ocasiões em que Odrade sentia que um fracasso daqueles podia levar a uma vida melhor — com poucas responsabilidades e objetivos menos importantes. Mas isto fora antes de ela sair do

Treinamento Primário.

“Na ocasião pensei que estava saindo vitoriosa. Emergindo do outro lado.”

Somente para se encontrar mergulhada em novas e mais duras exigências.

Odrade sentou-se no patamar de sua janela Rakiana, colocando de lado as almofadas, e voltou as costas para a feira. Estava ficando muito barulhento lá embaixo. Malditos sacerdotes! Estavam esticando a demora até os limites absolutos!

“Devo pensar em minha própria infância porque isso vai ajudar-me com Sheeana”, pensou. Imediatamente, sentiu revolta contra sua própria fraqueza. “Outra desculpa!”

Algumas candidatas levavam até 50 anos para se tornarem Reverendas Madres.

Isso era incutido nelas durante o Treinamento Secundário: uma lição de paciência.

Odrade demonstrara uma tendência inicial de se engajar em estudos profundos.

Houve comentários de que ela poderia tornar-se uma das *Mentats Bene Gesserit* e provavelmente uma Arquivista. Tal idéia foi abandonada ao se descobrir que seus talentos se voltavam para

uma direção mais valiosa. E ela foi conduzida a assumir deveres mais importantes dentro da Irmandade.

“Segurança.”

Aquele talento selvagem dos Atreides freqüentemente apresentava sua utilidade. A marca de Odrade era o cuidado com os detalhes. Sabia que suas irmãs podiam prever algumas de suas ações simplesmente a partir do conhecimento profundo que tinham dela. Algo que Taraza usava com freqüência. Odrade ouvira a explicação dos próprios lábios de Taraza:

— A personalidade de Odrade reflete-se extraordinariamente nas tarefas que executa.

Havia uma piada na Irmandade: “Sabe para onde vai Odrade quando não está trabalhando? Vai trabalhar”

Na sede da Irmandade havia pouca necessidade de adotar as máscaras expressivas que uma Reverenda Madre usava automaticamente quando no Exterior.

Lá ela podia demonstrar suas emoções momentaneamente, enfrentar abertamente seus erros e os erros das colegas, sentir-se triste e amargurada, ou até mesmo, em algumas ocasiões, feliz. Havia homens disponíveis — não para procriação, mas para consolo ocasional. Todos os homens a serviço na sede da Irmandade *Bene Gesserit* eram muito charmosos, e havia alguns até sinceros com seus encantos. Esses poucos, é claro, eram muito procurados.

“Emoções”

A constatação girou na mente de Odrade.

“Assim eu chego ao ponto crucial, como sempre fiz!'

Sentia o calor do sol da tarde batendo em suas costas. Sabia onde se encontrava seu corpo, mas sua mente se abria para o próximo encontro com Sheeana.

“Amor!”

Pode vir tão facilmente e ser tão perigoso.

Em momentos como esse, ela invejava as Madres Estacionadas, aquelas a quem se permitia viver uma vida inteira com um único parceiro de procriação. Miles Teg surgira de uma união assim. Suas Outras Memórias revelavam-lhe que também fora assim com Lady Jessica e seu Duque. E mesmo o *Muad'Dib* escolhera essa forma de união.

“Não é para mim!'

Odrade admitia sentir um pouco de mágoa por não lhe terem permitido tal vida. E onde estavam as compensações da vida para a qual fora conduzida?

“Uma vida sem amor pode ser devotada mais intensamente à Irmandade. Nós fornecemos nossas próprias formas de apoio às iniciadas. Não se preocupe quanto aos prazeres sexuais. Eles estarão disponíveis sempre que sentir necessidade”

“Com homens encantadores!”

Desde os tempos de Lady Jessica, passando pela era do Tirano, muita coisa tinha mudado... incluindo a *Bene Gesserit*. Cada Reverenda Madre sabia disso.

Um suspiro profundo estremeceu Odrade. Olhou para a feira por sobre o ombro. Ainda não havia sinal de Sheeana.

“Não devo amar essa criança!”

Estava feito. Odrade sabia ter realizado o truque mnemônico na forma requerida pela *Bene Gesserit*. Girou o corpo e se sentou com

as pernas cruzadas no patamar. Era uma visão privilegiada da feira e dos telhados da cidade, até o fim da depressão onde ela se localizava. Aquelas poucas colinas remanescentes, lá para o sul, eram, bem sabia, tudo o que restara da Muralha Escudo de Duna, as altas muralhas de rocha que tinham sido abertas pelo *Muad'Dib* e suas legiões montadas nos vermes gigantes.

O calor fazia o ar tremular junto ao solo, além do *qanat* e do canal que protegia Keen da intrusão dos novos vermes. Odrade sorriu suavemente. Os sacerdotes não achavam estranho umedecer o solo para evitar que seu Deus Dividido os atacasse.

“Deus, nós ainda o adoramos, mas não nos incomode. Esta é nossa religião, nossa cidade. Está vendo, nem mais chamamos este lugar de Arrakeen. Agora é Keen.

O planeta não se chama mais Duna ou Arrakis. Agora é Rakis. Mantenha distância, ó Deus. O Senhor é passado e o passado nos embaraça!”

Odrade olhou para aquelas colinas distantes, que tremulavam no calor.

Memórias podiam recriar a antiga paisagem. Ela conhecia o passado.

“Se os sacerdotes atrasarem ainda mais a chegada de Sheeana, vou ter que puni-los!”

O calor ainda dominava a feira lá embaixo, mantido pela armazenagem do solo e as paredes espessas que cercavam a Grande Praça. A difusão da temperatura era ampliada pela fumaça de pequenos fogos nos prédios à volta e entre os aglomerados de vida protegidos pelas tendas da feira. Tinha sido um dia quente, bem acima dos 38

graus. Esse prédio, entretanto, pertencera nos velhos dias às Oradoras Peixes, sendo resfriado por máquinas Ixianas, com

tanques de evaporação no teto.

“Nós ficaremos confortáveis aqui!”

E estariam tão seguras quanto poderiam garantir as medidas de proteção da *Bene Gesserit*. Reverendas Madres caminhavam entre aqueles prédios lá fora. Os sacerdotes tinham representantes nesse prédio, mas nenhum deles se intrometeria onde Odrade não os desejasse. Sheeana se encontraria com eles em determinadas ocasiões, mas Odrade é quem determinaria essas ocasiões.

“Está acontecendo”, pensou Odrade. “O plano de Taraza coloca-se em movimento!”

Os últimos comunicados da sede da Irmandade encontravam-se vividos na memória de Odrade. O que revelavam a respeito dos *Tleilaxu* enchia-a de uma excitação que ela dominava cuidadosamente. Esse Waff, esse Mestre *Tleilaxu*, seria assunto fascinante para um estudo.

“Zensunni! E Sufi!”

— Um padrão ritualístico congelado durante milênios — dissera Taraza.

Implícita no relatório de Taraza, havia outra mensagem. “Taraza está depositando toda a sua confiança em mim!' E Odrade sentia uma grande força fluir para dentro dela ante essa percepção.

“Sheeana é o eixo, o ponto de apoio. Nossa força virá de muitas fontes!”

Odrade relaxou. Sabia que Sheeana não permitiria que os sacerdotes a atrasassem ainda mais. A própria paciência de Odrade fora atingida pela expectativa.

Teria sido pior para Sheeana.

Elas se haviam tornado conspiradoras. Sheeana e Odrade. O primeiro passo.

Para Sheeana, era um jogo maravilhoso. Nascera e fora criada com uma profunda desconfiança em relação aos sacerdotes. Que divertido era ter uma aliada, afinal!

Alguma forma de atividade agitou as pessoas diretamente abaixo da janela de Odrade. Ela olhou para baixo, curiosa. Cinco homens nus tinham dado as mãos, formando um círculo. Os mantos e trajes destiladores que eles tinham usado até então formavam agora uma pilha no chão. Uma jovem morena, usando longo vestido marrom de fibra de especiaria, vigiava as roupas. Seu cabelo estava preso por um pano vermelho.

“Dançarinos!”

Odrade tinha visto muitos relatórios a respeito desse fenômeno, mas essa era sua primeira visão pessoal desde que chegara. A platéia incluía um trio de altos Guardiães dos Sacerdotes, com capacetes amarelos dotados de elevados penachos.

Usavam mantos curtos que deixavam as pernas livres para a ação, e cada um portava um cassetete revestido de metal.

Enquanto os dançarinos giravam, a multidão vigilante ficava cada vez mais silenciosa. Odrade conhecia o padrão. Logo haveria um cântico ritmado e depois uma grande confusão. Cabeças seriam quebradas. O sangue escorreria. Pessoas gritariam e correriam. No final, tudo iria acalmar-se sem intervenção oficial. Alguns iriam embora chorando. Outros sairiam rindo. E os Guardiães dos Sacerdotes não interfeririam.

A loucura sem sentido dessa dança e suas conseqüências tinham fascinado a *Bene Gesserit* durante séculos. Agora mantinham a atenção arrebatada de Odrade. E

uma evolução inversa desse ritual tinha sido seguida pela Missionária Protectiva. Os Rakianos chamavam-na de “Dança Diversiva”. Havia outros nomes, e o mais significativo era *Siaynoq*. Essa dança era tudo que restava do maior ritual do Tirano, o momento de confraternização com suas Oradoras Peixes.

Odrade reconhecia e respeitava a energia desse fenômeno. Nenhuma Reverenda Madre deixaria de perceber isso. O desperdício, contudo, a incomodava.

Tais coisas deviam ser canalizadas, focalizadas. Esse ritual devia ser empregado de alguma forma útil. Tudo o que ele fazia agora era esgotar forças que poderiam revelar-se destrutivas para os sacerdotes se não tivessem uma válvula de escape.

Um doce cheio de frutas chegou às narinas de Odrade. Ela inspirou e olhou para as aberturas de ventilação ao lado da janela; o calor da multidão e da terra aquecida criava uma corrente de ar ascendente. O ar transportava os odores lá de baixo através dos ventiladores Ixianos. Ela pressionou a testa e o nariz contra o plaz da janela a fim de olhar diretamente para baixo. Ah, os dançarinos ou a platéia tinham derrubado a bancada de um vendedor. Os dançarinos pisavam em cima das frutas enquanto a polpa amarela esguichava-lhes nas coxas.

Odrade reconheceu na platéia o vendedor de frutas, um familiar rosto enrugado que ela tinha visto várias vezes com o tabuleiro junto à entrada do prédio.

Não parecia preocupado com a perda. Como todos ao redor, concentrava sua atenção nos dançarinos. Os cinco homens nus moviam-se levantando os pés de uma forma desritmada que parecia totalmente sem coordenação, embora houvesse um padrão que se repetia periodicamente — três dos dançarinos com ambos os pés no chão e os outros dois erguidos pelos companheiros.

Odrade reconheceu o padrão. Tinha uma relação com o antigo método dos Fremen de caminhar na areia. Essa dança curiosa era

um fóssil com raízes na antiga necessidade de andar na areia sem atrair os vermes.

As pessoas começavam a se aglomerar junto dos dançarinos, vindas de fora do grande retângulo definido pela feira. Pulavam como brinquedos de criança, tentando obter uma visão dos cinco homens nus por cima da massa da multidão.

Odrade viu então a escolta de Sheeana, caminhando bem à direita, onde uma larga avenida entrava na praça. Símbolos de rastros de animais em um prédio revelavam que a avenida fora a rota usada por Leto II para entrar nessa cidade, vindo de dentro das altas muralhas de seu Sareer, bem ao sul. Com atenção aos detalhes, ainda se podia discernir algumas das formas e padrões daquela que tinha sido a cidade dos festivais do Tirano, Onn, que ele construíra em torno da cidade de Arrakeen, mais antiga. Onn havia obliterado muitas das marcas de Arrakeen, mas tinham restado algumas avenidas: alguns prédios eram muito úteis para serem substituídos. E os prédios inevitavelmente definiam as ruas.

A escolta de Sheeana parou no ponto em que a avenida entrava na feira.

Guardas de capacete amarelo vinham na frente, abrindo caminho com seus cassetetes.

Os guardas eram altos: quando apoiado no chão, o bastão de dois metros chegava somente a altura do ombro do mais baixo deles. Mesmo no meio da multidão mais agitada, seria impossível deixar de notar um Guardião dos Sacerdotes, mas os protetores de Sheeana eram os mais altos de todos.

Encontravam-se uma vez mais em movimento, conduzindo seu grupo em direção a Odrade. Os mantos abertos em ambos os lados do corpo revelavam o cinza lustroso dos melhores trajes destiladores. Caminhavam diretamente para a frente, 15

deles formando um amplo “V” que evitava os aglomerados mais espessos de barracas.

Um grupo de sacerdotisas, com Sheeana ao centro, marchava atrás dos guardas. Odrade captou alguns vislumbres da figura distinta de Sheeana, o cabelo riscado de ouro em torno do rosto que se erguia orgulhosamente. Eram os guardas de capacete amarelo que mais atraíam, no entanto, a atenção de Odrade. Caminhavam com uma arrogância condicionada desde a infância. Esses guardas sabiam ser superiores às pessoas comuns. E as pessoas comuns reagiam a eles de modo previsível, abrindo caminho para a passagem da comitiva de Sheeana.

Isto era feito com tanta naturalidade que Odrade podia perceber o padrão ancestral como se estivesse assistindo a outra dança ritualística, algo que não tinha mudado durante milênios.

Como fazia freqüentemente, Odrade pensava em si mesma agora como uma arqueóloga. Não aquela que remexia nos detritos poeirentos das eras, mas como uma pessoa que focalizava sua atenção naquilo que muitas vezes era alvo da consciência da Irmandade: os modos como as pessoas carregam seu passado dentro de si. O projeto do Tirano ainda era evidente ali. A aproximação de Sheeana era uma coisa estabelecida pelo próprio Imperador-Deus.

Debaixo da janela de Odrade, os cinco homens despidos continuavam a dançar. Entre a assistência, entretanto, Odrade percebia uma nova atitude. Sem olhar para a falange de Guardiães dos Sacerdotes que se aproximava, aquelas pessoas já tinham consciência dessa aproximação.

“Os animais sempre sabem quando chegam os pastores”

Agora, a inquietação da multidão produzia a aceleração do ritmo. Ninguém lhes negaria o seu caos! Um punhado de terra voou do meio da turba e atingiu o solo perto dos dançarinos. Os cinco homens não perderam o passo no padrão que executavam, mas

sua velocidade aumentou. A duração das seqüências entre as repetições revelava memórias extraordinárias.

Outro torrão de terra voou da multidão e atingiu o ombro de um dos dançarinos. Nenhum dos cinco homens vacilou.

A multidão começou a gritar e cantar. Alguns gritavam pragas. O canto tornou-se um bater ritmado de palmas que se intrometia nos movimentos dos dançarmos.

Ainda assim o padrão não mudou.

O canto da turba transformou-se num ritmo dissonante, gritos repetidos que ecoavam nas paredes da Grande Praça. Eles estavam tentando romper o padrão dos dançarinos. Odrade sentia uma importância profunda na cena que via lá embaixo.

O grupo de Sheeana chegara à metade do caminho a ser percorrido dentro da feira. Movia-se através das amplas passagens entre as barracas dos vendedores e agora se voltava em direção ao ponto de onde Odrade observava. A multidão estava mais compacta num ponto situado 50 metros à frente dos Guardiães dos Sacerdotes. Eles caminhavam num passo firme, desdenhando aqueles que se afastavam para os lados.

Debaixo dos capacetes amarelos, os olhos estavam fixos à frente, olhando por sobre a turba. Nenhum dos Guardiães que avançavam demonstrava o menor indício de consciência para com a turba, os dançarinos ou qualquer outra barreira que pudesse impedi-los.

A multidão parou de cantar instantaneamente, como se um maestro invisível tivesse abaixado a mão ordenando silêncio. Os cinco homens continuaram a dançar.

O silêncio abaixo estava carregado de uma força que fazia os pêlos da nuca de Odrade se erguerem. Diretamente abaixo, os três Guardiães dos Sacerdotes misturados à platéia viraram-se como se fossem um único homem e entraram no prédio.

Do meio da massa humana, uma mulher gritou uma praga.

Os dançarinos não deram sinal de terem ouvido.

A multidão avançou, diminuindo pela metade o espaço que a separava dos dançarinos. A garota que guardava as roupas e os trajes destiladores dos dançarinos não mais podia ser vista.

A falange de Sheeana continuou marchando para a frente, as sacerdotisas e sua jovem protegida diretamente atras.

A violência começou num ponto à direita de Odrade. As pessoas começaram a gritar umas com as outras. Mais projéteis descreveram arcos no ar em direção aos cinco dançarinos. A multidão voltou a cantar, agora num ritmo mais acelerado.

Ao mesmo tempo, a retaguarda da multidão se abria para dar passagem aos Guardiães. A platéia não desviava a atenção dos dançarinos, não interrompia sua contribuição ao caos crescente. Não obstante, um caminho fora aberto para a passagem da comitiva.

Totalmente cativada, Odrade olhava para baixo. Muitas coisas estavam acontecendo simultaneamente: a briga, pessoas xingando e golpeando umas às outras, o canto contínuo, o implacável avanço dos Guardiães.

Protegida pelas sacerdotisas, Sheeana podia ser vista olhando de um lado para o outro, tentando captar a excitação à sua volta.

Algumas pessoas na multidão apareceram com bastões e começaram a distribuir pauladas naqueles que as rodeavam, mas ninguém ameaçou os Guardiães ou qualquer outro integrante da comitiva de Sheeana. Os dançarinos continuavam no seu ritmo dentro de um círculo cada vez mais estreito. Todos aglomeravam-se cada vez mais junto à parede do prédio de Odrade, forçando-a a comprimir a cabeça contra o

plaz a fim de olhar para baixo num ângulo ainda mais pronunciado.

Os Guardiães que lideravam o grupo de Sheeana avançaram por uma abertura cada vez mais ampla em meio ao caos. As sacerdotisas não olhavam nem para a esquerda nem para a direita. Os Guardiães de capacete amarelo olhavam só em frente.

Desdém era uma palavra muito branda para a atitude deles, percebeu Odrade.

E não seria correto dizer que a multidão rodopiante ignorava o avanço da comitiva.

Uma tinha consciência da outra, mas ambas, multidão e comitiva, existiam em mundos separados, observando as regras estritas de tal separação. Somente Sheeana ignorava o protocolo implícito, pulando para tentar enxergar um pouco mais dos corpos à sua volta.

Diretamente abaixo de Odrade, a multidão avançou num movimento súbito.

Os dançarinos foram apanhados no fluxo, arrastados para o lado como navios atingidos por uma onda gigantesca. Odrade viu trechos de carne nua sendo esmurrados e jogados de mão em mão no meio do caos ululante. Somente com a concentração mais intensa podia Odrade separar os sons que eram levados até ela.

Uma loucura!

Nenhum dos dançarinos resistiu. Estariam sendo mortos? Seria aquilo tudo um sacrifício? As análises da Irmandade ainda não tinham nem começado a tocar nessa realidade.

Capacetes amarelos moviam-se abaixo de Odrade, abrindo caminho para que Sheeana e o grupo de sacerdotisas passassem, entrando no prédio. Então os Guardiães cerraram fileiras e se voltaram, formando um arco protetor em torno da entrada do prédio.

Mantinham seus bastões na horizontal, unidos um ao outro defronte da cintura.

A confusão começou a diminuir. Nenhum dos dançarinos podia ser visto, mas havia feridos. Pessoas estiradas no chão, outros cambaleando, cabeças ensangüentadas.

Sheeana e as sacerdotisas estavam dentro do prédio, fora da visão de Odrade.

Ela sentou-se tentando avaliar o que acabara de testemunhar.

Incrível.

Nenhum registro ou holofoto da Irmandade tinha capturado o que acontecia ali! Em parte eram os cheiros — poeira, suor, uma concentração intensa de feromônios humanos. Odrade respirou fundo. Sentia estar trêmula. A turba reduzira-se a alguns indivíduos andando pela feira. Algumas pessoas choravam, outras praguejavam, outras riam.

A porta atrás de Odrade abriu-se subitamente e Sheeana entrou, rindo. Odrade voltou-se e captou uma rápida visão de sua própria guarda e das sacerdotisas antes que Sheeana fechasse a porta.

Os olhos castanhos-escuros da garota brilhavam de excitação. Seu rosto magro, já começando a ser suavizado pelas curvas que teriam quando adulto, estava tenso de emoção contida. A tensão esvaiu-se quando ela focalizou a atenção em

Odrade.

“Muito bom”, pensou Odrade ao ver isso. “A lição número um de união já começou!'

— Você viu os dançarinos? — indagou Sheeana, girando a pulando até parar diante de Odrade. — Não estavam lindos? Acho que são tão lindos! Cania não queria que eu olhasse. Diz que é perigoso que

eu tome parte no *Siaynoq*. Mas eu não me importo! *Shaitan* nunca vai comer aqueles dançarinos!

Com uma súbita consciência fluindo para fora, coisa que experimentara apenas durante a agonia da especiaria, Odrade percebeu todo o padrão inteiro daquilo que acabara de testemunhar na Grande Praça. Fora preciso apenas a presença de Sheeana e suas palavras para tornar a coisa toda muito clara.

“Uma linguagem!”

Aquelas pessoas todas carregavam bem fundo em sua consciência coletiva uma linguagem que lhes podia dizer coisas que elas não queriam ouvir. Os dançarinos falavam essa linguagem. Sheeana também. A coisa era feita de movimentos, tons de voz e feromônios. Uma combinação complexa e sutil que evoluíra do modo como todas as linguagens evoluem.

A partir da necessidade.

Odrade sorriu para a garota feliz diante dela. Agora sabia como capturar os *Tleilaxu*. Agora sabia mais a respeito do projeto de Taraza.

“Devo acompanhar Sheeana ao deserto na primeira oportunidade que aparecer. Vamos esperar só a chegada desse Mestre *Tleilaxu*, esse tal de Waff. Vamos levá-lo conosco!”

Liberdade e Livre Escolha são conceitos complexos. Eles remontam as idéias religiosas de livre arbítrio e têm uma relação com a Mística do Governante implícita nas monarquias absolutistas.

Sem monarcas absolutistas, moldados de acordo com a imagem dos Antigos Deuses e governando por graça da crença na indulgência religiosa, a Liberdade e a Livre Escolha nunca teriam adquirido seu significado atual. Esses dois ideais devem sua própria existência a exemplos passados de opressão. E

as forças que mantêm vivas tais idéias irão desgastar-se, a menos que sejam renovadas por ensinamentos dramáticos ou por nova opressão. Essa é a chave mais elementar para compreender minha vida.

— Leto II, Imperador-Deus de Duna

Registros de Dar-es-Balat

Teg deixara-os esperando, sob a cobertura de um escudo-vital, uns 30

quilômetros floresta adentro, a nordeste do Castelo Gammu, até que o sol mergulhasse atrás das montanhas a oeste.

— Esta noite vamos seguir em nova direção — ele disse.

Fazia três noites que ele os conduzia pela escuridão fechada da floresta, numa demonstração maravilhosa da Memória *Mentat*, cada passo totalmente preciso ao longo da trilha que Patrin lhe deixara.

— Estou rígida por ficar muito tempo sentada — queixou-se Lucilla. — E

parece que vamos ter outra noite fria.

Teg dobrou o cobertor do escudo-vital e o colocou em cima de sua mochila.

— Vocês dois podem começar a se mexer um pouco — aconselhou ele. —

Mas não vamos partir até que esteja totalmente escuro.

Teg sentou-se com as costas de encontro ao tronco cheio de ramos de uma conífera e olhou para as sombras enquanto Lucilla e Duncan andavam para dentro da clareira na espessa floresta. Os dois ficaram lá por um momento, tremendo enquanto os últimos traços do calor do dia fugiam ante o frio da noite. Sim, ia ser outra

noite fria, pensou Teg, mas eles não iam ter muita oportunidade de pensar no frio.

“O inesperado!”

Schwangyu nunca ia esperar que eles ainda estivessem andando a pé, e tão perto do Castelo.

“Taraza devia ter sido mais enfática em suas advertências a respeito de Schwangyu”, pensou Teg. A desobediência violenta e aberta de Schwangyu em relação à Madre Superiora desafiava as tradições. A lógica *Mentat* não aceitaria tal situação sem ter mais informações.

Sua memória trouxe-lhe um ditado de seus tempos de escola, um daqueles aforismos de advertência pelos quais um *Mentat* devia dominar sua lógica.

“Dada uma trilha lógica e a navalha de Occam delineada com detalhes impecáveis, o *Mentat* pode seguir tal lógica em direção à sua tragédia pessoal!”

Sabia-se que a lógica podia falhar.

Ele pensou novamente no comportamento de Taraza na nave da Corporação e logo depois. “Ela queria que eu soubesse que ia estar totalmente por minha conta.

Devo perceber os problemas ao meu modo e não ao modo dela!”

Desse modo, a ameaça da parte de Schwangyu tinha que ser uma ameaça real para que ele a descobrisse e a enfrentasse ao seu próprio modo.

Taraza não sabia o que iria acontecer com Patrin por causa de tudo isso.

“Taraza não se importa realmente com o que possa acontecer com Patrin. Ou comigo. Ou com Lucilla. Mas e quanto ao *ghola*? Taraza deve importar-se com isso!”

Mas não era lógico que o fizesse... Teg abandonou essa linha de raciocínio.

Taraza não queria que ele agisse pela lógica. Queria que ele fizesse exatamente o que estava fazendo, o que sempre tinha feito em situações difíceis.

“O inesperado!”

Desse modo, havia um tipo de lógica em tudo isso, mas era uma lógica que chutava os participantes para fora de seu ninho, para dentro do caos.

“Do qual devemos criar nossa própria ordem.”

A mágoa entrou forte em sua consciência. “Droga, Patrin! Você sabia disso e eu não! Que é que vou fazer sem você?”

Teg quase pode ouvir a resposta de seu velho ajudante, naquele tom de voz rigidamente formal que Patrin usava quando brincava com seu comandante.

— Vai fazer o melhor que puder, *Bashar*.

O raciocínio progressivo mais frio revelava a Teg que ele nunca mais ia ouvir a verdadeira voz do velho ou rever Patrin em carne e osso. Ainda assim... a voz permanecia. A pessoa persistia na memória.

— Não devemos seguir em frente?

Era Lucilla que se colocara de pé diante de Teg junto da árvore. Duncan esperava ao lado dela. Os dois já tinham colocado as mochilas sobre os ombros.

Enquanto estivera pensando, a noite tinha caído. Uma luz estelar muito forte criava vagas sombras na clareira. Teg colocou-se de pé, pegou a mochila e, curvando-se para evitar os ramos baixos, saiu para a clareira.

Duncan ajudou-o a colocar a mochila nas costas.

— Schwangyu vai considerar esta possibilidade cedo ou tarde — disse Lucilla.

— Seus grupos de busca virão aqui atrás de nós. E você sabe disso.

— Não até que eles tenham acabado de seguir a pista falsa até o fim. Venham.

Teg guiou o grupo para oeste, através de uma passagem entre as árvores.

Durante três noites ele os levara ao longo do que chamava de “trilha memorizada de Patrin”. Enquanto caminhava por essa quarta noite, Teg culpava-se por não ter projetado no futuro as conseqüências lógicas do comportamento de Patrin.

“Eu entendia a dimensão da lealdade dele, mas não projetei essa lealdade em direção ao seu resultado óbvio. Estávamos juntos há tanto tempo que pensei conhecer sua mente como conheço a minha. Patrin, maldito seja, não havia necessidade alguma de você morrer!”

Teg acabou admitindo para si mesmo que tinha existido uma necessidade.

Patrin a percebera. O *Mentat* não se permitira ver tal coisa. A lógica era capaz de se mover tão cegamente quanto qualquer outra faculdade.

Como as *Bene Gesserit* freqüentemente diziam e demonstravam. “Por isso nós vamos a pé. Schwangyu não espera isso!” Teg também era forçado a admitir que caminhar por esses lugares selvagens de Gammu criava toda uma nova perspectiva para ele. Toda essa região pudera transbordar de vida vegetal durante as épocas da fome e da Dispersão. Mais tarde fora replantada, mas

principalmente como floresta selvagem. Marcos e trilhas secretas guiavam o acesso agora. Teg imaginou Patrin como um jovem aprendendo a se orientar nessa região — aquele pico rochoso, visível à luz do céu estrelado através de uma abertura entre as árvores, aquela elevação cheia de árvores e galhos pontudos, os caminhos semelhantes a alamedas em meio às árvores gigantescas.

“Eles estarão esperando que tentemos alcançar uma não-nave.” Teg tinha

concordado com Patrin a esse respeito. “A isca deve levar os perseguidores naquela direção.”

Mas Patrin não dissera que ia ser a isca.

Teg engoliu em seco, sentindo um aperto na garganta.

“Duncan não poderia ser protegido no Castelo”, justificou para si mesmo.

E isso era verdade.

Lucilla tinha ficado nervosa no primeiro dia debaixo do escudo-vital, que os protegia da detecção por instrumentos colocados em aeronaves de busca.

— Devemos comunicar-nos com Taraza.

— Quando pudermos.

— E se acontecer alguma coisa com você? Devo conhecer todo o seu plano de fuga.

— Se acontecer alguma coisa comigo, você não será capaz de seguir a trilha de Patrin. Está gravada na minha memória.

Duncan quase não tomou parte na conversa naquele dia. Ele os observava em silêncio ou cochilava, acordando sempre alerta e com

um olhar de fúria nos olhos.

No segundo dia sob o cobertor-escudo, Duncan quis saber de Teg:

— Por que eles querem me matar?

— Para frustrar os planos que a Irmandade traçou a seu respeito — respondeu Teg.

Duncan olhou furioso para Lucilla.

— Qual é o plano?

Como Lucilla não respondesse, ele disse:

— Ela sabe. Sabe porque eu devo depender dela. A idéia é fazer com que eu me apaixone por ela!

Teg achou que Lucilla tinha escondido muito bem seu espanto. Obviamente, seus planos para o *ghola* tinham sido desorganizados, toda a seqüência de eventos planejados desarrumada por essa fuga.

O comportamento de Duncan revelava outra possibilidade: seria o *ghola* um Revelador da Verdade latente? Que poderes adicionais não teriam sido cultivados nesse *ghola* pelos traiçoeiros *Tleilaxu*?

No segundo anoitecer que passaram na floresta, Lucilla estava cheia de acusações:

— Taraza ordenou-lhe que restaurasse as memórias originais dele! Como pode fazer isso aqui?

— Assim que alcançarmos o santuário.

Um Duncan silencioso e agudamente alerta acompanhou-os naquela noite.

Havia uma nova vitalidade nele. Ele tinha ouvido!

“Nada deve ferir Teg”, pensou Duncan. O que quer que fosse, onde quer que ficasse o santuário, Teg devia alcançá-lo em segurança. “E então eu vou saber!”

Duncan não tinha certeza do que iria saber, mas agora aceitava inteiramente o

valor de tal coisa. Essa floresta devia conduzi-los a esse objetivo. lembrava-se de ter olhado lá do Castelo para essas vastidões selvagens e de ter imaginado como seria livre ali. Aquele sentido de liberdade intocada havia desaparecido. A floresta era apenas um caminho, uma passagem para alguma coisa melhor.

Lucilla, seguindo na retaguarda, forçava-se a permanecer calma e alerta, e aceitar aquilo que não podia mudar. Parte de sua consciência mantinha-se firme na obediência às ordens de Taraza.

— Fique junto do *ghola* e, quando chegar a oportunidade, complete a tarefa para a qual foi destinada.

Um passo de cada vez. Era assim que o corpo de Teg media os quilômetros.

Era a quarta noite. Patrin estimara que levariam quatro noites para alcançar o objetivo.

“E que objetivo!”

O plano de fuga de emergência centrava-se numa descoberta que Patrin tinha feito quando ainda era adolescente e descobrira por acaso um dos muitos mistérios que Gammu guardava. As palavras de Patrin vieram à memória de Teg:

— Na desculpa de que ia fazer um reconhecimento pessoal, eu voltei ao lugar dois dias atrás. Estava intocado. Ainda sou a única pessoa que já esteve lá.

— Como pode ter certeza?

— Tomei minhas precauções quando deixei Gammu, anos atrás. Pequenas coisas que seriam perturbadas por qualquer pessoa que entrasse lá. Nada está fora do lugar. — É mesmo um não-globo dos Harkonnen?

— Muito antigo, mas as câmaras ainda estão intactas e funcionando.

— E quanto à comida e à água?

— Tudo que vocês possam querer ou necessitar está lá, deixado nos vasos de nulentropia situados no núcleo.

Teg e Patrin tinham feito seus planos na esperança de nunca precisarem usar essa saída secreta, mantendo firmemente o segredo enquanto Patrin contava para Teg qual era o caminho que permanecera oculto até sua descoberta de infância.

Atrás de Teg, Lucilla soltou uma pequena exclamação ao tropeçar em uma raiz.

“Eu devia tê-la avisado”, pensou Teg. Duncan obviamente estava seguindo Teg guiado pelo som. Lucilla, entretanto, tinha muito de sua atenção desviada para seus pensamentos.

Sua semelhança facial com Darwi Odrade era extraordinária, lembrou Teg.

Quando as vira lado a lado, no Castelo, Teg marcara as diferenças existentes entre as duas mulheres devido à diferença de idade. A juventude de Lucilla revelava-se na existência de maior quantidade de gordura subcutânea arredondando os traços do rosto. Mas as vozes! O timbre, o sotaque e todos aqueles truques de inflexão atonal que eram a marca registrada da *Bene Gesserit*. No escuro, seria impossível diferenciar as duas vozes.

Conhecendo como conhecia a *Bene Gesserit*, Teg sabia que isso não era coincidência. Dada a tendência que tinha a Irmandade de

duplicar as linhagens genéticas que valorizava de modo a proteger o investimento feito em sua obtenção, Lucilla e Odrade deviam ter ancestrais comuns.

“Atreides, como todos nós”, pensou ele.

Taraza não tinha revelado seus objetivos com relação ao *ghola*, mas só por fazer parte do plano Teg pôde conhecer seus contornos. Não havia um padrão completo, mas ele já podia sentir as linhas gerais.

Geração após geração, a Irmandade negociara com os *Tleilaxu*, comprando *gholas* Idaho e treinando-os ali em Gammu apenas para vê-los assassinados. O tempo todo tinham esperado pelo momento certo. Tudo era como um jogo terrível que agora chegara ao auge porque uma garota capaz de comandar os vermes tinha aparecido em Rakis.

O próprio Gammu devia ser parte do plano. Havia marcas Caladanianas em todo o lugar. Sutilezas Danianas empilhadas sobre costumes mais antigos e brutais.

Algo mais que uma população tinha surgido do Santuário Daniano onde a avó do Tirano, Lady Jessica, vivera o resto de seus dias.

Teg tinha percebido as marcas implícitas e explícitas quando fizera seu primeiro reconhecimento em Gammu.

Riqueza!

Os sinais estavam lá para serem lidos. A riqueza fluía em torno do universo deles como uma ameba capaz de se insinuar em qualquer lugar, por mais estreito que fosse. Havia riqueza acumulada durante a Dispersão em Gammu, Teg sabia disso muito bem. Uma riqueza tão grande que poucos suspeitavam de seu tamanho e poder ou mesmo chegavam a imaginá-los.

De repente ele parou de caminhar. Padrões físicos na paisagem ao redor exigiam sua atenção total e imediata. Adiante havia uma

saliência de rocha nua, as marcas identificadoras implantadas em sua memória por Patrin. Essa passagem seria uma das mais perigosas.

— Não há cavernas ou vegetação espessa para ocultar vocês. Tenham um cobertor pronto.

Teg removeu da mochila o escudo vital e o colocou sobre o ombro. Uma vez mais, indicou que deveriam continuar. A trama escura do tecido do escudo assoviou de encontro ao seu corpo enquanto caminhavam.

Lucilla estava deixando de ser enigmática, pensou ele. Ela aspirava a ter o título de “Lady” antes do nome. “Lady Lucilla”. Não havia dúvida de que devia soar-lhe agradável. Algumas Reverendas Madres com títulos assim estavam aparecendo, agora que as Casas Maiores começavam a emergir da obscuridade imposta pelo Caminho Dourado do Tirano.

Lucilla, a Sedutora-Impressora.

Todas essas mulheres eram peritas em sexo. A própria mãe de Teg o instruíra

no funcionamento de tal sistema, enviando-o a mulheres escolhidas na região onde morava quando ele ainda era bem jovem, de modo que ficasse sensibilizado quanto aos sinais que devia observar em si mesmo, assim como nas mulheres com quem tivesse relações sexuais. Era um treinamento proibido fora da *Bene Gesserit*, mas a mãe de Teg fora uma das “hereges” dentro da Irmandade.

“Você vai precisar disso, Miles”

Sem dúvida havia um pouco de presciência da parte dela. Ela o armara contra as Impressoras, mulheres como Lucilla, que eram treinadas em ampliação orgásmica de modo a fixar tendências inconscientes entre homens e mulheres.

“Lucilla e Duncan. Uma impressão feita por ela vai funcionar também com relação a Odrade!”

Teg quase pôde ouvir as peças do quebra-cabeças fazerem dique ao se encaixarem em sua mente. E quanto àquela mocinha em Rakis? Lucilla ensinaria técnicas de sedução ao seu pupilo imprimido de modo que ele pudesse dominar aquela que comandava os vermes?

“Ainda não há dados suficientes para uma Computação Primária.” Teg parou no final da perigosa passagem sobre as rochas, tirou o cobertor e fechou a mochila enquanto Duncan e Lucila esperavam logo atrás. Teg suspirou. O cobertor sempre o deixava preocupado. Ele não tinha a capacidade de deflexão de um escudo de batalha, mas, quando atingido pelo feixe de uma arma laser o rápido incêndio subseqüente era freqüentemente fatal.

“Brinquedos perigosos!”

Era desse modo que Teg classificava essas armas e engenhos mecânicos.

Melhor confiar em sua própria capacidade, em seus próprios músculos e nas Cinco Atitudes do Modo *Bene Gesserit* que sua mãe lhe havia ensinado.

“Use os instrumentos apenas quando forem absolutamente necessários para ampliar as capacidades do seu corpo.” Esse era o ensinamento da *Bene Gesserit*.

— Por que estamos parando? — sussurrou Lucila.

Duncan, o rosto transformado numa mancha fantasmagórica sob a luz das estrelas filtrada pelas árvores, olhou para Teg. As feições de Teg o tranqüilizaram. Elas tinham ligação com alguma memória que não lhe era acessível, pensou Duncan.

“Posso confiar nesse homem”

Lucilla suspeitou de que estivessem parando nesse lugar porque o velho corpo de Teg exigia descanso, mas não foi capaz de dizer tal coisa. Teg explicara que seu plano de fuga incluía um modo de levar Duncan para Rakis. Muito bem, era tudo que importava nesse momento.

Ela já calculara que o santuário, situado em algum lugar à frente, devia envolver uma não-nave ou uma não-câmara. Nenhuma outra coisa seria suficiente. E

de algum modo Patrin devia ser a chave. Os poucos indícios dados por Teg revelavam que Patrin fornecera essa rota de fuga.

Lucilla fora a primeira a perceber que Patrin se sacrificara para que eles

pudessem fugir. Patrin era o elo mais fraco. Permanecera lá atrás, onde Schwangyu poderia capturá-lo. A captura do chamariz era algo inevitável e somente um tolo pensaria que uma Reverenda Madre com os poderes de Schwangyu não seria capaz de arrancar segredos de um homem. Ela talvez nem precisasse empregar muita persuasão. As sutilezas da Voz e as dolorosas formas de interrogatório que permaneciam como monopólio da Irmandade — a caixa de agonia e as pressões em nódulos nervosos — seriam tudo de que ela necessitaria.

A forma que a lealdade de Patrin iria assumir fora clara para Lucilla. Como Teg podia ser tão cego?

“Amor!”

O longo laço de confiança entre os dois homens. Schwangyu agiria de modo rápido e brutal, Patrin devia saber disso. E Teg não tinha examinado seus próprios conhecimentos.

A voz de Duncan arrancou-a de tais pensamentos.

— Tóptero! Atrás de nós!

— Rápido!

Teg puxou da mochila o cobertor e o lançou sobre eles. Aconchegaram-se todos, um contra o outro, na escuridão que cheirava a terra, ouvindo o ornitóptero passar acima. A aeronave não parou nem voltou.

Quando estavam certos de não terem sido detectados, Teg novamente os conduziu pela trilha memorizada de Patrin.

— Aquela era uma aeronave de busca — comentou Lucilla. — Eles estão começando a suspeitar... ou então Patrin...

— Poupe sua energia para caminhar — retrucou Teg.

Ela não insistiu. Ambos sabiam que Patrin estava morto. Discutir isso seria perda de tempo.

“Esse *Mentat* é profundo”, pensou Lucila.

Teg era filho de uma Reverenda Madre e a mãe o treinara além dos limites permitidos pela Irmandade, antes que a própria *Bene Gesserit* o tomasse em suas mãos manipuladoras. O *ghola* não era o único dotado de recursos desconhecidos.

A trilha deu voltas em torno de si mesma, tendo se transformado numa picada de caçadores que subia por um morro através da floresta espessa. A luz das estrelas não penetrava nas árvores ali e somente a maravilhosa memória do *Mentat* os mantinha na trilha.

Lucilla sentiu o humo sob seus pés. Ouvia os movimentos de Teg, usando-os para guiar seus passos.

“Como Duncan está silencioso”, pensou ela. “Como está fechado dentro de si mesmo.” Ele obedecia as ordens, seguindo para onde Teg os guiava. Ela sentia o tipo de obediência em Duncan. Ele mantinha sua própria opinião e obedecia apenas porque lhe era conveniente fazê-lo — pelo menos até agora. A rebelião de

Schwangyu plantara algo de uma independência selvagem nesse *ghola*. Sem falar nas coisas que os

Tleilaxu poderiam ter implantado nele.

Teg parou num ponto embaixo de altas árvores para recuperar o fôlego. Lucila podia ouvi-lo respirar ofegante. Isso a fez lembrar-se uma vez mais de que esse *Mentat* era um homem velho, muito velho para esse tipo de exercício. Ela disse baixinho:

— Está tudo bem, Miles?

— Eu lhe digo quando não estiver.

— Quanto falta? — perguntou o Duncan.

— Somente um trecho curto agora.

Daí a pouco ele recomeçou a caminhada dentro da noite.

— Devemos apressar-nos — ele disse. — Este morro côncavo é o último trecho.

Agora que já tinha aceito a realidade da morte de Patrin, os pensamentos de Teg giravam como uma agulha de bússola em direção a Schwangyu e ao que ela devia estar experimentando. Devia estar sentindo o mundo desabar em sua volta. Os fugitivos estavam desaparecidos há quatro noites! Gente capaz de confundir desse jeito uma Reverenda Madre poderia fazer qualquer coisa! E claro que os fugitivos já deveriam estar fora do planeta a essa altura. Numa não-nave. Mas e se...

Os pensamentos de Schwangyu deviam estar cheios de “e se”...

Patrin fora o elo frágil na corrente, mas tinha sido bem treinado na remoção de elos frágeis, treinado por um mestre — Miles Teg.

Teg removeu a umidade que surgira em seus olhos com uma rápida sacudidela da cabeça. A necessidade imediata exigia aquele núcleo

de honestidade interior que ele não poderia evitar. Teg nunca fora um bom mentiroso, nem para si mesmo. Muito cedo em seu treinamento, percebera que sua mãe, assim como as outras pessoas envolvidas no seu processo de criação, o condicionara a ter um profundo senso de honestidade pessoal.

“Fidelidade a um código de honra.”

O próprio código de honra, quando Teg o reconhecia em si mesmo, o atraía, fascinando sua atenção. Ele começava a reconhecer que os seres humanos não nasciam iguais, que possuíam diferentes habilidades herdadas e tinham diferentes experiências de vida. Isso produzia pessoas com realizações e valores diferentes.

Para obedecer esse código, Teg sabia que primeiro devia posicionar-se precisamente no fluxo das hierarquias observáveis, aceitando que poderia chegar um instante em que não mais seria capaz de evoluir.

Os condicionamentos de tal código eram profundos. Ele nunca pôde encontrar suas raízes mais profundas. Estavam ligadas, obviamente, a alguma coisa que era intrínseca à humanidade. Algo que ditava com um poder imenso os limites de comportamento permitidos a todos aqueles acima e abaixo da pirâmide hierárquica.

“E a moeda-base que se troca é a lealdade”

A lealdade agia para cima e para baixo, encaixando-se onde quer que encontrasse uma ligação merecida. Tais lealdades, Teg sabia, estavam firmemente

unidas ao seu comportamento. Não tinha dúvidas de que Taraza o apoiaria em tudo, exceto numa situação que exigisse o sacrifício dele para a sobrevivência da Irmandade.

E isso era uma coisa certa. Era onde as lealdades que uniam todos eles acabavam se encaixando.

“Sou o *Bashar* de Taraza. Isso é o que o código diz”

E fora esse código de honra que matara Patrin.

“Espero que você não tenha sofrido dores, velho amigo.”

Uma vez mais Teg parou à sombra das árvores. Tirando sua faca de combate da bainha localizada na bota, raspou uma pequena marca no tronco da árvore ao seu lado.

— Que está fazendo? — perguntou Lucilla.

— Esta é uma marca secreta — explicou Teg. — Somente as pessoas que eu treinei conhecem seu significado. E Taraza, é claro.

— Mas por que está...

— Explicarei depois.

Ele avançou uma vez mais, parando em outra árvore onde gravou a pequena marca, algo que um animal poderia ter feito com sua garra, uma coisa que se confundia com as formas naturais dessa floresta.

Enquanto seguia o seu caminho adiante, Teg percebia ter chegado a um ponto de decisão com relação a Lucilla. Os planos dela para Duncan deviam ser defletidos.

Cada projeção *Mentat* que Teg podia fazer quanto à segurança e à saúde mental de Duncan exigia isso. O despertar das memórias pré-*ghola* desse Duncan devia acontecer antes de qualquer impressão sexual da parte de Lucilla. Mas não seria fácil detê-la, Teg sabia disso muito bem. Seria preciso um mentiroso muito melhor do que ele jamais fora para iludir uma Reverenda Madre.

E tudo devia parecer acidental, o resultado normal das circunstâncias. Lucilla nunca poderia suspeitar da oposição a seus planos. Teg tinha poucas ilusões quanto à sua chance de vencer uma Reverenda Madre irritada num lugar apertado como aquele em que logo estariam. Melhor seria matá-la. Isso ele achava que

poderia fazer, mas as conseqüências! Taraza jamais seria levada a aceitar que um ato sangrento fora realizado em obediência às suas ordens.

Não, ele teria que ganhar tempo, esperar, observar e ouvir.

O grupo saiu da floresta para uma pequena clareira onde uma íngreme barreira de rochas vulcânicas se erguia diante deles. Arbustos espinhentos e moitas de capim mirrado cresciam de encontro às rochas, visíveis como manchas escuras à luz das estrelas.

Teg viu os contornos mais escuros de uma passagem por onde teriam que rastejar debaixo dos arbustos.

— Vamos ter que rastejar daqui para a frente — ele disse.

— Sinto cheiro de cinzas — disse Lucilla. — Alguma coisa foi queimada por aqui.

— É o lugar onde ficava o chamariz — explicou Teg. — Ele deixou uma área queimada à nossa esquerda, simulando as marcas deixadas pela decolagem de uma não-nave.

A respiração de Lucilla foi audível quando ela inspirou, espantada. “Que audácia!” Se Schwangyu se atrevesse a mandar um investigador presciente seguir os rastros de Duncan (pois só Duncan, entre eles, não possuía o sangue de Siona herdado de sua ancestralidade), todas as marcas concordariam com a hipótese de eles terem chegado a esse ponto e abandonado o planeta em uma não-nave... desde que...

— Para onde está nos levando? — perguntou ela.

— Para um não-globo dos Harkonnen. Está aqui há milênios e agora é nosso.

É muito natural que aqueles que detém o poder desejem suprimir a livre pesquisa. A busca irrestrita do conhecimento tem uma longa tradição de produzir competição indesejada. Os poderosos querem uma "linha segura de pesquisas", algo capaz de produzir apenas produtos e idéias que possam ser controlados e, o que é mais importante, que permita que a maior parte dos benefícios produzidos fique em poder dos investidores internos. Infelizmente o universo está cheio de variáveis relativas que não permitem a existência de uma "linha segura de pesquisas".

— *Avaliação de Ix, Arquivos da Bene Gesserit*

Hedley Tuek, Alto Sacerdote e governante titular de Rakis, sentia-se incapaz de enfrentar as exigências que lhe eram feitas.

A noite nebulosa envolvia a cidade de Keen, mas ali em sua câmara particular de audiências o brilho de muitos globos luminosos afastava as sombras. Mesmo ali, no coração do Templo, podia-se ouvir o vento, um gemido distante representando o tormento periódico deste planeta.

A câmara de audiência era uma sala de formato irregular, com sete metros de comprimento e quatro metros no ponto mais largo. A extremidade oposta era quase imperceptivelmente mais estreita. O teto também descia suavemente naquela direção.

Cortinados de fibra de especiaria, com uma hábil disposição nas cortinas amarelas e cinzentas, escondiam essas irregularidades. Uma das cortinas ocultava também uma corneta de focalização que conduzia os sons mais débeis para aqueles que ouviam fora da sala.

Somente Darwi Odrade, a nova comandante da guarnição da *Bene Gesserit* em Rakis, estava sentada com Tuek na câmara de audiências. Os dois encaravam um ao outro no estreito espaço definido pelas almofadas verdes onde descansavam.

Tuek tentava disfarçar uma expressão de desagrado. Esse esforço contorcia suas feições, normalmente imponentes, transformando-as numa máscara reveladora.

Ele tivera grande cuidado ao se preparar para os confrontos dessa noite. Criados tinham colocado o manto bem passado sobre sua figura alta e um tanto corpulenta.

Sandálias douradas cobriam-lhe os pés. O traje destilador sob seu manto era apenas para exibição: não tinha bombas nem bolsas de recolhimento, eliminando a necessidade de ajustes demorados e desconfortáveis. O cabelo grisalho e sedoso estava muito bem penteado e caía sobre os ombros, moldura adequada para um rosto quadrado com a boca larga, lábios grossos e queixo pesado. Seus olhos assumiram rapidamente uma aparência benévola, expressão que ele tinha copiado do avô. Fora desse modo que ele se apresentara ao entrar na câmara de audiência para encontrar Odrade. Sentira-se imponente, mas agora tinha a impressão de estar nu e descabelado.

“Ele é realmente um homem de cabeça vazia”, pensou Odrade.

Tuek estava pensando: “Não posso discutir com ela esse terrível Manifesto!

Não com um Mestre *Tleilaxu* e aqueles horríveis Dançarinos Faciais ouvindo na outra sala. Que foi que me possuiu para fazer com que eu concordasse com uma coisa dessas?”

— É uma heresia pura e simples — ele disse.

— Mas vocês representam apenas uma religião entre muitas — retrucou Odrade. — E com as pessoas que estão voltando da Dispersão, a proliferação de cismas e crenças variantes.

— A nossa é a única fé verdadeira! — afirmou Tuek.

Odrade ocultou um sorriso. “Ele falou exatamente de acordo com a deixa. E

Waff decerto ouviu isso!' Tuek era extremamente fácil de se conduzir. E se a Irmandade estivesse certa com relação a Waff, as palavras de Tuek iriam enfurecer o Mestre dos *Tleilaxu*.

Num tom profundo e portentoso, Odrade disse:

— O Manifesto levanta questões que todos, crentes e não-crentes, devemos examinar.

— Que tem tudo isso a ver com a Sagrada Criança? — indagou Tuek. — Você me disse que devíamos encontrar-nos aqui para tratar de assuntos que tinham relação com..

— De fato! Não tente negar seu conhecimento de que muita gente já está começando a adorar Sheeana. O Manifesto implica que...

— Manifesto! Manifesto! Não passa de um documento herético que deve ser apagado. Quanto a Sheeana, deve voltar à nossa guarda exclusiva!

— Não — retrucou Odrade com a voz suave.

Como Tuek estava agitado, pensou ela. Seu pescoço rígido movia-se o mínimo possível quando ele virava a cabeça de um lado para o outro. Os movimentos apontavam para a cortina que cobria a parede à direita de Odrade, definindo o lugar como se a cabeça de Tuek carregasse um facho de iluminação para indicar aquela cortina em especial. Que homem transparente era esse Alto Sacerdote. Poderia muito bem ter anunciado que Waff os estava escutando de algum lugar atrás daquela cortina.

— A seguir vocês vão levá-la para longe de Rakis — disse Tuek.

— Ela fica aqui — disse Odrade. — Exatamente como lhe prometemos.

— Mas por que ela não pode..

— Ora, vamos! Sheeana deixou clara a sua vontade e eu tenho certeza de que as palavras dela lhe foram relatadas. Ela quer ser uma Reverenda Madre.

— Mas ela já é a...

— Meu Senhor Tuek! Não queira disfarçar comigo. Ela declarou seus desejos e nós estamos felizes em satisfazê-los. Por que deveria opor-se? Reverendas Madres serviram o Deus Dividido na época dos Fremen. Por que não agora?

— Vocês *Bene Gesserit* possuem meios de obrigar as pessoas a dizerem coisas que elas não desejam dizer — acusou Tuek. — Não devíamos estar discutindo esta questão em particular. Meus conselheiros.

— Seus conselheiros só atrapalhariam nossa conversa. As implicações do Manifesto Atreides.

— Vou discutir somente a questão de Sheeana!

Tuek colocou-se no que lhe parecia a postura de um Alto Sacerdote inflexível.

— Mas estamos discutindo essa questão — disse Odrade.

— Então deve ficar claro que nós exigimos mais gente nossa acompanhando Sheeana. Ela deve ser guardada de todo...

— Guardada do modo como o foi naquele terraço? — perguntou Odrade.

— Reverenda Madre Odrade, este é o Sagrado Rakis! Não tem direitos além daqueles que lhes concedemos!

— Direitos? Sheeana tornou-se o alvo... sim, o alvo... de muitas ambições e vocês ainda querem discutir direitos?

— Meus deveres de Alto Sacerdote são claros. A Sagrada Igreja do Deus Dividido irá...

— Meu Senhor Tuek! Estou tentando com muita dificuldade manter a cortesia necessária. O que faço é para seu benefício, assim como para o nosso. Nossas ações...

— Ações? Que ações? — As palavras escaparam de Tuek num grunhido rouco.

Essas terríveis bruxas *Bene Gesserit*! Os *Tleilaxu* atrás dele e uma Reverenda Madre na frente! Tuek sentia-se como uma bola num jogo terrível, chutado para a frente e para trás entre energias formidáveis. Ah, o pacífico Rakis, o lugar seguro de suas rotinas diárias, tinha desaparecido e ele fora projetado numa arena onde se praticava um jogo cujas regras ainda não compreendera inteiramente.

— Mandei chamar o *Bashar* Miles Teg — revelou Odrade. — Isso é tudo. Seu grupo avançado deve chegar logo. Vamos reforçar suas defesas planetárias.

— Vocês se atrevem a assumir o controle.

— Não estamos assumindo coisa alguma. A pedido de seu pai, o pessoal de Teg redesenhou suas defesas. O acordo sob o qual isso foi feito contém, por insistência de seu pai, uma cláusula exigindo a revisão periódica.

Tuek sentou-se em silêncio, chocado. Waff, aquele Tleilaxuzinho sinistro, tinha ouvido tudo isso. Ia haver conflito! Os *Tleilaxu* queriam um acordo secreto fixando os preços da melange. Não iriam permitir a interferência da *Bene Gesserit*.

Odrade mencionara o pai de Tuek e ele agora desejava que seu pai, há muito falecido, estivesse sentado ali. Fora um homem duro. Teria sabido como lidar com essas forças opostas. Ele sempre tinha manejado os *Tleilaxu* muito bem. Tuek lembrava-se de ter ficado

ouvindo (exatamente como Waff estava fazendo agora!) um enviado *Tleilaxu* cujo nome era Wose... e outro chamado Pook. Ledden Pook. Que nomes esquisitos eles tinham.

De repente os pensamentos confusos de Tuek ofereceram-lhe outro nome.

Odrade acabara de mencioná-lo: “Teg!” Então aquele velho monstro ainda se encontrava na ativa?

Odrade estava falando novamente. Tuek tentou engolir com a garganta seca enquanto se inclinava para diante, forçando-se a prestar atenção.

— Teg também vai examinar suas defesas no planeta. Depois daquele fiasco no terraço.

— Oficialmente, proíbo qualquer interferência em nossos assuntos internos —

disse Tuek. — Não há necessidade. Nossa Guarda Sacerdotal é adequada para...

— Adequada? — Odrade sacudiu a cabeça tristemente. — Que palavra inadequada diante das novas circunstâncias em Rakis.

— Que novas circunstâncias?

Havia terror na voz de Tuek.

Odrade ficou apenas olhando para ele.

Tuek tentou forçar alguma ordem em seus pensamentos. Será que ela saberia a respeito dos *Tleilaxu* ouvindo lá atrás? Impossível. Inspirou, trêmulo. Que história era essa a respeito das defesas de Rakis? As defesas eram excelentes, tranqüilizou-se. Eles tinham as melhores não-naves e monitores Ixianos. Mais do que isso, era vantajoso para todas as potências independentes que Rakis permanecesse igualmente independente como fonte da especiaria.

“Vantajoso para todos, exceto os *Tleilaxu*, com sua maldita super-produção de melange em seus tanques *axlotl*!”

Era um pensamento demolidor. Um Mestre *Tleilaxu* tinha ouvido cada palavra pronunciada nessa câmara de audiências!

Tuek rogou ao *Shai-hulud*, o Deus Dividido, que o protegesse. Aquele homenzinho terrível lá fora dissera estar falando também em nome dos Ixianos e das Oradoras Peixes. Mostrara documentos. Quais seriam as “novas circunstâncias” de que Odrade falava? Nada permanecia muito tempo escondido das bruxas!

O Alto Sacerdote não podia conter um estremecimento ao pensar em Waff: aquela cabeça pequena e redonda, aqueles olhinhos brilhantes, o nariz arrebitado com os dentes afiados surgindo num sorriso. Waff parecia uma criança crescida até que se olhasse nos seus olhos e se ouvisse aquela voz rouca. Tuek lembrava-se de seu

próprio pai queixando-se daquelas vozes: “Os *Tleilaxu* dizem coisas tão terríveis com suas vozes infantis!”

Odrade mexeu-se nas almofadas. Pensou em Waff ouvindo lá fora. Será que ele já tinha ouvido o suficiente? Suas próprias ouvintes secretas estariam se fazendo a mesma pergunta a essa altura. As Reverendas Madres sempre repassavam repetidas vezes as gravações de duelos verbais como esse, buscando melhorias e novas vantagens para a Irmandade.

“Waff já ouviu o bastante”, disse Odrade a si mesma. “Hora de mudar o jogo.”

Em seu tom de voz mais tranqüilo, Odrade disse:

— Meu Senhor Tuek, uma pessoa importante está ouvindo o que dizemos aqui. É polido que tal pessoa escute às escondidas?

Tuek fechou os olhos. “Ela sabe!”

Ele abriu os olhos e encarou a expressão impassível de Odrade. Parecia capaz de aguardar sua resposta por toda a eternidade.

— Polido? Eu... Eu...

— Convide esse ouvinte secreto para vir sentar-se aqui conosco disse Odrade.

Tuek passou a mão pela testa úmida. Seu pai e seu avô, Altos Sacerdotes antes dele, haviam estabelecido respostas rituais para a maioria das ocasiões, mas não havia nada para um momento como esse. Convidar o *Tleilaxu* para ir sentar-se ali? Nessa câmara com... Tuek lembrou-se subitamente de que não gostava do cheiro dos *Tleilaxu*. Seu pai também tinha se queixado a respeito disso: “Eles têm cheiro de comida desagradável”

Odrade levantou-se.

— Gostaria de ver esse que ouve as minhas palavras — ela disse.
— Devo ir convidá-lo para que...

— Não, por favor! — Tuek continuou sentado, mas ergueu a mão num gesto para detê-la. — Eu não tive escolha. Ele veio com documentos das Oradoras Peixes e dos Ixianos. Disse que iria ajudar-nos a ter Sheeana de volta de sua..

— Ajudá-lo?

Odrade olhou para o sacerdote suando com uma expressão próxima da piedade. Esse era o homem que governava Rakis?

— Ele é um dos *Bene Tleilax* — disse Tuek. — Chama-se Waff e...

— Sei como se chama e por que está aqui, meu Senhor Tuek. O que me deixa admirada é que tenha permitido que ele espionasse.

— Ele não está espionando! Estamos negociando. Quero dizer, há novas forças diante das quais devemos ajustar nossos...

— Novas forças? Oh, sim, as prostitutas da Dispersão. Esse Waff trouxe alguma delas consigo?

Antes que Tuek pudesse responder, a porta lateral da câmara de audiência se abriu. Waff entrou como se respondesse a uma deixa, com dois Dançarinos Faciais

atrás dele.

“Foi lhe dito que não trouxesse Dançarinos Faciais!”, pensou Odrade.

— Só você! — disse Odrade, apontando. — Os outros não foram convidados, foram, Meu Senhor Tuek?

Tuek levantou-se pesadamente, notando a proximidade de Odrade e se lembrando de todas as histórias terríveis a respeito da capacidade física das Reverendas Madres. A presença dos Dançarinos Faciais aumentava sua confusão. Eles sempre lhe davam pressentimentos terríveis.

Voltando-se em direção à porta e tentando compor suas feições numa aparência cortês e convidativa, Tuek disse:

— Somente... somente o embaixador Waff, por favor.

A voz feria a garganta de Tuek. Isso era mais que terrível. Sentia-se nú diante dessa gente.

Odrade indicou uma almofada perto dela.

— Waff, não é? Por favor, venha e sente-se.

Waff cumprimentou-a como se nunca a tivesse visto. “Que polidez!” Fazendo um gesto para indicar a seus Dançarinos Faciais que deveriam ficar lá fora, andou até a almofada indicada, mas ficou de pé junto dela.

Odrade percebeu o fluxo de tensões movendo-se pelo corpo do pequeno *Tleilaxu*. Algo como um esgar feroz passou por seus lábios brevemente. Será que ele ainda escondia aquelas armas nas mangas? Estaria a ponto de quebrar o acordo que fizera?

Estava na hora, pensou Odrade, de as suspeitas de Waff recuperarem toda a força original, e mais ainda. Ele devia estar se sentindo aprisionado pelas manobras de Taraza. Waff queria ter suas madres procriadoras! O cheiro dos feromônios anunciava seus temores mais profundos. Ele tinha em sua mente essa parte do acordo — ou pelo menos uma interpretação de tal coisa. Taraza não esperava realmente que Waff fosse partilhar com ela todo o conhecimento que tinha obtido das Honradas Madres.

— Meu Senhor Tuek diz-me que estiveram... ah, negociando — disse Odrade.

“Deixe que ele se lembre dessa palavra.” Waff sabia onde a verdadeira negociação devia ser concluída. Enquanto ia falando, Odrade ajoelhou-se, e depois voltou a se sentar na almofada, mas seus pés permaneceram posicionados para lançá-la fora de qualquer linha de ataque da parte de Waff.

Waff olhou para ela e para a almofada que ela indicara. Acomodou-se lentamente, mas seus braços permaneceram apoiados nos joelhos, as mangas dirigidas para Tuek.

“Que está fazendo?”, perguntou-se Odrade. Os movimentos de Waff revelavam que ele tinha embarcado num plano próprio.

Odrade disse:

— Estou tentando fazer com que o Alto Sacerdote sinta a importância do Manifesto Atreides para nossa mútua...

— Atreides! — interrompeu Tuek. Quase desabou em sua almofada. —

Aquilo não pode ser Atreides.

— Um manifesto muito persuasivo — comentou Waff, reforçando os temores óbvios de Tuek.

Pelo menos isso estava de acordo com o plano, pensou Odrade. Ela disse:

— A promessa do *s'tori* não pode ser ignorada. Muitas pessoas associam o *s'tori* com a presença de seu deus.

Waff enviou um olhar de surpresa e fúria em direção a ela.

Tuek disse:

— O embaixador Waff diz-me que os Ixianos e as Oradoras Peixes estão alarmados com esse documento, mas eu o tranqüilizei quanto a...

— Creio que podemos ignorar as Oradoras Peixes — comentou Odrade. —

Elas vêem deus em toda parte.

Waff reconheceu o cântico nas palavras dela. Estaria troçando dele? Ela estava certa no que dizia respeito às Oradoras Peixes, é claro. Elas estavam muito enfraquecidas em suas antigas devoções para terem qualquer influencia. E no que quer que influenciassem, seriam guiadas pelos novos Dançarinos Faciais que agora as comandavam.

Tuek tentou sorrir para Waff.

— Você falou em nos ajudar em...

— Há tempo para isso depois — interrompeu Odrade. Tinha que manter a atenção de Tuek voltada para o documento que o incomodava tanto. Citou uma frase do manifesto:

— “Sua vontade e sua fé — seu sistema de crenças — domina o seu universo.

Tuek reconheceu as palavras. Ele tinha lido aquele terrível documento. Esse Manifesto dizia que Deus e Sua Obra não passavam de criações humanas. Imaginava como iria responder. Nenhum Alto Sacerdote poderia deixar sem resposta uma coisa dessas.

Mas antes que Tuek pudesse achar as palavras, Waff encarou Odrade e respondeu de um modo que ele sabia que ela interpretaria corretamente. Odrade não faria outra coisa sendo ela quem era.

— O erro da presciência — disse Waff. — Não é isso que diz o documento?

Não é onde ele diz que a mente do crente vai estagnar?

— Exatamente! — disse Tuek.

Sentia-se grato pela intervenção do *Tleilaxu*. Aquele era precisamente o núcleo da heresia!

Waff não olhou para ele, continuando a fitar Odrade. Será que a *Bene Gesserit* julgava seus propósitos inescrutáveis? Deixe que elas encontrem um poder ainda maior. Ela se julgava tão forte! Mas a *Bene Gesserit* não podia realmente saber como o Todo-Poderoso guardava o futuro para o *Shariat*!

Tuek não se deixaria interromper.

— Isso vai de encontro a tudo aquilo que julgamos sagrado! E está começando a se propagar por toda parte!

— Espalhado pelos *Tleilaxu* — disse Odrade.

Waff ergueu as mangas, apontando as armas para Tuek. Hesitou apenas por perceber que Odrade reconhecera parte de suas intenções.

Tuek olhou de um para o outro. Seria verdadeira a acusação de Odrade? Ou seria apenas Outro truque da *Bene Gesserit*?

Odrade percebeu a hesitação de Waff e tentou imaginar suas razões.

Vasculhou sua mente, buscando uma resposta para as motivações dele. O que os *Tleilaxu* poderiam ganhar matando Tuek? Obviamente, Waff planejava substitui-lo por um de seus Dançarinos Faciais. Mas que vantagem isso lhe traria?

Buscando ganhar tempo, Odrade disse:

— Deve ser muito cauteloso, Embaixador Waff.

— Quando foi que a cautela governou as grandes necessidades? — perguntou Waff.

Tuek colocou-se de pé e caminhou pesadamente para um lado, esfregando as mãos. — Por favor! Este é um recinto sagrado. É errado discutir heresias aqui, a menos que planejemos destruí-las. — Olhou para Waff. — Não é verdade, é? Vocês não foram os autores desse documento terrível!

— Não é nosso — concordou Waff.

“Maldito sacerdote imbecil!”

Tuek caminhava para o lado e uma vez mais se tornara um alvo em movimento.

— Eu sabia! — disse Tuek, caminhando em volta de Waff e Odrade.

Odrade continuava de olho em Waff. Ele planejava um assassinato! Estava certa disso.

Tuek falou atrás dela.

— Não sabe como nos julga mal, Reverenda Madre. O Sr. Waff propôs-nos a formação de um cartel da melange. Eu lhe expliquei que nosso preço para vocês deve permanecer o mesmo porque uma *Bene Gesserit* foi a avó de nosso Deus.

Waff curvou a cabeça, esperando. O sacerdote entraria de novo no alcance dos dardos. Deus não permitiria um fracasso.

Tuek estava atrás de Odrade, olhando para Waff. Um tremor percorreu o corpo do sacerdote. Os *Tleilaxu* eram tão repulsivos, tão amorais. Não se podia confiar neles. Como poderia ser encarada a negativa de Waff?

Sem descuidar sua observação de Waff, Odrade disse:

— Mas Meu Senhor Tuek, a perspectiva de um aumento de lucros não lhe atraiu?

Ela viu o braço direito de Tuek mover-se levemente, quase apontando para ela. Suas intenções tornaram-se claras.

— Meu Senhor Tuek — disse Odrade —, esse *Tleilaxu* pretende assassinar-nos.

Ao ouvir essas palavras, Waff ergueu ambos os braços num movimento brusco, tentando acertar nos dois diferentes alvos. Antes que seus músculos pudessem responder ao comando do cérebro, Odrade estava em cima dele. Ela ouviu o fraco assovio dos lança-dardos, mas não sentiu picada alguma. Seu braço esquerdo desceu num golpe violento para quebrar o braço direito de Waff. O pé direito quebrou-lhe o braço esquerdo.

Waff gritou.

Nunca suspeitara de que uma *Bene Gesserit* fosse capaz de movimentos tão rápidos. Ela quase igualara o que ele tinha visto a Honrada Madre fazer na nave de conferência Ixiana. Apesar da dor,

percebeu que tinha que relatar isso. As Reverendas Madres comandavam desvios sinápticos quando sob tensão!

A porta atrás de Odrade se abriu bruscamente e os Dançarinos Faciais de Waff entraram correndo na câmara. Mas Odrade já estava atrás dele, com ambas as mãos em sua garganta.

— Parem ou ele morre! — gritou.

Os dois ficaram imóveis.

Waff debatia-se nas mãos dela.

— Fique quieto! — ordenou ela.

Odrade viu Tuek estendido no chão à sua direita. Um dardo tinha atingido o seu alvo.

— Waff matou o Alto Sacerdote — disse Odrade, falando para suas ouvintes secretas.

Os dois Dançarinos Faciais continuavam a olhar para ela. Era fácil notar a indecisão deles. Nenhum dos dois percebia como a situação caíra nas mãos da *Bene Gesserit*. Uma armadilha para os *Tleilaxu*, de fato!

Odrade disse aos Dançarinos Faciais:

— Carreguem aquele corpo para o corredor e fechem a porta. Seu senhor fez uma coisa tola. Vai precisar de vocês depois. — E para Waff disse: — Neste momento você precisa mais de mim que dos seus Dançarinos Faciais. Mande-os embora!

— Vão — guinchou Waff.

Como os Dançarmos Faciais continuassem a encará-la, Odrade disse:

— Se não saírem imediatamente, vou matá-lo e depois despacharei vocês dois.

— Façam o que ela manda! — gritou Waff.

Os Dançarinos Faciais receberam isso como uma ordem de seu Mestre.

Odrade percebeu algo mais na voz de Waff. Obviamente, teria que ser convencido a abandonar a histeria suicida em que mergulhara.

Uma vez mais ela estava sozinha com ele. Retirou as armas vazias de suas mangas e as colocou no bolso. Depois poderiam ser examinadas com detalhes. Havia

muito pouca coisa que ela podia fazer pelos ossos partidos de Waff, exceto deixá-lo inconsciente por um breve período e encaná-los. Improvisou talas a partir do material das almofadas e de tiras de tecido verde rasgado da decoração da sala do Alto Sacerdote.

Waff despertou rapidamente. Gemeu quando olhou para Odrade.

— Somos aliados agora — ela disse. — As coisas que transpiraram desta câmara foram ouvidas apenas por minha gente e pelos representantes de uma facção que desejava substituir Tuek por um de seus membros.

Era muito rápido para Waff. Levou um momento para compreender o que ela dizia. Sua mente se agarrou ao que lhe pareceu mais importante.

— Aliados?

— Imagino que Tuek fosse uma pessoa difícil de se lidar — ela disse. —

Eram-lhe oferecidos benefícios óbvios e ele invariavelmente hesitava. Fez um favor a alguns dos sacerdotes quando o matou.

— Eles estão nos ouvindo agora? — guinchou Waff.

— É claro. Vamos discutir seu proposto monopólio da especiaria. O

tristemente falecido Alto Sacerdote disse que mencionou isso. Vejamos se eu posso deduzir a extensão da sua oferta.

— Meus braços — gemeu Waff.

— Você ainda está vivo — ela disse. — Seja grato por minha sabedoria. Podia tê-lo matado.

Ele virou a cabeça para longe dela.

— Isso teria sido melhor.

— Não para a *Bene Tleilax* e certamente não para a minha Irmandade — ela disse. — Deixe-me ver... Sim, você prometeu que forneceria a Rakis novas máquinas coletoras de especiaria em grande quantidade. As novas máquinas aéreas, que só tocam o deserto com suas cabeças de varredura.

— Você ouviu — acusou Waff.

— Realmente não. Uma proposta muito atraente, uma vez que estou certa de que os Ixianos as estão fornecendo por seus próprios motivos. Devo continuar?

— Você disse que éramos aliados.

— Um monopólio forçaria a Corporação a comprar mais máquinas de navegação Ixianas — ela disse. — Vocês teriam a Corporação bem nas mandíbulas de seu esmagador.

Furioso, Waff ergueu a cabeça a fim de olhar para ela. O movimento gerou agonia em seus braços quebrados e ele gemeu. A despeito da dor, ele estudou Odrade com seus olhos quase fechados. Será que as bruxas acreditavam realmente que esse era todo o plano dos

Tleilaxu? Quase não se atrevia a acreditar que a *Bene Gesserit* estivesse tão confusa.

— É claro que esse não é o plano básico — disse Odrade.

Os olhos de Waff arregalaram-se. Ela estava lendo a sua mente!

— Estou desonrado — ele disse. — Quando salvou minha vida, salvou uma coisa inútil.

Ele se deixou cair.

Odrade respirou fundo. “E hora de usar as análises feitas na sede da Irmandade.” Inclinou-se para ficar bem perto de Waff e sussurrou no ouvido dele:

— O *Shariat* ainda precisa de você.

Waff ficou boquiaberto.

Odrade sentou-se diante dele. A expressão de espanto revelava tudo. Análise confirmada.

— Você pensou que tinha aliadas melhores entre a gente da Dispersão —

disse ela. — Essas Honradas Madres e outras da mesma laia. Eu lhe pergunto: será que o lorco faz acordos com o lixo que come?

Waff ouvira tal pergunta apenas dentro do *kehl*. Com o rosto pálido. respirou lentamente. As implicações das palavras dela! Obrigou-se a ignorar a dor em seus braços. “Aliados”, ela dissera. Sabia a respeito do *Shariat*! De que modo poderia saber?

— Como cada um de nós pode ignorar as vantagens de uma aliança entre a *Bene Tleilax* e a *Bene Gesserit*? — perguntou Odrade.

“Aliança com as bruxas *powindah*!” A mente de Waff era um redemoinho. A agonia de seus braços estava sendo contida de

modo tão tentador... Sentia-se muito frágil naquele momento! Sentiu o gosto da biles ácida no fundo de sua língua.

— Ah — exclamou Odrade. — Está ouvindo isso? O sacerdote Krutansik e sua facção chegaram do outro lado daquela porta. Irão propor que um de seus Dançarinos Faciais assuma o disfarce do falecido Hedley Tuek. Qualquer outro curso de ação causaria muitos distúrbios. Krutansik é um homem razoavelmente sábio, que se manteve na retaguarda até agora. Seu tio Stiros o preparou muito bem.

— O que sua Irmandade ganharia com uma aliança conosco? — perguntou Waff.

Odrade sorriu. Agora poderia falar a verdade. A verdade era sempre muito mais fácil e freqüentemente constituía o argumento mais poderoso.

— Nossa sobrevivência em face da tormenta que se avoluma no meio dos Dispersos — ela disse. — E a sobrevivência dos *Tleilaxu* também está em jogo. A coisa mais distante dos nossos desejos é a extinção daqueles que preservam a Grande Crença.

Waff estremeceu. Ela falava uma coisa dessas abertamente! Então ele entendeu. Que importava que os outros ouvissem? Eles não poderiam penetrar nos segredos que essas palavras ocultavam.

— Nossas madres procriadoras estão prontas para você — disse Odrade.

Fitou duramente os olhos dele e fez o sinal com a mão dos sacerdotes Zensunni.

Waff sentiu um aperto aliviar-se em seu peito. O inesperado, o impensável, o inacreditável era verdade! As *Bene Gesserit* não eram *powindah*! Todo o universo ainda

seguiria os *Bene Tleilax* na Verdadeira Fé. Deus não permitiria outra coisa.

Especialmente ali no planeta do Profeta!

A burocracia destrói a iniciativa. Não existe coisa alguma que os burocratas odeiem mais do que a inovação, especialmente a inovação que produz resultados melhores do que as velhas rotinas. Os aperfeiçoamentos sempre fazem com que aqueles que se situam no topo da pirâmide pareçam inaptos.

Quem é que gosta de parecer inapto?

— Um guia para a Tentativa e o Erro nos Governos, Arquivos da Bene Gesserit

Os relatórios, os sumários e as pequenas evidências dispersas encontravam-se arrumados em filas na longa mesa diante da qual se sentava Taraza. Exceto pela vigília noturna e os serviços essenciais, o núcleo da Irmandade dormia em torno dela.

Somente os sons familiares das atividades da manutenção penetravam em suas câmaras particulares. Dois globos luminosos flutuavam acima da mesa, banhando a superfície de madeira negra e os maços de papel riduliano com uma luz amarelada, A janela além da mesa era um espelho negro refletindo a sala.

“Arquivos!”

O holoprojetor tremulava em sua produção contínua de informações, funcionando acima do topo da mesa — mais fragmentos e pedacinhos de informação que Taraza havia pedido.

Taraza não confiava muito nas Arquivistas, o que reconhecia como sendo uma atitude ambivalente, pois percebia a necessidade das informações. Mas os Registros da Irmandade eram uma mistura de abreviaturas, notações especiais, acréscimos codificados e notas de rodapé. Um material desse tipo freqüentemente requeria a tradução

de um Mentat ou, o que era pior, em ocasiões de extrema fadiga, exigia que ela mergulhasse em suas Outras Memórias. Todas as Arquivistas eram *Mentats*, é claro, mas isso não tranqüilizava Taraza. Nunca se podia consultar os Arquivos de maneira direta. E muito da interpretação que emergia de tal fonte tinha que ser aceita das palavras da pessoa que a trazia ou (o que era odioso) se tinha que confiar na busca mecânica do holossistema. Isso, por sua vez, exigia uma dependência em relação àquelas que mantinham o sistema em operação. Dava a funcionárias mais poder do que ela gostaria de delegar.

“Dependências!”

Taraza odiava a dependência. Essa era uma admissão triste de ser feita, lembrando-lhe que poucas situações reais ocorriam exatamente da maneira como se imagina que deveriam ocorrer. Mesmo as melhores projeções *Mentat* acumulavam erros com o tempo.

E apesar disso cada movimento da Irmandade exigia a consulta aos Arquivos e

análises aparentemente intermináveis. Mesmo o comércio rotineiro exigia isso. Era uma fonte contínua de irritação para Taraza. Devemos formar este grupo? Assinar este acordo?

Sempre havia aquele momento, durante uma conferência, em que ela era forçada a introduzir a nota decisória:

— Análise da Arquivista Hesterion aceita.

Ou, o que era mais freqüente:

— Relatório da Arquivista rejeitado. Não é pertinente.

Taraza inclinou-se para diante a fim de estudar a holoprojeção:

— Possível plano de procriação para o Sujeito Waff.

Examinou os números, os planos genéticos obtidos de uma amostra celular fornecida por Odrade. Raspas de unhas raramente produziam material suficiente para uma análise segura, mas Odrade se saíra muito bem, aproveitando a desculpa de entalar os ossos quebrados do homem. Taraza sacudiu a cabeça diante dos dados. A prole seria exatamente como todas as outras que a Irmandade tinha conseguido dos *Tleilaxu*: as fêmeas seriam imunes à sondagem de memória, enquanto os machos, é claro, seriam um caos impenetrável e repelente.

Taraza recostou-se na poltrona e deixou escapar um suspiro. No que se referia aos registros de procriação, o monumental sistema de referência cruzada assumia proporções arrasadoras. Oficialmente era chamado de “Colégio de Pertinência Ancestral”, ou CPA, na linguagem das Arquivistas. Entre as irmãs em geral, era conhecido como “Registro de Garanhões”, o que, embora fosse uma denominação adequada, deixava de transmitir o senso de detalhes enumerado na denominação oficial dos Arquivos. Ela tinha pedido que as projeções de Waff fossem estendidas até 300 gerações, o que era uma tarefa rápida e fácil, sendo suficiente para todos os propósitos práticos. Trezentas linhagens genéticas principais (e, como no caso de Teg, com os irmãos e consangüíneos) tinham se mostrado dependentes dos milênios. O

instinto dizia-lhe que seria perda de tempo desperdiçar mais horas com as projeções de Waff.

A fadiga dominava Taraza. Ela colocou a cabeça entre as mãos e repousou por um momento sobre a mesa, sentindo o frio da madeira.

“E se eu estiver errada com relação a Rakis?”

Os argumentos da oposição não podiam ser esquecidos na poeira dos Arquivos. “Maldita dependência dos computadores!” A Irmandade mantivera suas linhagens principais registradas em computadores, mesmo nos Dias Proibidos, depois da louca destruição das “máquinas pensantes” pelo *Jihad Butleriano*. Nesses

dias “mais esclarecidos”, não se costumava questionar os motivos inconscientes por trás daquela ancestral orgia de destruição.

“Algumas vezes tomamos decisões muito responsáveis por motivos inconscientes. Um exame consciente dos Arquivos e das Outras Memórias não traz qualquer garantia.”

Taraza liberou uma das mãos e com ela bateu no topo da mesa. Não gostava de lidar com Arquivistas que vinham cheias de respostas para suas perguntas. Era um grupo de gente desdenhosa, cheia de piadas secretas. Ela as tinha ouvido comparar seu trabalho de CPA com as análises de estoque de gado, os Formulários de Fazendas e da Direção de Corridas de Animais. Malditas piadas! A decisão certa era agora muito mais importante do que elas poderiam imaginar. Essas irmãs que só obedeciam ordens não tinham as responsabilidades de Taraza.

Ergueu a cabeça e olhou através da sala para o nicho que continha o busto da Irmã Chenoeh, aquela que conhecera o Tirano e tinha conversado com ele.

“Você sabia”, pensou Taraza. “Nunca chegou a ser uma Reverenda Madre e no entanto sabia. Seus relatórios mostram isso. Como tinha o conhecimento para tomar a decisão certa?”

O pedido de Odrade de ter assistência militar exigia uma resposta imediata. Os limites de tempo eram muito escassos. Mas com Teg, Lucilla e o *ghola* desaparecidos, o plano de contingência tinha que ser colocado em operação.

“Maldito Teg!”

Mais uma amostra de seu comportamento imprevisível. Ele não podia deixar o *ghola* em perigo, é claro. As ações de Schwangyu tinham sido previsíveis.

Que teria feito Teg? Escondera-se em Ysai ou alguma outra das grandes cidades de Gammu? Não. Se fosse esse o caso, Teg já

teria enviado um relatório a essa altura, através de um dos contatos secretos que tinham preparado. Ele possuía uma lista completa desses contatos e os investigara pessoalmente.

Obviamente, Teg não confiava de todo nos contatos. Vira alguma coisa, durante sua viagem de inspeção, que não tinha transmitido a Bellonda.

Burzmali teria que ser chamado e instruído, é claro. Burzmali era o melhor, treinado pelo próprio Teg, primeiro candidato a Supremo *Bashar*. Burzmali devia ser enviado a Gammu.

“Estou agindo em cima de um palpite”, pensou Taraza.

Mas se Teg se escondera, a trilha começava em Gammu e poderia terminar lá também. Sim, mandar Burzmali a Gammu. Rakis teria que esperar. Havia certos atrativos óbvios nesse movimento. Ele não alertaria a Corporação. Os *Tleilaxu* e aqueles outros da Dispersão, contudo, certamente se ergueriam diante dessa isca. Se Odrade fracassasse em pegar os *Tleilaxu* numa armadilha... não, Odrade não falharia.

Aquele *Tleilaxu* tornara-se coisa certa.

O inesperado.

“Está vendo, Miles? Aprendi com você.”

Nada disso desviava a oposição dentro da Irmandade.

Taraza colocou ambas as mãos sobre a mesa e pressionou com força, como se tentasse sentir as pessoas dentro da Irmandade, aquelas que compartilhavam das opiniões de Schwangyu. A oposição vocal, aberta, tinha diminuído, mas isso sempre significava que a violência estava sendo preparada.

“Que devo fazer?”

Supunha-se que a Madre Superiora fosse imune à indecisão durante uma crise.

Mas a conexão *Tleilaxu* desequilibrara seus dados. Algumas das recomendações que deviam ser feitas a Odrade pareciam óbvias e já tinham sido transmitidas. Essa parte do plano era plausível e simples.

Leve Waff para o deserto, para bem longe dos observadores indesejáveis.

Produza uma situação extrema e a conseqüente experiência religiosa dentro daquele antigo e confiável padrão ditado pela Missionaria Protectiva. Teste se os *Tleilaxu* estão usando o processo *ghola* para obter seu próprio tipo de imortalidade. Odrade era perfeitamente capaz de realizar essa parte do plano revisto. Mas a coisa toda dependia muito dessa jovem, Sheeana.

“O verme é o desconhecido.”

Taraza lembrou-se de que os vermes atuais não eram os vermes originais de Rakis. A despeito do comando que Sheeana demonstrara ter sobre eles, eram imprevisíveis. Como diziam os Arquivos, eles não tinham registros. Taraza não duvidava de que Odrade tivesse feito uma dedução precisa a respeito dos Rakianos e suas danças. Isso era importante.

“Uma linguagem.”

“Mas nós ainda não a falamos.” Isso era negativo.

“Devo tomar uma decisão esta noite!”

Taraza fez sua consciência superficial mergulhar para trás, ao longo da linhagem continua das Madres Superioras, todas memórias femininas capturadas dentro da frágil consciência de si mesma e das duas outras — Bellonda e Hesterion.

Era uma trilha tortuosa através das Outras Memórias, a qual ela se sentia muito cansada para seguir agora. E bem no final da trilha estariam as observações do *Muad'Dib*, o bastardo Atreides que abalara o universo duas vezes — a primeira ao dominar o Império com suas hordas Fremen, a segunda ao gerar o Tirano.

“Se formos derrotadas desta vez, esse pode ser o nosso fim”, pensou ela.

“Poderíamos ser engolidas inteiras por essas mulheres infernais da Dispersão”

As alternativas se apresentavam: a menina em Rakis podia ser trazida para o núcleo da Irmandade, de modo a viver toda a sua vida em algum lugar no ponto final de vôo de uma não-nave. Uma retirada vergonhosa.

Tanta coisa dependia de Teg. Será que ele afinal tinha fracassado ante a Irmandade, ou teria encontrado um meio inesperado de esconder o *ghola*?

“Devo descobrir um meio de atrasar as coisas”, pensou Taraza. “Devemos dar um pouco de tempo ao Teg, tempo para ele comunicar-se conosco. Odrade terá que atrasar o plano em Rakis.”

Era perigoso, mas precisava ser feito.

Rigidamente, Taraza levantou-se da cadeira-cão e foi até a janela escurecida diante dela. O Planeta da Irmandade encontrava-se mergulhado na escuridão estrelada. Um refúgio: o Planeta da Irmandade. Tais planetas nem recebiam mais

nomes, somente números em algum lugar dos Arquivos. Esse planeta tinha assistido a 1.400 anos de ocupação *Bene Gesserit*, mas até isso devia ser considerado temporário.

Ela pensou nas não-naves guardiãs orbitando acima: o próprio sistema profundo de defesa de Teg. E apesar de tudo isso a

Irmandade permanecia vulnerável.

O problema tinha um nome: “descoberta acidental”

Era uma falha eterna. Lá fora, durante a Dispersão, a humanidade expandira-se exponencialmente, enxameando através de um espaço ilimitado. O Caminho Dourado do Tirano, seguro afinal. Será que estava? Certamente o verme Atreides planejara algo mais que a simples sobrevivência da espécie.

“Ele fez alguma coisa conosco que ainda nem entendemos, mesmo depois de todos esses milênios. Creio saber o que ele fez. Mas a oposição acha que não.”

Nunca era fácil para uma Reverenda Madre contemplar a escravidão que tinham sofrido durante o governo de Leto II, enquanto ele lançava o seu Império através de 3.500 anos ao longo do Caminho Dourado.

“Nós hesitamos, trôpegas, quando relembramos esses tempos.”

Vendo seu próprio reflexo no plaz escuro da janela, Taraza fez uma cara furiosa. Era um rosto sombrio, com a fadiga muito evidente.

“Tenho todo o direito de estar cansada e aborrecida!”

Sabia que seu treinamento canalizara seus pensamentos deliberadamente em direção a padrões negativos. Essas eram suas defesas e sua força. Ela permanecia distante de qualquer relacionamento humano, mesmo durante as seduções que fizera para as Madres Procriadoras. Taraza era a eterna advogada do diabo, e isso se tinha tornado uma força dominante por toda a Irmandade, conseqüência natural de sua ascensão ao posto de Madre Superiora. A oposição ganhava forças naturalmente em tal ambiente.

Como tinham dito os Sufis: “A podridão no núcleo sempre se propaga para fora.”

O que eles não diziam é que certas formas de podridão eram nobres e valiosas.

Ela se tranqüilizava agora com suas informações mais confiáveis: a Dispersão tinha carregado as lições do Tirano nas migrações humanas para o exterior, mudando de modos desconhecidos, mas, em última análise, submissos ao reconhecimento. E no devido tempo seria encontrado um modo de anular a invisibilidade de uma não-nave.

Taraza não acreditava que os povos da Dispersão tivessem descoberto isso pelo menos não aqueles que agora voltavam aos lugares de origem.

Não havia curso seguro através das forças conflitantes, mas Taraza achava que a Irmandade se armara do modo como podia. O problema era semelhante ao de um Navegador da Corporação conduzindo sua nave através das dobras do espaço de um modo que evitasse colisões e aprisionamentos.

Aprisionamentos, essa era a chave, e lá estava Odrade, armando as arapucas da Irmandade para pegar os *Tleilaxu*.

Quando Taraza pensava em Odrade, o que acontecia com freqüência nessa

época de crise, a longa ligação das duas se firmava. Era como se ela fitasse um tapete gasto onde apenas as imagens mais brilhantes permanecessem. E a mais brilhante de todas, assegurando a posição de Odrade perto dos assentos do comando da Irmandade, era sua capacidade de dispensar os detalhes e ir direto ao âmago de um conflito. Era uma forma daquela perigosa presciência dos Atreides agindo secretamente dentro dela. O uso desse talento oculto era uma das coisas que tinham levantado a maior oposição, e era o argumento que Taraza admitia ter a maior validade. Isso funcionava muito abaixo da superfície, seus movimentos ocultos revelados apenas por alguma turbulência ocasional. E esse era o problema!

— Usá-la, mas estar pronta para eliminá-la — argumentara Taraza.

— Ainda temos conosco a maior parte de sua prole.

Taraza sabia poder confiar em Lucilla. desde que Lucilla tivesse conseguido abrigo em algum lugar com Teg e o *ghola*. Havia outros assassinos no Castelo de Rakis, é claro. Aquela arma talvez tivesse que ser armada logo.

Taraza experimentou uma súbita agitação dentro de si. As outras Memórias aconselharam-na a ter a máxima cautela. Não torne a perder o controle das linhas de procriação! Sim, se Odrade escapasse a uma tentativa de eliminação, estaria alienada para sempre. Odrade era uma Reverenda Madre plena e outras como ela ainda deviam estar lá no meio da Dispersão — não entre as Honradas Madres que a Irmandade havia observado... ainda assim...

“Nunca mais!” Isso se tornara um slogan operacional. Nunca mais outro *Kwisatz Haderach* ou outro Tirano.

Controle os reprodutores! Controle sua prole!

As Reverendas Madres não morrem quando morre sua carne. Elas afundam cada vez mais no núcleo vivo da *Bene Gesserit*, até que suas instruções casuais e mesmo suas observações inconscientes se tornam parte do todo da Irmandade.

“Não cometa enganos com Odrade!”

A resposta a Odrade exigia um planejamento minucioso e um cuidado extremo. Odrade, que se permitia ter certas afeições limitadas, “um calor moderado”, como as definia, argumentava que as emoções produziam discernimentos valiosos,

“desde que você se deixe governar por elas”. Taraza via esse calor moderado” como um meio de penetrar no coração de Odrade, uma abertura vulnerável.

“Eu sei o que você pensa de mim, Dar, com seu calor moderado voltado para uma antiga colega dos dias de escola. Você me julga um perigo potencial para a Irmandade, mas acha que posso ser salva de mim mesma por 'amigas' vigilantes.”

Taraza sabia que algumas de suas assessoras compartilhavam da opinião de Odrade, ouvindo em silêncio e guardando seu próprio julgamento. A maioria ainda seguia a liderança da Madre Superiora, mas muitas conheciam o talento selvagem de Odrade e tinham reconhecido suas dúvidas. Somente uma coisa ainda mantinha a maioria das Irmãs alinhadas com Taraza, e ela não se iludia a esse respeito.

Cada Madre Superiora demonstrava uma profunda lealdade para com a

Irmandade. Nada deveria colocar em risco a continuidade da *Bene Gesserit*, nem mesmo ela própria. Em seu modo duro e preciso de autojulgamento, Taraza examinou seu relacionamento com a existência contínua da Irmandade.

Obviamente não havia uma necessidade imediata de mandar eliminar Odrade.

E no entanto Odrade estava agora tão próxima do centro dos motivos do projeto do *ghola* que pouca coisa que acontecesse em torno disso lhe escaparia à observação.

Muito do que não lhe fora revelado se tornaria óbvio. O Manifesto Atreides fora quase um jogo. Odrade, a pessoa óbvia para produzir o Manifesto, só podia ter alcançado uma percepção profunda enquanto escrevia o documento, mas as próprias palavras eram a barreira final a impedir a revelação.

Waff gostaria disso, sabia Taraza.

Voltando-se para se afastar da janela escurecida, Taraza retornou à sua cadeira-cão. O momento da decisão crucial — ir em frente ou

não — podia ser adiado, mas os passos intermediários tinham que ser tomados. Ela preparou uma mensagem em sua mente e a examinou enquanto mandava convocar Burzmali. O aluno favorito do *Bashar* teria que ser posto em ação, mas não do modo como Odrade desejava.

A mensagem para Odrade era essencialmente simples:

“Ajuda está a caminho. Você esta no local da ação, Dar. No que concerne à segurança da garota, Sheeana, use o seu próprio julgamento. Em todas as outras questões, onde não houver conflito com minhas ordens, siga o plano”

Aí estava. Era isso. Odrade já tinha as suas instruções, o essencial que ela aceitaria como “o plano”, mesmo que não reconhecesse o padrão completo. Odrade obedeceria. O “Dar” era um toque excelente, pensou Taraza. Dar e Tar. Aquela abertura na direção do “calor limitado” de Odrade não estaria bem guardada com relação ao Dar e Tar.

A longa mesa, à direita, está posta para um banquete de lebre do deserto assada em molho cepeda. Os outros pratos, seguindo no sentido dos ponteiros do relógio para a direita, desde a extremidade mais distante da mesa são: *Aplomage siriana*, *chukka* sob o vidro, café com melange (Note a crista do falcão Atreides na urna), *pot-a-oie* e dentro da garrafa de cristal Balut há o cintilante vinho Caladaniana. Note o antigo detector de venenos escondido no candelabro.

— Dar-es-Balat, Descrição de uma Exibição do Museu.

Teg encontrou Duncan na pequena alcova que servia como sala de refeições dentro da reluzente cozinha do não-globo. Parando na passagem para a alcova, Teg observou cuidadosamente o Duncan: oito dias passados ali dentro e o rapaz parecia recuperado da ira peculiar que o dominara quando tinham entrado no tubo de acesso

ao não-globo.

Eles tinham penetrado em uma caverna rasa, cheia dos odores de um urso nativo. As rochas no fundo da toca não eram rochas, embora pudessem ter enganado o exame mais sofisticado. Uma ligeira projeção nas rochas se moveria se a pessoa soubesse ou, casualmente, acertasse o código secreto. O movimento circular, ou de torção, abria toda a parede do fundo da caverna.

O tubo de acesso que se iluminava automaticamente assim que se fechava o portal atrás, fora decorado com grifos, o símbolo dos Harkonnen nas paredes e no teto. Teg pensou no jovem Patrin descobrindo esse lugar pela primeira vez (“O

choque! A admiração! A emoção!”) e, fazendo isso, deixou de observar a reação de Duncan até que um grunhido baixo se ergueu no espaço fechado.

Duncan estava parado grunhindo (quase gemendo), os punhos cerrados, os olhos fixos num grifo Harkonnen pintado ao longo da parede direita. O ódio e a confusão lutaram pelo domínio da expressão em seu rosto. Ele ergueu ambos os punhos e com eles golpeou a figura, fazendo sangrar as mãos.

— Malditos sejam nos poços mais profundos do inferno! — gritou ele.

Era uma praga curiosamente madura, saindo de boca tão jovem.

No instante em que acabou de pronunciar essas palavras, o jovem mergulhou de novo em soluços e tremores descontrolados. Lucila colocou um braço em torno dele e lhe acariciou o pescoço de um modo tranqüilizador, quase sensual, até que os tremores cessaram.

— Por que eu fiz aquilo? — ele sussurrou.

— Vai saber quando suas memórias originais forem restauradas — explicou ela.

— Os Harkonnen — sussurrou Duncan, e seu rosto ficou corado. Ergueu a face para Lucilla. — Por que os odeio tanto?

— Palavras não podem explicar isso — ela disse. — Você vai ter que esperar pelas memórias.

— Eu não quero memórias! — Olhou espantado para Teg e então disse: —

Sim! Sim, eu as quero.

Depois, quando olhava para Teg na cozinha do não-globo, sua memória obviamente retornou àquele momento.

— Quando, *Bashar*?

— Logo.

Teg observou o aposento. Duncan estava sentado, sozinho, diante de uma mesa com sistema de limpeza automático, uma xícara de um líquido marrom diante dele. Teg reconheceu o cheiro: era um dos muitos produtos compostos de melange tirados dos vasos de nulentropia. Tais vasos continham um tesouro de comidas exóticas, roupas, armas e outros artefatos — um verdadeiro museu cujo valor não podia ser calculado. Havia uma fina camada de pó cobrindo todo o interior do globo, mas nenhuma deterioração atingira as coisas guardadas nos recipientes. Cada amostra

de comida estava condimentada com melange. Não num nível que viciasse, desde que a pessoa não fosse gulosa, mas sempre perceptível. Até mesmo as frutas preservadas tinham sido pulverizadas com melange.

O líquido marrom na xícara de Duncan era uma das coisas que Lucilla tinha provado e considerado capaz de sustentar a vida. Teg não sabia precisamente como as Reverendas Madres faziam isso, mas sua própria mãe fora capaz de tal coisa. Um gole e elas sabiam o conteúdo da bebida toda.

Uma olhada no relógio decorado, colocado na parede da extremidade fechada da alcova, revelou a Teg que já era mais tarde do que ele pensava. A terceira hora de um arbitrário cair da tarde. Duncan devia estar lá em cima, na sofisticada sala de prática de solo, mas ambos tinham visto Lucila subir para a parte superior do globo, e para Teg essa era uma oportunidade de conversarem a sós.

Ele puxou uma cadeira e se sentou no lado oposto da mesa.

Duncan disse:

— Eu odeio esse relógio!

— Você odeia tudo aqui — retrucou Teg, dando uma segunda olhada no relógio. Era outra antigüidade, um mostrador redondo com dois ponteiros análogos e um contador de segundos digital. Os dois ponteiros tinham sido esculpidos com formas humanas, de modo a representarem uma piada debochada: o dos minutos era um homem com um falo enorme, enquanto o das horas era uma mulher com as pernas abertas. Cada vez que os dois ponteiros passavam um sobre o outro, o homem parecia penetrar a mulher.

— Grosseiro — concordou Teg. Apontou para a bebida de Duncan e perguntou: — Que tal?

— Tudo bem, senhor. Lucilla diz que devo beber isto depois dos exercícios.

— Minha mãe costumava preparar-me uma bebida semelhante depois de exercícios físicos pesados — disse Teg.

Inclinou-se para a frente e inalou, lembrando o gosto que ficava na língua após um gole, o perfume penetrante de melange nas narinas.

— Senhor, quanto tempo devemos permanecer aqui? — perguntou Duncan.

— Até sermos encontrados pelas pessoas certas, ou até termos a certeza de não sermos encontrados.

— Mas... isolados aqui, como vamos saber?

— Quando eu julgar que é hora, vou pegar o cobertor do escudo vital e passar a montar guarda do lado de fora.

— Eu odeio este lugar!

— Isso é óbvio. Mas você não aprendeu nada sobre a paciência?

Duncan fez uma careta.

— Senhor, por que evita que eu fique sozinho com Lucilla?

Teg, que exalava o ar interrompeu-se e então começou a respirar de novo.

Sabia, entretanto, que o rapaz tinha reparado. E se Duncan sabia, Lucilla então mais

ainda!

— Não creio que Lucilla perceba o que está fazendo, senhor — explicou o rapaz. — Mas está ficando bem óbvio. — Olhou em volta para se certificar de que não eram ouvidos. — Se este lugar não lhe absorvesse tanto a atenção... Para onde ela correu daquele jeito?

— Acho que ela está lá em cima, na biblioteca.

— Biblioteca!

— Concordo que é primitiva, mas também é fascinante.

Teg ergueu os olhos para os arabescos no teto da cozinha. O momento da decisão tinha chegado. Não podia confiar em que Lucilla ficasse distraída por muito mais tempo. Teg compartilhava do

fascínio que ela sentia. Era fácil alguém perder a atenção em meio a tantas maravilhas. Todo o complexo do não-globo, com uns 200

metros de diâmetro, era um fóssil preservado intacto desde os tempos do Tirano.

Quando falava a esse respeito, a voz de Lucilla assumia um tom rouco, sussurrante.

— Certamente o Tirano devia saber da existência deste lugar.

A consciência *Mentat* de Teg mergulhara imediatamente nessa afirmação: “Por que o Tirano permitiu que a Família Harkonnen desperdiçasse tanto de sua riqueza remanescente na construção de tal empreendimento?”

“Talvez por isso mesmo — para empobrecê-la.”

O custo em subornos e no transporte da Corporação desde as fábricas Ixianas devia ter sido astronômico.

— Será que o Tirano sabia que um dia íamos precisar deste lugar? —

perguntou Lucilla.

Teg concordou. Afinal, sempre se demonstrara não haver meios de escapar aos poderes prescientes de Leto II.

Olhando para Duncan sentado diante dele, Teg sentiu os pêlos da nuca se eriçarem. Havia alguma coisa sinistra nesse refúgio Harkonnen, como se o próprio Tirano pudesse ter estado ali. Que será que tinha acontecido com os Harkonnen que haviam construído esse lugar? Teg e Lucilla não tinha encontrado nenhum vestígio que indicasse o modo como o não-globo terminara abandonado.

E nenhum dos dois podia caminhar pelo lugar sem experimentar uma sensação aguda de estar participando da história. Teg era freqüentemente confrontado com perguntas sem resposta.

Lucilla também comentou isso.

— Para onde será que eles foram? Não existe ninguém em minhas Outras Memórias que me dê essa resposta.

— Será que o Tirano os atraiu para fora e os matou?

— Vou voltar para a biblioteca. Talvez hoje eu encontre alguma coisa.

Nos dois primeiros dias de sua ocupação, o não-globo fora objeto de um minucioso exame da parte de Teg e Lucilla. Um Duncan silencioso e carrancudo

seguia-os por toda parte, como se tivesse medo de ficar sozinho. E cada nova descoberta os deixava cheios de admiração, ou então chocados.

Vinte e um esqueletos tinham sido preservados, emparedados no plaz transparente de uma parede perto do núcleo! Observadores macabros de qualquer um que passasse por lá a caminho das câmaras de máquinas e dos vasos de nulentropia.

Patrin advertira Teg quanto aos esqueletos. Em uma de suas primeiras incursões ao globo, quando era jovem, Patrin encontrara registros que revelavam que os mortos eram os artesãos construtores do lugar, assassinados pelos Harkonnen de modo a que o segredo fosse mantido.

Em si mesmo, o globo era uma extraordinária realização, um lugar fora do alcance do Tempo, isolado de toda a influência exterior. Depois de todos esses milênios, suas máquinas sem atrito criavam uma projeção mimética que mesmo os instrumentos mais modernos não poderiam localizar contra o fundo de terra e rocha.

— A Irmandade deve adquirir este lugar intacto! — dizia Lucilla seguidamente.

— É uma casa de tesouro! Eles até mantinham os registros de procriação de sua família.

Não fora só isso que os Harkonnen tinham preservado ali. Teg continuava sentindo repulsa pelos sutis toques de grosseria em quase tudo que existia no globo.

Como aquele relógio! Roupas, instrumentos para a manutenção do ambiente, para a educação ou prazer — tudo fora marcado com aquela compulsão dos Harkonnen para exibir seu debochado sentimento de superioridade em relação a todas as pessoas e padrões de bom gosto.

Uma vez mais, Teg pensou em Patrin quando ainda jovem, dentro desse lugar, talvez ainda rapaz como esse *ghola*. Que teria levado Patrin a guardar segredo, até mesmo de sua esposa, durante tantos anos? Patrin nunca revelara as suas razões, mas Teg tinha feito suas próprias deduções. Uma infância infeliz. A necessidade de ter um lugar secreto, um refúgio. Amigos que não eram realmente amigos, apenas pessoas esperando para zombar dele. Nenhum desses companheiros teria permissão para compartilhar de semelhante maravilha. Era sua! Esse era mais que um lugar de solitária segurança. Fora o símbolo particular de vitória para Patrin.

“Passei muitas horas felizes ali, *Bashar*. Tudo ainda funciona. Os registros são antigos, mas excelentes, desde que você entenda os dialetos. Existe muito conhecimento guardado naquele lugar. Mas vai entender quando chegar lá. Vai entender muitas coisas que nunca lhe contei.”

O antigo salão de prática de solo mostrava sinais de uso freqüente por Patrin.

Ele tinha modificado o código de armamento de alguns dos autômatos num modo que Teg reconhecia. Os contadores de tempo revelavam muitas horas de tortura muscular em exercícios complicados. Esse globo explicava aquelas habilidades que Teg

sempre considerara extraordinárias em Patrin. Os talentos naturais tinham sido aperfeiçoados nesse lugar.

Os autômatos do não-globo eram outra questão interessante. A maioria deles

representara um desafio às prescrições contra tais engenhos. Mais do que isso, alguns tinham sido projetados para funções de prazer que confirmavam as histórias mais revoltantes que Teg tinha ouvido com relação aos Harkonnen. Dor como fonte de prazer! A seu próprio modo, essas coisas explicavam a moralidade inflexível que Patrin levara de Gammu.

A aversão criava Seus próprios padrões de comportamento.

Duncan engoliu um grande gole de sua bebida e olhou para Teg por cima da borda da xícara.

— Por que veio para cá sozinho quando lhe pedi que completasse uma última sessão de exercícios? — perguntou Teg.

— Os exercícios não faziam sentido. — Duncan afastou a xícara.

“Bem, Taraza, você estava errada”, pensou Teg. “Ele partiu para uma atitude de total independência antes do previsto.”

E o Duncan também parara de se dirigir a ele como “senhor”.

— Você me desobedeceu?

— Não exatamente.

— Então, exatamente o que está fazendo?

— Eu preciso saber.

— Não vai gostar muito de mim quando souber.

Duncan olhou espantado.

— Senhor?

“Ah, o 'senhor' está de volta.”

— Tenho preparado você para certos tipos de dores muito intensas. —

explicou Teg. — Elas serão necessárias antes que possamos restaurar-lhe todas as memórias iniciais.

— Dor, senhor?

— Não conhecemos outro modo de trazer de volta o Duncan Idaho original, aquele que morreu.

— Senhor, se puder fazer isso, só lhe serei grato.

— É o que você diz. Mas pode passar a me ver apenas como mais um açoite nas mãos daqueles que o trouxeram de novo à vida.

— Não é melhor saber, senhor?

Teg passou o dorso de uma das mãos sobre a boca.

— Se vier a me odiar... não poderei culpá-lo.

— Senhor, se estivesse no meu lugar, será que ia sentir-se assim?

A postura de Duncan, seu tom de voz, até a expressão facial, demonstravam uma trêmula indecisão.

“Até agora tudo bem” , pensou Teg. As várias etapas do procedimento encontravam-se determinadas com uma precisão que exigia que cada resposta do *ghola* fosse interpretada com cuidado. Duncan estava agora cheio de incerteza. Queria uma coisa que ao mesmo tempo temia.

— Sou apenas o seu mestre, não o seu pai — disse Teg.

Duncan recuou ante o tom duro.

— Não é meu amigo?

— Esta é uma estrada de mão dupla. O Duncan Idaho original terá que responder essa pergunta por si mesmo.

Uma aparência embaçada surgiu nos olhos de Duncan:

— Vou me lembrar deste lugar? Do Castelo, de Schwangyu e...

— De tudo. Você passará por uma espécie de memória de visão dupla durante um certo tempo, mas se lembrará de tudo.

Uma expressão cínica surgiu no rosto do jovem e, quando ele falou, foi com amargura.

— Assim nós nos tornaremos camaradas?

Com toda a presença autoritária de um *Bashar* em sua voz, Teg continuou seguindo com precisão as instruções do procedimento para o despertar.

— Não me sinto particularmente interessado em me tornar seu camarada. —

Fixou um olhar observador na expressão de Duncan. — Você pode tornar-se um *Bashar* algum dia. Acho até que você tem as qualidades necessárias. Mas quando isso acontecer eu estarei morto há muito tempo.

— Seus únicos camaradas são *Bashars*?

— Patrin era meu amigo e ele nunca passou do posto de líder de esquadrão.

Duncan olhou para sua xícara vazia e então para Teg.

— Por que não pede alguma coisa para beber? Também se exercitou duramente lá em cima.

“Uma pergunta perceptiva.” Não se devia subestimar esse jovem. Ele sabia que partilhar do alimento era um dos mais antigos rituais de companheirismo.

— O cheiro de sua bebida foi o bastante para mim — respondeu Teg.

Velhas memórias. Não preciso delas agora.

— Então por que desceu até aqui?

Revelados na voz do jovem, havia esperança e medo. Ele queria que Teg dissesse alguma coisa em especial.

— Queria avaliar cuidadosamente até onde aqueles exercícios o levaram —

disse Teg. — Precisava vir até aqui e observá-lo.

— Por que tinha de ser tão cuidadoso?

“Esperança e medo.” Era hora de uma mudança de foco precisa.

— Nunca treinei um *ghola* antes.

“*Ghola*.” A palavra ficou suspensa entre eles, flutuando nos cheiros da cozinha que os filtros do globo ainda não tinham varrido do ar.

“*Ghola*!” Uma palavra entremeada do cheiro de especiaria que restara na xícara vazia de Duncan.

Duncan inclinou-se para diante sem falar, uma expressão ávida no rosto. Uma observação de Lucilla chegou à mente de Teg: “Ele sabe como usar o silêncio”

Quando se tornou óbvio que Teg não ampliaria aquela declaração, Duncan recostou-se na cadeira com uma expressão desapontada. O canto esquerdo de sua boca curvou-se para baixo e ele assumiu uma expressão carrancuda, pensativa. Toda a sua mente estava focalizada no interior, como deveria ser.

— Você não desceu até aqui para ficar sozinho — disse Teg. — Veio aqui para se esconder. Ainda está se escondendo aí e acha que ninguém vai encontrá-lo.

Duncan colocou uma das mãos diante da boca. Era um gesto significativo pelo qual Teg estivera esperando. As instruções para esse momento eram muito claras: “O

ghola deseja que suas memórias originais sejam despertadas, mas teme o que isso pode implicar. Essa é a maior barreira que você deve superar”

— Tire a mão da boca! — ordenou Teg.

Duncan deixou cair a mão como se ela tivesse sido queimada. Olhou para Teg como um animal aprisionado.

“Fale a verdade”, advertiam as instruções de Teg. “Nesse momento, com cada um de seus sentidos em fogo, o *ghola* enxergará dentro do seu coração”

— Desejo que saiba — continuou Teg — aquilo que a Irmandade me ordenou que fizesse com você. Isto me é desagradável.

Duncan pareceu agachar-se dentro de si mesmo.

— Que foi que eles lhe ordenaram que fizesse?

— As habilidades que me ordenaram que lhe desse contêm falhas.

— Falhas?

— Parte delas resume-se ao treinamento abrangente, a parte intelectual. Nesse aspecto você foi erguido até o nível de um comandante de regimento.

— Melhor que Patrin?

— Por que deve ser melhor que Patrin?

— Ele não era seu amigo?

— Sim.

— Disse que ele nunca subiu acima do posto de líder de pelotão!

— Patrin era inteiramente capaz de assumir o comando de toda uma força multiplanetária. Era um mago das táticas cuja sabedoria eu empreguei em muitas ocasiões.

— Mas disse que ele nunca. .

— Foi uma escolha dele. O posto baixo dava-lhe aquela aparência comum que ambos usamos muitas vezes.

— Comandante de regimento?

A voz de Duncan era pouco mais que um sussurro. Ele olhou para o topo da mesa.

— Você tem uma compreensão intelectual das funções envolvidas, é um pouco impetuoso, mas a experiência geralmente dá conta disso. Suas habilidades com as armas são superiores às de uma pessoa de sua idade.

Ainda sem olhar para Teg, Duncan perguntou:

— Qual é minha idade... senhor?

Exatamente como as instruções advertiam: “O *ghola* irá flutuar em torno de uma questão central: 'Qual é minha idade?' Qual a idade de

um *ghola*?”

Com a voz friamente acusadora, Teg disse:

— Se quer saber sua idade como *ghola*, por que não pergunta isso?

— Qual... qual é essa idade, senhor?

Havia o peso de tanto sofrimento na voz daquele jovem que Teg sentiu lágrimas começarem a se formar nos cantos de seus olhos. Fora advertido a esse respeito também. “Não demonstre muita compaixão!” Teg disfarçou pigarreando.

Depois disse:

— Essa é uma pergunta que só você pode responder.

As instruções eram claras: “Devolva as perguntas dele! Mantenha a mente dele voltada para o interior. A dor emocional é tão importante nesse processo quanto a dor física”

Um suspiro profundo fez Duncan estremecer. Ele fechou os olhos, comprimindo as pálpebras. Quando Teg se sentara diante dele naquela mesa, tinha pensado imediatamente: “Será este o momento? Será que ele vai fazer agora?” Mas o tom acusador de Teg, seus ataques verbais tinham sido totalmente inesperados. E

agora Teg parecia condescendente.

“Ele está fazendo pouco de mim!”

Uma raiva cínica tomou conta de Duncan. Será que Teg o julgava tão bobo a ponto de ser enrolado pelo truque mais comum a um comandante? “Apenas o tom de voz e a atitude podem dominar a vontade do outro.” Duncan sentia outra coisa na atitude condescendente — algo como um âmago de *plasteel* que não poderia ser penetrado. Integridade... propósito. E Duncan tinha percebido as lágrimas quase brotando, o gesto para disfarçar.

Abrindo os olhos e olhando diretamente para Teg, ele disse:

— Não quero parecer rude, desrespeitoso ou ingrato, senhor, mas não posso ir em frente sem essas respostas.

As instruções de Teg eram explícitas: “Você perceberá quando o *ghola* atingir o ponto de desespero. Nenhum *ghola* tenta esconder isso, é intrínseco à psique deles. Vai reconhecer pela voz e pela postura.”

Duncan já tinha chegado quase ao ponto critico. Agora o silêncio de Teg era importante. Force o Duncan a fazer suas perguntas, a seguir seu próprio caminho.

Ele disse:

— Sabe que uma vez eu pensei em matar Schwangyu?

Teg abriu a boca e a fechou sem emitir qualquer som. “Silêncio!” Mas o rapaz falava sério!

— Eu tinha medo dela — continuou ele. — Não gosto de sentir medo. — Ele abaixou a cabeça. — Uma vez o senhor me disse que só odiamos aquilo que é realmente perigoso.

“Ele vai aproximar-se e recuar, aproximar-se e recuar. Espere até que ele mergulhe.”

— Eu não o odeio — disse Duncan, olhando para Teg uma vez mais. —

Fiquei sentido quando disse *ghola* na minha cara. Mas Lucilla está certa, nunca devemos ressentir-nos da verdade, mesmo quando ela fere.

Teg esfregou os lábios. O desejo de falar era muito forte, mas ainda não estava na hora do mergulho.

— O fato de eu ter pensado em matar Schwangyu não o surpreende?

Teg manteve-se rígido. Mesmo que sacudisse a cabeça, isso seria tomado como resposta.

— Pensei em deixar cair alguma coisa na bebida dela, mas essa seria uma forma covarde e eu não sou covarde. Seja eu o que for, isso não sou.

Teg continuou silencioso e imóvel.

— Acho que se importa realmente com o que me acontecer, *Bashar*. Mas tem razão quando diz que nunca seremos camaradas. Se eu sobreviver, vou superá-lo.

Então... será tarde demais para sermos camaradas. Falou a verdade.

Teg foi incapaz de evitar a reação *Mentat* de respirar fundo: não havia como evitar os sinais de força desse *ghola*. Em algum momento recente, talvez ali mesmo naquela alcova, o jovem deixara de ser jovem e se tornara um homem. A percepção desse detalhe entristeceu Teg. Fora tudo tão rápido! Não houvera um crescimento normal, intermediário.

— Lucilla não se importa com o que aconteça comigo, do modo como faz —

continuou Duncan. — Ela apenas segue as ordens que recebeu da Madre Superiora Taraza.

“Ainda não!” Teg acautelou-se. Umedeceu os lábios com a língua.

— O senhor tem obstruído as ordens que Lucilla recebeu — continuou Duncan. — Que é que ela devia fazer comigo?

O momento chegara.

— Que acha que lhe ordenaram fazer? — perguntou Teg.

— Não sei!

— O Duncan Idaho original saberia.

— Você sabe! Por que não me diz?

— Só devo ajudá-lo a restaurar suas memórias originais.

— Então faça isso!

— Só você pode fazer isso.

— Não sei como!

Teg inclinou-se para a frente, colocando-se na beira de sua cadeira, mas não disse coisa alguma. “Ponto de mergulho?” Ele sentia a falta de alguma coisa no desespero de Duncan.

— Sabe que posso ler nos lábios, senhor — disse o *ghola*. — Uma vez subi na torre-observatório e observei Lucilla e Schwangyu lá embaixo, conversando.

Schwangyu dizia: “Não se importe por ele ser tão jovem. Você recebeu suas ordens.”

Mais uma vez, mantendo um silêncio cauteloso, Teg olhou para Duncan. Era típico dele mover-se secretamente pelo Castelo, espionando, buscando reunir conhecimentos. E ele se colocara naquela posição pensativa de novo, sem perceber que continuava espionando e buscando respostas... de um modo diferente.

— Não creio que quisessem que ela me matasse — acrescentou ele. — Mas o senhor sabe o que ela deveria fazer porque tem estado a impedi-la. — Duncan bateu com um punho em cima da mesa. — Responda-me, maldito!

“Ahh, o desespero completo, afinal.”

— Só posso dizer-lhe que aquilo que ela planeja entra em conflito com minhas ordens. Recebi ordens de Taraza para lhe dar forças e protegê-lo de qualquer dano.

— Mas disse que meu treinamento foi... falho!

— Algo necessário. Ele foi concebido no sentido de prepará-lo para suas memórias originais.

— E que esperam que eu faça?

— Você já sabe.

— Não, não sei. Por favor; ensine-me!

— Você fez muitas coisas sem precisar que o ensinassem a fazê-las. Será que lhe ensinamos a desobediência?

— Por favor, ajude-me!

O pedido era um gemido desesperado.

Teg forçou-se a manter um gélido distanciamento.

— Que diabos você pensa que estou fazendo?

Duncan comprimiu os punhos e com eles golpeou a mesa, fazendo a xícara pular. Olhou furioso para Teg. De repente, uma expressão curiosa surgiu no rosto do rapaz — uma coisa indagadora em seus olhos.

— Quem é você? — sussurrou.

“A pergunta-chave!”

A voz de Teg foi como um chicote atingindo subitamente uma vítima indefesa:

— Quem você pensa que sou?

Uma expressão de total desespero contorceu as feições de Duncan, que só conseguiu balbuciar:

— O senhor é... o senhor é...

— Duncan! Pare com essa tolice!

Teg ficou de pé e olhou para ele com uma raiva fingida.

— O senhor é...

A mão direita de Teg disparou num arco rapidíssimo, a palma aberta estalando na face do rapaz.

— Como se atreve a me desobedecer? — Outro tapa com a mão esquerda. —

Como se atreve?

Duncan reagiu tão rapidamente que Teg experimentou um instante eletrizante de choque absoluto. “Que velocidade!” Embora fossem movimentos isolados ocorreram num único borrão indistinto: um salto para cima, apoiando os pés na cadeira, balançando a cadeira e usando esse movimento para golpear com o braço direito na direção dos nervos vulneráveis do ombro de Teg.

Respondendo com seus instintos treinados, Teg esquivou-se de lado e lançou a perna esquerda sobre a mesa, visando a virilha de Duncan. Mesmo assim Teg não escapou totalmente do golpe, O lado da mão do rapaz continuou o golpe para baixo, atingindo de lado o joelho da perna que Teg usara para golpear. Isso deixou-lhe a perna inteira dormente.

Duncan caiu esparramado em cima da mesa, tentando esquivar-se para o lado, apesar do pontapé paralisante que tinha recebido. Teg apoiou-se com a mão esquerda na mesa e, com a outra mão, deu uma cutelada na base da espinha de Duncan, no *nexus* deliberadamente enfraquecido pelos exercícios dos últimos dias.

Duncan gemeu enquanto uma agonia paralisante lhe dominava o corpo. Outra pessoa teria ficado imobilizada, gritando, mas Duncan apenas gemeu enquanto rastejava em direção a Teg para continuar seu ataque, Implacável diante das necessidades daquele momento, Teg continuou em sua tarefa de criar a maior dor possível para sua vitima, certificando-se de que o rapaz visse e face de seu atacante em cada instante de agonia extrema.

— Vigie os olhos dele! — advertira Bellonda. E, reforçando as instruções, ela dissera: — Seus olhos vão parecer enxergar através de você, mas ele vai chamá-lo de Leto.

Mais tarde Teg achou difícil lembrar cada detalhe de sua obediência ao processo de despertar. Sabia que tinha continuado a agir como fora ordenado, mas suas memórias se foram para outro lugar, deixando a carne livre para fazer o que era preciso. Curiosamente, esse truque mental fixou-se em outro ato de desobediência: a Revolta de Cerbol, quando Teg estava na meia-idade mas já era um *Bashar* de considerável reputação. Ele tinha vestido seu melhor uniforme, sem as medalhas (toque sutil), e se apresentara ante o calor escaldante dos campos arados pela batalha em Cerbol. Completamente desarmado no caminho do avanço rebelde.

Muitos dos atacantes deviam-lhe suas vidas. A maioria lhe emprestara a lealdade mais profunda em outras ocasiões. Agora se encontravam tomados da mais violenta desobediência. E a presença de Teg em seu caminho dizia o seguinte àqueles soldados que avançavam:

“Eu não estou usando as medalhas que revelam o que fiz por vocês quando fomos camaradas. Não uso nada que diga que sou um de vocês. Só o uniforme que revela ainda ser o *Bashar*. Matem-me, se chegaram a esse ponto em sua desobediência.”

Quando a maior parte da força atacante jogou as armas no chão e veio ao encontro dele, alguns comandantes ajoelharam-se para demonstrar respeito ante o

velho *Bashar*, e ele os censurou:

— Não precisam curvar-se ou se ajoelhar diante de mim! Seus novos lideres lhes ensinaram maus hábitos.

Mais tarde ele contou aos rebeldes que compartilhava com eles algumas de suas queixas. Cerbol tinha sido muito prejudicado. Mas também os advertiu:

— Uma das coisas mais perigosas no universo é um povo ignorante que sofre injustiças reais. Mais isso não é nem de longe tão perigoso quanto uma sociedade de gente inteligente e bem-informada que tenha sido injustiçada. O dano que uma inteligência vingativa pode realizar é algo que vocês nem podem imaginar. O Tirano pareceria uma figura paternal, benevolente, diante daquilo que estiveram a ponto de criar!

Era tudo verdadeiro, é claro, mas no contexto da *Bene Gesserit* esses pensamentos ajudavam muito pouco diante daquilo que lhe haviam ordenado que fizessem com o *ghola* Duncan Idaho — criar a agonia física e mental numa vítima quase indefesa.

Era mais fácil lembrar o olhar de Duncan. Os olhos dele não perderam o foco, olhando cheios de ódio para o rosto de Teg, mesmo no instante do grito final:

— Maldito seja, Leto! Que você está fazendo?

“Ele me chamou de Leto.”

Trêmulo, Teg recuou, dois passos. Sua perna esquerda doía e formigava no ponto onde Duncan o tinha golpeado. Teg percebeu então que estava ofegante, no fim de suas reservas de resistência física. Era muito velho para um esforço dessa natureza, e a coisa toda o deixara sentindo-se imundo. O processo de despertar estava completamente fixo em sua consciência, todavia. Sabia que em outra época os *gholas* tinham sido acordados através de um condicionamento que os levava a, inconscientemente, tentar matar

alguém a quem amavam. A psique do *ghola*, despedaçada e forçada a se recompor, ficava sempre danificada com um trauma. Essa nova técnica deixava as cicatrizes na pessoa que dirigia o processo.

Lentamente, movendo-se contra a vontade de músculos e nervos entorpecidos pela agonia, Duncan escorregou para trás, saindo de cima da mesa e se apoiando de encontro à cadeira onde estivera sentado. Trêmulo, olhava para Teg.

As instruções de Teg diziam: “Você deve ficar muito quieto. Não se mova.

Deixe que ele o observe à vontade.”

E Teg ficou imóvel como lhe mandaram. A memória da Revolta do Cerbol deixou sua mente: sabia o que tinha feito agora e naquela ocasião. De certo modo, as duas situações eram semelhantes. Não tinha revelado aos rebeldes nenhuma verdade derradeira (se é que tal coisa existia), somente o suficiente para os atrair de volta ao sistema. A dor e suas conseqüências previsíveis: “Isto é para o seu próprio bem.”

Seria realmente para o bem o que tinham feito com esse *ghola* Duncan Idaho?

Teg perguntava-se o que estaria acontecendo na consciência de Duncan naquele momento. Tinham lhe contado tudo que se sabia sobre esses momentos, mas

podia ver que as palavras eram inadequadas para descrever o que acontecia. A face e os olhos do rapaz forneciam amostras mais que evidentes de uma violenta confusão mental — horríveis contorções da boca e da face, olhos desviando-se para lá e para cá.

De um modo estranho por sua lentidão, o rosto de Duncan relaxou. O corpo continuou a tremer. Ele sentia a dor pulsante em seu corpo como uma coisa distante, como dores lancinantes que tinham sido

infligidas e outra pessoa, não a ele. Estava ali, entretanto, nesse momento imediato — onde quer e quando quer que fosse. Mas suas memórias não se encaixavam. Sentia-se subitamente deslocado, habitando um corpo muito jovem que não se enquadrava em sua existência pré- *ghola*. A consciência que saltava de um lugar para outro permanecia subjetiva agora. Não havia mais indícios externos do que ocorria em sua mente.

Os instrutores de Teg tinham-lhe explicado:

— Ele terá filtros do tipo que é imposto aos *gholas* sobre suas memórias anteriores. Algumas delas fluirão de volta imediatamente. Outras vão retornar com mais lentidão. Não haverá enquadramento, contudo, até que ele se lembre do momento de sua morte original.

Bellonda fornecera a Teg os detalhes conhecidos a respeito desse instante fatal.

— Sardaukar — sussurrou o Duncan. Ele olhou à sua volta para os símbolos Harkonnen que permeavam o não-globo. — As tropas de choque do Imperador usando uniformes dos Harkonnen! — Um sorriso malévolo contorceu-lhe a boca. —

Como eles devem ter odiado aquilo!

Teg continuou quieto, vigilante.

— Eles me mataram — disse o rapaz. Era uma declaração totalmente destituída de emoção, ainda mais arrepiante por sua aceitação positiva. Um tremor violento passou por seu corpo, depois todos os tremores cessaram. — Havia pelo menos uma dúzia deles naquela salinha. — Olhou diretamente para Teg e continuou:

— Um deles me pegou, atingindo-me na cabeça com algo como um machado de cortar carne. — Hesitou, a garganta movendo-se convulsivamente. O olhar permanecia em Teg. — Consegui dar a Paul tempo suficiente para escapar?

“Responda todas as perguntas dele com sinceridade.”

— Ele escapou.

Agora vinha o momento de teste. Onde é que os *Tleilaxu* teriam adquirido as células de Idaho? Os testes da Irmandade diziam que elas eram originais, mas as suspeitas permaneciam. Os *Tleilaxu* tinham feito alguma coisa com esse *ghola*. Suas memórias poderiam dar uma pista valiosa do que fora feito.

— Mas os Harkonnen... — Duncan interrompeu-se. As memórias do tempo passado no Castelo voltavam agora. — Oh, sim. Oh, sim! — Uma gargalhada feroz estremeceu-lhe o corpo. Duncan lançou um violento grito de vitória contra o Barão Vladimir Harkonnen, morto há milênios: — Eu lhe dei o troco, Barão! Ah, como eu vinguei todos aqueles que destruiu!

— Você se lembra do Castelo e das coisas que lhe ensinamos? — perguntou Teg.

Uma expressão intrigada franziu a testa de Duncan. A dor emocional entrou em choque com as dores físicas. Ele assentiu com a cabeça em resposta à pergunta de Teg. Havia duas vidas, uma que fora isolada além dos tanques *axlotl* e outra... outra...

Duncan sentia-se incompleto. Alguma coisa permanecia reprimida dentro dele. O

despertar ainda não terminara. Olhou furioso para Teg. Haveria mais? Teg tinha sido tão brutal. Brutalidade necessária? Era desse modo que se restaurava um *ghola*?

— Eu...

Duncan sacudiu a cabeça de um lado para o outro, como um grande animal ferido diante de seu caçador.

— Você conserva todas as suas memórias? — insistiu Teg.

— Todas? Oh, sim. Eu me lembro de Gammu quando ainda era Giedi Prime, o buraco infernal, encharcado de sangue e óleo, que pertencia ao Império! Sim, de fato, *Bashar*. Fui seu aluno, um aluno muito consciente de seus deveres. Comandante de Regimento!

Novamente ele riu, lançando a cabeça para trás num gesto curiosamente adulto para um corpo tão jovem.

Teg experimentou a súbita liberação de uma satisfação profunda, mais profunda que o alívio. Tinha funcionado como lhe haviam dito que iria funcionar.

— Você me odeia? — perguntou ele.

— Odiá-lo? Não lhe disse que lhe seria grato?

De repente Duncan ergueu as mãos e olhou para elas. Voltou sua atenção para o corpo jovem.

— Que tentação! — murmurou. Deixou cair as mãos e observou o rosto de Teg, buscando os traços de identidade. — Atreides — comentou. — Vocês são todos tão parecidos!

— Nem todos — disse Teg.

— Não estou falando de aparência física, *Bashar*. — Os olhos dele se desfocaram. — Perguntei minha idade. — Houve um longo silêncio e então: —

Deuses das profundezas! Tanto tempo se passou!

Teg disse aquilo que lhe tinham instruído a dizer:

— A Irmandade precisa de você.

— Neste corpo imaturo? E que querem que eu faça?

— Na verdade não sei, Duncan. O corpo vai amadurecer e presumo que uma Reverenda Madre lhe explicará tudo.

— Lucilla?

De súbito, Duncan olhou para o teto decorado, então para a alcova e o relógio barroco. Lembrava-se de ter chegado ali em companhia de Teg e Lucilla. O lugar era o mesmo, mas de algum modo se tornara diferente.

— Os Harkonnen — sussurrou. Lançou um olhar zangado na direção de Teg.

— Tem idéia de quantas pessoas da minha família os Harkonnen torturaram e mataram?

— Uma das arquivistas de Taraza forneceu-me um relatório.

— Relatório? E pensa que palavras podem transmitir o sentimento de uma coisa dessas?

— Não, mas era a única resposta que eu tinha para a sua pergunta.

— Maldição, *Bashar*! Por que vocês Atreides precisam ser sempre tão honestos e honrados?

— Creio que é alguma coisa que foi gerada em nós.

— Isso é verdade.

A voz de Lucilla os surpreendeu, vinda de um ponto atrás de Teg.

Teg não se voltou. Quanto será que ela tinha ouvido da conversa? Há quanto tempo estaria escutando?

Lucilla veio posicionar-se ao lado de Teg, mas sua atenção concentrava-se no Duncan.

— Percebo que você conseguiu, Miles.

— As ordens de Taraza foram cumpridas à risca — disse Teg.

— Você foi muito hábil, Miles — ela disse. — Muito mais esperto do que suspeitei que fosse. Aquela sua mãe devia ter sido severamente punida pelo que lhe ensinou.

— Ah, Lucilla, a sedutora — exclamou Duncan. Olhou para Teg e então voltou sua atenção para Lucila. — Sim, agora posso responder a outra pergunta... o que ela deve fazer.

— Elas são chamadas Impressoras — disse Teg.

— Miles — advertiu Lucilla —, se você dificultou minha tarefa a ponto de impedir que eu cumpra minhas ordens, farei com que seja assado num espeto.

O tom destituído de emoção da voz dela fez Teg estremecer. Sabia que a ameaça era uma metáfora, mas as implicações eram reais.

— Um banquete punitivo! — comentou Duncan. — Que ótimo!

Teg voltou sua atenção para Duncan.

— Não há nada romântico naquilo que fizemos a você, Duncan. Eu assessorei a *Bene Gesserit* em mais de uma missão que me fez sentir sujo, mas nunca tão sujo quanto agora.

— Silêncio! — ordenou Lucilla.

Usava a plena força da Voz em seu comando.

Teg deixou aquilo fluir e passar através dele como sua mãe lhe ensinara e então disse:

— Aqueles entre nós que dedicam sua verdadeira lealdade à *Bene Gesserit* têm apenas uma preocupação: assegurar a sobrevivência da Irmandade. Não a de qualquer indivíduo em especial, mas da Irmandade em si. Mentiras, desonestidades são palavras vazias quando está em jogo a sobrevivência da *Bene Gesserit*.

— Maldita seja aquela sua mãe, Miles!

Lucilla fez-lhe o cumprimento de não ocultar a raiva que sentia.

Duncan olhou para ela. Quem seria? Lucilla? Sentiu suas memórias se agitarem. Lucilla não era a mesma pessoa... não exatamente a mesma... entretanto...

fragmentos, partes, eram idênticas. A voz dela, suas feições. Subitamente ele viu de novo o rosto de mulher que tinha vislumbrado na parede de seu quarto no Castelo.

— Duncan, meu doce Duncan.

As lágrimas fluíram em seu olhos. Sua própria mãe — outra vitima dos Harkonnen. Torturada... quem sabia mais o quê? Para nunca mais ser vista novamente pelo seu “doce Duncan”.

— Deuses, gostaria de ter um deles em minhas mãos para matá-lo agora mesmo — gemeu.

Uma vez mais focalizou sua atenção em Lucilla. As lágrimas em seus olhos borravam as feições, tornando a comparação mais fácil. A face de Lucilla encaixava-se na de Lady Jessica, a amada de Leto Atreides. Duncan olhou de novo para Teg e para Lucilla, sacudindo as lágrimas de seus olhos enquanto movia a cabeça. Os rostos em sua memória dissolveram-se, revelando a verdadeira Lucilla diante dele...

Similaridades... mas nunca mais exatamente a mesma coisa. Nunca mais a mesma.

“Impressora”

Podia adivinhar o significado. Uma revolta típica de um Duncan Idaho ergueu-se dentro dele.

— É o meu filho que você quer em seu ventre, Impressora? Sei que não são chamadas de Madres por acaso.

Com a voz gélida, Lucilla respondeu:

— Vamos discutir isso em outra ocasião.

— Vamos discutir num lugar adequado. Talvez eu lhe cante uma canção. Não vai ser uma canção tão boa quanto o velho Gurney Halleck lhe cantaria, mas o suficiente para prepará-la para um pouco de esporte na cama.

— Você acha tudo isso muito divertido, não? — perguntou ela.

— Divertido? Não, mas me lembra o Gurney. Diga-me, *Bashar*, você o trouxe de volta à vida também?

— Não que eu saiba — respondeu Teg.

— Ah, aquele era um homem que sabia cantar. Podia matar você enquanto cantava, sem errar uma nota.

Com a voz ainda gelada, Lucilla disse:

— Nós da *Bene Gesserit* aprendemos a evitar a música. Ela evoca muitas emoções confusas. Memórias de emoções, é claro.

Queria deixá-lo admirado com a lembrança de todas as Outras Memórias e dos poderes *Bene Gesserit* que a menção a esse aspecto podia evocar, mas Duncan apenas riu alto.

— Que vergonha — ele disse. — Vocês perdem tanta coisa da vida. — E

dizendo isso começou a cantarolar um velho refrão de Halleck:

“Tropas em revista, tropas que há muito passaram em revista...”

Entretanto sua mente voava para outro lugar, na rica agitação de momentos renascidos. Uma vez mais se sentiu ávido por tocar algo muito poderoso que permanecia sepultado dentro dele. O que quer que fosse era algo violento e tinha relação com Lucilla, a Impressora. Em sua imaginação ele a viu morta, banhada no próprio sangue.

As pessoas sempre desejam algo mais que o simples prazer imediato ou aquele sentimento profundo que se chama felicidade. Esse é um dos segredos através dos quais moldamos a realização de nossos objetivos. Esse algo mais assume um poder crescente entre as pessoas que não podem identifica-lo, ou que (como é mais freqüente) nem mesmo suspeitam de sua existência. A maioria das pessoas apenas reage inconscientemente a tais forças ocultas. Assim, só precisamos apresentar-lhes um algo mais bem adequado, defini-lo, dar-lhe forma, para fazer com que as pessoas nos sigam.

— *Segredos da Liderança da Bene Gesserit*

Com um silencioso Waff avançando 20 passos adiante delas, Odrade e Sheeana caminhavam por uma estrada orlada por ervas ao lado de um pátio de armazenagem de especiaria. Todos usavam mantos novos para o deserto e brilhantes trajes destiladores. A cerca cinzenta de nulplaz, que definia os limites do pátio, apresentava fragmentos de grama e sementes algodoadas presas em sua trama.

Olhando para as sementes, Odrade pensou nelas como formas de vida tentando escapar à intervenção humana.

Atrás do grupo, os prédios maciços que tinham sido erguidos em torno de Dar-es-Balat cozinhavam ao sol da tarde. O ar quente e seco queimava as gargantas quando inalado muito depressa. Odrade sentia vertigem e uma espécie de luta contra si mesma. A sede a incomodava e ela caminhava como se estivesse se equilibrando à beira de um precipício. A situação que tinha criado a partir de uma ordem de Taraza poderia explodir a qualquer momento.

“Como é frágil este equilíbrio.”

Três forças equilibradas sem que nenhuma apoiasse qualquer das outras, unidas apenas por interesses que poderiam mudar a qualquer instante e desfazer essa aliança. Os militares enviados por Taraza não tranqüilizavam Odrade nem um pouco.

Onde estaria Teg? E Burzmali? E, quanto a isso, onde estaria o *ghola*? Deveria estar ali agora mesmo. Por que ela teria recebido ordens para atrasar tudo?

A aventura de hoje certamente iria atrasar tudo! Embora tivesse a aprovação de Taraza, Odrade achava que essa excursão ao deserto dos vermes poderia produzir um atraso permanente. E havia Waff. Se ele sobrevivesse, restariam peças que

pudessem ser reunidas para formar um todo?

A despeito das aplicações curativas dos melhores amplificadores de fusão da Irmandade, Waff dizia que seus braços ainda doíam onde Odrade os quebrara. Não estava se queixando, apenas fornecia informação. Aparentemente aceitara a frágil aliança, e até as modificações que agora incluíam o clero Rakiano. Sentia-se tranqüilo pelo fato de um de seus Dançarinos Faciais ocupar o trono de Alto Sacerdote, sob o disfarce de Tuek. Waff falara com autoridade ao exigir às “madres procriadoras”, que a *Bene Gesserit* lhe prometera e agora negava, como parte de um acordo ainda não cumprido.

— É apenas um pequeno atraso — explicara Odrade — enquanto a Irmandade revê os termos do novo acordo. Enquanto isso...

Hoje era o “enquanto isso”.

Odrade pôs de lado as objeções e as dúvidas e começou a se colocar no estado de espírito adequado para essa aventura. Waff a fascinava com seu comportamento, especialmente a reação que tivera ao conhecer Sheeana: uma reação temerosa e mais que apenas um pouco admirada.

“A enviada do seu Profeta.”

Odrade olhou para o lado, observando a jovem que caminhava compenetrada ao lado dela — ali estava o ponto de apoio para

equilibrar todos esses acontecimentos de acordo com o propósito da *Bene Gesserit*.

A descoberta, pela Irmandade, do verdadeiro motivo a governar o comportamento dos *Tleilaxu* deixava Odrade excitada. A fanática "verdadeira fé" de Waff ganhava forma a cada nova resposta dele. Odrade sentia-se feliz em poder estar ali, estudando um Mestre *Tleilaxu* num cenário religioso. O próprio cascalho sob os pés de Waff induzia a comportamentos que ela era capaz de identificar, pois fora treinada para isso.

"Devíamos ter calculado isso", pensou Odrade. "As manipulações de nossa própria Missionaria Protectiva deviam ter nos indicado como os *Tleilaxu* conseguiram aquilo: revelando-se apenas para si mesmos, mantendo segredo, bloqueando qualquer tipo de intromissão durante todos esses milênios."

Eles não pareciam ter copiado a estrutura da *Bene Gesserit*. E que outra força poderia realizar coisa semelhante? Uma religião. A Grande Fé!

"A menos que os *Tleilaxu* estejam usando seu sistema de *ghola* s para obter algum tipo de imortalidade."

Taraza poderia estar certa. Mestres *Tleilaxu* reincarnados não seriam como Reverendas Madres — não haveria Outras Memórias, apenas memórias pessoais. Mas prolongadas!

"Fascinante!"

Odrade olhou para as costas de Waff. "Trabalhador." A denominação parecia encaixar-se naturalmente nele. Lembrava-se de tê-lo ouvido chamar Sheeana de

"Alyama". Outra confirmação lingüística quanto à Grande Crença de Waff.

Significava “A Abençoada”. Os *Tleilaxu* tinham mantido uma linguagem ancestral não somente viva, mas imutável.

Será que Waff sabia que somente as forças poderosas como as religiões eram capazes de realizar isso?

“Nós temos a nosso alcance as raízes de sua obsessão, Waff! Não é muito diferente de algumas que nós mesmas criamos. Sabemos como manipular tais coisas para os nossos propósitos.”

O comunicado de Taraza queimou na consciência de Odrade: “O plano dos *Tleilaxu* é transparente: ascendência. O universo humano deve ser transformado num universo *Tleilaxu*. Eles não podem esperar alcançar semelhante objetivo sem a ajuda dos Dispersos. Daí...”

O raciocínio de uma Madre Superiora não podia ser desconsiderado. Mesmo a oposição, dentro do grande cisma que ameaçava despedaçar a Irmandade, tinha concordado. Mas o pensamento de todas aquelas massas humanas da Dispersão, seus números explodindo exponencialmente, produzia um solitário sentimento de desespero em Odrade.

“Somos tão poucas comparadas com eles.”

Sheeana deteve-se e pegou um cascalho. Observou-o por um momento e então o atirou na cerca ao lado deles. A pedra voou entre as tramas do gradil sem tocá-lo.

Odrade controlou seus pensamentos. Os sons de seus passos na areia que o vento lançara sobre a rodovia pouco usada pareceu-lhe subitamente muito alto. A ponte estreita que conduzia por sobre o anel de *qanats* de Dar-es-Balat encontrava-se a não mais de 200 passos adiante, no fim da estrada estreita.

Sheeana disse:

— Estou fazendo isso porque ordenou, Madre. Mas ainda não sei para que serve.

“Porque este é o ponto onde testaremos Waff e, através dele, moldaremos os *Tleilaxu* à nossa vontade.”

— É uma demonstração — explicou Odrade.

Isso era verdade. Não era toda a verdade, mas servia.

Sheeana caminhava de cabeça baixa, olhando para o chão, o olhar atento onde colocava cada pé. Seria desse modo que ela sempre se aproximava do seu *Shaitan*?, perguntou-se Odrade. Pensativa e distante?

Odrade ouviu o fraco bater das asas de um ornitóptero bem alto e atrás dela.

As aeronaves de vigia estavam chegando. Iriam manter-se distantes enquanto muitos olhos observavam essa demonstração.

— Eu vou dançar — disse Sheeana. — Isso geralmente chama um dos grandes.

Odrade sentiu as batidas de seu coração se acelerarem. Será que “o grande” iria continuar a obedecer Sheeana a despeito da presença de dois companheiros?

“Isto parece uma loucura suicida!”

Mas tinha que ser feito: ordens de Taraza.

Odrade olhou para o pátio do depósito de especiaria, cercado pela cerca atrás deles. O lugar parecia estranhamente familiar. Mais que *deja vu*. Era uma certeza interior formada pelas Outras Memórias a lhe revelarem que esse lugar permanecia imutável desde uma época muito distante. O projeto dos silos de especiaria naquele pátio era tão velho quanto Rakis: tanques ovais suspensos em altas pernas como se fossem insetos de metal e plaz aguardando sobre

membros compridos para saltarem sobre suas presas. Ela suspeitava de uma mensagem inconsciente da parte dos projetistas originais: “A melange é tanto a bênção quanto a perdição.”

Debaixo dos silos havia um deserto arenoso onde não se permitia que nada crescesse junto aos prédios de paredes de barro. Ali, um braço de Dar-es-Balat se estendia como o pseudópode de uma ameba tentando alcançar a borda do qanat. O

não-globo do Tirano, escondido há tanto tempo, tinha produzido uma fervilhante comunidade religiosa que escondia a maior parte de suas atividades atrás de paredes sem janelas e sob o solo.

“Como nossos desejos inconscientes, agindo secretamente!”

Sheeana falou novamente:

— Tuek está diferente, — Odrade viu a cabeça de Waff erguer-se abruptamente, Ele tinha ouvido e devia estar pensando: “Poderemos ocultar alguma coisa da mensageira do Profeta?”

Gente demais sabia da existência de um Dançarino Facial tomando o lugar de Tuek, pensou Odrade. O clero, é claro, acreditava estar dando ao *Tleilaxu* corda suficiente para ele enforcar não apenas a *Bene Tleilax*, mas também a *Bene Gesserit*.

Odrade sentiu o odor pungente dos produtos químicos usados para matar a vegetação do pátio de armazenagem. Os odores forçavam sua atenção de volta à questão das necessidades imediatas. Ela não se atrevia a mergulhar em devanejos ali!

Seria muito fácil para a Irmandade acabar apanhada em sua própria armadilha.

Sheeana tropeçou e deu um gritinho, mais de raiva que de dor. Waff voltou a cabeça bruscamente e olhou para Sheeana antes de voltar sua atenção para a estrada.

A criança apenas tropeçara numa fenda do calçamento, percebeu. A areia soprada pelo vento escondia os lugares onde o piso tinha rachado. A estrutura etérea da ponte adiante deles parecia bastante sólida, entretanto. Não era substancial o suficiente para suportar um dos descendentes do Profeta, porém mais que suficiente para um suplicante humano atravessá-la em direção ao deserto.

Waff via a si mesmo como um suplicante.

“Venho como um mendigo à terra do teu mensageiro, ó Deus!”

Ele tinha suas suspeitas com relação a Odrade. A Reverenda Madre o levara até ali para esgotá-lo de seus conhecimentos antes de matá-lo. “Com a ajuda de Deus, ainda poderei surpreendê-la.” Sabia que seu corpo era à prova de uma Sonda Ixiana, embora ela, obviamente, não carregasse consigo um engenho tão grande e desajeitado.

Mas a força de sua vontade e a confiança que tinha na graça de Deus é que tranqüilizavam Waff.

“E se a mão que elas nos estendem estiver oferecendo a sinceridade?”

Isso também seria obra de Deus.

Aliança com a *Bene Gesserit*, controle firme sobre Rakis: que sonho maravilhoso isso não era! A ascendência de *Shariat*, afinal, com as *Bene Gesserit* agindo como suas missionárias.

Quando Sheeana tropeçou novamente, e emitiu outro queixume, Odrade disse:

— Não seja auto-indulgente, criança!

Ela viu os ombros de Waff enrijecerem-se. Ele não gostava de ouvir esse tom autoritário sendo usado em relação à sua “Abençoada”. Havia uma força dentro desse homenzinho que Odrade reconhecia

como sendo a força do fanatismo. Mesmo que o verme investisse para matá-lo, Waff não correria. A fé em seu Deus o levaria diretamente para a morte — a menos que se abalasse a sua crença.

Odrade reprimiu um sorriso. Podia seguir-lhe os processos mentais:

“Deus logo revelará o Seu Propósito.”

Mas Waff estava pensando em suas células crescendo na lenta renovação de Bandalong. Não importava o que acontecesse ali, suas células continuariam para realizar os propósitos da *Bene Tleilax*... e de Deus. Waffs produzidos em série para ser vir a Grande Crença.

— Posso sentir o cheiro de *Shaitan*, sabe? — disse Sheeana.

— Está sentindo agora?

Odrade olhou para a ponte diante deles. Waff já se encontrava sobre a superfície arqueada.

— Não, só sinto quando ele vem — respondeu Sheeana.

— É claro, criança, qualquer um pode sentir o cheiro.

— Mas eu posso farejá-lo a grande distância.

Odrade inalou profundamente, separando os odores do ambiente do cheiro onipresente de pó de pedra queimado: Havia fracos perfumes de melange... ozônio, alguma coisa distintamente ácida. Fez sinal para que Sheeana fosse na frente dela, em fila única sobre a ponte. Waff mantinha-se uns 20 passos à frente. A ponte mergulhava no deserto, uns 60 metros adiante.

“Vou provar a areia na primeira oportunidade”, pensou Odrade. “Isso me dirá muitas coisas.”

Enquanto chegava ao centro da ponte, sobre o fosso inundado de água, Odrade olhou para uma barreira comprida ao longo do

horizonte, na direção sudoeste. E de repente foi confrontada por uma Outra Memória poderosa. Nada havia da nitidez existente em sua visão presente, mas ele reconheceu assim mesmo —

uma mistura de imagens provenientes de outras fontes sepultadas profundamente dentro dela.

“Maldição!”, pensou. “Agora não.”

Mas não havia como escapar. Tal intrusão em seus pensamentos vinha com um propósito, exigindo de modo inevitável a atenção de sua consciência.

“Cuidado!”

Ela fitou o horizonte distante, permitindo que a Outra Memória se sobrepusesse: havia uma barreira muito alta, lá longe, há muito tempo.. Havia gente caminhando no topo. E uma ponte delgada, bela e insubstancial na distância desta memória. Ligava uma das partes da barreira desaparecida à outra, e ela sabia, mesmo sem ver, que um rio fluíra embaixo da ponte há tanto tempo desaparecida. O rio Idaho! Agora a imagem sobreposta em sua consciência ganhava movimento: havia objetos caindo da ponte. Estavam muito distantes para que pudesse identificá-los, mas já tinha os rótulos adequados para essa projeção de imagens. Com um sentimento de horror e excitação, identificou a cena.

A ponte etérea estava desabando! Caindo no rio.

Não era uma visão de destruição acidental. Tratava-se de uma imagem clássica de violência que inúmeras memórias ainda carregavam, a qual lhe viera em seus momentos de agonia da especiaria. Odrade podia classificar todos os componentes da imagem tão bem sintonizada: milhares de ancestrais seus tinham observado essa cena em reconstituições imaginadas. Não uma memória visual real, mas uma montagem de relatórios precisos.

“Foi lá que aconteceu!”

Odrade parou e deixou que as projeções de imagens se firmassem em sua consciência. “Cuidado!” Algo de perigoso fora identificado, mas ela não tentou penetrar na substância do aviso. Se o fizesse, ele se dissociaria em diversos elementos, qualquer um dos quais podendo ser relevante, e a certeza original desapareceria.

Aquela coisa que acontecera lá no horizonte ficara marcada na história. Leto II, o Tirano, tinha caído para se dissolver do alto daquela ponte etérea. O grande verme de Rakis, o Imperador-Deus, o Tirano em pessoa, fora derrubado do alto da ponte durante sua peregrinação nupcial.

E ali! Ali mesmo no rio Idaho, debaixo da ponte destruída, o Tirano submergira em sua própria agonia. Ali mesmo ocorrera a transformação de que nascera o Deus Dividido... tudo começara ali.

“Por que este aviso?”

A ponte e o rio há muito tinham desaparecido dessa terra. A alta muralha que cercava o deserto do Tirano, o Sareer, sofrera a erosão, fragmentando-se até se tornar aquela linha de montículos num horizonte trêmulo de calor.

E se um verme viesse, portanto sua pérola de memória encapsulada do Tirano, presa de um sonho eterno, será que essa memória seria perigosa? Era o que argumentava a facção que se opunha a Taraza no seio da Irmandade.

“Ele despertará!”

Taraza e suas assessoras negavam até mesmo a possibilidade de que tal coisa ocorresse.

Ainda assim, esse alarme disparando nas Outras Memórias de Odrade não poderia ser ignorado.

— Reverenda Madre, por que paramos?

Odrade sentiu sua consciência saltar de volta para o presente imediato, exigindo sua atenção. Lá, naquela visão de advertência, o sonho interminável do Tirano tinha começado, mas outros sonhos agora competiam pelo espaço. Sheeana estava diante dela com uma expressão intrigada.

— Eu estava olhando para lá — explicou Odrade, apontando. — Foi lá que surgiu o *Shai-hulud*, Sheeana.

Waff tinha parado na extremidade da ponte, a um passo da areia cada vez mais funda, e agora uns 40 passos à frente de Sheeana e Odrade. A voz dela colocou-o imediatamente alerta, mas ele não se virou. Odrade poderia perceber o desprazer que sua postura revelava. Waff não gostava do menor sinal de cinismo dirigido contra o seu Profeta. Sempre suspeitara do cinismo das Reverendas Madres. Especialmente com relação a questões religiosas. Ainda não estava pronto para aceitar que um inimigo tão temido e há tanto tempo detestado quanto a *Bene Gesserit* pudesse partilhar de sua Grande Crença. Essa questão teria que ser examinada com muito cuidado —

como sempre se fizera com relação à Missionaria Protectiva.

— Dizem que havia um grande rio lá — comentou Sheeana.

Odrade percebeu o tom de desprezo na voz de Sheeana. A menina aprendia rápido! Waff voltou-se e olhou para elas carrancudo. Tinha ouvido também. Que estaria pensando agora com relação a Sheeana?

Odrade segurou um dos ombros de Sheeana e apontou com a outra mão.

— Havia uma ponte bem ali. A grande muralha do Sareer foi deixada aberta naquele ponto para permitir a passagem do rio Idaho. A ponte saltava por sobre essa falha.

Sheeana suspirou.

— Um rio de verdade — comentou baixinho.

— Não era um *qanat*, mas era muito grande para ser um canal — comentou Odrade.

— Eu nunca vi um rio — disse Sheeana.

— Foi ali que jogaram o *Shai-hulud* no rio — explicou Odrade, gesticulando para a esquerda. — Daquele lado, a muitos quilômetros naquela direção, ele construiu seu palácio.

— Não há nada lá, a não ser areia — comentou Sheeana.

— O palácio foi demolido na Época da Fome — explicou Odrade. — As pessoas pensavam que ele escondia um tesouro em especiaria. Estavam erradas, é claro. O Tirano era muito esperto para fazer uma coisa dessas.

Sheeana inclinou-se para mais perto de Odrade e sussurrou:

— Mas havia realmente um grande tesouro em especiaria. As canções falam

dele. Ouvi a história nos cânticos muitas vezes. Meu... eles dizem que ficava numa caverna.

Odrade sorriu. Sheeana referia-se à História Oral, é claro. Ela quase tinha dito:

“Meu pai...”, referindo-se ao seu verdadeiro pai, que morrera no deserto. Odrade já tinha conseguido obter essa história da garota.

Ainda sussurrando perto do ouvido de Odrade, ela disse:

— Por que esse homenzinho vai conosco? Não gosto dele.

— Ele é necessário para a demonstração — explicou Odrade.

Waff aproveitou esse momento para sair da ponte, subindo no primeiro montículo de areia. Caminhava com cuidado, mas sem demonstrar qualquer hesitação visível. Uma vez na areia, virou-se, os olhos brilhando ao sol quente, e olhou primeiro para Sheeana e depois para Odrade.

“Ele ainda demonstra admiração quando olha para Sheeana”, pensou Odrade.

“Que coisas formidáveis ele crê que vai descobrir aqui. Pensa que vai ser restaurado.

E com que prestígio!”

Sheeana protegeu os olhos com uma das mãos e observou o deserto.

— *Shaitan* gosta do calor — explicou ela. — As pessoas se escondem dentro de suas casas quando está quente, mas é ai que *Shaitan* vem.

“Não *Shai-hulud*, mas *Shaitan*”, pensou Odrade. “Você previu muito bem, Tirano. Que mais saberia sobre nossa época?”

Será que o Tirano realmente se encontrava adormecido em todos os vermes seus descendentes?

Nenhuma das análises que Odrade estudara dava uma explicação segura do motivo que levara um ser humano a se transformar num simbionte do verme original de Arrakis. Que se teria passado em sua mente durante os milênios daquela terrível transformação? Será que até o menor fragmento disso estava preservado nos vermes Rakianos de hoje?

— Ele está perto, Madre — disse Sheeana. — Pode sentir o cheiro dele?

Waff olhou apreensivo para Sheeana.

Odrade inalou fundo: havia um rico acréscimo de canela nos odores de pedra pulverizada. Fogo, enxofre — o inferno envolto em cristal do grande verme. Ela parou e levou um pouquinho de areia, presa entre dois dedos, até a boca. Quando a areia lhe tocou a língua, todo o cenário surgiu em sua mente: o planeta Duna de suas Outras Memórias e o Rakis de hoje.

Sheeana apontou para a esquerda, diretamente para o ponto de onde parecia soprar a brisa suave do deserto.

— Está lá. Temos que correr.

Sem esperar pela permissão de Odrade, Sheeana desceu correndo a ponte, passou por Waff e subiu na primeira duna. Lá parou até que Waff e Odrade a alcançassem. Então elas os liderou, descendo a face oposta e subindo outra duna, enquanto a areia lhe dificultava os passos. Percorreram a grande face curva de uma

barracan onde fios de poeira saltavam da crista acima. Lego tinham colocado quase um quilômetro de distância entre eles e a segurança cercada de água de Dar-es-Balat.

Novamente Sheeana parou.

Waff deteve-se atrás dela ofegante, a transpiração brilhando no ponto em que o capuz do traje destilador cruzava sua testa.

Odrade parou um passo atrás de Waff e inspirou fundo várias vezes enquanto olhava além do homenzinho, para o ponto onde a atenção de Sheeana se fixara.

Uma furiosa onda de areia derramara-se sobre o deserto além da duna onde se encontravam, impulsionada pela ventania de uma tempestade. O leito de rocha ficara exposto numa longa e estreita avenida de pedras gigantescas que pareciam viradas e esparramadas como os tijolos de construção de um Prometeu enlouquecido. E através desse labirinto a areia se derramara como

um rio, deixando sua marca em grotas e fendas profundas e então caindo de uma escarpa baixa para formar mais dunas.

— Lá embaixo — apontou Sheeana, em direção à longa avenida formada pelo leito de rochas expostas.

O grupo desceu a duna, escorregando e pulando sobre a areia derramada. No fundo, Sheeana parou ao lado de uma das grandes pedras, uma pedra com duas vezes sua altura.

Waff e Odrade detiveram-se logo atrás.

A face escorregadia de outra gigantesca *barracan*, sinuosa como o dorso de uma baleia, erguia-se para o céu azul-prata ao lado deles.

Odrade aproveitou a pausa para recompor o equilíbrio da oxigenação em seu corpo. Aquela corrida louca exigira muito de sua carne. Waff, notava ela, tinha o rosto vermelho e respirava profundamente. O cheiro de canela e pó de pedra era sufocante nessa passagem estreita. Waff cheirava e esfregava o nariz com as costas da mão.

Sheeana ergueu-se num dos pés, saltou e correu 10 passos pelo comprimento do leito de rochas. Colocou um dos pés no aclive de areia que subia para outra duna e ergueu ambos os braços para o céu. Lentamente a princípio, depois aumentando o ritmo, começou a dançar, subindo para a areia.

Os sons dos tópteros tornaram-se mais audíveis acima.

— Ouçam — gritou Sheeana sem interromper sua dança.

Não era para o ruído dos tópteros que ela chamava a atenção. Odrade virou a cabeça de modo a voltar ambas as orelhas para o novo som que se ouvia, penetrando no labirinto de rochas tombadas.

Um assovio sibilante, vindo de baixo do solo, abafado pela areia, tornava-se cada vez mais alto com uma rapidez chocante. Havia calor junto com esse ruído, um aquecimento sensível na brisa que soprava ao longo da avenida rochosa. Então o assovio cresceu, transformando-se num rugido tremendo. De repente a escuridão de uma boca gigantesca, envolta numa coroa de facas cristalinas, ergueu-se sobre a duna diretamente acima de Sheeana.

— *Shaitan*! — gritou ela sem quebrar o ritmo de sua dança. — Aqui estou,

Shaitan!

Enquanto passava pelo topo da duna, o verme inclinou a boca para baixo na direção de Sheeana. A areia caiu em cascata em torno dos pés dela, forçando-a a interromper a dança. O cheiro de canela dominou a garganta rochosa. O verme parou acima deles.

— Mensageiro de Deus! — ofegou Waff.

O calor secou a transpiração no rosto descoberto de Odrade e fez o isolamento automático de seu traje destilador estufar perceptivelmente. Ela inalou profundamente, analisando os componentes dos odores subjacentes ao cheiro dominante de canela. O ar em torno deles estava cheio de ozônio e se tornava cada vez mais rico em oxigênio. Com os sentidos plenamente alertas, Odrade memorizou suas impressões.

“Se eu sobreviver”, pensou ela.

Sim, esses eram dados valiosos. Podia chegar o dia em que outras precisariam usá-los.

Sheeana recuou, saindo da areia derramada para o leito de rocha e começou a dançar uma vez mais, movendo-se mais loucamente e lançando a cabeça para o lado a cada volta. O cabelo chicoteava sua face e a cada vez que rodopiava para confrontar o verme ela gritava:

— *Shaitan*!

Timidamente, como uma criança aventurando-se num terreno que não lhe era familiar, o verme avançou uma vez mais. Escorregou sobre o topo da duna, curvando-se para baixo sobre o leito de rocha exposta até apresentar sua boca flamejante, ligeiramente acima e a cerca de dois passos de Sheeana.

Enquanto ele parava, Odrade tomava consciência da fornalha roncando em suas profundezas. Não podia tirar os olhos dos reflexos de chamas alaranjadas bruxuleando dentro da criatura. Era uma caverna de fogos misteriosos.

Sheeana parou de dançar. Comprimiu os punhos, os braços colados aos lados do corpo, e olhou para o monstro que invocara.

Odrade regulava cronometricamente a própria respiração, o que lhe permitia reunir todos os seus poderes de Reverenda Madre. Se esse era o fim... muito bem, ela tinha obedecido as ordens de Taraza. Que a Madre Superiora aprendesse o que pudesse dos observadores vigiando lá em cima.

— Olá, *Shaitan* — disse Sheeana. — Trouxe comigo uma Reverenda Madre e um homem dos *Tleilaxu*.

Waff caiu de joelhos e se curvou numa mesura respeitosa.

Odrade passou por ele para se colocar ao lado de Sheeana.

Sheeana respirava fundo, o rosto corado.

Odrade ouvia o clique-clique de seu traje destilador funcionando em sobrecarga. O ar quente e carregado de canela em torno delas estava cheio dos sons desse encontro, sons dominados pelo murmúrio das chamas dentro do verme imóvel.

Waff colocou-se ao lado de Odrade, o olhar fixo no verme como uma pessoa em transe.

— Estou aqui — sussurrou.

Odrade amaldiçoou-o silenciosamente. Qualquer ruído estranho poderia lançar a fera sobre eles. Mas ela sabia no que Waff estaria pensando: nenhum outro *Tleilaxu* estivera tão próximo de um descendente do seu Profeta. Nem mesmo os sacerdotes Rakianos tinham feito uma coisa dessas!

Com a mão direita, Sheeana fez um súbito gesto para baixo.

— Desça até nós, *Shaitan*!

O verme baixou sua boca escancarada até sua fogueira interior ocupar a garganta de rochas diante deles.

Com a voz reduzida a não mais que um sussurro, Sheeana disse:

— Está vendo como *Shaitan* me obedece, Madre?

Odrade podia sentir o controle de Sheeana sobre o monstro, uma pulsação de linguagem oculta entre a jovem e o verme. Era fantástico.

A voz de Sheeana ergueu-se numa arrogância imprudente:

— Vou pedir a *Shaitan* que nos deixe cavalgá-lo!

Ela subiu pela face escorregadia da duna ao lado do verme.

Imediatamente a grande boca aberta se ergueu para lhe acompanhar os movimentos.

— Fique aqui! — gritou Sheeana.

O verme parou.

“Não são as palavras dela que o controlam”, pensou Odrade. “E alguma coisa... outra coisa”

— Madre, venha comigo — chamou Sheeana.

Empurrando Waff à sua frente, Odrade obedeceu. Subiram pelo aclive arenoso, seguindo Sheeana. A areia deslocada derramava-se em torno do verme que esperava, enchendo a garganta rochosa. A frente, a cauda cada vez mais fina curvava-se sobre a crista da duna. Sheeana conduziu-os num passo desajeitado pela areia até a ponta da coisa. Lá agarrou a borda anterior de um anel na superfície corrugada e subiu na fera do deserto.

Com mais lentidão, Odrade e Waff seguiram-na. A superfície quente do verme transmitia a Odrade a sensação de algo não-orgânico, como se a criatura fosse um artefato Ixiano.

Sheeana correu adiante ao longo do dorso e se agachou logo atrás da boca, onde os anéis se projetavam, grossos e largos.

— Façam assim! — mostrou.

Inclinou-se para diante e agarrou embaixo do bordo dianteiro de anel, erguendo-o levemente para expor a superfície rosada e macia embaixo.

Waff obedeceu-a imediatamente, mas Odrade se moveu com mais cautela, armazenando impressões. A superfície do anel era dura como piascreto e coberta de

minúsculas incrustações. Os dedos de Odrade sondaram a maciez embaixo da borda anterior. Ela pulsava fracamente. A superfície em torno deles se erguia e se abaixava num ritmo quase imperceptível. Odrade ouvia um som raspante a cada movimento.

Sheeana chutou a superfície do verme atrás dela.

— *Shaitan*, vamos!

O verme não respondeu.

— Por favor *Shaitan* — suplicou ela.

Odrade percebia o desespero na voz de Sheeana. Ela estava muito confiante no seu *Shaitan*, mas Odrade sabia que a jovem só conseguira cavalgar a criatura naquela primeira vez. Odrade conhecia a história toda, desde o impulso suicida até a confusão dos sacerdotes, mas ninguém pudera dizer-lhe o que aconteceria em seguida.

De repente o verme colocou-se em movimento. Ergueu-se bruscamente, curvou-se para a esquerda e fez uma volta apertada para fora da garganta de rochas, movendo-se na direção oposta a Dar-es-Balat, em direção ao deserto profundo.

— Nós vamos com Deus — gritou Waff.

O som de sua voz deixou Odrade chocada. Que loucura! Ela sentiu o poder da fé que ele tinha. O tuoc-tuoc dos ornitópteros que os seguiam soou acima. O vento provocado pela velocidade com que avançavam passava por Odrade cheio de ozônio e dos odores de forno quente provocados pelo atrito da besta avançando.

Odrade olhou por sobre os ombros para os tópteros, imaginando como seria fácil para os inimigos livrarem esse planeta de uma menina que criava tantos problemas, e de uma Reverenda Madre igualmente problemática, assim como do desprezível *Tleilaxu* que a acompanhava — todos num momento altamente vulnerável no deserto aberto. Os sacerdotes podiam tentar tal coisa, bem o sabia, desde que as vigias de Odrade, lá no alto, fossem muito lentas na hora de protegê-la.

A curiosidade e o medo seriam suficientes para detê-los?

Odrade admitia estar muito curiosa.

“Aonde será que esta coisa nos está levando?”

Certamente que o verme não se dirigia a Keen. Ela ergueu a cabeça e olhou além de Sheeana. No horizonte, diretamente adiante, encontravam-se aquelas formações de pedra denteada, as rochas

desmoronadas do lugar onde o Tirano fora jogado de uma ponte graciosamente etérea.

O lugar da advertência de suas Outras Memórias.

Uma súbita revelação dominou a mente de Odrade. Agora entendia o aviso. O

Tirano havia morrido num lugar de sua própria escolha. Muitas mortes tinham deixado sua impressão naquele lugar, mas a do Tirano fora a maior de todas. O Tirano escolhera sua rota de peregrinação com um propósito definido. Sheeana não mandara o verme seguir para lá. Ele se movia por vontade própria. O imã representado pelo sonho interminável do Tirano atraía-o de volta ao ponto onde esse sonho começara.

Houve um homem das terras secas a quem perguntaram o que era mais importante, um garrafão de água ou uma vasta piscina cheia. O homem pensou por um momento e respondeu: "O

garrafão é mais importante. Nenhuma pessoa poderia guardar só para si uma piscina. Mas um litro se pode esconder embaixo do manto e fugir com ele. Ninguém vai saber."

— Piadas da Antiga Duna, Arquivos da Bene Gesserit

Era uma longa sessão de exercícios, na sala de treinamento do não-globo, com Duncan em uma gaiola móvel dirigindo o exercício, convicto de que essa série em particular continuaria até que seu novo corpo estivesse adaptado às sete atitudes centrais de respostas em combate contra ataques vindos de oito direções diferentes.

Seu macacão verde estava escuro com a transpiração. Há 20 dias que ele se dedicava a essa lição!

Teg conhecia as antigas tradições que Duncan revivia ali, mas sob diferentes nomes e seqüências. Depois de passar cinco dias nesse

programa de treinamento, Teg já duvidava da superioridade dos métodos modernos. Agora estava convicto de que Duncan estava fazendo algo completamente novo — misturando os antigos conhecimentos de combate com aquilo que tinha visto no Castelo.

Teg estava sentado diante de seu próprio consolo, agindo tanto como observador quanto como participante. Os consoles que dirigiam as perigosas forças das sombras desses exercícios tinham exigido um ajustamento mental. Teg contudo, já se sentia familiarizado com eles, e comandava os ataques com facilidade e freqüente inspiração.

Uma Lucilla furiosa olhava ocasionalmente para dentro do salão. Observava e depois saía sem fazer comentários. Teg não sabia o que Duncan estava fazendo com relação à Impressora, mas achava que o *ghola* desperto fazia um jogo de retardo com sua sedutora. Ela não iria permitir que ele continuasse com isso por muito tempo, Teg sabia muito bem, mas estava tudo fora de suas mãos. Duncan não mais era “muito jovem” para a Impressora. Aquele corpo jovem carregava agora uma mente masculina madura, cheia de experiências a partir das quais tomaria suas próprias decisões.

Duncan e Teg tinham passado a manhã toda na sala de treinamento, tendo feito apenas uma pausa. A fome já incomodava Teg, mas ele se sentia relutante em interromper a sessão. As habilidades de Duncan haviam atingido um novo nível hoje e ele continuava melhorando.

Teg, sentado dentro de uma gaiola de controle fixa, fez as forças de ataque curvarem-se numa manobra complexa, golpeando da esquerda, da direita e do alto.

O arsenal Harkonnen produzira uma abundância dessas armas e instrumentos de treinamento exóticos, e havia coisas que Teg só conhecera a partir de relatos históricos. Duncan conhecia todos, aparentemente, e com uma intimidade que enchia Teg de admiração. Isso incluía os caçadores-assassinos, estilhas robotizadas, reguladas

para penetrarem num escudo de força e que eram parte das forças ocultas no sistema que agora empregavam.

— Elas retardam-se automaticamente para penetrar num escudo — explicou Duncan em sua voz jovem e ao mesmo tempo madura. — Um golpe muito rápido seria repelido pelo escudo, é claro.

— Escudos desse tipo quase não são mais usados — comentou Teg.

— Algumas sociedades os usam como um tipo de esporte, mas de outro modo.

Duncan executou um contra-ataque a uma velocidade que o transformou num borrão, e três "caçadores" caíram no chão, suficientemente danificados para exigir os serviços de manutenção do não-globo. Ele removeu a gaiola protetora e colocou o sistema dormente, porém o deixou funcionando enquanto se aproximava de Teg, respirando fundo mas com facilidade. Olhou para além de Teg, sorriu e assentiu com a cabeça. Teg virou-se rapidamente, mas só conseguiu enxergar um fragmento do vestido de Lucilla enquanto ela saía depressa.

— É como um duelo — disse Duncan. — Ela tenta golpear através da minha guarda e eu contra-ataco.

— Tenha cuidado — advertiu Teg. — Ela é uma Reverenda Madre plena.

— Conheci algumas delas no meu tempo, *Bashar*.

Uma vez mais Teg se sentiu embaraçado. Tinha sido avisado de que precisaria reajustar sua atitude com relação a esse Duncan Idaho diferente, mas não antevira inteiramente as constantes exigências que tal reajustamento faria sobre sua mente. A expressão nos olhos de Duncan agora era desconcertante.

— Nossos papéis mudaram um pouco, *Bashar* — disse Duncan.

Pegou uma toalha no chão e enxugou o rosto.

— Não tenho mais certeza quanto ao que lhe posso ensinar — admitiu Teg.

Desejava, entretanto, que Duncan seguisse seu aviso com relação a Lucilla.

Será que ele pensava que as Reverendas Madres de sua época distante eram idênticas às mulheres de hoje? Teg achava tal coisa altamente improvável. Como todas as coisas vivas, a Irmandade evoluirá e mudara.

Era óbvio para Teg que Duncan tomara uma decisão quanto ao papel que desempenharia nas maquinações de Taraza. Não estava apenas ganhando tempo com esses exercícios. Estava treinando o corpo para atingir o ápice da plenitude física que ele mesmo escolhera enquanto fazia seu julgamento sobre a Irmandade.

“Ele fez esse julgamento com dados insuficientes”, pensou Teg. Duncan deixou cair a toalha e olhou para ele por um momento.

— Deixe que eu julgo o que me pode ensinar, *Bashar*.

Ele virou-se e olhou atento para Teg, ainda dentro da gaiola de controle.

Teg respirou fundo. Sentia o cheiro fraco de ozônio de todo esse equipamento Harkonnen tão duradouro tiquetaqueando à espera de que Duncan retornasse à ação.

O suor do *ghola* tinha um cheiro penetrante.

Duncan espirrou.

— Teg cheirou, reconhecendo a poeira onipresente em suas atividades. As vezes era mais fácil sentir-lhe o gosto que o cheiro. Uma coisa alcalina. E acima de tudo havia a fragrância dos limpadores de ar e regeneradores de oxigênio. Um distinto aroma

floral aparecia embutido no sistema, mas Teg era incapaz de identificar a flor.

No primeiro mês de sua ocupação, o globo também adquirira odores humanos que lentamente se insinuaram na composição original — transpiração, cheiros de cozinha e a acridez nunca inteiramente suprimida do sistema de eliminação de dejetos orgânicos. Para Teg, esses sinais de sua presença eram curiosamente ofensivos. As vezes se surpreendia cheirando e ouvindo os sons de sua intrusão — algo mais que o eco de seus próprios passos ou os ruídos metálicos abafados na área da cozinha.

A voz de Duncan penetrou em seus pensamentos:

— Você é um homem estranho, *Bashar*.

— Que quer dizer?

— Há a sua semelhança com o Duque Leto. A identidade facial é estranha. Ele não era tão alto quanto você, um pouco mais baixo, mas a semelhança...

Sacudiu a cabeça, pensando nas maquinações da *Bene Gesserit* por trás daqueles sinais genéticos no rosto de Teg — o olhar aquilino, as rugas e aquela coisa interior a certeza de uma superioridade moral.

“Quão moral e quão superior?”

De acordo com os registros que tinha visto no Castelo (e Duncan tinha certeza de que eles tinham sido colocados lá para que ele os descobrisse), a reputação de Teg era algo quase universalmente aceito pela sociedade humana dessa época. Durante a Batalha de Markon, bastara o inimigo tomar conhecimento de que Teg iria enfrentá-lo para pedir trégua e negociações. Seria verdade?

Duncan olhou para Teg na gaiola de controle e lhe fez essa pergunta.

— A reputação pode ser uma linda arma — comentou Teg. —

Freqüentemente derrama menos sangue.

— Por que se colocou à frente de suas tropas em Arbelough? — perguntou Duncan.

Teg mostrou-se surpreso.

— Onde aprendeu isso?

— No Castelo. Você podia ter sido morto. De que teria adiantado?

Teg lembrou a si mesmo que essa carne jovem diante dele guardava uma sabedoria oculta que devia tê-la guiado em sua busca de informação. Mas restava uma área incógnita, e nela, suspeitava Teg, Duncan seria mais valioso para a Irmandade.

— Nos dois dias anteriores, tínhamos sofrido severas baixas em Arbelough —

lembrou Teg. — Eu falhei na hora de fazer um julgamento correto do medo e do fanatismo do inimigo.

— Mas o risco de...

— Minha presença no *front* dizia à minha própria gente: “Eu partilho seus

riscos.”

— Os registros de Arbelough dizem que essa batalha foi pervertida pelos Dançarinos Faciais. Patrin disse-me que você recusou o conselho de seus assessores quando eles pediram para que varresse o planeta e o esterilizasse completamente...

— Você não estava lá Duncan.

— Estou tentando colocar-me na situação. Poupou seu inimigo, contrariando todos os conselhos que recebeu.

— Exceto os Dançarinos Faciais.

— Mas então caminhou desarmado pelas fileiras dos inimigos e antes que eles tivessem deposto as armas.

— Queria certificar-me de que não seriam maltratados.

— Isso foi muito perigoso.

— Foi mesmo? Muitos deles passaram-se para o nosso lado durante o assalto final contra Kroinin, onde desbaratamos as forças contrárias à Irmandade.

Duncan olhou duramente para Teg. Não apenas esse velho *Bashar* se assemelhava a Leto em aparência mas também possuía o mesmo carisma dos Atreides: uma figura lendária até mesmo entre os inimigos. Teg dissera ser descendente de Ghanima Atreides, mas tinha que existir algo mais nele além disso. O

domínio genético da *Bene Gesserit* em questões de controle da procriação deixava-o assombrado.

— Vamos retornar aos exercícios agora — disse Duncan.

— Não vá se machucar.

— Está se esquecendo, *Bashar*. Eu me lembro de ter um corpo tão jovem quanto este quando estava aqui em Giedi Prime.

— Gammu!

— Foi adequadamente rebatizado, mas meu corpo ainda se lembra do nome original. Sabe muito bem que foi por isso que elas me mandaram para cá.

“É claro que ele tinha que saber isso”, pensou Teg.

Restaurado pelo breve descanso, Teg introduziu um novo elemento no ataque e enviou uma linha flamejante contra o lado esquerdo de Duncan.

Com que facilidade ele se defendeu do ataque!

Estava usando uma variação curiosamente misturada das cinco atitudes, cada resposta parecendo ter sido inventada no momento em que era exigida.

— Cada ataque é como uma pena flutuando sobre uma estrada infinita —

explicou Duncan, a voz não transmitindo qualquer sinal de cansaço. — Enquanto a pena se aproxima, ela é desviada e removida.

Enquanto falava ele aparou um ataque móvel e contra-atacou.

A lógica *Mentat* de Teg seguia os movimentos nos pontos que ele considerava perigosos. “Dependências e troncos-chave!”

Duncan mudou de posição diante do ataque, colocando-se sempre um movimento adiante e igualando os movimentos do atacante, mais do que os

respondendo. Teg foi forçado a empregar o máximo de suas habilidades enquanto as forças das sombras queimavam e tremulavam ao longo do piso na sala de treinamento. A figura de Duncan, em sua gaiola de combate móvel, era uma sombra dançante no espaço entre eles. Nenhuma das linhas flamejantes ou caçadores-assassinos de Teg tocou a figura em movimento. Duncan estava acima deles, sob eles, parecendo não ter medo algum da dor real que esse equipamento poderia infligir-lhe.

Uma vez mais Duncan aumentou a velocidade de seu ataque, Uma pontada de dor disparou pelo braço de Teg, partindo de sua mão colocada nos controles até atingir o ombro.

Com uma exclamação brusca, Duncan desligou o equipamento.

— Desculpe, *Bashar*. Foi uma defesa soberba de sua parte, mas temo que a idade o tenha derrotado.

Uma vez mais Duncan atravessou a sala e se colocou diante de Teg.

— Um dorzinha para me lembrar da dor que lhe causei — comentou Teg enquanto esfregava o braço dormente.

— Culpe o calor do momento — disse Duncan. — Já treinamos o suficiente por ora. — Não o suficiente — lembrou Teg. — Não basta reforçar apenas os seus músculos.

Ante as palavras de Teg, Duncan teve uma sensação de alerta em todo o corpo. Sentia o toque desorganizado daquela coisa incompleta que o processo de despertar não conseguira ativar. Algo agachado à espera dentro dele. Era como uma mola pressionada, pronta para disparar.

— Que mais você faria em meu lugar? — perguntou Duncan, a voz soando ríspida.

— Sua sobrevivência repousa no equilíbrio aqui — explicou Teg. — Tudo isto que estamos fazendo visa salvá-lo e transportá-lo para Rakis.

— Para propósitos da *Bene Gesserit* que você mesmo diz não saber quais são.

— Realmente não sei, Duncan.

— Mas você é um *Mentat*.

— *Mentats* precisam de dados para fazer suas projeções.

— Acha que Lucilla sabe?

— Não tenho certeza, mas me deixe adverti-lo com respeito a ela. Recebeu ordens de levá-lo a Rakis preparado para o que deverá fazer lá.

— Deverei? — Duncan sacudiu a cabeça de um lado para o outro. — Será que não sou uma pessoa com direito e tomar suas próprias decisões? Que é que vocês pensam que despertaram aqui? Algum maldito Dançarino Facial capaz unicamente de obedecer ordens?

— Está me dizendo que não irá para Rakis?

— Estou lhe dizendo que vou fazer uma escolha quando souber o que é que esperam que eu faça. Não sou um assassino de aluguel.

— E você pensa que eu sou, Duncan?

— Acho que é um homem honrado, uma pessoa que devemos admirar. Dê-me o seu crédito porque tenho meus próprios valores de dever e de honra.

— Recebeu outra chance de viver e...

— Mas você não é meu pai e isso também não faz de Lucilla a minha mãe.

Impressora? Contra o que ela espera preparar-me?

— Pode ser que nem ela saiba, Duncan. Como eu, ela pode ser apenas uma peça de um grande plano. Sabendo como age a Irmandade, é altamente provável que ela não saiba.

— De modo que vocês dois me treinam e me despacham para Arrakis. Aqui está o pacote que ordenaram!

— Este é um universo bem diferente daquele onde você nasceu originalmente

— explicou Teg. — Como nos seus dias, ainda temos uma Grande Convenção contra o uso de atômicos e de pseudo-atômicos

produzidos pela interação de armas e escudos laser. Ainda dizemos que os ataques traiçoeiros são proibidos. Existem folhas de papel espalhadas por aí onde colocamos nossos nomes e garantimos que...

— Mas as não-naves mudaram todas as bases desses tratados — disse Duncan. — Acho que aprendi muito bem minhas lições de história lá no Castelo.

Diga-me, *Bashar*, por que o filho de Paul fez com que os *Tleilaxu* lhe fornecessem *gholas* com minha identidade, centenas de cópias de mim durante todos aqueles milhares de anos?

— O filho de Paul?

— Os registros do Castelo chamavam-no de Imperador-Deus. Você o chama de Tirano.

— Oh, não creio que alguém saiba por quê. Talvez ele fosse solitário, precisando de alguém da...

— Vocês me trouxeram à vida para confrontar o verme!

“Será isso o que estivemos fazendo?”, perguntou-se Teg. Ele tinha considerado essa possibilidade mais de uma vez, mas era apenas uma possibilidade, não uma projeção. Ainda assim devia haver algo mais nos desígnios de Taraza. Teg sentia isso em cada fibra de seu treinamento *Mentat*. Será que Lucilla saberia? Teg não se iludia quanto à sua capacidade de extrair revelações de uma Reverenda Madre plena. Não... teria que dar tempo ao tempo, esperar, observando e ouvindo. Ao seu próprio modo, fora isso que Duncan decidira fazer. Era um curso de ação perigoso, caso ele se colocasse no caminho de Lucilla!

Teg sacudiu a cabeça.

— Na verdade, Duncan, eu não sei.

— Mas cumpriu ordens.

— Pelo meu juramento à Irmandade.

— Mentiras, desonestidades, essas são palavras vazias quando está em jogo a sobrevivência da Irmandade — citou Duncan.

— Sim, eu disse isso — concordou Teg.

— Agora confio em você porque disse isso. Mas não confio em Lucilla.

Teg abaixou a cabeça. “Perigoso... perigoso...”

De modo muito mais lento do que tinha feito anterioremente, Teg tirou a atenção de tais pensamentos e se submeteu ao processo de esvaziamento mental para se concentrar nos deveres que Taraza lhe confiara.

— Você é o meu *Bashar*.

Duncan observou o *Bashar* por um momento. As linhas da fadiga eram óbvias no rosto do velho. lembrou-se subitamente da idade de Teg e se perguntou se homens como ele não se sentiriam tentados a procurar os *Tleilaxu* e se tornarem *gholas*.

Provavelmente não. Sabiam que poderiam virar fantoches nas mãos dos *Tleilaxu*.

Esse pensamento inundou a consciência de Duncan, deixando-o tão imóvel que Teg, percebendo, ergueu os olhos imediatamente.

— Algo errado?

— Os *Tleilaxu* fizeram alguma coisa comigo, algo que ainda não foi exposto —

sussurrou Duncan.

— Exatamente o que temíamos! — Era a voz de Lucilla falando do portal atrás de Teg. Ela entrou, avançando até ficar a dois passos de Duncan. — Estava ouvindo. Vocês dois foram muito informativos.

Teg falou rapidamente, procurando bloquear a raiva que sentia nela.

— Ele dominou as sete atitudes hoje.

— Ele golpeia como o fogo — comentou Lucilla. — Mas lembre-se que nós da Irmandade fluímos como a água e preenchemos todos os espaços. — Olhou para Teg. — Não percebe que nosso *ghola* já foi além dessas atitudes?

— Nenhuma posição fixa, nenhuma atitude — disse Duncan.

Teg olhou de modo penetrante para Duncan, que permanecia com a cabeça erguida, a testa lisa de vincos, os olhos claros, enquanto devolvia o olhar de Teg.

Duncan tinha evoluído surpreendentemente desde que despertara para suas memórias originais.

— Maldito seja, Miles — murmurou Lucilla.

Teg manteve sua atenção em Duncan. Todo o corpo do jovem parecia ligado a um novo tipo de vigor. Ele tinha uma pose, uma atitude que não estavam ali antes.

Duncan voltou sua atenção para Lucilla.

— Acha que vai fracassar em seus deveres? — perguntou.

— Certamente que não — respondeu ela. — Você ainda é um homem.

E ela pensou: “Sim, esse corpo jovem deve estar tenso com os fluidos da procriação. De fato, os disparadores hormonais devem estar todos intactos e suscetíveis de serem excitados.” A atitude atual dele, entretanto, e o modo como olhava para ela forçaram-na a

elevar sua consciência para novos níveis que demandavam mais energia.

— Que foi que os *Tleilaxu* fizeram com você? — indagou ela.

Duncan falou com um atrevimento que não sentia:

— Oh grande Impressora, se soubesse lhe diria.

— Você acha que tudo isto é uma grande brincadeira, não?

— Nem sei de que estamos brincando!

— Por enquanto, muitas pessoas sabem que ainda não chegamos a Rakis, para onde esperavam que fugíssemos — comentou ela.

— E Gammu enxameia de gente retornada da Dispersão — comentou Teg.

— Eles contam com gente suficiente para explorar muitas possibilidades por aqui.

— Quem suspeitaria da existência de um não-globo do tempo dos Harkonnen? — perguntou Duncan.

— Qualquer um que fizesse a ligação entre Rakis e Dar-es-Balat. — respondeu Teg.

— Se pensa nisso como num jogo — disse Lucilla —, considere então a urgência com que precisamos jogar. — Apoiando-se em um dos pés, virou-se para se concentrar em Teg. — E você desobedeceu Taraza!

— Está errada! Fiz apenas aquilo que ela me ordenou que fizesse. Sou o *Bashar* dela e você esqueceu como ela me conhece bem.

De um modo tão abrupto que a silenciou, chocada, Lucilla percebeu as sutilezas das manobras de Taraza..

“Não passamos de peões...”

Que toque delicado Taraza sempre demonstrava no modo como movia os peões de seu grande jogo. Lucilla não se sentia diminuída pela conscientização de que não passava de um peão. Esse era um conhecimento que nascia e era criado com cada Reverenda Madre da Irmandade. Até mesmo Teg tinha consciência disso. “Não, diminuída não.” Essa coisa em que estavam envolvidos ganhara a consciência de Lucilla. Ela se sentia assombrada pelas palavras de Teg. Como fora pobre sua visão anterior das forças envolvidas. Era como se ela tivesse visualizado apenas a superfície de um rio turbulento, vislumbrando apenas as correntezas abaixo. Agora, entretanto, sentia o fluxo inteiro à sua volta numa compreensão atordoante.

“Peões podem ser sacrificados”

Pela crença em singularidades, em absolutos granulados, vocês negam o movimento da evolução! E enquanto fazem com que um universo granular persista em sua consciência, ficam cegos ante o movimento. Então as coisas mudam e seu universo de absolutos desaparece, não é mais acessível às suas percepções autolimitadas. O universo colocou-se além do alcance de vocês.

— Primeiro Esboço do Manifesto Atreides, Arquivos da Bene Gesserit

Taraza colocou as mãos sobre as têmporas, as palmas pressionando as orelhas,

e apertou. Mesmo os seus dedos podiam sentir o cansaço ali, bem entre suas mãos —

a fadiga. Num breve tremular de pálpebras, mergulhou num transe relaxante. As mãos de encontro à cabeça eram os únicos focos de sua percepção carnal.

“Cem batimentos cardíacos.”

Tinha praticado isso com regularidade desde que o aprendera, ainda criança.

Uma das primeiras habilidades que a *Bene Gesserit* ensinava. Exatamente 100

batimentos cardíacos. Depois de todos esses anos de prática, seu corpo podia medi-los automaticamente, como um metrônomo inconsciente.

E quando ela abriu os olhos na contagem de 100 batimentos, sentia-se muito melhor. Esperava poder trabalhar mais duas horas extras antes que o cansaço a dominasse uma vez mais. Aqueles 100 batimentos lhe haviam fornecido anos extras de vigília em seu tempo de vida.

Essa noite, entretanto, o velho truque fez suas memórias rodopiarem para trás no tempo. Viu-se apanhada nas lembranças de sua infância. O dormitório com a Irmã Monitora andando pelos corredores à noite, certificando-se de que todas estavam devidamente em suas camas.

“Irmã Baram, a Monitora da Noite”

Há anos que Taraza não lembrava desse nome. A Irmã Baram era baixinha e gorducha, uma Reverenda Madre fracassada. Não por algum motivo facilmente perceptível, mas as Irmãs Médicas e os doutores Suk tinham descoberto alguma coisa e Baram nunca pudera tentar a agonia da especiaria. Ela fora muito franca no que sabia sobre seu defeito. Algo que descobriram quando ainda era adolescente.

Tremores nervosos periódicos manifestavam-se quando começava a mergulhar no sono. Sintomas de alguma coisa mais grave que fizera com que fosse esterilizada. Os tremores faziam com que Baram andasse durante a noite e, por esse motivo, a guarda dos corredores fora uma tarefa que obviamente lhe deveria ter sido atribuída.

Baram tinha outras fraquezas não-detectadas por suas superiores. Uma criança desperta, andando até o banheiro, podia atrair Baram para conversas em voz baixa.

Questões tolas produziam respostas tolas, mas Baram às vezes transmitia conhecimentos úteis nessas conversas. Fora ela que ensinara a Taraza o truque do relaxamento,

Certa manhã, uma das meninas mais velhas encontrou a Irmã Baram morta no banheiro. Os tremores da Monitora Noturna tinham sido o sintoma de um defeito orgânico fatal, fato importante apenas para as Madres Procriadoras e seus intermináveis registros.

Devido ao fato de a *Bene Gesserit* não programar uma completa "educação solo para a morte" senão no estágio de acólita, a Irmã Baram foi a primeira pessoa que Taraza viu morta. O corpo dela fora encontrado parcialmente embaixo da pia, o lado direito da face pressionado contra o piso de azulejos, a mão esquerda segurando o cano da pia. Ela havia tentado erguer-se depois da queda e a morte a surpreendera em meio à tentativa, paralisando-a em seu último movimento como um inseto

aprisionado no âmbar.

Quando rolaram o corpo para levá-lo, Taraza viu uma marca vermelha no ponto onde a face fora pressionada de encontro aos azulejos. A Monitora do Dia explicou essa marca com uma frieza científica. Qualquer experiência nova devia ser transformada em fonte de informação para que essas Reverendas Madres em potencial as incorporassem em suas "Conversas com a Morte" na fase de acólita.

Lividez post mortem.

Sentada diante de sua mesa na sede da Irmandade e separada desse acontecimento por tantos anos, Taraza foi forçada a usar todos os seus poderes de concentração, cuidadosamente focalizados, para afastar essa memória. Só então se sentiu livre

para concentrar a atenção no trabalho que tinha diante de si. Tantas lições!

Sua memória estava terrivelmente cheia, com tantas memórias de vidas inteiras guardadas dentro dela. Reafirmava sua sensação de estar viva ver todo aquele trabalho à sua frente. Coisas para fazer, coisas para as quais ela era necessária. Avidamente, Taraza curvou-se para cumprir seus deveres.

Maldita necessidade de treinar o *ghola* em Gammu!

Mas esse *ghola* exigia isso. A familiaridade com a sujeira sob seus pés precedia a restauração da *persona* original.

Fora um movimento muito sábio enviar Burzmali para a arena de Gammu. Se Miles realmente encontrara um esconderijo... e fosse sair dele agora, ia precisar de toda a ajuda que pudesse conseguir. Uma vez mais ela considerou a possibilidade de fazer o jogo da presciência. Era tão perigoso! E os *Tleilaxu* tinham sido avisados de que um *ghola* substituto poderia ser necessário.

— Preparem-no para entrega.

Sua mente voltou-se para a questão Rakiana. Aquele tolo do Tuek teria que ter sido monitorado de modo mais cuidadoso. Como um Dançarino Facial poderia personificá-lo em segurança? Entretanto, a decisão de momento tomada por Odrade fora correta. Colocara os *Tleilaxu* numa posição insustentável. O falso Tuek podia ser desmascarado, mergulhando a *Bene Tleilax* num poço de ódio.

O jogo dentro do projeto *Bene Gesserit* tornara-se muito delicado. Há gerações que elas acenavam para o clero Rakiano com a isca de uma aliança. Mas agora! Os *Tleilaxu* deveriam pensar que eles tinham sido os escolhidos em vez dos sacerdotes. O

tripé da aliança de Odrade faria cada sacerdote acreditar que todas as Reverendas Madres iam realizar o Juramento de Subserviência ao Deus Dividido. O Conselho de Sacerdotes iria tagarelar de

excitação ante essa perspectiva. Os *Tleilaxu*, é claro, viam uma chance de monopolizar a melange, controlando a única fonte ainda independente de seu domínio.

Uma batida na porta de Taraza revelou que uma acólita chegara com o chá.

Era um procedimento-padrão quando uma Madre Superiora se encontrava trabalhando tão tarde. Taraza olhou para o cronógrafo de mesa, um engenho Ixiano tão preciso que só ganhava ou perdia um segundo por século. O aparelho registrava:

1:23:11.

Mandou entrar a acólita. A garota, uma loura pálida com olhos friamente observadores, entrou e se curvou para dispor os conteúdos da bandeja diante de Taraza.

A Madre Superiora ignorou a jovem e olhou para o trabalho que permanecia na mesa. Tanta coisa a fazer. O trabalho era mais importante que o sono. Não obstante, sua cabeça doía e ela sentia a sensação de estupor indicativa de um cérebro cansado. Sinal de que era hora de descansar um pouco. Colocara-se numa condição de esgotamento mental e teria que se recuperar antes mesmo de pensar em se levantar.

As costas e os ombros doíam-lhe.

A acólita ia saindo quando Taraza fez sinal para que esperasse.

— Massageie minhas costas por favor, Irmã.

As mãos treinadas de acólita aliviaram as constrições musculares. “Boa moça.”

Taraza sorriu ante esse pensamento. É claro que era boa. Somente as melhores trabalhavam junto da Madre Superiora.

Depois que a jovem saiu, Taraza sentou-se em silêncio, a cabeça mergulhada em pensamentos profundos. “Tão pouco tempo.” Odiava cada minuto de sono e no entanto não havia como escapar. O corpo acabava fazendo suas exigências inevitáveis.

Ela tinha pressionado seu organismo a um ponto em que a recuperação não ia ser fácil, e isso já se prolongava por dias. Ignorando o chá colocado ao seu lado, Taraza levantou-se e foi até a passagem que levava ao pequeno cubículo onde dormia. Lá deixou um aviso para ser acordada às 11h da manhã e se deitou, completamente vestida, no catre duro.

Silenciosamente, regulou a respiração, isolando os sentidos de qualquer distração, e se preparou para dormir.

O sono não veio.

Usou todo o repertório de métodos da *Bene Gesserit* e ainda assim o sono não veio.

Taraza continuou deitada por longo tempo, reconhecendo afinal a futilidade de tentar adormecer com uma das técnicas que conhecia. Primeiro o estado intermediário de pré-sono teria que fazer o seu trabalho de recuperação. Enquanto isso, sua mente continuava a se agitar.

Nunca considerara o clero Rakiano como um problema. Já dominados pela religião, os sacerdotes poderiam ser manipulados facilmente através dela. Eles encaravam a *Bene Gesserit* principalmente como um poder capaz de reforçar o seu dogma. Que continuassem pensando assim. Era uma isca que os deixaria cegos.

Maldito Miles Teg! Três meses de silêncio e nenhum relatório favorável da parte de Burzmali. Solo queimado, sinais de decolagem de uma não-nave. Para onde Teg poderia ter ido? O *ghola* podia estar morto. Teg nunca tinha feito uma coisa assim antes. A velha Confiabilidade. Era por isso que o escolhera. Isso e sua habilidade

como militar, sua semelhança com o velho Duque Leto — todas as coisas que tinham

preparado nele.

Teg e Lucilla. Uma equipe perfeita.

Se não estivesse morto, será que o *ghola* não estaria fora de alcance? Os *Tleilaxu* não o teriam capturado? Ou Atacantes da Dispersão? Multas coisas podiam ter acontecido. A velha Confiabilidade. Silêncio. Seria o silêncio uma mensagem? Se fosse, que será que ele estaria tentando dizer?

Com Patrin e Schwangyu mortos, havia um cheiro de conspiração em torno dos acontecimentos em Gammu. Será que Teg não poderia ser um agente plantado há muito tempo pelos inimigos da Irmandade?

Impossível! Sua própria família era uma prova contra todas as dúvidas. A filha de Teg, no lar da família, estava tão intrigada quanto todo o mundo.

Fazia três meses agora e nem uma palavra.

Cautela. Ela avisara Teg para ter a maior cautela ao proteger o *ghola*. Teg vira um grande perigo em Gammu é os últimos relatórios de Schwangyu tornavam isso claro.

Para onde Teg e Lucilla poderiam ter levado o *ghola*?

Onde teriam adquirido uma não-nave? Conspiração?

A mente de Taraza continuava circulando em torno dessas suspeitas profundas. Seria trabalho de Odrade? Então quem conspirava com Odrade? Lucilla?

Odrade e Lucilla nunca se tinham encontrado antes daquela breve ocasião em Gammu. Ou teriam? Quem se curvara junto de Odrade e respirara com ela um ar mútuo, cheio de sussurros? Odrade não

demonstrara sinal disso, mas que prova isso dava? A lealdade de Lucilla nunca fora questionada. Ambas agiam perfeitamente como lhes era ordenado. Mas assim também agiriam conspiradoras.

Fatos! Taraza tinha fome de fatos. A cama fez barulho debaixo dela e seu sentimento de isolamento desabou, destruído igualmente pelas preocupações e pelo som de seus próprios movimentos. Resignadamente, Taraza recompôs-se uma vez mais para o relaxamento.

Relaxamento e então sono.

Naves da Dispersão esvoaçaram em sua imaginação enevoada pela fadiga.

Perdidos retornando em suas incontáveis não-naves. Teria sido assim que Teg encontrara uma nave? Essa possibilidade estava sendo estudada, tão discretamente quanto possível, em Gammu e outros lugares. Tentou contar as naves imaginárias, mas elas se recusavam a seguir do modo ordeiro necessário para induzir ao sono.

Taraza ficou subitamente alerta sem se mover em seu catre.

O lado mais profundo de sua mente estava tentando revelar-lhe alguma coisa.

A fadiga bloqueara o caminho para essa comunicação, mas agora! Sentou-se totalmente desperta.

Os *Tleilaxu* tinham andado negociando com gente que voltava da Dispersão.

Com as prostitutas Honradas Madres e com *Bene Tleilax* que voltavam. Taraza sentiu uma ligação em todos esses acontecimentos. Os Perdidos não voltavam por simples

curiosidade quanto a suas raízes. O desejo gregário de reunificar toda a humanidade não era suficiente para trazê-los todos de volta. As Honradas Madres vinham claramente com sonhos de conquista.

Mas e se os *Tleilaxu* enviados para a Dispersão não tivessem levado consigo o segredo dos tanques *axlotl*? Que restaria então? Melange? As prostitutas de olhos alaranjados obviamente usavam um substitutivo inadequado. O povo da Dispersão podia não ter resolvido o mistério dos tanques *axlotl*. Eles deviam saber a respeito dos tanques *axlotl* e tentariam recriá-los. Mas se falhassem — melange!

Ela começou a explorar sua projeção.

Os Perdidos tinham esgotado os estoques de autêntica melange que seus ancestrais haviam levado para a Dispersão. Que recursos teriam? Os vermes de Rakis e a *Bene Tleilax* original. As prostitutas não se atreveriam a revelar seus verdadeiros interesses. Seus ancestrais acreditavam que os vermes não podiam ser transplantados.

Seria possível que os Perdidos tivessem encontrado um planeta adequado para os vermes? É claro que isso era possível. Elas poderiam estar negociando com os *Tleilaxu* para despistar. Rakis podia ser seu verdadeiro alvo. Ou o inverso podia ser verdade.

“Riqueza transportável.”

Vira os relatórios de Teg sobre a riqueza que se estava acumulando em Gammu. Alguns dos retornados tinham moedas e outras fichas negociáveis. Isso ficava claro pela atividade bancária.

Que outra grande moeda estaria em jogo, contudo, além da especiaria?

Havia muita riqueza, isso era claro, e fosse qual fosse a moeda os negócios já tinham começado.

Taraza tomou consciência de vozes atrás da porta. A acólita Guarda do Sono estava discutindo com alguém. As vozes eram baixas, mas Taraza ouvira o bastante para se colocar inteiramente alerta.

— Ela pediu para ser acordada bem tarde durante a manhã — protestava a Guarda do Sono.

Alguém mais sussurrou:

— Ela disse que devia ser informada no momento em que eu voltasse.

— Eu lhe digo. que ela está muito cansada. Precisa...

— Precisa ser obedecida! Diga-lhe que eu voltei!

Taraza levantou-se e colocou as pernas sobre a borda do catre. Seus pés sentiram o piso. Deuses! Como seus joelhos doíam. Doía-lhe também o fato de não ter conseguido identificar a pessoa que discutia com a guarda.

“A volta de quem eu... Burzmali!”

— Estou acordada — gritou Taraza.

A porta se abriu e a Guarda do Sono entrou.

— Madre Superiora, Burzmali voltou de Gammu.

— Mande-o entrar imediatamente!

Taraza ativou o único globo luminoso na cabeceira de sua cama. Sua luz

amarelada inundou o aposento, varrendo a escuridão.

Burzmali entrou e fechou a porta atrás de si. Sem que ela mandasse, acionou o botão de isolamento sonoro na porta e os ruídos exteriores desapareceram.

“Privacidade?” Então ele trazia más notícias.

Olhou para Burzmali. Era baixo, magro, com um rosto muito triangular estreitando-se para um queixo fino. O cabelo louro caía sobre a testa larga, os olhos verdes bem espaçados estavam alertas e vigilantes. Parecia muito jovem para as responsabilidades do posto de *Bashar*, mas, afinal, Teg parecera ainda mais jovem em Arbelough. “Estamos ficando velhas, maldição!” Forçou-se a relaxar e confiar no fato de Teg ter treinado esse homem e expressado plena confiança nele.

— Dê-me as más notícias.

Burzmali pigarreou.

— Ainda não há sinal do *Bashar* e de seu grupo em Gammu, Madre Superiora.

Ele tinha uma voz forte, masculina.

“E isso não é o pior de tudo”, pensou Taraza. Percebia claros indícios no nervosismo de Burzmali.

— Conte tudo — ordenou ela. — Obviamente você completou seu exame das ruínas do Castelo.

— Não houve sobreviventes — ele disse. — Os atacantes não deixaram escapar ninguém.

— *Tleilaxu*?

— Possivelmente.

— Você tem dúvidas?

— Os atacantes usaram o novo explosivo Ixiano 12-Uri. Eu... Eu acho que ele pode ter sido usado para nos confundir. Havia orifícios de sondas cerebrais mecânicas no crânio de Schwangyu, também.

— E quanto a Patrin?

— Exatamente como Schwangyu — disse Burzmali. — Explodiu naquela nave chamariz. Conseguiram identificá-lo a partir dos fragmentos de dois dedos e de um olho intacto. Não sobrou nada suficientemente grande para eles sondarem.

— Mas você tem dúvidas! Vá direto a elas!

— Schwangyu deixou uma mensagem que só nós poderíamos ler.

— Nas marcas gastas da mobília?

— Sim, Madre Superiora. e...

— Então percebeu que ia ser atacada e teve tempo de deixar uma mensagem.

Vi seu relatório anterior sobre a devastação do ataque.

— Foi rápido e totalmente esmagador. Os atacantes não tentaram fazer prisioneiros.

— E que foi que ela disse?

— Prostitutas.

Taraza tentou a conter o choque, embora já estivesse esperando por essa

palavra. O esforço para se manter calma quase lhe esgotou as energias. Isso era muito ruim. Taraza permitiu-se um suspiro profundo. A oposição de Schwangyu tinha persistido até o fim. Então, percebendo o desastre, ela tomara a decisão adequada.

Sabendo que ia morrer sem ter a oportunidade de transferir suas Vidas Memorizadas para outra Reverenda Madre, agira motivada pela lealdade mais básica. Se não pode fazer mais nada, arme suas Irmãs e frustre o inimigo.

“Então as Honradas Madres agiram!”

— Fale-me de sua busca do *ghola* — ordenou Taraza.

— Não fomos os primeiros a procurar naquela região, Madre Superiora. Havia mais árvores queimadas, rochas e arbustos.

— Mas foi uma não-nave?

— As marcas de uma não-nave.

Taraza assentiu para si mesma. Uma mensagem silenciosa da Velha Confiabilidade?

— De que distância examinaram a área?

— Voamos sobre ela numa viagem de rotina de um lugar para outro.

Taraza fez sinal para que Burzmali se sentasse em uma cadeira ao pé de seu catre.

— Sente-se e relaxe. Quero que você me faça algumas suposições.

Burzmali sentou-se cuidadosamente.

— Suposições?

— Você foi o aluno favorito de Teg. Quero que imagine que é ele. Sabe que tem que tirar o *ghola* do Castelo. Não confiava inteiramente em ninguém ao seu redor, nem mesmo em Lucilla. Que é que você faz?

— Algo inesperado, claro.

— É claro.

Burzmali esfregou o queixo estreito. Daí a pouco ele disse:

— Confio em Patrin, confio nele inteiramente.

— Está certo, você e Patrin. Que é que vocês fazem?

— Patrin é um nativo de Gammu.

— Estive pensando nisso.

Burzmali olhou para o piso diante dele.

— Patrin e eu teremos elaborado um plano de emergência muito antes de ele ser necessário. Sempre deixo preparadas alternativas secundárias de enfrentar problemas.

— Muito bem. Agora o plano. Que é que vocês fazem?

— Por que Patrin se matou? — perguntou Burzmali.

— Tem certeza de que foi isso que ele fez?

— A senhora viu os relatórios. Schwangyu e vários outros tinham certeza disso. Patrin era suficientemente leal para fazer isso por seu *Bashar*.

— Por você! Você é Miles Teg agora. Que plano você e Patrin elaboraram?

— Eu nunca mandaria Patrin para a morte deliberadamente.

— A menos?

— Patrin fez aquilo por sua conta. Poderia fazê-lo se o plano de fuga tivesse se originado dele e não... de mim. Ele o faria para me proteger, para se certificar de que ninguém descobriria o plano.

— Como Patrin poderia chamar uma não-nave sem que nós soubéssemos disso?

— Patrin era um nativo de Gammu. Sua família vem dos dias em que o planeta ainda era Giedi Prime.

Taraza fechou os olhos e voltou o rosto para a direção oposta a Burzmali.

Então ele seguia as mesmas trilhas sugestivas que ela estivera sondando mentalmente.

“Nós conhecemos as origens de Patrin” Qual seria o significado dessa ligação com Gammu? Sua mente recusava-se a especular. Isso era o que acontecia por se ter permitido ficar tão esgotada! Olhou novamente para Burzmali.

— Será que Patrin encontrou um meio secreto de fazer contato com a família e os velhos amigos?

— Investigamos cada contato que pudemos encontrar.

— Mas não confia nessa informação. Vocês não localizaram todos eles.

Burzmali deu de ombros.

— É claro que não. E não agi baseado nessa pressuposição.

Taraza respirou fundo.

— Volte para Gammu. Leve com você tanta ajuda quanto nossa Segurança puder dispensar. Diga a Bellonda que essas são minhas ordens. Você deve insinuar agentes em todos os lugares. Descubra as pessoas que Patrin conhecia. E quanto à sua família? Quantos ainda restam? Amigos? Descubra-os.

— Isso vai causar uma agitação, não importa o quanto sejamos cuidadosos.

Outros vão saber.

— Isso não pode ser evitado. E, Burzmali...

Ele se colocou de pé imediatamente.

— Sim, Madre Superiora?

— Quanto aos outros que estão procurando. Você deve ficar na dianteira.

— Posso usar um navegador da Corporação?

— Não!

— Então como...

— Burzmali, e se Miles e Lucilla ainda estiverem em Gammu com o nosso *ghola*?

— Já disse que não aceito a idéia de que eles tenham partido em uma não-nave!

Por um longo período de silêncio, Taraza estudou o homem que aguardava de pé junto de seu catre. Treinado por Miles Teg. O aluno favorito do velho *Bashar*. Que estaria sugerindo o instinto treinado de Burzmali?

Em voz baixa, ela o estimulou a dizer o que pensava.

— Sim?

— Gammu foi Giedi Prime, um dos lares dos Harkonnen.

— E o que é que isso lhe sugere?

— Eles eram ricos, Madre Superiora. Muito ricos.

— E daí?

— Ricos o suficiente para conseguirem instalar uma não-sala, talvez mesmo um não-globo de bom tamanho.

— Não há registros disso! Ix jamais sugeriu, mesmo vagamente, tal coisa. Eles não foram sondados em Gammu para...

— Subornos, compras por uma terceira parte, baldeações de uma nave para outra — explicou Burzmali. — Os tempos da Fome foram muito destrutivos, e antes houve todos aqueles milênios sob o jugo do Tirano.

— Quando os Harkonnen mantiveram suas cabeças abaixadas e as perderam.

Bem, admito a possibilidade.

— Registros podem ter sido perdidos — disse Burzmali.

— Não por nós, nem por qualquer outro governo que tenha sobrevivido. Que o leva a essa linha de especulação?

— Patrin.

— Ah.

Ele falou rapidamente:

— Se tal coisa foi descoberta, um nativo de Gammu poderia saber a respeito.

— E quantos deles saberiam? Acha que poderiam ter mantido um segredo desses por... Sim! Percebo o que quer dizer. Se fosse um segredo da família de Patrin...

— Não me atrevi a questioná-los a esse respeito.

— É claro que não! Mas aonde você iria procurar... sem alertar...

— Naquele lugar na montanha onde foram deixadas as marcas de uma não-nave

— Vai exigir que você viaje até lá em pessoa!

— Muito difícil de esconder de espiões — concordou ele — A menos que eu vá com uma pequena força e aparentando outro propósito.

— Que outro propósito?

— Colocar um marco funerário em memória do meu antigo *Bashar*. Sugerindo que nós já sabemos que ele está morto?

— Sim!

— Já pediu aos *Tleilaxu* um substituto para o *ghola*?

— Isso é apenas mera precaução e não significa que... Burzmali, isso é extremamente perigoso. Duvido de que possamos enganar o tipo de gente que vai observá-los em Gammu.

— Minha tristeza e a das pessoas que levarei comigo será dramática e convincente.

— Isso não vai convencer necessariamente um observador prevenido?

— Não confia na minha lealdade e na das pessoas que vou levar comigo?

Taraza comprimiu os lábios, pensando. Lembrou a si mesma que a lealdade fixa era algo que tinham aprendido a aperfeiçoar no padrão Atreides. Como produzir pessoas que gerem a mais profunda devoção? Burzmali e Teg eram ótimos exemplos.

— Pode dar certo — concordou Taraza.

Olhou especulativamente para Burzmali. O aluno favorito de Teg podia estar certo!

— Então vou partir — ele disse, virando-se para sair.

— Um momento — disse Taraza.

Burzmali virou-se.

— Vocês devem saturar-se de shere, todos vocês. E, se forem capturados por um desses novos Dançarinos Faciais, devem queimar suas próprias cabeças, estourá-las totalmente. Tome as precauções necessárias.

A expressão subitamente séria no rosto de Burzmali tranqüilizou Taraza. Por um momento ele ficara orgulhoso de si mesmo. Melhor sufocar esse orgulho. Não devia deixá-lo descuidado.

Há muito sabemos que os objetos de nossa experiência palpável podem ser influenciados por uma escolha consciente e inconsciente. Isso é um fato demonstrável e não exige a nossa crença em alguma força interior que se estende de dentro de nós para tocar o universo. Falo de um relacionamento pragmático entre as nossas crenças e aquilo que identificamos como "real". Todos os nossos julgamentos contém uma pesada carga de crenças ancestrais a que nós, da Bene Gesserit, somos mais suscetíveis que a maioria. E não é suficiente termos consciência e nos prevenirmos contra isso.

As interpretações alternativas devem sempre receber nossa atenção.

— Madre Superiora Taraza:

Discussão no Conselho

— Deus vai nos julgar aqui — exultara Waff.

Ele andava dizendo isso nos momentos mais imprevisíveis da longa jornada pelo deserto. Sheeana parecia não notar, mas a voz e os comentários de Waff estavam começando a cansar Odrade.

O sol Rakiano deslocara-se bem para oeste, mas o verme continuava a carregá-los, aparentemente incansável, em seu impulso através do Sareer, rumo aos montes remanescentes da antiga muralha do Tirano.

"Por que esta direção?", perguntava-se Odrade.

Não havia resposta satisfatória. O fanatismo e o perigo renovado da parte de Waff exigiam uma resposta imediata. Ela lembrou o canto do *Shariat* que sabia

impulsioná-lo.

— Deixe que Deus faça o julgamento e não os homens.

Waff olhou carrancudo ante o tom de desafio na voz dela. Fitou o horizonte adiante e depois os tópteros que continuavam a segui-los.

— Os homens devem realizar o trabalho de Deus — murmurou ele. Odrade não respondeu. Waff fora jogado de encontro às suas dúvidas e agora devia estar se perguntando: “Será que essas bruxas *Bene Gesserit* realmente compartilham da Grande Crença?”

Seus pensamentos impulsionaram-na de volta às questões sem resposta, tropeçando em tudo que sabia a respeito dos vermes de Rakis. Suas memórias pessoais e as Outras Memórias teceram uma colagem louca. Podia visualizar Fremen envoltos em mantos, no topo de um verme ainda maior do que esse, cada cavaleiro inclinando-se para trás enquanto segurava uma longa vara cujo gancho se prendia nos anéis do verme. Anéis como esse que suas mãos agarravam. Sentia o vento em sua face, o manto chicoteando nos joelhos. Essa e outras cavalgadas fundiam-se numa longa familiaridade.

“Já se passou longo tempo desde que um Atreides cavalgou um verme.”

Haveria algum indício de seu destino em Dar-es-Balat? Como poderia haver?

Estivera tão quente e sua mente se voltava então para o que poderia acontecer nessa aventura no deserto. Não estivera tão alerta quando devia.

Em comum com todas as outras comunidades em Rakis, Dar-es-Balat encolhia durante o calor do início da tarde. Odrade lembrava-se da aspereza de seu traje destilador novo, enquanto aguardava à sombra de um prédio perto dos limites ocidentais de Dar-es-Balat. Esperava que as escoltas trouxessem Sheeana e Waff das residências seguras onde ela os instalara.

Que alvo tentador tinha sido ela! Mas eles tinham que ter certeza da concordância Rakiana. E as escoltas da *Bene Gesserit* se haviam atrasado deliberadamente.

— *Shaitan* gosta do calor — comentara Sheeana.

Os Rakianos escondiam-se do calor, mas os vermes saíam dele. Haveria algum fator significativo, alguma razão reveladora para que esse verme os conduzisse nessa direção em particular?

“Minha mente está pulando como uma bola de criança!”

Que significado teria o fato de os Rakianos se esconderem do sol enquanto um pequeno *Tleilaxu*, uma Reverenda Madre e uma mocinha selvagem estavam viajando através do deserto nas costas de um verme? Era um padrão muito antigo de Rakis e nada havia de surpreendente nisso. Os Fremen, contudo, tinham sido criaturas noturnas. Seus descendentes modernos dependiam mais das sombras para protegê-los do sol quente.

Como os sacerdotes se sentiam seguros atrás de seus fossos protetores!

Cada morador de um centro urbano Rakiano sabia que o *qanat* estava lá fora,

água correndo nas sombras, pequenos cursos desviados para alimentar os canais estreitos cuja evaporação era recapturada nas armadilhas de vento.

“Nossas preces nos protegem”, diziam eles, mas sabiam o que realmente os protegia.

“Sua sagrada presença pode ser vista no deserto.”

“O Verme Sagrado.”

“O Deus Dividido.”

Odrade olhou para os anéis do verme diante dela. “E aqui está ele!”

Pensou nos sacerdotes entre os observadores nos tópteros acima. Como adoravam espionar os outros! Sentira que a observavam em Dar-es-Balat, enquanto esperava pela chegada de Sheeana e Waff. Olhos por trás das venezianas em altas sacadas ocultas. Olhos espiando através de fendas estreitas em paredes espessas.

Olhos ocultos atrás de plaz espelhado ou olhando de dentro das sombras.

Odrade forçara-se a ignorar os perigos enquanto marcava a passagem do tempo pelo movimento de uma linha de sombra na parede acima dela — um relógio preciso nessa terra onde todos se guiavam pela hora solar.

As tensões se haviam acumulado devido à necessidade de parecer despreocupada. Por que iriam atacar? Será que se atreveriam sabendo que ela tinha tomado suas próprias precauções? Como estariam irritados os sacerdotes por terem sido forçados a se unir aos *Tleilaxu* nesse triunvirato? Suas assessoras, Reverendas Madres do Castelo, não tinham gostado de ela estar bancando a isca para os sacerdotes.

— Deixe que uma de nós seja a isca!

Odrade fora inflexível:

— Eles não acreditariam e a suspeita os manteria afastados. Além disso, com certeza eles enviarão Albertus.

E assim Odrade aguardara naquele pátio em Dar-es-Balat, um pátio sombreado pelo verde nas profundezas onde ela se encontrava a olhar para o alto em direção ao ponto em que a sombra dava lugar à luz do sol, seis andares acima —

balaustradas rendilhadas nas sacadas de cada andar: plantas verdes, flores vermelhas, alaranjadas e azuis e, acima de tudo, um retângulo de céu prateado.

“E os olhos ocultos.”

Um movimento numa ampla porta de rua à sua direita! Uma única figura usando o traje dourado, púrpura e branco de sacerdote saiu para o pátio. Ela a observou, procurando indícios de que os *Tleilaxu* tivessem estendido seu domínio com outra mímica de Dançarino Facial. Mas esse era o homem, um sacerdote que ela reconhecia: Albertus, o senhor de Dar-es-Balat.

"Exatamente como esperávamos.”

Albertus atravessou o amplo átrio em direção a ela, caminhando com cuidadosa dignidade. Haveria indícios de perigo nele? Faria algum sinal para seus assassinos? Ela olhou para cima, em direção às sacadas: pequenos movimentos

tremulantes nos níveis mais elevados. O sacerdote que se aproximava não estava sozinho.

“Mas eu também não estou!”

Albertus parou a dois passos de Odrade e ergueu a cabeça, olhando para ela.

Até agora mantivera a atenção voltada para os intrincados arabescos de ouro e púrpura nos azulejos do pátio.

“Ele tem ossos fracos”, pensou Odrade.

Ela não deu sinal de reconhecê-lo. Albertus era um dos que sabiam que seu Alto Sacerdote fora substituído por um Dançarino Facial.

Ele pigarreou e respirou, trêmulo.

“Ossos fracos! Carne fraca!”

Embora o pensamento divertisse Odrade, ela não reduziu a vigilância.

Reverendas Madres sempre notavam esse tipo de coisa. Procuravam as marcas hereditárias. E a seletividade que existira no passado de Albertus tinha falhas, elementos que a Irmandade tentaria corrigir em seus descendentes se um dia fosse importante cultivá-los. Isso seria considerado, é claro. Albertus galgara uma posição de poder, de modo discreto mas definitivo, e seria determinado se tal coisa implicava um valor genético. Fora muito mal-educado, contudo. Uma acólita de primeiro ano o teria dominado. O condicionamento do clero Rakiano degenerara muito desde os dias das Oradoras Peixes.

— Por que está aqui? — perguntou Odrade, fazendo da pergunta uma acusação.

Albertus tremeu.

— Trago uma mensagem de sua gente, Reverenda Madre.

— Então diga!

— Houve um ligeiro atraso, algo a respeito de a rota para cá ser conhecida por muitos.

Pelo menos essa era a história que todos tinham concordado em contar aos sacerdotes. Mas outras coisas podiam ser lidas facilmente no rosto de Albertus. Os segredos compartilhados com ele ficavam perigosamente próximos de serem expostos.

— Quase chego a desejar ter dado a ordem para que o matassem — disse Odrade.

Albertus recuou dois passos. Seus olhos ficaram desfocados, como se tivesse morrido ali, na frente dela. Ela reconheceu a reação. Albertus entrara naquela fase reveladora em que o medo lhe contraía o escroto. Sabia que essa terrível Reverenda Madre Odrade podia passar-lhe uma sentença de morte com toda a naturalidade ou mesmo matá-lo com as próprias mãos.

— Você tem estado a estudar se deve matar-me ou destruir nosso Castelo em Keen — acusou Odrade.

Albertus tremeu violentamente.

— Por que diz uma coisa dessas, Reverenda Madre?

Havia um chiado revelador na voz dele.

— Não tente negar — ela disse. — Eu me pergunto quantas pessoas já acharam tão fácil ler seus pensamentos quanto eu acho. Supõe-se que você seja capaz de manter segredos! Não se espera que ande por aí com todos os seus segredos escritos no rosto!

Albertus caiu de joelhos. Ela pensou que ele ia prostrar-se.

— Mas sua própria gente me enviou!

— E você ficou muito satisfeito em vir e verificar se seria possível me matar.

— Por que eu faria isso?

— Silêncio! Vocês não gostam do fato de controlarmos Sheeana. Têm medo dos *Tleilaxu*. Há coisas que foram retiradas do controle de vocês e coisas que foram colocadas em andamento que os aterrorizam.

— Reverenda Madre! Que devemos fazer? Que devemos fazer?

— Vocês vão obedecer-nos! Mais do que isso, vão obedecer Sheeana! Estão com medo do que vamos fazer hoje? Há coisas piores para vocês temerem!

Ela sacudiu a cabeça fingindo decepção. Sabia o efeito que tudo isso teria sobre o pobre Albertus. Ele encolheu-se debaixo do peso do ódio de Odrade.

— Fique de pé — ordenou ela. — Lembre-se de que é um sacerdote de quem se exige a verdade!

Albertus cambaleou, colocando-se de pé a cabeça ainda curvada. Podia ver no corpo dele que decidira abandonar os subterfúgios. Que prova devia ter sido para ele!

Respeitoso para com a Reverenda Madre que tão facilmente lera seus pensamentos, agora devia obedecer sua religião. Devia confrontar o paradoxo final de todas as religiões.

“Deus sabe!”

— Vocês não escondem nada de mim, nada de Sheeana e nada de Deus.

— Perdoe-me, Reverenda Madre.

— Perdoá-lo? Não depende de mim perdoá-lo, nem devia pedir isso de mim.

Você é um sacerdote!

Ele ergueu os olhos para o rosto furioso de Odrade.

O paradoxo estava totalmente em cima dele agora. Deus certamente estava ali!

Mas Deus em geral estava muito longe e as confrontações podiam ser adiadas.

Amanhã seria outro dia, decerto que seria. E era aceitável que uma pessoa se permitisse cometer pequenos pecados, talvez uma mentira ou duas. Por ora, apenas isso. E talvez um grande pecado se a tentação fosse grande. Supunha-se que os deuses fossem mais compreensivos com relação aos grandes pecadores. Haveria tempo para pedir perdão.

Odrade fitou Albertus com o olhar analítico da Missionaria Protectiva.

“Ah, Albertus” pensou. “Mas agora você se vê na presença de outro ser humano que conhece todas as coisas que você pensava serem um segredo partilhado

apenas por você e por seu deus.”

Para Albertus, a atual situação devia ser pouco diferente da morte, aquela submissão derradeira, o julgamento final de seu deus. Isso certamente explicava a razão inconsciente pela qual ele deixara seu poder desmoronar nesse momento. Todos os seus temores religiosos tinham sido invocados e focalizados numa “Reverenda”

Madre.

Em seu tom de voz mais seco, sem ao menos usar a Voz para forçá-lo, Odrade disse:

— Quero que esta farsa termine imediatamente.

Albertus tentou engolir em seco. Sabia que não podia mentir. Podia conhecer uma remota possibilidade de mentir, mas seria inútil. Submisso, olhou para a testa de Odrade, onde a linha do capuz do traje destilador lhe comprimia a pele. Então disse, a voz pouco mais que um sussurro:

— Reverenda Madre, é só que nos sentimos destituídos daquilo que é nosso.

Vocês e os *Tleilaxu* vão para o deserto com a nossa Sheeana. Vão aprender com ela e...

— Os ombros dele caíram. — Por que leva o *Tleilaxu*?

— Sheeana assim o deseja — mentiu Odrade.

Albertus abriu a boca e a fechou sem falar. Ela podia perceber a aceitação fluindo através dele.

— Você vai voltar para junto de seus companheiros com um aviso — disse Odrade. — A sobrevivência de Rakis e do seu clero depende inteiramente de como me obedecerem agora. Não devem atrapalhar-nos nem um pouquinho! E quanto a essas tramas infantis que concebem contra nós... Sheeana revela-nos o menor de seus pensamentos malévolos!

Albertus surpreendeu-a então. Ele sacudiu a cabeça e emitiu uma risada seca.

Odrade já tinha notado que muitos desses sacerdotes se deleitavam com o constrangimento alheio, mas não imaginava que pudessem achar divertidos os próprios fracassos.

— Acho seu riso vazio — ela disse.

Albertus deu de ombros e recuperou um pouco de sua máscara facial. Odrade já tinha visto muitas máscaras como essa. Fachadas! Eles as usavam em camadas. E

bem embaixo de todas aquelas defesas havia alguém que se importava, alguém que ela expusera ali tão brevemente. Esses sacerdotes tinham o perigoso costume de recorrer a explicações muito floridas quando pressionados com perguntas.

“Devo trazer de volta aquele que se importa”, pensou Odrade. Ela o interrompeu quando ele começou a falar.

— Chega! Você vai esperar por mim quando eu voltar do deserto. Por enquanto você é o meu mensageiro. Leve minha mensagem com precisão e ganhará uma recompensa maior do que pode imaginar. Fracasse e sofrerá as agonias de *Shaitan*!

Odrade observou Albertus sair apressadamente do pátio, os ombros caídos e a

cabeça inclinada para a frente, como se quisesse chegar antes do corpo ao alcance da voz de seus companheiros.

No cômputo geral, pensou, saíra-se muito bem. Fora um risco calculado e muito perigoso no que se referia a ela pessoalmente. Tinha certeza de que havia assassinos naquelas sacadas, esperando por um sinal de Albertus. E agora o medo que ele levava dentro de si era algo que a *Bene Gesserit* compreendia intimamente através de milênios de manipulações. Algo tão contagiosamente virulento quanto uma praga. As Irmãs Instrutoras chamavam isso de "histeria dirigida". E fora dirigida (apontada seria o termo mais preciso) para o coração do clero Rakiano. Era algo em que se podia confiar, especialmente agora em que um reforço entraria em ação. Os sacerdotes se submeteriam e somente alguns hereges imunes deviam ser temidos..

Este é um universo mágico que inspira a admiração: não existem átomos, apenas ondas e movimentos à nossa volta. E aqui a pessoa se livra de toda a crença em barreiras a compreensão.

Coloca-se de lado a própria idéia de compreensão. Este universo não pode ser visto, não pode ser ouvido, não pode ser detectado de modo algum pelos sentidos fixos. É o derradeiro vazio, onde não existem telas em que se possam projetar as formas pré-ordenadas. Tem-se apenas uma consciência aqui — a tela dos magos que é a imaginação. Aqui a pessoa compreende o que significa ser humano.

É um criador de ordem, de sistemas e formas de beleza, é um organizador do caos.

— *O Manifesto Atreides, Arquivos da Bene Gesserit*

— O que você está fazendo é muito perigoso — advertiu Teg. — Minhas ordens são para protegê-lo e torná-lo mais forte. Não posso permitir que isso continue.

Teg e Duncan encontravam-se no corredor revestido de painéis de madeira do lado de fora da sala de exercícios do não-globo. Era o final da tarde pelo relógio de suas rotinas arbitrárias e Lucilla acabara de sair, cheia de ódio depois de um confronto injurioso.

Todos os encontros entre Duncan e Lucilla vinham adquirindo ultimamente as características de uma batalha. Agora há pouco ela tinha parado na porta do salão de exercícios, uma figura rígida que não chegava a ser impassível devido às suas curvas, os movimentos sedutores óbvios aos dois homens.

— Pare com isso, Lucilla! — ordenara Duncan.

Somente a voz traía o ódio dela.

— Por quanto tempo acha que vou esperar para cumprir minhas ordens?

— Até que você ou outra pessoa me diga que eu...

— Taraza exige coisas de você que nenhum de nós aqui sabe — dissera Lucilla.

Teg tentara acalmar os ódios crescentes.

— Por favor. Não é suficiente que Duncan continue a melhorar seu desempenho? Dentro de alguns dias vou começar a manter uma vigília regular do lado de fora. Nós poderemos...

— Você pode parar de interferir no meu trabalho, maldito! — retrucou Lucilla enquanto se virava e saía rapidamente.

Enquanto percebia a dura resolução no rosto de Duncan, uma coisa furiosa começou a trabalhar dentro de Teg. Sentia-se impulsionado pelas necessidades daquela situação de isolamento. Seu intelecto, aquele instrumento maravilhosamente afiado pela *Bene Gesserit*, estava abrigado do ruído mental ao qual tinha que se ajustar no exterior. Achava que, se pudesse apenas silenciar sua mente, colocar tudo num estado de calma, então todas as coisas se tornariam claras para ele.

— Por que está contendo o seu fôlego, *Bashar*? — perguntou Duncan.

A voz dele deixou Teg sufocado. Foi necessário um supremo ato de vontade para que Teg pudesse voltar a respirar normalmente. Sentia as emoções de seus dois companheiros dentro do não-globo como um fluxo e refluxo de maré algo temporariamente removido de outras forças.

“Outras forças.”

A percepção *Mentat* podia ser uma idiota na presença de outras forças que varriam o universo. Podia haver no universo pessoas cujas vidas eram permeadas de poderes que ele nem podia imaginar. Diante de tais forças ele era uma palha flutuando em correntezas turbulentas. Poderia mergulhar numa cachoeira e emergir intacto?

— O que é que Lucilla poderá fazer se eu continuar resistindo a ela? —

perguntou Duncan.

— Ela já usou a Voz com você? — perguntou Teg.

Sua própria voz lhe parecia distante.

— Um vez.

— E você resistiu?

Uma surpresa remota agitou-se em algum lugar dentro de Teg.

— O próprio Paul *Muad'Dib* ensinou-me a fazê-lo.

— Ela é capaz de paralisar você e então...

— Acredito que as ordens dela proíbem a violência.

— E que é violência, Duncan?

— Vou tomar uma ducha, *Bashar*. Vem comigo?

— Em alguns minutos.

Teg respirou fundo, sentindo o quanto estava próximo da exaustão. Essa tarde no salão de treinamento e o que acontecera depois o tinha deixado esgotado.

Observou enquanto Duncan saía. Onde estaria Lucilla? Que estaria planejando? Por quanto tempo mais poderia ela esperar? Essa era a questão central e se ligava à ênfase peculiar do não-globo na questão de seu isolamento do Tempo.

Novamente ele sentiu aquele fluxo e o refluxo que suas três vidas

influenciavam. “Devo conversar com Lucila! Para onde será que ela foi? Fora a biblioteca? Não! Há outra coisa que devo fazer primeiro.”

Lucilla estava sentada num aposento que ela tinha escolhido para seus alojamentos pessoais. Era uma espaço pequeno com um leito decorado encaixando-se em uma depressão na parede. Elementos sutis e grotescos à sua volta revelavam que esse fora o quarto favorito dos Harkonnen. Os tecidos existentes ali eram todos de um azul-pastel com desenhos mais escuros. E, a despeito das esculturas barrocas da cama e do teto da alcova, o quarto podia ser varrido de sua consciência uma vez que ela relaxasse dentro dele.

Deitou-se na cama e fechou os olhos às figuras de sexualidade exagerada desenhadas no teto.

“Vou ter que dar um jeito em Teg.”

“Teria que ser feito de um modo que não ofendesse Taraza nem enfraquecesse o *ghola*. Teg apresentava-lhe um problema especial de muitas maneiras, especialmente no modo como seus processos mentais eram capazes de afundar e emergir de fontes profundas, semelhantes às que eram disponíveis à *Bene Gesserit*.

“Graças à Reverenda Madre que foi sua mãe, é claro.”

Alguma coisa havia passado de mãe a filho. Algo que começara no ventre e que provavelmente não terminara nem quando ambos tinham sido separados. Ele nunca tinha passado pela devoradora transmutação que produzia as Abominações...

não, isso não. Mas possuía poderes autênticos e muito sutis. Aqueles que nasciam de Reverendas Madres aprendiam coisas que eram impossíveis para os outros.

Teg conhecia precisamente o modo como Lucilla encarava o amor em todas as suas manifestações. Ela percebera isso estampado no rosto dele uma vez, nos alojamentos do Castelo.

“Bruxa calculista!”

Teria sido a mesma coisa se ele tivesse falado em voz alta.

Lembrou-se do modo como lhe tinha dirigido o sorriso benevolente e a expressão dominadora. Isso fora um erro, algo indigno de ambos. Tinha percebido em tais pensamentos uma simpatia latente da parte de Teg. Em algum lugar dentro dele, a despeito de todo o cuidadoso treinamento *Bene Gesserit*, existiam fendas em sua armadura. Suas professoras a tinham advertido muitas vezes.

Para ser capaz de induzir um amor verdadeiro, você deve ser capaz de senti-lo, ainda que temporariamente. E uma única vez é o bastante!

As reações de Teg para com o *ghola* Duncan Idaho diziam muita coisa. Teg era ao mesmo tempo atraído e repelido pelo jovem pupilo.

“Exatamente como eu sou.”

Talvez tivesse sido um erro não ter seduzido Teg.

Em sua educação sexual, Lucilla aprendera a ganhar forças numa relação em vez de se entregar nela. Suas professoras tinham enfatizado a análise e as comparações históricas, das quais havia muitos exemplos nas Outras Memórias de uma Reverenda

Madre.

Lucilla focalizou seus pensamentos na presença masculina de Teg. Fazendo isso, podia sentir uma resposta feminina, sua carne desejando Teg junto dela e excitado até o ápice sexual — pronto para o momento do mistério.

Um leve senso de humor penetrou na consciência de Lucilla. Não era chamado de orgasmo nem de qualquer outro rótulo científico! Era típico da cantilena *Bene Gesserit*: “O momento do mistério”, a especialidade última de uma Impressora. A imersão na longa linhagem da *Bene Gesserit* exigia esses conceitos. Tinham lhe ensinado a crer profundamente na dualidade: no conhecimento científico através do qual as Madres Procriadoras guiavam suas ações, mas, ao mesmo tempo, no mistério daquele momento que confundia todo o conhecimento. A ciência e a história da *Bene Gesserit* diziam que o impulso para a procriação devia permanecer irrecuperavelmente enterrado na psique. Ele não podia ser removido sem que isso resultasse na destruição da espécie.

“A rede de segurança.”

Lucilla reuniu suas forças sexuais como somente uma Impressora seria capaz de fazer. Começou a focalizar o pensamento em Duncan. A essa altura ele devia estar no chuveiro, pensando em sua sessão de treinamento noturna com sua professora-Reverenda Madre.

“Irei ao encontro de meu aluno dentro em pouco”, pensou ela. “A lição mais importante deve ser ensinada ou ele não estará plenamente preparado para enfrentar Rakis.”

Essas tinham sido as instruções de Taraza.

Lucilla voltou o foco de seus pensamentos inteiramente para Duncan. Era quase como se o visse, de pé nu, debaixo do chuveiro.

Quão pouco ele compreendia do que havia para aprender!

Duncan estava sentado sozinho no vestiário ao lado dos chuveiros, ao lado da sala de exercícios. Encontrava-se mergulhado numa tristeza profunda. Isso lhe trazia à lembrança sofrimentos causados por velhas feridas que essa carne jovem nunca experimentara.

Algumas coisas nunca mudavam! A Irmandade estava metida em seus velhos jogos de novo.

Olhou para cima e à volta desse refúgio dos Harkonnen revestido de painéis escuros. Arabescos tinham sido esculpidos nas paredes e no teto, estranhos desenhos nos cubos do mosaico do piso. Monstros e lindos corpos humanos entrelaçando-se através das mesmas linhas definidas. Somente um olhar atento distinguia uns de outros.

Duncan olhou para o corpo que os *Tleilaxu*, com seu tanques *axlotl*, tinham produzido para ele. Parecia-lhe estranho às vezes. Ele fora um homem com muitas experiências de adulto no último instante que recordava de sua vida pré- *ghola* —

combatendo um enxame de guerreiros Sardaukar, dando ao seu jovem Duque uma

chance de escapar.

Seu Duque! Paul então não era mais velho que esse corpo. Condicionado, contudo, à maneira de ser de todos os Atreides: lealdade e honra acima de tudo.

“Do modo como eles me condicionaram depois que me salvaram dos Harkonnen.”

Alguma coisa dentro dele não podia escapar dessa antiga dívida. Conhecia sua fonte e podia delinear o processo através do qual essa dívida de gratidão se havia entranhado nele.

E lá permanecia.

Duncan olhou para o piso azulejado. Palavras tinham sido escritas ao longo do rodapé. Era uma inscrição que parte dele identificava como coisa antiga, dos velhos tempos dos Harkonnen, enquanto outra parte achava que era um Galach muito familiar.

LIMPEZA PURA

PURA LIMPEZA

BRILHANTE PURA LIMPEZA

A inscrição repetia-se ao longo do perímetro da sala como se as próprias palavras pudessem criar alguma coisa que Duncan sabia ser totalmente estranha aos Harkonnen de suas lembranças.

Nas portas dos chuveiros, mais inscrições:

CONFESSE TEU CORAÇÃO E ENCONTRE A PUREZA

Uma advertência religiosa numa fortaleza Harkonnen? Teriam os Harkonnen se modificado nos séculos subseqüentes à sua morte?

Duncan achava muito difícil acreditar nisso. Essas palavras eram apenas alguma coisa que os construtores tinham julgado apropriado.

Sentiu mais que ouviu quando Lucilla entrou atrás dele. Levantou-se e prendeu os fechos da túnica que escolhera nos vasos de nulentropia (mas somente depois de arrancar todas as insígnias dos Harkonnen!)

Sem se virar, ele disse:

— Que é agora, Lucilla?

Ela acariciou o tecido da túnica ao longo do braço esquerdo dele.

— Os Harkonnen sabiam o que era bom.

Duncan falou calmamente:

— Lucilla, se você me tocar de novo sem minha permissão, vou tentar matá-la.

E vou tentar com tanto empenho que é muito provável que você tenha que me matar.

Ela recuou imediatamente.

Ele olhou nos olhos dela.

— Não sou nenhum maldito garanhão para os seus projetos de procriação.

— É isso que você acha que queremos de você?

— Ninguém me disse ainda o que vocês querem de mim, mas as suas atitudes são óbvias!

Ele estava nas pontas dos pés, pronto para agir. Aquela coisa ainda não despertada em seu interior remexia-se e fazia seu pulso

acelerar-se.

Lucilla observou-o cuidadosamente. “Maldito Miles Teg!” Nunca esperara que a resistência fosse assumir essa forma. Não havia como duvidar da sinceridade de Duncan. Palavras apenas não iam adiantar mais. Ele era imune à Voz.

“Verdade”

Era a única arma que lhe restava.

— Duncan, não sei precisamente o que Taraza espera que você faça em Rakis.

Só posso fazer suposições, mas minhas suposições podem estar erradas.

— Faça as suposições então.

— Existe em Rakis uma garota muito jovem, uma adolescente. O nome dela á Sheeana. Os vermes de Rakis obedecem a ela. De algum modo, a Irmandade deve unir esse talento ao seu patrimônio de habilidades.

— E que poderia eu possivelmente...

— Se eu soubesse lhe diria agora.

Ele notou a sinceridade dela, revelada pelo desespero.

— E que é que seu talento tem a ver com isso? — indagou ele.

— Somente Taraza e suas conselheiras sabem.

— Elas querem ter algum poder sobre mim, alguma coisa da qual eu não possa escapar!

Lucilla já deduzira isso, mas não tinha esperado que ele chegasse a tal conclusão tão rapidamente. O rosto jovem de Duncan ocultava

uma mente que funcionava em níveis que ela ainda não tinha avaliado. Os pensamentos de Lucilla aceleraram-se.

— Controle os vermes e poderá reviver a antiga religião — era a voz de Teg vindo da porta atrás de Lucilla.

“Não o ouvi chegar!”

Ela girou num movimento rápido. Teg estava posicionado com uma das antigas armas laser dos Harkonnen apoiada naturalmente sobre o braço esquerdo, o cano apontado para Lucila.

— Isto é para garantir que você vai me ouvir — ele disse.

— Há quanto tempo estava nos ouvindo?

O olhar furioso de Lucilla não mudou a expressão de Teg.

— A partir do momento em que admitiu que não sabe o que Taraza espera de Duncan. Nem eu sei — disse Teg. — Mas posso fazer algumas projeções *Mentat*.

Nada muito preciso ainda, mas todas muito sugestivas. Diga-me se estou errado.

— A respeito do quê?

Ele olhou para Duncan.

— Uma das coisas que lhe ordenaram que fizesse foi torná-lo irresistível para a maioria das mulheres.

Lucilla tentou ocultar o desapontamento. Taraza a advertira para que escondesse isso de Teg por quanto tempo fosse possível. Percebia agora que não poderia mais esconder. Teg notara sua reação com uma daquelas malditas habilidades que a maldita mãe lhe havia ensinado!

— Um bocado de energia está sendo reunida e dirigida para Rakis —

continuou Teg. Olhou firme para Duncan. — Não importa o que os *Tleilaxu* tenham enterrado dentro dele, ele tem a marca da antiga humanidade em seus genes. Não é disso que precisam as Madres Procriadoras?

— Um maldito garanhão para as *Bene Gesserit* — acusou Duncan.

— Que é que você pretende fazer com essa arma? — perguntou Lucilla, indicando a antiga arma laser nas mãos de Teg.

— Isto? Eu ainda nem coloquei o carregador de energia.

Ele abaixou a arma laser e a apoiou no canto da porta ao seu lado

— Miles Teg, você será punido! — ameaçou Lucilla.

— Isso vai ter que esperar — retrucou ele. — É quase noite lá fora e eu saí sob a proteção de um escudo vital. Burzmali esteve aqui. Deixou seu sinal para indicar que leu a mensagem que deixei rabiscada com aquelas marcas de animais nas árvores.

Um brilho de vigilância surgiu nos olhos de Duncan.

— Que vai fazer? — perguntou Lucilla.

— Deixei novas marcas preparando um encontro. Agora vamos todos para a biblioteca, onde estudaremos os mapas. Vamos gravá-los na memória. No mínimo ficaremos sabendo onde estamos quando fugirmos.

Ela concedeu-lhe um curto meneio de aceitação com a cabeça. Duncan notou o movimento de Lucilla com apenas uma pequena fração de sua consciência. Sua mente já tinha saltado adiante, para o antigo equipamento da biblioteca dos Harkonnen. Fora ele quem demonstrara a Teg e Lucila como usá-lo corretamente, pedindo um

mapa de Giedi Prime de uma época em que nenhum não-globo ainda fora construído.

Com a memória pré- *ghola* do Duncan como guia, e seu conhecimento mais moderno do planeta, Teg tentava atualizar o mapa.

“Estação da Guarda Florestal” tornou-se “Castelo da *Bene Gesserit*”

— Parte dele era um chalé de caça dos Harkonnen — explicara Duncan. —

Eles caçavam seres humanos especialmente criados e condicionados para esse propósito.

Cidades desapareciam na atualização de Teg. Algumas delas permaneciam, mas recebiam novos nomes. “Ysai”, a metrópole mais próxima, tornou-se “Baronja” no mapa original.

Os olhos de Duncan ficaram cruéis ante essa lembrança.

— Foi onde eles me torturaram.

Quando Teg esgotou sua memória do planeta, muita coisa estava marcada ainda como desconhecida, mas havia símbolos encaracolados da *Bene Gesserit* identificando os lugares onde, segundo o pessoal de Taraza explicara a Teg, ele poderia encontrar refúgio temporário.

Eram esses lugares que Teg queria gravar na memória.

Enquanto se virava para guiá-los até a biblioteca, Teg disse:

— Vou apagar o mapa quando o tivermos memorizado. Ninguém pode prever quem é capaz de encontrar este lugar e examiná-lo.

Lucilla passou por ele.

— Está em sua cabeça, Miles! — ela disse.

Teg olhou para as costas dela enquanto se afastava:

— Um *Mentat* lhe diz que fiz aquilo que me era exigido.

Ela falou sem se virar:

— Que lógico, Miles!

Esta sala reconstrói um trecho do deserto de Duna. O Trator da Areia diretamente em frente é da época dos Atreides. Agrupadas em torno dele, no sentido dos ponteiros do relógio a partir da sua esquerda, encontram-se uma pequena colhedeira, uma asa transporta-tudo, uma primitiva fábrica de especiaria e outros equipamentos de apoio. As explicações estão nos stand. Observe-se a citação iluminada em cima de cada stand. "POIS ELES SUGARÃO A ABUNDÂNCIA DOS MARES E OS TESOUROS DAS AREIAS." Essa antiga citação religiosa era freqüentemente repetida pelo célebre Gurney Halleck.

— *Texto-guia,*

Museu de Dar-es-Balat

O verme não reduziu sua marcha implacável senão pouco antes do anoitecer.

A essa altura Odrade já estudara meticulosamente todas as suas indagações e ainda não obtivera respostas. Como Sheeana podia controlar os vermes? Ela dizia que não estava dirigindo o seu *Shaitan* naquela direção. Qual seria a linguagem oculta a que respondia o monstro do deserto? Odrade sabia que suas irmãs-guardiãs nos tópteros lá em cima deviam estar se fazendo as mesmas perguntas, e mais uma:

"Por que Odrade deixa essa cavalgada continuar?"

Elas poderiam até mesmo aventar algumas hipóteses: "Ela não nos chama porque isso poderia perturbar a fera." "Ela não confia em

nossa capacidade de resgatar o seu grupo”

Mas a verdade era muito mais simples: curiosidade.

A sibilante passagem do verme lembrava o avanço de um navio fendendo os

oceanos. Mas os odores de pó de pedra e da areia superaquecida que passavam em torno deles, soprados pelos ventos, revelavam o contrário. Somente o deserto aberto os envolvia agora, quilômetros após quilômetros de dunas dorso-de-baleia, tão regulares em seu espaçamento quanto as ondas de um mar.

Waff estava em silêncio já havia um bom tempo. Agachara-se numa reprodução, em miniatura, da posição de Odrade, sua atenção dirigida para a frente, uma expressão vazia no rosto. Sua declaração mais recente fora:

— Deus guarda os fiéis na hora do nosso julgamento!

Odrade pensava nele como a prova viva de que um fanatismo suficientemente forte era capaz de sobreviver durante eras. Os Zensunni e os antigos Sufi sobreviviam nos *Tleilaxu*. Era como um vírus mortífero que tivesse permanecido incubado por todos esse milênios, esperando o hospedeiro certo para alimentar sua virulência.

“Que acontecerá com aquilo que plantei no clero Rakiano?”' ela se perguntava.

Santa Sheeana era uma certeza.

Sheeana estava sentada num anel de seu *Shaitan*, o manto puxado para cima a fim de revelar suas canelas magras. Segurava o anel com ambas as mãos colocadas entre as pernas.

Sheeana contara que seu primeiro verme levara-a diretamente para Keen. Por que para lá? Será que o verme estava simplesmente

levando-a para junto de sua própria gente?

Este aqui tinha certamente um objetivo diferente. Sheeana não mais o questionava e Odrade ordenara que ela ficasse em silêncio e praticasse o baixo transe.

Isso pelo menos garantiria que os mínimos detalhes dessa experiência poderiam ser recuperados facilmente da memória dela. Se houvesse uma linguagem oculta entre Sheeana e o verme, elas descobririam depois.

Odrade olhou para o horizonte. O que restava da base da antiga muralha em torno do Sareer encontrava-se apenas alguns quilômetros à frente. Longas sombras partindo dessas elevações projetavam-se sobre as dunas, revelando a Odrade que esses restos eram mais altos do que ela havia suspeitado. Agora parecia um contorno partido e despedaçado ao longo do horizonte, com grandes pedras lançadas ao longo da base. A fenda onde o Tirano despencara de sua ponte para o rio Idaho estava bem à direita, pelo menos uns três quilômetros fora de seu caminho. Nenhum rio passava por lá agora.

Waff mexeu-se ao lado dela.

— Eu ouço teu chamado, ó Deus — exclamou ele. — É Waff dos Entio que ora em Teu Lugar Sagrado.

Odrade voltou a atenção para ele sem mover a cabeça. “Entio?” Suas outras Memórias conheciam um Entio, líder tribal dos grandes Peregrinos Zensunni, de uma época muito anterior a Duna. Que seria isso? Que antigas memórias esses *Tleilaxu* ainda manteriam vivas?

Sheeana quebrou seu silêncio.

— *Shaitan* está diminuindo a marcha.

Os restos da antiga muralha bloqueavam o caminho. Erguiam-se a uma altura de pelo menos uns 50 metros acima das dunas mais altas. O verme virou-se ligeiramente para a direita e passou entre duas rochas colossais que se erguiam em torno deles. Então parou, o longo dorso anelado paralelo a uma seção quase intacta da base da muralha.

Sheeana levantou-se e olhou para a barreira.

— Que lugar é este? — perguntou Waff.

A voz dele ergueu-se acima do som dos ornitópteros que circulavam lá no alto.

Odrade soltou as mãos cansadas do anel do verme e flexionou os dedos.

Continuou agachada enquanto estudava o ambiente ao redor. Sombras das pedras derrubadas traçavam faixas de escuridão definidas sobre os montes de areia desmoronada e as pequenas rochas. Vista de perto, a muralha, a menos de 20 metros de distância, revelava fendas e aberturas, entradas negras para as suas antigas fundações.

Waff levantou-se, massageando as mãos.

— Por que fomos trazidos aqui? — perguntou ele, sua voz ligeiramente suplicante.

O verme contorceu-se.

— *Shaitan* deseja que saltemos — explicou Sheeana.

“Como é que ela sabe?”, perguntou-se Odrade. Os movimentos do verme não tinham sido suficientes para que nenhum deles caísse. Podia ter sido um reflexo depois de uma jornada muito longa.

Mas Sheeana se voltou para as antigas fundações da muralha, sentou-se na curva do verme e escorregou. Caiu agachada na areia

macia.

Odrade e Waff avançaram até a frente do verme e observaram fascinados enquanto Sheeana caminhava com dificuldade através da areia até ficar diante da boca do animal. Lá ela colocou ambas as mãos na cintura e olhou para dentro da criatura, enquanto o brilho das chamas alaranjadas tremulava em seu rosto jovem.

— *Shaitan*, por que estamos aqui? — indagou ela.

Novamente o verme se agitou.

— Ele quer que vocês desçam — avisou ela.

Waff olhou para Odrade.

— Se Deus desejar que morras, fará com que teus passos o conduzam ao local de tua morte.

Odrade devolveu-lhe uma frase do canto de *Shariat*.

— Obedeça a mensageira de Deus em todas as coisas.

Waff suspirou. Havia dúvida, bem visível em seu rosto. Mas ele se virou e foi o primeiro a pular de cima do verme, bem na frente de Odrade. Eles seguiram o exemplo de Sheeana, andando até ficarem em frente à criatura. Odrade, com cada um de seus sentidos em alerta, fixou o olhar em Sheeana.

Era muito quente na frente da boca aberta. O cheiro familiar de melange enchia o ar em torno deles.

— Aqui estamos, ó Deus! — disse Waff.

Odrade, já muito cansada dessa admiração religiosa, deu uma olhada no lugar em que se encontravam — as rochas partidas, a barreira destruída pela erosão subindo ao encontro do céu do entardecer, a areia escorrendo em declives a partir das pedras

marcadas pelo tempo, o lento ressecamento do calor vindo dos fogos internos do verme.

“Mas onde estamos?”, perguntou-se Odrade. “Que há de especial neste lugar para fazer dele o destino do verme?”

Quatro tópteros da escolta passaram em fileira acima. O som de suas asas e o sussurro dos jatos abafaram momentaneamente o rumor proveniente do interior do verme.

“Devo pedir que desçam?”, pensou Odrade. Seria preciso apenas um sinal com a mão. Em vez disso ela ergueu ambas as mãos, fazendo o sinal para que os observadores permanecessem no ar.

O frio da noite já tomava conta das areias. Odrade tremeu e ajustou seu metabolismo às novas exigências. Sentia-se confiante em que o verme não os engoliria na presença de Sheeana.

Sheeana virou as costas para a criatura.

— Ele quer que fiquemos aqui — explicou ela.

Como se suas palavras fossem uma ordem, o verme virou a cabeça para longe deles e deslizou através do grupo de pedras altas. Puderam ouvi-lo ganhar velocidade enquanto voltava para o deserto.

Odrade olhou para a base da antiga muralha. A escuridão logo os envolveria, mas ainda havia luz suficiente, no longo crepúsculo do deserto, para que pudessem procurar alguma explicação do motivo de aquela criatura tê-los levado até ali. Havia uma fenda comprida na rocha à direita que parecia um lugar melhor que qualquer outro para merecer uma investigação. Mantendo parte de sua atenção voltada para os sons de Waff e Sheeana, Odrade subiu a aclive de areia em direção à abertura escura.

Sheeana acompanhou-a.

— Por que estamos aqui, Madre?

Odrade sacudiu a cabeça enquanto ouvia Waff seguindo-as.

A fenda diretamente à frente era uma sombria abertura para a escuridão.

Odrade parou e segurou Sheeana para que ficasse ao lado dela. Calculava que a abertura tivesse um metro de largura e quatro vezes isso em altura. Os lados rochosos eram curiosamente lisos, como que polidos por mãos humanas. A areia tinha escorregado para dentro da abertura e a luz do Sol poente nela se refletia para dar a um dos lados dessa entrada um banho de ouro.

Waff disse atrás delas:

— Que lugar é este?

— Existem muitas cavernas antigas — explicou Sheeana. — Os Fremen escondiam a especiaria em cavernas. — Inalou profundamente. — Está sentido o cheiro, Madre?

Havia definitivamente um odor de melange naquele lugar, concordou Odrade.

Waff passou por elas e entrou na fissura. Virou-se, olhando para as paredes no ponto em que elas se encontravam num ângulo agudo acima dele. Voltando-se para Odrade e Sheeana, recuou para dentro da abertura, a atenção concentrada nas paredes.

Odrade e Sheeana avançaram para ficar mais perto dele e, com um súbito assovio de areia desmoronando, Waff desapareceu de suas vistas. Ao mesmo tempo, toda a areia em torno de Odrade e Sheeana escorregou para dentro da fissura, arrastando as duas enquanto Odrade segurava a mão de Sheeana.

— Madre! — gritou a jovem.

O som ecoou nas paredes de rocha, invisíveis na escuridão, enquanto elas desciam um longo declive de areia. A areia levou-as até parar num suave movimento.

Odrade, enterrada até os joelhos, safou-se e puxou Sheeana para uma superfície mais firme.

Sheeana começou a falar, mas Odrade fez com que ela se calasse:

— Xii. Ouça!

Havia um movimento à esquerda.

— Waff?

— Estou enterrado até a cintura.

Havia terror na voz dele.

Odrade disse secamente:

— Deus deve querer assim. Saia daí com cuidado. Parece que temos rocha sob nossos pés. Cuidado agora! Não queremos outra avalanche.

Enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão, Odrade olhou para o declive de areia por onde tinham caído. A abertura por onde haviam entrado era agora uma fenda distante, uma estilha de luz dourada lá em cima.

— Madre — sussurrou Sheeana —, estou apavorada.

— Recite a Litania contra o Medo — ordenou Odrade. — E fique quieta.

Nossas amigas sabem onde estamos. Vão ajudar-nos a sair.

— Deus nos trouxe a este lugar — comentou Waff.

Odrade não respondeu. No silêncio, comprimiu os lábios e deu um assovio agudo, escutando para ouvir os ecos. Seus ouvidos indicaram-lhe que se encontravam num amplo espaço aberto com algum tipo de obstrução baixa atrás. Voltou as costas para a fenda estreita e deu outro assovio.

A barreira baixa encontrava-se a 100 metros de distância.

Odrade soltou a mão de Sheeana.

— Fique aqui mesmo, por favor, Waff.

— Eu ouço os tópteros — ele disse.

— Estamos ouvindo — disse Odrade. — Estão pousando. Vamos ter ajuda

dentro em pouco. Enquanto isso, por favor, fiquem onde estão e permaneçam em silêncio. Preciso desse silêncio.

Assoviando e ouvindo os ecos, colocando cada um dos pés com cuidado, Odrade avançou na escuridão profunda. Uma de suas mãos estendidas encontrou uma superfície de rocha áspera. Ela tateou ao longo desse obstáculo. A altura chegava até sua cintura apenas. Não era capaz de sentir nada além. Os ecos de seus assovios indicavam tratar-se de um espaço menor adiante, parcialmente fechado.

Uma voz chamou de algum ponto alto atrás dela.

— Reverenda Madre? Está aí?

Odrade voltou-se, colocou as mãos em concha em torno da boca e gritou:

— Afastem-se! Escorregamos para dentro de uma grande caverna. Tragam uma luz e uma corda comprida.

Uma minúscula silhueta escura afastou-se na abertura distante. A luz lá em cima estava ficando cada vez mais fraca. Ela abaixou as mãos e falou para a escuridão:

— Sheeana? Waff? Avancem 10 passos e esperem.

— Onde estamos Madre? — perguntou Sheeana.

— Paciência, criança.

Um som baixo e murmurante vinha de Waff, e Odrade reconheceu as antigas palavras do *Islamiyat*. Ele estava rezando. Waff abandonara qualquer tentativa de lhe esconder suas origens. Ótimo. O crente era um receptáculo para ela encher com as dádivas da Missionária Protectiva.

Enquanto isso, as possibilidades desse local para onde o verme os trouxera deixavam Odrade excitada. Guiando-se com uma das mãos de encontro à pedra, explorou a barreira para a esquerda. O topo era bem liso em certos lugares.

Escorregava para baixo na direção oposta. As Outras Memórias ofereceram-lhe uma súbita projeção.

“Bacia de recolhimento!”

Esse era um tanque Fremen para armazenagem de água. Odrade inalou profundamente, buscando umidade. O ar estava seco e cheio de pó.

Uma luz brilhante apareceu no alto da fissura e afastou a escuridão. Uma voz chamou lá de cima e Odrade a reconheceu como sendo de uma de suas Irmãs.

— Podemos vê-la.

Odrade recuou, afastando-se do muro baixo e se virando para olhar em torno.

Waff e Sheeana encontravam-se a seis metros de distância, olhando em volta. A câmara era quase circular, com uns 200 metros de diâmetro. Uma cúpula de rocha erguia-se bem alto. Odrade examinou o muro baixo ao seu lado: sim, era uma bacia de recolhimento dos Fremen. Ela era capaz de discernir, no centro, a pequena ilha rochosa onde um verme cativo podia ser mantido, pronto a ser jogado na água. As Outras Memórias reproduziram as contorções daquela morte em agonia que produzia o veneno de especiaria para incendiar uma orgia Fremen.

Uma arcada baixa emoldurava mais escuridão do outro lado do tanque Odrade

podia ver o vertedouro por onde a água era trazida para esse lugar, a partir de uma armadilha de vento. Haveria outras bacias de recolhimento por lá, todo um conjunto delas projetado para reter a riqueza de umidade de uma tribo ancestral. Odrade sabia o nome desse lugar agora.

— *Sietch Tabr* — sussurrou ela.

As palavras provocaram um fluxo de memórias úteis. Essa tinha sido a base de Stilgar nos tempos do *Muad'Dib*. “Por que aquele verme nos trouxe para o *Sietch Tabr*?”

Um verme conduzira Sheeana para a cidade de Keen. Outros teriam conhecimento dela? Que haveria para ser descoberto nesse lugar? Haveria pessoas escondidas lá dentro, na escuridão? Odrade não sentia qualquer sinal de vida naquela direção.

Sua Irmã na abertura interrompeu tais pensamentos.

— Tivemos que pedir uma corda em Dar-es-Balat! O pessoal do museu diz que este lugar é provavelmente o *Sietch Tabr*! Pensavam que tivesse sido destruído!

— Mande uma luz para que possamos explorá-lo — pediu Odrade.

— Os sacerdotes pedem que não perturbemos o local!

— Mande-me uma luz! — insistiu Odrade.

Dai a pouco um objeto escuro escorregou pelo declive de areia com um pequeno desmoronamento. Odrade mandou Sheeana buscá-lo. Um toque num botão e um brilhante raio de luz iluminou a escuridão da arcada além da bacia de recolhimento. Sim, havia outras bacias. E depois dessa em que estavam havia uma escadaria estreita, cortada na rocha. Os degraus conduziam para o alto, fazendo uma curva que os ocultava à visão.

Odrade abaixou-se e sussurrou no ouvido de Sheeana:

— Vigie Waff com cuidado. Se ele se mover atrás de nós, avise.

— Sim, Madre. Aonde vamos?

— Devo explorar este lugar. Fui eu a pessoa trazida aqui com um propósito.

Ela ergueu a voz e se dirigiu a Waff:

— Waff, por favor, espere aqui pela corda.

— Que foi que vocês andaram cochichando? — indagou ele. — Por que devo esperar? Que está fazendo?

— Estive rezando — respondeu Odrade. — Agora devo continuar esta peregrinação sozinha.

— Por que sozinha?

Na velha linguagem do *Islamiyat*, ela disse:

— Assim está escrito.

“Isso o deteve!”

Odrade saiu na frente, caminhando rapidamente para as escadarias.

Sheeana, correndo para manter o passo com ela, disse:

— Nós devemos contar ao povo a respeito deste lugar. As velhas cavernas

Fremen são seguras contra *Shaitan*.

— Fique quieta, criança — censurou Odrade.

Ela apontou a luz para a escadaria. A escada curvava-se na rocha, fazendo um ângulo pronunciado para a direita e para cima. Odrade hesitou. O sentimento de advertência e perigo latente que ela sentira no início dessa aventura, intensificou-se.

Era algo quase palpável dentro dela.

“Que haverá lá em cima?”

— Espere aqui, Sheeana — disse Odrade. — Não deixe Waff seguir-me.

— Como poderei detê-lo?

Sheeana olhou com medo para a câmara onde Waff se encontrava.

— Diga-lhe que Deus quer que ele permaneça aqui. Fale deste modo... —

Odrade curvou-se junto ao ouvido de Sheeana e repetiu as palavras na antiga linguagem de Waff, depois acrescentou: — Não diga mais nada. Fique na frente dele e repita se ele tentar passar.

Sheeana repetiu as palavras baixinho. Tinha decorado, percebeu Odrade. Essa garota era rápida.

— Ele tem medo de você — explicou Odrade. — Não tentaria feri-la.

— Sim, Madre.

Sheeana virou-se, dobrou os braços sobre o peito e olhou através da câmara para Waff do outro lado.

Apontando a luz à sua frente, Odrade subiu a escadaria de rocha. "*Sietch Tabr*!

Que surpresas guardou para nós aqui, velho verme?"

Num longo corredor no fim da escadaria, Odrade encontrou os primeiros cadáveres mumificados pelo deserto. Eram cinco, dois homens e três mulheres, sem roupas ou marcas de identificação. Alguém os despira e os deixara completamente nus para serem preservados pelo ar seco do deserto. O processo de desidratação havia esticado a pele por sobre ossos. Os corpos estavam sentados em fila, as pernas esticadas para o meio do corredor, e Odrade foi obrigada a pular por cima desses macabros obstáculos.

Lançou o facho da lanterna sobre cada corpo ao passar. Todos tinham sido apunhalados de modo quase idêntico. Uma lâmina havia penetrado bem abaixo do arco do esterno.

"Assassinatos rituais?"

A carne seca e perfurada tinha entrado nos ferimentos, deixando uma nódoa negra para marcá-los. Esses cadáveres não eram da época dos Fremen. Odrade sabia que os alambiques da morte dos Fremen transformavam os corpos em cinzas a fim de recuperar sua água.

Odrade examinou com a luz o corredor adiante e parou para considerar sua situação. A descoberta desses corpos intensificava seu sentimento de perigo. "Eu devia ter trazido uma arma." Mas isso teria levantado as suspeitas de Waff.

A persistência desse aviso interior não podia ser esquecida. Essa relíquia do

Sietch Tabr era perigosa.

O facho de luz revelou outra escadaria no final do corredor. Odrade avançou com cautela. No primeiro degrau, apontou a luz para cima. Degraus estreitos.

Somente um lance pequeno, mais rochas e um espaço mais amplo lá em cima. Odrade virou-se e examinou com a luz esse corredor. Lascados e marcas de queimadura ao longo das paredes de rocha. Uma vez mais ela olhou para a escadaria.

“Que haverá lá em cima?”

Subiu devagar um degrau de cada vez, parando freqüentemente. Emergiu numa passagem maior, escavada na rocha nativa. Mais corpos a esperavam. Esses tinham sido abandonados em desarranjo nos seus momentos finais. Novamente Odrade viu apenas carne mumificada, sem roupas. Estavam espalhados ao longo da passagem ampla — 20 corpos. Odrade passou com cuidado no meio deles. Alguns tinham sido apunhalados do mesmo modo que os cinco no nível inferior. Outros tinham sido desmembrados, queimados e despedaçados por feixes de armas laser. Um fora decapitado e o crânio, com sua máscara de pele ressequida, encontrava-se junto da parede como uma bola abandonada depois de um jogo terrível.

Esse novo corredor conduzia diretamente à frente, passando pelas aberturas de pequenas câmaras em ambos os lados. Odrade não viu nada de valor nelas: alguns fios dispersos de fibra de especiaria, pequenas poças de rocha derretida, bolhas de rocha coagulada aparecendo às vezes nos pisos, nas paredes e no teto.

“Que violência foi essa?”

Manchas sugestivas podiam ser vistas no piso de algumas das câmaras. Sangue derramado? Uma câmara tinha um pequeno montinho de roupas escuras num canto.

havia fragmentos de tecido rasgado aos pés de Odrade.

E havia o pó. Pó em toda parte. Seus pés erguiam-no ao passar.

A passagem terminava numa arcada que se abria para uma saliência na rocha.

Odrade iluminou a câmara além dessa plataforma e viu um espaço enorme, bem maior do que aquele que deixara lá embaixo. O teto curvo subia a tamanha altura que devia entrar na base rochosa da Grande Muralha. Amplos degraus conduziam do alto dessa plataforma ao piso da câmara. Hesitantemente, Odrade desceu por eles e iluminou ao redor com seu facho de luz. Outras passagens saíam dessa grande câmara.

Algumas, percebia ela, tinham sido bloqueadas por rochas, e algumas pedras ficavam espalhadas sobre o chão da câmara e da saliência rochosa acima.

Odrade cheirou o ar. Havia um perfume de melange na poeira agitada por seus pés. O cheiro penetrou em seu senso de perigo. Queria sair dali, voltar para junto dos outros. Mas o perigo era um farol a atraí-la. Tinha que descobrir para onde conduzia esse farol.

Sabia onde se encontrava. Essa era a grande câmara de reunião do *Sietch Tabr*, local de incontáveis orgias de especiaria dos Fremen e de conselhos tribais. Ali havia exercido a presidência o Naib Stilgar. Gurney Halleck estivera ali. Lady Jessica, Paul *Muad'Dib*, Chani, a mãe de Ghanima. Ali o *Muad'Dib* treinara seus guerreiros. O

Duncan Idaho original tinha estado ali... e também o primeiro *ghola* Idaho!

“Por que fomos trazidos para cá? Qual é o perigo?”

Estava ali, bem ali! Podia senti-lo.

Nesse lugar o Tirano escondera um tesouro de especiaria. Os registros da *Bene Gesserit* revelavam que o tesouro tinha enchido toda essa câmara, até o teto, e muitas das passagens adjacentes.

Odrade virou-se, o olhar seguindo o caminho aberto pelo facho de luz. Lá estava a plataforma dos Naibs. E ali a Plataforma Real, mais ampla, que o *Muad'Dib* mandara construir.

“E lá está a arcada por onde entrei”

Examinou o piso com a lanterna, notando os locais onde grupos de caçadores de tesouros tinham lascado e queimado as rochas, buscando o resto do tesouro do Tirano. As Oradoras Peixes haviam levado a maior parte, o lugar em que fora oculto tendo sido revelado pelo *ghola* Idaho, que fora consorte da célebre Siona. Os registros diziam que exploradores subseqüentes tinham encontrado outros depósitos de melange atrás de pisos e paredes falsas. Havia muitos relatos autenticados a esse respeito, checados pelas Outras Memórias. Os Tempos da Fome tinham trazido muita violência a esse lugar, quando gente desesperada o conquistara. Isso poderia explicar os corpos. Muita gente havia lutado e morrido ali, buscando uma chance de procurar os tesouros do *Sietch Tabr*.

Como lhe tinham ensinado, Odrade tentou usar como guia seu senso de perigo. Será que o miasma da violência do passado ainda fazia parte dessas paredes depois de tantos milênios? Seu aviso não era a esse respeito, era uma advertência quanto a alguma coisa mais imediata. O pé esquerdo de Odrade sentiu um desnível no piso. A lanterna revelou uma linha escura na poeira. Espalhou a poeira com o pé revelando uma letra e depois uma palavra inteira gravada na pedra numa caligrafia fluida.

Odrade leu a palavra em silêncio e depois a repetiu em voz alta.

— Arafel.

Conhecia a palavra. As Reverendas Madres que tinham vivido nos tempos do Tirano, haviam-na deixado impressa na consciência da

Bene Gesserit, suas origens recuando até ás fontes mais antigas.

— Arafel: a nuvem de escuridão no fim do universo.

Odrade sentiu uma acumulação sufocante de seu senso de perigo. Focalizava-se naquela única palavra.

“O julgamento sagrado do Tirano”, era como os sacerdotes chamavam essa palavra, “A nuvem escura do julgamento sagrado!”

Odrade caminhou em torno da palavra, fitando-a, notando a curva da caligrafia no final, que acabava formando uma pequena flecha. Olhou para onde a flecha apontava. No passado, outra pessoa tinha visto a flecha e escavado a saliência para onde ela apontava. Odrade aproximou-se do ponto em que a tocha do caçador de

tesouros deixara um monte escuro de pedra derretida no piso da câmara. Fios de pedra derretida escorriam como dedos da saliência, cada qual partindo de um profundo orifício queimado na rocha.

Curvando-se, Odrade olhou dentro de cada buraco com a ajuda da lanterna: nada! Sentia a excitação do caçador de tesouros misturando-se com o temor de seu pressentimento. A extensão da riqueza contida nessa câmara já tinha atordoado as imaginações. Na pior época dos tempos da escassez, uma valise carregada de melange era suficiente para se comprar um planeta. E as Oradoras Peixes tinham desperdiçado essa riqueza em disputas mesquinhas, enganos terríveis e rixas insignificantes demais para que a história as registrasse. Tinham ficado satisfeitas ao aceitarem a aliança com os Ixianos quando os *Tleilaxu* quebraram o monopólio da melange.

“Será que os caçadores encontraram tudo? O Tirano era de uma astúcia soberba. Arafel.”

“No fim do universo.”

Teria ele enviado uma mensagem através das eras para a *Bene Gesserit* dos dias atuais?

Odrade vasculhou a câmara com sua lanterna uma vez mais, depois apontou o facho para o alto.

O teto era uma cúpula perfeita. Fora concebido, Odrade sabia, como um modelo do céu noturno visto da entrada do *Sietch Tabr*. Mas mesmo no tempo de Liet Kynes, o primeiro planetólogo que chegara a esse lugar, as estrelas originais, pintadas no teto, já tinham desaparecido, perdidas durante pequenos tremores de terra e na abrasão diária da vida.

A respiração de Odrade acelerou-se. O sentimento de perigo nunca fora tão forte. O farol do perigo brilha dentro dela! Rapidamente, Odrade atravessou para o outro lado dos degraus por onde havia descido até esse piso. Voltando-se naquele ponto, deixou a mente recuar no tempo, fazendo as Outras Memórias iluminarem o lugar. Elas vieram lentamente, passando com dificuldade pelas sensações daquele coração batendo muito forte na antevisão do fim. Apontando o facho de luz para cima e olhando na direção dele, Odrade fez suas Outras Memórias sobreporem-se ao cenário diante dela.

“Fragmentos de brilho refletido!”

As Outras Memórias posicionaram-nos: representações de estrelas num céu há muito desaparecido, mostrando que fora bem ali! O semi-círculo prata-amarelado do sol de Arrakeen. Ela sabia que era o símbolo do poente.

“O dia do Fremen começa à noite.”

“Arafel!”

Mantendo o foco da lanterna sobre o marco do sol poente, Odrade subiu os degraus de costas e deu a volta na câmara até a posição exata que vira em suas Outras Memórias.

Nada restara daquele arco de sol ancestral.

Os caçadores de tesouros tinham escavado a parede no ponto onde estivera o marco. Bolhas de pedra fundida e solidificada brilhavam onde uma tocha passara ao longo da parede. Mas não conseguira penetrar na rocha original.

Por um aperto no peito, Odrade soube que se encontrava à beira de uma perigosa descoberta. O farol a conduzira até ali!

“Arafel... nas bordas do universo. Além do sol poente!”

Odrade moveu a luz para a direita e para a esquerda. A entrada de outra passagem abria-se à esquerda. As pedras que a tinham bloqueado encontravam-se espalhadas até as bordas. Com o coração batendo forte, Odrade escorregou pela abertura e encontrou um pequeno trecho da passagem, fechada com rochas derretidas no final. A sua direita, diretamente embaixo do local onde estivera a marca do sol poente, encontrou um pequeno compartimento cheio do odor de melange. Odrade entrou e viu mais indícios de paredes lascadas e meio derretidas. O perigo era opressivo. Odrade cantou em silêncio a Litania contra o Medo, enquanto vasculhava o cubículo com seu facho de luz. O lugar era quase quadrado, com dois metros de cada lado. O teto encontrava-se a menos de meio metro acima de sua cabeça. O cheiro de canela pulsava em suas narinas. Odrade espirrou e, piscando os olhos, viu uma pequena descoloração no piso ao lado do portal.

Mais marcas de uma busca muito antiga?

Curvando-se e colocando a luz em ângulo reto, percebeu ter vislumbrado apenas a sombra de uma coisa gravada profundamente na rocha. A poeira escondera a maior parte. Odrade ajoelhou-se e raspou a poeira. Uma inscrição profunda e fina. O

que quer que fosse, fora destinada a durar. A última mensagem de uma Reverenda Madre perdida? Esse era um artifício conhecido da *Bene Gesserit*. Pressionou as pontas sensíveis de seus dedos contra a marca da inscrição e a reconstruiu em sua mente.

O reconhecimento saltou em sua consciência: um palavra escrita na antiga linguagem Chakobsa “Aqui”.

Não era um “aqui” comum assinalando um lugar qualquer, mas um “aqui”

enfático que dizia: “Você me encontrou!” O coração de Odrade, batendo forte, enfatizava isso.

Colocou a lanterna no piso a seu lado e explorou com a mão o antigo portal. A pedra parecia contínua aos seus olhos, mas os dedos detectavam uma minúscula descontinuidade. Pressionou a descontinuidade, girou-a, torceu-a. Mudou várias vezes o ângulo da pressão e repetiu o esforço.

Nada.

Sentando-se de cócoras, Odrade estudou a situação.

“Aqui”.

O sentimento de advertência tornara-se mais agudo. Podia senti-lo agora como uma pressão sobre sua respiração.

Recuando um pouco, Odrade afastou a luz e se deitou no piso para olhar ao longo da base do portal. “Aqui!” Será que poderia colocar uma ferramenta ao lado

daquela palavra e empurrar a beirada do portal? Não... não havia qualquer indicação de uma ferramenta. Essa coisa tinha o cheiro do Tirano, não de uma Reverenda Madre. Tentou empurrar o portal de lado. Nada se moveu.

Percebendo as tensões e o sentimento de perigo acentuados pela frustração, Odrade levantou-se e chutou o portal ao lado da palavra gravada. E aquilo se moveu!

Alguma coisa raspou a areia logo acima de sua cabeça.

Odrade recuou enquanto a areia se derramava no piso diante dela e um som trovejante enchia a pequena câmara. As pedras sacudiam-se sob seus pés. Então o piso inclinou-se para a frente, sob a porta, abrindo um espaço entre a parede e a entrada.

Uma vez mais Odrade se viu a rolar para baixo em direção ao desconhecido.

Sua lanterna caíra com ela, o facho rolando interminavelmente. Viu montes de uma substância castanho-avermelhada à sua frente, o cheiro de canela enchendo-lhe as narinas.

E caiu ao lado da lanterna sobre um monte macio de melange. A abertura através da qual despencara encontrava-se agora fora do alcance, uns cinco metros acima. Odrade apanhou a lanterna e o facho de luz revelou amplos degraus de pedra cortados na rocha ao lado da abertura. Havia alguma coisa escrita nos degraus, mas para Odrade o importante era a existência de uma saída. O pânico inicial diminuiu, mas o senso de perigo a deixara sem fôlego, forçando os movimentos de seus músculos do tórax.

Projetou o facho de luz para a direita e para a esquerda. Era um compartimento comprido, diretamente abaixo do corredor que partia da grande câmara. E em todo o seu comprimento havia melange empilhada!

Odrade apontou com a luz para o alto e percebeu por que nenhum caçador de tesouros, sondando o piso com pancadas, havia descoberto esse lugar. Havia escoras de pedra cruzando sobre o teto, de modo a transferirem todo o peso para as paredes rochosas. Qualquer pessoa que sondasse com batidas lá em cima ouviria apenas os sons de rocha sólida.

Uma vez mais Odrade olhou para a melange à sua volta. Mesmo aos preços atuais, desinflacionados, sabia estar em cima de um tesouro. Um tesouro de muitas toneladas.

“Seria este o perigo?”

O senso de advertência dentro dela continuava tão agudo quanto antes. A melange do Tirano não era o que devia temer. O triunvirato faria uma divisão justa desse tesouro e isso seria o fim dele. Um bônus do projeto *ghola*.

Outro perigo permanecia. Odrade não podia escapar ao sentimento de advertência.

Uma vez mais lançou o facho de luz sobre os montes de melange. E sua atenção foi captada por um trecho de parede acima da especiaria. Mais palavras!

Escritas em Chakobsa, numa caligrafia fina feita por um cortador, a mensagem dizia:

UMA REVERENDA MADRE VAI LER MINHAS PALAVRAS!

Alguma coisa fria acomodou-se nas entranhas de Odrade. Caminhou para a direita com a lanterna, avançando através de melange suficiente para resgatar um império. havia um acréscimo à mensagem:

EU DEIXO PARA VOCÊS MEU MEDO E MINHA SOLIDÃO. E A VOCÊS ENTREGO A CERTEZA DE QUE O CORPO E A ALMA DA BENE

GESSERIT ENCONTRARÃO O MESMO DESTINO DE TODOS OS OUTROS

CORPOS E TODAS AS OUTRAS ALMAS.

Havia outro parágrafo da mensagem atraindo sua atenção à direita deste aqui.

Odrade avançou ao longo das inscrições, parando para ler.

DE QUE SERVE A SOBREVIVÊNCIA SE VOCÊ NÃO SOBREVIVE

INTEGRO? PERGUNTE ISSO À BENE TLEILAX! DE QUE VALE SE NÃO É

CAPAZ DE OUVIR A MÚSICA DA VIDA? MEMÓRIAS NÃO BASTAM, A MENOS QUE POSSA USÁ-LAS PARA UM NOBRE PROPÓSITO.

Havia mais inscrições na parede mais estreita da longa câmara. Odrade tropeçou na melange e se ajoelhou para ler:

POR QUE SUA IRMANDADE NÃO CONSTRUIU O CAMINHO

DOURADO? VOCÊS CONHECIAM A NECESSIDADE. SEU FRACASSO

CONDENOU A MIM, O IMPERADOR-DEUS, A MILÊNIOS DE AGONIA PESSOAL.

As palavras “Imperador-Deus” não estavam na linguagem Chakobsa e sim no idioma do *Islamiyat*, onde transmitiam um segundo significado explícito a qualquer pessoa que dominasse o idioma.

“Teu Deus e teu Imperador porque assim me fizeste.”

Odrade sorriu amargamente. Isso lançaria Waff num frenesi religioso! E

quanto mais ele afundasse nisso, mais fácil seria abalar sua segurança.

Odrade não duvidava da precisão da acusação que ali era feita pelo Tirano, nem do potencial de sua previsão quanto ao modo como a Irmandade poderia terminar. O senso de perigo a atrairá para esse lugar com toda a precisão. Alguma coisa mais estivera agindo igualmente. Os vermes de Rakis ainda se moviam segundo os ritmos ancestrais do Tirano. Ele poderia dormitar em seu sonho interminável, mas uma vida monstruosa, uma pérola em cada verme

para lembrá-lo, seguia exatamente como o próprio Tirano havia previsto.

Que será que ele contara à Irmandade em sua época? Odrade relembrou as palavras:

Quando eu tiver desaparecido, eles me chamarão de Shaitan, Imperador de Gehenna.

A roda deve girar, e girar no Caminho Dourado.

Sim, fora isso que Taraza quisera dizer.

Não percebem? O povo simples de Rakis chama-o de *Shaitan* há mais de mil anos!

Então Taraza sabia disso. Sem nunca ter visto essas palavras, ela as tinha visto.

“Percebo seu propósito, Taraza. E agora conheço a carga de medo que tem transportado por todos esses anos. Posso sentir como sente.”

Odrade soube então que aquele sentimento de perigo não terminaria enquanto ela não morresse ou a Irmandade desaparecesse. A menos que o perigo fosse conjurado.

Ergueu a luz, colocou-se de pé e andou através da melange para os amplos degraus que conduziam para fora desse lugar. Nos degraus, recuou. Havia mais palavras do Tirano inscritas em cada um deles. Trêmula, Odrade as leu enquanto subia em direção à abertura.

MINHAS PALAVRAS SÃO TEU PASSADO,

MINHAS PERGUNTAS SÃO SIMPLES:

COM QUEM VOCÊS SE ALIARAM?

COM OS AUTO-IDÓLATRAS DE TLEILAX?

COM A BUROCRACIA DE MINHAS ORADORAS PEIXES?

COM A CORPORAÇÃO QUE VAGUEIA PELO COSMO?

COM OS HARKONNEN E SEUS SACRIFÍCIOS DE SANGUE?

OU COM O POÇO DOGMÁTICO DE SUAS PRÓPRIAS CRIAÇÕES?

COMO VOCÊS VÃO TERMINAR?

COMO NADA MAIS QUE OUTRA SOCIEDADE SECRETA?

Odrade subiu, ultrapassando as perguntas e lendo-as pela Segunda vez. “Um nobre propósito?” Isto era sempre uma coisa muito frágil. E facilmente distorcida.

Mas o poder permanecia, imerso em constante perigo. Estava escrito nas paredes e degraus dessa câmara. Taraza sabia o significado sem que lhe precisassem explicar. A mensagem do Tirano era clara: “Unam-se a mim.”

Enquanto saía para a pequena câmara, encontrando uma saliência estreita ao longo da qual pôde apoiar-se para alcançar o portal, Odrade olhou para baixo, na direção do tesouro que encontrara. Sacudiu a cabeça, admirada ante a sabedoria de Taraza. Era assim que a Irmandade poderia acabar. O projeto de Taraza era claro,

todas as peças encaixando-se agora. Nada certo ainda. Riqueza e poder, no fim tudo se resumia a isso. O nobre propósito tivera seu início e devia ser completado mesmo que significasse a morte da Irmandade.

“Que toscas ferramentas escolhemos!”

Aquela menina esperando lá fora, na câmara profunda debaixo do deserto.

Aquela menina e o *ghola* que estava sendo preparado em Rakis.

“Eu falo agora seu idioma, velho verme. Ele não tem palavras, mas eu o conheço.”

“Nossos pais comeram o maná do deserto

No lugar escaldante de onde brotam os redemoinhos.

Deus, salve-nos daquela terra terrível!

Salve-nos, oh, salve-nos

Daquela terra seca e sedenta.

— *Canções de Gurney Halleck; Museu de Dar-es-Balat”*

Teg e Duncan, ambos fortemente armados, saíram do não-globo, seguidos por Lucilla, na hora mais fria da noite. As estrelas eram pontos finos de luz acima e o ar estava absolutamente quieto até que os três o perturbaram com sua passagem.

O cheiro dominante nas narinas de Teg era o ranço bolorento da neve, presente em cada inspiração. Quando eles exalavam, nuvens de vapor expandiam-se em torno dos seus rostos.

Lágrimas de frio surgiram nos olhos de Duncan. Estivera pensando muito no velho Gurney enquanto se preparavam para deixar o não-globo. Gurney com sua face marcada pela cicatriz de um chicote *inkvine* dos Harkonnen. Amigos de confiança seriam necessários agora, pensou Duncan. Não confiava muito em Lucilla, e Teg estava muito velho. Podia ver os olhos de Teg cintilando à luz das estrelas.

Pendurando no ombro uma pesada e antiga arma laser, Duncan enfiou as mãos nos bolsos, buscando aquecê-las. Tinha se esquecido de como podia fazer frio nesse planeta. Lucilla parecia imune ao frio, obviamente obtendo calor de algum de seus truques de *Bene Gesserit*.

Olhando para ela Duncan reconheceu que nunca confiara muito nas bruxas, nem mesmo em Lady Jessica. Era muito fácil considerá-las

traidoras, destituídas de qualquer lealdade, exceto para com sua Irmandade. Elas tinham truques secretos em demasia! Mas Lucilla desistira de seu comportamento sedutor. Sabia que ele fora sincero em suas ameaças. Podia sentir a raiva dela fervendo. “Deixe que ferva!”

Teg estava muito quieto, toda a sua atenção voltada para o exterior, ouvindo.

Seria sensato confiar no único plano que tinha concatenado com Burzmali? Não

tinham qualquer alternativa. Fazia mesmo oito dias que tinham decidido seguir em frente com essa idéia? Parecia mais tempo, apesar da pressa dos preparativos. Olhou para Duncan e Lucilla. Duncan levava consigo uma arma laser pesada, um comprido modelo de campo dos Harkonnen. Até mesmo os cartuchos extras de energia eram pesados. Lucilla não aceitara carregar nada além de uma pequena pistola laser em seu corpete. A arma só era capaz de uma rápida descarga. Um brinquedo de assassino.

— Nós da Irmandade somos conhecidas por entrarmos em combate tendo apenas nossas habilidades como armas — ela explicou. — Humilha-nos qualquer modificação nesse padrão.

Mas ela tinha facas em bainhas ocultas nas pernas. Teg tinha visto. Suspeitava de que fossem envenenadas.

Ergueu nas mãos a comprida arma laser um moderno laser de campo que trouxera do Castelo. Sobre o ombro tinha outro laser, idêntico ao que Duncan carregava.

“Devo confiar em Burzmali”, pensou Teg. “Eu o treinei, conheço sua capacidade. Se diz que devemos confiar em nossos novos aliados, devemos confiar neles.” Burzmali obviamente estava entusiasmado por encontrar seu antigo comandante vivo e em segurança.

Entretanto, nevara desde seu último encontro e a neve estava por toda parte em torno deles. Seus rastros ficariam nítidos sobre a neve, algo com que não tinham contado. Haveria traidores no Serviço de Controle do Clima?

Teg tremia. O ar estava frio demais. Parecia o frio do espaço, vazio e dando livre acesso à luz das estrelas sobre o bosque em torno deles.

A luz fraca refletia-se do solo branco de neve e das rochas cobertas por minúsculos flocos gelados. Silhuetas negras de coníferas e dos ramos sem folhas de árvores secas exibiam apenas seus contornos difusos. Tudo mais era uma sombra profunda.

Lucilla soprou nos dedos e se inclinou para junto de Teg, sussurrando:

— Ele já não devia estar aqui a esta altura?

Teg sabia que essa não era a verdadeira dúvida: “Podemos confiar em Burzmali?” Era essa a pergunta. Ela a estivera fazendo, de um modo ou de outro, desde que Teg lhe explicara o plano, oito dias atrás.

Tudo que ele pôde dizer foi:

— Apostei minha vida nisso.

— Nossas vidas também!

Teg também não gostava das incertezas acumuladas, mas todos os planos dependiam, em última análise, do talento das pessoas que os executavam.

— Você é uma das pessoas que insistiram em que saíssemos daqui e fôssemos para Rakis — lembrou-lhe.

Esperava que ela pudesse perceber-lhe o sorriso, um gesto para tirar a

acusação de suas palavras.

Lucilla não se deixava apaziguar. Teg nunca tinha visto uma Reverenda Madre tão visivelmente nervosa. E ela estaria mais nervosa ainda se soubesse quem eram seus novos aliados! É claro que havia o fato de Lucilla ter fracassado em realizar a missão que lhe fora confiada por Taraza. Como isso devia incomodá-la!

— Nós fizemos o juramento de proteger o *ghola* — lembrou-lhe Lucilla.

— Burzmali também fez o mesmo juramento.

Teg olhou para Duncan, silencioso entre eles. Duncan que não demonstrava o menor sinal de ter ouvido a discussão ou de compartilhar do nervosismo. Uma ancestral serenidade mantinha suas feições imóveis. Ele estava escutando os sons noturnos, percebia Teg, fazendo o que todos os três deviam estar fazendo agora. Suas feições jovens tinham uma aparência curiosa, a denotar uma maturidade que não dependia da idade.

“Se algum dia precisei de companheiros em que pudesse confiar, esse dia é hoje”, pensava Duncan. Sua mente recuara no tempo para sondar suas raízes pré-ghola, da época de Giedi Prime. Essa era o que eles chamavam de “uma noite dos Harkonnen”. Seguros dentro do abrigo morno de suas armaduras, flutuando em suspensores, os Harkonnen divertiam-se caçando seus súditos em noites como essa.

Um fugitivo ferido podia morrer enregelado. “Os Harkonnen sabiam! Malditas sejam suas almas!”

Previsivelmente, Lucilla captou a atenção de Duncan com um olhar que dizia:

“Temos negócios a terminar, você e eu.”

Duncan voltou o rosto para o céu estrelado, certificando-se de que ela pudesse ver-lhe o sorriso, uma expressão desafiadora e madura que fazia Lucilla ficar rija por dentro. Tirou a pesada arma laser do ombro e checou-a. Notou os arabescos ao longo da coronha e do cano. Era uma antigüidade, mas ainda possuía um mortal senso de propósito. Duncan apoiou-a sobre o braço esquerdo, a mão direita na empunhadura, o dedo no gatilho, exatamente como Teg carregava a sua moderna arma.

Lucilla voltou as costas aos companheiros e sondou com seus sentidos a encosta da colina acima e abaixo deles. Subitamente, enquanto caminhavam, o som veio de todas as partes em volta. Ruídos tomaram conta da noite — o rolar de alguma coisa grande à direita, depois silêncio. Outro ruído colina abaixo, depois novamente o silêncio. Lá de cima, de todos os lados, vinham ruídos súbitos.

Ao primeiro som, os três se haviam agachado no abrigo das rochas, fora da entrada da caverna do não-globo.

Os sons que enchiam a noite eram indefinidos: um clamor penetrante, em parte mecânico, em parte guinchos, uivos e assovios. Intermitentemente, uma batida subterrânea fazia o chão vibrar.

Teg conhecia esses sons. Havia uma batalha ocorrendo em algum lugar distante. Podia ouvir o assoviar dos queimadores ao fundo e, no céu distante, os raios de armas laser blindadas lancetando o espaço.

Alguma coisa relampejou acima deles, deixando um rastro de centelhas azuis e vermelhas. Depois outra e mais outra! A terra tremeu. Teg inalou, sentindo um cheiro de ácido queimando e um toque de alho.

“Não-naves! Muitas delas!”

Estavam pousando no vale abaixo do antigo não-globo.

— De volta para dentro! — ordenou Teg.

Ao falar, percebeu que já era muito tarde. Havia gente correndo para eles de todas as direções. Teg ergueu a comprida arma laser e a apontou colina abaixo, em direção à fonte de ruído mais alta e ao mais próximo movimento detectável. Muitas pessoas podiam ser ouvidas gritando naquele ponto. Globos luminosos livres moviam-se entre as árvores, soltos por quem quer que estivesse avançando. As luzes dançantes subiam a colina numa brisa fria. Silhuetas negras moviam-se nessa iluminação mutável.

— Dançarinos Faciais! — grunhiu Teg ao reconhecer os atacantes. Aquelas luzes ao vento sairiam do meio das árvores em questão de segundos para se colocarem em posição em menos de um minuto!

— Fomos traídos! — disse Lucilla.

Um grito ergueu-se da colina acima deles:

— *Bashar*!

Eram muitas vozes!

“Burzmali?”, perguntou-se Teg. Olhou de volta na direção do grito, depois para os Dançarmos Faciais que avançavam implacavelmente. Não havia tempo para escolher. Inclinou-se em direção a Lucilla.

— Burzmali está acima de nós. Pegue Duncan e corra!

— Mas e se...

— É sua única chance!

— Seu tolo! — acusou ela enquanto se virava para obedecer.

O “sim!” de Teg não diminuiu nem um pouco seus temores. Era nisso que dava ficar dependendo dos planos dos outros!

Duncan tinha outros pensamentos. Entendia o que Teg estava a ponto de fazer. Ia sacrificar-se para que eles dois pudessem escapar. Duncan hesitou, olhando para os atacantes que avançavam abaixo deles.

Percebendo sua hesitação, Teg gritou-lhe:

— Isto é uma ordem de batalha! Eu sou seu comandante!

Era a coisa mais próxima da Voz que Lucilla já ouvira partindo de um homem.

Ficou boquiaberta diante de Teg.

Duncan viu apenas o rosto do seu Velho Duque dizendo-lhe que obedecesse.

Era demais. Agarrou o braço de Lucilla, mas, antes de subir correndo com ela pela colina, disse:

— Mandaremos fogo de cobertura assim que tivermos escapado!

Teg não respondeu. Agachou-se ao lado de uma rocha coberta de neve

enquanto Lucilla fugia com o rapaz. Sabia que precisava vender muito caro a sua pele agora. E havia algo mais: “O inesperado.” A assinatura final do velho *Bashar*.

Os atacantes avançavam com rapidez, trocando gritos excitados.

Ajustando a comprida arma laser para a intensidade máxima de feixe, Teg apertou o gatilho. Um arco flamejante varreu a colina abaixo dele. Arvores explodiram em chamas, gente gritou. A arma não funcionaria muito tempo nesse nível de descarga, mas a carnificina que produzia obtinha o efeito desejado.

No silêncio abrupto depois da primeira descarga, Teg mudou de posição para outra rocha à sua esquerda e novamente lançou sua

flecha cauterizante sobre a face negra da colina. Somente alguns dos globos luminosos soltos tinham sobrevivido ao golpe da violência inicial, com todas as árvores tombando e corpos desmembrados.

Outros gritos responderam ao segundo contra-ataque. Teg virou-se e correu por cima das rochas para o lado oposto à caverna de acesso ao não-globo. De lá, lançou fogo sobre a colina oposta. Mais gritos, mais chamas e árvores caindo.

O inimigo não respondia ao fogo.

“Querem nos pegar vivos!”

Os *Tleilaxu* estavam dispostos a sacrificar o número que fosse necessário de Dançarinos Faciais para esgotar as cargas de sua arma laser!

Teg ajustou a alça da velha arma Harkonnen para uma posição melhor, a tiracolo sobre o ombro, deixando-a pronta a entrar em ação. Jogou fora a carga quase vazia de sua laser moderna, recarregou-a e apoiou a comprida arma sobre as rochas.

Duvidava de que tivesse chance de recarregar a outra arma. Que eles lá embaixo pensassem que ficara sem cartuchos de recarga. Ainda havia duas pistolas Harkonnen em seu cinturão, como último recurso. Seriam bem potentes a curta distância. E

alguns dos Mestres *Tleilaxu*, aqueles que tinham ordenado tal carnificina, podiam chegar perto. Que chegassem.

Cautelosamente, Teg ergueu a arma longa de cima das rochas e caminhou para trás, subiu para as rochas mais elevadas, escorregou para a esquerda e então para a direita. Parou duas vezes para varrer a colina abaixo com curtas descargas da arma, fingindo estar poupando energia. Não havia sentido em tentar ocultar seus movimentos agora. Eles deviam ter um rastreador de

vida grudado nele a essa altura, e além disso haveria os rastros na neve.

“O inesperado!” Como fazer com que se aproximassem mais?

Bem acima da caverna de acesso ao não-globo, ele encontrou um bolsão profundo nas rochas, o fundo cheio de neve. Mergulhou nessa posição, admirando o ótimo campo de tiro que lhe proporcionava, as costas protegidas por altos penhascos e o declive da colina aberto em três direções. Teg ergueu a cabeça com cautela e tentou enxergar além da barreira de rochas acima.

Estava tudo quieto por lá

Será que aquele grito tinha vindo mesmo do pessoal de Burzmali? Mesmo que tivesse, não havia garantia alguma de que Duncan e Lucilla pudessem escapar nessas

circunstâncias. Agora tudo dependia de Burzmali.

“Será que ele é tão cheio de expedientes quanto pensei que fosse?”

Agora não havia tempo de estudar as possibilidades ou mudar um elemento sequer dessa situação. Tinha que enfrentar a batalha, não havia meio de recuar. Teg inspirou fundo e olhou colina abaixo.

Sim, eles tinham se recuperado e estavam avançando de novo. Agora sem globos luminosos para indicar seu progresso e andando em silêncio. Não havia mais gritos de encorajamento. Teg apoiou sua comprida arma laser sobre a rocha diante dele e deu uma descarga longa, varrendo para a direita e a esquerda. Depois deixou a arma apagar-se no final, numa óbvia perda de carga.

Tirou a velha arma Harkonnen de sobre o ombro, preparou-a e esperou em silêncio. Agora eles iriam esperar que ele fugisse, subindo a colina às carreiras.

Agachou-se atrás da barreira de rochas, esperando que houvesse movimento suficiente acima para confundir os detectores de vida. Ainda ouvia os movimentos na colina arrasada pelo fogo. Em silêncio contou os minutos, calculando a distância e o tempo que ele sabia, com sua longa experiência, que os atacantes levariam para se colocar outra vez ao alcance do fogo. Ouvia com cuidado, esperando outro som que conhecia de combates anteriores com os *Tleilaxu*: as ordens bruscas em vozes num tom agudo.

Lá estavam!

Os Mestres estavam bem mais abaixo na colina do que tinha esperado.

Terríveis criaturas! Teg ajustou a velha arma para a potência máxima de feixe e se ergueu de repente de sua proteção nas rochas.

Viu o arco de Dançarinos Faciais avançando sob o luz do capim e das árvores em chamas. O som agudo das vozes dos comandantes vinha de bem detrás do avanço, fora da área de bruxuleantes luzes alaranjadas provocadas pelo incêndio.

Apontando acima das cabeças dos atacantes mais próximos, Teg visou além da confusão de chamas e apertou o gatilho — duas longas descargas, para a frente e para trás. Ficou surpreso momentaneamente com a energia destrutiva contida na antiga arma. A coisa era obviamente o produto de um artesão soberbo, mas não houvera meio de testá-la dentro do não-globo.

Dessa vez os gritos tinham um tom diferente: altos e frenéticos!

Teg abaixou a pontaria e limpou a região mais próxima da colina de qualquer Dançarino Facial, deixando cair sobre eles toda a potência do feixe e revelando carregar mais de uma arma. Para um lado e para o outro, lançou o arco mortal, dando aos atacantes tempo suficiente para verem a carga terminar.

Agora! Eles seriam bem mais cautelosos depois disso. Podia haver uma chance de se unir a Duncan e Lucilla. Com esse pensamento em sua mente, Teg virou-se e correu, subindo as rochas colina acima. No quinto passo, julgou ter batido numa barreira quente. Sua mente teve tempo de reconhecer o que tinha acontecido: a descarga chocante de um atordoador, atingindo-o direto no rosto e no peito! Vinha

diretamente do alto da colina, para onde mandara Duncan e Lucilla. A mágoa dominou Teg enquanto ele mergulhava na escuridão.

Outros também podiam fazer o inesperado!

Todas as religiões organizadas enfrentam um problema comum, um ponto frágil que podemos atingir para alterá-las de acordo com nossos propósitos: como elas distinguem revelação de presunção?

— *Missionaria Protectiva, Ensinamentos Secretos*

Odrade mantinha sua atenção cuidadosamente afastada do verde frio do quadrilátero abaixo, onde Sheeana se sentara com uma das Irmãs Instrutoras. A Irmã era uma das melhores, precisamente adequada a essa fase da educação de Sheeana.

Taraza as escolhia com muito cuidado.

“Nós prosseguimos com nosso plano”, pensou Odrade. “Mas terá antecipado, Madre Superiora, como poderíamos ficar marcadas por uma descoberta casual aqui em Rakis?”

Teria sido mesmo casual?

Odrade dirigiu o olhar para os telhados dos prédios, em direção à fortaleza central da Irmandade em Rakis. Azulejos coloridos cozinhavam ao calor do sol do meio-dia.

“Tudo isso é nosso.”

Era a maior embaixada que os sacerdotes permitiam em sua sagrada cidade de Keen. E a presença dela nessa fortaleza da *Bene Gesserit* desafiava o acordo que fizera com Tuek. Mas isso fora antes das descobertas no *Sietch Tabr*. Além disso, Tuek não existia mais, não realmente. O Tuek que andava pelos recintos reservados ao clero era um Dançarino Facial desempenhando um papel numa farsa precária.

Odrade voltou os pensamentos para Waff, que aguardava, com duas Irmãs Guardiãs atrás dele, perto da porta dessa cobertura-abrigo. Uma cobertura com ótima visão proporcionada por janelas de *plaz* blindado e um impressionante mobiliário preto, na qual uma Reverenda Madre com seus mantos poderia confundir-se ficando apenas a tonalidade mais clara de sua face visível a um visitante.

Teria avaliado Waff corretamente? Tudo fora feito precisamente de acordo com os ensinamentos da Missionaria Protectiva. Teria aberto uma fenda suficientemente grande em sua armadura psíquica? Logo iria fazê-lo falar e então saberia.

Waff esperava com bastante calma. Podia ver o reflexo dele no *plaz* da janela.

Não demonstrava qualquer sinal de estar percebendo que as duas Irmãs altas, de cabelos escuros, a flanqueá-lo, estavam lá para conter sua possível violência. Mas ele certamente saberia.

“São minhas guardiãs, não dele.”

Ele mantinha a cabeça abaixada para ocultar suas feições do olhar dela, mas Odrade sabia de sua incerteza. Disso estava segura. Dúvidas podiam ser como animais famintos, e ela alimentara muito bem aquelas dúvidas esfomeadas. Waff acreditava firmemente em que a jornada pelo deserto poderia trazer-lhe a morte. Suas crenças Zensunni e Sufi diziam-lhe agora que Deus o pouparia nesse lugar.

Com certeza estaria reavaliando seu acordo com a *Bene Gesserit*, percebendo afinal o modo como comprometera sua gente, como

colocara sua preciosa civilização *Tleilaxu* num perigo terrível. Sim, sua falsa compostura o estava deixando esgotado, mas apenas olhos *Bene Gesserit* podiam detectar isso. logo seria a ocasião adequada para começar a reconstruir sua consciência de acordo com um padrão mais simpático às necessidades da Irmandade. Que ele cozinhasse um pouquinho mais.

Odrade voltou a atenção para a vista da janela, carregando com mais suspense o seu atraso. A *Bene Gesserit*. escolhera esse local para sua embaixada devido ao extenso trabalho de reconstrução que modificara a parte nordeste da velha cidade. Ali elas podiam construir e remodelar as coisas a seu modo e de acordo com seus propósitos.

Antigas estruturas projetadas para permitir fácil acesso a pessoas a pé, amplas passagens para carros de solo oficiais e praças onde ornitópteros podiam pousar —

tudo isso fora mudado.

“De acordo com os novos tempos.”

Esses novos prédios ficavam muito mais perto das avenidas flanqueadas de plantas verdes cujas árvores, altas e exóticas, alardeavam um enorme dispêndio de água. Os tópteros ficavam relegados às plataformas de pouso nos terraços de prédios selecionados. As faixas para pedestres restringiam-se a estreitas vias elevadas junto dos prédios. Fendas elevadoras, operadas através de moedas, chaves e identificadores das linhas das palmas das mãos tinham sido inseridas nos novos prédios, seus campos de energia brilhante cobertos por placas de cor marrom-escura, levemente transparentes.

Essas fendas elevadoras eram como espinhas de cor escura no cinza plano do plascreto e no *plaz* dos prédios. Os seres humanos, apenas vislumbrados a subirem e descerem nesses tubos, pareciam impurezas manchando salsichas puramente mecânicas.

“Tudo em nome da modernização.”

Waff mexeu-se atrás dela e pigarreou.

Odrade não se voltou. As duas guardiãs sabiam o que ela estava fazendo e continuaram impassíveis. O crescente nervosismo de Waff era demonstração de que tudo corria como planejado.

Mas Odrade sentia que nem tudo estava correndo verdadeiramente como esperado.

Interpretava a visão das janelas como outro sintoma inquietante nesse planeta inquietante. Tuek, lembrava ela, não gostara dessa modernização de sua cidade.

Queixara-se que era preciso encontrar um meio de parar com ela para preservar os

antigos marcos. Seu substituto Dançarino Facial continuava com essa discussão.

Como esse novo Dançarino Facial se parecia com o próprio Tuek.

Será que tais Dançarinos Faciais tinham pensamentos próprios ou apenas desempenhavam um papel de acordo com as ordens de seus Mestres? Seriam também estéreis esses novos? O quanto seriam diferentes dos verdadeiros seres humanos?

Coisas relacionadas com a dissimulação preocupavam Odrade.

Os conselheiros do falso Tuek, aqueles inteiramente envolvidos com o que definiam como “a trama *Tleilaxu*”, falavam do apoio público à modernização e se gabavam abertamente de que seus pontos de vista tinham encontrado um caminho aberto, afinal. Albertus relatava tudo regularmente a Odrade. E cada novo relatório a preocupava ainda mais.

Até mesmo a subserviência óbvia de Albertus a incomodava.

— É claro que os conselheiros não estão falando de um apoio público —

dissera Albertus.

Ela só podia concordar. O comportamento dos conselheiros indicava que possuíam um apoio poderoso entre os escalões médios da hierarquia do clero, entre os arrivistas que se atreviam a contar piadas a respeito de seu Deus Dividido em festas de fim de semana... entre os que estavam sendo subornados com o tesouro que Odrade encontrara no *Sietch Tabr*.

Noventa mil toneladas! Metade da colheita de um ano nos desertos de Rakis.

Até mesmo um terço disso já representava um importante fator de negociação nas novas alianças.

“Preferia nunca ter conhecido você, Albertus.”

Quisera restaurar nele aquele que se importava. E o que de fato criara seria facilmente reconhecido por alguém treinado nos ensinamentos da Missionária Protectiva.

“Um bajulador rastejante!”

Agora não fazia diferença que a subserviência dele fosse impulsionada pela crença total em sua sagrada ligação com Sheeana. Odrade nunca percebera o quão facilmente os ensinamentos da Missionária Protectiva destruíam a independência humana. Esse era sempre o objetivo, é claro: “Fazer deles nossos seguidores, obedientes às nossas necessidades”

As palavras do Tirano naquela câmara secreta tinham feito muito mais do que simplesmente incendiar seus temores quanto ao futuro da Irmandade.

“Eu deixo para vocês meu medo e minha solidão.”

Daquela distância milenar, ele plantara dúvidas na consciência dela, tão fortemente quanto ela fizera com Waff.

Via as perguntas do Tirano como se fossem delineadas com luz brilhante em sua visão interior.

“COM QUEM VOCÊS SE ALIARAM?”

“Seremos nada mais que outra sociedade secreta? Qual será nosso fim? Uma

armadilha dogmática de nossa própria criação?”

As palavras do Tirano queimavam em sua consciência. Onde estaria o “nobre propósito” naquilo que a Irmandade fazia? Odrade quase podia ouvir a resposta cheia de desprezo que Taraza daria a uma pergunta dessas.

Sobrevivência. Dar! Esse é todo o nobre propósito de que precisamos Sobrevivência! Até mesmo o Tirano sabia disso!

Talvez até mesmo Tuek soubesse. E de que lhe valera no fim?

Odrade sentia uma assombrosa simpatia para com o falecido Alto Sacerdote.

Tuek fora um exemplo soberbo do que uma família muito unida era capaz de criar.

Até mesmo o seu nome era prova disso: não tinha mudado desde o tempo em que os Atreides dominavam esse planeta. O ancestral fundador da família fora um contrabandista, confidente do primeiro Leto. Tuek viera de uma família que se apegava com firmeza às suas raízes, dizendo: “Há muito de valor para preservarmos do nosso passado” E o exemplo que isso deixara para seus descendentes não passara despercebido a uma Reverenda Madre.

“Mas você fracassou, Tuek.”

Aqueles quarteirões modernizados, visíveis através da janela, era um sinal desse fracasso — partes dos novos elementos de poder que cresciam na sociedade Rakiana, elementos que a Irmandade tanto trabalhara para fortalecer. Tuek vira tudo isso como sinal dos dias em que se encontraria muito enfraquecido politicamente para evitar as coisas implícitas em tal modernização:

Um ritual mais curto e mais moderno.

Novas canções, mais de acordo com os novos tempos.

Mudanças nas danças. (As danças tradicionais são tão longas!) E, acima de tudo, poucas aventuras perigosas no deserto para os jovens postulantes das famílias mais poderosas.

Odrade suspirou e olhou para trás. O pequeno *Tleilaxu* mordia o lábio inferior.

“Ótimo!”

“Maldito seja, Albertus! Como eu adoraria uma rebelião de sua parte!”

Atrás das portas fechadas do Templo, a transição do Alto Sacerdócio já estava sendo debatida. Os novos Rakianos falavam da necessidade de “atualização para fazer face aos novos tempos”. Na verdade, queriam dizer: “Dê-nos maior poder!”

“Sempre foi desse modo”, pensou Odrade. “Até mesmo na *Bene Gesserit*.”

E ainda assim não conseguia escapar de um pensamento: “pobre Tuek”

Albertus relatara que Tuek, pouco antes de morrer e ser substituído por um Dançarino Facial, tinha avisado a família de que esta poderia perder o controle do clero quando ele morresse. Tuek fora mais sutil e cheio de recursos do que seus inimigos esperavam. Sua família já

estava cobrando as dívidas, reunindo recursos para manter uma base de poder.

E o Dançarino Facial que ocupara o lugar de Tuek revelava muita coisa com sua mímica: a família de Tuek ainda não soubera da substituição e se poderia

facilmente acreditar que o Alto Sacerdote continuava vivo, tão boa era a simulação.

Observar aquele Dançarino Facial em ação era muito instrutivo para as vigilantes Reverendas Madres. E essa, é claro, era uma das coisas que faziam Waff sofrer, angustiado.

Odrade virou-se abruptamente e caminhou ao encontro do Mestre *Tleilaxu*.

“Hora de falar com ele!”

Parou a dois passos de Waff e olhou para ele, furiosa. Waff encarou seu olhar com uma expressão de desafio.

— Já teve tempo suficiente para considerar sua posição — acusou ela. — Por que permanece em silêncio?

— Minha posição? Então acha que nos deu alguma escolha?

— “O homem não passa de um seixo atirado num lago” — disse Odrade, tirando essa citação das próprias crenças de Waff.

Ele respirou, trêmulo. Ela pronunciara as palavras adequadas, mas que haveria por trás dessas palavras? Elas não soavam adequadamente partindo da boca de uma mulher *powindah*.

Como Waff não respondesse, Odrade terminou a citação:

— “E se um homem não é mais que um seixo, assim é sua obra.”

Um tremor involuntário fez Odrade estremecer, provocando um olhar de contida surpresa das vigilantes Irmãs Guardiãs. Esse tremor não fazia parte do desempenho.

“Por que pensei nas palavras do Tirano neste instante?”, perguntou-se Odrade.

O CORPO E A ALMA DA *BENE GESSERIT* ENCONTRARÃO O

MESMO DESTINO DE TODOS OS OUTROS CORPOS E TODAS AS

OUTRAS ALMAS.

Esse golpe a atingira profundamente.

“Por que eu estava tão vulnerável?” A resposta saltou em sua consciência: “O

Manifesto Atreides!”

“Preparar aquele texto sob a orientação vigilante de Taraza deixou falhas em mim.”

Teria sido esse o propósito de Taraza? Deixá-la vulnerável? Como Taraza poderia saber o que ela encontraria em Rakis? A Madre Superiora não somente não exibia capacidade de presciência como tinha uma tendência a evitar esse tipo de talento em outras pessoas. Nas raras ocasiões em que Taraza pedira semelhante desempenho da parte da própria Odrade, a relutância ficara óbvia ao olhar treinado de uma Irmã.

“E no entanto ela me deixou vulnerável.”

Teria sido um acidente?

Odrade mergulhou num rápido recital da Litania contra o Medo, que durou

apenas o espaço de alguns segundos, mas nesse tempo Waff chegou a uma decisão.

— Vocês nos forçariam a isso — ele disse. — Mas não sabem os poderes que deixamos reservados para tal momento. — Ergueu as mangas para mostrar onde tinham ficado escondidos os lança-dardos. — Aqueles eram apenas brinquedos comparados com nossas verdadeiras armas.

— A Irmandade nunca duvidou disso — replicou Odrade.

— Tem que haver um conflito violento entre nós?

— É uma escolha sua — ela respondeu.

— Por que vocês provocam a violência?

— Existem aqueles que adorariam ver a *Bene Gesserit* e a *Bene Tleilax* atirarem-se nas gargantas uma da outra — explicou Odrade. — Nossos inimigos gostariam de reunir os pedaços depois que nos tivéssemos enfraquecido o suficiente.

— Você expõe os motivos para o acordo, mas não deixa espaço para a minha gente negociar! Talvez sua Madre Superiora não lhe tenha conferido a autoridade necessária para isso!

Como seria tentador entregar tudo nas mãos de Taraza, exatamente como Taraza queria. Odrade olhou para as Irmãs Guardiãs. O rosto das duas eram máscaras que não deixavam perceber coisa alguma. Que será que elas realmente saberiam?

Seriam capazes de perceber caso ela agisse contra as ordens de Taraza?

— Você tem tal autoridade? — insistiu Waff.

“Nobre propósito”, pensou Odrade. “Certamente que o Caminho Dourado do Tirano pelo menos demonstrou possuir uma qualidade nesse sentido.”

Odrade decidiu apelar para uma mentira criativa.

— Possuo tal autoridade — ela disse.

Suas próprias palavras faziam da mentira uma verdade. Tendo assumido tal autoridade, fazia com que fosse impossível para Taraza negá-la. Odrade sabia, entretanto, que suas próprias palavras a tinham colocado num curso de ação muito divergente dos passos programados pelo plano de Taraza.

“Ação independente.” Exatamente o que ela desejara de Albertus.

“Estou no campo de ação e sei o que é necessário.”

Odrade olhou para as Irmãs Guardiãs.

— Permaneçam aqui, por favor, e cuidem para que não sejamos perturbados.

A Waff ela disse:

— Podemos ficar à vontade.

Indicou duas cadeiras-cães colocadas em ângulos retos no outro lado da sala.

Esperou até que estivessem sentados antes de recomeçar o diálogo.

— Precisamos de um grau de sinceridade entre nós que a diplomacia raramente permite. Há muita coisa em jogo para permanecermos com evasivas tolas.

Waff olhou para ela de modo estranho:

— Sabemos que há uma dissensão em seus mais altos conselhos. Abordagens sutis nos foram feitas. De nossa parte.

— Sou leal à Irmandade — ela disse. — E aquelas que os procuraram não tinham outro tipo de lealdade.

— Isso é outro truque das...

— Nada de truques!.

— Com a *Bene Gesserit*, sempre há truques — acusou ele.

— Que temem de nós? Vamos, diga.

— Talvez eu tenha aprendido demais a respeito de vocês para que me deixem vivo.

— Eu não poderia dizer o mesmo a seu respeito? — indagou ela. — Quem mais sabe de nossa afinidade secreta? Quem está falando com você não é uma *powindah*!

Odrade arriscara-se a usar esse termo com alguma hesitação, mas o efeito não poderia ter sido mais revelador. Waff ficou visivelmente abalado. Levou todo um minuto para se recuperar. Dúvidas permaneciam, contudo, dúvidas que ela plantara nele.

— E que provam essas palavras? — perguntou ele. — Você ainda poderia partir com as coisas que aprendeu de mim e deixar minha gente sem nada. Ainda mantém o braço do poder sobre nós.

— Eu não carrego armas nas minhas mangas — comentou Odrade

— Mas sua mente possuem conhecimentos que poderiam arruinar-nos!

Ele olhou para as Irmãs Guardiãs.

— Esse conhecimento é parte do meu arsenal — concordou Odrade. — Devo mandá-las sair?

— Carregando em suas mentes tudo que ouviram aqui? — disse ele, e voltou para Odrade seu olhar de suspeita. — Seria melhor se

mandasse suas memórias saírem!

Odrade regulou o tom de sua voz para parecer o mais moderado possível.

— Que é que nós ganharíamos revelando sua paixão missionária antes de estarem prontos para agir? De que nos serviria destruir a reputação de vocês revelando onde plantaram seus novos Dançarinos Faciais? Oh sim, sabemos tudo a respeito de Ix e das Oradoras Peixes. Depois de termos estudado aqueles novos, saímos procurando por eles.

— Está vendo!

A voz dele estava perigosamente aguda.

— Não vejo modo de provar nossa afinidade senão revelando alguma coisa que seria igualmente danosa para nós caso fosse divulgada — disse Odrade Waff ficou sem fala.

— Pretendemos plantar os vermes do Profeta em incontáveis mundos da Dispersão — revelou ela. — Que será que diria o clero Rakiano se lhe revelassem isso?

As Irmãs Guardiãs olharam para ela com um divertimento cuidadosamente

disfarçado. Pensavam que estava mentindo.

— Não tenho guardas comigo — queixou-se Waff. — Quando apenas uma pessoa conhece alguma coisa perigosa de ser revelada, é muito fácil conseguir o silêncio eterno dessa pessoa.

Ela ergueu as mangas vazias.

Ele olhou para as Irmãs Guardiãs.

— Muito bem — disse Odrade. Olhou para as Irmãs e fez um sinal sutil com a mão para tranqüilizá-las. — Esperem do lado de fora, por

favor Irmãs.

Quando a porta se fechou atrás delas, Waff retornou às suas dúvidas.

— Minha gente não examinou estes aposentos. Não sei nada das coisas que podem estar ocultas aqui para registrar minhas palavras.

Odrade passou a usar a linguagem do *Islamiyat*.

— Então devemos usar Outro idioma que só nós conhecemos.

Os olhos de Waff brilharam. Na mesma linguagem, ele disse:

— Muito bem, vou apostar nisso. E lhe peço que me diga qual a verdadeira causa do desentendimento entre as *Bene Gesserit*.

Odrade permitiu-se um leve sorriso. Com a mudança de idioma, toda a personalidade de Waff, suas maneiras, mudava. Ele estava agindo exatamente como ela tinha esperado que fizesse. Nenhuma de suas dúvidas era reforçada no idioma dele.

Ela respondeu com igual confiança:

— Algumas tolas temem que possamos criar outro *Kwisatz Haderach*! É isso que algumas de minhas Irmãs discutem.

— Não há mais uma necessidade de tal criatura — disse Waff. — Aquele que podia estar em muitos lugares simultaneamente existiu e se foi. Ele só podia trazer o Profeta.

— E Deus não mandaria tal mensageiro duas vezes — comentou ela.

Era o tipo de coisa que Waff ouvia com freqüência em sua língua. Não mais considerava estranho que uma mulher pudesse pronunciar tais palavras. A linguagem e as palavras familiares eram o bastante.

— A morte de Schwangyu restaurou a unidade entre suas Irmãs? — perguntou ele.

— Nós temos inimigas comuns — respondeu Odrade.

— As Honradas Madres.

— Foi sábio de sua parte matá-las e aprender tudo que podia com elas.

Waff inclinou-se para a frente, completamente arrebatado pelo idioma familiar e o fluxo da conversa.

— Elas governam pelo sexo! — revelou, exultante. — Extraordinárias técnicas de ampliação do orgasmo! Nós...

Um pouco atrasado, ele se tornou consciente de quem estava sentada diante dele, ouvindo tudo isso.

— Já conhecemos tais técnicas — disse Odrade para tranqüilizá-lo.. — Seria interessante compará-las, mas existem razões óbvias pelas quais nunca tentamos obter o poder de modo tão perigoso. E aquelas prostitutas são estúpidas o suficiente para cometer esse erro!

— Erro?

Ele estava claramente intrigado.

— Elas estão segurando as rédeas desse poder com suas próprias mãos! —

explicou Odrade. — À medida que esse poder for crescendo, o controle que elas exercem terá que crescer do mesmo modo. A coisa vai destruir-se com seu próprio ímpeto!

— Poder, sempre poder — murmurou Waff. Outro pensamento lhe ocorreu.

— Está dizendo que foi deste modo que o Profeta caiu?

— Ele sabia o que estava fazendo — explicou Odrade. — Milênios de paz forçada seguidos pelos Tempos da Fome e da Dispersão. Uma mensagem com resultados diretos. Lembre-se! Ele não destruiu a *Bene Tleilax* ou a *Bene Gesserit*.

— E que vocês esperam de uma aliança entre nossa gente? — perguntou Waff. — Esperança é uma coisa, sobrevivência é outra — ela disse.

— Sempre o pragmatismo. E algumas de vocês temem que possam restaurar o Profeta em Rakis com todos os seus poderes intactos?

— Eu não disse isso?

A linguagem do Islamiyat era particularmente poderosa nessa forma questionadora. Ela colocava sobre Waff a tarefa de provar a verdade.

— Então elas duvidam da mão de Deus na criação do seu *Kwisatz Haderach* —

ele disse. — E também duvidam do Profeta?

— Muito bem, vamos deixar tudo isso claro — disse Odrade, lançando-se no caminho escolhido para iludi-lo. — Schwangyu e aquelas que a apoiavam tinham se afastado da Grande Crença. Nós não guardamos nenhum ódio contra a *Bene Tleilax* por tê-las destruído. Isso poupou-nos muito trabalho.

Waff aceitou isso inteiramente. Dadas as circunstâncias era precisamente o que esperava ouvir. Sabia ter revelado muita coisa que seria melhor ficar em segredo, mas ainda restavam coisas que a *Bene Gesserit* não sabia. E as coisas que ele tinha aprendido!

Odrade deixou-o totalmente chocado ao dizer:

— Waff, se acredita que seus descendentes retornados da Dispersão vieram totalmente imutados, então você é um tolo.

Ele manteve-se em silêncio.

— Tem todas as peças do quebra-cabeça em suas mãos — ela continuou. —

Seus descendentes estão dominados pelas prostitutas da Dispersão. E se acredita que qualquer uma delas seria capaz de manter um acordo, então sua estupidez chegou a um ponto além de qualquer descrição!

A reação de Waff revelou que ela atingira o ponto exato. As peças estavam se

ajustando. Odrade dissera a verdade apenas onde isso fora necessário. As dúvidas dele estavam focalizadas onde deviam: no povo da Dispersão. E tudo fora feito usando o próprio idioma dele.

Ele tentou falar, sentiu uma constrição na garganta, e foi forçado a massageá-la antes que pudesse expressar-se.

— Que podemos fazer?

— Isso é óbvio. Os Perdidos encaram-nos como apenas outra conquista.

Acham que com isso vão limpar sua retaguarda. Uma cautela comum.

— Mas eles são tantos!

— A menos que consigamos unir-nos num plano comum para derrotá-los, vão devorar-nos do modo como um lorco mastiga seu almoço.

— Não podemos submeter-nos aos impuros *powindah*! Deus não permitiria tal coisa!

— Submeter? Quem disse que nos vamos submeter?

— Mas a *Bene Gesserit* sempre faz uso daquela antiga desculpa: “Se não puder derrotá-los, junte-se a eles.”

Odrade deu um sorriso forçado.

— Deus não permitiria que vocês se submetessem! Está dizendo que ele permitiria que isso nos acontecesse?

— Então qual é o seu plano? Que faria contra um inimigo tão numeroso?

— Exatamente o que você planeja fazer: convertê-los. Quando der o sinal, a Irmandade abraçará abertamente a verdadeira fé.

Waff caiu num silêncio atordoado. Então ela conhecia o cerne do plano dos *Tleilaxu*. Será que também saberia como os *Tleilaxu* pretendiam executar esse plano?

Odrade olhava para ele de modo especulativo. “Agarre a fera pelo saco se preciso”, pensava. Mas, e se as projeções das analistas da Irmandade estivessem incorretas? Nesse caso, toda essa negociação seria uma piada. E havia algo no fundo dos olhos de Waff que sugeria uma antiga sabedoria... muito mais antiga do que seu corpo. Ela falou com mais confiança do que sentia:

— Aquilo que vocês conseguiram obter com os *gholas* de seus tanques e mantiveram em segredo, outros pagarão grande preço para obter.

As palavras eram suficientemente enigmáticas (haveria outros ouvindo?), mas Waff não duvidou nem por um instante de que a *Bene Gesserit* conhecesse até mesmo esse segredo.

— Estão exigindo partilhar isso também? — perguntou ele, a voz rouca na garganta seca.

— Tudo! Vamos partilhar tudo!

— E que vão dar nessa grande partilha?

— Peça.

— Todos os seus registros de procriação.

— Eles são seus.

— Madres Procriadoras à nossa escolha.

— Diga o nome delas.

Waff ficou atônito. Isso era muito mais do que a Madre Superiora tinha oferecido. Era como uma flor se abrindo em sua consciência. Ela estava certa a respeito das Honradas Madres, naturalmente — e a respeito dos *Tleilaxu* descendentes da Dispersão. Nunca confiara neles, nunca!

— Vão querer uma fonte irrestrita de melange — ele disse.

— É claro.

Olhou para ela, quase não acreditando em tanta boa sorte. Os tanques *axlotl* ofereciam a imortalidade apenas àqueles que abraçavam a Grande Crença. Ninguém se atreveria a atacar para obter algo que sabiam que os *Tleilaxu* prefeririam destruir a perder. E agora! Ele tinha conquistado os serviços da força missionária mais poderosa e duradoura que já existira. Certamente que a mão de Deus aparecia nisso. Waff sentiu-se primeiro admirado, depois inspirado. Suavemente, disse a Odrade:

— E você, Reverenda Madre, como chamaria nosso acordo?

— Um nobre propósito — ela disse. — Já conhece as palavras do Profeta no *Sietch Tabr*. Duvida delas?

— Nunca! Mas... existe uma coisa: que propõem fazer com esse *ghola* Duncan Idaho e a jovem Sheeana?

— Faremos com que procriem, é claro. E seus descendentes falarão por nós a todos os descendentes do Profeta.

— Em todos os planetas para onde os levarão?

— Em todos os planetas — concordou ela.

Waff recostou-se no assento. “Eu a tenho em minhas mãos, Reverenda Madre!”, pensou ele. “Nós dominaremos este acordo, não vocês. O *ghola* não lhes pertence, ele é nosso!”

Odrade percebeu uma sombra de reserva nos olhos de Waff, mas sabia ter arriscado o máximo que podia. Conceder mais despertaria novas dúvidas. O que quer que acontecesse, ela havia comprometido a Irmandade desse curso de ação. Agora Taraza não poderia evitar essa aliança.

Waff ergueu os ombros num gesto curiosamente juvenil, traído pela inteligência ancestral em seus olhos.

— Ah, mais uma coisa — ele disse, todo tomado pelo papel de Mestre dos Mestres, falando seu próprio idioma e governando a todos que o ouviam. — Também vão ajudar na divulgação desse... Manifesto Atreides?

— Por que não? Eu o escrevi.

Waff deu um salto.

— Você?

— Pensa que alguém menos hábil poderia tê-lo feito?

Ele assentiu, convencido sem necessidade de qualquer outro argumento. Era o combustível necessário para impulsionar um novo pensamento que entrara em sua

mente, um ponto final na aliança: as mentes poderosas das Reverendas Madres aconselhariam os *Tleilaxu* a cada passo! Que

importava que fossem superadas em número pelas prostitutas da Dispersão? Quem poderia enfrentar tamanha sabedoria combinada com armas invencíveis?

— O titulo do Manifesto também é válido — explicou Odrade. — Sou uma autêntica descendente dos Atreides.

— Procriaria comigo, então? — arriscou ele.

— Quase já passei da idade de ter filhos, mas serei sua quando ordenar.

Eu relembro amigos de guerras quase esquecidas,

Todos eles repartidos em cada ferimento recebido, Ferimentos que lembram lugares dolorosos onde lutamos, Batalhas que é melhor esquecer, coisas que nunca buscamos.

Que foi que perdemos e que conseguimos?

— *Canções da Dispersão*

Burzmali baseara seu planejamento no melhor que tinha aprendido com seu *Bashar*, mantendo sua própria opinião quanto às múltiplas opções e posições de retirada. Essa era a prerrogativa de um comandante! Por ser necessário, aprendera tudo que podia sobre o terreno.

Na época do Antigo Império e mesmo sob o reinado do *Muad'Dib*, a região em torno do Castelo Gammu fora uma reserva florestal, uma região elevada, situada bem acima dos resíduos oleosos que tendiam a cobrir as terras dos Harkonnen. Nesse solo, os Harkonnen haviam cultivado a melhor *pilingitam*, madeira de uso comercial muito valorizada pelos sumamente ricos. Desde os tempos mais antigos que a classe mais elevada preferia cercar-se de madeiras finas em vez das matérias artificiais produzidas em massa, conhecidas como *polastine*, *polaz* e *pormabat* (mais tarde abreviados para tine, *laz* e *bat*). Até mesmo no Antigo Império

existira um rótulo pejorativo para os moderadamente ricos e as Famílias Menores, surgido do conhecimento do valor de uma madeira rara.

— Ali está um três P-O — diziam eles, querendo indicar uma pessoa que se cercava das cópias baratas, feitas com substâncias pouco nobres.

E até mesmo quando os sumamente ricos eram forçados a empregar um dos três P-O, eles os disfarçavam, onde era possível, atrás de um U-P (o único P), a *pilingitam*.

Burzmali sabia disso e muito mais quando fez sua gente procurar por *pilingitam* estrategicamente colocada perto de um não-globo. A madeira da árvore tinha muitas qualidades que a tornavam preferida pelos artesãos: recém-cortada, ela era macia; seca

e envelhecida, tornava-se dura. Era capaz de absorver muitos pigmentos e o acabamento podia ser feito de modo a parecer natural. Mais importante que tudo, a *pilingitam* era à prova de fungos e nenhum inseto conhecido chegara a considerá-la um jantar adequado. Por último, era resistente ao fogo e os espécimes mais velhos da árvore viva cresciam a partir de um amplo tubo vazio situado no núcleo.

— Nós faremos o inesperado — dissera Burzmali ao seu grupo de busca.

Notara o distinto verde-limão das folhas de *pilingitam* durante seu primeiro vôo sobre a região. As florestas desse planeta tinham sido devastadas durante os Tempos da Fome, mas antigas O-Ps ainda eram cultivadas entre as sempre-vivas e as madeiras resistentes replantadas por ordem da Irmandade.

A equipe de busca de Burzmali encontrara uma colina dominada por O-Ps acima do local do não-globo. Ela estendia suas folhas sobre quase três hectares. Na tarde do dia crítico, Burzmali colocou engodos a certa distância de sua posição e abriu um túnel, desde

um trecho de terreno baixo até o centro do bosque de *pilingitam*. Lá posicionou seu posto de comando e o material necessário para a fuga.

— A árvore é uma forma de vida — explicou à sua gente. — Vai ocultar-nos dos rastreadores.

“O inesperado.”

Em parte alguma de seus planos Burzmali supôs que suas ações fossem permanecer indetectadas. Tudo que podia fazer era dispersar sua vulnerabilidade.

Quando o ataque viesse, sabia que ia seguir um plano previsível. Burzmali previa que os atacantes contariam com não-naves e superioridade numérica, como acontecera em seu assalto ao Castelo de Gammu. As analistas da Irmandade garantiam que a maior ameaça viria das forças da Dispersão — descendentes dos *Tleilaxu* comandados por mulheres selvagens e brutais que chamavam a si mesmas de Honradas Madres. Ele via isso como excesso de confiança e não audácia. A verdadeira audácia fazia parte do arsenal de cada aluno do *Bashar* Miles Teg. Também ajudava o fato de poder confiar nos improvisos que Teg, de sua parte, acrescentaria ao plano.

Através de seus receptores, Burzmali seguiu a corrida de Duncan e Lucilla para a liberdade. Tropas com capacetes de comunicação e visores noturnos criavam uma falsa exibição de atividade nas posições falsas, enquanto Burzmali e seu grupo selecionado vigiavam os atacantes sem jamais revelarem sua posição. Os movimentos de Teg podiam ser acompanhados com facilidade a partir da resposta violenta do inimigo.

Burzmali notou com aprovação que Lucilla não parou ao ouvir os sons da batalha se intensificarem. Duncan, contudo, tentou parar e quase arruinou todo o plano. Lucila salvou o dia ao atingir um nervo sensível do rapaz, gritando:

— Você não pode ajudá-lo!

Ouvindo a voz dela com clareza através dos amplificadores do capacete, Burzmali amaldiçoou em silêncio. Outros poderiam ouvi-la também! Não havia dúvida de que já devia estar sendo rastreada.

Burzmali deu uma ordem subvocal através do microfone implantado em seu pescoço e se preparou para abandonar o posto. Mantinha a maior parte de sua atenção focalizada na aproximação de Lucilla e Duncan. Se tudo corresse como planejado, sua gente traria os dois enquanto dois soldados, sem capacetes e vestidos adequadamente, continuariam a correr em direção às falsas posições.

Enquanto isso, Teg estava criando uma admirável trilha de destruição através da qual um carro de solo poderia escapar.

Um auxiliar entrou em contato com Burzmali:

— Dois atacantes estão se aproximando por trás do *Bashar*!

Burzmali fez sinal para que o homem saísse. Sabia que as chances de Teg eram poucas. Tudo teria que se concentrar agora no salvamento do *ghola*. Os pensamentos de Burzmali eram intensos enquanto ele vigiava:

— Vamos! Corra! Corra!

Lucilla tinha pensamentos semelhantes enquanto mantinha Duncan correndo, conservando-se atrás dele para protegê-lo de qualquer ataque pelas costas. Tudo em seu treinamento e no modo como fora criada entrava em ação nesses momentos, reunido para uma resistência final. “Jamais desista!” Desistir seria passar sua consciência para as Vidas Memorizadas de Outra Irmã ou então morrer. Mesmo Schwangyu se redimira no final, revertendo à resistência total e morrendo admiravelmente dentro da tradição *Bene Gesserit* — resistindo até o fim. Burzmali relatara isso através de Teg. E Lucilla, reunindo suas incontáveis vidas, pensava: “Não posso deixar por menos.”

Ela seguiu Duncan numa depressão rasa junto ao tronco de um gigantesco pilingitam e, quando vultos se ergueram da escuridão em torno deles, quase reagiu de modo enlouquecido. Uma voz, falando em Chakobsa junto de seu ouvido direito, disse: “Amigos!” Isso retardou sua resposta pelo espaço de uma batida de coração enquanto ela via os dois falsos fugitivos saírem correndo da depressão para cobrir sua retirada. Isso, mais que qualquer outra coisa, revelou o plano e a identidade das pessoas, contendo-os em meio aos ricos odores de folhas e de terra. Quando aquela gente fez Duncan escorregar adiante dela num túnel escavado na árvore gigantesca e aconselhou (ainda em Chakobsa) a que ela se apressasse, Lucilla soube estar envolvida num plano audacioso, típico de Teg.

Duncan também tinha percebido isso. Numa abertura do túnel, ele a identificou pelo cheiro e bateu uma mensagem na pele de seu braço, na antiga e silenciosa linguagem de batalha dos Atreides.

— Deixe que eles liderem.

A forma da mensagem espantou-a momentaneamente, até ela perceber que o *ghola* devia conhecer esse método de comunicação.

Sem falar coisa alguma, as pessoas que os rodeavam retiraram o antiquado e volumoso laser das mãos de Duncan e fizeram os fugitivos entrar pela escotilha de um veículo que Lucilla não foi capaz de identificar. Uma breve luz vermelha brilhou na

escuridão.

Burzmali disse subvocalmente à sua gente:

— Lá vão eles!

Vinte e oito carros de solo e tópteros esvoaçantes partiram das posições falsas. Uma distração adequada, pensou Burzmali.

A pressão no ouvido de Lucilla revelou que a escotilha fora fechada.

Novamente a luz vermelha brilhou e se apagou.

Explosivos destruíram a grande árvore em torno deles e seu veículo, agora identificado como um carro de solo blindado, partiu sobre seus jatos e suspensores de sustentação. Lucilla podia seguir o curso somente pelos relâmpagos de fogo e pelos padrões de céu estrelado passando pelas janelas ovais de *plaz*. O campo suspensor em torno deles fazia os movimentos parecerem bizarros, sensíveis apenas ao olho.

Estavam sentados em assentos de *plasteel* enquanto o carro disparava colina abaixo, diretamente por cima da posição onde Teg se ocultara em sua resistência final. O

carro fazia violentas mudanças de direção, mas nada de seu movimento louco se transmitia à carne dos ocupantes. Eles só viam o borrão das árvores passando e as estrelas no céu, o capim queimado aparecendo às vezes.

Estavam passando por cima dos restos da floresta que Teg destruíra com suas armas laser! Só então Lucilla começou a ter esperanças de que pudessem vir a escapar.

De repente o veículo estremeceu, passando para um vôo lento. As estrelas visíveis nos ovais de *plaz* inclinaram-se e foram tapadas por uma obstrução escura. A gravidade retornou e surgiu uma iluminação fraca. Lucilla viu Burzmali abrir uma comporta à sua esquerda.

— Saiam! — gritou ele. — Não podemos perder um segundo!

Com Duncan à frente, Lucilla pulou para fora da escotilha, caindo na terra úmida. Burzmali bateu nas costas dela, agarrou Duncan pelo braço e os puxou para longe do carro.

— Rápido, nesta direção!

Despencaram através do capim alto, entrando numa estreita via pavimentada.

Burzmali, agora segurando os dois, os fez atravessar a pista e deitar na valeta ao lado.

Puxou sobre eles um cobertor de escudo vital para tapá-los e depois ergueu a cabeça a fim de olhar na direção por onde tinham vindo.

Lucilla olhou por trás dele e viu apenas um céu estrelado acima de uma colina nevada. Sentiu Duncan mexer-se ao lado dela.

Lá no alto da colina, o carro subiu, deixando um rastro de fogo vermelho a partir dos casulos de jatos que o tinham modificado para se tornar carro aéreo. Visível contra o céu estrelado, continuou subindo, subindo, subindo... De súbito, partiu velozmente para a direita.

— Nosso? — sussurrou Duncan.

— Sim.

— Como ele chegou lá em cima sem deixar um...

— Um túnel abandonado de um aqueduto — explicou Burzmali. — O carro estava programado para seguir automaticamente.

Ele continuou a olhar para o distante rastro vermelho. De repente, uma gigantesca descarga de luz azul expandiu-se na extremidade daquele distante traço vermelho. A luz foi seguida imediatamente por uma pancada surda.

— Ah — sussurrou Burzmali.

Duncan, com a voz baixa, disse:

— Eles vão pensar que nós sobrecarregamos a propulsão.

Burzmali lançou um olhar espantado para o rosto do jovem, de um cinza fantasmagórico sob a luz das estrelas.

— Duncan Idaho foi um dos melhores pilotos a serviço dos Atreides —

explicou Lucila.

Era um dado de conhecimento esotérico que servia a seu propósito. Burzmali percebeu imediatamente que não era apenas o guardião de dois fugitivos. Eles possuíam habilidades que poderiam ser usadas quando fosse necessário.

Centelhas azuis e vermelhas correram através do céu em direção ao local onde o carro de solo modificado havia explodido. As não-naves estavam farejando aquele distante globo de gases quentes em dispersão. Que iriam decidir os caçadores? As centelhas azuis e vermelhas mergulharam de novo atrás das colinas.

Burzmali voltou-se ante o som de passos na estrada. Duncan sacou de uma pistola tão rapidamente que Lucilla soltou uma exclamação de espanto. Ela colocou uma das mãos sobre seu braço para contê-lo, mas ele a repeliu. Não percebia que Burzmali tinha aceito o intruso?

Uma voz chamou baixinho da estrada acima deles.

— Sigam-me, depressa!

A pessoa que falara era uma mancha movendo-se na escuridão. Ela saltou ao lado deles e saiu correndo por uma abertura no meio do mato que cercava a estrada.

Manchas negras, na colina nevada além do abrigo da vegetação transformaram-se em pelo menos uma dúzia de pessoas armadas. Cinco delas agruparam-se em torno de Duncan e Lucilla, fazendo sinal para que os seguissem ao longo de uma trilha coberta de neve ao lado dos arbustos. O resto do grupo armado correu abertamente,

descendo o declive nevado e rumando para uma fileira escura de árvores.

Depois de uns 500 passos, as cinco figuras silenciosas fizeram o grupo formar fila indiana, com dois deles na frente e três atrás, e os fugitivos abrigados no meio —

Burzmali na frente de Duncan e Lucilla atrás. Daí a pouco chegaram a uma fenda em rochas escuras onde esperaram debaixo de uma saliência. Ouviram outros carros de solo modificados trovejarem no ar acima.

— Engodos em cima de engodos — sussurrou Burzmali. — Nós os sobrecarregamos de pistas falsas. Eles sabem que devemos fugir em pânico, tão depressa quanto pudermos. Agora vamos aguardar escondidos. Depois prosseguiremos, lentamente e a pé.

— O inesperado — sussurrou Lucilla.

— Teg?

A voz de Duncan era menos que um sussurro.

Burzmali inclinou-se junto do ouvido esquerdo do rapaz.

— Acho que eles o pegaram.

O sussurro de Burzmali carregava um profundo sentimento de tristeza.

Um de seus companheiros escuros disse:

— Rápido agora. Aqui embaixo.

Foram guiados através da fenda estreita. Alguma coisa estalou por perto. Mãos empurraram-nos para uma passagem oculta. O estalido soou atrás deles.

— Arrumem aquela porta — alguém disse.

Uma luz acendeu-se em torno deles.

Duncan e Lucila olharam para uma grande sala ricamente mobiliada e aparentemente escavada na rocha. Tapetes macios cobriam o chão cores escuras, encarnados e dourados, com um padrão semelhante a ameias bordado em verde pálido. Um monte de roupas encontrava-se numa mesa perto de Burzmali, que conversava baixinho com uma pessoa do grupo de escolta: um homem de cabelos louros com testa ampla e olhos verdes penetrantes.

Lucilla ouviu cuidadosamente. As palavras eram compreensíveis, relacionadas com o modo como os guardas deviam ser posicionados, mas o sotaque do homem de olhos verdes era de um tipo que ela nunca tinha ouvido antes, mistura de consoantes e vogais produzidas de um modo abrupto surpreendente.

— Isto é uma não-câmara? — perguntou ela.

— Não. — A resposta foi dada por um homem ao lado dela, falando com o mesmo sotaque. — As algas nos protegem.

Ela não se voltou em direção ao homem que falara. Em vez disso, olhou para o teto e as paredes. Somente alguns trechos de rocha escura eram visíveis junto do piso.

Burzmali interrompeu a conversa.

— Estamos em segurança aqui. A alga é cultivada especialmente para esta função. Os detectores de vida registram apenas a presença de vida vegetal e nada do que a alga encobre.

Lucilla girou sobre um dos calcanhares, examinando os detalhes do aposento: o grifo Harkonnen trabalhado sobre uma mesa de cristal, os tecidos exóticos das poltronas e sofás. Uma prateleira de armas colocada de encontro a uma das paredes segurava duas fileiras de longas armas laser de campo de um tipo que Lucila nunca tinha visto. Cada uma tinha um cano com a extremidade abrindo-se em

forma de cometa e uma proteção trabalhada em ouro sobre o gatilho.

Burzmali voltara à conversa com o homem de olhos verdes. Era uma discussão sobre o modo como deviam disfarçar-se. Lucilla prestou atenção com uma parte de sua mente, enquanto observava os dois outros membros da escolta que

permaneciam na sala. O terceiro tinha penetrado por uma passagem ao lado do armário de armas, uma abertura coberta por uma espessa cortina de fios prateados formados por algas pendentes. Duncan, percebia ela, a estava observando com cuidado, a mão em uma pequena pistola laser em seu cinturão.

“Gente da Dispersão”, pensou Lucilla. “Para quem se voltarão suas lealdades?”

Como quem não quer nada, ela andou até ficar ao lado do Duncan e, usando a linguagem de toques, batendo com a ponta dos dedos em seu braço, transmitiu-lhe suas desconfianças. Ambos olharam para Burzmali.

“Traição?”

Lucilla voltou a estudar a sala. Estariam sendo vigiados por olhos ocultos?

Nove globos luminosos iluminavam o espaço, criando seus peculiares techos de iluminação intensa. Estendiam-se numa concentração perto do ponto onde Burzmali ainda conversava com o homem de olhos verdes. Parte da luz vinha diretamente dos globos flutuantes, todos eles regulados para uma intensa iluminação dourada, e parte se refletia mais suavemente nas algas.

O resultado era a ausência total de sombras escuras, mesmo debaixo das mobílias.

Os reluzentes fios prateados do portal do corredor interno separaram-se. Uma velha entrou na sala. Lucilla olhou para ela. A mulher tinha o rosto vincado, tão escuro quanto jacarandá antigo. Suas feições eram bem-definidas numa estreita moldura de cabelos grisalhos emaranhados que caía quase até os ombros. Usava um longo manto escuro, com um bordado de fios dourados reproduzindo dragões mitológicos. A mulher parou atrás de um sofá e colocou as mãos com veias proeminentes sobre o recosto.

Burzmali e o companheiro interromperam a conversa.

Lucilla olhou para a velha e para seu próprio manto. Exceto pelos dragões dourados, a vestimenta era semelhante em estilo, os capuzes caídos sobre os ombros.

Somente na lateral e no modo como se abria na frente é que o desenho do manto do dragão era diferente.

Quando a mulher ficou quieta, Lucilla olhou para Burzmali, buscando uma explicação. Burzmali olhou para ela com uma concentração intensa. A velha continuava a observar Lucilla em silêncio.

A intensidade da atenção dela deixou Lucilla inquieta. Duncan também tinha percebido isso. Mantinha a mão posicionada sobre a pequena arma laser. O longo silêncio enquanto aquele olhos a estudavam com tanto cuidado aumentava o sentimento de desconforto. Havia algo quase *Bene Gesserit* no modo como a velha ficava ali, só observando.

Duncan quebrou o silêncio, perguntando a Burzmali:

— Quem é ela?

— Eu sou aquela que vai salvar a pele de vocês — respondeu a velha.

Ela tinha a voz fina e fraca, mas o mesmo sotaque estranho daqueles homens.

As Outras Memórias de Lucilla trouxeram-lhe uma comparação sugestiva para o traje da velha: semelhante ao que era usado pelas antigas playfêmeas.

Lucilla quase sacudiu a cabeça. Certamente essa mulher estava muito velha para tal profissão. E a forma do dragão mitológico desenhado no tecido diferia daquela fornecida pela memória. Lucilla voltou a atenção para o rosto da velha: os olhos úmidos com as doenças da idade. Uma crosta seca acumulava-se sobre os vincos onde as pálpebras tocavam os canais ao lado do nariz. Muito velha para ser uma playfêmea.

A velha disse a Burzmali:

— Acho que ela pode usar este traje muito bem. — Começou a despir a roupa com o dragão. A Lucilla ela disse: — Isto é para você. Use-o com respeito. Tivemos que matar para consegui-lo.

— Quem vocês mataram? — indagou Lucilla.

— Uma candidata a Honrada Madre!

Havia orgulho na voz rouca da mulher.

— E por que eu deveria usar esse manto?

— Você vai trocar de roupa comigo — disse a velha.

— Não. — Sem uma explicação, Lucilla recusou-se a pegar o manto que lhe era estendido.

Burzmali deu um passo à frente.

— Você pode confiar nela.

— Sou amiga de seus amigos — disse a velha. Sacudiu o manto na frente de Lucilla. — Aqui, pegue-o.

Lucila voltou-se para Burzmali.

— Devo conhecer o seu plano.

— Ambos devemos conhecê-lo — disse Duncan. — Sob que autoridade nos pede para confiar nessa gente?

— Sob a autoridade de Teg — disse Burzmali. — E sob a minha. — Olhou para a velha. — Pode contar a eles, Sirafa. Temos tempo.

— Você vai usar este manto enquanto acompanha Burzmali até Ysai —

explicou Sirafa.

“Sirafa”, pensou Lucilla. O nome tinha quase o som de uma Variante *Bene Gesserit*.

Sirafa examinou Duncan.

— Sim, ele ainda é suficientemente pequeno. Vamos disfarçá-lo e transportá-lo separadamente.

— Não! — protestou Lucilla. — Recebi ordens de guardá-lo pessoalmente!

— Está sendo tola — retrucou Sirafa. — Eles estarão procurando por uma mulher de sua aparência, acompanhada por alguém semelhante a este jovem. Não vão dar atenção a uma playfêmea das Honradas Madres com seu companheiro noturno...

nem a um Mestre *Tleilaxu* e seu séquito.

Lucilla umedeceu os lábios com a língua. Sirafa falava com a segurança de uma Inspetora da Irmandade.

A velha depositou o manto do dragão sobre o recosto do sofá. Usava agora apenas uma malha negra colante que nada escondia de um corpo ainda flexível e firme, com muitas curvas. Um corpo que parecia extraordinariamente mais jovem do que o rosto. Enquanto Lucilla a observava, Sirafa começou a passar as palmas das mãos sobre a testa e as faces, esfregando-as para trás. Os vincos da idade foram desaparecendo para revelar um rosto jovem.

“Um Dançarino Facial?”

Lucilla olhou com firmeza para a mulher. Não aparecia nela qualquer dos outros estigmas de um Dançarino Facial. Ainda assim.

— Tire o seu manto! — ordenou Sirafa.

Ela agora tinha uma voz de jovem, muito mais dominadora.

— Deve fazer isso — pediu Burzmali. — Sirafa vai tomar seu lugar como outro chamariz. É o único modo pelo qual poderemos passar.

— Passar para onde? — indagou Duncan.

— Para uma não-nave — explicou Burzmali.

— E para onde ela irá nos levar? — indagou Lucilla.

— Para a segurança — explicou Burzmali. — Vamos ser saturados de shere, mas não posso dizer mais nada. Até mesmo o shere se esgota com o tempo.

— Como é que vão disfarçar-me de *Tleilaxu*? — perguntou Duncan.

— Confie em nós que isso será feito — disse Burzmali, sua atenção ainda voltada para Lucilla. — Reverenda Madre?

— Vocês não me deixam escolha — respondeu ela.

Soltou os fechos e deixou cair o manto. Tirou a pequena pistola da cintura e a atirou sobre o sofá. Sua própria malha era de um cinza

claro e ela percebeu que Sirafa estava reparando nisso, bem como nas facas colocadas nas bainhas em suas pernas.

— As vezes usamos malhas negras — explicou Lucilla, enquanto colocava o manto do dragão.

O tecido parecia pesado, mas na verdade era só aparência. Ela girou para sentir o caimento do novo traje, enquanto ele se erguia no giro e lhe envolvia o corpo como se tivesse sido feito de encomenda para ela. Mas havia um ponto áspero no pescoço.

Ela estendeu a mão e correu um dedo sobre ele.

— Foi aí que o dardo atingiu a mulher que matamos — explicou Sirafa. —

Nós agimos depressa, mas o ácido marcou levemente o tecido. Não é visível.

— A aparência está correta? — perguntou Burzmali.

— Muito boa. Mas vou ter que instruí-la. Ela não deve cometer erros ou eles pegarão vocês dois.

Sirafa bateu com ambas as mãos para dar ênfase ao que dizia.

“Onde foi que vi tal gesto?”, perguntou-se Lucilla.

Duncan tocou a parte de trás do braço direito de Lucilla, seus dedos transmitindo uma mensagem secreta: “Aquela batida de mão! Um maneirismo de Giedi Prime.”

As Outras Memórias confirmaram isso para Lucilla. Seria essa mulher integrante de uma comunidade isolada, que preservava os costumes arcaicos?

— O rapaz deve ir agora — disse Sirafa. Fez um gesto para os dois membros remanescentes de seu grupo. — Levem-no até o lugar.

— Eu não gosto disso — comentou Lucilla.

— Não temos escolha — disse Burzmali, furioso.

Lucilla só podia concordar. Estava dependendo totalmente do juramento de lealdade de Burzmali para com a Irmandade. E Duncan não era nenhuma criança, procurou lembrar-se. Suas reações prana-bindu tinham sido condicionadas pelo velho *Bashar* e por ela mesma. Havia habilidades ao alcance do *ghola* que poucas pessoas fora da *Bene Gesserit* poderiam igualar. Ela observou em silêncio enquanto Duncan e os dois homens saíam através da cortina brilhante.

Depois que eles tinham saído, Sirafa deu a volta no sofá e ficou diante de Lucila com as mãos nas cadeiras. O olhar das duas encontrou-se de igual para igual.

Burzmali pigarreou e remexeu na pilha de roupas na mesa ao seu lado.

O rosto de Sirafa, principalmente seus olhos, tinha uma qualidade fascinante.

Olhos de um verde claro, com a parte branca muito límpida. Não havia lentes de contato nem qualquer outro artificio a mascará-los.

— Você tem a aparência certa — disse Sirafa. — Lembre-se de que é um tipo especial de playfêmea e que Burzmali é seu cliente. Nenhuma pessoa comum interferiria nisso.

Lucilla percebeu uma sugestão oculta na frase:

— Mas há aqueles que poderiam interferir?

— Existem embaixadas de grandes religiões em Gammu agora — explicou Sirafa. — Algumas que você nunca conheceu. São daquilo que chamam de Dispersão.

— E de que vocês os chamam?

— Os Caçadores. — Sirafa ergueu a mão num gesto tranquilizador. — Não tema! Temos um inimigo comum.

— As Honradas Madres?

Sirafa virou a cabeça para a esquerda e cuspiu no chão.

— Olhe para mim, *Bene Gesserit*! Fui treinada unicamente para matá-las. É

minha única função e propósito.

Lucilla falou com cuidado:

— Pelo que sabemos, deve ser muito boa nisso.

— Em certas coisas, talvez, sou melhor que você. Agora ouça! Você é uma perita em sexo. Está entendendo?

— Por que os sacerdotes iriam interferir?

— Você os chama de sacerdotes? Bem... sim. Eles não iriam interferir por

qualquer razão que possa imaginar. Sexo por prazer, o inimigo da religião, ah?

— Não aceite qualquer substitutivo para o êxtase religioso — comentou Lucilla. — Que Tantrus a proteja, mulher! Existem sacerdotes diferentes entre os Caçadores, que não se importam de acenar com o êxtase imediato em lugar de um paraíso em outro mundo.

Lucilla quase sorriu. Será que essa matadora independente de Honradas Madres achava realmente que podia dar aulas de religião a uma Reverenda Madre?

— Há pessoas por aqui que andam disfarçadas de sacerdotes explicou Sirafa.

— Isso é muito perigoso. E os mais perigosos são os seguidores de Tantrus, que afirmam que o sexo é seu modo exclusivo de cultuar seu deus.

— Como poderei reconhecê-los?

Lucilla percebia a sinceridade e a idéia de perigo na voz da mulher.

— Não deve preocupar-se com isso. Nunca demonstre reconhecer tais distinções. Sua maior preocupação é certificar-se de que será paga. Você, eu acho, devia cobrar 50 solares.

— Não me disse ainda por que eles iriam interferir.

Lucila olhou de novo para Burzmali. Ele tinha espalhado sobre a mesa as roupas de tecido grosseiro e estava tirando seus trajes de combate. Ela voltou sua atenção para Sirafa.

— Alguns seguem uma antiga convenção que lhes garante o direito de interromper seu acordo com Burzmali. Na verdade, alguns deles a estarão testando.

— Ouça com cuidado — advertiu Burzmali. — Isso é importante.

Sirafa disse:

— Burzmali estará vestido como um trabalhador do campo. Nada mais disfarçaria os calos provenientes do treinamento com as armas. Você o chamará de Skar, nome comum aqui.

— Mas como devo reagir à interrupção de um sacerdote?

Sirafa tirou um pequeno saco da cintura e o passou para Lucilla, que sentiu seu peso em uma das mãos.

— Isso aí contém 238 solares. Se alguém se identificar como um divino...

lembre-se, divino.

— Como poderia esquecer?

A voz de Lucilla era quase zombeteira. Sirafa não deu atenção.

— Se alguém assim interferir, você devolverá a Burzmali 50 solares e lhe pedirá desculpas. Também nesse saco está seu cartão de identificação como playfêmea, com o nome de Pira. Deixe-me ouvir você dizer o seu nome.

— Pira.

— Não! Acentue mais o “a”

— Pira!

— Está passável. Agora ouça com cuidado. Você e Burzmali estarão andando

pelas ruas tarde da noite. Eles imaginarão que você tenha atendido outros clientes anteriormente. Deve haver evidências. Portanto, você irá... ah, entreter Burzmali antes de sair daqui. Está entendendo?

— Que gentileza! — comentou Lucilla.

Sirafa recebeu o comentário como sinal de aprovação e sorriu, mas sua expressão permaneceu controlada. As reações dela eram tão estranhas!

— Uma coisa — disse Lucilla. — Se eu tiver que entreter um divino, como vou reencontrar Burzmali depois?

— Skar!

— Sim, como vou encontrar Skar?

— Ele vai esperar por perto, aonde você for. Irá ao seu encontro quando sair.

— Muito bem. Se um divino interromper-nos, devolverei 100 solares para Skar e...

— Cinqüenta!

— Não creio que seja esse o preço adequado, Sirafa — Lucilla sacudiu a cabeça. — Depois de ter sido entretido por mim, o divino vai saber que 50 solares é muito pouco.

Sirafa comprimiu os lábios e olhou além de Lucilla para Burzmali.

— Você me avisou a respeito dela, mas eu não supunha que...

Usando apenas um leve toque da Voz, Lucilla disse:

— Você não deve supor coisa alguma a meu respeito, a menos que ouça de minha boca!

Sirafa olhou com desprezo. Estava obviamente espantada com a Voz, mas se mostrou tão arrogante quanto antes quando voltou a falar.

— Acha que pode dispensar qualquer explicação a respeito de variações eróticas?

— Pode contar com isso — respondeu Lucilla.

— E não preciso dizer-lhe que seu manto a identifica como perita do quinto estágio na Ordem de Hormu?

Foi a vez de Lucilla olhar com desdém.

— E se eu mostrar habilidades além do quinto estágio?

— Ah — respondeu Sirafa. — Ainda aceita meus conselhos, então?

Lucilla fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. Posso presumir que é capaz de administrar pulsações vaginais?

— Posso.

— De qualquer posição?

— Posso controlar qualquer músculo do meu corpo!

Sirafa olhou para Burzmali.

— É verdade?

Burzmali respondeu de um ponto logo atrás de Lucilla:

— Se não fosse ela não diria.

Sirafa olhou pensativa, os olhos focalizados no queixo de Lucilla.

— Isso complica as coisas, acho.

— Não me entenda mal — disse Lucilla. — As habilidades que me foram ensinadas não são para exibição. Têm outro propósito.

— Oh, tenho certeza que sim — disse Sirafa. — Mas a agilidade sexual é uma...

— Agilidade! — Lucila deixou que seu tom de voz transmitisse toda a força da indignação de uma Reverenda Madre. Não importava se era isso que Sirafa desejava, ela tinha que ser colocada em seu devido lugar:

— Agilidade! Eu posso controlar até a temperatura genital. Conheço e posso estimular os 51 pontos de excitação. Eu...

— Cinqüenta e um? Mas existem apenas.

— Cinqüenta e um! — retrucou Lucilla. — E a seqüência com mais as combinações possíveis chega a 2.008. Além disso, em

conjugação com as 205

posições de coito.

— Duzentas e cinco? — Sirafa estava evidentemente espantada. —

Certamente não quer dizer que...

— Há mais, realmente, se contar com as variações menores. Sou uma Impressora, o que significa que domino os 300 passos da ampliação orgásmica!

Sirafa pigarreou e umedeceu os lábios com a língua.

— Devo avisá-la para que se contenha. Mantenha suas habilidades ocultas ou...

— Uma vez mais ela olhou para Burzmali. — Por que não me avisou?

— Eu avisei.

Lucilla percebia claramente o divertimento na voz dele, mas não olhou para trás para confirmar isso.

Sirafa inalou e expirou duas vezes.

— Se lhe fizerem alguma pergunta, diga que está a ponto de ser testada para promoção. Isso pode abafar as suspeitas.

— E se me perguntarem quanto ao teste?

— Oh, isso é fácil. Você sorri misteriosamente e fica calada.

— E se me fizerem perguntas a respeito dessa Ordem de Hormu?

— Ameace denunciar quem perguntar aos seus superiores. As perguntas devem parar.

— E se continuarem?

Sirafa deu de ombros.

— Invente a história que quiser. Mesmo uma Reveladora da Verdade se divertiria com suas evasivas.

Lucilla manteve no rosto uma expressão calma enquanto pensava em sua situação. Ouvira Burzmali — Skar! — mexendo-se diretamente atrás dela. Não via qualquer dificuldade séria em realizar aquilo que lhe pediam. Podia até mesmo proporcionar um divertido interlúdio que ela poderia depois contar na sede da

Irmandade. Sirafa, percebia ela, estava sorrindo para Burzmali... Skar! Lucilla virou-se e olhou para o seu cliente...

Burzmali encontrava-se nu, o capacete e o uniforme de combate bem dobrados ao lado do pequeno monturo de roupas de tecido grosso.

— Percebo que Skar aprova seus preparativos para esta aventura — comentou Sirafa. Indicou com a mão o pênis rígido e ereto de Burzmali. — Devo deixá-los agora.

Lucilla ouviu Sirafa sair através da cortina brilhante. Enchendo seus pensamentos havia uma constatação aborrecida:

“Esse aí devia ser o *ghola*!”

O esquecimento é seu destino. Todas as antigas lições da vida, você perde e ganha, perde e ganha de novo.

— Leto II a Voz de Dar-es-Balat

“Em nome de nossa Ordem e de sua inquebrantável Irmandade, este relato é considerado confiável e válido para fazer parte das Crônicas da Irmandade.”

Taraza olhou para as palavras projetadas pelo equipamento de exibição com uma expressão de desgosto. A luz matinal pintava um indistinto reflexo amarelo na projeção, fazendo com que as palavras parecessem enevoadas e misteriosas.

Com um movimento irritado, levantou-se da mesa de projeção e foi para a janela que dava para o sul. O dia estava apenas começando e as sombras pareciam longas lá no pátio.

“Devo comparecer em pessoa?”

Ela hesitou ao pensar nisso. Esses alojamentos davam-lhe um sentimento de tamanha... segurança. Mas isso era tolice, e ela o sabia com cada fibra de seu ser. A *Bene Gesserit* estava nesse planeta há 1.400 anos e ainda assim o planeta da Irmandade devia ser considerado um abrigo temporário.

Repousou a mão esquerda sobre a moldura lisa da janela. Cada janela fora posicionada para oferecer uma esplêndida visão. A sala, suas proporções, a mobília, as cores — tudo refletia o pensamento de arquitetos e construtores que tinham agido com o único propósito de criar um sentimento de conforto para os ocupantes.

Taraza tentou mergulhar nesse sentimento de conforto e fracassou.

As discussões por que passara a tinham deixado com um sentimento de amargura, muito embora as palavras tivessem sido ditas nos tons mais brandos. Suas conselheiras haviam sido inflexíveis e (ela concordava sem reservas) por motivos justos.

“Fazer de nós missionárias? E dos *Tleilaxu*?”

Ela tocou num painel de controle ao lado da janela e a fez abrir-se. Uma brisa morna, perfumada pelas flores da primavera, soprou vinda dos pomares de maçãs. A Irmandade orgulhava-se das frutas que cultivava ali, no centro de poder de sua fortaleza. Não havia pomares melhores em qualquer outra fortaleza, nas sedes dependentes que formavam a teia da *Bene Gesserit* através da

maioria dos planetas que os humanos haviam ocupado durante o Velho Império.

“Pelos frutos que produzem, nós os conheceremos”, pensou ela. “Algumas das antigas religiões ainda eram capazes de revelar sabedoria.”

De seu ponto elevado onde se encontrava, Taraza podia ver toda a extensão da ala sul, formada pelos prédios da sede da Irmandade. A sombra de uma torre de vigília próxima traçava uma linha irregular sobre telhados e pátios.

Quando pensava nisso ela reconhecia que esta era uma base surpreendentemente pequena para o poder que continha. Além do anel de pomares e jardins, estendia-se um tabuleiro de xadrez bem demarcado, formado pelas residências particulares, cada qual cercada por suas próprias plantações. Irmãs aposentadas e famílias leais selecionadas ocupavam essas privilegiadas propriedades. O serrilhado de montanhas distantes, freqüentemente brilhando com a neve, marcava os limites ocidentais. O espaçoporto ficava a 20 quilômetros para o leste. E à volta desse coração da Irmandade havia planícies abertas onde pastava um tipo peculiar de gado, um gado tão suscetível a cheiros estranhos que estourava mugindo ante a menor intromissão de pessoas não marcadas pelo odor local. As residências mais internas, com suas plantações cercadas, tinham sido estabelecidas por um antigo *Bashar*, de modo que ninguém poderia passar através dos canais serpenteantes, no nível do solo, de dia ou de noite, sem ser observado.

Tudo parecia tão casual e no entanto havia uma ordem rigidamente mantida.

Algo que, Taraza sabia, personificava a Irmandade.

Um pigarrear atrás dela lembrou-lhe que uma daquelas assessoras que tinham discutido de modo mais veemente durante o Conselho permanecia esperando pacientemente na porta aberta.

“Esperando pela minha decisão.”

A Reverenda Madre Bellonda queria que Odrade fosse “morta de imediato”, mas não se chegava a qualquer decisão.

“Você realmente conseguiu desta vez, Dar. Eu esperava sua louca independência. Até a desejava. Mas isto!”

Bellonda, velha, gorda e corada, tinha olhos frios e era valorizada por seu temperamento violento. Queria que Odrade fosse condenada como traidora.

— O Tirano a teria esmagado imediatamente! — argumentara Bellonda.

“Será que foi só isso que aprendemos com ele?”, perguntou-se Taraza.

Bellonda argumentou que Odrade não era apenas uma Atreides, mas igualmente uma Corrino. Eles tinham sido muitos imperadores, vice-regentes e poderosos administradores na ancestralidade dela.

“Com toda a fome de poder que isso implica!”

— Os ancestrais dela sobreviveram a Salusa Secundus! — ficava repetindo Bellonda. — Será que não aprendemos nada com nossas experiências de procriação?

“Aprendemos a fabricar Odrades”, pensou Taraza.

Depois de sobreviver à agonia da especiaria, Odrade fora enviada a Aí Dhanab, um equivalente de Salusa Secundus, para ser condicionada deliberadamente num planeta de testes constantes: altos penhascos e desfiladeiros secos, ventos quentes ou frígidos, umidade escassa ou demasiada. Era considerado um campo de provas adequado para alguém que o destino poderia conduzir a Rakis. Duras sobreviventes emergiam de tal condicionamento. E a

alta, ágil e musculosa Odrade era uma das mais duras dentre os sobreviventes.

“Como poderei salvar esta situação?”

A mensagem mais recente de Odrade revelava que qualquer tipo de paz, mesmo os milênios de opressão do Tirano, irradiava uma falsa aura que poderia ser fatal para aqueles que nela confiassem em demasia. Essa era a força e ao mesmo tempo a fraqueza dos argumentos de Bellonda.

Taraza voltou seu olhar para Bellonda, que esperava junto à porta. “Ela é muito gorda! E nos provoca com isso!”

— Não podemos eliminar Odrade assim como não podemos eliminar o *ghola*

— disse Taraza.

A voz de Bellonda veio baixa e calma.

— Ambos são agora demasiado perigosos para nós. Olhe como Odrade a enfraquece com seu relato daquelas palavras escritas no *Sietch Tabr*!

— Será mesmo que a mensagem do Tirano me enfraqueceu, Bell?

— Sabe o que quero dizer. Os *Bene Tleilax* não têm moral.

— Pare de mudar de assunto, Bell. Seus pensamentos estão correndo de um lado para outro como um inseto entre as flores. Que está realmente farejando aqui?

— *Tleilaxu*! Eles fizeram aquele *ghola* para seus próprios fins. E agora Odrade quer que...

— Está se repetindo, Bell.

— Os *Tleilaxu* recorrem a atalhos. Sua visão da genética não é a nossa. Não é uma visão humana. Eles criam monstros.

— Será que é isso que eles fazem?

Bellonda entrou na sala, deu a volta à mesa e ficou junto de Taraza, bloqueando da visão da Madre Superiora o nicho com a estatueta de Chenoeh.

— Aliança com os sacerdotes de Rakis sim, mas não com os *Tleilaxu*. — Os mantos de Bellonda assoviaram quando ela gesticulou com um punho fechado.

— Bell! O Alto Sacerdote é agora uma simulação feita por um Dançarino Facial. Você fala em se aliar com ele?

Bellonda sacudiu a cabeça, furiosa.

— Os crentes do *Shai-hulud* formam legiões! Você os encontra em toda parte.

E qual será a reação deles com relação a nós se nossa participação nessa farsa ficar exposta?

— Você não percebe, Bell? Já cuidamos para que apenas os *Tleilaxu* fiquem vulneráveis nesse aspecto. Nesse ponto Odrade está certa.

— Errada! Se nos aliarmos a eles, compartilharemos de sua vulnerabilidade.

Seremos forçadas a servir às ambições dos *Tleilaxu*. Vai ser pior que nossa longa subserviência ao Tirano.

Taraza percebia o brilho de fúria nos olhos de Bellonda. As reações dela eram compreensíveis. Nenhuma Reverenda Madre gostava de lembrar o domínio que a ordem sofrera nos tempos do Imperador-Deus, sem trazer com isso outras memórias ainda mais desagradáveis. Forçadas num curso contra a sua vontade, nunca

podendo ter certeza de que sua *Bene Gesserit* sobreviveria de um dia para o outro.

— Acha que vamos assegurar nosso suprimento de especiaria com essa aliança estúpida? — perguntou Bellonda.

Era o mesmo velho argumento, pensou Taraza. Sem a melange e a agonia de sua transformação, não haveria Reverendas Madres. As prostitutas da Dispersão certamente viam na melange um de seus alvos — a especiaria e o domínio que dela possuía a *Bene Gesserit*.

Taraza voltou para sua mesa e mergulhou o corpo na cadeira-cão, inclinando-se para trás enquanto a peça viva se moldava aos seus contornos. Era um problema.

Um problema peculiar da *Bene Gesserit*. Embora tivesse procurado e experimentado constantemente, a Irmandade ainda não encontrara um substitutivo para a melange. A Corporação Espacial podia desejar a especiaria para produzir o transe em seus navegadores, mas ela podia substituir os navegadores por máquinas Ixianas. Ix e suas subsidiárias competiam nos mercados da Corporação. Eles tinham alternativas.

“Nós não temos nenhuma.”

Bellonda foi até o outro lado da mesa de Taraza, colocou ambos os punhos sobre a superfície lisa e se inclinou para diante, de modo a encarar a Madre Superiora.

— E ainda não sabemos o que os *Tleilaxu* fizeram com nosso *ghola*. Odrade vai descobrir.

— Isso não é razão suficiente para lhe perdoar a traição!

Taraza disse em voz baixa:

— Nós esperamos por este momento, geração após geração, e você abortaria o projeto desse modo.

Ela bateu com a palma da mão sobre o tampo da mesa.

— O precioso projeto Rakiano não é mais nosso — disse Bellonda. — E pode nunca ter sido.

Com todos os seus poderes mentais finamente sintonizados, Taraza reexaminou as implicações desse argumento familiar. Era algo de que se falara com freqüência na sessão tumultuada que tinham realizado ainda há pouco.

Seria o projeto do *ghola* alguma coisa posta em movimento pelo próprio

Tirano? Se fosse, que poderiam fazer a respeito agora? Que deveriam fazer a respeito?

Durante a longa discussão, o relatório da minoria estivera em todas as cabeças.

Schwangyu podia estar morta, mas sua facção sobrevivia, e agora parecia que Bellonda se unira a ela. Estaria cega a Irmandade ante essa possibilidade fatal? O relatório de Odrade a respeito daquela mensagem oculta em Rakis podia ser interpretado como um sinistro sinal de advertência. Odrade enfatizava isso ao contar como fora alertada pelo seu senso de perigo. Nenhuma Reverenda Madre podia tratar uma coisa dessas de modo leviano.

Bellonda levantou-se e dobrou os braços sobre o peito.

— Nós nunca escapamos de todo à influência dos professores de nossa infância nem dos padrões que formaram nossa personalidade, não é mesmo?

Esse era um argumento peculiar nas disputas da *Bene Gesserit*. Lembrava-lhes de suas próprias suscetibilidades particulares.

“Nós somos aristocratas secretas e é nossa prole que herda o poder. Sim, nós somos suscetíveis nesse aspecto, e Miles Teg é um

exemplo soberbo.”

Bellonda encontrou uma cadeira de recosto rígido e se sentou, colocando os olhos no mesmo nível dos de Taraza.

— Durante o auge da Dispersão — lembrou ela —, perdemos de vista cerca de 20 por cento de nossos fracassos.

— Não são os fracassos que estão voltando para nos ameaçar.

— Mas o Tirano certamente sabia que isso ia acontecer!

— A Dispersão era seu objetivo, Bell. Era esse o seu Caminho Dourado, a chave da sobrevivência da humanidade!

— Mas nós sabemos o que ele pensava a respeito dos *Tleilaxu* e no entanto ele não os exterminou. Poderia tê-lo feito, mas não fez!

— Ele queria a diversidade.

Bellonda deu um soco no tampo da mesa.

— Foi certamente o que conseguiu!

— Nós já discutimos isso vezes sem conta, Bell, e ainda assim não vejo meio de fugir ao que Odrade fez.

— Subserviência!

— De modo algum. Será que fomos totalmente subservientes a qualquer um dos imperadores que precederam o Tirano? Não fomos subservientes nem para com o *Muad'Dib*!

— Ainda estamos na armadilha do Tirano — acusou Bellonda. — Diga-me por que os *Tleilaxu* continuaram a produzir o seu *ghola* favorito? Milênios se passaram e aquele *ghola* continua saindo de seu tanque como um polichinelo.

— Acha que os *Tleilaxu* ainda cumprem uma ordem secreta do Tirano? Se for assim, você está defendendo Odrade. Ela criou condições admiráveis para que examinemos essa questão.

— Ela não ordenou nada desse tipo! Apenas tornou aquele *ghola* em particular

deliciosamente atraente para os *Bene Tleilax*.

— E para nós não?

— Madre Superiora, precisamos escapar agora da armadilha do Tirano! E

através do método mais direto!

— A decisão é minha, Bell. E ainda me sinto atraída por uma aliança cautelosa.

— Então, pelo menos, deixe-nos matar o *ghola*. Sheeana pode ter filhos. Nós poderíamos...

— Isso não é nem nunca foi um projeto puramente de procriação!

— Mas poderia ser. E se estiver errada quanto ao poder que se oculta por trás da presciência dos Atreides?

— Todas as suas propostas levariam à nossa alienação de Rakis e dos *Tleilaxu*, Bell.

— A Irmandade poderia agüentar 50 gerações com nossas atuais reservas de melange. Mais ainda com racionamento.

— E você acha que 50 gerações é um tempo muito longo, Bell? Não percebe que é por essa atitude que você não está sentada aqui na minha cadeira?

Bellonda empurrou sua cadeira para trás, afastando-se da mesa. Os pés da cadeira fizeram um som irritante no piso. Taraza podia notar

que ela não fora convencida. Não poderia mais confiar em Bellonda. Ela é que poderia terminar sendo a marcada para morrer. E onde é que estava o nobre propósito em tudo isso?

— Isso não vai nos levar a lugar algum — disse Taraza. — Deixe-me só.

Depois que Bellonda saiu, Taraza refletiu uma vez mais sobre a mensagem de Odrade. Sinistra. Era fácil notar por que Bellonda e as outras tinham reagido com tanta violência. Mas isso demonstrava uma perigosa ausência de controle.

“Ainda não é hora de escrever o testamento da Irmandade” De modo curioso, Odrade e Bellonda compartilhavam do mesmo medo, mas esse medo as conduzia a decisões diferentes. A interpretação de Odrade para aquela mensagem nas pedras transmitia um antigo aviso:

"Isto também deverá passar.”

“Será que agora chegaremos ao fim esmagadas pelas hordas vorazes da Dispersão?”

Mas o segredo dos tanques *axlotl* encontrava-se quase nas mãos da Irmandade.

“Se conseguirmos isso, nada nos poderá deter!”

Taraza voltou sua atenção para os detalhes da sala. O poder da *Bene Gesserit* ainda permanecia ali. A sede da Irmandade continuava escondida atrás de uma cerca de não-naves, sua localização fora dos registros e marcada apenas nas mentes de sua própria gente. Invisibilidade.

Invisibilidade temporária! Acidentes aconteciam.

Odrade ergueu os ombros. “Tome precauções, mas não viva nas sombras, sempre furtiva.” A Litania contra o Medo servia ao útil

propósito de evitar as sombras.

Partindo de outra pessoa que não Odrade, a mensagem de aviso, com a perturbadora sugestão de que o Tirano ainda conduzia o seu Caminho Dourado, teria parecido muito menos terrível.

Aquele maldito talento dos Atreides!

“Nada mais que uma sociedade secreta?”

Taraza trincou os dentes de frustração.

“Memórias não são o bastante, a menos que elas conduzam a um nobre propósito!”

E se fosse verdade que a Irmandade não mais escutava a música da vida?

“Maldito!” O Tirano ainda podia alcançá-las.

“Que será que está tentando dizer-nos?” Seu Caminho Dourado não podia estar em perigo. A Dispersão havia assegurado isso. Os seres humanos tinham espalhado sua espécie em rumos incontáveis, como os espinhos de um porco-espinho.

Será que ele tivera a visão dos Dispersos retornando? Seria possível que ele tivesse antecipado essa erva daninha ao pé do seu Caminho Dourado?

“Ele sabia que suspeitaríamos de seus poderes. Ele sabia disso!” Taraza pensou no número cada vez maior de relatórios a respeito dos Perdidos que voltavam para suas raízes. Uma extraordinária diversidade de pessoas e artefatos acompanhada de um grau extraordinário de segredo e evidências de conspiração. Não-naves de desenho peculiar, armas e artefatos dotados de um espantoso grau de sofisticação.

Diversos povos e diversos costumes.

“Alguns espantosamente primitivos. Pelo menos superficialmente”

E essa gente queria muito mais que melange. Taraza reconhecia o tipo peculiar de misticismo que trazia de volta os Perdidos: “Eles querem os segredos de seus antepassados!”

A mensagem das Honradas Madres fora muito clara: “Vamos tomar aquilo que desejamos”

“Odrade tem tudo em suas mãos”, pensou Taraza. Ela tinha Sheeana. E, se Burzmali tivesse sucesso, logo ela teria o *ghola*. Já tinha em seu poder o Mestre dos Mestres *Tleilaxu*. Poderia dominar o próprio Rakis!

“Se ao menos não fosse uma Atreides.”

Taraza olhou para as palavras projetadas, ainda oscilando acima do topo da mesa: uma comparação desse novo *ghola* Duncan Idaho com todos os outros que tinham sido mortos. Cada novo *ghola* fora ligeiramente diferente dos antecessores.

Isso era muito claro. Os *Tleilaxu* estavam aperfeiçoando alguma coisa. Mas o quê?

Será que a pista estaria oculta nesses novos Dançarinos Faciais? Os *Tleilaxu* obviamente tinham buscado desenvolver um Dançarino Facial indetectável, mímicos capazes de produzir uma mímica perfeita, copiadores de formas capazes de reproduzir não apenas as memórias superficiais de suas vítimas, mas seus pensamentos mais profundos, sua identidade. Era uma forma de imortalidade até mais atraente do que aquela que os Mestres *Tleilaxu* usavam atualmente. Era por isso, obviamente, que eles

seguiam esse curso.

As próprias análises de Taraza concordavam com as da maioria de suas assessoras: tal cópia se tornaria a pessoa copiada. Os relatórios de Odrade a respeito do Tuek-Dançarino Facial eram

altamente sugestivos. Mesmo um Mestre *Tleilaxu* não seria capaz de afastar um Dançarino Facial desse tipo de sua forma copiada e de seu comportamento.

Sem falar de suas crenças.

“Maldita Odrade!” Deixara suas Irmãs sem opção. Elas não tinham outra escolha senão seguir a liderança de Odrade. E Odrade sabia disso!

Como será que ela sabe? Será aquele talento louco de novo?

“Não posso agir às cegas. Preciso saber.”

Taraza induziu seu conhecido método de restaurar o sentimento de calma.

Não se atrevia a tomar decisões importantes quando se sentia frustrada. Uma olhada demorada para a estatueta de Chenoeh ajudava nisso. Erguendo-se da cadeira-cão, Taraza voltou para sua janela favorita.

Freqüentemente a acalmava o simples ato de olhar para aquela paisagem, observando como as distâncias pareciam alterar-se como movimento diário da luz do sol e as mudanças do clima bem controlado desse planeta.

Sentiu fome.

“Hoje vou comer com as acólitas e as Irmãs leigas.”

Em ocasiões como essa, ajudava reunir as jovens em torno dela e lembrar a persistência dos rituais de alimentação, os ritmos diários a manhã, o meio-dia, a tarde.

Isso formava uma base confiável. Gostava de observar sua gente. Elas eram como uma maré indicando coisas profundas, revelando forças invisíveis e grandes poderes que persistiam porque a *Bene*

Gesserit encontrara modos de fluir como fluíam as coisas persistentes.

Tais pensamentos renovavam o equilíbrio de Taraza. As questões e dúvidas que permanecessem podiam ser mantidas a distância. Ela podia olhar para elas sem paixões.

Odrade e o Tirano estavam certos: “Sem um nobre propósito, não somos nada.”

Não se podia escapar, entretanto, ao fato de que decisões críticas estavam sendo tomadas em Rakis por uma pessoa afetada pelas fraquezas peculiares aos Atreides. Fraquezas que Odrade sempre exibira. Ela fora positivamente benevolente com acólitas que cometiam erros. De tal comportamento surgiam afeições!

Afeições perigosas por prejudicarem o raciocínio.

Isso enfraquecia as outras, que eram então obrigadas a compensar tal descuido.

Irmãs mais competentes tinham que ser convocadas para corrigir as fraquezas dessas acólitas. É claro que o próprio comportamento de Odrade é que tinha revelado as fraquezas das acólitas. Era algo que precisava ser considerado. Talvez Odrade raciocinasse desse modo.

Enquanto assim pensava, algo sutil e poderoso se movia na percepção de Taraza. Era forçada a dominar um profundo sentimento de solidão. Algo que amargurava. A melancolia podia prejudicar a clareza dos pensamentos do mesmo modo que a afeição... e mesmo o amor.

Taraza e suas vigilantes Irmãs das Memórias consideravam tais respostas emocionais como resultantes da consciência da mortalidade. Era forçada a confrontar a realidade de que um dia não seria nada mais que um conjunto de memórias guardadas no cérebro de outra pessoa.

As memórias e as descobertas casuais, percebia ela, tinham-na tornado vulnerável. E logo quando precisava de todas as suas faculdades!

“Mas ainda não estou morta.”

Taraza sabia como restaurar sua confiança. E sabia quais seriam as conseqüências. Depois desses ataques de melancolia, sempre conquistava um domínio mais poderoso de sua vida e de seus propósitos. As fraquezas de Odrade eram uma fonte de força para sua Madre Superiora.

E Odrade sabia disso. Taraza sorriu amargamente ante essa percepção. A autoridade da Madre Superiora sobre suas Irmãs sempre ficava mais forte quando ela se recuperava de um acesso de melancolia. Outras tinham observado tal coisa, mas só Odrade sabia a respeito da raiva.

“Lá dentro!”

Taraza estava enfrentando as sementes de suas próprias frustrações.

Em muitas ocasiões Odrade notara o que havia no núcleo, na origem do comportamento da Madre Superiora. Uma fúria gigantesca contra os usos que outras tinham feito de sua vida. E o poder dessa ira reprimida era surpreendente, mesmo que não pudesse ser usado do modo desejado. Ela nunca poderia permitir que tal ira desaparecesse. Mas como doía! E a percepção por parte de Odrade só tornava a dor ainda mais intensa.

Tais coisas faziam o que deviam fazer, é claro. As imposições da *Bene Gesserit* desenvolviam determinados músculos mentais. Construíam camadas de dureza que nunca poderiam ser penetradas por gente de fora. O amor era uma das forças mais perigosas do universo. Elas tinham que se proteger dele. Uma Reverenda Madre nunca poderia comprometer-se intimamente, nem mesmo a serviço da *Bene Gesserit*.

“Dissimulação: desempenhamos os papéis necessários para a nossa salvação. A *Bene Gesserit* vai permanecer!”

E por quanto tempo iriam permanecer subservientes dessa vez? Mais 3.500

anos? Bem, que se danassem todos! Ainda assim seria uma coisa apenas temporária.

Taraza voltou sua atenção para a janela e sua visão tranqüilizadora. Realmente se sentia recuperada. Uma nova força fluía em seu corpo. Força suficiente para vencer aquela relutância que a impedira de tomar as decisões necessárias.

“Vou para Rakis”

Não podia mais escapar à fonte de sua hesitação.

“Talvez tenha que fazer aquilo que Bellonda deseja.”

A sobrevivência do eu, da espécie e do meio ambiente, isso é que impulsiona os seres humanos. Pode-se observar como a ordem de importância se altera durante o tempo de vida. Quais são as preocupações imediatas em determinada idade? O estado do clima? Da digestão? Será que ele (ou ela) realmente se importa? Todos aqueles vários tipos de fome que a carne pode sentir e esperar satisfazer. Que mais poderia importar?

— Leto II a Hwi Noree,

Sua Voz: Dar-es-Balat

Miles Teg despertou em meio à escuridão para se encontrar numa liteira carregada sobre suspensores. Através de seu fraco brilho energético, podia ver as pequeninas bolhas suspensoras pendendo para cima numa fileira à sua volta.

Havia uma mordaça em sua boca. Suas mãos estavam firmemente amarradas às costas. Mas os olhos permaneciam descobertos.

“Eles não se importam com o que eu veja.”

Quem seriam eles, não podia dizer. Os movimentos ondulantes das formas escuras à sua volta sugeriam que estavam descendo por um terreno irregular. Uma trilha? A liteira deslizava suavemente em seus suspensores. Podia sentir o fraco zumbido dos suspensores quando o grupo parava para transpor um trecho particularmente difícil.

De vez em quando, através de alguma obstrução, podia ver uma luz tremulando adiante. Daí a pouco penetraram na área iluminada e pararam. Teg viu um único globo luminoso flutuando a uns três metros do solo, preso a um poste e se movendo livremente ao sabor dos ventos frios. Através de seu brilho amarelo, pôde discernir um barracão ao centro de uma clareira enlameada, com muitos rastros aparecendo na neve pisada. Viu arbustos e algumas árvores esparsas em torno da clareira. Alguém passou o facho de uma lanterna brilhante sobre o seu rosto. Nada foi dito, mas Teg percebeu um gesto de mão em direção ao barracão. Poucas vezes tinha visto uma estrutura tão arruinada quanto essa. Parecia a ponto de desabar ao mais leve toque. Apostou como o teto tinha goteiras.

Uma vez mais o grupo que o carregava se colocou em movimento, levando-o para o barracão. Ele observou sua escolta àquela luz fraca — rostos cobertos até os olhos com máscaras que escondiam o queixo e a boca. Capuzes ocultavam os cabelos.

A roupa era volumosa e escondia os detalhes do corpo, exceto pela articulação dos braços e das pernas.

O globo luminoso preso ao poste apagou-se.

Uma porta se abriu no barracão, lançando uma luz brilhante sobre a clareira. O

grupo conduziu-o para dentro e o deixou lá. Teg ouviu a porta ser fechada.

A iluminação lá dentro era quase cegante depois da escuridão que tinha atravessado. Teg piscou até que seus olhos se tivessem adaptado à mudança. Com o estranho sentimento de que aquilo não estava acontecendo realmente com ele, Teg olhou à sua volta. Tinha esperado que o interior do barracão fosse igual ao exterior, mas ali havia uma sala muito bem arrumada, quase sem móveis — somente três cadeiras, uma mesa e... respirou fundo: uma Sonda Ixiana! Será que eles não podiam sentir o aroma de shere em sua respiração?

Se não tinham consciência disso, então que usassem a sonda. Seria uma agonia para ele, mas não iriam arrancar nada de sua mente.

Alguma coisa estalou atrás dele e Teg ouviu um movimento. Três pessoas entraram em seu campo de visão e ficaram enfileiradas junto à liteira. Olhavam para ele em silêncio. Teg observou os três com atenção. O que estava à sua esquerda usava um macacão negro com lapelas abertas. Era homem. Tinha o rosto quadrado que Teg observara em certos nativos de Gammu pequeno, com olhos que pareciam contas olhando diretamente para ele. Era o rosto de um inquisidor, alguém que não sentiria pena diante de sua agonia. No seu tempo, os Harkonnen haviam importado um monte de gente assim tipos bitolados, capazes de provocar a dor sem a menor mudança de expressão.

O sujeito diretamente aos pés de Teg usava roupas volumosas, pretas e cinzentas, semelhantes às usadas pela escolta, mas com o capuz lançado para trás de modo a revelar um rosto sem expressão sob cabelos grisalhos cortados curtos. O

rosto não revelava coisa alguma, muito menos as roupas. Não havia meio de dizer se era homem ou mulher. Teg gravou o rosto: testa larga, queixo quadrado, grandes olhos verdes sobre nariz aquilino, boca pequena comprimida em expressão de desagrado.

O terceiro membro do grupo foi o que mais atraiu a atenção de Teg: alto, com um macacão negro feito sob medida e uma jaqueta sobre

os ombros. Tudo com um caimento perfeito. Roupa cara. Sem insígnias ou enfeites. Definitivamente, um homem. Aparentava tédio e isso deu a Teg uma indicação. Rosto estreito e arrogante, olhos castanhos, boca de lábios finos. Entediado, muito entediado! Tudo aquilo era uma interrupção indesejável muito importante em sua vida. Tinha negócios vitais em algum outro lugar, e esses dois, esses inferiores, tinham que perceber isso.

“Este”, pensou Teg, “é o observador oficial.”

O sujeito entediado fora enviado pelos mandachuvas desse lugar para observar e relatar o que visse. Onde estava sua pasta registradora de dados? Ah, sim: lá estava, apoiada de encontro à parede atrás dele. Essas pastas eram como distintivos para tais sujeitos. Em sua viagem de inspeção, Teg vira muitos funcionários como esse caminhando pelas ruas de Ysai e outras cidades de Gammu. Pastas pequenas e finas.

Quanto mais importante o funcionário, menor a pasta. A desse mal conteria alguns rolos de dados e um minúsculo olho comunicador. Ele nunca andaria sem um olho

para mantê-lo em contato com seus superiores. Pasta fina: esse era um funcionário importante.

Teg viu-se imaginando o que esse observador diria se ele perguntasse:

“Que vai dizer a eles a respeito da minha serenidade?”

A resposta já estava lá naquele rosto entediado. Ele nem mesmo responderia.

Não estava ali para responder coisa alguma. “Quando sair”, pensou Teg, “vai caminhar com passadas largas. Sua atenção estará nas distâncias onde só ele conhece os poderes que o aguardam. Vai bater na perna com essa pasta para se lembrar de sua importância

e chamar a atenção desses outros para o distintivo de sua autoridade.”

A figura volumosa aos pés de Teg falou, uma voz dominadora e definitivamente feminina em seus tons vibrantes.

— Está vendo como ele se domina e nos observa? O silêncio não vai fazê-lo quebrar. Eu lhe disse isso antes de entrarmos. Está desperdiçando nosso tempo, e não temos tempo para desperdiçar com tal tolice.

Teg olhou para ela. Havia alguma coisa vagamente familiar em sua voz. Tinha algo daquela qualidade dominadora encontrada em uma Reverenda Madre. Seria possível?

O tipo de Gammu, de rosto quadrado, assentiu com a cabeça.

— Está certa, Senhora. Mas eu não dou as ordens aqui.

“Senhora?”, perguntou-se Teg. “Um nome ou título?”

Os dois olharam para o funcionário. Este voltou-se e se curvou junto à sua pasta de dados. Retirou o pequeno olho com indicador e se levantou com a tela escondida da vista de seus companheiros e de Teg. O olho iluminou-se com um brilho esverdeado que lançou uma iluminação doentia sobre as feições do observador.

Seu sorriso de importância desapareceu. Ele moveu os lábios silenciosamente, as palavras sendo formadas apenas para alguém que observava através daquele olho.

Teg ocultou sua habilidade de ler nos lábios. Qualquer um treinado pela *Bene Gesserit* seria capaz de ler nos lábios a partir de quase qualquer ângulo em que fossem visíveis. E esse homem falava numa versão do Galach Antigo.

— É sem dúvida o *Bashar* Teg — ele disse. — Já fiz a identificação.

A luz verde dançou no rosto do funcionário enquanto ele observava o olho.

Quem estivesse se comunicando com ele movia-se agitadamente. Se é que aquela luz significava isso.

Novamente os lábios do funcionário moveram-se sem emitir som:

— Nenhum de nós duvida de que ele tenha sido condicionado contra a dor, e eu posso sentir nele o cheiro de shere. Ele vai...

O sujeito ficou em silêncio enquanto a luz verde uma vez mais tremeluzia em seu rosto.

— Não estou inventando desculpas. — Os lábios moldavam as palavras no Galach Antigo como maior cuidado. — Sabe que faremos o melhor que pudermos, mas recomendo colocarmos toda a ênfase na interceptação do *ghola*.

A luz verde apagou-se.

O funcionário prendeu o olho comunicador à cintura e se virou para os companheiros, acenando com a cabeça uma vez.

— A sonda-T — disse a mulher.

Eles giraram a sonda, posicionando-a sobre a cabeça de Teg.

“Ela chamou isso de sonda-T”, pensou Teg. Olhou para o capacete da coisa enquanto o posicionavam sobre ele. Não havia nela qualquer marca Ixiana.

Teg experimentou um curioso sentimento de *déjà vu*. Tinha a impressão de que seu cativeiro nesse lugar já acontecera antes, muitas vezes. Não era a sensação de *déjà vu* de um acontecimento único, era um sentimento familiar de reconhecimento: o prisioneiro e seus interrogadores — esses três... a sonda. Sentiu-se esvaziado. Como poderia conhecer esse momento? Nunca tinha usado uma sonda dessas pessoalmente, mas estudara seu uso com atenção. A

Bene Gesserit freqüentemente empregava a dor, mas confiava principalmente nas Reveladoras da Verdade. Ainda mais que isso, a Irmandade acreditava que certos equipamentos a deixariam sob demasiada influência dos Ixianos. Seria uma admissão de fraqueza, sinal de que dependiam de engenhos desprezíveis. Teg até mesmo suspeitava de que parte dessa atitude era uma ressaca do Jihad Butleriano, a rebelião contra as máquinas capazes de copiar a essência dos pensamentos humanos e de suas memórias.

Déjà vu!

A lógica *Mentat* exigia-lhe uma explicação: “Como é que conheço este momento?” Sabia que nunca antes fora um prisioneiro. Era uma mudança de papéis muito ridícula. O grande *Bashar* Teg prisioneiro? Podia quase sorrir. Mas aquele profundo sentimento de familiaridade persistia.

Seus captores posicionaram o capacete do aparelho diretamente sobre sua cabeça e começaram a desenrolar os contatos, que lembravam uma cabeleira de medusa, um por um, fixando-os em seu crânio. O funcionário observava seus colegas trabalharem, dando pequenos sinais de impaciência num rosto de outro modo livre de qualquer demonstração de sentimentos.

Teg prestou atenção aos três rostos. Qual deles iria fazer o papel de “amigo”?

Ah, sim, seria a mulher. Fascinante. Será que pertencia às Honradas Madres? Só que nenhum dos outros demonstrava o respeito ou a reverência com relação a ela que tal fato implicaria, como Teg tinha ouvido muitas vezes dos Perdidos retornados.

E no entanto essa gente era da Dispersão — exceto, possivelmente, o homem de rosto quadrado no macacão marrom. Teg observou a mulher com muita atenção: o capuz de cabelo grisalho, a calma naqueles olhos verdes bem espaçados, o queixo levemente proeminente com sua impressão de solidez e confiabilidade. Fora muito bem escolhida para fazer o papel de “amiga”. Seu rosto era

um mapa de respeitabilidade, alguém em quem se confiaria de imediato. Mas Teg percebia uma qualidade que ela ocultava. Sua função seria igualmente a de observar com cuidado até perceber o momento ideal para se envolver. Certamente devia ter sido, no mínimo,

treinada pela *Bene Gesserit*.

“Ou pelas Honradas Madres.”

Eles acabaram de prender os contatos em sua cabeça. O sujeito com a aparência de nativo de Gammu colocou o consolo da sonda em uma posição na qual os três pudessem observar os medidores. Mas a tela visora da sonda estava oculta à visão de Teg.

A mulher tirou-lhe a mordaça, confirmando seu julgamento. Ela seria a fonte de conforto. Ele moveu a língua em torno da boca, restaurando a sensação. O rosto e o peito ainda lhe pareciam um tanto dormentes do atordoador que o tinha derrubado.

Há quanto tempo isso teria acontecido? Mas, se podia acreditar nas palavras silenciosas do funcionário, Duncan escapara.

O sujeito de Gammu olhou para o observador.

— Pode começar, Yar — disse o funcionário.

“Yar?”, perguntou-se Teg. “Nome curioso.” Soava quase como *Tleilaxu*. Mas Yar não era um Dançarino Facial... nem um Mestre *Tleilaxu*. Muito grande para ser um e sem os sinais de ser o outro. Como pessoa treinada pela Irmandade, Teg sentia-se confiante quanto a isso.

Yar tocou num controle no consolo da sonda.

Teg ouviu seu próprio grunhido de dor. Nada o preparara para tanta dor. Eles deviam ter regulado a maldita máquina ao máximo para o primeiro golpe. Não havia dúvida a esse respeito! Sabiam que ele

era um *Mentat*. Um *Mentat* podia desligar-se dos clamores da carne. Mas aquilo ali era excruciante! Não seria capaz de escapar. A agonia estremeceu todo o seu corpo, ameaçando apagar-lhe a consciência. Será que o *shere* poderia protegê-lo de uma coisa dessas?

A dor diminuiu gradualmente e se foi, deixando apenas memórias que o faziam estremecer.

De novo!

Teg pensou subitamente que a agonia da especiaria devia ser assim para uma Reverenda Madre. Certamente não podia haver dor maior do que essa. Ele lutava para ficar em silêncio, mas podia ouvir a si próprio gemendo e grunhindo. Cada habilidade que aprendera como *Mentat*, e da *Bene Gesserit*, foi colocada em ação, evitando que sua boca formasse palavras, evitando que suplicasse pelo fim dessa agonia, que lhe prometesse dizer qualquer coisa que quisessem ouvir, apenas para que parassem.

Uma vez mais a agonia diminuiu e depois aumentou.

— É o bastante.

Fora a voz da mulher. Teg tentou lembrar o nome dela.

Yar falou com uma voz mal-humorada:

— Ele está carregado com *shere* suficiente para durar um ano. — Indicou o consolo. — Em branco.

Teg respirava ofegante. A agonia! Ela continuava a aumentar, a despeito do pedido da mulher.

— Eu falei que é o bastante! — retrucou ela.

Tamanha sinceridade, pensou Teg. Sentiu a dor recuar, afastando-se como se cada nervo tivesse sido removido de seu corpo, tirado como fios de uma agonia lembrada.

— É errado o que estamos fazendo — disse a mulher. — Este homem é...

— Ele é como qualquer outro homem — disse Yar. — Devo ligar o contato especial ao seu pênis?

— Não enquanto eu estiver aqui — disse a mulher.

Teg sentiu-se quase sensibilizado por tamanha sinceridade. O último dos fios de agonia deixou sua carne e ele ficou lá, sentindo-se como se flutuasse acima da superfície que o suportava. A sensação de *déjà vú* permanecia. Ele estava ali e não estava. Estivera ali e não estivera.

— Não vão gostar se fracassarmos — disse Yar. — Está preparada para enfrentá-los com outro fracasso?

A mulher sacudiu a cabeça. Curvou-se sobre Teg, colocando o rosto em sua linha de visão através do emaranhado dos eletrodos.

— *Bashar*, sinto muito pelo que estamos fazendo. Acredite-me, isto não é responsabilidade minha. Acho tudo isso extremamente desagradável. Diga-nos o que precisamos saber e permita que o deixemos à vontade.

Teg formou para ela um sorriso em sua boca. Era muito boa! Voltou a atenção para o funcionário vigilante.

— Diga isto a seus mestres por mim: ela é muito boa em seu trabalho.

O sangue avermelhou o rosto do funcionário. Ele ficou furioso.

— Dê-lhe o máximo, Yar.

Sua voz era um tenor controlado, sem aparentar o treinamento visível na voz da mulher.

— Por favor! — ela implorou.

Levantou-se, mas manteve sua atenção nos olhos de Teg.

As professoras *Bene Gesserit* de Teg tinham-lhe ensinado isso.

— Vigie os olhos! Observe como eles mudam de foco. Enquanto o foco se move no sentido do exterior, a consciência se move para dentro.

Ele focalizou a atenção deliberadamente no nariz dela. Não era um rosto feio.

Na verdade, era singular. Imaginou que figura não devia existir escondida naquelas roupas volumosas.

— Yar!

Essa era a voz do funcionário.

Yar ajustou alguma coisa no consolo e apertou um botão.

A agonia que atravessou o corpo de Teg revelou-lhe que o nível anterior tinha sido, de fato, mais brando. E com a nova dor veio uma nova claridade. Teg descobriu-se quase capaz de remover sua consciência dessa intromissão. Toda essa dor estava acontecendo com outra pessoa, não com ele. Encontrara um refúgio onde muito

pouca coisa o atingia. Sim, havia dor, até mesmo agonia. Aceitava as informações que chegavam a respeito dessas sensações. Isso era parcialmente a ação do *shere*, ele sabia.

E por isso se sentia grato.

A voz da mulher penetrou em sua consciência:

— Creio que o estamos perdendo. É melhor reduzir.

Outra voz respondeu, mas o som se apagou no silêncio antes que Teg pudesse identificar as palavras. Percebeu subitamente que não tinha mais ponto de apoio para sua consciência. Quietude! Pensou

ter ouvido o próprio coração batendo muito depressa, de medo, mas não tinha certeza quanto a isso. Tudo era calmo, profundamente quieto, sem nada por trás.

“Será que ainda estou vivo?”

Ouviu a batida de coração, mas não tinha certeza de que fosse o dele. Tum-tum!Tum-tum! Era uma sensação de movimento, não de som. Não podia localizar a fonte.

“Que é que está acontecendo comigo?”

Palavras escritas num branco brilhante, delineadas contra um fundo preto, surgiram diante de seus centros visuais:

— Estou de volta em um terço.

— Deixe aí. Veja se podemos registrá-lo através de suas reações físicas.

— Será que ele ainda pode nos ouvir?

— Não conscientemente.

Nenhuma das instruções que Teg recebera dissera que uma sonda seria capaz de realizar seu trabalho diabólico na presença de *sheere*. Mas eles tinham chamado a coisa de sonda-T. Será que reações corporais poderiam revelar indícios de pensamentos suprimidos? Haveria revelações que poderiam ser exploradas por meios físicos?

Novamente as palavras surgiram nos centros visuais de Teg.

— Ele ainda está isolado?

— Completamente.

— Certifique-se. Leve-o um pouquinho mais fundo.

Teg tentou erguer a consciência acima de seus temores.

“Devo manter o controle!”

Que é que seu corpo poderia revelar se não tinha contato com ele? Podia imaginar o que estavam fazendo e sua mente registrava o pânico mas sua carne não podia senti-lo.

“Isolar o paciente. Não lhe deixar um lugar para por sua identidade.”

Quem é que tinha dito isso? Alguém. O sentimento de *déjà vu* retornou a plena força.

“Sou um *Mentat*”, lembrou a si mesmo. “Minha mente e seu funcionamento estão no meu centro.” Ele tinha experiências e memórias sobre as quais esse centro podia apoiar-se.

A dor voltou. Sons. Altos! Muito altos!

— Ele está ouvindo de novo.

Esse era Yar.

— Como pode ser?

Esse era o tenor do funcionário.

— Talvez você tenha ajustado profundo demais.

Essa era a voz da mulher.

Teg tentou abrir os olhos. As pálpebras não obedeciam. Lembrou-se então.

Eles tinham chamado a coisa de sonda-T. Esse não era um engenho Ixiano, era alguma coisa da Dispersão. Podia identificar onde a coisa dominava seus músculos e seus sentidos. Era como outra pessoa compartilhando da sua carne, esvaziando seus próprios padrões de reação. Permitiu-se seguir o funcionamento das

intrusões da máquina. Era um engenho infernal! Aquilo poderia ordenar que ele piscasse, arrotasse, respirasse, cagasse ou mijasse — qualquer coisa. Podia comandar-lhe o corpo como se a consciência não desempenhasse função alguma em seu funcionamento. Estava relegado à simples função de observador.

Odores atingiram-no, tomando de assalto a sua consciência. Não podia ordenar aos músculos que franzissem a testa, mas pensou em fazê-lo. Isso era o suficiente. Esses odores desagradáveis estavam sendo produzidos pela sonda. Ela estava jogando com seus sentidos, aprendendo com eles.

— Já tem o suficiente para registrá-lo? — perguntou o funcionário.

— Ele ainda está nos ouvindo! — disse a voz de Yar.

— Malditos sejam todos os *Mentats*! — disse a mulher.

— *Dit*, *Dat* e *Dot* — disse Teg, relembrando os nomes das marionetes do Espetáculo de Inverno a que assistira em sua infância, muito tempo atrás em Lernaeus.

— Ele está falando! — disse o funcionário.

Teg sentiu sua consciência sendo bloqueada pela máquina. Yar estava fazendo alguma coisa com o console. Ainda assim Teg sabia que sua própria lógica *Mentat* lhe revelara uma coisa vital: esses três eram marionetes. E somente os manipuladores dos bonecos eram importantes. Como os bonecos se moviam — isso revelava o que os manipuladores faziam.

A sonda continuava a penetrar. Mas, a despeito da força que era aplicada, Teg sentia sua consciência igualando a força da coisa. Estava aprendendo com ele, mas ele também aprendia com ela.

Podia compreendê-la agora. Todo o espectro de seus sentidos podia ser copiado por essa sonda-T e identificado, mostrado a Yar para ser acionado quando fosse necessário. Havia uma cadeia orgânica

de respostas dentro de Teg. A máquina podia rastreá-la como se fizesse uma duplicata dele. O *sheere* e sua resistência de *Mentat* desviavam os rastreadores de sua memórias, mas tudo mais podia ser copiado.

“Não vai pensar como eu penso”, tranqüilizou a si mesmo.

A máquina não seria a mesma coisa que seus nervos e sua carne. Ela não teria as memórias de Teg ou suas experiências. Não nascera de uma mulher, como ele.

Nunca tinha viajado por um canal de parto e emergido para esse universo assombroso.

Parte da consciência de Teg aplicou um marco de memória, dizendo-lhe que suas observações tinham revelado alguma coisa a respeito do *ghola*.

“Duncan foi decantado num tanque *axlotl*.”

A observação entrou na mente de Teg com uma súbita queimação de ácido na sua língua.

“A sonda-T novamente”

Teg deixou-se fluir numa consciência múltipla. Seguiu o funcionamento da sonda-T e continuou a explorar suas observações a respeito do *ghola*, enquanto ouvia o tempo todo Dit, Dat e Dot. Os três marionetes encontravam-se curiosamente silenciosos. Sim, esperando que a sonda-T completasse a tarefa.

“O *ghola*”

Duncan era uma extensão de células que tinham nascido de uma mulher inseminada por um homem.

“Máquina e *ghola*!”

Observação: “A máquina não pode experimentar a sensação do parto, exceto de modo remoto e indireto. Um modo que certamente vai perder importantes nuances pessoais”

Exatamente como estavam perdendo coisas importantes a respeito dele agora mesmo.

A sonda-T está repetindo odores. E a cada odor induzido memórias se revelavam na mente de Teg. Ele sentia a grande velocidade com que agia a sonda-T, mas sua consciência estava vivendo fora daquela varredura, capaz de prendê-lo pelo tempo que ele desejasse nas memórias que estavam sendo revividas.

“Lá está.”

Lá estava a cera quente que tinha derramado na mão esquerda quando tinha 14

anos e se encontrava na escola da *Bene Gesserit*. Lembrava-se da escola e do laboratório como se estivesse lá neste momento. “A escola é ligada à Sede da Irmandade” Ao ser admitido, Teg ficou sabendo que possuía o sangue de Siona em suas veias. Nenhum presciente poderia localizá-lo lá.

Ele via o laboratório e sentia o cheiro da cera — um composto de ésteres artificiais mais o produto natural de abelhas criadas por Irmãs que tinham fracassado no treinamento. Voltou sua memória para o momento em que observara as abelhas e as pessoas trabalhando com elas nos pomares.

O funcionamento da estrutura social da *Bene Gesserit* parecia complicado até se examinarem suas necessidades: alimento, roupas, calor, comunicações, aprendizado, proteção contra os inimigos (uma variedade do instinto de sobrevivência). A sobrevivência de *Bene Gesserit* exigia alguns ajustamentos antes que pudesse ser

entendida. Elas não procriavam para o benefício da humanidade em geral. Nenhum envolvimento racial que não fosse monitorado! Procriavam para aumentar seus próprios poderes, para manterem a existência da *Bene Gesserit*, considerando isso como um beneficio suficiente para a humanidade. Talvez fosse. A motivação no sentido de perpetuar a espécie era profunda e a Irmandade se mostrava muito meticulosa nesse sentido.

Um novo cheiro o invadiu.

Teg reconheceu a lã úmida de suas roupas ao chegar na cápsula de comando após a Batalha de Ponciard. O cheiro enchia-lhe as narinas, trazendo consigo o odor de ozônio dos instrumentos da cápsula, o suor de seus ocupantes. “lã!” A Irmandade sempre achara isso uma excentricidade dele, o modo como dava preferência aos tecidos naturais e evitava os sintéticos produzidos pelas fábricas de cativos.

Como também não apreciava as cadeiras-cães.

“Não gosto dos cheiros da opressão de forma alguma.”

Será que essas marionetes Dit, Dat e Dot — teriam conhecimento de o quanto eram oprimidas?

A lógica *Mentat* zombava dele. Será que os tecidos de lã também não seriam produto das fábricas dos prisioneiros?

Isso era diferente.

Uma parte dele não concordava. Sintéticos podiam ser guardados por tempo indefinido. Bastava ver quanto tempo eles tinham resistido nos vasos de nulentropia do não-globo dos Harkonnen.

— Ainda assim prefiro o algodão e a lã!

— Assim seja!

— Como foi que cheguei a essa opinião?

— É um preconceito dos Atreides e você o herdou.

Teg desligou-se dos odores e se concentrou no movimento da sonda em sua totalidade. Daí a pouco descobriu que era capaz de antecipar a coisa. Era como um novo músculo que tivesse adquirido. Permitiu-se flexioná-lo, enquanto continuava a examinar as memórias que lhe eram induzidas em busca de informações valiosas.

“Estou sentado diante da porta do gabinete de minha mãe em Lernaeus”.

Teg removeu uma parte de sua consciência e observou a cena: tinha 11 anos de idade. Estava falando com uma pequena acólita *Bene Gesserit* que viera na escolta de uma pessoa importante. A acólita é uma criaturinha com rosto de boneca e cabelo louro avermelhado, nariz arrebitado, olhos cinza-dourados. A pessoa importante é uma Reverenda Madre de manto negro com aparência verdadeiramente ancestral. Ela entrou atrás daquela porta junto com a mãe de Teg. A acólita, de nome Carlana, está testando suas habilidades nascentes com o jovem anfitrião.

Antes que Carlana pronuncie 20 palavras, Miles Teg reconhece o padrão. Ela está tentando obter informações dele! Essa foi uma das primeiras lições a respeito de simulação delicada ensinada por sua mãe. Afinal, podia aparecer gente questionando

um rapazinho a respeito de sua casa, da mãe Reverenda Madre, em busca de informações que pudessem ser vendidas. Havia sempre um mercado para informações a respeito de Reverendas Madres.

A mãe explicara:

— Você julga o questionador e molda suas respostas de acordo com as suscetibilidades dele.

Nada disso teria servido contra uma Reverenda Madre plena, mas servia contra uma acólita, e especialmente no caso dessa!

Para Carlana ele fingiu uma tímida hesitação. Ela tinha uma visão exagerada de seus próprios atrativos. Ele permitiu que ela vencesse a sua timidez depois de um emprego adequado de suas forças. E o que ela conseguiu foi um punhado de mentiras que, se repetisse diante daquela pessoa importante, lá atrás da porta, iria valer-lhe uma censura severa, se não algo mais doloroso.

“Palavras de Dit, Dat e Dot.”

— Acho que agora o dominamos.

Teg reconheceu a voz de Yar, arrancando-o de antigas memórias.

— Molde suas respostas de acordo com as suscetibilidades.

Teg ouviu as palavras na voz de sua mãe.

“Marionetes.”

“Manipuladores de marionetes.”

O funcionário diz:

— Peça uma simulação do lugar para onde eles levaram o *ghola*.

Silêncio e então um zumbido fraco.

— Não estou conseguindo nada — disse Yar.

Teg ouve as vozes deles com uma sensibilidade dolorosa. Faz os olhos se abrirem, contrariando o comando da sonda.

— Olhem! — diz Yar.

Três pares de olhos fitam Teg. Como eles se movem lentamente. Dit, Dat e Dot: seus olhos piscam... piscam... pelo menos um minuto entre cada piscadela. Yar está estendendo a mão para alcançar alguma coisa em seu console. Seus dedos vão levar uma semana para atingirem o objetivo.

Teg explora as ligações que lhe prendem os braços e as mãos. Corda comum!

Aproveitando o tempo, coloca os dedos em contato com os nós. Eles se afrouxam lentamente a princípio, depois se soltam. Ele se move em direção às correias que o prendem à liteira. Essas são mais fáceis: simples fechos corrediços. A mão de Yar não está ainda nem a um quarto da distância para o console.

Piscando... piscando... piscando...

Os três conjuntos de olhos mostram uma ligeira surpresa.

Teg desprende-se da cabeleira de medusa dos eletrodos da sonda. Poppop-pop! Eles voam longe. Surpreende-se ao notar o início de um pequeno sangramento nas costas de sua mão direita, que ele usou para empurrar para longe os eletrodos.

Projeção *Mentat*: “Estou me movendo a uma velocidade perigosa.”

Agora ele está fora da liteira. Em câmara lenta, o funcionário leva uma das mãos em direção a um volume num bolso lateral. A mão de Teg esmaga-lhe a garganta. O funcionário nunca mais vai tocar naquela pistola laser que sempre carrega.

A mão estendida de Yar ainda não alcançou um terço do caminho para o painel. Há uma expressão de autêntica surpresa em seus olhos. Teg duvida de que o homem chegue a enxergar a mão que lhe quebra o pescoço. A mulher move-se um pouco mais rápido. Seu pé esquerdo lança-se em direção ao ponto onde Teg se encontrava uma fração de segundo antes. Ainda assim, é muito lento! A cabeça dela é lançada para trás, expondo a garganta à cutelada de Teg.

Como eles tombam lentamente!

Teg torna-se consciente do fluxo de sua transpiração, mas não pode perder tempo preocupando-se com isso.

“Eu sabia de todos os movimentos que eles iam fazer antes que os fizessem!

Que foi que aconteceu comigo?”

Projeção *Mentat*: “A agonia da sonda elevou-me a um novo nível de capacidades.”

Uma fome intensa torna-o consciente da perda de energia que sofrera. Colocar de lado essa sensação, sentindo-se retornar a um ritmo normal de tempo. Três sons secos: corpos tombando no chão.

Teg examina o console da sonda. Definitivamente, não era Ixiana. Controles similares, contudo. Ele provoca um curto-circuito no sistema de armazenagem de dados, apagando tudo.

“Luzes da sala?”

Os controles estão ao lado da porta que dá para fora. Teg apaga as luzes e respira fundo três vezes. Uma indistinta mancha de movimento, rápida demais para ser seguida, sai pela noite.

Aqueles que o tinham levado para lá, vestidos com suas roupas volumosas contra o frio do inverno, mal têm tempo de se voltar na direção do som estranho antes que aquela mancha rodopiante os derrube.

Teg retorna uma vez mais à escala de tempo normal. A luz das estrelas revela uma trilha descendo a colina através do mato espesso. Ele escorre pelo lamaçal nevado e por fim recupera o equilíbrio, antecipando os acidentes do terreno. Cada passo posiciona-o onde ele sabia que devia apoiar-se. Dai a pouco se encontra em espaço aberto e pode olhar para o vale.

Vê as luzes de uma cidade, com o grande retângulo negro de um prédio no centro. Conhecia esse lugar: Ysai. Os manipuladores das marionetes encontravam-se lá.

“Estou livre!”

Havia um homem que se sentava todo dia olhando para a estreita abertura vertical deixada por uma tábua retirada de uma cerca de madeira. Todo dia um asno selvagem do deserto passava do outro lado da cerca, cruzando na frente da abertura — primeiro o focinho, depois a cabeça, as patas dianteiras, o longo dorso castanho, as pernas traseiras e finalmente a cauda. Uma dia o homem pulou com a euforia da descoberta em seus olhos e gritou para todos que pudessem ouvi-lo: — “É óbvio! O

focinho é a causa da cauda!”

— Histórias da Sabedoria Oculta,

da História Oral de Rakis

Em várias ocasiões desde que viera para Rakis, Odrade se vira dominada pela lembrança daquela pintura ancestral que ocupava lugar de destaque na parede dos alojamentos de Taraza, na sede da Irmandade. Quando a memória vinha, sentia as mãos formigarem ao toque do pincel. Suas narinas dilatavam-se com o odor induzido dos pigmentos e dos óleos. Suas emoções dominavam a tela. E a cada vez Odrade terminava com maiores dúvidas de que Sheeana fosse a sua tela.

“Qual de nós está pintando a outra?”

Tinha acontecido de novo essa manhã. Ainda estava escuro do lado de fora da cobertura no Castelo Rakiano onde ela se alojara com Sheeana. Uma acólita entrou com suavidade para despertar Odrade e lhe dizer que Taraza iria chegar daí a pouco.

Odrade olhou para o rosto fracamente iluminando da acólita de cabelos negros e imediatamente a memória da pintura relampejou em sua consciência.

“Qual de nós verdadeiramente cria a outra?”

Deixe Sheeana dormir um pouco mais — instruiu Odrade antes de mandar embora a acólita.

— Vai tomar seu desjejum antes da chegada da Madre Superiora? —

perguntou a acólita.

— Vamos aguardar a vontade de Taraza.

Levantando-se, Odrade fez uma rápida higiene matinal e vestiu seu melhor manto negro. Depois caminhou até a janela no lado leste da sala de estar da cobertura e olhou na direção do espaço-porto. Muitas luzes em movimento faziam brilhar o céu empoeirado naquela direção. Ela ativou todos os globos luminosos da sala para atenuar a visão externa. Os globos tornaram-se asteriscos dourados refletindo-se no espesso plaz blindado das janelas. A superfície escura também refletia um fraco contorno de suas próprias feições. As linhas de fadiga revelavam-se claramente.

“Eu sabia que ela viria”, pensou Odrade.

Enquanto pensava nisso, o sol Rakiano surgiu no horizonte indefinido, como a bola alaranjada de uma criança. Imediatamente ocorreu a reflexão de calor que tantos observadores de Rakis já tinham mencionado. Odrade virou as costas para a janela e viu abrir-se a porta do corredor.

Taraza entrou com um sussurrar de mantos. Uma mão fechou a porta por trás dela, deixando as duas sozinhas. A Madre Superiora avançou em direção a Odrade, o capuz negro erguido em torno do rosto a lhe emoldurar a face. Uma visão nada tranqüilizadora.

Reconhecendo a perturbação de Odrade, Taraza jogou com isso:

— Muito bem, Dar, creio que finalmente nos encontramos na condição de estranhas.

O efeito das palavras de Taraza deixou Odrade espantada. Ela interpretou corretamente a ameaça, mas o medo a abandonou, esvaindo-se como se fosse água derramada de um jarro. Pela primeira vez em sua vida, Odrade reconheceu o momento preciso para cruzar uma linha divisória. Essa era uma linha cuja existência ela suspeitava que poucas de suas Irmãs conhecessem. E, ao transpô-la, Odrade percebeu que sempre soubera que ela estava ali: um lugar onde poderia penetrar no vácuo e flutuar livre. Não era mais vulnerável. Poderia ser morta, mas não seria derrotada.

— Então não é mais Dar e Tar — disse Odrade.

Taraza ouviu o tom claro e desinibido da voz de Odrade e interpretou sua confiança.

— Talvez nunca tenha sido — ela disse com voz fria. — Percebo que se julga extremamente hábil.

“O duelo começou”, pensou Odrade. “Mas não estou na frente do ataque dela.”

Odrade disse:

— As alternativas à aliança com os *Tleilaxu* eram inaceitáveis. Em especial quando percebi o que você realmente desejava de nós.

Taraza sentiu-se subitamente muito cansada. Fora uma longa viagem, a despeito dos saltos de dobras espaciais de sua não-nave. A carne sempre sabia quando fora torcida para fora de seus ritmos familiares. Escolheu um divã macio e se sentou, suspirando no luxuoso conforto.

Odrade reconheceu a fadiga da Madre Superiora e sentiu uma afinidade imediata. De repente eram apenas duas Reverendas Madres com problemas comuns.

Taraza obviamente sentia isso. Bateu na almofada ao lado dela e esperou que Odrade se sentasse.

— Nós devemos preservar a Irmandade — disse Taraza. — Essa é a única coisa que importa.

— É claro.

Taraza fixou seu olhar escrutinador nas feições familiares de Odrade. “Sim, Odrade também está muito cansada.”

— Você esteve em contato intimo com as pessoas e com o problema — disse Taraza. — Eu quero... não, Dar, eu preciso de seus pontos de vista.

— Os *Tleilaxu* aparentam total cooperação — explicou Odrade —, mas existe

fingimento nisso. Tenho feito a mim mesma algumas perguntas extremamente perturbadoras.

— Tais como?

— E se os tanques *axlotl* não forem... tanques?

— O que quer dizer com isso?

— Waff demonstra o tipo de comportamento que se nota numa família quando ela tenta ocultar um filho deformado ou tio louco. Eu lhes asseguro que ele ficou embaraçado quando toquei no assunto dos tanques.

— Mas o que eles poderiam ser. Ventres alugados.

— Mas eles teriam que...

Taraza calou-se, chocada com as possibilidades abertas por essa hipótese.

— Alguém jamais viu uma mulher *Tleilaxu*? — perguntou Odrade.

A mente de Taraza estava cheia de objeções.

— Mas o controle químico preciso, a necessidade de limitar as variáveis... —

Ela lançou o capuz para trás e libertou os cabelos, sacudindo-os. — Você tem razão: devemos questionar tudo. Mas isso... seria monstruoso. E ele ainda não revelou toda a verdade a respeito do nosso *ghola*. Que é que ele diz?

— Nada mais do que aquilo que já relatei: uma variação do Duncan Idaho original e de acordo com todas as exigências prana-bindu que especificamos.

— E não explica por que mataram ou tentaram matar todos os que adquirimos anteriormente?

— Ele afirma, pelo sagrado juramento da Grande Crença, que agiram envergonhados porque os 11 *gholas* anteriores não corresponderam às expectativas.

— Como poderiam saber? Ele afirma que possuem espiões em nosso meio?

— Ele jura que não. Eu lhe perguntei isso e ele disse que um *ghola* bem-sucedido certamente teria criado uma perturbação visível entre nós.

— Que perturbação visível? Que será que ele está...

— Isso ele não diz. Volta sempre à sua afirmativa de que cumpriram as obrigações contratuais. Onde está o *ghola*, Tar?

— O quê?.. Oh, em Gammu.

— Ouvi rumores de que...

— Burzmali tem a situação sob controle.

Taraza comprimiu os lábios, torcendo para que isso fosse verdade. O relatório mais recente não a deixara confiante.

— Vocês, obviamente, estão debatendo se o *ghola* deve ser morto — disse Odrade.

— Não é só o *ghola*!

Odrade sorriu.

— Então é verdade que Bellonda quer que eu seja permanentemente eliminada.

— Como foi que...

— As amizades podem ser algo bastante valioso em certas ocasiões, Tar.

— Está caminhando num terreno muito perigoso, Reverenda Madre Odrade.

— E não estou tropeçando, Madre Superiora. Tenho pensado muito nas coisas que Waff me revelou a respeito daquelas Honradas Madres.

— Conte-me alguns dos seus pensamentos.

Havia uma determinação implacável na voz de Taraza.

— Não devemos cometer enganos a esse respeito — disse Odrade. — Elas ultrapassaram as habilidades sexuais de nossas Impressoras.

— Prostitutas!

— Sim, elas empregam seus talentos de um modo que acabará sendo fatal para elas mesmas e para os outros. Estão cegas pelo próprio poder que desenvolveram.

— Foi só até ai que chegaram seus pensamentos?

— Diga-me, Tar, por que foi que elas atacaram e apagaram do mapa o nosso castelo em Gammu?

— Obviamente, estavam atrás do *ghola* Idaho, para capturá-lo ou matá-lo.

— E por que ele seria tão importante para elas?

— Que está sugerindo? — indagou Taraza.

— Será que as prostitutas não estariam agindo com base em informações passadas pelos *Tleilaxu*... Tar? E se essa coisa secreta que o pessoal de Waff introduziu em nosso *ghola* for algo que possa fazer dele um equivalente masculino de uma Honrada Madre?

Taraza levou uma das mãos à boca e a deixou cair rapidamente ao perceber o quanto esse gesto havia revelado. Era tarde demais. Não importava, elas ainda eram duas Reverendas Madres reunidas.

Odrade disse:

— E nós ordenamos a Lucilla que o tornasse irresistível para a maioria das mulheres.

— Há quanto tempo os *Tleilaxu* estão negociando com as prostitutas? —

perguntou Taraza.

Odrade encolheu os ombros.

— Talvez fosse melhor perguntar: há quanto tempo eles estão negociando com seus próprios Perdidos retornados da Dispersão? *Tleilaxu* fala com *Tleilaxu* e muitos segredos são compartilhados.

— Uma projeção brilhante de sua parte — reconheceu Taraza. — Que valor de probabilidade você lhe dá?

— Sabe tão bem quanto eu. Isso explicaria muitas coisas.

Taraza disse com amargura:

— Que acha de sua aliança com os *Tleilaxu* neste momento?

— Mais necessária do que nunca. Devemos ficar do lado de dentro.

Precisamos colocar-nos numa posição em que possamos influenciar aqueles que negociam.

— Abominação! — exclamou Taraza.

— O quê?

— Esse *ghola* é como uma máquina gravadora em forma humana. Eles o plantaram em nosso meio. Se os *Tleilaxu* vierem a colocar suas mãos nele, ficarão sabendo de muitas coisas a nosso respeito.

— Isso seria um movimento muito desajeitado.

— E típico da parte deles!

— Concordo em que nossa presente situação traz outras implicações —

comentou Odrade. — Mas tais argumentos indicam que não podemos matar o *ghola* até que o tenhamos examinado nós mesmas.

— Pode ser tarde demais então! Maldita a sua aliança, Dar! Você lhes deu um poder sobre nós... e nós ficamos com um poder sobre eles... Algo que nenhum dos lados se atreve a deixar escapar.

— Isso não faz uma aliança perfeita?

Taraza suspirou.

— Quão cedo deveremos dar-lhes acesso aos nossos arquivos de procriação?

— Logo. Waff está insistindo nisso.

— Então poderemos ver seus... tanques *axlotl*?

— É nesse sentido que estou pressionando. Ele concordou com relutância.

— Cada vez mais fundo nos bolsos um do outro — resmungou Taraza.

Com um tom de voz totalmente inocente, Odrade disse:

— Uma aliança perfeita. Como eu disse.

— Maldição, maldição, maldição — murmurou Taraza. — E Teg despertou as memórias originais do *ghola*!

— E Lucilla conseguiu...

— Eu não sei!

Taraza voltou uma expressão soturna para Odrade e lhe contou sobre os relatórios mais recentes a respeito da situação em Gammu: Teg e seu grupo localizados, em breve relatório sobre eles e nada de Lucilla, os planos para resgatá-los.

Suas próprias palavras produziram uma visão perturbadora na mente de Taraza. Quem seria esse *ghola*? Elas sempre tinham tido o conhecimento de que os Duncan Idaho não eram *gholas* comuns. Mas agora, com poderes neuro-musculares aumentados, mais essa coisa desconhecida que os *Tleilaxu* tinham introduzido nele —

era como segurar um porrete em chamas. Você sabe que vai ter que usar o cajado para sobreviver, mas as chamas se aproximam de sua mão velozmente.

Odrade disse em tom meditativo:

— Já tentou imaginar como deve ser para um *ghola* despertar subitamente num corpo rejuvenescido?

— O quê? Que está...

— Percebendo que seu corpo cresceu a partir das células de um cadáver —

continuou Odrade. — Ele é capaz de se lembrar de sua própria morte.

— Os Idahos nunca foram pessoas comuns.

— O mesmo se pode dizer desses Mestres *Tleilaxu*.

— O que está tentando me dizer?

Odrade passou a mão pela testa, aproveitando o momento para rever seus próprios pensamentos. Isso seria tão difícil de explicar para alguém que rejeitava a afeição, alguém que se deixava impulsionar por uma raiva interior. Taraza não tinha...

afinidade. Não podia colocar-se na pele de outra pessoa, exceto num exercício de lógica fria.

— O despertar de um *ghola* deve ser uma experiência esmagadora —

comentou Odrade, abaixando a mão. — Somente aqueles com uma enorme capacidade de reajuste mental sobreviveriam.

— E supomos que os Mestres *Tleilaxu* sejam mais do que aparentam ser.

— E os Duncan Idahos?

— É claro. Por que outro motivo o Tirano ficaria a comprá-los dos *Tleilaxu*?

Odrade percebeu que a discussão não teria sentido. Ela disse:

— Os Idahos eram notoriamente leais aos Atreides, e devemos recordar-nos de que eu sou uma Atreides.

— Acha que a lealdade dele vai ligá-lo a você?

— Principalmente depois que Lucilla...

— Isso pode ser extremamente perigoso!

Odrade sentou-se num canto do divã. Taraza queria certezas. E as vidas da série de *gholas* eram como a melange, apresentando um gosto diferente em cada diferente ambiente. Como poderiam ter alguma certeza quanto a esse *ghola*?

— Os *Tleilaxu* brincam com as forças que produziram o nosso *Kwisatz Haderach* — murmurou Taraza.

— Acha que é por isso que eles querem nossos arquivos de procriação?

— Não sei! Maldição, Dar! Não percebe o que você fez?

— Acho que não tinha outra escolha.

Taraza deu um sorriso gélido. O desempenho de Odrade permanecia soberbo, mas ela precisava ser colocada no devido lugar.

— Acha que teria feito o mesmo?

“Ela ainda não percebeu o que aconteceu comigo” — pensou Odrade. Taraza tinha esperado que sua flexível Dar agisse com independência, mas a extensão de tal independência abalara o Alto Conselho. E Taraza recusava-se a reconhecer que sua própria mão provocara isso.

— Prática costumeira — respondeu Odrade.

As palavras atingiram Taraza como um tapa no rosto. Somente o duro treinamento de toda uma vida na *Bene Gesserit* a impediu de golpear Odrade violentamente.

“Prática costumeira!”

Quantas vezes Taraza não revelara que essa era uma fonte de sua irritação,

uma provocação à sua ira tão cuidadosamente contida? Odrade ouvira isso com freqüência.

Odrade repetiu as palavras da Madre Superiora.

— Costumes imutáveis são perigosos. Os inimigos podem encontrar o padrão e usá-lo contra você.

As palavras escaparam forçadas de Taraza:

— Isso é uma fraqueza, sim.

— Nossos inimigos julgavam conhecer nossos hábitos — comentou Odrade.

— Até mesmo você, Madre Superiora, julgava conhecer os limites dentro dos quais eu agiria. Eu era como Bellonda. Antes mesmo de ela abrir a boca, você já sabe o que Bellonda vai dizer.

— Será que cometemos o erro de não colocar você numa posição superior à minha? — perguntou Taraza, falando com sua mais profunda lealdade para com a ordem.

— Não, Madre Superiora. Nós percorremos caminhos perigosos, mas ambas sabemos aonde queremos chegar.

— Onde está Waff agora?

— Dormindo e muito bem guardado.

— Chame Sheeana. Precisamos resolver se devemos abortar essa parte do projeto.

— E pagar o preço por isso?

— Como diz, Dar.

Sheeana ainda estava sonolenta e esfregava os olhos quando apareceu na sala de visitas, mas obviamente tinha tido tempo de lavar o rosto e vestir um manto branco limpo. O cabelo ainda estava úmido.

Taraza e Odrade encontravam-se diante da janela do lado leste, as costas voltadas para a luminosidade da manhã lá fora.

— Esta é Sheeana, Madre Superiora — disse Odrade.

Sheeana ficou subitamente alerta, enrijecendo as costas. Tinha ouvido falar dessa mulher poderosa, essa Taraza, que governava a Irmandade numa cidadela distante. A luz do sol penetrava brilhante pela janela atrás das duas mulheres, caindo em cheio no rosto de Sheeana e a ofuscando. Deixava os rostos das duas Reverendas Madres parcialmente ocultos, contornos negros num brilho enevoado.

Instrutoras entre as acólitas a haviam preparado para esse encontro:

— Fique de pé diante da Madre Superiora e fale respeitosamente. Responda apenas quando ela lhe dirigir a palavra.

Sheeana ficou rígida, em posição de sentido, do modo como lhe tinham ensinado.

— Informaram-me que você pode tornar-se uma de nós — disse Taraza.

As duas mulheres viram o efeito que isso teve sobre a jovem. A essa altura, Sheeana estava plenamente consciente das realizações

das Reverendas Madres. Uma

poderosa luz de conhecimento tinha sido focalizada sobre ela. Começara a vislumbrar o enorme reservatório de Sabedoria que a Irmandade acumulara através de milênios.

Tinham lhe contado a respeito da transmissão seletiva de memórias, da ação das Outras Memórias e da agonia da especiaria. E ali, diante dela, se encontrava a mais poderosa de todas as Reverendas Madres, aquela de quem nada era escondido.

Como Sheeana não respondesse, Taraza perguntou:

— Não tem nada para dizer, criança?

— Que há para dizer, Madre Superiora? A senhora já disse tudo.

Taraza lançou um olhar indagador para Odrade.

— Tem outras surpresas para mim, Dar?

— Eu lhe disse que ela era superior — comentou Odrade.

Taraza voltou sua atenção para Sheeana.

— Sente-se orgulhosa dessa opinião, criança?

— Ela me assusta, Madre Superiora.

Ainda mantendo o rosto tão imobilizado quanto podia, Sheeana passou a respirar de modo mais tranqüilo. “Diga apenas a verdade mais profunda que puder sentir”, lembrou-se. Aquela advertência da instrutora fazia sentido agora. Manteve os olhos levemente desfocados e dirigidos para um ponto do piso diretamente em frente às duas mulheres, evitando o pior do brilho do sol. Ainda sentia o coração bater muito rapidamente, e sabia que as Reverendas Madres podiam detectar isso. Odrade o demonstrara muitas vezes.

— Bem, deveria mesmo assustá-la — disse Taraza.

Odrade perguntou:

— Compreende o que estamos dizendo a seu respeito, Sheeana?

— A Madre Superiora quer saber se quero dedicar-me inteiramente à Irmandade — respondeu Sheeana.

Odrade olhou para Taraza e encolheu os ombros. Não havia mais necessidade de qualquer diálogo entre elas. Era assim que acontecia quando se fazia parte de uma família como a *Bene Gesserit*.

Taraza continuou com sua observação silenciosa de Sheeana. Era um olhar penetrante, que esgotava as energias de Sheeana, a qual sabia que devia continuar quieta e permitir aquela avaliação total.

Odrade dominou seus sentimentos de afinidade. Sheeana era como ela fora quando menina, igual de muitas maneiras. Possuía aquele intelecto globular, que se expandia em todas as direções como um balão ao ser inflado. Odrade lembrava-se agora de como suas professoras tinham admirado isso, mas de um modo cauteloso, exatamente como Taraza se mostrava cautelosa nesse momento. Odrade reconhecera essa cautela quando era ainda mais jovem do que Sheeana, e não tinha dúvidas de que Sheeana estaria percebendo tal coisa. O intelecto tinha suas utilidades.

— Hummm — murmurou Taraza.

Odrade ouviu o som produzido pelas reflexões interiores da Reverenda Madre,

uma parte do semulfluxo. A própria memória de Odrade lançou-se no passado. As Irmãs que traziam as refeições de Odrade, quando ela trabalhava até tarde, sempre gostavam de observá-la desse modo, exatamente como Sheeana era observada e monitorada todo o tempo. Odrade conhecera essa maneira especial de observação desde muito jovem. Essa era, afinal, uma das grandes atrações da *Bene Gesserit*. A pessoa queria ser capaz de tais habilidades

esotéricas. Sheeana certamente possuía esse desejo. Era o sonho de toda candidata a *Bene Gesserit*.

“Que eu possa fazer essas coisas!”

Taraza disse finalmente:

— Que você pensa que deseja de nós, criança?

— O mesmo que a senhora julgava desejar quando tinha minha idade, Madre Superiora.

Odrade reprimiu um sorriso. O sentimento selvagem de independência para Sheeana levara-a bem perto de uma insolência, e Taraza certamente teria reconhecido tal coisa.

— Acha que esse é um uso adequado do dom da vida? — perguntou Taraza.

— É o único que conheço, Madre Superiora.

— Sua sinceridade é apreciada, mas eu lhe aviso para ser cuidadosa no modo como a usa. Já nos deve muito e vai nos dever muito mais — comentou Taraza. —

Lembre-se disto: nossas dádivas custam caro.

— Sim, Madre Superiora.

“Sheeana não tem a menor idéia do preço que vai pagar por nossas habilidades”, pensou Odrade.

A Irmandade nunca permitia que suas noviças esquecessem o quanto lhe deviam e o modo como deveriam pagar. Não se pagava o que se recebia com amor.

Não, o amor era algo muito perigoso, e Sheeana já devia estar aprendendo isso. “O

dom da vida?” Um tremor começou a percorrer o corpo de Odrade e ela pigarreou para compensar.

“Será que estou mesmo viva? Será que não morri quando elas me tiraram de minha Mama Sibia? Eu me sentia viva naquela casa, mas será que continuei vivendo depois que as Irmãs me arrancaram de lá?”

Taraza disse:

— Pode sair agora, Sheeana.

Sheeana virou-se e deixou a sala, mas não antes que Odrade percebesse o sorriso contido em seus lábios. Ela sabia que fora aprovada no exame da Madre Superiora.

Quando a porta se fechou atrás dela, Taraza disse:

— Você mencionou a habilidade natural que ela possui com a Voz. Eu ouvi, é claro. Extraordinário.

— Ela a mantém bem contida — disse Odrade. — Já aprendeu a não tentar usá-la conosco.

— Que temos aqui, Dar?

— Talvez um dia uma Madre Superiora de capacidades extraordinárias.

— Não demasiado extraordinárias?

— Isso teremos que ver.

— Acha que ela é capaz de matar por nós?

Odrade surpreendeu-se e demonstrou isso:

— Agora?

— Sim, é claro.

— O *ghola*?

— Teg não seria capaz de fazer isso — explicou Taraza. — E também duvido de que Lucilla o possa. Seus relatórios tornam claro que ele é capaz de forjar laços poderosos de... de afinidade.

— Até mesmo como eu?

— A própria Schwangyu não era completamente imune.

— E onde estaria o nobre propósito de tal ato? — perguntou Odrade. — Não foi a respeito disso que o Tirano nos..

— Ele? Ele matou muitas vezes!

— E pagou por isso.

— Nós pagamos por tudo aquilo que tiramos, Dar.

— Mesmo pela vida?

— Nunca se esqueça, nem por um instante, Dar, de que a Madre Superiora é capaz de tomar qualquer decisão que seja necessária para garantir a sobrevivência da Irmandade!

— Assim seja — respondeu Odrade. — Tire o que quiser e pague por isso.

Era uma resposta adequada, mas reafirmava a nova força que Odrade sentia, sua liberdade para responder do modo que julgasse necessário dentro de um universo novo. Onde é que essa resistência se originara? Seria alguma coisa proveniente de seu cruel condicionamento *Bene Gesserit*? Seria derivada de seus ancestrais Atreides? Não tentou enganar-se imaginando que essa liberdade não provinha de outra coisa senão de uma decisão sua de nunca mais seguir a orientação moral de outra pessoa. Essa

estabilidade interior sobre a qual se apoiava agora não era apenas pura moral. Nem ousadia. Isso nunca era suficiente.

— Você se parece muito com seu pai — disse Taraza. — Geralmente é a mãe que nos fornece a maior parte da coragem, mas desta vez acho que ela veio do pai.

— Miles Teg é admiravelmente corajoso, mas creio que você está simplificando demais a questão.

— Talvez esteja. Mas estive certa a seu respeito em todas as ocasiões, Dar, mesmo na época em que éramos estudantes.

“Ela sabe!”, pensou Odrade.

— Nós não precisamos explicar isso — disse Odrade. E pensou: “Vem do modo como nasci, do modo como fui treinada e moldada. . do modo como nós

éramos: Dar e Tar.”

— É algo na linhagem Atreides que ainda não analisamos totalmente —

comentou Taraza.

— Nenhum acidente genético?

— Às vezes me pergunto se sofremos algum acidente desse tipo desde os tempos do Tirano — comentou Taraza.

— Será que ele expandiu sua consciência lá em sua cidadela e olhou através dos milênios até este exato momento?

— Até onde você recuaria para alcançar as raízes?

Odrade respondeu:

— Que acontece realmente quando uma Madre Superiora comanda as Madres Procriadoras: “Faça com que esta procrie com aquele”?

Taraza deu um sorriso gélido.

Odrade sentiu-se subitamente na crista da onda, sua percepção lançando-a num novo mundo! “Taraza deseja minha rebelião! Ela me quer como oponente!”

— Vai querer encontrar Waff agora? — perguntou.

— Primeiro quero ouvir o seu julgamento a respeito dele.

— Ele se vê como o instrumento final da “Ascendência dos *Tleilaxu*”. Nós somos a dádiva de Deus para seu povo.

— Eles estão esperando há muito tempo por isso — comentou Taraza. — A cuidadosa dissimulação que fizeram, todos eles, por todos esses séculos!

— Eles possuem a nossa visão do tempo — concordou Odrade. — Esse foi o elemento final que os convenceu de que partilhamos da Grande Crença.

— Mas por que são tão desajeitados? — perguntou Taraza. — Eles não são estúpidos.

— Isso serviu para desviar nossa atenção do modo como usavam realmente o processo *ghola*. Quem acreditaria que gente estúpida fosse capaz de uma coisa assim?

— E que foi que eles criaram? — perguntou Taraza. — Somente a imagem de uma estupidez maligna?

— Finja estupidez por muito tempo e você se torna realmente estúpida —

comentou Odrade. — A mímica perfeita de seus Dançarinos Faciais e...

— O que quer que aconteça, devemos puni-los — disse Taraza. — Percebo isso claramente. Faça com que o tragam aqui.

Depois que Odrade dera a ordem e enquanto esperavam, Taraza disse:

— A seqüência da educação do *ghola* virou bagunça antes mesmo que eles escapassem do Castelo de Gammu. Ele saltou adiante de seus mestres para compreender coisas apenas implícitas e fez isso a um ritmo assustadoramente acelerado. Quem sabe o que ele se tornou a esta altura?

Os historiadores adquirem grande poder e alguns deles têm consciência disso. Recriam o passado, modificando-o para se adequar às suas próprias interpretações. Fazendo isso, modificam igualmente o futuro.

— Leto II; Sua Voz,

de Dar-es-Balat

Duncan caminhava atrás de seu guia sob a iluminação da alvorada, marchando num ritmo doloroso. O homem podia parecer velho, mas era ágil como uma gazela e parecia incapaz de se cansar.

Há apenas alguns minutos eles tinham tirado os óculos de visão noturna e Duncan estava feliz por se livrar deles. Tudo fora do alcance dos óculos parecera mergulhado numa escuridão profunda, iluminada apenas pelo fraco brilho das estrelas que se filtrava pelos ramos das árvores. Parecia que o mundo acabava além do alcance dos óculos. E a visão de ambos os lados pulava e fluía — aqui um conjunto de arbustos amarelos, ali duas árvores de troncos prateados, adiante um muro de pedra com portão de *plasteel* embutido em sua estrutura e guardado pelo azul tremulante de um escudo queimador, depois uma ponte nativa feita de pedra, toda verde e preta sob seus pés. Depois disso, uma entrada em forma de arco feita de pedra branca polida.

Todas as estruturas pareciam muito antigas e caras, mantidas com dispendioso trabalho manual.

Duncan não tinha idéia do lugar em que se encontrava. Nada nesse terreno tinha relação com suas memórias dos dias há muito perdidos de Giedi Prime.

A aurora surgiu no momento em que eles seguiam por uma trilha abrigada entre as árvores, subindo a encosta de uma colina. A subida mostrou-se íngreme e a visão ocasional que obtinham através das árvores revelava um vale à sua esquerda. A névoa mantinha-se espessa á cima, guardando a visão do céu, ocultando as distâncias e os envolvendo à medida que subiam. O mundo tornava-se um lugar cada vez mais fechado, enquanto perdiam sua ligação com um universo maior.

Durante uma breve pausa, não para descansar mas para ouvir os ruídos da floresta em volta, Duncan observou o ambiente coberto de névoa. Sentia-se deslocado, removido de um outro universo que tinha céus abertos e paisagens que o ligavam a outros planetas.

Seu disfarce era simples: vestimentas *Tleilaxu* para climas frios e almofadas nas faces para fazer seu rosto parecer mais arredondado. Seu cabelo negro encaracolado fora alisado com um composto químico aplicado com calor. O cabelo fora então descolorido até ficar de um louro pálido e escondido debaixo de um capuz. Todo o seu pêlo púbico fora raspado e ele quase não reconhecera a si mesmo no espelho.

“Um *Tleilaxu* sujo!”

A artesã que produzira tal transformação era uma velha com cintilantes olhos cinza-esverdeados.

— Você agora é um Mestre *Tleilaxu* — dissera ela. — Seu nome é Wose. Um guia o levará ao seu próximo destino. Você o tratará como Dançarino Facial se encontrarem estranhos no caminho. Em outras circunstâncias, faça o que ele ordenar.

Eles o conduziram para fora do complexo de cavernas, através de uma passagem serpenteante, as paredes e o teto cobertos por uma espessa camada de algas verdes almiscaradas. Depois, na escuridão iluminada pela luz das estrelas, eles o retiraram da passagem e o entregaram a um homem que ele não podia ver — uma figura volumosa dentro de roupas acolchoadas.

Uma voz atrás dele sussurrou:

— Ei-lo, Ambitorm. Faça com que escape.

O guia falou com um sotaque gutural:

— Siga-me.

Prendeu uma corda ao cinturão de Duncan e ajustou os óculos de visão noturna sobre seus olhos. Duncan sentiu um puxão na corda e eles partiram.

Logo reconheceu a utilidade da corda. Não era um artifício para mantê-lo seguindo o guia. Podia ver Ambitorm muito claramente com os óculos noturnos.

Não, a corda era para jogá-lo no chão rapidamente, se topassem com algum perigo, sem necessidade de ordem.

Durante algum tempo, na caminhada noturna, eles cruzaram pequenos cursos d'água margeados de gelo. Estavam numa região plana e a luz das primeiras luas de Gammu penetrava ocasionalmente na vegetação. Por fim emergiram numa colina baixa, vislumbrando uma extensão de arbustos prateados sob a cobertura de neve iluminada pelo luar. Desceram, entrando naquela vegetação. Os arbustos tinham o dobro da altura do guia, arqueados sobre passagens enlameadas abertas por animais, as quais eram apenas um pouco mais largas que os túneis onde haviam começado essa jornada. Era mais quente ali, o calor de uma pilha de adubo em fermentação. Quase nenhuma luminosidade penetrava até atingir o solo esponjoso com vegetação apodrecida. Os óculos noturnos

revelavam um panorama interminável de vegetação espessa em ambos os lados. Duncan sentia o cheiro de vegetais em decomposição, e também fungos. A corda que o ligava a Ambitorm era seu frágil elo com um mundo totalmente estranho.

Ambitorm desencorajava a conversa. Respondeu “sim” quando Duncan buscou confirmar seu nome e então disse:

— Não converse.

Toda a noite fora uma travessia inquietante. Ele não gostava de ser lançado em suas memórias do antigo Giedi Prime, mas elas persistiam. Esse lugar não era como o de sua juventude pré- *ghola*. Imaginava como Ambitorm podia ter aprendido e memorizado esse caminho. Um túnel aberto por animais parecia-se exatamente com qualquer outro.

E nesse passo de caminhada acelerada, havia tempo para que os pensamentos vagueassem em várias direções.

“Devo permitir que a Irmandade me use? Que é que devo a elas?” Pensou em Teg, naquele último gesto galante para permitir que escapassem.

“Eu fiz a mesma coisa por Paul e Jessica.”

Era um laço de união com Teg que deixava Duncan cheio de mágoa. Teg era leal à Irmandade “Será que comprou minha lealdade com aquele último ato de bravura?”

“Malditos Atreides!”

Os esforços noturnos tinham aumentado a familiaridade de Duncan com o novo corpo. Como era jovem essa carne! Com um pequeno impulso de lembrança, podia alcançar sua última memória do período pré- *ghola*.

Sentia a lâmina do Sardaukar atingindo sua cabeça — uma cegante explosão de dor e luz, o reconhecimento da morte certa e então... nada até aquele momento com Teg no não-globo.

A dádiva de uma outra vida. Seria mais que uma dádiva ou alguma outra coisa?

Os Atreides lhe estavam exigindo pagamento.

Por algum tempo antes da aurora, Ambitorm o conduziu numa carreira, chapinhando sobre a água de um arroio. O frio gelado penetrou através das botas à prova d'água que faziam parte de sua vestimenta *Tleilaxu*. O curso d'água refletia o tom prateado, sombreado pelos arbustos, da lua matutina do planeta antes da aurora.

A luz do dia encontrou-os em outra trilha ampla, também aberta por animais, em meio a árvores, subindo uma colina íngreme. Esse caminho levou-os a uma estreita saliência de rochas abaixo da crista de um penhasco cheio de rochas escarpadas. Ambitorm conduziu-o para trás da proteção de uma extensão de capim marrom morto, sujo de neve soprada pelos ventos. Ele soltou a corda do cinturão de Duncan. Diretamente à frente deles encontrava-se uma depressão rasa nas rochas, que não chegava a formar exatamente uma caverna, mas que ofereceria certa proteção, a menos que um vento muito forte soprasse sobre o capim acima deles. Não havia neve no fundo da depressão.

Ambitorm removeu cuidadosamente uma camada de gelo sujo e várias pedras achatadas que escondiam um pequeno buraco. Tirou do buraco um objeto negro e arredondado e ficou mexendo nele.

Duncan agachou-se sobre a saliência rochosa e ficou observando seu guia.

Ambitorm tinha um rosto chato, com uma pele que lembrava couro marrom-escuro.

Sim, essas poderiam ser as feições de um Dançarino Facial. Havia vincos profundos propagando-se das extremidades dos olhos do homem, dos cantos da boca fina e na testa. Expandiam-se em torno do nariz chato, aprofundando a depressão de um queixo estreito. Rugas espalhavam-se por todo o rosto.

Odores apetitosos começaram a sair do objeto negro em frente de Ambitorm.

— Vamos comer aqui e esperar um pouco antes de prosseguirmos — ele disse.

Falava no *Galach* Antigo, mas com um sotaque gutural que Duncan nunca

ouvira antes, dando uma ênfase curiosa às vogais adjacentes. Será que Ambitorm viera da Dispersão ou era nativo de Gammu? Obviamente, deviam ter aparecido muitos dialetos e variações lingüísticas desde os dias do *Muad'Dib*. Quanto a isso, Duncan reconhecia que todas as pessoas do Castelo de Gammu, incluindo Teg e Lucilla, falavam um *Galach* ligeiramente diferente daquele que tinha aprendido em sua infância pré- *ghola*.

— Ambitorm — disse Duncan. — Esse é um nome de Gammu?

— Você vai me chamar de Tormsa.

— É um apelido?

— É o nome pelo qual deve me chamar.

— Por que aquelas pessoas lá atrás o chamavam de Ambitorm?

— Foi esse nome que lhes dei.

— Mas por que...

— Você viveu sob o jugo dos Harkonnen e não aprendeu a mudar de identidade?

Duncan ficou em silêncio. Que significaria isso? Outro disfarce? Ambi...

Tormsa não tinha mudado de aparência. Tormsa. Seria esse um nome *Tleilaxu*?

O guia estendeu a Duncan uma xícara fumegante.

— Uma bebida para restaurar suas forças, Wose. Beba depressa. Vai mantê-lo aquecido.

Duncan fechou as mãos em torno da xícara. “Wose. Wose e Tormsa. Um Mestre *Tleilaxu* e seu acompanhante Dançarino Facial.”

Duncan ergueu a xícara em direção a Tormsa no antigo gesto Atreides entre companheiros de luta, então levou os lábios à borda. Quente! Mas esquentava seu corpo enquanto a engolia. Tinha um sabor doce associado a um gosto vegetal. Soprou e bebeu, depois de observar como Tormsa estava fazendo.

“É curioso que eu não suspeite de veneno ou droga”, pensou Duncan. Mas esse Tormsa e os outros, na noite passada, tinham algo do *Bashar* na maneira como agiam. O gesto a um companheiro de batalha viera naturalmente.

— Por que está arriscando a vida deste modo? — perguntou.

— Conhece o *Bashar* e precisa fazer essa pergunta?

Duncan ficou em silêncio, envergonhado.

Tormsa inclinou-se para diante e apanhou a xícara vazia. Logo, toda a evidência do lanche desaparecera sob as rochas e a terra.

Esse lanche revelava um planejamento cuidadoso, pensou Duncan. Ele se virou e se agachou no solo frio. A névoa continuava além da barreira de vegetação.

Ramos nus de árvores que tinham perdido as folhas no inverno dividiam o panorama em curiosos fragmentos e peças. Enquanto Duncan observava, a neblina começou a se dissipar, revelando os contornos indistintos de uma cidade, na extremidade do vale.

Tormsa agachou-se ao lado dele.

— Cidade muito antiga — ele disse. — Um lugar dos Harkonnen, olhe! —

Passou a Duncan um pequeno monoscópio. — É para lá que vamos à noite.

Duncan colocou o monoscópio sobre o olho direito e tentou focalizar a lente de óleo. Os controles pareciam diferentes daqueles com que estava familiarizado. Era diferente dos que aprendera a usar em sua juventude pré- *ghola* ou no Castelo.

Removeu o instrumento do olho e o examinou.

— Ixiano?

— Não, nós o fizemos — respondeu Tormsa, enquanto apontava para dois minúsculos botões acima do tubo negro. — Lento, rápido. Empurre o esquerdo para aproximar, o direito para recuar.

Novamente Duncan ergueu a lente para o olho.

A quem se referia ele ao dizer nós fizemos?

Um toque no botão de aproximação e a visão saltou ao seu olhar. Minúsculos pontos moviam-se na cidade. Gente! Aumentou a ampliação e as pessoas se transformaram em bonecos. Com elas para lhe dar o sentido de escala, Duncan percebeu que a cidade na extremidade do vale era imensa... e estava mais distante do que havia imaginado. Uma única estrutura retangular erguia-se no centro da cidade, seu topo sumindo nas nuvens. Gigantesca.

Duncan sabia agora que lugar era esse. A paisagem em volta havia mudado, mas a estrutura central permanecia fixa em sua memória.

“Quantos de nós sumiram naquele buraco negro do inferno para nunca mais voltar?” — Novecentos e cinqüenta andares — disse Tormsa, vendo para onde o olhar de Duncan se dirigia. — Quarenta e cinco quilômetros de comprimento por trinta de largura. Toda em *plasteel* e *plaz* blindado.

— Eu sei. — Duncan abaixou o monoscópio e o devolveu a Tormsa.

— Era chamada de Barony.

— Ysai — disse Tormsa.

— É assim que a chamam agora. Eu tenho alguns nomes diferentes para ela.

Duncan respirou fundo e dominou os antigos ódios. Aqueles a quem odiara estavam todos mortos agora. Somente o prédio permanecia. E as memórias.

Observou a cidade em torno da enorme estrutura. O lugar era uma extensão imensa de prédios baixos. Espaços verdes apareciam dispersos no meio, cada qual cercado por altos muros. Residências com parques particulares, dissera Teg. O monoscópio revelara guardas caminhando sobre os muros.

Tormsa cuspiu no chão diante dele.

— Lugar dos Harkonnen.

— Eles construíam para fazer as pessoas sentirem-se pequenas.

Tormsa concordou.

— Pequenas, sem poder.

O guia agora se tornara quase loquaz, pensou Duncan.

Ocasionalmente, durante a noite, ele desafiara a ordem de silêncio e tentara

estabelecer uma conversa.

— Que animais fizeram estas passagens?

Parecera uma pergunta lógica de se fazer quando se caminhava por uma trilha de animais, sentindo-se o cheiro das feras.

— Não fale! — retrucara Tormsa.

Mais tarde Duncan perguntara por que não podiam obter um veículo de algum tipo e escapar nele. Até mesmo um carro de solo teria sido preferível a essa marcha dolorosa através de uma região onde um caminho parecia ser tão bom quanto qualquer outro.

Tormsa o detivera num trecho iluminado pelo luar e olhara para Duncan como se suspeitasse de que seu protegido se tivesse tornado subitamente desprovido de senso.

— Veículos podem ser seguidos!

— E ninguém pode seguir-nos quando andamos a pé?

— Quem segue também deve ir a pé. E aqui eles serão mortos. Eles sabem.

Que lugar estranho! Que lugar primitivo.

Dentro do abrigo do Castelo da *Bene Gesserit*, Duncan não pudera perceber a natureza do planeta à sua volta. Depois, dentro do não-globo, também estivera isolado de qualquer contato com o mundo exterior. Tinha memórias pré- *ghola* e memórias como *ghola*, mas como eram inadequadas! Quando pensava nisso agora, percebia que tinham existido indícios que poderia ter examinado. Era óbvio, por exemplo, que Gammu dispunha de um controle climático muito rudimentar. E Teg dissera que os monitores orbitais, que guardavam o planeta contra ataques de fora, eram os melhores.

Tudo para a proteção e muito pouco para o conforto. Nisso era como Arrakis.

“Rakis”, corrigiu-se.

Teg. Será que o velho tinha sobrevivido? Prisioneiro? Que significaria ser capturado pelo inimigo nessa época? No tempo dos Harkonnen, significara a escravidão brutal. Burzmali e Lucilla... Olhou para Tormsa.

— Vamos encontrar-nos com Burzmali e Lucila nessa cidade?

— Se eles conseguiram escapar.

Duncan olhou para suas roupas. Seriam um disfarce suficiente? Um Mestre *Tleilaxu* e seu companheiro? As pessoas pensariam que o companheiro era um Dançarino Facial, é claro. E Dançarinos Faciais eram perigosos.

As calças largas que usava eram feitas de um material que nunca tinha visto.

Ao toque, lembrava a lã, mas ele sentia que era artificial. Quando cuspiu nele, a saliva não aderiu e o cheiro não foi o da lã. Seus dedos detectaram uma uniformidade de textura que nenhum material natural poderia ter. As botas longas e macias, assim como o chapéu, eram do mesmo tecido. As roupas eram largas e infladas, exceto nos tornozelos. Não eram acolchoadas, contudo. Eram isoladas do frio por algum truque na manufatura que prendia o ar quente entre camadas. A cor era um verde mosqueado

e cinza, que constituía camuflagem excelente naquele lugar.

Tormsa vestia trajes semelhantes.

— Quanto tempo vamos esperar aqui? — perguntou Duncan.

Tormsa sacudiu a cabeça, pedindo silêncio. O guia agora estava sentado, as pernas dobradas, os joelhos unidos, os braços

envolvendo as pernas e a cabeça apoiada nos joelhos. Os olhos vigiavam o vale.

Durante a viagem noturna, Duncan achara as roupas extraordinariamente confortáveis. Exceto por aquele momento na água, seus pés tinham permanecido aquecidos, se bem que não em demasia. Havia espaço suficiente dentro das calças, do blusão e da jaqueta para o corpo movimentar-se livremente. Nada lhe irritava a pele.

— Quem faz roupas assim? — perguntou.

— Nós as fazemos — grunhiu Tormsa. — Fique calado.

Isso não era diferente daqueles dias, antes do despertar, no Castelo da Irmandade, pensou Duncan. Tormsa estava dizendo: “Não há necessidade de você saber.”

Dai a pouco Tormsa esticou as pernas e endireitou o corpo. Parecia preparado para relaxar a vigilância. Olhou para Duncan.

— Amigos na cidade sinalizaram que há equipes de busca acima de nós.

— Tópteros?

— Sim.

— Então, o que vamos fazer?

— Deve repetir o que eu faço e nada mais.

— Você só está aí deitado.

— Por enquanto, mas logo vamos descer para o vale.

— Mas como?

— Quando você atravessa uma região como esta, deve fingir ser um dos animais que vivem aqui. Olhe os rastros e veja como eles caminham e como se deitam para descansar.

— Mas as equipes de busca não podem perceber à diferença entre...

— Se os animais pastam, você imita os movimentos de pastagem. Se a busca vier, você continua fazendo isso, fazendo o que um animal faria. Aqueles que nos procuram vão estar voando muito alto no céu. Sorte nossa. Não podem distinguir seres humanos de animais, a menos que desçam.

— E eles não vão.

— Eles confiam em suas máquinas e nos movimentos que podem ver. São preguiçosos. Voam muito alto. Desse modo a busca termina mais cedo. Confiam em sua própria inteligência para ler os instrumentos e distinguir o que é animal do que é humano.

— De modo que passarão por nós se acharem que somos animais selvagens.

— Se tiverem dúvidas, farão uma segunda varredura. Não devemos mudar o padrão de nossos movimentos depois de sermos observados.

Era um longo discurso para o taciturno Tormsa. Examinou Duncan com cuidado.

— Está entendendo?

— Como se sabe quando eles estão nos observando com os instrumentos de varredura?

— Você sente uma comichão nas tripas. Sente em seu estômago o fervilhar de uma bebida que homem nenhum engoliria.

Duncan assentiu com a cabeça.

— Detectores Ixianos.

— Não se deixe assustar por isso. Os animais aqui estão acostumados. Às vezes eles podem parar, mas apenas por um instante, e então continuam aquilo que estavam fazendo, como se nada tivesse acontecido. Algo que para eles é verdade. É só para nós que alguma coisa má poderia acontecer.

Dai a pouco Tormsa levantou-se.

— Vamos descer para o vale agora. Siga-me de perto. Faça exatamente aquilo que eu fizer e nada mais.

Duncan seguiu o passo de seu guia. Logo se encontravam sob a cobertura das árvores. Em algum ponto de sua caminhada noturna, Duncan passara a aceitar este lugar como aceitava os outros. Havia um novo sentimento de paciência em sua mente.

E havia a excitação estimulada pela curiosidade.

Que tipo de universo se desenvolvera desde o tempo dos Atreides? "Gammu."

Que lugar estranho se tornara Giedi Prime.

De modo lento mas distinto, as coisas estavam se revelando, e cada nova descoberta abria a mente para outras coisas que podiam ser aprendidas. Podia sentir os padrões tomando forma. Um dia, acreditava, existirá apenas um padrão, e nesse dia ele saberia por que o tinham trazido de volta à vida.

Sim, era uma questão de abrir novas portas. Você abre uma e ela o conduz a um lugar onde existem novas portas. Você escolhe uma delas e examina o que lhe revelou. Pode haver ocasiões em que seja forçado a tentar abrir todas as portas, mas, quanto mais portas você abrir, mais certezas passará a ter quanto a que porta deverá abrir em seguida. E finalmente se abrirá uma porta para um lugar que você reconhecerá. "Ah", você vai exclamar, "isto explica tudo."

— A equipe de busca vem vindo! — avisou Tormsa. — Agora somos animais pastando.

Estendeu a mão para o capim que os cobria e tirou um raminho.

Duncan fez o mesmo.

Devo governar com o olho e com a garra — como um falcão entre pássaros inferiores.

— Declaração Atreides, (Ref: Arquivos BG)

Ao raiar do dia, Teg saiu de trás dos quebra-ventos que o tinham ocultado, à beira da estrada principal. A estrada era larga, uma via plana com piso endurecido por feixe e desprovida de qualquer vegetação. Dez pistas, estimou Teg, adequada para veículos e tráfego de pedestres. A maior parte do tráfego a essa hora era de pedestres.

Ele havia limpado as roupas de quase toda a poeira e se certificado de que não tinham divisas de posto. Seu cabelo grisalho não estava tão bem penteado quanto gostaria, mas tinha apenas os dedos para usar como pente.

O tráfego na estrada dirigia-se para a cidade de Ysai, que ficava a muitos quilômetros de distância, no interior do vale. O céu da manhã apresentava-se sem nuvens. Uma brisa suave que lhe atingia o rosto vinda do mar, que ficava em algum lugar bem atrás.

Durante a noite ele atingira um equilíbrio delicado com sua nova consciência.

As coisas surgiam em segundos na sua percepção. Percebia as coisas à sua volta antes que elas acontecessem, tinha consciência de onde devia colocar o pé antes de cada passo. E por atrás disso se encontrava aquele gatilho reativo que poderia fazê-lo movimentar-se a uma velocidade que a carne não devia ser capaz

de suportar. A razão não podia explicar uma coisa dessas. Sentia-se caminhando precariamente no fio de uma navalha.

Embora tentasse, não era capaz de explicar o que lhe acontecera sob a ação da sonda-T. Seria semelhante ao que uma Reverenda Madre experimentava durante a agonia da especiaria? Mas ele não sentia qualquer acumulação de Outras Memórias de seu passado. Achava que as Irmãs não seriam capazes de fazer o que ele fizera. A dupla visão que lhe permitia antecipar cada movimento ao alcance de seus sentidos parecia um tipo novo de verdade.

Os professores *Mentat* de Teg lhe haviam garantido a existência de uma forma de verdade cuja prova não poderia ser obtida pela reunião costumeira de fatos. Ela aparecia algumas vezes em fábulas e na poesia, e freqüentemente agia contrariamente aos desejos.

— É a experiência mais difícil de ser aceita por um *Mentat* — disseram-lhe.

Teg sempre reservara sua própria opinião a respeito disso, mas agora era forçado a aceitar. A sonda-T impulsionara-o até o limiar de uma nova realidade.

Não sabia por que tinha escolhido esse momento em particular para sair do esconderijo, exceto por ser uma hora em que podia confundir-se com o fluxo humano normal.

A maior parte do tráfego na estrada era formada por agricultores puxando cestos de frutas e verduras. Os cestos eram sustentados atrás deles por suspensores baratos. A percepção de toda aquela comida lembrou-o da fome aguda que sentia,

mas Teg se dominou. Com a experiência obtida em mundos mais primitivos que visitara durante seu longo serviço para a *Bene Gesserit*, percebia que essa atividade humana não era muito diferente da executada por fazendeiros puxando animais carregados. Esse fluxo de pedestres parecia-lhe uma curiosa

mistura do antigo com o moderno — agricultores andando a pé, seus produtos flutuando atrás deles, sustentados por engenhos tecnológicos perfeitamente comuns. Exceto pelos suspensores antigravidade, era uma cena muito semelhante a outras que se haviam desenrolado no passado mais distante da humanidade. Um animal de carga era um animal de carga, mesmo que fosse produzido na linha de montagem de uma fábrica Ixiana.

Usando sua segunda visão, Teg escolheu um dos agricultores, sujeito atarracado, de pele escura, com feições brutas e mãos cheias de calos. O homem caminhava com uma impressão de independência desafiadora. Puxava oito grandes cestos cheios de melões de casca grossa. O cheiro deles era uma agonia para Teg, enchendo-lhe a boca de saliva enquanto ele igualava o passo com o do agricultor.

Caminhou em silêncio por alguns minutos e então arriscou:

— Esta á a melhor estrada para Ysai?

— É um longo caminho — respondeu o homem.

Tinha voz gutural, com um tom de cautela.

Teg olhou para os cestos carregados.

O agricultor olhou de lado para ele.

— Nós vamos para um mercado. Outros levarão nossos produtos de lá para Ysai.

Enquanto conversavam, Teg percebeu que o agricultor havia guiado (quase pastoreado) seu passo para a beira da estrada. O homem olhou para trás e acenou levemente com a cabeça, fazendo um sinal para a frente. Mais três agricultores vieram colocar-se ao lado deles, cercando Teg e seu companheiro até os cestos ocultarem-nos do resto do tráfego.

Teg ficou tenso. Que estariam eles planejando? Entretanto, não sentia qualquer ameaça. Sua dupla visão não detectava nada de violento em sua vizinhança imediata.

Um veículo pesado ultrapassou-os em alta velocidade. Teg percebeu sua passagem apenas pelo cheiro de combustível queimado e pelo vento que sacudiu os cestos. Ouviu a batida de um motor poderoso e percebeu a súbita tensão em seus companheiros. Mas os altos cestos ocultaram totalmente a passagem do veículo.

— Estávamos à sua procura para protegê-lo, *Bashar* — disse o agricultor ao lado dele. — Existem muitos que o estão caçando, mas não há nenhum deles conosco agora.

Teg olhou espantado para o homem.

— Nós servimos com o senhor em Renditai — explicou o agricultor.

Teg engoliu em seco. “Renditai?” levou um momento para se lembrar —

apenas uma escaramuça menor em sua longa carreira de conflitos e negociações.

— Sinto muito, mas não me lembro do seu nome — ele disse.

— Sinta-se feliz por não se lembrar de nossos nomes. É melhor assim.

— Mas fico grato assim mesmo.

— Esta é uma pequena retribuição pelo que fez por nós. Algo que ficamos gratos em poder retribuir.

— Eu devo chegar a Ysai.

— É perigoso lá.

— Há perigo em toda a parte.

— Nós calculamos que fosse para Ysai. Alguém vai chegar logo e levá-lo escondido. Ah, aí vem ele. Nós não o vimos por aqui, *Bashar*, o senhor não esteve aqui.

Um dos agricultores encarregou-se de puxar a carga do companheiro, arrastando dois cordões de cestos, enquanto o agricultor que Teg tinha escolhido fez com que ele passasse por baixo de uma corda de reboque e entrasse num veículo preto. Teg teve um vislumbre de *plasteel* e *plaz* brilhantes enquanto o veículo reduzia a velocidade apenas o suficiente para apanhá-lo. A porta fechou-se rapidamente atrás dele e Teg se encontrou sobre um macio assento acolchoado, sozinho na traseira de um carro de solo. O veículo acelerou e logo ele perdeu de vista o grupo de agricultores. As janelas em torno de Teg tinham sido escurecidas, de modo que ele tinha uma visão crepuscular do cenário passando lá fora. O motorista era uma silhueta escura.

Era sua primeira chance de relaxar em meio a um cálido conforto desde a sua captura, e isso quase o fez adormecer. Não sentia qualquer ameaça. Seu corpo ainda doía, relembrando as agonias da sonda-T.

Disse a si mesmo, contudo, que precisava ficar acordado e alerta.

O motorista inclinou-se para trás e falou sobre o ombro sem se virar:

— Há dois dias que eles o estão caçando, *Bashar*. Alguns pensam que já fugiu do planeta.

“Dois dias?”

A arma atordoadora ou qualquer outra coisa que tinham feito com ele o deixara desacordado por longo tempo. Isso só aumentava a sua fome. Tentou visualizar o mostrador do cronógrafo que tinha implantado em seu corpo, fazendo-o projetar os números diretamente em seus centros visuais, mas só conseguiu um tremular, como acontecia sempre que tentava visualizar essa

projeção, desde que fora submetido à sonda-T. Todas as suas referências e sua noção de tempo tinham sido modificadas.

Então alguns deles acham que já abandonei Gammu?

Teg não perguntou quem o estava caçando. *Tleilaxu* e gente da Dispersão tinham estado presentes no ataque e na tortura subseqüente.

Teg examinou seu meio de transporte. Era um daqueles lindos carros de solo

dos dias anteriores à Dispersão, com a marca dos melhores fabricantes Ixianos.

Nunca andara num desses, mas sabia a respeito deles. Restauradores compravam-nos para reformá-los e reconstruí-los — tudo que pudessem fazer para recuperar aquele antigo sentimento de qualidade. Tinham contado a Teg que tais veículos eram freqüentemente encontrados abandonados em lugares estranhos — velhos prédios em ruínas, galerias, depósitos de máquinas, campos de fazendas.

Novamente o motorista se inclinou para o lado e falou por sobre o ombro:

— Há um endereço aonde deseje ser levado quando chegarmos a Ysai, *Bashar*?

Teg lembrou os pontos de contato que identificara em sua primeira viagem de inspeção em Gammu e deu um desses endereços ao homem.

— Conhece o lugar?

— É principalmente um estabelecimento para encontros, onde servem bebidas, *Bashar*. Já ouvi dizer que servem boa comida também, mas qualquer um pode entrar se pagar o preço.

Sem saber por que tinha feito essa escolha em particular, Teg disse:

— Vamos arriscar.

Não achou necessário dizer ao motorista que naquele endereço também havia salas de jantar particulares.

A menção da comida trouxe de volta a fome. Os braços de Teg começaram a tremer e ele levou vários minutos para controlá-los. As atividades da noite anterior quase o tinham esgotado, percebia agora. Examinou com o olhar o interior do carro, imaginando se poderia haver comida ou bebida guardada ali em algum lugar. O

trabalho de restauração do carro tinha sido feito com um cuidado apaixonado, mas ele não encontrou qualquer compartimento oculto.

Tais carros não eram exatamente raros em certos ambientes, mas sua posse sempre fora sinal de riqueza. Quem seria o dono deste? Não era o motorista, disso tinha certeza. Ele apresentava todos os sinais de ser um profissional contratado. Mas fora enviada uma mensagem para trazer esse carro, então outros conheciam a sua localização.

— Será que vão nos deter para revistar o carro? — perguntou ele.

— Não este carro. Ele pertence ao Banco Planetário de Gammu.

Teg absorveu em silêncio essa informação. Esse banco tinha sido um de seus pontos de contato. Havia estudado cuidadosamente a localização das filiais mais importantes durante sua inspeção. Tal lembrança conduziu-o de volta às suas responsabilidades como guardião do *ghola*.

— Meus companheiros — arriscou. — Eles...

— Outros estão encarregados deles. Eu não sei dizer, *Bashar*.

— Podem enviar uma mensagem para...

— Quando for seguro, *Bashar*.

— É claro.

Teg afundou de novo no estofamento e observou o ambiente à sua volta.

Esses carros de solo tinham sido construídos com muito *plaz* e um *plasteel* quase indestrutível. Eram outras coisas que se estragavam com o tempo — o estofamento, os componentes eletrônicos, a instalação dos suspensores, os revestimentos ablativos e os dutos dos turboventiladores. E os adesivos se estragavam, não importava o que se fizesse para tentar conservá-los. Os restauradores, contudo, tinham feito esse parecer como se tivesse acabado de sair da fábrica — todo o polimentos dos metais, o estofamento que se ajustava ao seu corpo com um ruído de coisa nova se dobrando.

E o cheiro: aquele aroma indefinível de coisa nova, mistura de polimento e tecidos finos com apenas um toque de ozônio a indicar a eletrônica funcionando impecavelmente. Mas em parte alguma havia cheiro de comida.

— Quanto tempo até chegarmos a Ysai? — perguntou ele.

— Outra meia hora, *Bashar*. Há algum problema que exija maior velocidade?

Não quero atrair...

— Estou com muita fome.

O motorista olhou para a esquerda e para a direita. Não havia mais agricultores em torno deles. A estrada estava quase vazia, exceto por dois casulos de transporte pesado com seus reboques propulsores mantendo-se na pista da extrema direita e um grande caminhão carregando um alto apanhador de frutas automático.

— É perigoso nos atrasarmos — disse o motorista. — Mas conheço um lugar onde acho que pelo menos poderemos conseguir uma tigela de sopa.

— Qualquer coisa seria ótimo. É que eu não como há dois dias e fiz um bocado de exercício.

Chegaram a uma encruzilhada e o motorista virou para a esquerda, pegando uma estrada estreita através de um bosque de coníferas altas e igualmente espaçadas.

Daí a pouco viraram numa estrada de pista única que penetrava entre árvores. O

prédio baixo na extremidade desse caminho fora construído com pedras escuras e tinha um teto de plaz negro. As janelas eram estreitas e brilhavam com os canos de queimadores de proteção.

O motorista disse:

— Só um minuto, senhor.

Saiu e Teg obteve sua primeira visão da face do homem: extremamente magra, com nariz grande e boca pequena. As cicatrizes visíveis de uma reconstrução cirúrgica percorriam as maçãs do rosto. Os olhos tinham um brilho prateado obviamente artificial. O sujeito virou-se e foi para a casa. Quando voltou, abriu a porta de Teg.

— Por favor se apresse, senhor. O sujeito lá dentro está esquentando uma sopa para o senhor. Eu disse a ele que é um banqueiro. Não vai precisar pagar.

O solo estava congelado sob seus pés e Teg teve que andar curvado para a frente até alcançar a porta. Entrou por um corredor escuro, revestido de madeira e com um salão bem iluminado no final. O cheiro de comida o atraiu como um ímã.

Seus braços estavam tremendo uma vez mais. Uma pequena mesa fora arrumada junto a uma janela que revelava um jardim interior fechado e coberto. Arbustos cheios

de flores vermelhas quase escondiam o muro de pedras que definia os limites do jardim. *Plaz* quente amarelo brilhava acima desse espaço, banhando-o com a luz de um verão artificial. Teg deu graças por se sentar na única cadeira junto da mesa.

Toalha de linho branco com bordas trabalhadas em relevo. Uma única colher de sopa.

Uma porta estalou à direita e uma figura atarracada entrou, carregando uma tigela que exalava vapor. O homem hesitou quando viu Teg, depois trouxe a tigela, colocando-a na mesa diante dele. Alertado por aquela hesitação, Teg forçou-se a ignorar o aroma tentador que flutuava para suas narinas e em vez disso se concentrou no outro.

— É uma boa sopa, senhor. Eu a preparei pessoalmente.

Voz artificial. Teg viu as cicatrizes em torno da mandíbula. Havia uma aparência de algo antigo e mecânico nesse homem — uma cabeça quase desprovida de pescoço prendendo-se a ombros fortes e braços que pareciam ter juntas estranhas nos cotovelos e nos ombros. E as pernas pareciam articular-se apenas a partir dos quadris. Estava imóvel agora, mas tinha entrado com um andar oscilante e espasmódico que revelava que esse sujeito era feito quase inteiramente de próteses. A expressão de sofrimento nos olhos não podia ser ignorada.

— Sei que não sou nada bonito, senhor — disse o homem com voz rouca. —

Fiquei arruinado na explosão de Alajory.

Teg não tinha a menor idéia do que poderia ter sido a explosão de Alajory, mas o sujeito obviamente presumia que ele sabia a respeito.

“Arruinado”, entretanto, constituía uma acusação curiosa contra o Destino.

— Eu estava me perguntando se o conheço de algum lugar — disse Teg.

— Ninguém aqui conhece mais ninguém — retrucou o homem. — Tome sua sopa. — Apontou para o teto, em direção à ponta enrolada de um farejador ativado, o brilho de suas luzes revelando que o instrumento estava sondando o ambiente e não detectava qualquer veneno.

— A comida é segura aqui.

Teg olhou para o líquido marrom-escuro em sua tigela. Pedaços de carne sólida eram visíveis. Estendeu a mão para colher, mas sua mão trêmula o obrigou a fazer duas tentativas antes mesmo que pudesse segurá-la. Ainda assim, derramou a maior parte do líquido na colher antes que pudesse erguê-la um milímetro.

Uma mão firme segurou-lhe o pulso e a voz artificial falou, tranqüilizadora, junto de seu ouvido:

— Não sei o que eles fizeram com o senhor, *Bashar*, mas ninguém irá feri-lo sem antes passar por cima do meu cadáver.

— Você me conhece?

— Muitos morreriam pelo senhor, *bashar*. Meu filho vive graças ao senhor.

Teg deixou que o homem o ajudasse. Não tinha outra alternativa para conseguir engolir a primeira colheirada da sopa. O líquido era saboroso, quente e nutritivo. Sua mão firmou-se daí a pouco e ele fez sinal para que o homem lhe soltasse

o pulso.

— Quer mais, senhor?

Teg percebeu que tinha esvaziado a tigela. Era uma tentação dizer “sim”, mas o motorista tinha dito para andar depressa.

— Muito obrigado, mas tenho que seguir em frente.

— O senhor não esteve aqui — disse o homem.

Depois que tinham retornado à estrada principal, Teg recostou-se nas almofadas do carro e refletiu sobre o curioso caráter repetitivo daquilo que o homem arruinado lhe dissera. Eram as mesmas palavras que o agricultor tinha usado: “O

senhor não esteve aqui.” Tinha a impressão de que essa era uma resposta comum agora, e ela revelava algo das mudanças por que passara Gammu desde sua viagem de inspeção.

Daí a pouco penetravam nos subúrbios de Ysai e Teg se perguntou se deveria tentar usar um disfarce. O homem arruinado o reconhecera prontamente.

— Onde as Honradas Madres estão me procurando agora? — perguntou.

— Elas o estão caçando por toda parte, *Bashar*. Não posso garantir a sua segurança, mas medidas estão sendo tomadas. Informarei onde o deixei.

— Elas dizem por que estão me caçando?

— Elas nunca explicam nada, *Bashar*.

— Há quanto tempo está em Gammu?

— Há muito tempo, senhor. Eu era criança e fui interno em Renditai.

“Cem anos se passaram”, pensou Teg. “Tempo para reunir muito poder em suas mãos... se é que se deve dar crédito aos temores de Taraza”

E Teg lhes dava crédito.

“Não confie em ninguém que possa ter sido influenciado por essas prostitutas.”

Não sentia qualquer ameaça imediata em sua presente situação. Podia apenas perceber o segredo que obviamente o envolvia agora. Não pressionou por maiores detalhes.

Estavam bem dentro de Ysai e ele podia vislumbrar agora a massa negra que alojara o antigo Baronato dos Harkonnen através de aberturas ocasionais nos muros das grandes residências particulares. O carro entrou numa rua de pequenos estabelecimentos comerciais: prédios baratos construídos em sua maior parte com material de sucata que revelava suas origens nos encaixes malfeitos e nas cores desiguais. Anúncios vistosos advertiam que as mercadorias lá dentro eram as mais finas e os serviços de consertos, melhores que em qualquer outro lugar.

Não era que Ysai se tivesse deteriorado ou mesmo se tornado um conjunto de cortiços. O crescimento da cidade fora direcionado para alguma coisa pior do que feia.

Alguém escolhera tornar esse lugar repelente. Essa era a explicação para a maior parte do que tinha visto até então.

O Tempo não tinha parado nesta cidade, tinha recuado. Não era uma cidade

moderna, com reluzentes casulos transportadores e prédios utilitários isolados. Era uma massa desconjuntada de antigos prédios unidos a prédios mais antigos ainda, alguns erguidos de acordo com preferências individuais, outros para alguma função que há muito tempo caíra em desuso. Tudo em Ysai era apinhado para manter uma proximidade cuja confusão por pouco evitava o caos. O que salvava era o antigo padrão de vias principais ao longo das quais essa mixórdia fora montada. O caos fora contido, mas o padrão que restava nas ruas não obedecia mais a qualquer

planejamento. Ruas encontravam-se e se cruzavam em ângulos irregulares, com raras praças. Visto do ar, o lugar seria uma louca colcha de retalhos, com apenas o retângulo negro da antiga sede do Baronato para revelar algum plano de urbanização organizada. O resto era uma rebelião arquitetônica.

Teg percebeu de repente que esse lugar era uma mentira armada em cima de outras mentiras, baseadas em mentiras anteriores, tudo formando uma louca mixórdia que nunca seria possível desenredar para encontrar uma verdade útil. Tudo em Gammu estava desse modo. E onde teria começado tamanha insanidade? Teria sido obra dos Harkonnen?

— Chegamos, senhor.

O motorista parou diante da calçada de um prédio sem janelas, todo feito em plasteel negro liso e com uma única porta ao nível do solo. Não havia material de sucata nessa construção. Teg reconheceu o lugar. Era o esconderijo que tinha escolhido. Coisas não-identificadas tremeluziram em sua segunda visão, mas Teg não sentiu qualquer ameaça imediata. O motorista abriu a porta para ele e ficou de lado.

— Não há muita atividade por aqui a esta hora, senhor. Eu entraria depressa.

Sem olhar para trás, Teg atravessou a calçada estreita e entrou no prédio.

Encontrou um vestíbulo pequeno e brilhantemente iluminado, feito de *plaz* branco, e somente painéis de olhos comunicadores para recebê-lo. Entrou num tubo elevador e teclou as coordenadas de que se recordava. Esse tubo, se bem se lembrava, subia em ângulo através do prédio até o 57° andar, na parte de trás, onde havia algumas janelas.

Lembrava-se de um restaurante reservado, decorado em vermelhos-escuros e com mobília marrom, de uma mulher de olhar

duro demonstrando os indícios óbvios do treinamento *Bene Gesserit*, mas que não era ainda uma Reverenda Madre.

O tubo deixou-o no lugar de que se lembrava, mas não havia ninguém para recebê-lo. Teg olhou em volta, observando a mobília sólida. Quatro janelas na parede oposta estavam ocultas por espessas cortinas marrons.

Sabia que tinha sido visto. Aguardou pacientemente, usando a dupla visão, recém-aprendida para prever qualquer dificuldade. Não havia qualquer indício de ataque. Tomou posição ao lado da saída do tubo elevador e olhou à sua volta uma vez mais.

Teg tinha uma teoria a respeito da relação entre salas e janelas — o número de janelas, sua disposição, tamanho e altura a partir do piso, a relação entre o tamanho do aposento e o das janelas, a altura em se situava o andar e o fato de as janelas

possuírem cortinas ou não, tudo isso um *Mentat* interpretava à luz do conhecimento dos usos do aposento. Este podia ser arrumado com um sentido de ordem meticuloso, definido por uma extrema sofisticação. É claro que usos de emergência podiam acabar com tudo isso, mas de outro modo era possível obter indícios muito confiáveis.

A falta de janelas num aposento muito acima do nível do solo, por exemplo, transmitia uma mensagem especial. Se pessoas ocupavam esse aposento, isso não significava necessariamente que o segredo e a privacidade fossem seu objetivo principal. Ele tinha visto sinais inconfundíveis, em locais de estudo, de que salas de aula sem janelas significavam um desejo de isolamento com relação ao mundo exterior ou uma forte declaração de aversão a crianças.

Mas esse aposento lhe apresentava algo diferente: um segredo provisório mais a necessidade ocasional de vigiar o que acontecia no mundo exterior. “Privacidade protetora quando necessário.” Essa opinião foi reforçada quando ele andou até uma das janelas e afastou a cortina. As janelas eram de *plaz* blindado triplo. Sim! Isso

significava que vigiar o mundo exterior poderia ser um convite ao ataque. Essa era a opinião de quem tinha ordenado que esse lugar fosse protegido desse modo.

Uma vez mais Teg afastou a cortina. Olhou para os cantos. Refletores prismáticos ampliavam a visão ao longo da parede adjacente em ambos os lados e do telhado até o solo.

“Muito hábil.”

Sua visita anterior não lhe dera tempo para um exame tão minucioso. Agora podia fazer um julgamento mais preciso. Uma sala muito interessante. Teg deixou cair a cortina e se virou bem a tempo de ver um homem entrar pelo tuboelevador.

A dupla visão de Teg forneceu-lhe uma previsão precisa sobre o estranho.

Esse homem representava um perigo oculto. O recém-chegado era evidentemente um militar o modo como andava, o olhar rápido em busca de detalhes que somente um oficial treinado e cheio de experiência observaria. E havia mais alguma coisa nos seus modos que fez Teg enrijecer-se. Este era um traidor! Um mercenário que se colocava a serviço de quem pagasse mais.

— Foi terrível o modo como eles o trataram — disse ele para Teg.

A voz era de um barítono profundo com a inconsciente presunção de poder pessoal. O sotaque era de uma variedade que Teg nunca ouvira antes. Esse homem era um dos Perdidos da Dispersão! Um *Bashar* ou coisa equivalente, estimou Teg.

Ainda assim não havia nele qualquer indício de ataque imediato. Como Teg não disse esse nada, o homem apresentou-se:

— Oh, desculpe-me. Sou Muzzafar. Jafa Muzzafar, comandante regional das forças de Dur.

Teg nunca tinha ouvido falar nas forças de Dur.

Havia um monte de perguntas em sua cabeça, mas ele as manteve para si mesmo. Qualquer coisa que dissesse poderia ser um sinal de fraqueza.

Onde estariam as pessoas que havia encontrado ali anteriormente? “Por que escolhi este lugar?” A decisão de ir para lá fora tomada com muita segurança interior.

— Por favor, fique à vontade — disse Muzzafar, indicando um pequeno divã com uma mesa baixa em frente. — Eu lhe asseguro que nada do que lhe aconteceu foi responsabilidade minha. Tentei detê-los quando soube, mas então você já tinha. .

saído de lá.

Teg percebeu outra coisa na voz de Muzzafar: uma cautela que chegava às raias do medo. Então esse homem ouvira falar ou tinha visto o barracão e a clareira.

— Foi muito hábil da parte de vocês — continuou Muzzafar. — Fazer com que suas forças de ataques esperassem até que seus captores estivessem concentrados na tarefa de tentar arrancar-lhe informações. Eles conseguiram tirar alguma coisa?

Teg sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Sentia-se à beira de responder com um ataque na sua alta velocidade, mas não sentia qualquer violência imediata nesse lugar. Que estariam fazendo os Perdidos? Muzzafar e sua gente tinham feito uma suposição errada quanto ao que acontecera no barracão da sonda-T. isso era óbvio.

— Por favor, sente-se — pediu Muzzafar.

Teg sentou-se no divã oferecido.

Muzzafar escolheu uma cadeira de frente para ele, colocando-se num pequeno ângulo em relação à mesinha de refeições. Havia em

Muzzafar uma impressão de animal agachado, pronto a dar o bote. Ele estava preparado para a violência.

Teg observou o homem com interesse. Muzzafar não revelara nenhum posto verdadeiro — somente o de comandante. Alto, rosto vermelho e largo, nariz grande.

Os olhos eram cinza-esverdeados e tinham o costume de se focalizar num ponto logo atrás do ombro direito de Teg quando um dos dois falava. Teg conhecera certa vez um espião que era dado a esse tipo de coisa.

— Bem, bem — disse Muzzafar. — Já li e ouvi um bocado a seu respeito desde que vim para cá.

Teg continuou a examiná-lo em silêncio. O cabelo de Muzzafar tinha sido cortado rente e havia uma cicatriz vermelha, de uns três centímetros de comprimento, acima do olho esquerdo, bem na linha do couro cabeludo. Usava uma jaqueta folgada de cor verde-clara e calças que combinavam com ela — não era exatamente um uniforme, mas estava tão bem passado que revelava um asseio costumeiro. Os sapatos engraxados confirmavam isso. Teg achou que poderia ver neles o próprio reflexo caso se curvasse o suficiente.

— Nunca esperei conhecê-lo pessoalmente, é claro — continuou Muzzafar.

— Considero isto uma grande honra.

— Sei muito pouco a seu respeito, exceto que comanda uma das forças da Dispersão — disse Teg.

— Hummmm! Não é muito realmente.

Uma vez mais a fome assaltou Teg. Seu olhar voltou-se para o botão ao lado

do tubo elevador que, lembrava-se, chamaria um serviçal. Esse era um lugar onde seres humanos faziam o trabalho que normalmente seria entregue aos autômatos —

uma desculpa para manter uma grande força reunida e pronta.

Interpretando mal o interesse de Teg no tubo elevador, Muzzafar disse:

— Por favor, não pense em partir. Pedi ao meu médico que viesse dar uma olhada em você. Ele deve chegar num momento. Apreciaria se esperasse calmamente até ele chegar.

— Eu estava apenas pensando em ordenar um pouco de comida — disse Teg.

— Eu o aconselho a esperar até que o doutor faça o seu exame. Atordoadores deixam terríveis efeitos secundários.

— Então sabe o que aconteceu?

— Sei tudo a respeito daquele terrível fiasco. Você e seu camarada Burzmali são uma força para se respeitar.

Antes que Teg pudesse responder, um homem alto saiu do tubo elevador, vestido com jaqueta e um macacão vermelhos. Era tão magro que a roupa ficava folgada nele. A tatuagem em forma de diamante, indicando um médico Suk, fora marcada a fogo em sua testa, mas a marca era de cor laranja, e não do negro habitual.

Os olhos do médico estavam cobertos por lentes alaranjadas brilhantes que ocultavam sua verdadeira cor.

“Um viciado de algum tipo?”, perguntou-se Teg. Não havia cheiro dos narcóticos familiares no homem, nem mesmo de melange. Mas havia um perfume azedo, como se fosse proveniente de alguma fruta.

— Ah, ai está você, Solitz! — disse Muzzafar. Indicou Teg. — Dê-lhe uma boa varredura. Um atordoador o atingiu anteontem.

Solitz exibiu um aparelho que Teg reconheceu como um detector Suk, instrumento pequeno e compacto que cabia na palma da mão. Seu campo de sondagem produzia um zumbido baixo.

— Então você é um médico Suk — disse Teg, olhando para a marca alaranjada na testa do homem.

— Sim, *Bashar*. Meu treinamento e meu condicionamento são os melhores de acordo com a antiga tradição.

— Nunca tinha visto a marca identificadora dessa cor — comentou Teg.

O médico passou o instrumento em torno da cabeça de Teg.

— A cor da tatuagem não faz diferença, *Bashar*. O que está por trás é o que importa.

Ele abaixou o *scanner* para examinar os ombros de Teg e depois o corpo.

Teg esperou até que o zumbido parasse.

O médico recuou e se dirigiu a Muzzafar.

— Ele está em boa forma, Marechal-de-Campo. Extraordinariamente em forma, considerando-se a idade, mas precisa desesperadamente de alimentação.

— Sim... bem, isso é ótimo, Solitz. Cuide para que ele receba alimento. O

Bashar é nosso hóspede.

— Vou ordenar que lhe tragam uma refeição adequada para suas necessidades

— disse Solitz. — Coma lentamente, *Bashar*.

Solitz fez uma careta esperta que fez as calças e a jaqueta estremecerem.

Depois o tubo elevador o engoliu.

— Marechal-de-Campo? — perguntou Teg.

— Houve um retorno aos títulos ancestrais em Dur — explicou Muzzafar.

— Em Dur? — perguntou Teg.

— Oh, que estupidez a minha!

Muzzafar tirou uma pequena pasta de um bolso lateral da jaqueta e de dentro extraiu um folheto. Teg reconheceu um holostato semelhante ao que tinha carregado consigo durante seu longo tempo de serviço — imagens do lar e da família. Muzzafar colocou o holostato em cima da mesa entre eles e acionou o botão de controle.

A imagem colorida, tridimensional, de uma floresta verde tomou conta do topo da mesa.

— Meu lar — explicou Muzzafar. — Olhe a árvore modeladora no centro. —

Indicou com o dedo um lugar na projeção.— Foi a primeira que me obedeceu. As pessoas riam de mim por escolher a primeira daquele modo e ficar com ela.

Teg olhou para a projeção, consciente da profunda tristeza que havia na voz de Muzzafar. A árvore indicada era um agrupamento de ramos esqueléticos com bulbos azuis brilhantes pendendo das pontas.

“Árvore modeladora?”

— E uma coisa esquálida, eu sei — disse Muzzafar, tirando o dedo da projeção. — E não é nem um pouco segura. Tive que me defender sozinho algumas vezes nos meus primeiros meses com ela. Mas acabei me orgulhando dela. Eles correspondem a isso, você sabe. É agora o melhor lar dos vales profundos, pela Rocha Eterna de Dur!

Muzzafar olhou para a expressão intrigada de Teg.

— Ora bolas! Vocês não têm árvores modeladoras, é claro. Perdoe minha terrível ignorância. Nós temos um bocado para ensinar um ao outro.

— Você chamou aquilo de lar? — perguntou Teg.

— Oh sim. Com o controle adequado, uma vez que elas aprendem a obedecer, é claro, as árvores modeladoras crescem para se transformarem em magníficas residências. Só leva uns quatro ou cinco Anos Padrão.

“Padrão”, pensou Teg. Então os Perdidos ainda usavam o Ano Padrão.

O tubo elevador assoviou e uma jovem usando um vestido azul de criada entrou de costas na sala, puxando um casulo aquecido que flutuava em suspensores antigravidade. Ela o colocou perto da mesa diante de Teg. Suas roupas eram do tipo que ele vira em sua viagem de inspeção, mas o rosto redondo e agradável que ela voltou em sua direção não era familiar. O crânio da moça tinha sido depilado, mostrando uma extensão de veias dilatadas. Seus olhos eram de um azul aquoso e

havia algo de amedrontado em sua postura. Ela abriu o casulo aquecido e o odor temperado da comida flutuou até as narinas de Teg.

Teg estava alerta, mas não sentiu qualquer ameaça imediata. Podia visualizar-se comendo aquela comida sem qualquer perigo posterior.

A moça colocou uma fileira de pratos na mesa diante dele e arrumou os talheres com cuidado de um lado.

— Eu não tenho farejador, mas posso provar a comida se desejar — disse Muzzafar.

— Não é necessário — disse Teg.

Sabia que isso ia levantar suspeitas, mas achava que eles iriam pensar que ele era um Revelador da Verdade. Seu olhar voltou-se para a comida. Sem qualquer decisão consciente, curvou-se para a frente e começou a comer. Estando familiarizado com a fome-*Mentat*, suas próprias reações o surpreendiam. Usar o cérebro à maneira *Mentat* consumia calorias a uma taxa alarmante, mas havia agora uma nova necessidade a impulsioná-lo. Sentia sua própria sobrevivência a controlar suas ações.

Essa fome ia além de qualquer coisa que tivesse experimentado anteriormente. A sopa que tomara com cautela na casa do homem arrumado não tinha provocado uma reação como essa.

“O médico Suk escolheu corretamente”, pensou Teg. Essa comida fora selecionada a partir do diagnóstico do aparelho de exame.

E a moça foi trazendo novos pratos, de outros casulos aquecidos, que eram pedidos através do tubo elevador.

Teg teve que se levantar no meio da refeição para usar o sanitário do banheiro adjacente à sala, consciente de que havia olhos observadores mantendo-o sob vigilância. Sabia, por sua reação física, que seu sistema digestivo se havia acelerado de acordo com um novo nível de necessidades corporais. Quando voltou à mesa, sentia-se tão faminto como se ainda não tivesse comido nada.

A criada começou a demonstrar sinais de surpresa e então de preocupação.

Ainda assim continuava trazendo mais comida, segundo seus pedidos.

Muzzafar olhava com admiração crescente, mas não dizia coisa alguma.

Teg sentiu o apoio da nutrição que o alimento lhe trazia, o preciso ajustamento de calorias que o médico ordenara. Obviamente, contudo, eles não tinham pensado em quantidade. Era chocada que a moça obedecia aos seus pedidos.

Muzzafar disse finalmente:

— Devo dizer que nunca tinha visto alguém comer tanto de uma sentada. Não consigo compreender como faz isso e porquê.

Teg recostou-se no sofá, satisfeito afinal, sabendo que havia despertado uma curiosidade que não poderia ser satisfeita de modo sincero.

— É uma coisa *Mentat* — mentiu. — Tive um dia muito cansativo.

— Extraordinário — disse Muzzafar, levantando-se.

Quando Teg fez menção de fazer o mesmo, ele gesticulou para que

continuasse sentado.

— Não é preciso levantar-se. Preparamos um alojamento para você atrás daquela porta. Ainda não é seguro movimentar-se muito.

A moça saiu com os casulos de comida vazios.

Teg observou Muzzafar. Alguma coisa nas reações dele tinha mudado durante a refeição. Ele o observava agora de um modo frio e avaliador.

— Você tem um comunicador implantado — disse Teg. — E recebeu novas ordens.

— Não seria recomendável para seus amigos atacar este lugar — disse Muzzafar.

— Acha que é esse o meu plano?

— Qual é o seu plano, *Bashar*?

Teg sorriu.

— Muito bom.

O olhar de Muzzafar ficou desfocalizado enquanto ele ouvia nova mensagem do comunicador implantado em seu corpo. Quando se concentrou novamente em Teg, seu olhar era o de um predador. Teg sentiu-se agredido por aquele olhar, reconhecendo o indício de que alguém estava a caminho daquela sala. O Marechal-de-Campo pensava nesse novo desenvolvimento da situação como algo extremamente perigoso para seu convidado. Teg, contudo, não percebia coisa alguma que pudesse ameaçá-lo com suas novas capacidades.

— Pensa que sou seu prisioneiro? — perguntou ele.

— Pela Rocha Eterna, *Bashar*! Você não é o que eu esperava!

— E a Honrada Madre que está vindo, que será que ela espera? — perguntou Teg.

— *Bashar*, quero dar-lhe um conselho: não use esse tom de voz com ela. Não tem a menor idéia do que está a ponto de lhe acontecer.

— Uma Honrada Madre, isso é o que está a ponto de me acontecer.

— E eu desejo que se saia bem com ela!

Muzzafar virou-se e saiu pelo tubo elevador.

Teg ficou olhando na direção em que ele tinha saído. Podia perceber o tremular de sua segunda visão como uma luz piscando em torno do tubo elevador. A Honrada Madre estava perto, mas ainda não se encontrava preparada para entrar naquele salão. Primeiro iria consultar Muzzafar. Mas o Marechal-de-Campo não seria capaz de revelar nada de importante a essa mulher perigosa.

A memória nunca apreende a realidade. A memória a reconstrói. Toda reconstrução modifica o original, tornando-se uma estrutura externa de referência que inevitavelmente apresenta falhas.

— *Manual Mentat*

Lucilla e Burzmali entraram em Ysai vindos do sul através de um bairro pobre onde os postes de iluminação eram muito espaçados. Já havia passado uma hora desde a meia-noite e no entanto as ruas ainda estavam cheias de gente nesse bairro. Alguns andavam em silêncio, outros falavam com uma euforia induzida por drogas, outros apenas observavam. Agrupavam-se nos cantos e captavam a atenção fascinada de Lucilla.

Burzmali pediu que andasse mais depressa, um freguês ávido, ansioso para ficar sozinho com ela. Lucilla continuava observando disfarçadamente as pessoas.

Que fariam nesse lugar? Aqueles homens esperando junto às portas: esperavam o que? Trabalhadores usando pesados aventais emergiram de uma larga passagem enquanto Lucilla e Burzmali a atravessavam. Tinham forte cheiro de esgoto e transpiração. Estavam divididos igualmente entre homens e mulheres, todos altos, corpulentos e com braços muito grossos. Lucilla não conseguia imaginar qual seria a ocupação deles, mas formavam um tipo singular de gente, conscientizando-a do quão pouco ela sabia a respeito de Gammu.

Os trabalhadores escarravam e cuspiam na sarjeta assim que saíam para a rua.

“Estarão se livrando de algum contaminante?”

Burzmali aproximou a boca do ouvido de Lucilla e sussurrou:

— Esses trabalhadores são os Bordanos.

Ela arriscou olhar para trás enquanto entravam por uma rua lateral.

“Bordanos?” Ah, sim: gente criada e treinada para trabalhar com as máquinas compressoras que canalizavam os gases do esgoto. Através de procriação controlada, nasciam sem o sentido do olfato e com a musculatura dos ombros e dos braços aumentada. Burzmali a fez virar uma esquina, ficando fora da vista dos Bordanos.

Cinco crianças saíram de um portal escuro ao lado deles e andaram em fila, seguindo Lucila e Burzmali. Lucilla notou que eles traziam nas mãos pequenos objetos e os seguiam com estranha atenção. De repente Burzmali parou e se voltou. As crianças também pararam e ficaram olhando para ele. Era evidente para Lucilla que as crianças estavam preparadas para cometer alguma violência.

Burzmali uniu as mãos diante do peito, curvou-se para as crianças e disse:

— Guldur!

Quando voltou a conduzi-la pelas ruas, as crianças não mais os seguiam.

— Elas iam apedrejar-nos — explicou ele.

— Por quê?

— Essas crianças são de uma seita que segue Guldur, o nome local do Tirano.

Lucilla olhou à procura das crianças que tinham desaparecido. Haviam partido à procura de outras vítimas.

Burzmali levou-a a dobrar outra esquina. Agora estavam numa rua cheia de pequenos comerciantes vendendo suas mercadorias acondicionadas dentro de carrocinhas — comida, roupas, pequenas ferramentas e facas. Um coro de gritos bem-orquestrado erguia-se no ar enquanto os vendedores tentavam atrair fregueses. Mas suas vozes já tinham o som do final de um dia de trabalho — aquele falso entusiasmo composto pela esperança de que velhos sonhos se realizem e, ao mesmo tempo, a consciência de que a vida para eles não ia mudar. Ocorreu a Lucilla que as pessoas dessas ruas seguiam um sonho esquivo no qual a realização que buscavam não passava de um mito que tinham sido condicionadas a perseguir, do mesmo modo como animais em pistas de corridas eram treinados para correr interminavelmente atrás de uma isca.

Diretamente à frente deles, na rua, uma figura corpulenta, usando um casaco muito acolchoado, discutia em voz alta com um vendedor que lhe oferecia uma saca cheia de bulbos vermelhos de uma fruta ácida. O cheiro da fruta era forte. O

vendedor queixava-se:

— Está tirando a comida da boca dos meus filhos.

O sujeito corpulento respondeu com voz aguda, o sotaque terrivelmente familiar a Lucilla:

— Eu também tenho filhos.

Lucilla controlou-se com esforço.

Depois que tinha saído da rua do mercado, ela sussurrou para Burzmali:

— Aquele homem de casaco espesso lá atrás.. era um Mestre *Tleilaxu*.

— Não podia ser — protestou Burzmali. — Muito alto.

— Eram dois deles. Um em pé sobre os ombros do outro.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Vi outros como ele desde que chegamos, mas não tinha suspeitado.

— Há muitos caçadores procurando por nós nestas ruas.

Lucilla achou que não se importava com a vida que levavam os habitantes das sarjetas desse planeta-sarjeta. Não confiava mais na explicação que a Irmandade dera para trazer o *ghola*. De todos os planetas onde esse precioso *ghola* podia ter sido criado, por que tinham escolhido exatamente esse? Será que o *ghola* era realmente valioso? Ou teria sido meramente uma isca?

Quase bloqueando a passagem na entrada de um beco ao lado deles, havia um homem manipulando um engenho comprido com luzes rodopiantes.

— Vivo! — apregoava. — Vivo!

Lucilla retardou o passo para observar um passante entrar no beco, depois de entregar uma moeda ao sujeito, e se inclinar sobre uma bacia côncava que as luzes tornavam brilhante. O proprietário do aparelho luminoso encarou Lucilla. Ela viu um

homem de face estreita e escura, a face de um Caladaniano primitivo num corpo somente um pouco mais alto que o de um Mestre *Tleilaxu*. Havia uma expressão de desprezo em seu rosto meditativo enquanto ele recebia o dinheiro do freguês.

O freguês ergueu o rosto da bacia com um estremecimento e então saiu do beco cambaleante, os olhos vidrados.

Lucilla reconheceu o engenho. Seus usuários o chamavam de *hipnobong* e era proibido em todos os mundos mais civilizados.

Burzmali apressou-se em afastá-la da vista do meditativo proprietário do *hipnobong*.

Chegaram a uma larga rua lateral com um portal bem no prédio da esquina.

Gente passava a pé por todos os lados e não havia sinal de veículos. Um homem alto estava sentado nos degraus que conduziam à porta do prédio da esquina, os joelhos dobrados junto ao queixo. Seus braços compridos estavam dobrados em torno dos joelhos, os dedos finos das mãos unindo-se com força. Usava um chapéu preto de aba larga para abrigar o rosto da iluminação da rua, mas o brilho de seus olhos sob a sombra do chapéu revelou a Lucilla que esse não era nenhum tipo de ser humano que ela já tivesse conhecido algum dia. Era alguma coisa a respeito da qual a *Bene Gesserit* só conseguira especular.

Burzmali esperou até que estivessem bem longe da figura sentada para satisfazer a curiosidade dela.

— Frutar — sussurrou. — É assim que eles chamam a si mesmos. Estão aqui em Gammu há muito tempo.

“Uma experiência dos *Tleilaxu*”, pensou Lucilla. “Uma falha que voltou da Dispersão.”

— Que é que eles estão fazendo aqui? — perguntou ela.

— Colônia de comerciantes, é o que dizem os nativos.

— Não acredite nisso. Eles são o produto do cruzamento de seres humanos com animais predadores.

— Ah, aqui estamos — disse Burzmali.

Guiou Lucilla por uma porta estreita, entrando num restaurante pouco iluminado. Isso era parte do disfarce. Lucilla sabia muito bem: Faça o que os moradores deste bairro costumam fazer. Mas ela não

gostaria de comer num lugar como este, não a partir do que podia interpretar pelos cheiros.

O lugar estivera cheio, mas começava a se esvaziar quando eles entraram.

— Este lugar foi muito recomendado — disse Burzmali enquanto se sentavam numa mecanofenda e esperavam que o cardápio fosse projetado.

Lucilla observou os fregueses saindo. Trabalhadores do turno da noite em fábricas e escritórios próximos, calculou. Pareciam ansiosos e apressados, talvez temerosos do que lhes pudesse acontecer se chegassem atrasados.

Como ficara isolada no Castelo, pensou ela. Não gostava nada do que estava descobrindo a respeito de Gammu. Que lugar sebento era essa lanchonete! Os

banquinhos junto do balcão à sua direita estavam lascados e riscados. O tampo da mesa fora esfregado com utensílios de limpeza de má qualidade que o tinham deixado arranhado até não poder ser mais limpo com a mangueira do aspirador que ela podia notar perto de seu cotovelo esquerdo. Não havia indício do limpador sônico mais barato para manter a higiene desse lugar. Restos de comida e outras evidências de deterioração tinham se acumulado nas fendas da mesa. Lucilla estremeceu. Não podia evitar o pensamento de que fora um erro separar-se do *ghola*.

O cardápio fora projetado e ela podia notar que Burzmali o estava lendo.

— Farei o pedido por você — ele disse.

O modo como Burzmali falou indicava que ele não queria que ela cometesse um erro ao pedir alguma coisa que uma mulher de Hormu não pediria.

Irritava-a sentir-se dependente. Era uma Reverenda Madre! Estava treinada para assumir o comando em qualquer situação, dona do seu próprio destino. Como isso tudo era cansativo. Ela gesticulou em direção à janela suja à sua esquerda, onde se via gente passando na rua.

— Estou perdendo fregueses enquanto demoramos, Skar.

“Isso está de acordo com meu papel.”

Burzmali quase suspirou. “Afinal!”, pensou. Ela recomeçara a agir como Reverenda Madre. Não conseguia entender-lhe a atitude abstrata, o modo como olhava para a cidade e sua gente.

Duas bebidas leitosas emergiram da fenda para cima da mesa. Burzmali tomou a sua num único gole. Lucilla testou a bebida com a ponta da língua, avaliando seu conteúdo. Uma imitação de cafeinato com um suco com sabor de nozes.

Burzmali gesticulou para cima com o queixo, indicando que ela devia beber rapidamente. Ela obedeceu, disfarçando uma careta ante os sabores químicos. A atenção de Burzmali voltava-se para alguma coisa além do ombro direito dela, mas Lucilla não se atrevia a olhar para trás. Isso não estaria de acordo com o papel que representava.

— Venha.

Ele colocou uma moeda sobre a mesa a saiu com ela apressadamente para a rua. Sorriu como um freguês ávido, mas havia preocupação em seus olhos.

O ritmo da rua tinha mudado. Havia pouca gente agora, e as portas envoltas em sombras transmitiam uma sensação de profunda ameaça. Lucilla lembrou-se de que devia parecer uma integrante de uma poderosa sociedade cujas componentes estavam imunes à violência comum das sarjetas e dos becos. As poucas pessoas na

rua de fato lhe abriam caminho, olhando os dragões de seu manto com todo o jeito de admiração.

Burzmali parou junto de uma porta.

Era como as outras ao longo da rua, ligeiramente recuada da calça e tão alta que parecia mais estreita do que realmente era. Um facho de segurança modelo antigo guardava a entrada. Aparentemente, nenhum dos sistemas mais modernos havia

chegado a esses cortiços. As próprias ruas eram testemunho disso: projetadas para carros de solo. Lucilla duvidava de que houvesse uma plataforma de pouso no telhado de algum prédio desse bairro. Não se podia ouvir nenhum som de tópteros ou de voadores. Mas se ouvia o som de música — um fraco sussurrar reminescente da semuta. Algo novo no vício da semuta? Esse certamente seria um lugar onde os viciados poderiam alojar-se.

Lucilla examinou a fachada do prédio enquanto Burzmali tomava sua frente e anunciava sua presença, interrompendo o feixe da porta.

Não havia janelas na fachada do prédio. Somente o fraco brilho dos olhos de vigilância e o lustro opaco de plasteel antigo. Eram olhos de vigilância antigos, notou Lucilla, muito maiores que os modelos modernos.

Uma porta oculta nas sombras girou para dentro sobre dobradiças silenciosas.

— Por aqui — disse Burzmali, enquanto estendia um braço para trás e a puxava com uma das mãos no ombro.

Entraram num corredor fracamente iluminado que tinha cheiro de comidas exóticas e essências amargas. Lucilla levou um momento identificando as coisas que lhe atingiam as narinas. Melange, sim, havia o inconfundível cheiro de canela. E

semuta, claro. Identificou o odor de arroz queimado e de sais químicos. Alguém estava disfarçando outro tipo de cozinha. Estavam fabricando explosivos nesse lugar.

Pensou em avisar Burzmali, mas reconsiderou. Não era necessário que ele soubesse, e podia haver ouvidos ocultos nesse espaço confinado.

Burzmali conduziu-a por um escuro lance de escadas com uma fraca tira luminosa ao longo do rodapé. No alto encontrou um botão oculto por trás de um conserto no reboco em ruínas da parede. Não se produziu som algum quando ele acionou o botão, mas Lucilla sentiu uma mudança nos movimentos à sua volta.

Silêncio. Era um novo tipo de silêncio em suas experiências. O silêncio da expectativa de luta ou violência.

Estava frio na escadaria e ela estremeceu, mas não do frio. Passos soaram além da porta, junto do remendo na parede.

Uma bruxa de cabelos grisalhos, usando um vestido amarelo, abriu a porta e olhou para eles.

— É você — ela disse, a voz trêmula.

Abriu caminho para que entrassem.

Lucilla olhou rapidamente à sua volta enquanto ouvia a porta fechar-se atrás dela. Estavam numa sala que uma pessoa pouco observadora poderia considerar pobre, mas essa aparência era superficial. Por baixo da aparente pobreza havia qualidade. A pobreza era outro disfarce. Esse lugar fora arrumado por uma pessoa muito exigente. Isto fica aqui e em nenhum outro lugar! Aquilo tem que ficar ali! A mobília e as quinquilharias pareciam um pouco gastas, mas quem morava ali não fazia objeções nesse sentido. O aposento estava melhor desse modo. Era esse tipo de ambiente.

Quem seria o dono do lugar? A velha? Ela estava caminhando penosamente para a porta à sua esquerda.

— Não queremos ser perturbados até o dia amanhecer — disse Burzmali.

A velha parou e se virou.

Lucilla observou-a com atenção. Seria outra que disfarçava, simulando uma idade avançada? Não. Nessa a idade era verdadeira. Cada movimento era inseguro, fraco — um tremor no pescoço, uma falha do corpo que a denunciava de um modo que ela não poderia evitar.

— Mesmo se for alguém importante? — perguntou a mulher com sua voz trêmula.

Os olhos piscavam quando ela falava e sua boca se abria apenas o mínimo necessário para emitir os sons, as palavras espaçadas como se as retirasse de algum lugar profundo em seu interior. Os ombros, curvados por anos passados dobrada sobre algum trabalho fixo, não se empertigavam o suficiente para que ela pudesse olhar Burzmali nos olhos. Olhava para cima, em direção às sobrancelhas, numa postura curiosamente furtiva.

— Que pessoa importante está esperando? — perguntou Burzmali.

A velha estremeceu e pareceu levar longo tempo para compreender.

— Gente importante vem aqui — ela disse.

Lucilla reconheceu os sinais corporais e falou porque Burzmali precisava saber:

— Ela é de Rakis!

O olhar curioso da velha voltou-se para Lucilla. Sua voz ancestral disse:

— Fui uma sacerdotisa, Senhora de Hormu.

— É claro que ela é de Rakis — disse Burzmali.

Seu tom de voz advertia para não questionar.

— Eu jamais poderia fazer-lhe mal — gemeu a velha.

— Ainda serve o Deus Dividido?

Novamente houve um longo atraso para que a mulher respondesse.

— Muitos servem o Grande Guldur — ela disse.

Lucilla comprimiu os lábios e examinou a sala uma vez mais. A velha fora muito reduzida em sua importância.

— Fico feliz por não precisar matá-la — disse Lucilla.

O queixo da velha caiu numa paródia de surpresa enquanto a saliva escorria de seus lábios.

Seria ela uma descendente dos Fremen? Lucilla deixou escapar sua repugnância num longo estremecimento. Essa escória humilhante fora moldada a partir de um povo que caminhava altivo e orgulhoso, um povo que lutava e morria com bravura.

Essa aqui morreria choramingando.

— Por favor, confiem em mim — disse a velha.

Virou-se e saiu.

— Por que você fez isso? — perguntou Burzmali, irritado. — É essa gente

que vai nos levar para Rakis!

Ela apenas olhou para ele, reconhecendo o temor em sua pergunta. Ele temia por ela. “Mas eu não cheguei a imprimi-lo”, pensou.

Com um sentimento de choque, Lucilla percebeu que Burzmali tinha reconhecido o seu ódio. “Eu os odeio!”, pensou. “Odeio o povo deste planeta!”

Era uma emoção perigosa para uma Reverenda Madre. E ainda assim queimava dentro dela. Esse planeta a tinha mudado de um modo que não desejara.

Não queria a compreensão de que tais coisas podiam acontecer. A compreensão intelectual é uma coisa. A experiência, outra bem diferente.

“Malditos sejam todos eles!”

Mas eles já estavam amaldiçoados.

Sentia uma dor no peito. Frustração! Não havia modo de escapar a essa nova consciência. Que teria acontecido com essa gente?

“Gente?”

As cascas permaneciam ali, mas eles não mais poderiam ser considerados como totalmente vivos. Eram perigosos, contudo. Terrivelmente perigosos.

— Devemos repousar enquanto podemos — disse Burzmali.

— Quer dizer que não tenho que fazer juz ao meu dinheiro?

Burzmali empalideceu.

— Aquilo que fizemos foi necessário! Tivemos sorte de ninguém nos deter, mas podia ter acontecido!

— E este lugar é seguro?

— Tão seguro quanto eu puder torná-lo. Todo o mundo aqui foi escolhido por mim ou por minha gente.

Lucilla encontrou um longo sofá que tinha o cheiro de antigos perfumes e se recostou nele para se livrar das emoções daquele ódio perigoso. Onde o ódio entrava, o amor poderia segui-lo! Ouviu Burzmali espreguiçando-se sobre as almofadas junto da parede. Logo ele estava respirando profundamente, mas Lucilla não conseguia pegar no sono. Continuava sentido multidões de memórias, coisas impulsionadas pelos outros que compartilhavam de seus depósitos internos de pensamentos. De repente uma visão interior lhe deu um vislumbre de ruas e rostos, gente andando sob o brilho da luz do sol. levou um momento para ela perceber que estava vendo aquilo de um ângulo peculiar — estava sendo carregada nos braços de alguém. Sabia que essas eram memórias pessoais suas. Podia lembrar quem a estava carregando, sentir a batida de seu coração e seu rosto morno.

Lucila sentiu o gosto salgado de suas próprias lágrimas.

E percebeu que Gammu a tinha tocado mais profundamente do que qualquer outra experiência que tivera desde seus primeiros dias nas escolas *Bene Gesserit*.

Guardado por fortes barreiras, o coração transforma-se em gelo.

— Darwi Odrade

Argumento diante do Conselho

Era um grupo dominado por violentas tensões: Taraza (usando uma armadura secreta sob os mantos e consciente das outras precauções que tinha tomado), Odrade (certa de que ia haver violência e por isso extremamente precavida), Sheeana (plenamente instruída quanto ao que podia acontecer ali e resguardada atrás de três Madres da Segurança que andavam em torno dela como uma armadura de carne), Waff (preocupado, achando que seu raciocínio podia ter sido prejudicado por algum artifício da *Bene Gesserit*), o

falso Tuek (demonstrando todos os sinais de estar a ponto de explodir em fúria) e nove conselheiros Rakianos de Tuek (todos altamente preocupados em conseguir a ascensão de suas famílias).

Somando-se a esse grupo, havia cinco acólitas guardiãs, criadas e treinadas para a violência física, todas mantendo-se juntas de Taraza. Waff fazia-se acompanhar de igual número dos novos Dançarinos Faciais.

Estavam reunidos na cobertura no topo do museu de Dar-es-Balat. Era um grande salão, com uma parede de *plaz* voltada para oeste cruzando um jardim suspenso de plantas delicadas. O interior estava mobiliado com divãs macios e decorado com objetos de arte da não-câmara do Tirano.

Odrade fora contra a inclusão de Sheeana no grupo, mas Taraza permanecera inflexível. O efeito que a jovem exercia sobre Waff e alguns membros do clero representava grande vantagem para a *Bene Gesserit*.

Escudos *dolban* baixavam-se sobre a longa fileira de janelas para filtrar o brilho do sol poente. O fato de o salão voltar-se para oeste revelava algo a Odrade. As janelas davam para as terras do crepúsculo, onde repousava o *Shai-hulud*. Um aposento focalizado no passado, na morte.

Ela admirou os *dolbans* diante dela. Eram placas negras achatadas, com apenas 10 moléculas de espessura, girando num meio líquido transparente. Regulados automaticamente, os melhores *dolbans* Ixianos admitiam apenas a passagem de um nível predeterminado de iluminação, sem impedir a visão do exterior. Artistas e comerciantes de antigüidades preferiam-nos ao sistema de polarização, sabia Odrade, porque deixavam passar todo o espectro da luz disponível. Sua instalação revelava os usos desse salão — um lugar de exibição para o melhor que houvesse no tesouro do Imperador-Deus. Sim, ali estava um vestido que fora usado pela escolhida para ser sua noiva.

Os sacerdotes conselheiros discutiam furiosamente entre si, numa extremidade do salão, ignorando o falso Tuek. Taraza mantinha-se por perto ouvindo. Sua expressão revelava que ela os julgava todos.

Waff mantinha-se junto ao seu séquito de Dançarinos Faciais, perto da ampla

porta de entrada. Sua atenção ia de Sheeana para Odrade, de Odrade para Taraza e, ocasionalmente, para a discussão entre os sacerdotes. Cada movimento de Waff traía suas incertezas. Será que a *Bene Gesserit* iria realmente apoiá-lo? Será que juntos poderiam dominar a oposição Rakiana por meios pacíficos?

Sheeana e sua escolta vieram colocar-se ao lado de Odrade. A jovem ainda mostrava uma musculatura fibrosa, mas estava encorpando e os músculos iam assumindo o padrão definido da *Bene Gesserit*. A superfície das maçãs do rosto ia se tornando mais arredondada sobre a pele cor de oliva, os olhos castanhos, mais luminosos. Entretanto, ainda havia reflexos vermelhos em seu cabelo castanho. A atenção que ela dedicava aos sacerdotes revelava estar avaliando aquilo que lhe fora revelado.

— Eles vão lutar realmente? — sussurrou ela.

— Escute o que dizem — respondeu Odrade.

— Que vai fazer a Madre Superiora?

— Observe-a com cuidado.

Ambas olharam para Taraza que se destacava em meio à sua escolta de acólitas musculosas. Taraza agora parecia divertida enquanto continuava a observar os sacerdotes.

O grupo Rakiano começara a discussão no jardim da cobertura e fora entrando à medida que as sombras do poente se tornavam mais longas. Respiravam agitados, murmuravam por vezes e então

erguiam as vozes. Será que não percebiam como o falso Tuek os vigiava?

Odrade voltou sua atenção para o horizonte, visível além do jardim. Não havia sinal de vida lá no deserto. Em qualquer direção em que se olhasse a partir de Dar-es-Balat, só se viam areia e vazio. As pessoas ali nascidas e criadas tinham uma visão da vida e de seu planeta diferente daquela da maioria desses sacerdotes. Esse não era o Rakis dos cinturões verdes e dos oásis irrigados, que se agrupavam nas altas latitudes como pétalas de flores apontando para as trilhas do deserto. Lá, além de Dar-es-Balat, se encontrava o deserto equatorial a se estender como um cinturão em volta do planeta inteiro.

— Já ouvi o bastante dessa tolice! — explodiu o falso Tuek. Puxou para o lado, violentamente, um dos conselheiros e entrou no meio do grupo que discutia, virando-se para olhar cada um dos rostos. — Vocês ficaram malucos? Todos vocês?

Um dos sacerdotes (era o velho Albertus, por todos os deuses!) olhou na direção de Waff e disse:

— Sr. Waff! Quer por favor controlar seu Dançarino Facial?

Waff hesitou e depois caminhou em direção ao grupo que discutia, seu séquito a acompanhá-lo logo atrás.

O falso Tuek virou-se e apontou o dedo para Waff:

— Você! Fique onde está! Não aceitarei qualquer interferência *Tleilaxu*! Sua conspiração está muito clara para mim!

Odrade observava Waff enquanto o falso Tuek falava. Surpresa! O Mestre *Bene Tleilaxu* nunca fora tratado desse modo por um de seus asseclas. Que choque! A raiva desfigurou-lhe o rosto. Um zumbido, como o som de insetos irritados, saiu de sua boca, uma coisa modulada que era evidentemente algum tipo de linguagem. Os

Dançarinos Faciais da escolta ficaram imobilizados, congelados, mas o falso Tuek apenas voltou sua atenção para os conselheiros.

Waff parou de zumbir. A consternação tomou conta de seu rosto! Seu Tuek Dançarino Facial não se deixava dominar! Andou furioso na direção dos sacerdotes, mas o falso Tuek o viu e uma vez mais apontou a mão para ele, o dedo trêmulo.

— Eu lhe disse para ficar fora disto! Você pode ser capaz de me eliminar, mas não vai me enterrar em sua sujeira *Tleilaxu*!

Foi o suficiente. Waff parou, compreendendo afinal. Olhou para Taraza, cuja expressão de divertimento revelava que ela reconhecia suas dificuldades. Agora ele tinha um novo alvo para o seu ódio.

— Você sabia!

— Eu suspeitava.

— Você... você...

— Você o moldou muito bem — comentou Taraza. — Ele é sua criação.

Os sacerdotes ignoravam essa troca de palavras e gritavam para o falso Tuek, mandando-o calar-se e sair dali. Chamavam-no de “maldito Dançarino Facial”.

Odrade observou cuidadosamente o objeto desse ataque. A que profundidade chegaria a impressão? Estaria ele realmente convencido de que era Tuek?

Numa súbita interrupção das vozes, o mímico reuniu sua dignidade e olhou, cheio de desprezo, para seus acusadores.

— Vocês todos me conhecem — ele disse. — Todos têm consciência dos meus anos de serviço ao Deus Dividido que é o Único Deus. Irei ao encontro dele agora, se sua conspiração chega

a esse ponto, mas lembrem-se disto: Ele sabe o que se passa em seus corações!

Os sacerdotes voltaram-se para Waff como se fossem uma única pessoa.

Nenhum deles tinha visto o Dançarino Facial substituir seu Alto Sacerdote. Não houvera nenhum cadáver para ser visto. Toda a evidência eram vozes humanas dizendo coisas que poderiam ser mentiras. Um pouco tardiamente, vários deles olharam para Odrade. A voz dele fora uma daquelas que os tinham convencido.

Waff também estava olhando para Odrade.

Ela sorriu e se dirigiu ao Mestre *Tleilaxu*:

— Convém aos nossos propósitos que o posto de Alto Sacerdote não caia em outras mãos nesta ocasião — ela disse.

Waff imediatamente percebeu a vantagem para si próprio. Estava numa corda bamba entre o clero e a *Bene Gesserit*. E isso afastava um dos trunfos mais perigosos que a Irmandade tinha sobre os *Tleilaxu*.

— Convém aos meus propósitos também — ele disse.

Quando os sacerdotes ergueram uma vez mais suas vozes em fúria, Taraza entrou na deixa:

— Qual de vocês quebraria nosso acordo? — perguntou.

Tuek empurrou para o lado dois de seus conselheiros e caminhou ao encontro da Madre Superiora. Parou a um passo dela.

— Que jogo é esse? — perguntou.

— Nós o apoiamos contra aqueles que iriam derrubá-lo — ela disse.

— E a *Bene Tleilax* se une a nós. E nosso modo de demonstrar que também temos direito a votar na escolha do Alto Sacerdote.

Vários sacerdotes ergueram suas vozes ao mesmo tempo:

— Ele é ou não é um Dançarino Facial?

Com expressão benevolente, Taraza olhou para o homem diante dela:

— Você é um Dançarino Facial?

— É claro que não!

Taraza olhou para Odrade, que disse:

— Parece que houve um engano.

Odrade olhou para Albertus no meio dos outros sacerdotes e chamou:

— Sheeana, que é que a Igreja do Deus Dividido deve fazer agora?

Como tinha sido instruída a fazer, Sheeana saiu do meio da sua escolta e falou com toda a altivez que lhe tinham ensinado:

— Ela deve continuar servindo a Deus!

— O assunto deste encontro parece ter sido concluído — comentou Taraza.

— Se precisar de proteção, Alto Sacerdote Tuek, um grupo de nossas guardas estará à espera no corredor. Elas obedecerão ao seu comando.

Ela podia notar nele a aceitação e o entendimento. Ele se tornara uma criatura da *Bene Gesserit*. Não lembrava mais nada de suas origens como Dançarino Facial.

Depois que Tuek e os sacerdotes tinham saído, Waff dirigiu uma única palavra a Taraza, falando na linguagem do *Islamiyat*:

— Explique!

Taraza saiu do meio de sua guarda, fingindo tornar-se vulnerável. Era um movimento calculado que ela tinha debatido diante de Sheeana. Na mesma linguagem, respondeu:

— Nós renunciamos ao nosso domínio sobre a *Bene Tleilax*.

Aguardou enquanto ele avaliava essas palavras. Taraza lembrava-se de que o nome *Tleilax* podia ser traduzido como “os impronunciáveis”. Esse era um rótulo freqüentemente reservado apenas aos deuses.

Esse deus, obviamente, não havia estendido a descoberta que fizera aqui do que deveria estar acontecendo com seus outros substitutos ante os Ixianos e as Oradoras Peixes. Waff teria outras surpresas e outros choques no futuro. Parecia muito intrigado, contudo. Estava confrontando muitas perguntas sem respostas. Não estava satisfeito com os relatórios que recebera de Gammu. Agora estava fazendo um

jogo duplo muito perigoso. Será que a Irmandade fazia um jogo semelhante? Mas os *Tleilaxu* que estavam entre os Perdidos não poderiam ser afastados sem provocar um ataque das Honradas Madres. A própria Taraza lhe advertira quanto a isso. Será que o velho *Bashar* em Gammu ainda representava uma força digna de ser considerada?

Ele verbalizou essa pergunta.

Taraza respondeu com sua própria pergunta:

— Como alterou nosso *ghola*? O que vocês esperavam ganhar?

Ela tinha quase certeza de que já sabia. Mas a ilusão de ignorância era necessária.

Waff queria dizer: “A morte de todas as *Bene Gesserit*!” Elas eram perigosas demais. E no entanto seu valor era incalculável. Mergulhou num silêncio sorumbático, olhando para as Reverendas Madres com uma expressão meditativa que tornava suas feições de duende ainda mais infantis.

“Uma criança petulante, pensou Taraza. lembrou a si mesma que era perigoso subestimar Waff. Quebra-se a casca dos *Tleilaxu* apenas para encontrar outra casca por dentro — *ad infinitum*! Tudo levava de volta às suspeitas de Odrade com relação a discórdias que ainda poderiam provocar uma violência sangrenta dentro desse salão.

Será que os *Tleilaxu* tinham realmente revelado aquilo que haviam aprendido com as prostitutas e com os outros Perdidos? Será que o *ghola* era apenas uma arma potencial dos *Tleilaxu*?

Taraza resolveu sondá-lo uma vez mais, usando como abordagem a “Análise Nove” de seu Conselho. Ainda na linguagem do *Islamiyat*, ela disse:

— Você iria desonrar-se na terra do Profeta? Ainda não compartilhou abertamente tudo que disse que iria.

— Nós lhe contamos sobre o controle sexual.

— Não contaram tudo! — interrompeu ela. — E por causa do *ghola* e sabemos disso.

Ela podia perceber suas reações. Waff era uma animal encurralado. E um animal nessa situação era extremamente perigoso. Tinha visto uma vez um cão mestiço, um sobrevivente selvagem dos animais de estimação de Dan, ser encurralado por uma matilha de animais jovens. O animal voltou-se contra seus perseguidores, abrindo caminho para a liberdade com uma fúria totalmente inesperada.

Dois dos perseguidores tinham ficado aleijados para o resto da vida e somente um escapara sem ferimentos! Waff era como esse animal agora. Podia ver suas mãos procurando uma arma, mas os *Tleilaxu* e as *Bene Gesserit* tinham examinado uns aos outros com extremo cuidado antes de virem para cá. Sentia-se segura de que ele não tinha arma alguma.

Ainda assim...

Waff falou, depois de usar o suspense à sua maneira:

— Pensa que não conheço o modo como esperam governar-nos?

— E existe a podridão que a gente da Dispersão levou consigo — ela disse. —

A podridão interior.

As maneiras de Waff modificaram-se. Ele não ignorava as profundas implicações do pensamento *Bene Gesserit*. Mas não estaria ela semeando a discórdia?

— O Profeta deixou um localizador funcionando nas mentes de cada ser humano. Disperso ou não — disse Taraza. — Ele os trouxe de volta para nós com toda a podridão intacta.

Waff comprimiu os dentes. Que estaria ela fazendo? Imaginou se a *Bene Gesserit* não teria confundido sua mente com alguma droga secreta vaporizada no ar. Elas conheciam coisas que eram negadas aos outros! Olhou de Taraza para Odrade e de novo para Taraza. Sabia que era velho através das ressurreições em série como *ghola*, mas não velho do modo como o eram as *Bene Gesserit*. Essa gente era realmente antiga.

Elas raramente aparentavam a velhice, mas eram velhas, velhas além de qualquer coisa que se atrevia a imaginar.

Taraza estava tendo pensamentos semelhantes. Vira o brilho de uma consciência profunda nos olhos de Waff. A necessidade abria novas portas para a razão. Que profundidade teriam atingido os *Tleilaxu*? Os olhos dele aparentavam tamanha antigüidade! Ela tinha a impressão de que o que quer que tivesse sido um cérebro nesses Mestres *Tleilaxu* transformara-se numa outra coisa — uma hologravação da qual todas as emoções que pudessem enfraquecê-los tivessem sido apagadas. Taraza compartilhava da desconfiança em relação às emoções que suspeitava em Waff. Seria isso um laço de união entre eles?

“O tropismo dos pensamentos comuns?”

— Você diz que renunciou à vantagem que tinha sobre nós — resmungou Waff —, mas eu sinto seus dedos em torno de minha garganta.

— Então, eis um aperto em nossa garganta — replicou ela. — Alguns de seus Perdidos voltaram para vocês. Nenhuma Reverenda Madre regressou para nós vinda da Dispersão.

— Mas você disse que sabia tudo sobre...

— Nós possuímos outros modos de obter conhecimento. Que supõe ter acontecido com as Reverendas Madres que enviamos para a Dispersão?

— Um desastre comum?

Ele sacudiu a cabeça. Essa era uma informação absolutamente nova. Nenhum dos *Tleilaxu* que tinham retornado dissera coisa alguma a respeito. A discrepância alimentava suas suspeitas. Em quem deveria acreditar?

— Elas foram subvertidas — disse Taraza.

Odrade, ouvindo essa suspeita generalizada ser revelada abertamente pela Madre Superiora, sentiu o enorme poder implícito

na simples declaração de Taraza.

Sentiu-se intimidada. Conhecia os recursos, os planos de contingência, os modos improvisados a que uma Reverenda Madre era capaz de recorrer para superar barreiras. Alguma coisa lá fora era capaz de vencer tudo isso?

Como Waff não respondesse, Taraza disse:

— Veio ao nosso encontro com as mãos sujas.

— Atreve-se a dizer isso? — perguntou Waff. — Vocês, que continuam a minar nossos recursos pelos modos que lhes foram ensinados pela mãe do *Bashar*?

— Sabíamos que vocês poderiam tolerar suas perdas se contassem com recursos da Dispersão.

Waff inspirou, trêmulo. Então a *Bene Gesserit* sabia até disso? Percebia, em parte, como ela tinha descoberto. Bem, poderia encontrar um modo de colocar o falso Tuek novamente sob controle. Rakis era o prêmio que os Dispersos realmente buscavam, e isso poderia ser exigido dos *Tleilaxu*.

Taraza caminhou para ficar ainda mais perto de Waff, sozinha e vulnerável.

Viu sua guarda ficar tensa. Sheeana deu um passo em direção à Madre Superiora, mas Odrade a puxou de volta.

Odrade mantinha sua atenção na Madre Superiora e não em seus atacantes em potencial. Será que os *Tleilaxu* estavam realmente convencidos de que a *Bene Gesserit* iria servi-los? Taraza tinha testado os limites dessa crença, não havia dúvida disso. E

usando a linguagem do *Islamiyat*. Entretanto, parecia muito solitária, afastada de sua guarda e tão perto de Waff e sua gente. Aonde as óbvias suspeitas de Waff iriam conduzi-lo agora?

Taraza estremeceu.

Odrade percebeu isso. Quando criança, Taraza fora anormalmente magra e nunca tivera um quilo em excesso. Isso a tornava extremamente sensível a mudanças de temperatura, intolerante para com o frio. Odrade, contudo, não tinha sentido qualquer mudança de temperatura nesse salão. Então Taraza devia ter tomado uma decisão perigosa, algo tão perigoso que seu corpo a havia traído. Não perigoso para ela, é claro, mas para a Irmandade. Ali estava o crime mais terrível que uma *Bene Gesserit* poderia cometer: ser desleal para com sua ordem.

— Nós vamos servi-los de todos os modos, exceto um — disse Taraza. —

Jamais nos tornaremos receptáculos de *gholas*!

Waff empalideceu.

Taraza continuou:

— Agora e nunca nenhuma de nós jamais servirá de... — Ela fez uma pausa

— ... de tanque *axlotl*.

Waff ergueu a mão direita para iniciar um gesto que toda Reverenda Madre conhecia: o sinal para seus Dançarinos Faciais atacarem.

Taraza apontou para a mão erguida:

— Se completar esse gesto, os *Tleilaxu* perderão tudo. A mensageira de Deus

— Taraza indicou Sheeana — vai virar as costas a vocês e as palavras do Profeta serão pó em suas bocas.

Na linguagem do *Islamiyat*, tais palavras foram demais para Waff. Ele abaixou a mão, mas continuou olhando furioso para Taraza.

— Minha embaixadora disse que compartilharíamos tudo que sabíamos —

continuou Taraza. — Você também disse isso. A mensageira de Deus escuta com os

ouvidos do Profeta! E que diz o *Abdl* dos *Tleilaxu*?

Waff abaixou os ombros.

Taraza virou-lhe as costas. Era um movimento ensaiado, e as outras Reverendas Madres sabiam que ela o fazia agora em perfeita segurança. Olhando para Odrade do outro lado do salão, Taraza permitiu-se um sorriso que ela sabia que Odrade interpretaria corretamente. Hora de um pouco de punição *Bene Gesserit*!

— Os *Tleilaxu* desejam uma Atreides para procriação — ela disse. — Eu lhes dou Darwi Odrade. Mais lhe será fornecido.

Waff tomou uma decisão.

— Vocês podem achar que sabem muito sobre as Honradas Madres — ele disse —, mas vocês...

— Prostitutas! — exclamou Taraza, voltando-se para ele.

— Como quiser. Mas há uma coisa a respeito delas que suas palavras desconhecem. Eu selo nosso acordo contando-lhe isso. Elas são capazes de amplificar as sensações de uma plataforma orgásmica, trasmitindo-as através de um corpo masculino. Elas produzem um envolvimento sensual no homem. Ondas de orgasmo amplificadas são criadas e podem continuar... sob controle da mulher durante um extenso período.

— Envolvimento total?

Taraza não tentou esconder sua admiração.

Odrade também ouvia com um sentimento de choque, que ela percebia ser compartilhado pelas outras Irmãs presentes e até pelas acólitas. Somente Sheeana parecia não compreender.

— Eu lhe digo, Madre Superiora Taraza — disse Waff com um maligno sorriso de satisfação —, que nós duplicamos isso com nossa própria gente. Comigo mesmo! Em meu ódio, fiz com que o Dançarino Facial que fazia o papel de... mulher se destruísse. Ninguém... eu digo ninguém... pode possuir tal poder sobre mim!

— Que poder?

— Se tivesse sido uma dessas... uma dessas prostitutas, como as chama, eu teria obedecido a ela em tudo que ordenasse, sem questionar. — Ele estremeceu. —

Quase não tive forças para... para destruir. — Sacudiu a cabeça, espantado pela lembrança. — O ódio me salvou.

Taraza tentou engolir sentindo a garganta seca.

— Como...

— Como é feito? Muito bem! Mas antes de compartilhar desse conhecimento com vocês, eu as aviso: se alguma de vocês, algum dia, tentar usar esse poder contra nós, haverá uma matança! Nós preparamos nosso Domei e toda a nossa gente para responder assassinando cada Reverenda Madre que puderem encontrar ao menor indício de que pretendem exercer esse poder sobre nós!

— Nenhuma de nós faria isso, mas não é por causa de sua ameaça. Nós somos contidas pelo conhecimento de que tal coisa nos destruiria. Seu massacre sangrento

não será necessário.

— Oh, então por que isso não destrói essas... essas prostitutas?

— Mas destrói! Isso destrói tudo que elas tocam!

— Mas não me destruiu!

— Deus o protege, meu *Abdl* — disse Taraza. — Como ele protege a todos os fiéis.

Convencido Waff olhou à sua volta e de novo para Taraza.

— Que todos saibam que eu selo nossa união na terra do Profeta.

— Este é o modo como elas fazem... — Acenou com a mão para dois de seus Dançarinos Faciais. — Faremos uma demonstração.

Muito depois, quando Odrade se encontrava sozinha no salão da cobertura, ela se perguntou se teria sido sábio deixar Sheeana ver todo o espetáculo. Bem, por que não? Sheeana já estava decidida a se dedicar à Irmandade, e teria despertado as suspeitas de Waff mandá-la sair.

Houvera uma óbvia excitação sexual da parte de Sheeana enquanto ela assistia ao desempenho dos Dançarinos Faciais. As Inspetoras do Treinamento teriam que convocar seus assistentes masculinos mais cedo do que o normal para atenderem a Sheeana. E o que Sheeana faria então? Será que tentaria esse novo conhecimento com os homens? Era preciso criar-lhe inibições para impedir tal coisa! Devia aprender os perigos que isso representava para si mesma.

As Irmãs e acólitas presentes tinham se controlado muito bem, armazenando na memória tudo que viam. A educação de Sheeana devia ser construída em torno dessa observação. Outras dominavam tais impulsos interiores.

Os observadores Dançarinos Faciais tinham permanecido inescrutáveis, mas houvera muito a ser observado em Waff. Ele dissera que iria destruir os dois que faziam a demonstração, mas qual deles destruiria primeiro? Não iria sucumbir à tentação? Que pensamentos passavam em sua cabeça enquanto ele observava o

Dançarino Facial masculino debater-se num êxtase que anulava a mente?

De certo modo, a demonstração fazia Odrade lembrar-se da dança Rakiana que tinha visto na Grande Praça de Keen. A curto prazo, a dança fora deliberadamente destituída de ritmo, mas sua progressão criava um ritmo a longo prazo que se repetia a cada 200... passos. Os dançarinos haviam ampliado seu senso de ritmo a um grau extraordinário.

Como os demonstradores Dançarinos Faciais.

"*Siaynoq* transformou-se numa dominação sexual para incontáveis bilhões de pessoas durante a Dispersão!"

Odrade pensou na dança, no longo ritmo seguido pela violência caótica. A gloriosa união de energias religiosas de *Siaynoq* tinha evoluído para um tipo diferente de união. Ela pensou na reação excitada de Sheeana ao vislumbrar a dança na Grande Praça. lembrou-se de ter perguntado a Sheeana:

— Que é que eles compartilhavam lá embaixo?

— Os dançarinos, boba!

Esse tipo de resposta não era permitida.

— Eu já lhe avisei a respeito desse tom de voz. Quer aprender imediatamente o que uma Reverenda Madre pode fazer para puni-la?

As palavras repetiam-se como mensagens fantasmagóricas na mente de Odrade enquanto ela observava a escuridão crescente fora da cobertura em Dar-es-Balat. Uma grande solidão cresceu dentro dela. Todas as outras tinham saído da sala.

"Somente o objeto da punição permanece!"

Como os olhos de Sheeana brilhavam naquela sala acima da Grande Praça, a mente tão cheia de perguntas.

— Por que vocês vivem falando em sofrimento e punição?

— Você deve aprender sobre disciplina. Como poderá controlar os outros se não for capaz de controlar a si mesma?

— Eu não gosto dessa lição.

— Nenhuma de nós a aprecia muito... até bem depois, quando aprendemos a reconhecer o seu valor através da experiência.

Como fora pretendido, essa resposta agitou-se durante muito tempo na consciência de Sheeana. No final ela revelou tudo que sabia a respeito da dança.

— Alguns dançarinos escapam. Outros vão diretamente para *Shaitan*. Os sacerdotes dizem que eles vão para *Shai-hulud*.

— E que acontece com os que sobrevivem?

— Quando se recuperam, devem unir-se numa grande dança no deserto. Se *Shaitan* vier, então eles morrem. Se *Shaitan* não vier, são recompensados.

Odrade percebera o padrão. As palavras de explicação de Sheeana não tinham sido mais necessárias além desse ponto, muito embora fosse permitido que o recital continuasse. Como a voz de Sheeana estivera marcada pela amargura!

— Eles recebem dinheiro, um ponto num bazar, esse tipo de coisa. Os sacerdotes dizem que provaram ser humanos.

— E os que fracassam não são humanos?

Sheeana permanecera em silêncio por um bom tempo, mergulhada em seus pensamentos. Mas para Odrade a origem era clara: o teste de humanidade da Irmandade! Sua própria passagem para as

fileiras de uma humanidade aceitável dentro da Irmandade já fora duplicada em Sheeana. Como essa passagem parecia suave comparada com outras dores!

Na iluminação crepuscular da cobertura do museu, Odrade ergueu a mão direita e olhou para ela, lembrando-se da caixa de agonia e do *gom jabbar* apontado para o seu pescoço, pronto para matá-la se ela retirasse a mão ou gritasse.

Sheeana também não gritara. Mas ela já conhecia a resposta à pergunta de Odrade, muito antes de passar pela caixa de agonia.

— Eles são humanos, mas são diferentes.

Odrade falou alto no salão vazio, em meio à exposição dos tesouros da não-

câmara do Tirano.

— Que foi que você fez conosco, Leto? Será que você é apenas o *Shaitan* falando conosco? O que vai nos forçar a compartilhar agora?

“Será que a dança fossilizada iria transformar-se em sexo fossilizado?”

— Com quem está falando, Madre?

Era a voz de Sheeana na porta aberta do outro lado do salão. Seu manto cinzento de postulante era apenas uma forma vaga, tornando-se maior à medida que ela se aproximava.

— A Madre Superiora mandou-me vir procurá-la — disse Sheeana enquanto parava junto a Odrade.

— Eu estava falando comigo mesma — disse Odrade. Olhou para a garota, estranhamente quieta, lembrando-se da excitação do momento em que a pergunta crucial fora feita a Sheeana.

— Você quer ser uma Reverenda Madre?

— Por que está falando a si mesma, Madre?

Havia um bocado de preocupação na voz de Sheeana. As Instrutoras teriam as mãos cheias na hora de remover aquelas emoções.

— Estava me lembrando de quando perguntei se desejava ser uma Reverenda Madre — respondeu Odrade. — Isso me trouxe outros pensamentos.

— Disse que eu devo seguir sua orientação em todas as coisas, não escondendo nada, sem desobedecê-la em coisa alguma.

— E você disse: “É só isso?”

— Eu não sabia muita coisa, não é? Ainda sei muito pouco.

— Nenhuma de nós sabe, criança. Exceto que estamos todas juntas em uma dança. E *Shaitan* certamente virá se uma de nós fracassar.

Quando estranhos se encontram, devem-se levar em grande conta as diferenças de costumes e de treinamento.

Lady Jessica,

de “A Sabedoria de Arrakis”

A derradeira faixa de luz esverdeada sumiu no horizonte antes que Burzmali desse o sinal para irem em frente. Estava escuro quando chegaram ao outro lado de Ysai e à estrada perimetral que os levaria ao encontro do Duncan. Nuvens cobriam o céu, refletindo a iluminação da cidade sobre as formas dos barracos urbanos por entre os quais os guias os tinham conduzido.

Esses guias preocupavam Lucilla. Saíam de ruas laterais e surgiam de portas subitamente abertas para sussurrarem novas orientações.

Gente demais sabia a respeito, do casal de fugitivos e de seu encontro!

Lucilla conseguira dominar o ódio, mas o resíduo remanescente se traduzia numa desconfiança profunda com relação a cada pessoa que eles encontravam.

Ocultar isso atrás das atitudes mecânicas de uma *playfêmea* com seu freguês tornava-se cada vez mais difícil.

Havia uma camada de neve misturada com lama sobre a calçada, a maior parte espalhada pela passagem de carros de solo. Os pés de Lucilla ficaram gelados antes que os dois tivessem percorrido meio quilômetro e ela foi forçada a consumir energia para compensar o fluxo extra de sangue enviado às extremidades do corpo.

Burzmali caminhava em silêncio, a cabeça baixa, aparentemente perdido nas próprias preocupações. Lucilla não se deixava enganar. Ele ouvia cada som em torno deles, via cada veículo que se aproximava. Puxava-a para fora da calçada sempre que um carro se aproximava. Os carros passavam zunindo em seus suspensores e a neve suja voava, erguida pelas saias de borracha, tipo *hovercraft*, que envolviam os veículos, e lançada sobre a vegetação que cercava a estrada. Burzmali mantinha-a abaixada atrás dos montes de neve e do capim até se certificar de que o carro sumira de vista. Não que alguém dentro daqueles carros fosse ouvir ou ver muita coisa naquela velocidade.

Haviam caminhado por duas horas quando Burzmali parou e observou o caminho adiante. Seu destino era uma comunidade periférica, que lhes haviam descrito como sendo “totalmente segura”. Lucilla, contudo, não se iludia. Nenhum lugar em Gammu seria totalmente seguro.

Luzes amareladas lançavam um brilho nas nuvens adiante, marcando o local da comunidade. O avanço conduziu-os através de um túnel sob a estrada perimetral e subindo uma colina baixa,

plantada com algum tipo de bosque. Os ramos pareciam nus e secos à luz crepuscular.

Lucilla olhou para cima e viu que as nuvens começavam a se dissipar. Gammu tinha muitas luas pequenas — não-naves fortalezas. Algumas delas tinham sido instaladas por Teg, mas ela vislumbrava alguns grupos novos compartilhando do papel de guardiãs. Pareciam brilhar quatro vezes mais que as estrelas mais luminosas e freqüentemente viajavam juntas, o que tornava sua luz refletida útil, embora errática, já que elas se moviam muito depressa — atingiam o zênite e mergulhavam no horizonte em algumas horas apenas. Lucilla viu um cordão de seis dessas luas através de uma abertura nas nuvens, perguntando-se se seriam parte do sistema defensivo de Teg.

Momentaneamente, ela refletiu sobre a fraqueza inerente à mentalidade de sitiado representada por tais defesas. Teg estivera certo a respeito delas. Mobilidade, essa era a chave do êxito militar, mas ela duvidava de que ele com isso quisesse dizer mobilidade a pé.

Não havia esconderijos fáceis nessa colina coberta de neve, e Lucilla sentia o nervosismo de Burzmali. Que poderiam fazer ali se viesse alguém? Uma depressão coberta de neve descia do lugar onde se encontravam até a comunidade lá embaixo.

Não era uma estrada, mas ela achou que podia ser uma trilha.

— Vamos descer por este caminho — disse Burzmali, conduzindo-a pela depressão.

Afundaram na neve até os tornozelos.

— Espero que essa gente seja confiável — comentou Lucilla.

— Eles odeiam as Honradas Madres. Isso é o bastante para mim.

— É melhor que o *ghola* esteja aqui! — Lucilla conteve uma resposta ainda mais furiosa, mas não deixou de acrescentar: — O ódio deles não é o bastante para mim.

Seria melhor esperar pelo pior, pensou ela.

No entanto passara a encarar Burzmali de um modo tranquilizador. Ele era como Teg. Nenhum deles seguia um curso de ação que pudesse conduzi-los a um beco sem saída — não se o pudessem evitar. Ela suspeitava de que houvesse forças de apoio escondidas no capim em torno deles agora mesmo.

A trilha coberta de neve terminou num caminho pavimentado que se curvava para dentro a partir das bordas e era mantido livre da neve por um sistema de aquecimento. Havia um fio de umidade escorrendo no centro. Lucila deu vários passos sobre aquela via antes de reconhecer o que devia ser... uma magcalha. Era um antigo sistema de transporte magnético que servira para o transporte de matérias-primas ou mercadorias para fábricas nos dias anteriores à Dispersão.

— Vai ficando mais íngreme — advertiu Burzmali. — Eles esculpiram degraus sobre a superfície, mas é melhor ter cuidado. Eles não são muito profundos.

Daí a pouco eles alcançaram o final da magcalha. Terminava numa parede em ruínas — tijolos sobre um alicerce de *plasteel*. A luz fraca das estrelas num céu que clareava revelou o modo tosco como os tijolos tinham sido feitos — típica construção dos Tempos da Fome. A parede era uma massa de trepadeiras e manchas de fungo.

Mas a vegetação não conseguia ocultar as fendas nos tijolos e os esforços frustrados de preencher rachaduras com argamassa. Uma única fila de janelas estreitas abria-se sobre o local onde a magcalha desembocava numa massa de trepadeiras e arbustos.

Três das janelas brilhavam com uma iluminação azul-elétrica, enquanto sons de atividade nó interior eram acompanhados por

fracos estalidos.

— Isto era uma fábrica antigamente — disse Burzmali.

— Tenho olhos e memória — retrucou Lucilla.

Será que este macho resmungante a julgava totalmente desprovida de inteligência?

Alguma coisa estalou à sua esquerda. Um trecho de gramado e ervas ergueu-se do topo de um alçapão, acompanhado pelo brilho interior de uma forte luz amarela.

— Rápido!

Burzmali conduziu-a em rápida carreira pela vegetação espessa e eles desceram o lance de degraus revelado pela abertura do alçapão. A abertura fechou-se atrás deles com um ruído de máquinas.

Lucilla viu-se num amplo espaço com teto baixo. A luz provinha de fileiras compridas de modernos globos luminosos, suspensos de vigas maciças de *plasteel*. O

piso estava limpo, mas mostrava arranhões e denteados produzidos por alguma atividade — sem dúvida os locais das máquinas que tinham sido retiradas. Ela percebeu um movimento do outro lado do espaço aberto. Uma jovem usando uma versão do manto de dragão de Lucilla caminhou ao encontro deles.

Lucilla cheirou. Havia um fedor de ácido nesse lugar, com resíduos do odor de alguma coisa estragada.

— Isto era uma fábrica Harkonnen disse Burzmali. — Eu me pergunto o que será que eles fabricavam aqui.

A jovem parou diante de Lucilla. Era uma figura esguia, elegante nas formas e nos movimentos vislumbrados sob o manto justo. Um brilho subcutâneo provinha de sua face, revelando boa saúde e a

prática de exercícios. Seus olhos verdes, contudo, eram duros e arrepiantes no modo como avaliavam tudo que viam.

— Então elas mandaram mais de uma de nós para vigiar este lugar — ela disse.

Lucilla colocou a mão sobre o braço de Burzmali, contendo-o antes que ele respondesse. Essa mulher não era o que parecia. “Não mais do que eu sou!” Lucilla escolheu as palavras com cuidado.

— Nós sempre nos reconhecemos, parece.

A jovem sorriu.

— Eu a observei quando se aproximava. Não podia acreditar no que via. —

Olhou com desdém para Burzmali. — Esse aí devia ser um freguês seu?

— E guia — disse Lucilla.

Ela notou a expressão intrigada no rosto de Burzmali e rezou para que ele não fizesse a pergunta errada. Essa moça era um perigo.

— Não estávamos sendo esperados? — perguntou Burzmali.

— Ah, isso fala — disse a jovem, rindo.

Seu riso era tão frio quanto seus olhos.

— Prefiro que não se refiram a mim como “isso” — disse Burzmali.

— Eu chamo a escória de Gammu do que eu quiser — disse a garota. — Não me fale de suas preferências.

— De que me chamou?

Burzmali estava cansado e sua raiva ferveu ante esta ofensa inesperada.

— Eu o chamo do que quiser, escória!

Burzmali tinha sofrido o bastante. Antes que Lucilla pudesse detê-lo, soltou um grunhido e tentou esbofetear violentamente a jovem.

Mas não conseguiu.

Lucilla observou fascinada enquanto a garota se esquivava do ataque, pegava Burzmali pela manga como se pega um pedaço de pano flutuando ao vento e, numa pirueta cuja velocidade quase ocultou sua delicadeza de movimentos, o lançava

escorregando pelo piso. Depois a garota se agachou sobre uma das pernas, a outra pronta para um chute.

— Devo matá-lo agora — ela disse.

Lucilla, não sabendo o que poderia acontecer em seguida, curvou o corpo para o lado, evitando por pouco o pontapé da garota, e contra atacou com um golpe *Bene Gesserit* padrão que fez a jovem cair de costas, toda curvada sobre o abdômen, onde o impacto do golpe se fizera sentir.

— A idéia de que possa matar meu guia não é bem-vinda, qualquer que seja o seu nome — disse Lucilla.

Sem fôlego, a jovem afinal conseguiu falar espaçadamente:

— Eu me chamo Murbella, Grande Honrada Madre. A senhora me envergonha derrubando-me com um golpe tão lento. Por que fez isso?

— Você precisava de uma lição.

— Recebi meu manto há pouco tempo, Grande Honrada Madre. Por favor, perdoe-me. Eu lhe agradeço pela esplêndida lição e vou lhe

agradecer todas as vezes em que empregar essa sua resposta, que guardarei em minha memória.

Ela curvou a cabeça e então se colocou de pé rapidamente, com um sorriso travesso no rosto.

Com sua voz mais fria, Lucilla perguntou:

— Sabe quem eu sou?

Com o canto dos olhos ela viu Burzmali colocar-se de pé com dolorosa lentidão. Ele ficou afastado, observando as duas mulheres, com um ódio visível no rosto.

— Por sua habilidade em me ensinar essa lição, posso ver quem é a senhora, Grande Honrada Madre. Estou perdoada?

O sorriso travesso tinha desaparecido do rosto de Murbella. Ela ficou com a cabeça curvada.

— Está perdoada. Há uma não-nave a caminho?

— Assim dizem. Estamos preparadas para ela.

Murbella olhou para Burzmali.

— Ele ainda me é útil e é necessário que me acompanhe — explicou Lucilla.

— Muito bem, Grande Honrada Madre. Seu perdão inclui a menção do seu nome?

— Não!

Murbella suspirou.

— Nós capturamos o *ghola* — ela disse. — Ele veio pelo sul disfarçado de *Tleilaxu*. Eu estava a ponto de me deitar com ele quando chegou.

Burzmali caminhou trôpego em direção a elas. Lucilla notou que ele reconhecera o perigo. Este lugar “totalmente seguro” estava infestado de inimigos!

Mas os inimigos ainda sabiam muito pouco.

— O *ghola* não foi ferido? — perguntou Burzmali.

— Isso ainda fala — comentou Murbella. — Que estranho.

— Você não vai se deitar com o *ghola* — disse Lucilla. — Essa é minha tarefa especial!

— Eu o peguei, Grande Honrada Madre. E o marquei primeiro. Ele já está parcialmente dominado.

Ela riu uma vez mais, com um descaso frio que chocou Lucilla.

— Venham por aqui. Há um lugar de onde poderão observar.

Que vocês possam morrer em Caladan!

— *Antigo Brinde*

Duncan tentou lembrar-se de onde estava. Sabia que Tormsa estava morto.

Tinha visto o sangue esguichar dos olhos dele. Sim, lembrava-se disso claramente.

Eles tinham entrado num prédio escuro e de repente a luz se acendera em volta deles.

Duncan sentira uma dor na nunca. Um golpe? Tentou mexer-se e os músculos se recusaram a obedecer.

Lembrava-se de estar sentado à beira de um grande gramado. Estavam jogando um tipo de boliche — bolas esquisitas que

saltavam e corriam sem qualquer propósito aparente. Os jogadores eram jovens usando trajes comuns em Giedi Prime!

— Eles estão praticando para serem adultos — dissera ele.

Lembrava-se de ter dito isso.

Sua companhia, uma jovem, olhara para ele sem entender.

— Somente adultos praticam esses jogos ao ar livre — ele explicara.

— É?

Era uma pergunta que não se respondia. Ela demonstrou isso com o mais simples dos gestos verbais.

“E me entregou aos Harkonnen no instante seguinte!”

Então essa era uma memória pré- *ghola*.

“*Ghola*!”

Lembrava-se do Castelo da *Bene Gesserit* em Gammu. A biblioteca: holofotos e trifotos do Duque Atreides, Leto I. A semelhança com Teg não era acidental: um pouco mais alto, mas sob outros aspectos estava tudo ali — o rosto magro e comprido com o nariz fino, o renovado carisma dos Atreides...

Lembrou-se do último gesto galante do velho *Bashar* na noite de Gammu.

“Onde estou?”

Tormsa o trouxera para cá. Tinham andado por uma trilha coberta de vegetação nos arredores de Ysai. “Barony”. Começara a nevar antes que tivessem avançado 200 metros e a neve úmida grudava-se neles. Neve fria e miserável, que

deixou seus dentes batendo em questão de um minuto. Pararam para colocar os capuzes e fechar as jaquetas isoladas. Assim era melhor. Mas ia escurecer logo. Ficaria muito mais frio.

— Existe uma espécie de abrigo adiante — explicara Tormsa. — Vamos passar a noite lá.

Como Duncan não falasse, Tormsa acrescentou:

— Não vai ser quente, mas pelo menos estará seco.

Trezentos passos depois, Duncan viu a silhueta escura do lugar. Erguia-se sobre a neve suja com dois andares de altura. Reconheceu imediatamente: posto de contagem dos Harkonnen. Observadores ali postados tinham a responsabilidade de contar (e às vezes assassinar) as pessoas que passavam. Era feito de terra nativa transformada num gigantesco tijolo através do expediente simples de pré-moldá-la em lama e depois superaquecê-la com um queimador do tipo que os Harkonnen usavam para controlar motins.

Na medida em que se aproximavam, Duncan viu o que restara de uma completa tela defensiva com aberturas de lança-chamas apontadas para quem se aproximasse. Alguém destruíra esse sistema muito tempo atrás. Buracos rasgados na rede do campo estavam ocupados por arbustos. Mas as aberturas dos lança-chamas permaneciam abertas. Ah, sim... para dar às pessoas lá dentro uma visão de quem se aproximas-se.

Tormsa parou e ouviu, observando as cercanias com cuidado.

Duncan olhava para a estação de contagem. Lembrava-se dela muito bem. O

que o confrontava era uma coisa que tinha brotado como uma vegetação deformada a partir de uma semente tubular original. A superfície fora cozinhada para produzir um acabamento vítreo. Verrugas e protuberâncias revelavam os pontos onde fora superaquecida. A erosão das eras deixara finos arranhões, mas a

forma original permanecia. Ele olhou para cima e identificou parte do velho sistema de suspensores elevadores. Alguém tinha adaptado um guincho e uma roldana ao exterior.

Então a abertura da tela do campo era recente.

Tormsa desapareceu na abertura.

Como se um botão tivesse sido acionado, a visão na memória de Duncan modificou-se. Encontrava-se na biblioteca do não-globo junto com Teg. O projetor estava produzindo uma série de vistas da moderna Ysai. A idéia de moderno soava-lhe de modo curioso. Baronja tinha sido uma cidade moderna, considerando-se moderno algo tecnologicamente eficiente de acordo com as normas de sua época. Dependia exclusivamente de feixes suspensores para o transporte de gente e materiais — tudo a grande altura. Não havia entradas no nível do solo. Ele estava explicando tudo isso para Teg.

O projeto traduzira-se numa cidade que usava cada possível metro quadrado de espaço horizontal e vertical para outras coisas que não o movimento de pessoas e bens de consumo. As aberturas para os feixes suspensores exigiam apenas o espaço

suficiente para os ombros e as cabeças dentro dos casulos de transporte tipo universal.

Teg disse:

— A forma ideal é a cilíndrica, com teto chato para o pouso dos tópteros.

— Os Harkonnen preferiam quadrados e retângulos. Isso era verdade.

Duncan lembrava-se de que Baronja tivera uma paisagem aberta e desimpedida que o fizera estremecer. Os trilhos dos suspensores percorriam-na como buracos de vermes — retos, curvos, dobrando-se em ângulos oblíquos... para cima, para baixo, para os lados.

Exceto pela forma retangular imposta pelos Harkonnen, Baronja fora construída dentro de um critério voltado para o máximo alojamento de população: abrigar o máximo com o mínimo gasto de materiais.

— As coberturas planas eram os únicos espaços voltados para o bem-estar humano naquele maldito lugar! — lembrava-se de ter dito a Teg e Lucilla.

Lá em cima ficavam os apartamentos de cobertura, com estações de guarda em todas as extremidades, nas plataformas de tópteros, em todas as entradas que davam para a parte de baixo, em torno de todos os parques. Assim as pessoas que viviam nos topos dos prédios podiam ignorar a massa humana vivendo espremida logo abaixo delas. Não se permitia que qualquer ruído ou cheiro dessa confusão de carne apertada chegasse lá em cima. Os servos eram obrigados a se lavar e vestir roupas limpas antes de entrar no mundo superior.

Teg tinha uma pergunta:

— Por que essa massa humana aglomerada e comprimida aceitava viver nessas condições?

A resposta era óbvia e ele explicou. Viver fora da cidade era perigoso. E os governantes da cidade faziam parecer ainda mais perigoso do que realmente era. Além disso, poucos lá dentro sabiam alguma coisa a respeito de uma vida melhor lá fora. A única vida melhor que conheciam estava no alto. E o único caminho para o alto era o da mais total servidão.

“Vai acontecer e não há nada que você possa fazer a esse respeito!” Era outra voz ecoando dentro do Crânio de Duncan. Ele a ouvia claramente.

“Paul!”

Como era estranho, pensou. Havia uma arrogância nos prescientes que lembravam a arrogância de um *Mentat* apoiando-se em sua

lógica mais frágil.

“Eu nunca tinha pensado em Paul como arrogante”

Duncan olhou para o próprio rosto no espelho. Percebeu com parte de sua mente que esta era uma memória pré- *ghola*. De repente estava olhando para outro espelho, seu próprio rosto de certa forma diferente. Aquele rosto escuro e redondo começava a tomar as formas mais angulosas do amadurecimento. Olhou para os próprios olhos. Sim, aqueles eram seus olhos. Tinha ouvido alguém defini-los certa vez como profundos. Estavam fundamente alojados embaixo das sobrancelhas e protegidos por faces estufadas. Tinham lhe dito também que era difícil determinar se seus olhos eram azuis-escuros ou cinza-escuros, a menos que a iluminação fosse

ótima.

Uma mulher dissera isso. Não conseguia lembrar que mulher fora.

Tentou estender as mãos e tocar o próprio cabelo, mas as mãos não lhe obedeciam. Lembrou-se então de que seus cabelos tinham sido descorados. Quem fizera isso? Uma velha. Seu cabelo não era mais uma touca de caracóis escuros.

Lá estava o Duque Leto olhando para ele da porta da sala de jantar em Caladan.

— Nós vamos comer agora — dissera o Duque.

Era uma ordem real que deixava de parecer arrogante devido ao sorriso franco que dizia implicitamente: “Alguém tinha que dizer isso”

“Que está acontecendo com a minha mente?”

Lembrava-se de ter seguido Tormsa até um lugar onde ele dissera que uma não-nave desceria para encontrá-los.

Era um prédio volumoso dentro da noite, com várias construções menores abaixo da maior. Elas pareciam estar ocupadas. Vozes e

sons mecânicos podiam ser ouvidos, vindos de dentro delas. Mas nenhum rosto apareceu nas janelas estreitas.

Nenhuma porta se abriu. Duncan sentiu cheiro de comida sendo preparada ao passar pela maior das pequenas construções. Isso recordou-lhe que só tinham comido tiras secas de um material coriáceo que Tormsa chamara de “comida de virgem”

Entraram no prédio escuro.

As luzes se acenderam.

Os olhos de Tormsa explodiram em sangue.

Escuridão.

Duncan olhava para um rosto de mulher. Tinha visto um rosto como esse antes: um único segmento tridimensional tirado de uma seqüência holográfica mais longa. Onde estaria? Onde teria visto essa imagem?

Era um rosto quase oval, com um pequeno alargamento na testa prejudicando sua perfeição curva.

Ela disse:

— Meu nome é Murbella. Você não vai se lembrar disto, mas eu digo agora enquanto o marco. Eu o selecionei.

“Eu me lembro de você, Murbella”

Olhos verdes, bem separados sob sobrancelhas arqueadas, davam às feições dela um ponto focal que deixava o queixo e a boca pequena para serem observados depois. Os lábios eram grossos e ele sabia que formariam um beicinho quando em repouso.

Os olhos verdes olhavam bem nos seus olhos. Que olhar frio. E o poder que havia nele.

Alguma coisa tocou sua face.

Ele abriu os olhos. Isso não era memória! Estava acontecendo com ele, e acontecendo agora!

“Murbella!” Ela havia estado ali e o tinha deixado. Agora estava de volta.

Lembrava-se de ter acordado nu em cima de uma superfície macia... um leito. Suas mãos reconheceram isso. Murbella, despida, estava bem em cima dele, olhos verdes fitando-o com terrível intensidade. Ela o tocava simultaneamente em vários locais.

Um suave murmúrio escapava de entre seus lábios.

Sentiu a rápida ereção, dolorosa em sua rigidez.

Nenhuma força de resistência permanecia nele. As mãos dela moviam-se sobre seu corpo. A língua, e o murmúrio! Tudo à volta dele, a boca tocando-o, os mamilos esfregando-se em sua face, em seu peito. E quando tornou a ver os olhos dela percebeu neles uma intenção consciente.

Murbella tinha retornado e estava fazendo aquilo novamente!

Acima do ombro direito dela, percebeu uma ampla janela de *plaz,* Lucilla e Burzmali observavam de trás da barreira. “Um sonho?” Burzmali pressionava as palmas das mãos contra o *plaz*. Lucilla permanecia de braços cruzados, uma expressão de ódio misturado com curiosidade em seu rosto.

Murbella murmurou em seu ouvido direito:

— Minhas mãos são fogo.

O corpo dela ocultou os rostos atrás do *plaz*. Ele sentia o fogo onde quer que ela o tocasse.

De repente a chama engolfou sua mente. Lugares ocultos dentro dela se tornaram vividos. Ele viu cápsulas vermelhas, como cordões de salsichas brilhantes, passarem diante de seus olhos. Sentiu-se febril. Era uma cápsula que havia sido engolida, a excitação queimando através de sua consciência. Aquelas cápsulas! Ele as conhecia! Elas eram ele mesmo... elas eram...

Todos os Duncan Idahos, o original e a série de *gholas*, fluíram em sua mente.

Eles eram como cápsulas de sementes estourando, negando a existência de todos os outros, exceto de si mesmos. Ele se viu esmagado debaixo de um grande verme com rosto humano.

“Maldito seja, Leto!”

Esmagado, esmagado e esmagado... várias vezes.

“Maldito seja! Maldito seja! Maldito seja!”

Ele morrera sob a espada de uma Sardaukar. A dor explodiu num clarão engolido, logo em seguida, pela escuridão.

Ele morria na queda de um tóptero. Morria pela faca de uma assassina Oradora Peixe. Morria, morria e morria.

E vivia.

As memórias inundaram-no até ele admirar-se com o modo como podia conter todas elas. O encanto de uma filha recém-nascida aninhada em seus braços. Os odores almiscarados de uma companheira apaixonada. A cascata de sabores do vinho Daniano. O cansaço ofegante dos exercícios de solo.

“Os tanques *axlotl*!”

Lembrava-se nascendo vez após vez: luzes brilhantes e mãos mecânicas acolchoadas. Mãos faziam-no girar e, na visão desfocada de um recém-nascido, ele via um grande monte de carne

feminina — monstruoso em seu enorme volume quase imóvel... um labirinto de tubos escuros ligando o corpo dela a imensos *containers* de metal.

“Tanque *axlotl*?”

Respirou ofegante sob o domínio da série de memórias que o inundava.

“Todas aquelas vidas! Todas aquelas vidas!”

Agora se lembrava do que os *Tleilaxu* tinham plantado nele, a consciência submersa que separava apenas o momento de sedução por uma impressora *Bene Gesserit*.

Mas essa era Murbella e ela não era *Bene Gesserit*.

Mas ela estava pronta, ao seu alcance, e o padrão implantado pelos *Tleilaxu* dominou suas reações.

Duncan murmurou suavemente e a tocou, movendo-se com uma agilidade que chocou Murbella. “Ele não devia ser tão cooperativo! Não desse modo!” A mão direita de Duncan roçou os lábios da vagina, enquanto a mão esquerda acariciava a base da espinha de Murbella. Ao mesmo tempo a boca moveu-se suavemente sobre o nariz dela, descendo para os lábios, pela depressão da axila do braço esquerdo.

E todo o tempo ele murmurava suavemente num ritmo que pulsava pelo corpo dela, atraindo-a... enfraquecendo-a.

Ela tentou desprender-se dele enquanto ele aumentava o ritmo de suas respostas.

“Como ele sabia que devia tocar-me nesse ponto naquele instante exato? E

aqui? E ali? Oh, pela Rocha Sagrada de Dur! Como ele sabe tudo isso?”

Duncan reparou em como os seios dela se inchavam, e no congestionamento de seu nariz. Notou os mamilos rígidos, as aréolas escurecendo-se em torno deles.

Murbella gemeu e abriu as pernas.

“Grande Madre, me ajude!”

Mas a única Grande Madre de que ela podia recordar-se estava trancada em segurança na outra sala, impedida de ajudá-la por uma porta aferrolhada e uma barreira de *plaz*.

Uma energia desesperada fluiu através de Murbella e ela respondeu do único jeito que sabia: tocando, acariciando — usando todas as técnicas que aprendera com tanta diligência nos longos anos de seu aprendizado.

E a cada movimento seu o Duncan respondia com um contramovimento loucamente estimulante.

Murbella descobriu que não era mais capaz de controlar todas as suas respostas. Reagia automaticamente a partir de algum conhecimento entranhando em seu treinamento. Sentiu os músculos vaginais enrijecerem-se, a rápida liberação do fluido lubrificante. Quando Duncan a penetrou, ela ouviu a si mesma gemendo. Seus

braços, suas mãos, suas pernas, todo o seu corpo se agitava sob o controle dos dois sistemas de reação: a automação bem-treinada e a consciência profunda de outras demandas.

“Como ele fez isso comigo?”

Ondas de contrações extáticas começaram a alisar a musculatura de seu pélvis.

Ela sentiu a resposta imediata dele, a pancada de sua ejaculação. Isso acelerou suas próprias reações. As pulsações do êxtase partindo das contrações de sua vagina... para fora... para fora. O

êxtase engolfou todo o seu sistema sensorial. Ela viu um brilho branco propagar-se sobre suas pálpebras, cada músculo de seu corpo tremendo num êxtase que ela não imaginava pudesse sentir.

E outra vez aquelas ondas se espalhando.

Outra e outra vez.

Perdeu a conta das repetições.

Quando Duncan gemia, ela gemia também, e as ondas se propagavam uma vez mais.

E de novo...

Não havia mais sensação do tempo ou do ambiente ao redor, somente o mergulho naquele orgasmo infinito.

Ela queria que durasse para sempre e queria que parasse. Isso não devia estar acontecendo com uma mulher! Uma Honrada Madre não pode experimentar uma coisa dessas. Essas eram as sensações pelas quais os homens eram governados.

Duncan emergiu do padrão de reações que fora implantado nele. Havia outra coisa que devia fazer. Não conseguia lembrar-se do que era.

“Lucilla?”

Ele a imaginou morta diante de si. Mas essa mulher não era Lucilla; essa era...

essa era Murbella.

Restavam-lhe muito poucas forças. Levantou-se, separando-se de Murbella, e conseguiu ficar de joelhos. Suas mãos tremiam numa agitação que ele não era capaz de compreender.

Murbella tentou afastar Duncan de si e não o encontrou. Os olhos dela se abriram.

Duncan estava ajoelhado em cima dela. Ela não tinha mais idéia de quanto tempo se passara. Tentou reunir energias para se levantar e não conseguiu.

Lentamente o raciocínio voltou.

Olhou nos olhos de Duncan, sabendo agora quem devia ser esse homem.

Homem? Era apenas um rapazinho. Mas tinha feito coisas... coisas... Todas as Honradas Madres tinham sido advertidas. Havia um *ghola* armado com conhecimentos proibidos pelos *Tleilaxu*. Esse *ghola* devia ser morto!

Uma pequena descarga de energia fluiu em seus músculos. Ela conseguiu erguer-se sobre os cotovelos. Ofegante, procurando recuperar o fôlego, Murbella tentou rolar para longe dele e caiu de volta sobre aquela superfície macia.

Pela Rocha Sagrada de Dur! Esse homem não podia continuar vivendo! Ele era um *ghola* e podia fazer coisas permitidas apenas às Honradas Madres. Ela queria golpeá-lo e ao mesmo tempo queria puxá-lo de volta sobre seu corpo. “O êxtase!”

Sabia que faria qualquer coisa que ele lhe pedisse nesse momento. Faria por ele.

“Não! Devo matá-lo!”

Uma vez mais Murbella se ergueu sobre os cotovelos e daí conseguiu sentar-se. Sua visão enfraquecida voltou-se para a janela onde ela tinha deixado confinados a Grande Honrada Madre e seu guia. Eles ainda estavam lá, olhando para ela. O rosto do homem estava avermelhado. O rosto da Grande Honrada Madre continuava tão imutável quanto a própria Rocha de Dur.

“Como ela pode ficar lá depois do que viu aqui? A Grande Honrada Madre precisa matar este *ghola*!”

Murbella chamou a mulher atrás da janela de *plaz* e rolou em direção à porta trancada ao lado do leito. Quase não teve forças para destrancar a porta e abri-la antes de cair de costas. Seus olhos voltaram-se para o jovem ajoelhado. Gotas de suor brilhavam no corpo dele. Em seu corpo lindo...

“Não!”

O desespero a fez tentar levantar-se de novo. Ficou de joelhos e então, impulsionada pela pura força de vontade, Murbella ficou de pé. As forças voltavam, mas as pernas tremiam enquanto ela cambaleava em torno do leito.

“Eu vou fazer, eu mesma, sem pensar. Tenho que fazê-lo!”

O corpo dela oscilava de um lado para o outro. Murbella tentou firmar-se pelo tempo suficiente e acertar um golpe no pescoço dele. Conhecia este golpe de suas longas horas de prática. Ele esmagaria a laringe e a vítima morreria asfixiada.

Duncan evitou o golpe com facilidade, mas ele era lento... lento. Murbella quase caiu ao lado dele, mas as mãos da Grande Honrada Madre a salvaram.

— Mate-o! — disse Murbella, ofegante. — É aquele sobre quem nos avisaram.

É ele!

Murbella sentiu mãos sobre seu pescoço, os dedos pressionando violentamente os feixes nervosos sob suas orelhas.

E a última coisa que Murbella ouviu antes da inconsciência foi a Grande Honrada Madre dizendo:

— Não vamos matar ninguém. Este *ghola* vai para Rakis.

A pior competição em potencial para qualquer organismo vem dos membros de sua própria espécie. As espécies consomem necessidades. Seu crescimento é limitado pela necessidade que existir em menor quantidade. A condição menos favorável controla a taxa de crescimento. (Lei do Mínimo.)

— De "Lições de Arrakis"

O prédio erguia-se em uma larga avenida por trás de uma fileira de árvores e sebes floridas, muito bem cuidadas. As sebes tinham sido plantadas segundo um padrão de labirinto, com postes brancos da altura de um homem para definir as áreas plantadas. Nenhum veículo entrando ou saindo poderia acelerar além de um lento rastejar. A mente militar de Teg percebeu tudo isso enquanto o carro de solo blindado o levava até a porta. O Marechal-de-Campo Muzzafar, único ocupante além dele no banco de trás do carro, reconheceu a avaliação de Teg e disse:

— Estamos protegidos do alto por um sistema de feixes de flanco.

Um soldado em uniforme camuflado e com uma longa arma laser pendendo do ombro abriu a porta e ficou em posição de sentido quando Muzzafar saiu.

Teg o seguiu. Reconhecia esse lugar. Era um dos endereços "seguros" que a Segurança da *Bene Gesserit* lhe havia fornecido. Obviamente os dados da Irmandade estavam desatualizados. Recentemente desatualizados, pois Muzzafar não aparentou ter consciência de que Teg já pudesse conhecer esse local.

Enquanto andavam em direção à porta, Teg notou outro sistema de proteção que já existia em sua viagem de inspeção por Ysai. Era uma diferença de altura, quase indistinta, nos postes ao longo das sebes e das árvores. Esses postes eram escanalisadores operados de uma sala em algum lugar do interior do prédio. Seus dispositivos em forma de diamante sentiam a área entre eles e o prédio. E ao suave toque de um botão na sala de vigília escanalisadores

reduziriam a pedacinhos qualquer coisa viva que cruzasse seus campos.

Na porta, Muzzafar parou e olhou para Teg.

— A Honrada Madre que está a ponto de conhecer é a mais poderosa de todas as que vieram para cá. Ela não tolera outra coisa senão a mais completa obediência.

— Parece-me uma advertência.

— Acho que compreende. Chame-a de Honrada Madre e de nada mais.

Vamos entrar. Tomei a liberdade de mandar prepararem um novo uniforme para você.

A sala para onde Muzzafar o levou não tinha sido vista por Teg em sua visita anterior. Era pequena e cheia de caixas negras tiquetaqueantes, deixando pouco espaço para eles dois. Um único globo luminoso amarelo, no teto, iluminava esse lugar. Muzzafar ficou num canto enquanto Teg tirava o macacão sujo e amassado que usava desde o não-globo.

— Sinto não poder oferecer-lhe um banho — disse Muzzafar. — Mas não podemos atrasar-nos. Ela ficaria impaciente.

Uma personalidade diferente tomou conta de Teg com o uniforme novo. Era um traje negro familiar, até mesmo com os asteriscos na gola. Isso significava que ele devia aparecer diante dessa Honrada Madre como o *Bashar* da Irmandade.

Interessante. Sentia-se plenamente *Bashar* de novo. Não que o poderoso senso de identidade lhe houvesse escapado. O uniforme apenas o completava e o anunciava bem alto. Nesse traje, não havia necessidade de enfatizar de qualquer outro modo

quem era ele.

— Assim está melhor — disse Muzzafar, enquanto conduzia Teg para o corredor de entrada e através de uma porta de que ele se lembrava.

Sim, fora ali que se encontrara com seus contatos “seguros”. Tinha reconhecido a função da sala então e nada parecia ter mudado. Filas de microscópicos olhos eletrônicos guarneciam a interseção entre o teto e as paredes, disfarçados como tiras prateadas para guiar os globos luminosos flutuantes.

“Aquele que vigia não é visto”, pensou Teg. “E os vigias possuem um bilhão de olhos.”

Sua dupla visão revelou que havia perigo nesse lugar; mas nenhuma violência imediata.

Essas sala, com cinco metros de comprimento por quatro de largura, era um lugar para negociações de alto nível. Ali nunca havia troca de dinheiro vivo. As pessoas viam apenas os equivalentes portáteis da riqueza — melange talvez, ou leitosas pedras suaves do tamanho de um globo ocular, perfeitamente redondas e ao mesmo tempo macias e lustrosas, irradiando um arco-íris onde quer que a luz caisse sobre elas ou a carne as tocasse. Esse era um lugar onde um *danikin* de melange ou um saquinho de pedras suaves seria aceito como moeda. O preço de um planeta podia ser negociado com apenas um aceno da cabeça, um piscar de olho ou um murmúrio em voz baixa. Nenhuma carteira de notas jamais apareceria nesse lugar. A coisa mais próxima de moeda corrente poderia ser uma fina caixa de *translux* de cujo interior, protegido por veneno, sairiam finas folhas de cristal riduliano com grandes números inscritos nelas com impressão de que não se poderia falsificar.

— Isto é um banco — disse Teg.

— O quê? — Muzzafar estivera olhando para a porta fechada na parede oposta. — Oh sim, ela vai chegar dentro em breve.

— Ela está nos observando agora mesmo, é claro.

Muzzafar não respondeu, mas pareceu melancólico.

Teg olhou em volta. Será que alguma coisa tinha mudado desde a sua última visita? Não percebia qualquer alteração significativa. Perguntou-se se abrigos como esse tinham sofrido muitas modificações através das eras. Ali estava o carpete de orvalho no chão, tão macio quanto a plumagem inferior de um ganso e tão branco quanto o ventre de uma baleia. Refletia um falso senso de umidade que somente os olhos detectavam. Um pé descalço (não que esse lugar jamais tivesse visto um pé descalço) iria sentir uma secura acariciante.

Havia uma mesa estreita, com dois metros de comprimento, quase no centro da sala. O topo tinha quase 20 milímetros de espessura e Teg supôs que fosse de jacarandá Daniano. A superfície marrom-escura fora polida até adquirir um lustro que atraía o olhar, revelando por baixo veios semelhantes a correntes em um rio. Havia quatro cadeiras de recosto alto em torno da mesa, todas feitas do mesmo tipo de madeira trabalhada por um mestre artesão e estofadas no assento e no recosto com

couro de *lyr* do mesmo tom da madeira envernizada.

Somente quatro cadeiras. Mais seria exagerado. Ele não tentara sentar-se em uma das cadeiras antes e não tentou agora, mas sabia que deviam ser bem confortáveis

— quase tanto como uma desprezível cadeira-cão, mas não com o mesmo grau de suavidade e conformidade com o corpo, é claro. Muito conforto levaria ao relaxamento e essa sala, com sua mobília, dizia: “Fique confortável, mas permaneça alerta.”

Não é preciso apenas manter o bom senso num lugar como esse. Deve-se também dispor de um grande potencial de violência, pensou Teg. Chegara a essa conclusão anteriormente e sua opinião não mudara.

Não havia janelas, mas aquelas que ele tinha visto do exterior tremulavam com fios de luz — barreiras energéticas para repelir intrusos e evitar fugas. Tais barreiras, contudo, acarretavam seus próprios perigos, bem o sabia Teg, mas as implicações eram importantes. Só para manter o fluxo de energia era necessária uma força suficiente para iluminar uma grande cidade por todo o tempo de vida de seu morador mais idoso.

E não havia nada casual nessa exibição de riqueza.

A porta para a qual Muzzafar estava olhando abriu-se com um suave estalido.

“Perigo!”

Uma mulher usando um manto dourado brilhante entrou na sala. Fios de luz vermelho-alaranjada ondulavam no tecido.

“Ela é velha!”

Teg não esperava que a mulher fosse tão velha. Seu rosto era uma máscara enrugada. Os olhos eram profundos, verdes e gélidos, o nariz formava um bico alongado cuja sombra caía sobre os lábios finos e repetia o ângulo pronunciado do queixo. Uma touca negra cobria quase todo o seu cabelo grisalho.

Muzzafar curvou-se.

— Deixe-nos — ela disse.

Muzzafar saiu sem dizer uma palavra, usando a mesma porta pela qual tinha entrado. Quando a porta se fechou atrás dele, Teg disse:

— Honrada Madre.

— Então você reconhece este lugar como sendo um banco.

A voz dela tinha apenas um leve tremor.

— É claro.

— Existem sempre modos pelos quais se pode transferir grandes somas ou vender o poder — ela disse. — Não falo do poder que dirige as fábricas, mas do poder que governa as pessoas.

— E que geralmente recebe os estranhos nomes de governo, sociedade ou civilização — disse Teg.

— Eu suspeitava de que você devia ser muito inteligente — ela disse. Puxou uma cadeira e se sentou, mas não fez sinal para Teg fazer o mesmo. — Costumo

pensar em mim mesma como uma banqueira. Poupa um bocado de subterfúgios aborrecidos.

Teg não respondeu. Parecia não haver necessidade. Continuou a observá-la.

— Por que está olhando para mim desse modo? — indagou ela.

— Não esperava que fosse tão velha.

— Eh, eh, eh! Nós temos muitas surpresas para você, *Bashar*. Mais tarde uma jovem Honrada Madre pode murmurar seu nome para marcá-lo. Reze para Dur se isso acontecer.

Ele assentiu com a cabeça, não entendendo muito bem o que ela dizia.

— Este é um prédio muito antigo — comentou ela. — Eu o observei quando se aproximava. Isto o surpreende também?

— Não.

— Este prédio tem permanecido essencialmente igual por vários milhares de anos. Foi construído com materiais que ainda vão durar muito tempo.

Ele olhou para a mesa.

— Oh, não a madeira. Mas por baixo é *polastine*, *polaz* e *pormabat*. Os três P-Os nunca são desprezados quando necessários.

Teg permaneceu em silêncio.

— Necessidade — ela disse. — Faz objeção às coisas necessárias que foram feitas com você?

— Minhas objeções não vêm ao caso.

Aonde ela queria chegar? Estava observando-o, é claro. E ele a observava.

— Acha que outras pessoas já fizeram objeção ao que fez com elas?

— Indubitavelmente.

— Você é um comandante natural, *Bashar*. Creio que nos será muito valioso.

— Sempre me julguei muito valioso para mim mesmo.

— *Bashar*! Olhe nos meus olhos!

Ele obedeceu, vendo pequenas partículas alaranjadas deslizando pelo branco dos olhos dela. O senso de perigo era agudo.

— Se chegar a ver meus olhos totalmente alaranjados, cuidado! — ela disse. —

Terá me ofendido além da minha capacidade de tolerância.

Ele assentiu com a cabeça.

— Gosto que seja capaz de comandar, mas não pode comandar a mim! Você comanda a escória e essa é a única função que temos

para você.

— Escória?

Ela acenou com a mão num movimento negligente.

— Lá fora. Você os conhece. A curiosidade deles é estreita, limitada. Grandes problemas jamais penetram em suas consciências.

— Achei que era isso que queria dizer.

— Nós trabalhamos para mantê-los desse modo — explicou ela. — Tudo que destinamos a eles passa por um filtro estreito que exclui o que não tenha importância

imediata para a sobrevivência.

— Nada de grandes questões.

— Está chocado, mas isso não importa. Para aqueles que estão lá fora, a grande questão é: “Será que vou ter o que comer hoje? Será que terei um abrigo onde dormir esta noite, um lugar que não seja invadido por assaltantes ou bichos?” Luxo?

Luxo é possuir uma droga ou um membro do sexo oposto que possa, por algum tempo, manter as feras afastadas.

“E você é a fera”, pensou Teg.

— Estou dedicando este tempo a você, *Bashar*, porque percebo que pode vir a ser mais valioso para nós do que Muzzafar. E ele é, de fato, extremamente valioso.

Agora mesmo o estamos recompensando por tê-lo trazido para nós numa condição tão receptiva.

Como Teg continuasse em silêncio, ela riu.

— Não se julga numa condição receptiva?

Teg permaneceu calado. Será que tinham colocado alguma droga em sua comida? Percebia o tremular da segunda visão, mas os movimentos de violência haviam desaparecido como os pontos alaranjados nos olhos da Honrada Madre. Os pés dela deviam ser evitados, contudo. Eram armas mortais.

— Acontece apenas que você pensa do modo errado com relação à escória.

Felizmente eles são quase todos autolimitados. Sabem disso no mais profundo de suas consciências, e não podem dispor de tempo para dedicar a qualquer outra coisa que não seja a luta diária pela sobrevivência.

— E não se pode melhorá-los? — perguntou Teg.

— Oh, eles não devem ser melhorados! Nós cuidamos para que o auto-aperfeiçoamento permaneça como a grande moda entre eles. Mas nada para valer, é claro.

— Outro luxo que deve ser negado.

— Não, luxo não! Algo que não existe! Que deve ser escondido todo o tempo sob a barreira daquilo que chamamos de ignorância protetora.

— Aquilo que não sabe não pode magoá-lo.

— Não gosto do seu tom de voz, *Bashar*.

Novamente os pontos alaranjados dançavam nos olhos dela. A sensação de violência iminente diminuiu, contudo, enquanto ela ria.

— Aquilo de que deve acautelar-se é o oposto daquilo-que-você-não-sabe.

Nós ensinamos que o novo conhecimento pode ser perigoso. E você percebe a extensão óbvia: todo conhecimento novo é contrário à sobrevivência!

A porta atrás da Honrada Madre se abriu e Muzzafar retornou. Era um novo Muzzafar, com o rosto vermelho e os olhos brilhantes. Parou junto da cadeira ocupada pela Honrada Madre.

— Um dia poderei permitir que fique atrás de mim deste modo — ela disse.

— Está entre meus privilégios permitir isso.

Que teriam feito com Muzzafar? — perguntou-se Teg. O homem parecia drogado.

— Não percebe que possuo esse poder? — perguntou ela.

Teg pigarreou.

— Isso é óbvio.

— Eu sou uma banqueira, lembra-se? Acabamos de fazer um depósito em nome do nosso leal Muzzafar. Não nos agradece, Muzzafar?

— Sim, Honrada Madre.

A voz era rouca.

— Tenho certeza de que compreende esse tipo de poder de maneira generalizada, *Bashar*. A *Bene Gesserit* o treinou muito bem. Elas são bem talentosas, mas não, temo, tão talentosas quanto nós.

— E me disseram que vocês são bem mais numerosas — comentou ele.

— Nosso número não é a chave para o nosso poder, *Bashar*. Um poder como aquele de que dispomos tem uma forma de ser canalizado de modo a poder ser controlado por um pequeno número de pessoas.

Era como uma Reverenda Madre, pensou Teg, na maneira como parecia responder uma pergunta sem revelar muito.

— Na essência — continuou ela —, um poder como o nosso pode tornar-se a substância vital para a sobrevivência de muita gente. Então a ameaça de sua retirada é tudo de que precisamos para governá-los. — Ela olhou por sobre o ombro. —

Gostaria que lhe negássemos nossos favores, Muzzafar?

— Não, Honrada Madre.

Ele estava realmente tremendo!

— Vocês encontraram uma nova droga — disse Teg.

A risada dela foi espontânea, alta, quase estridente.

— Não, *Bashar*, nós dispomos de uma muito antiga.

— E vai fazer de mim um viciado?

— Como todos os outros que controlamos, *Bashar*. Você tem uma escolha: a obediência ou a morte.

— É uma escolha bem antiga — concordou ele.

Qual seria a ameaça imediata? Ele não podia sentir qualquer prenúncio de violência. Muito pelo contrário. Sua dupla visão mostrava-lhe vislumbres de algo com aspecto extremamente sensual. Será que elas pensavam que poderiam imprimi-lo ao modo de uma Impressora *Bene Gesserit*?

Ela sorriu para ele, a expressão de quem sabia muita coisa, mas com algo de gélido.

— Ele vai nos servir bem, Muzzafar?

— Acredito que sim, Honrada Madre.

Teg franziu a testa, pensando. Havia alguma coisa profundamente maligna naqueles dois. Eles se opunham a todo tipo de moral que servia a Teg como guia de

conduta. Era ótimo lembrar-se de que nenhum dos dois conhecia essa coisa estranha que havia acelerado suas reações.

Pareciam estar apreciando seu desconforto e sua perplexidade.

Teg obtinha algum consolo do fato de nenhum dos dois apreciar realmente a vida. Podia analisá-los claramente com olhos que tinham sido treinados pela Irmandade. A Honrada Madre e Muzzafar tinham esquecido, ou mais provavelmente abandonado, tudo que sustentava a existência de seres humanos felizes. Ele achou que provavelmente não eram mais capazes de sentir uma verdadeira alegria com seu próprio corpo. A vida deles era uma existência de *voyeurs*, de eternos observadores, sempre a se lembrarem de como tinham sido antes de ser tornarem o que quer que fosse aquilo em que se haviam convertido. Mesmo quando mergulhavam na representação de algo que um dia significara gratificação, eram obrigados a um esforço extremo para tentar recuperar alguma coisa de suas próprias memórias.

O sorriso da Honrada Madre ampliou-se, revelando uma fileira de dentes brancos brilhantes.

— Olhe para ele, Muzzafar. Não tem a menor idéia do que podemos fazer.

Teg ouviu isso, mas também viu com olhos treinados pela *Bene Gesserit*. Não havia um miligrama de ingenuidade em qualquer dos dois. Nada poderia surpreendê-los. Nada seria verdadeiramente novo para eles. Ainda assim, treinavam e maquinavam, esperando que esses extremos recuperassem as sensações de que se lembravam. Eles sabiam que isso não ia ocorrer, é claro, e esperavam obter da experiência somente mais ódio para moldar outra tentativa de buscar aquilo que estava fora de seu alcance. Era assim que funcionava a mente deles.

Teg sorriu para eles, usando todas as habilidades que a *Bene Gesserit* lhe havia ensinado. Era um sorriso cheio de compaixão, compreensão e autêntico prazer pela própria existência. Ele sabia que era o pior insulto que poderia dirigir a esses dois, e viu que tinha atingido o alvo. Muzzafar ficou rubro e a Honrada Madre passou do ódio, com os olhos alaranjados, a uma súbita surpresa, e então, bem lentamente, a um crescente prazer. Não tinha esperado por isso! Era alguma coisa nova!

— Muzzafar — ela disse, o laranja diluindo-se em seus olhos —, traga a Honrada Madre que foi escolhida para marcar o nosso *Bashar*.

Teg, com sua dupla visão revelando perigo imediato, compreendeu afinal.

Podia sentir o futuro próximo propagando-se como ondas na medida em que aquele poder crescia dentro dele A louca mudança continuava! Sentia a energia expandir-se.

E com ela vinha uma compreensão de suas escolhas. Via-se como um redemoinho açoitando esse prédio — corpos espalhados à sua passagem (os de Muzzafar e da Honrada Madre entre eles) e todo o complexo parecendo um matadouro enquanto ele partia.

“Devo fazer isso?”, perguntou-se.

Para cada um que matasse, mais teriam que ser mortos. Via a necessidade disso, contudo, tal como percebia o último desígnio do Tirano. A dor que podia ver

por si mesmo quase o fez chorar, mas ele se conteve.

— Sim, traga-me essa Honrada Madre — disse ele, sabendo que essa seria menos uma que teria de caçar e destruir dentro desse prédio.

A sala de controles dos escanalisadores deveria ser tomada em primeiro lugar.

E você, que sabe o que sofremos aqui, não nos esqueça em suas preces.

— Letreiro na entrada do Campo de Pouso de Arrakeen (Registros Históricos: Dar-es-Balat)

Taraza observou as flores levadas pelo vento flutuarem como flocos de neve no céu prateado da manhã Rakiana. Havia um brilho opalescente no céu que, a despeito de todas as instruções preparatórias recebidas antes de qualquer viagem, ela não tinha previsto. Rakis mostrava muitas surpresas. O cheiro de falsas laranjas era muito forte ali, na beira do jardim de cobertura de Dar-es-Balat, dominando todos os outros odores.

“Nunca acredite ter alcançado as profundezas de qualquer lugar. ou de qualquer ser humano”, lembrou-se.

As conversas tinham terminado, mas não os ecos dos pensamentos que haviam trocado alguns minutos atrás. Todos concordavam, contudo, em que era hora de agir. Logo Sheeana iria “dançar para um verme” e uma vez mais demonstrar-lhes seu domínio.

Waff e o novo representante dos sacerdotes iriam compartilhar desse evento sagrado”, mas Taraza não tinha certeza quanto a se eles conheciam a natureza real daquilo que estavam a ponto de testemunhar. Waff ainda tinha aquele ar de irritada descrença em tudo que via ou ouvia. Isso formava uma estranha mistura com a sua admiração subjacente por estar em Rakis. O catalisador era, obviamente, seu ódio pelo fato de saber que tolos governavam esse lugar.

Odrade voltou da sala de reunião e parou ao lado de Taraza.

— Estou extremamente preocupada com os relatórios de Gammu disse Taraza. — Traz alguma coisa nova?

— Não. As coisas ainda estão caóticas por lá.

— Diga-me, Dar, que acha que devemos fazer?

— Eu fico lembrando as palavras do Tirano a Chenoeh: “A *Bene Gesserit* está tão próxima do que deveria fazer e no entanto tão distante.”

Taraza apontou para o deserto além do *qanat* da cidade-museu.

— Ele ainda está lá, Dar, tenho certeza disso. — Voltou-se para encarar Odrade: — E Sheeana fala com ele.

— Ele disse tantas mentiras — comentou Odrade.

— Mas não mentiu sobre sua própria encarnação. Lembre-se do que ele disse:

“Cada parte descendente de mim levará um fragmento de minha consciência preso dentro dela, perdida e desamparada — pérolas de minha mente a se moverem loucamente pela areia, presas a um sonho interminável.”

— Está apostando forte em sua crença no poder daquele sonho.

— Devemos recuperar o projeto do Tirano! Todo ele!

Odrade suspirou mas não respondeu.

— Nunca substime o poder de uma idéia — disse Taraza. — Os Atreides sempre governaram com filosofia. E a filosofia é sempre perigosa, pois ela promove a criação de novas idéias.

Ainda assim Odrade não respondeu.

— O verme carrega isso tudo dentro dele, Dar! Todas as forças que ele colocou em movimento ainda estão lá.

— Está tentando convencer a mim ou a si mesma, Tar?

— Estou punindo você, Dar. Exatamente como o Tirano ainda nos pune.

— Por não sermos o que devíamos? Ah, aí vem Sheeana e os outros.

— A linguagem do verme, Dar. Isso é que é importante.

— Se diz assim, Madre Superiora.

Taraza olhou aborrecida para Odrade, que foi receber os recém-chegados.

Havia uma perturbadora melancolia em Odrade.

A presença de Sheeana, contudo, restaurou em Taraza o sentimento de propósito. Sheeana, aquela coisinha sempre vigilante. Material muito bom. Sheeana demonstrara sua dança na noite anterior, executando-a no grande salão do museu, sobre um fundo de tapeçarias. Fora uma dança exótica diante de cortinas exóticas de fibra de especiaria com a imagem do deserto e seus vermes. Sheeana parecia quase parte daquela imagem nas cortinas, uma figura projetada do meio daquelas dunas estilizadas e de seus vermes elaboradamente detalhados. Taraza lembrava-se de como o cabelo castanho de Sheeana se lançara nos movimentos rodopiantes da dança, girando num arco indistinto. A iluminação lateral acentuava os brilhos avermelhados do cabelo. Seus olhos estavam fechados, mas o rosto não tinha uma expressão de repouso. A excitação revelava-se na disposição apaixonada de sua boca ampla, na dilatação das narinas, no queixo erguido. Os movimentos revelavam uma sofisticação interior que não correspondia à sua juventude.

“A dança é a linguagem dela”, pensou Taraza. “Odrade está certa. Vendo, aprendemos”.

Waff tinha uma aparência retraída nessa manhã. Era difícil determinar se seu olhar se voltava para o exterior ou para o interior.

Com Waff estava Tulushan, um escuro e belo Rakiano, o escolhido dos sacerdotes para testemunhar o “evento sagrado” desse dia. Ao encontrá-lo na demonstração de dança, Taraza achara surpreendente que Tulushan nunca precisasse dizer “mas”, embora essa palavra estivesse presente em tudo aquilo que ele dizia. Um

perfeito burocrata. Realmente ambicionava ir longe, mas suas expectativas logo iriam encontrar a derradeira surpresa. Ela não sentia pena dele ao saber disso. Tulushan era um jovem de rosto redondo, com muito pouca capacidade para assumir tal posição de confiança. Não havia mais nada nele, além do que era visível, é claro. E menos ainda.

Waff caminhou para uma extremidade do jardim, deixando Odrade e Sheeana com Tulushan.

O jovem sacerdote era sacrificável, naturalmente. Isso explicava muito sobre os motivos pelos quais ele fora escolhido para esse empreendimento. Revelava a Taraza que ela atingira o nível adequado de violência potencial. Taraza não acreditava, contudo, que qualquer uma das facções do clero se atrevesse a fazer algum mal a Sheeana.

“Nós ficaremos junto de Sheeana”

Elas tinham passado uma semana agitada desde a demonstração das conquistas sexuais das prostitutas. Uma semana muito perturbadora quando se pensava nisso.

Odrade mantivera-se ocupada com Sheeana. Taraza teria preferido ver Lucilla incumbida dessa função educativa, mas era preciso fazer o que fosse possível com aquilo que se tinha em mãos, e Odrade, obviamente, era a melhor pessoa em Rakis para tais ensinamentos.

Taraza olhou em direção ao deserto. Estavam esperando pelos tópteros de Keen com suas cargas de Observadores Muito Importantes. Os OMIs ainda não estavam muito atrasados, mas

deviam ter deixado tudo para a última hora, como essa gente sempre fazia.

Sheeana parecia estar se saindo bem em sua educação sexual, embora a opinião de Taraza quanto aos homens da Irmandade em Rakis não fosse muito entusiástica.

Em sua primeira noite, Taraza solicitara os serviços de um desses servos masculinos e depois achara que ele lhe dera trabalho em demasia pelo pouco prazer e esquecimento que lhe proporcionara. Além disso, que havia para ser esquecido? Esquecer era tolerar a fraqueza.

“Nunca esqueça!”

Isso era o que faziam as prostitutas. Elas vendiam o esquecimento.

E não tinham a menor consciência do contínuo poder do Tirano sobre o destino humano, nem tampouco da necessidade de quebrar esse domínio.

Taraza tinha ouvido em silêncio a sessão do dia anterior entre Sheeana e Odrade.

“Que é que eu queria ouvir?”

A jovem e sua professora tinham estado lá fora no jardim da cobertura, sentadas uma de frente à outra em dois bancos, com um abafador Ixiano portátil ocultando suas palavras de qualquer um que não possuísse um tradutor decodificador.

O abafador de sons, flutuando em suspensores, pairava acima das duas como uma curiosa sombrinha, seu disco negro projetando distorções que ocultavam os movimentos precisos dos lábios e o som das vozes.

Para Taraza, dentro do grande salão de reuniões com o pequeno tradutor colocado sobre a orelha esquerda, a lição parecera uma

recordação igualmente distorcida.

“Quando me ensinaram estas coisas, ainda não tínhamos visto o que as prostitutas da Dispersão eram capazes de fazer”

— Por que falamos em complexidade do sexo? — perguntava Sheeana. — O

homem que me enviou na noite passada ficava dizendo isso.

— Muitos pensam que entendem, Sheeana. Mas talvez ninguém jamais tenha entendido, pois tais palavras exigem mais da mente do que cobram da carne.

— Por que não devo fazer nenhuma das coisas que vimos os Dançarinos Faciais fazerem?

— Sheeana, a complexidade oculta-se dentro da complexidade. Grandes proezas e coisas muito perversas já foram realizadas sob o estímulo das forças sexuais.

Nós falamos em “vigor sexual”, “energia sexual” e coisas como “o impulso supremo do desejo”. Não nego que tais coisas sejam observáveis. Mas o que estamos vendo aqui é uma força tão poderosa que poderia destruir você e tudo aquilo que você valoriza.

— É isso que estou tentando entender. Que é que as prostitutas estão fazendo de errado?

— Elas ignoram o funcionamento da espécie, Sheeana. Eu pensava que você já tivesse percebido isto. O Tirano certamente tinha consciência disso. Que era o seu Caminho Dourado senão uma visão das forças sexuais em seu trabalho de recriar interminavelmente os seres humanos?

— E as prostitutas não fazem isso?

— Elas tentam principalmente dominar seus mundos com essa força.

— Parecem estar conseguindo isto.

— Ah, mas e as forças contrárias que elas invocam ao fazê-lo?

— Eu não compreendo.

— Você conhece a Voz e o efeito que ela tem sobre certas pessoas.

— Mas ela não controla todo o mundo.

— Exatamente. Uma civilização que tenha sido sujeita à Voz durante um longo período acaba desenvolvendo meios de se adaptar a essa força, evitando a sua manipulação por parte daqueles que a utilizam.

— Então existem pessoas que sabem como resistir às prostitutas?

— Estamos percebendo indícios inconfundíveis disso. E essa é uma das razões que nos trouxeram a Rakis.

— E as prostitutas vão vir para cá?

— Temo que sim. Elas querem dominar o núcleo do Antigo Império, pois nos julgam uma conquista fácil.

— E não está com medo de que elas vençam?

— Elas não vão vencer, Sheeana. Confie nisso. Mas elas são boas para nós.

— Como podem ser?

O tom de voz de Sheeana refletia o próprio choque de Taraza ao ouvir essas palavras partindo de Odrade. De quanto Odrade suspeitaria? No instante seguinte Taraza compreendeu e se perguntou se essa lição seria igualmente compreensível para a jovem.

— O núcleo é estático, Sheeana. Nós sofremos uma estagnação quase completa por milhares de anos. E a vida e o movimento pertencem àquelas pessoas lá fora que resistem às Prostitutas no meio da Dispersão. O que quer que façamos, devemos tornar essa resistência ainda mais forte.

O som dos tópteros aproximando-se tirou Taraza do devaneio da lembrança.

Os OMIs estavam chegando a Keen. Ainda estavam a boa distância, mas o ar claro levava o som bem longe.

O método de ensinamento de Odrade era muito bom. Taraza teve que admitir isso enquanto esquadrinhava o céu em busca dos tópteros. Aparentemente eles se aproximavam a baixa altura, vindos do outro lado do prédio. Essa era a direção errada, mas talvez tivessem conduzido os OMIs numa breve excursão sobre os restos da muralha do Tirano. Muitas pessoas estavam curiosas quanto ao lugar onde Odrade encontrara o tesouro de especiaria.

Sheeana, Odrade, Waff e Tulushan voltaram para dentro do comprido salão de reuniões. Também tinham ouvido os tópteros. Sheeana estava ansiosa por demonstrar seu poder sobre os vermes. Taraza hesitou. Havia um som forte nos tópteros que se aproximavam. Estariam sobrecarregados? Quantos observadores teriam trazido?

O primeiro tóptero ergueu-se sobre o telhado da cobertura e Taraza viu a cabina blindada. Reconheceu a traição antes mesmo que o primeiro feixe de laser partisse da máquina, cortando-lhe as pernas abaixo dos joelhos. Ela caiu pesadamente de encontro a um arvoredo que crescia dentro de um vaso, as pernas totalmente separadas do corpo. Outro raio a atingiu, cortando em ângulo sobre seus quadris. O

tóptero passou sobre ela num abrupto rugido de jatos impulsores e fez uma curva brusca para a esquerda.

Taraza ficou agarrada na árvore, controlando a agonia. Conseguiu interromper a maior parte do fluxo de sangue para os ferimentos, mas a dor era muito grande. Não tão forte quanto a da agonia da especiaria, contudo. Isso ajudava, mas ela sabia estar condenada. Ouviu gritos e os sons múltiplos da violência em torno do museu.

“Eu venci!”, pensou Taraza.

Odrade veio correndo de dentro da cobertura e se curvou sobre Taraza. Ela não disse coisa alguma, mas Odrade mostrou que compreendia ao colocar a testa sobre a têmpora de Taraza. Era um antigo sinal da *Bene Gesserit*, e Taraza começou a verter sua vida para Odrade — as Outras Memórias, suas esperanças, seus temores...

tudo.

Uma delas ainda poderia escapar.

Sheeana observava da cobertura, permanecendo onde lhe haviam ordenado

que esperasse. Sabia o que estava acontecendo lá no jardim. Era o mistério final da *Bene Gesserit*, e cada postulante tinha conhecimento dele.

Waff e Tulushan já estavam fora do salão quando o ataque começara, e não voltaram.

Sheeana estremeceu, apreensiva.

De súbito, Odrade levantou-se e correu de volta para a cobertura. Havia uma expressão enlouquecida em seus olhos, mas ela agia com um propósito bem-definido.

Saltando, agarrou um punhado de globos luminosos, reunindo-os em feixes por seus cordões de amarração. Entregou vários feixes a Sheeana e esta sentiu o corpo tornar-se mais leve devido aos

campos suspensores dos globos. Arrastando outros conjuntos de globos para fora do alcance dos campos de fixação, Odrade correu para a extremidade mais estreita do salão, onde uma grade na parede indicava o que ela buscava. Com a ajuda de Sheeana, arrancou a grade e descobriu um profundo poço de ventilação. A luz dos globos luminosos revelava que as paredes interiores eram ásperas.

— Mantenha os globos juntos para conseguir o máximo efeito do campo! —

explicou Odrade. — Afaste-os para baixar. Vá.

Sheeana agarrou um punhado de globos com a mão suada e saltou para dentro do poço. Deixou-se cair e então, assustada, comprimiu os globos uns contra os outros. A luz acima dela revelou que Odrade a estava seguindo.

Lá embaixo, emergiram numa sala de bombeamento, com os sussurros de muitos ventiladores girando, espécie de fundo para os ruídos de violência vindos do exterior.

— Devemos chegar à não-câmara e de lá partir para o deserto — explicou Odrade — Todos esses sistemas de máquinas são interligados. Vai haver uma passagem.

— Ela está morta? — sussurrou Sheeana.

— Sim.

— Pobre Madre Superiora.

— Eu sou a Madre Superiora agora, Sheeana. Pelo menos temporariamente.

— Apontou para o alto. — Aquelas eram as prostitutas nos atacando. Precisamos correr.

O mundo é dos vivos. E quem são eles?

Nós enfrentamos as trevas para alcançar a claridade e o calor.

Ela era o vento, quando o vento ficava em meu caminho.

Viva ao meio-dia, morri com a sua forma,

Que se ergue da carne, no espirito que sai.

Um mundo supera o outro e tudo é luz.

— *Theodore Roethke (Citações Históricas: Dar-es-Balat)* Fora necessário muito esforço consciente da parte de Teg para ele transformar-se no redemoinho. Reconhecera, afinal, a ameaça das Honradas Madres.

E o reconhecimento se encaixava nas necessidades obscuras da nova consciência *Mentat* que o acompanhava nessa velocidade ampliada com que era capaz de se mover.

Uma ameaça monstruosa exigia uma reação monstruosa. O sangue respingou enquanto ele atravessava o prédio do quartel-general, matando a todos que encontrava.

Como tinha aprendido com a *Bene Gesserit*, o maior problema do universo humano resumia-se no modo como se controlava a procriação. Podia ouvir a voz de sua primeira professora enquanto levava a destruição por todo o prédio.

“Você pode pensar nisso apenas como sexualidade, mas nós preferimos o termo básico: procriação. Ela tem muitas facetas e muitas conseqüências, além de uma energia aparentemente ilimitada. A emoção a que chamam de 'amor' é apenas um aspecto menor.”

Teg esmagou a garganta de um homem que estava de pé, rígido em seu caminho, e afinal encontrou a sala de controle para as defesas do prédio. Havia apenas um homem sentado, a mão direita quase tocando um botão vermelho no console à sua frente.

Com uma cutelada de esquerda, Teg quase decapitou o homem. O corpo inclinou-se para trás em câmara lenta, os sangue jorrando do pescoço aberto.

“A Irmandade está certa em chamá-las de prostitutas.”

Era possível conduzir a humanidade em praticamente qualquer direção através da manipulação das imensas energias da procriação. Podia-se levar as pessoas a agirem de modos que nunca acreditariam serem possíveis. Uma de suas instrutoras dissera isso abertamente:

— Essa energia deve ter uma válvula de escape. Prenda-a e ela se tornará monstruosamente perigosa. Redirecione-a e ela varrerá tudo em seu caminho. Esse é o derradeiro segredo de todas as religiões.

Teg estava consciente de ter deixado mais de 50 corpos espalhados em seu caminho quando saiu do prédio. O último a morrer fora o soldado em uniforme de camuflagem, de pé na porta aberta, aparentemente a ponto de entrar no prédio.

Enquanto ele passava correndo por pessoas e veículos aparentemente imóveis,

sua mente acelerada teve tempo para refletir sobre o que deixara lá atrás. Haveria algum consolo no fato de a última expressão da vida da Honrada Madre ter sido de verdadeira surpresa? Será que poderia congratular-se com o fato de que Muzzafar nunca mais veria seu lar na árvore modelada?

A necessidade daquilo que fizera no espaço de umas poucas batidas de coração era clara, contudo, para uma pessoa treinada pela *Bene Gesserit*. Teg conhecia a história.

Havia muitos planetas paradisíacos no Antigo Império, e provavelmente mais ainda em meio aos mundos da Dispersão. E os seres humanos sempre pareciam capazes de tentar aquela

experiência tola. Nesses lugares as pessoas levavam uma vida de ócio.

Uma análise imediatista dizia que isso se devia ao clima ameno desses planetas. Ele achava isso estúpido. A verdade é que as energias sexuais eram facilmente liberadas em tais lugares. Deixe as Missionárias do Deus Dividido ou qualquer outra instituição eclesiástica entrar em um desses paraísos e o resultado será a violência extrema.

— Nós da Irmandade sabemos disso — dissera uma das professoras de Teg.

— Já acendemos esse estopim mais de uma vez com nossa Missionaria Protectiva.

Teg não parou de correr até se encontrar num beco a pelo menos cinco quilômetros do abatedouro que tinha sido o quartel-general da velha Honrada Madre.

Sabia que muito pouco tempo se passara, mas havia algo mais importante em que focalizar sua atenção agora. Não tinha morto todos os ocupantes do prédio. Havia olhos lá que tinham visto o que ele podia fazer. Viram-no matar Honradas Madres.

Viram Muzzafar cair morto em suas mãos. A evidência dos corpos deixados em seu caminho e a reprodução das gravações em baixa velocidade revelariam tudo.

Teg apoiou-se em uma parede. A pele fora arrancada da palma de sua mão esquerda. Deixou-se retornar ao tempo normal de reação e viu o sangue saindo do ferimento. Era quase negro.

“Mais oxigênio em meu sangue?”

Estava ofegante, mas não tanto quanto seria de esperar após uma atividade daquelas.

“Que está acontecendo comigo?”

Era alguma coisa vinda de sua ancestralidade Atreides, ele sabia. A crise empurrara-o para uma nova dimensão das capacidades humanas. E o que quer que fosse, a transformação era profunda. Podia enxergar agora muitas necessidades novas.

E as pessoas por que passara em sua corrida até esse beco tinham parecido estátuas.

“Será que algum dia vou pensar nelas como escória?”

Só aconteceria se ele deixasse acontecer, sabia muito bem. Mas a tentação estava lá, e ele se permitiu um breve sentimento de piedade para com as Honradas Madres. A Grande Tentação derrubara-as sobre sua própria escória.

Que fazer agora?

A principal linha de ação estava aberta para ele. Havia um homem em Ysai, um homem que certamente conhecia todas as pessoas de quem Teg precisava. Olhou para o beco. Sim, esse homem estava perto.

Um perfume de flores e ervas flutuou até ele de algum ponto desse beco.

Caminhou em direção ao perfume, consciente de que ele o conduziria aonde precisava ir e de que nenhum ataque violento o esperava ali. Esse era, temporariamente, um afluente calmo.

Chegou rapidamente à fonte do perfume. Era uma porta marcada por um toldo azul, com duas palavras em Galach moderno: “Serviços Pessoais”.

Teg entrou e percebeu imediatamente o que havia encontrado. Esses lugares podiam ser vistos em muitos pontos do Antigo Império: estabelecimentos que serviam refeições como nos tempos

ancestrais, sem usar autômatos na cozinha ou nas mesas. Em sua maioria eram lugares “in”. As pessoas contavam aos amigos sobre sua última “descoberta”, advertindo-os para não espalhar a novidade.

“Não queremos estragar o lugar fazendo-o ficar cheio de gente.”

Essa idéia sempre divertira Teg. As pessoas espalhavam a notícia sobre um lugar desses, mas o faziam sob o disfarce de manter o segredo.

Odores que faziam sua boca ficar cheia d'água emergiam da cozinha nos fundos. Um garçom passou com uma bandeja da qual se erguia vapor, prometendo boa comida.

Uma jovem de vestido preto curto e avental branco veio ao encontro dele.

— Por aqui, senhor. Temos uma mesa vaga no canto.

Ela puxou uma cadeira para que Teg se sentasse com as costas para a parede.

— Alguém virá atendê-lo num minuto, senhor. — Passou-lhe uma folha dura de papelão barato. — Nosso cardápio está impresso, senhor. Espero que não se incomode.

Ele a observou sair. O garçom que tinha visto passou na direção oposta, a caminho da cozinha. A bandeja estava vazia.

Os pés de Teg o haviam conduzido até ali como se tivessem andado num trilho fixo. E ali estava o homem de quem precisava. Comendo na mesa ao lado.

O garçom tinha parado para falar com o homem que, Teg sabia, teria a resposta para o próximo movimento que deveria fazer. Os dois riam juntos. Teg observou o resto do restaurante. Apenas mais três mesas estavam ocupadas. Uma velha sentava-se a uma das

mesas, mordiscando alguma coisa gelada. Vestia-se no que Teg julgou ser o máximo da moda no momento, um vestido justo vermelho com gola baixa. Os sapatos combinavam. Um jovem casal sentava-se a uma mesa à direita.

Nenhum dos dois via ninguém, exceto um ao outro. Um velho de túnica marrom justa, estilo antigo, comia um prato de vegetais verdes perto da porta. Só tinha olhos para a comida.

O homem que falava com o garçom riu alto.

Teg olhou para a parte de trás da cabeça do garçom. Tufos de cabelo louro projetavam-se da nuca como feixes arrancados do feno. O colarinho do homem estava puído embaixo dos tufos de cabelo. Teg abaixou os olhos. Os sapatos do garçom também eram gastos e a bainha de seu paletó fora remendada. Seria alguma

forma de economia neste lugar? Economia ou algum outro tipo de pressão econômica? Os odores vindos da cozinha não sugeriam qualquer forma de economia por lá. A mesa era limpa e brilhante. Não havia pratos rachados. Mas a toalha vermelha e branca sobre a mesa tinha sido remendada em vários lugares, com cuidado para igualar o tecido original.

Uma vez mais Teg observou os outros fregueses. Pareciam gente abastada.

Nada de pobres famintos. Não apenas era um lugar chique como fora projetado justamente para obter esse efeito. Havia uma mente muito habilidosa por trás de um estabelecimento como esse. Era o tipo de restaurante que jovens executivos revelavam para ganhar pontos diante de clientes em potencial ou para agradar um superior. A comida devia ser soberba, servida em porções generosas. Teg percebia que seus instintos o haviam guiado corretamente até esse lugar. Voltou a atenção para o cardápio, permitindo que afinal a fome penetrasse em sua consciência, uma fome tão violenta quanto aquela que deixara admirado o falecido Marechal-de-Campo Muzzafar.

O garçom apareceu ao lado dele com uma bandeja sobre a qual havia uma caixinha aberta e um jarro do qual subia um odor forte de óleo medicinal.

— Vejo que feriu a mão, *Bashar* — disse o homem. Colocou a bandeja sobre a mesa. — Permita-me fazer um curativo antes de ouvir seu pedido.

Teg ergueu a mão ferida e observou a rápida competência com que era realizado o curativo.

— Você me conhece? — perguntou Teg.

— Sim, senhor. E depois do que andei ouvindo me parece estranho vê-lo completamente uniformizado. Aí está!

Ele terminou o curativo.

— Que andou ouvindo? — perguntou Teg em voz baixa.

— Que as Honradas Madres o estão caçando.

— Acabei de matar algumas delas e muitos de seus... De que deveria chamá-los?

O homem empalideceu, mas falou com firmeza.

— Escravos seria uma palavra adequada, senhor.

— Você estava em Renditai, não estava?

— Sim, senhor. Muitos de nós nos estabelecemos aqui depois da guerra.

— Eu preciso de comida, mas não tenho como pagá-la.

— Ninguém de Renditai precisa do seu dinheiro, *Bashar*. Elas sabem que veio para cá?

— Não acredito que saibam.

— As pessoas que estão aqui são fregueses costumeiros. Nenhum deles o denunciaria. Vou tentar avisá-lo se entrar alguém perigoso. Que deseja comer?

— Um bocado de comida. Deixo por sua conta. Duas vezes mais carboidratos do que proteína. Nada de estimulantes.

— Que quer dizer com um bocado de comida, senhor?

— Vá trazendo até que eu lhe diga para parar... ou até que sinta que estou abusando de sua generosidade.

— A despeito das aparências, senhor, este estabelecimento não é um lugar pobre. As gorjetas tornaram-me um homem rico.

Um aspecto para avaliar, pensou Teg. A pobreza ali era uma pose calculada.

O garçom saiu e falou com o homem na mesa do centro. Teg observou o homem abertamente depois de o garçom entrar na cozinha. Sim, aquele era o homem.

A refeição concentrada em um prato cheio de uma pasta verde.

Esse homem demonstrava poucos sinais dos cuidados de uma mulher, pensou Teg. O colarinho fora abotoado de um modo descuidado, os feixes pendendo. Havia manchas de molho verde do lado esquerdo.

Ele era destro, mas comia com a mão esquerda. As calças tinham bainhas puídas, uma delas parcialmente solta da costura. As meias eram desiguais — uma azul e outra amarela clara. Nada disso parecia incomodá-lo. Nenhuma mãe ou qualquer outra mulher jamais o trouxera de volta da porta com ordem de se arrumar direito.

Sua atitude básica era anunciada em toda a sua aparência:

“O que está vendo é tão apresentável quanto poderia ser.”

O homem olhou para cima num movimento súbito, como se tivesse sido espetado. Olhou pela sala, parando para observar cada rosto como se procurasse alguém em particular. Feito isso, tornou a voltar sua atenção para o prato.

O garçom retornou com um prato de sopa clara com pedacinhos de ovo e vegetais verdes.

— Para comer enquanto estamos preparando o resto de sua refeição, senhor.

— Você veio para cá logo depois de Renditai?

— Sim, senhor. Mas também servi com o senhor em Acline.

— O 67º Gammu — disse Teg.

— Sim senhor!

— Nós salvamos muitas vidas naquela ocasião — comentou Teg. — As deles e as nossas.

Como Teg não começasse a comer, o garçom disse com uma voz um tanto fria:

— Vai querer um farejador, senhor?

— Não enquanto estiver me servindo — respondeu Teg. Falava com sinceridade, mas se sentia um pouco mentiroso porque sua dupla visão revelava que a comida era segura.

O garçom fez menção de se afastar, satisfeito.

— Um momento — pediu Teg.

— Sim?

— O homem na mesa do centro. É um de seus fregueses costumeiros?

— O professor Delnay? Oh, sim, senhor.

— Delnay? Sim, achei que era.

— Professor de artes marciais, senhor. E a história é a mesma.

— Eu sei. Quando chegar a hora de servir minha sobremesa, por favor, pergunte ao professor Delnay se ele quer me fazer companhia.

— Devo dizer a ele quem é o senhor?

— Não acha que ele já sabe?

— Isso parece muito provável, senhor. Ainda assim...

— Cautela onde deve haver cautela — disse Teg. — Traga-me a comida.

O interesse de Delnay fora despertado muito antes de o garçom transmitir-lhe o convite de Teg. As primeiras palavras do professor, enquanto se sentava diante do *bashar*, foram:

— Este é o mais extraordinário desempenho gastronômico que já vi. Com certeza de que vai poder comer a sobremesa?

— Duas ou três no mínimo — respondeu Teg.

— Espantoso!

Teg provou uma colher de um alimento que tinha a doçura do mel. Engoliu e então disse:

— Este lugar é um tesouro.

— Eu o tenho mantido como um segredo cuidadoso — explicou Delnay. —

Exceto por alguns amigos mais chegados, é claro. A que devemos a honra de sua visita? — Você já foi... ah, marcado por uma Honrada Madre?

— Deuses da perdição, não! Não sou suficientemente importante para isso.

— Eu estava pensando em lhe pedir para arriscar sua vida, Delnay.

— De que maneira?

Não havia hesitação na voz dele. Isso era tranqüilizador.

— Existe um lugar em Ysai onde meus antigos soldados se reúnem. Quero ir lá e ver o maior número deles que for possível.

— Passando por essas ruas, em uniforme completo como está agora?

— De qualquer modo que puder arranjar.

Delnay colocou um dedo sobre o lábio inferior e se inclinou para trás da cadeira, de modo a poder observar Teg.

— Você não é uma figura fácil de se disfarçar, sabe muito bem. No entanto, pode haver um modo. — Assentiu com a cabeça, pensativo. Sim. — Depois sorriu.

— Temo que não vá gostar.

— Que é que tem em mente?

— Alguns acolchoados, algumas almofadas, outras alterações. Você passaria por um capataz Bordano. Vai ter que cheirar a esgoto, é claro. E fingir que não repara.

— Por que acha que desse modo teremos sucesso?

— Oh, vai haver uma tempestade esta noite. Coisa costumeira nesta época do ano. Descarregando umidade para as colheitas a céu aberto do próximo ano. E

enchendo os reservatórios para os campos aquecidos, você sabe.

— Eu não entendo o seu raciocínio, mas quando eu terminar outro desses doces vamos sair.

— Vai gostar do lugar onde vamos refugiar-nos da tempestade — disse Delnay. — Eu estou louco entrando numa coisa dessas, mas o proprietário aqui disse que eu devia ajudá-lo ou não voltar nunca mais.

Passava uma hora do anoitecer quando Delnay o conduziu ao ponto, fora forçado a usar boa parte de seus poderes mentais para ignorar o cheiro. Os amigos de Delnay haviam-no emplastrado de material dos esgotos, e depois secado. O processo de secagem com ar quente produzira a maior parte do cheiro.

Uma estação remota de monitoração do clima junto à porta do local de encontro revelou a Teg que a temperatura tinha caldo 15 graus na última hora. Delnay entrou na frente dele num salão abarrotado e barulhento, com o som de copos batendo. Teg parou para observar a estação ao lado. O vento estava soprando a 30

diques e a pressão barométrica cair olhou para um cartaz sobre a estação:

“Um serviço para os nossos fregueses.”

Presumivelmente um serviço para o bar também. Os fregueses que estivessem saindo poderiam ver o cartaz e resolver voltar para o calor e a camaradagem que haviam deixado.

Numa grande lareira no fundo do bar, havia um fogo verdadeiro queimando.

Madeiras aromáticas.

Delnay voltou, torceu o nariz ante o cheiro de Teg e o conduziu, contornando a multidão, até uma sala nos fundos com seu banheiro privativo. O uniforme de Teg, limpo e passado, estava lá sobre uma cadeira.

— Eu estarei no canto, junto da lareira, quando sair — disse Delnay.

— De uniforme completo, hein? — perguntou Teg.

— Só é perigoso lá na rua — disse Delnay.

Voltou por onde viera.

Daí a pouco Teg saiu e abriu caminho até junto da lareira, passando por grupos de pessoas que subitamente ficavam em silêncio ao reconhecê-lo. Comentários murmurados eram trocados através do bar. “O velho *Bashar* em pessoa!” “Oh sim, é Teg, servi com ele!” “Reconheceria aquele rosto e aquela figura em qualquer lugar.”

Os fregueses tinham se aglomerado junto ao calor da lareira. Havia um cheiro forte de roupa úmida e bafo de bebida.

Então a tempestade tinha atraído essa multidão para o bar? Teg olhou para muitos rostos de militares endurecidos por batalhas ao seu redor, pensando que essa não era uma reunião costumeira, não importava o que Delnay havia dito. As pessoas ali se conheciam, contudo, e haviam marcado encontro para essa hora.

Delnay estava sentado em um dos bancos junto à lareira, um copo contendo uma bebida cor de âmbar na mão.

— Você passou o aviso para nos encontrarmos aqui? — perguntou

— Não é o que desejava, *Bashar*?

— Quem é você, Delnay?

— Eu tenho uma fazenda de inverno alguns cliques ao sul daqui, e tenho amigos banqueiros que às vezes me emprestam um carro de solo. Se quer que eu seja mais específico, sou como o resto das pessoas nesta sala: alguém que deseja ver as Honradas Madres longe dos nossos pescoços.

Um homem atrás de Teg perguntou:

— É verdade que matou uma centena deles hoje, *Bashar*?

Teg disse secamente, sem se virar:

— O número foi muito exagerado. Pode me arranjar uma bebida, por favor?

Com sua grande altura, Teg esquadrinhou o salão enquanto alguém ia buscar-lhe um copo. Quando o colocaram em sua mão, era o que ele tinha esperado — um drinque azul Daniano. Esses velhos soldados conheciam o seu gosto.

O consumo de bebidas dentro do salão continuou, mas a um ritmo mais controlado. Eles estavam esperando que ele declarasse suas intenções.

A natureza gregária do ser humano ganhava um impulso natural numa noite tempestuosa como essa, pensou Teg. Reunam-se junto ao fogo na entrada da caverna, companheiros de tribo! Nenhum perigo passará por nós, especialmente quando as feras virem nosso fogo. Quantas reuniões semelhantes a essa não estariam ocorrendo em Gammu esta noite?, perguntou-se ele provando da bebida. O mau tempo poderia disfarçar movimentos que seus companheiros de reunião não desejariam que fossem observados. O tempo também manteria fora das ruas certas pessoas que de outro modo estariam observando.

Teg reconheceu alguns rostos de seu passado — oficiais e soldados — um grupo misturado. A alguns ele associava boas lembranças: gente confiável. Alguns iriam morrer nessa noite.

O nível de ruído começou a aumentar à medida que todos iam ficando mais à vontade em sua presença. Ninguém o pressionava para obter uma explicação. Eles também conheciam esse detalhe a seu respeito. Teg guiava-se pelo seu próprio ritmo.

Os sons de riso e de conversa eram do tipo que deviam ter acompanhado reuniões como essa desde a aurora dos tempos, quando os seres humanos se aglomeravam em busca de proteção mútua. Copos tilintando, risadas súbitas, alguns risinhos mais controlados. Esses deviam ser os mais conscientes de seu poder pessoal.

Risos controlados revelavam uma pessoa que podia divertir-se, mas não precisa se fazer de tola alardeando esse divertimento. Delnay era uma delas.

Teg olhou para cima e viu que o teto, sustentado por vigas, era baixo, construído de acordo com as convenções. Fazia aquele espaço fechado parecer ao mesmo tempo mais amplo e mais aconchegante Houvera uma atenção cuidadosa com relação à psicologia humana na construção desse lugar. Era uma coisa que tinha observado muitas vezes nesse planeta. Um cuidado em manter as pessoas fora de guarda. “Faça-os sentirem-se seguros e confortáveis. Eles não estão, é claro, mas não

deixe que percebam isso.”

Por mais alguns momentos, Teg observou as bebidas sendo distribuídas por um grupo habilidoso de garçons: cervejas escuras produzidas lá mesmo e algumas bebidas importadas, caras. Espalhadas pelo bar, sobre as mesas iluminadas com luz indireta, havia tigelas contendo salgadinhos, frituras e picles. Esse movimento óbvio no sentido de promover a sede não ofendia ninguém. Era algo esperado nesse tipo de negócio. As cervejas

também deviam conter sal, é claro. Sempre continham. Os donos das cervejarias sabiam como aumentar o consumo.

Alguns dos grupos estavam começando a ficar agitados, falando alto. Era a bebida fazendo sua mágica ancestral. Baco dominava o ambiente! Teg sabia que se deixasse essa reunião seguir o curso natural haveria um ápice de animação e ruído no final da noite e então, gradualmente, muito gradualmente, o nível do ruído iria diminuindo. Alguém olharia para a estação meteorológica junto da porta e, dependendo do que visse, o lugar poderia esvaziar-se rapidamente, ou continuar como estava, num passo mais contido, por algum tempo. Percebeu então que em algum lugar desse bar devia haver um dispositivo para distorcer as leituras da estação meteorológica. Os proprietários não desprezariam esse artifício para aumentar o lucro.

“Faça-os entrar e os mantenha aqui por qualquer meio que não os ofenda.”

As pessoas que dirigiam o lugar iriam aliar-se às Honradas Madres sem piscar o olho.

Teg colocou de lado a bebida e disse em voz alta:

— Posso ter a atenção de vocês por favor?

Silêncio.

Até mesmo os empregados do bar interromperam o que estavam fazendo.

— Alguns de vocês vigiem as portas — ordenou Teg. — Ninguém sai, ninguém entra aqui até que eu dê a ordem. Aquelas portas dos fundos também, por favor.

Quando isso fora feito, ele olhou cuidadosamente para as pessoas no salão, escolhendo aquelas que sua dupla visão e a antiga experiência militar lhe diziam serem confiáveis. O que tinha a fazer

agora tornara-se claro. Burzmali, Lucilla e Duncan estavam lá, na extremidade de sua segunda visão, suas necessidades fáceis de discernir.

— Presumo que possam conseguir armas rapidamente — ele disse.

— Nós viemos preparados, *Bashar*! — gritou alguém no salão.

Teg percebeu o efeito da bebida naquela voz, mas também o velho efeito da adrenalina que essas pessoas tanto apreciavam.

— Nós vamos capturar uma não-nave — disse Teg.

Isso os fascinou. Nenhum Outro produto da civilização era mais bem guardado. Essas naves desciam em campos de pouso e outros lugares e partiam logo em seguida. Suas superfícies blindadas estavam sempre cheias de armas. As tripulações permaneciam em alerta constante nos lugares mais vulneráveis. Algum estratagema poderia ter sucesso; um ataque aberto seria impossível. Mas ali naquele

salão Teg havia atingido uma nova percepção, impulsionado pela necessidade e pelos genes loucos de sua ancestralidade Atreides. As posições das não-naves pousadas em Gammu e em torno do planeta eram-lhe visíveis. Pontos brilhantes preenchiam sua visão interior, como contas levando de um lugar a outro, mostrando o caminho para fora desse labirinto.

“Oh, mas eu não quero ir”, pensava ele.

A coisa que o impulsionava não podia ser contrariada.

— Especificamente, vamos capturar uma não-nave da Dispersão — ele disse.

— Eles possuem algumas das melhores. Você, você, você e você! — apontou, destacando os indivíduos. — Vocês vão ficar aqui e cuidar para que ninguém saia nem se comunique com qualquer

pessoa fora deste estabelecimento. Eu acho que vão ser atacados. Agüentem o quanto puderem. O resto de vocês, peguem suas armas e vamos.

Justiça? Quem clama por justiça? Nós fazemos nossa própria justiça. Nós a exercemos aqui em Arrakis — vencer ou morrer. Não vamos gritar por justiça enquanto tivermos armas e liberdade para usá-las.

— *Leto I: Arquivos de Bene Gesserit*

A não-nave aproximou-se em vôo baixo sobre as areias Rakianas. Sua passagem ergueu redemoinhos de poeira que rodopiaram em torno dela enquanto pousava esmagando dunas. O sol amarelo-prateado mergulhava num horizonte agitado pelas miragens causadas pelo calor de um dia longo e sufocante. A não-nave imobilizou-se e estalou, uma brilhante bola de aço cuja presença poderia ser detectada por olhos e ouvidos, mas não por qualquer ato de presciência ou instrumento de longo alcance. A dupla visão de Teg tornava-o confiante em que olhos indesejáveis não tinham visto sua chegada.

— Eu quero os tópteros blindados e os carros lá fora em menos de 10

minutos — ele disse.

Pessoas saltaram em ação atrás dele.

— Tem certeza de que eles estão aqui, *Bashar*?

A voz era a de um companheiro de copo do bar de Gammu, um oficial de confiança vindo de Renditai, cujo estado de espírito não era mais o de alguém em busca das emoções da juventude. Esse tinha visto velhos amigos morrerem combatendo em Gammu. Como a maioria dos outros que haviam sobrevivido para chegar a Rakis, ele deixara para trás uma família cujo destino não sabia agora qual ia ser. Havia um toque de amargura em sua voz, como se ele

estivesse tentando convencer-se de que fora enganado ao embarcar nessa aventura.

— Eles logo estarão aqui — disse Teg. — Vão chegar cavalgando no dorso de

um verme.

— Como sabe disso?

— Foi tudo arranjado.

Teg fechou os olhos. Não precisava dos olhos para enxergar toda a atividade à sua volta. Esse era como muitos outros postos de comando que tinha ocupado ao longo de sua vida: uma sala oval cheia de instrumentos e das pessoas que os operavam, oficiais aguardando ordens.

— Que lugar é esse? — perguntou alguém.

— Está vendo aquelas rochas ao norte — disse Teg. — Pode vê-las? Já foram um penhasco elevado. Era chamado de Armadilha de Vento. Havia um *sietch* Fremen ali, pouco mais que uma caverna agora. Alguns pioneiros Rakianos vivem nela.

— Fremen — sussurrou alguém — Deuses! Quero ver aquele verme chegando. Nunca pensei que fosse testemunhar uma coisa dessas.

— Outros de seus arranjos inesperados, hein? — perguntou o oficial, cada vez mais amargurado.

“Que diria ele se eu revelasse minhas novas habilidades?”, pensou Teg.

“Poderia pensar que ocultei motivos que não suportariam um exame minucioso. E

estaria certo. Esse homem está à beira de uma revelação. Será que continuaria leal se seus olhos fossem abertos?” Teg sacudiu a

cabeça. Esse oficial não teria escolha.

Nenhum deles tinha muita opção, exceto lutar ou morrer.

Era verdade, pensou Teg, que o processo de organizar conflitos envolvia sempre o ato de enganar as grandes massas. Como era fácil mergulhar na atitude das Honradas Madres.

“Escória!”

E iludir as massas não era tão difícil quanto alguns supunham. A maioria das pessoas queria ser liderada. Aquele oficial resmungando agora desejara isso. Havia instintos tribais muito profundos (motivações inconscientes muito poderosas) que respondiam por isso. E a reação natural quando se começava a perceber com que facilidade se fora arrastado numa aventura que depois causava o arrependimento era buscar bodes expiatórios. E o oficial lá atrás queria um bode expiatório agora.

— Burzmali quer vê-lo — disse alguém à esquerda de Teg.

— Agora não — ele respondeu.

Burzmali podia esperar, logo teria o seu dia como comandante. Enquanto isso ele representava uma distração. Haveria tempo depois para ele aproximar-se perigosamente do papel de bode expiatório.

Como era fácil criar bodes expiatórios e com que facilidade eles eram aceitos!

Tal atitude era particularmente atraente quando a alternativa era admitir a culpa, a estupidez ou ambas. Teg queria dizer isso a todos aqueles à sua volta.

— Procurem ver como foram logrados! Então conhecerão nossas verdadeiras intenções!

O oficial de comunicações à esquerda de Teg disse:

— Aquela Reverenda Madre está com Burzmali agora. Ela insiste em que recebam permissão para vê-lo.

— Diga a Burzmali que eu quero que ele volte e fique junto de Duncan —

disse Teg. — E mande ele dar uma olhada em Murbella e se certificar de que ela está bem presa. Lucilla pode vir.

“Tinha que ser.” — pensou Teg.

Lucilla tinha crescentes suspeitas a respeito das mudanças ocorridas com ele.

Era próprio de uma Reverenda Madre perceber diferenças.

Lucilla entrou num sussurro de mantos que acentuavam sua veemência. Estava furiosa, mas ocultava isso muito bem.

— Eu exijo uma explicação, Miles!

Era uma boa abordagem, pensou ele, e perguntou:

— Sobre o quê?

— Por que nós simplesmente não vamos lá e...

— Porque as Honradas Madres e seus companheiros *Tleilaxu* da Dispersão apoderaram-se da maioria dos centros Rakianos.

— Como... como você...

— Elas mataram Taraza, você sabe.

Ela se conteve, mas não por muito tempo.

— Miles, eu insisto em que me diga.

— Nós não temos tanto tempo assim. O próximo satélite que cruzar o céu vai nos mostrar pousados aqui.

— Mas as defesas de Rakis..

— São vulneráveis como qualquer outro tipo de defesa estática — ele disse. —

As famílias dos defensores estão aqui embaixo. Tome as famílias como reféns e você terá um controle efetivo sobre os defensores.

— Mas por que estamos parados aqui no...

— Para apanhar Odrade e aquela moça que está com ela. Ah, e o verme delas também.

— O que vamos fazer com um...

— Odrade saberá o que fazer com o verme. Ela é sua Madre Superiora agora, você sabe.

— Então vai nos levar para...

— Vocês vão aonde quiserem! Eu e minha gente ficamos para criar uma manobra diversiva.

Essa declaração produziu um silêncio profundo na estação de comando.

“Manobra diversiva”, pensou Teg. “Mas que termo inadequado.” A resistência que ele planejava criar produziria histeria entre as Honradas Madres, especialmente quando elas fossem levadas a acreditar que o *ghola* estava ali. Não somente elas contra-atacariam como recorreriam a procedimentos de esterilização. A maior parte de Rakis se tornaria uma ruína carbonizada. Havia pouca probabilidade de que qualquer ser

humano, verme ou truta da areia sobrevivesse.

— As Honradas Madres têm tentado localizar e capturar um verme sem sucesso — ele disse — Realmente não compreendo como elas podem ser tão cegas em sua concepção de como transplantá-los.

— Transplantar?

Lucilla estava boiando. Teg raramente vira uma Reverenda Madre tão pouco informada. Ela estava tentando concatenar as coisas que ele dissera. A Irmandade compartilhava de algumas das habilidades dos *Mentats*, ele observara. Um *Mentat* podia alcançar uma convicção válida sem ter dados suficientes. Ele pensou que estaria bem longe, fora do alcance dela (ou de qualquer outra Reverenda Madre!), muito antes que Lucilla tivesse reunido os dados de que precisava para obter uma conclusão. Então haveria uma correria atrás de sua prole! Elas pegariam Dimella para ser uma Madre Procriadora, é claro. E Odrade. Essa não ia escapar.

Elas tinham a chave para os tanques *axlotl* dos *Tleilaxu*, também. Seria apenas uma questão de tempo até que a Irmandade dominasse seus escrúpulos e conquistasse essa fonte de especiaria. Um corpo humano a produzia!

— Estamos correndo perigo aqui, então — comentou Lucilla.

— Algum perigo, é verdade. O problema com as Honradas Madres é que elas são muito ricas. E cometem os erros dos muito ricos.

— Prostitutas depravadas! — exclamou Lucilla.

— Sugiro que vá para a comporta de entrada — ele disse. — Odrade logo estará aqui.

Ela saiu sem dizer mais nada.

— Os blindados foram todos desembarcados e assumiram posições — disse o oficial de comunicações.

— Alerte Burzmali para estar pronto a assumir o comando aqui — disse Teg.

— O restante de nós sairá logo.

— O senhor espera que nós todos nos unamos ao senhor? — perguntou o que buscava o bode expiatório.

— Eu vou sair — disse Teg. — Vou sair sozinho se for necessário. Só aqueles que quiserem devem ir comigo.

Depois disso todos o seguiriam, pensou Teg. A pressão do grupo era algo que poucos compreendiam fora da *Bene Gesserit*.

O silêncio caiu sobre a estação de comando, exceto pelo fraco zumbido e os estalidos dos instrumentos. Teg começou a pensar nas “prostitutas depravadas”.

Não era correto defini-las como depravadas, pensou. Por vezes os demasiadamente ricos tornavam-se depravados. Isso vinha da crença de que o dinheiro (poder) pode comprar tudo e todos. E por que eles não deveriam acreditar nisso? Viam isso acontecer todo dia. Era fácil acreditar em absolutos.

“A esperança brota eterna e todo esse tipo de bobagem!”

Era como uma religião. O dinheiro pode comprar o impossível.

E ai vinha a depravação.

Não acontecia o mesmo com as Honradas Madres. Elas estavam, de certo modo, além da depravação. Tinham passado por ela, ele percebia. Mas agora se encontravam mergulhadas em alguma coisa muito além de mera depravação, e Teg se perguntou se realmente queria entender uma coisa dessas.

O conhecimento, contudo, estava lá, inescapável em sua nova consciência.

Nenhuma daquelas pessoas hesitaria um instante sequer antes de torturar um planeta inteiro se isso significasse algum lucro pessoal. Ou se o resultado fosse algum prazer imaginado. Ou se a tortura lhes proporcionasse mais alguns dias ou horas de vida.

Que é que lhes dava prazer? Que é que os gratificava? Elas eram como viciados em semuta. O que quer que simulasse o prazer para elas, elas precisavam de uma quantidade maior em cada ocasião.

“E elas sabem disso!”

Que ódio deviam sentir por dentro! Apanhadas numa armadilha dessas!

Tinham visto tudo, feito tudo e nada era suficiente — nenhum bem, nenhum mal.

Tinham perdido inteiramente a noção de moderação.

Mas eram perigosas. E talvez ele estivesse errado quanto a uma coisa: talvez elas não mais se lembrassem de como tinha sido antes daquela terrível transformação, antes do estranho estimulante de cheiro ácido que tingira seus olhos de laranja.

Memórias de memórias podem tornar-se distorcidas. Todo *Mentat* era sensibilizado quanto a essa falha.

— Lá está o verme!

Era o oficial de comunicações.

Teg girou no assento e olhou para a projeção. Um holograma em miniatura da paisagem exterior na direção sudoeste. O verme, com os dois pontos minúsculos de seus passageiros humanos, era uma lasca distante e em movimento ondulantes.

— Tragam Odrade aqui sozinha quando ela chegar — ele disse. — Sheeana é a jovem. Ela vai ficar para trás, a fim de ajudar a colocar o verme no porão da nave Ele vai obedecer a ela. Cuidem para que

Burzmali fique de prontidão por perto. Não vamos ter muito tempo para a transferência de comando.

Quando Odrade entrou na estação de controle, ainda respirava acelerado e tinha o cheiro do deserto, mistura de melange, pó de pedra e suor humano. Teg estava sentado em sua poltrona, aparentemente repousando. Seus olhos permaneciam fechados.

Odrade julgou ter surpreendido o *Bashar* numa atitude de repouso pouco característica dele, quase melancolicamente pensativo. Ele abriu os olhos então e Odrade viu a mudança a respeito da qual Lucilla só fora capaz de esboçar um aviso —

juntamente com algumas rápidas palavras a respeito da transformação do *ghola*. Que teria acontecido com Teg? Ele estava quase se exibindo para ela, desafiando-a a perceber o que lhe acontecera. O queixo erguido continuava firme numa atitude normal de observação. O rosto estreito, com sua rede de rugas, não tinha perdido

nada de sua aparência alerta. O nariz comprido e fino, tão característico de seus ancestrais Corrino e Atreides, tornava-se um pouco mais comprido com o avançar da idade. Mas o cabelo grisalho permanecia espesso, e aquela pequena elevação na testa atraía os olhos de um observador..

“Ah, os olhos dele!”

— Como sabia que nos ia encontrar aqui? — perguntou Odrade. — Nós não tínhamos idéia de aonde o verme nos levava.

— Existem poucos lugares habitáveis aqui no deserto meridional — disse Teg.

— Palpite de jogador. Este lugar perecia provável.

“Palpite de jogador?” Ela conhecia essa expressão *Mentat*, mas nunca conseguira entendê-la.

Teg levantou-se da poltrona.

— Pegue esta nave e vá para o lugar que vocês conhecem — ele disse.

“O planeta da Irmandade?” Ela quase fez essa pergunta e então pensou nos outros à sua volta, naqueles estranhos militares que Teg reunira em torno dele. Quem seriam? A breve explicação de Lucilla não a satisfizera.

— Nós mudamos um pouco os planos de Taraza — explicou Teg. — O *ghola* não vai ficar. Ele deve ir com vocês.

Ela compreendia. Elas iam precisar dos novos talentos de Duncan Idaho para enfrentar as prostitutas. Ele não era mais apenas uma isca para a destruição de Rakis.

— Ele não será capaz de deixar a proteção da não-nave, é claro — acrescentou Teg.

Ela assentiu com a cabeça. Duncan não tinha proteção contra investigadores prescientes, tais como... os navegadores da Corporação.

— *Bashar*! — Era o oficial de comunicações. — Fomos detectados por um satélite!

— Muito bem, seus ratos do deserto! — gritou Teg. — Todo o mundo para fora! Mandem Burzmali para cá.

Uma comporta na parte de trás do posto de comando se abriu e Burzmali entrou.

— *Bashar*, que vamos...

— Não há tempo! Assuma o comando! — Teg ergueu-se do assento de comando e fez sinal para que Burzmali o ocupasse. — Odrade lhe dirá para onde deve ir.

Num impulso que sabia ser parcialmente defensivo, Teg agarrou Odrade pelo braço esquerdo e a beijou na face, sussurrando:

— Faça o que é preciso, filha. Aquele verme no porão logo será o único no universo.

Odrade percebeu então: Teg conhecia todo o plano de Taraza e planejava executar até o fim as ordens de sua Madre Superiora.

“Faça o que é preciso” Isso dizia tudo.

O que estamos vendo não é um novo estado da matéria e sim uma relação recentemente reconhecida entre matéria e consciência, a qual nos fornece uma compreensão mais profunda do funcionamento da presciência. O oráculo molda a projeção de um universo interior para produzir novas probabilidades externas a partir de forças que ainda não compreendemos. Não é preciso entender essas forças para usa-las de forma a moldar o universo físico. Os antigos ferreiros não precisavam compreender as complexidades moleculares e submoleculares do aço, do bronze, do cobre, do ouro ou do latão. Eles inventavam poderes místicos para descrever aquilo que desconheciam, enquanto continuavam a operar suas forjas e empunhar seus martelos.

— *Madre Superiora Taraza, Argumento perante o Conselho* A antiga estrutura em que a Irmandade abrigava sua sede, seus arquivos e os escritórios de sua mais preciosa liderança não produzia ruídos noturnos comuns. Os ruídos eram mais como sinais que Odrade aprendera a interpretar com seus muitos anos de permanência ali. Um estalar tenso vinha de uma viga de madeira no piso que não era substituída há 800 anos. Ela se contraía à noite, produzindo esses sons.

Odrade fazia as memórias de Taraza expandirem-se ante esses sinais. As memórias não estavam completamente integradas, houvera muito pouco tempo. E

agora, à noite, no velho gabinete de trabalho de Taraza, Odrade usava os poucos momentos que lhe eram disponíveis para continuar a integração:

“Dar e Tar, uma só afinal.”

Esse era um comentário bem identificável de Taraza.

As Outras Memórias deviam existir em vários planos simultaneamente, alguns deles muito profundos, mas Taraza permanecia junto à superfície. Odrade deixou-se mergulhar mais fundo nas múltiplas existências. Dai a pouco reconheceu uma identidade que continuava respirando, afastada, enquanto outras exigiam que ela mergulhasse em visões envolventes completas, com cheiros, toques, emoções —

todas as sensações originais mantidas intactas dentro de sua própria consciência.

“É perturbador sonhar os sonhos de outra pessoa.”

Taraza de novo.

Taraza que fizera um jogo tão perigoso com o futuro de toda a Irmandade!

Com que cuidado ela deixara vazar para as prostitutas a notícia de que os *Tleilaxu* tinham embutido habilidades perigosas no *ghola*. E o ataque ao Castelo de Gammu confirmara que a informação havia alcançado o seu alvo. A natureza brutal do ataque, contudo, advertira Taraza de que ela dispunha de muito pouco tempo. As prostitutas certamente reuniriam forças para a destruição total de Gammu — só para eliminar o *ghola*.

Tanta coisa dependera de Teg.

Ela via o *Bashar* em sua própria reunião de Outras Memórias: o pai que nunca chegara a conhecer realmente.

“E não o conheci nem no fim!”

Mergulhar nessas memórias podia enfraquecê-la, mas ela não podia escapar à atração desse reservatório de conhecimento.

Odrade pensou nas palavras do Tirano: “A terrível extensão do meu passado!

Respostas saltam ao meu encontro como um bando de aves assustadas escurecem o céu de minhas inescapáveis memórias.”

Odrade permanecia como uma nadadora, boiando logo abaixo da superfície.

“É mais provável que eu seja substituída”, pensou ela. “ Talvez até desonrada.” Bellonda certamente não estava aceitando de bom grado o novo comando. Não importava. A sobrevivência da Irmandade era tudo que devia preocupar qualquer uma delas agora.

Odrade flutuou para fora das Outras Memórias e ergueu o olhar para o outro lado da sala, onde um nicho alojando um busto de mulher podia ser visto à luz reduzida dos globos luminosos. O busto permanecia uma forma vaga, nas sombras, mas Odrade reconhecia muito bem o rosto ali representado: Chenoeh, guardiã-símbolo da Irmandade.

“Aqui estou pela graça de Deus...”

Cada Irmã que superava a agonia da especiaria (como Chenoeh não conseguira) dizia ou pensava a mesma coisa, mas que significava isso realmente? A procriação altamente controlada e o treinamento cuidadoso produziam em número suficiente daquelas capazes de sobreviver à agonia. Onde estaria a mão de Deus nisso?

Deus certamente não era o verme que tinham trazido de Rakis. Será que a presença de Deus era sentida apenas nos êxitos da Irmandade?

“Eu cai prisioneira das pretensões de minha própria Missionaria Protectiva!”

Ela sabia que pensamentos e perguntas semelhantes tinham sido ouvidos nesse gabinete em ocasiões sem conta. Inúteis! Ainda assim, não seria capaz de remover aquele busto protetor do nicho onde repousava há tanto tempo.

“Não sou supersticiosa”, disse ela para si mesma. “Não sou uma pessoa compulsiva. E apenas uma questão de tradição. Tais coisas têm um valor que conhecemos bem.”

“Certamente nenhum busto meu jamais será tão honrado.” Pensou em Waff e seus Dançarinos Faciais, mortos junto com Miles Teg na terrível destruição de Rakis.

Era melhor não pensar muito no terrível massacre que o Antigo Império estava sofrendo. Melhor pensar na retaliação que estava sendo armada pela violência desastrosa das Honradas Madres.

“Teg sabia!”

A sessão do Conselho, recentemente concluída, acabara em fadiga sem chegar a qualquer conclusão. Odrade ficara satisfeita em desviar a atenção para algumas preocupações imediatas. Tão caras a todas elas.

As punições: isso as ocuparia por algum tempo. Os precedentes históricos consubstanciavam as Análises dos Arquivos de forma satisfatória. Aqueles grupos humanos que se haviam aliado às Honradas Madres iam sofrer alguns choques.

Ix certamente se tornaria supercooperativo. Eles não tinham a menor idéia de como a competição da Dispersão os esmagaria.

A Corporação poderia ser isolada e obrigada a pagar muito caro por sua melange e seu equipamento. Ix e a Corporação cairiam juntos.

As Oradoras Peixes podiam ser ignoradas. Satélites de Ix, já estavam desaparecendo num passado que os seres humanos logo abandonariam.

E a *Bene Tleilax*. Sim, os *Tleilaxu*. Waff sucumbira às Honradas Madres. Ele nunca admitira isso, mas a verdade era clara. “Só uma vez e com um de meus próprios Dançarinos Faciais”

Odrade sorriu com amargura, lembrando o último beijo do pai. “Vou mandar fazer outro nicho”, pensou. “E vou encomendar outro busto: Miles Teg, o Grande Herege!”

As suspeitas de Lucilla com relação a Teg eram inquietantes, contudo. Será que no final ele se tornara presciente e capaz de ver as não-naves? Bem, as Madres Procriadoras poderiam explorar tais suspeitas.

— Nós acampamos! — acusara Bellonda.

Elas todas conheciam o significado dessa palavra: elas se haviam refugiado numa fortaleza para a longa noite das prostitutas.

Odrade reconheceu que não gostava muito de Bellonda, não gostava do modo como ela ria ocasionalmente para expor aqueles dentes rombudos.

Elas tinham discutido por longo tempo as amostras celulares de Sheeana. A

“prova de Siona” estava ali. Ela tinha uma ancestralidade que a protegia da presciência, e podia deixar a não-nave.

— Duncan era um caso desconhecido.

Odrade voltou seus pensamentos para o *ghola*, lá na não-nave pousada.

Erguendo-se de sua cadeira, foi até a janela escura e olhou na direção do distante campo de pouso.

Será que elas poderiam arriscar-se a libertar Duncan do abrigo daquela nave?

Os estudos celulares revelavam que ele era uma mistura de muitos *ghola* Idaho —

alguns deles descendentes de Siona. Mas e quanto à mácula do original?

“Não. Ele deve permanecer confinado.”

E quanto a Murbella — a grávida Murbella? Uma Honrada Madre desonrada?

— Os *Tleilaxu* queriam que eu matasse a Impressora — dissera Duncan.

— Tentará matar a prostituta? — perguntara Lucilla.

— Ela não é Impressora — respondera ele.

O Conselho discutira longamente a possível natureza da união entre Duncan e Murbella. Lucilla insistira em que não havia união alguma, os dois permanecendo como oponentes ferrenhos.

“Melhor não correr o risco de deixá-los juntos.”

A capacidade sexual das prostitutas, contudo, teria que ser estudada longamente. Talvez pudessem arriscar um encontro entre Murbella e Duncan dentro

da não-nave Com medidas cuidadosas de proteção, é claro.

Finalmente ela pensou no verme dentro do porão da não-nave — um verme que se aproximava do momento da metamorfose. Uma pequena bacia cercada de terra e cheia de melange esperava esse verme. Quando chegasse a hora, ele seria atraído por Sheeana para o banho de água e melange e as trutas da areia resultantes poderiam então começar sua longa transformação.

“Você estava certo, pai. E tão simples quando se olha com clareza!”

Não havia necessidade de buscar um planeta deserto para os vermes. A truta da areia criaria seu próprio *habitat* para eles. Não era agradável pensar no mundo da Irmandade com vastas áreas de deserto, mas isso teria que ser feito.

A “Última Vontade e Testamento de Miles Teg”, que ele plantara nos sistemas de armazenagem submoleculares da não-nave, não poderia ser desacreditada. Até mesmo Bellonda concordava com isso.

A Irmandade exigira a completa revisão de todos os registros históricos. Pedia-se nova visão deles à luz do que Teg tinha observado nos Perdidos — as prostitutas da Dispersão.

“Raramente se fica sabendo os nomes dos verdadeiramente ricos e poderosos.

Só se conhecem os seus porta-vozes. A arena política faz algumas exceções a essa regra, mas não revela toda a estrutura de poder.”

O filósofo *Mentat* tinha mastigado devidamente tudo que elas aceitavam, e o que ele digerira não concordava com a dependência dos Arquivos nos “nossos invioláveis resumos”.

“Nós sabíamos disso, Miles, só que nunca o encaramos. Todas nós vamos consultar nossas Outras Memórias através das próximas gerações”

Sistemas fixos de armazenagem de dados não eram confiáveis.

“Se você destruir a maioria das cópias, o tempo se encarregará do resto.”

Como o pessoal dos Arquivos se enfurecera com essa declaração reveladora do *Bashar*!

“A história escrita é um processo diversivo. A maioria dos registros históricos afasta a atenção das influências secretas em torno dos eventos registrados”

Essa era uma das coisas que tinham conquistado Bellonda. Ela o admitira ao dizer: “As poucas histórias que escapam desse processo restritivo desaparecem na obscuridade através de processos óbvios.”

Teg havia enumerado muitos desses processos: destruir tantas cópias quanto fosse possível, ridicularizar os relatos muito precisos, ignorando-os nos centros educacionais, assegurando-se de que não fossem citados em outros lugares e, em alguns casos, eliminando-se fisicamente os autores.

“Sem mencionar o processo de bode expiatório que levou à morte mais de um mensageiro de más noticias”, pensou Odrade. Lembrava-se de um antigo governante que mantinha à mão uma lança para matar mensageiros que trouxessem más notícias.

Temos uma boa base de informações para construir um melhor entendimento

de nosso passado — argumentara Odrade. — Sempre soubemos que aquilo que está em jogo nos conflitos é a determinação de quem vai controlar a riqueza ou seu equivalente.

Talvez esse não fosse um “nobre propósito” autêntico, mas por ora serviria.

“Estou evitando a questão central”, pensou ela.

Alguma coisa teria que ser feita com relação a Duncan Idaho, e todas sabiam disso.

Com um suspiro, Odrade chamou um tóptero e se preparou para o curto trajeto até a não-nave.

A prisão de Duncan era pelo menos confortável, pensou Odrade quando entrou nela. Tinha sido o alojamento do comandante da não-nave, ocupado por último por Miles Teg. Ainda restavam sinais de sua presença ali — um pequeno projetor holostático revelando uma cena de seu lar em Lernaeus: a velha casa de fazenda. o longo gramado, o rio. Teg deixara um estojo de costura ao lado da mesinha-de-cabeceira.

O *ghola* estava sentado numa cadeira, vendo a projeção. Olhou para Odrade com indiferença quando ela entrou.

— Você apenas o deixou lá para morrer, não? — perguntou ele.

— Nós fazemos o que é preciso — ela respondeu. — E eu obedecia às ordens dele.

— Eu sei por que está aqui. E não vai mudar minha opinião. Não sou um maldito garanhão para as bruxas. Está me entendendo?

Odrade alisou seu manto e se sentou na beirada da cama, olhando para Duncan.

— Você examinou a mensagem que meu pai nos deixou?

— Seu pai?

— Miles Teg era meu pai. E eu lhe entrego suas últimas palavras. Ele foi os nossos olhos no fim. Tinha que ver a morte de Rakis. A mente em seu princípios entende as dependências e os troncos-chaves.

Como Duncan parecesse intrigado, ela explicou:

— Nós ficamos presos muito tempo no labirinto das previsões do Tirano.

Odrade percebeu como ele se sentava mais alerta, os movimentos felinos revelando músculos bem-condicionados para o ataque.

— Não existe modo de você escapar vivo desta nave — ela explicou. — E

sabe por quê.

— Siona.

— Você é um perigo para nós, mas preferíamos que vivesse uma vida útil.

— Não vou gerar filhos para vocês, especialmente com aquela pequena de Rakis.

Odrade sorriu, perguntando-se como Sheeana responderia se ouvisse isso.

— Acha que é engraçado? — perguntou ele, furioso.

— Não realmente. Mas ainda assim teremos a criança de Murbella, é claro.

Creio que isto nos satisfará.

— Eu estive falando com Murbella pelo comunicador — ele disse. — Ela pensa que vai tornar-se uma Reverenda Madre, que vão aceitá-la na *Bene Gesserit*.

— E por que não? Suas células passaram na prova de Siona. Creio que ela dará uma irmã soberba.

— Ela realmente as enganou?

— Acha que não observamos que ela pensa que vai fingir aliar-se a nós para aprender nossos segredos e então fugir? Nós sabemos disso, Duncan.

— E acham que ela não é capaz de fazer isso?

— Uma vez que as pegamos, Duncan, nunca as perdemos.

— Não acham que perderam Lady Jessica?

— Ela voltou para nós no fim.

— Por que veio me ver realmente?

— Achei que merecia uma explicação sobre as intenções da Madre Superiora.

O objetivo dela era a destruição de Rakis. O que ela realmente queria era eliminar quase todos os vermes.

— Grandes Deuses, por quê?

— Eles eram uma força profética que nos mantinha sob escravidão. Aquelas pérolas de consciência do Tirano ampliavam esse domínio. Ele não previa os acontecimentos, ele os criava.

Duncan apontou para a traseira da nave.

— Mas e quanto ao...

— Aquele? É apenas um. Na ocasião em que se multiplicar até um número suficiente para exercer outra vez sua influência, a humanidade já estará fora do seu alcance. Seremos muito numerosos então, fazendo muitas coisas diferentes por nossa própria vontade. Nenhuma força única dominará completamente todos os nossos futuros. Nunca mais.

Ela se levantou.

Corno ele não respondesse, Odrade disse:

— Dentro dos limites impostos que eu sei que aprecia, por favor, pense no tipo de vida que quer levar. Prometo ajudá-lo de qualquer modo que possa.

— Por que faria isso?

— Porque minhas ancestrais o amaram. Porque meu pai o amava.

— Amor? Vocês bruxas não são capazes de sentir amor!

Ela olhou para ele por quase um minuto. O cabelo clareado estava ficando escuro nas raízes e se encrespando outra vez, principalmente na nuca.

— Eu sinto o que sinto — ela disse. — E sua água é nossa, Duncan Idaho.

Ela viu que a advertência Fremen surtiu o efeito esperado nele, e então se virou, saindo da sala e passando pelos guardas.

Antes de deixar a nave, ela voltou ao porão, onde olhou para o verme

DIGITAL Source

VICIADOS em livros
googlegroups.com

dormente em seu leito de areia Rakiana. A escotilha oferecia-lhe um panorama de uma altura de 200 metros sobre o animal cativo. Enquanto olhava, Odrade compartilhou de um riso silencioso com Taraza, cada vez mais integrada em sua memória.

“Nós estávamos certas e Schwangyu e sua gente, erradas. Sabíamos que ele queria escapar. Tinha que desejar isso depois do que fez.”

Ela falou num suave sussurro, tanto para si mesma quanto para as observadoras que aguardavam o momento em que começaria a metamorfose:

— Agora temos sua linguagem.

Não havia palavras na linguagem, só uma adaptação móvel e dançante a um universo móvel e dançante. Só era possível falar a linguagem, nunca traduzi-la. Para conhecer o significado era preciso passar pela experiência, e ainda assim o significado mudava constantemente. O “nobre propósito” era, afinal, uma experiência intraduzível. Mas quando olhava para o couro áspero e imune ao calor do verme do deserto Rakiano, Odrade sabia o que via: a evidência palpável de um nobre propósito.

Baixinho, ela o chamou:

— Ei! Velho Verme! Esse era o seu objetivo?

Não houve resposta, mas afinal ela nunca tinha esperado por uma.

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros